ATROCIDADES POLONESAS CONTRA OS GRUPOS ÉTNICOS ALEMÃES NA POLÔNIA

RIO DE JANEIRO
1940

Atrocidades Polonesas Contra os Grupos Étnicos Alemães na Polônia

RIO DE JANEIRO
1940

[illegible]
LIVRARIA
TUPY

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas ALBA
Rua do Lavradio, 60 — Rio

Indice

PAGS.

I — INTRODUÇÃO 5

- *a*) — Boletim polonês incitando para o homicídio 6
- *b*) — Protesto francês contra o terror polonês 7
- *c*) — Mais de 58.000 mortos ou desaparecidos 7
- *d*) — Fontes e esclarecimentos 7

II — APRESENTAÇÃO 9

- *a*) — As relações germano-polonêsas até o início da guerra 9
- *b*) — A execução das atrocidades polonêsas 12

III — CASOS TÍPICOS DE ATROCIDADES 25

IV — LAUDO DOS MÉDICOS - LEGISTAS 127

V — DOCUMENTOS GRÁFICOS 139

VI — FOTOGRAFIAS TIRADAS PELOS MÉDICOS - LEGISTAS .. 193

VII — MAPA DEMONSTRATIVO DO LOCAES MAIS IMPORTANTES DE CRIME 216

Introdução

"Se é que a razão manda reprimir os vícios ingênitos de uma nação, por meio de leis severas, deve-se, então, na Polônia, aplicá-las contra a crueldade bárbara e a leviandade, sendo que esta é tão comum como aquela."

(Extraido de: Sir George Carew, *A Relation of the State of Polonia and the united Provinces of that Crown*, ano 1589).

O inimigo nosso, o alemão, que morra!
Devastai, roubai, incendiai e queimai!
Fazei os inimigos morrerem dolorosamente!
Quem enforcar os cachorros alemães,
Se tornará digno da recompensa divina.

Eu, vosso pároco, prometo
Premiar-vos no reino celeste
Seja, porêm, maldito o infame,
Que, entre nós, defender o alemão.

(Canção anti-alemã, do tempo do levante polonês de 1848).

"Elas (as autoridades polonêsas) martirizam, aqueles que se recusam a confessar, de maneira tal que a Inquisição da Idade Média empalidece diante dos martírios a que são submetidos os presos dos polonêses, em Wilna e seus arredores".

(Extraido de: Pierre Valmigère, *Und mongen...? Frankreich, Deutschland und Polen"*, versão alemã, Berlim, 1929, pag. 12).

"Quanto mais a dentro da Polônia, mais frequente o roubo e o assassinio!" — Dito popular russo.

"Um dos povos eslavos, o polonês, entretanto, abre lamentavel exceção. Brutalidade e intolerância caracterizam a sua história".

(Extraido de: Danilewsky, *Rússia e Europa*).

"...Seria, talvez, estafante citar, um por um, todos os atos de opressão, ...um relatório sobre o assunto não teria fim. Mas, ha certas cousas que não se podem calar e que todo o mundo civilizado tem o dever de conhecer, — a saber, as barbaridades horríveis e deshumanas que se cometem... nos cárceres polonêses..."

(Extraido de: "Manchester Guardian" de 12-12-39 sob o titulo: *Oppression of Ukrainians. Methods of Middle Ages revived by Poles.* — From our Special Correspondent, Lemberg).

"...Onde os polonêses têm a noção exata dos fatos de sua fraqueza, sabem comportar-se com devoção e delicadeza, onde, porêm, descobrirem o lado fraco do próximo e se tornarem mestres, darão prova de sua teimosia, de sua arrogância e brutalidade... A liberdade ilimitada, em que vivem os polonêses, e a lei que lhes faculta a reparação, por dinheiro, de todos os crimes com pouquíssimas exceções, eis porque, entre outros vícios comuns na Polônia, o homicidio se tornou tão vulgar".

(Extraido do diário de viagem do nobre frísico Ulrich von Werdum, 1671-72).

"Patrícios e Irmãos que, por vosso mal, fizestes o conhecimento dos polonêses, uní a vôssa voz à minha, com o fim de inutilizar, para o futuro, a perversidade e falsidade desse povo. Todos os irmãos deverão ouvir, cada éco deverá repetir que o polonês vive sem Direito nem Lei, que a palavra de um calmuco vale cem vezes mais que todos os tratados assinados na Polônia."

(Extraido de: M. Méthé, *Histoire de la Prétendu Révolution de Pologne*, Paris 1792, pag. 184).

"O povo do campo tem propensão para a embriaguês, para a briga, para a maledicência e para o homicidio. Difícil seria verificar tantos assassínios em outro povo".

(Extraido de: Richard Roepell, *História da Polônia*, vol. 1.º, Hamburgo, 1840).

"Na Polônia observa-se uma mescla de brutalidade sarmática e quase novo-zeelandêsa com superfineza francêsa: um povo sem graça alguma, ignorante, e ainda assim perdido no luxo, no jogo e nas modas."

(Extraido de: George Foerster, *Cartas de Foerster*, I, pag. 467).

BOLETIM POLONÊS, INCITANDO PARA O HOMICIDIO.

"Ora, não podemos agir tambem como os espanhóes? Quem fôr capaz, pegue em armas e vá direito sobre o inimigo. Mulheres, jovens, anciães, que matem o soldado inimigo que vier pousar em sua casa. Quando êle atravessar a cidade, irrigá-lo com água fervente pelas janelas, jogar-lhe pedras! Aniquilá-lo por toda parte! Esconder-lhe os víveres, enterrá-los em covas! No campo de batalha, o nosso exército polonês irá iluminar-lhes os olhos com as armas! — Veremos, então, se os nossos opressores, todos os três, resistirão uns poucos mêses sequer sobre a nossa santa terra polonêsa. O que se salvar das armas polonêsas, fugirá apressadamente para além das fronteiras polonêsas!"

(Extraido do boletim polonês: *Palavras de verdade para o povo polonês*, impresso sob o amparo da Altíssima Mãe de Deus, padroeira da Polônia, 1848).

"Mas os vizinhos mais próximos da Polônia conhecem, desde tempos remotos, essas promessas sedutoras — e desconfiam delas.

Basta a êles a longa experiência para recearem que os polonêses venham a documentar, na administração de sua independência, sua falta de ordem e seu espírito anárquico, irrequieto e confuso.

Como êsses vizinhos conhecem o caráter vingativo, irascível e briguento dos polonêses, temem que seu domínio venha a ser brutal, inábil, intolerante e tirânico."

(Extraido de: D'Etchegoyen, Olivier: *Pologne, Pologne*... Paris, 1925).

"Querem que as minorias desapareçam da Polônia. E a própria politica polonêsa que faz com que não desapareçam sómente no papel. Essa política, levam-na avante impiedosamente e sem o mínimo respeito á opinião pública do mundo, a tratados internacionais ou á Liga das Nações. A Ucrânia ficou sendo um inferno debaixo do domínio polonês. Da Rússia Branca póde-se afirmar a mesma cousa e com razões ainda mais fundadas. O alvo da política polonêsa é a eliminação das minorias nacionais, no papel como na realidade."

(Extraido de: *Manchester Guardian*", de 14-12-31. — Relato especial de Varsóvia).

PROTESTO FRANCÊS CONTRA O TERROR POLICIAL POLONÊS.

"Uma onda de terror vai, nesta hora, inundando toda a Polônia. A imprensa mal póde falar sobre o facto, visto achar-se manietada. Trata-se de um regimen policial em toda a sua horripilidade e com todas as suas torpes medidas de opressão. As prisões da republica encerram hoje mais de 3.000 presos politicos. Maltratados, injuriados, açoitados com cinturões e cacetes por seus carcereiros... a vida que se lhes impõe, é tal que, em numerosas cadeias, os prisioneiros preferem a morte ao lento martírio a que se acham submetidos.

Paul Painlevé, Edouard Herriot, Léon Blum, Paul Boncour, Séverine, Romain Rolland, Victor Basch, Georges Piech, Pierre Caron, Charles Richet, Aulard, Hadamard, Bouglé, F. Hérold, Mathias Morhardt, Jean-Richard Bloch, Pierre Hamp, Charles Vildrac, Lucien Descaves, Henri Béraud, Michel Corday, Léon Bazalgette, Paul Colin, Albert Crémieux, Henri Marx, Paul Reboux, Noël-Garnier."

(Extraido de: *Ação de protesto de politicos e intelectuais francêses contra o terror a que se acham sujeitas as minorias na Polônia.* — Publicada em Paris, no mês de maio de 1924. — Citado segundo "La terreur blanche en Pologne". Edição do Conselho Nacional Ucraniano. — Viena, 1925, pag. 7).

MAIS DE 58.000 MORTOS OU DESAPARECIDOS.

São, até esta data, mais de 58.000 mortos e desaparecidos que a minoria étnica alemã, domiciliada na Polônia, perdeu durante os dias de sua libertação do jugo polonês, um número comovedor com que o terrorismo polonês onerou, para sempre, o povo polonês. No dia de referência da primeira edição da presente coletânea de documentos (17 de novembro de 1939) achavam-se averiguados, por provas incontestaveis, 5.437 assassinios, cometidos por soldados do exército polonês e elementos da população civil polonêsa contra homens, mulheres e crianças, pertencentes á minoria étnica alemã da Polônia. Já então, não havia dúvida que êsse número de assassínios iria ainda aumentar consideràvelmente. E, de facto, o número de cadáveres identificados, de alemães pertencentes á referida minoria, elevou-se, desde então até o dia 1.º de fevereiro de 1940, a 12.857, número este ao qual se devem acrescentar, segundo o que ficou averiguado oficialmente desde o início da guerra germano-polonêsa, mais de 45.000 desaparecidos, que devem ser, igualmente, considerados como assassinados, em vista da impossibilidade de descobrir-lhes o paradeiro. Está, portanto, já agora, constatado o número de mais de 58.000 vitimas da minoria étnica alemã da Polônia. Mas, mesmo êsse número assustador ainda não abrange, nem de longe, o total das vitimas, pois não ha dúvidas que, no correr das investigações iniciadas, surgirão ainda muitos milhares de mortos e desaparecidos. A presente descrição das atrocidades polonêsas, a qual não compreende sòmente os homicídios e mutilações, como tambem outros atos de violência, como sejam maus tratos, estupros, roubo e incêndios, esta descrição, repito, dá, apenas, um pequeno aspecto parcial do conjunto dos acontecimentos, cujo desenrolar vai, aqui, documentado por um material comprovante incontestável e oficialmente averiguado.

FONTES E ESCLARECIMENTOS.

O relatório, referente às atrocidades cometidas contra os grupos étnicos alemães na Polônia, baseia-se nos sumários de culpa dos tribunais especiais de Bromberg e Posen, sobre as atas de investigação das Comissões especiais do chefe da Polícia de Segurança, em colaboração com os médicos legistas da Inspecção sanitária do Exército, anexa ao Comando Superior das Forças Armadas, e ainda sobre as peças de inquérito lavradas pela Secção averiguadora de infrações ao Direito dos Povos, anexa também ao Comando Superior das

Forças Armadas. As provas documentais referentes aos diversos casos de atrocidades fazem parte das atas supra-citadas. Os tribunais especiais de Bromberg e Posen são tribunais legais, que obedecem á forma das leis gerais de processo alemãs do Supremo Tribunal do Reich, sendo que perante os mesmos se respeitam os princípios do processo penal alemão. Aproveitaram-se das atas dêsses tribunais, até o dia 15 de novembro de 1939 (dia de referência) os fundamentos das sentenças como também os depoimentos jurados de testemunhas, tanto de elementos da minoria étnica alemã, como também de polonêses. As peças de inquérito das Comissões especiais forneceram os relatórios sobre as investigações da polícia criminal, os documentos e as provas documentais. Dos laudos periciais dos médicos legistas (Protocolos, fotografias, preparados) tiraram-se diversas reproduções iconográficas e a súmula, reunida em fórma de memorial, sobre as autópsias feitas nas vítimas. Das peças dos inquéritos realizados pela respectiva secção das Forças Armadas foram aproveitados, antes de tudo, os depoimentos jurados, prestados por testemunhas, perante funcionários da justiça militar, conforme foram publicados nos dois volumes editados pelo Supremo Comando das Forças Armadas (Secção jurídica das Forças Armadas), sob os titulos: "Atrocidades, cometidas pelos polonêses contra elementos da minoria alemã e prisioneiros de guerra, em Bromberg, Plesse, Stopanica" (vol. I) e "Atrocidades, cometidas pelos polonêses contra elementos da minoria alemã e prisioneiros de guerra, na província de Posen (vol. II), onde se acham reunidos os depoimentos.

Anexaram-se, ao material protocolar, os relatórios comunicados por diversas pessoas pertencentes à minoria étnica alemã da Polônia, sobre sua prisão, maus tratos e deportação, como ainda fotografias de atrocidades (assassínios, mutilações, incêndios) cometidas, por soldados do exército polonês e civis polonêses contra elementos das minorias étnicas alemãs. As fotogravuras são cópias autênticas das fotografias tiradas, nos respectivos locais do crime, sendo de notar que ficaram excluidos quaisquer originais cuja procedência não se tenha podido verificar com toda a exatidão. Seguem às fotogravuras várias fotocópias de páginas inteiras de anúncios relativos a mortos e desaparecidos, como foram sendo publicados, diàriamente e ainda durante semanas depois daquêles dias funestos, nos jornais de Bromberg e Posen.

Serão citados, no texto, as peças de inquérito da Secção averiguadora da força Armada sob WR I, resp. WR II; os protocolos dos tribunais especiais, sob Sd. K. Ls.; resp. Sd. Ls., acompanhado do número corrente da ata; os sumários de culpa das comissões especiais do chefe da Polícia de Segurança, sob RKPA; e os laudos periciais necrográficos, sob OKW. HS. In. Br., resp. P.

Devido à abundância do material, comprovando as atrocidades, não foi possivel reproduzir na íntegra as atas relativas a todos os casos averiguados. Alguns dêles sairão impressos na forma original das respectivas atas, outros serão descritos pela citação da parte essencial dos depoimentos testemunhais. Por motivo idêntico renunciou-se tambem à reprodução das anamneses relativas a populares alemães que sofreram graves lesões quando foram deportados pelos prolonêses, anamneses que representam material digno de estudo e que se encontram no hospital do Instituto das Diaconizas Evangélicas de Posen e no Lazareto alemão, hospital da cidade de Bromberg. Da mesma forma, as ilustrações do presente livro constituem, apenas, uma selecção do abundante material fotográfico. Todos os originais e documentos aproveitados para esta colectânea acham-se guardados no arquivo da competente secção central de Berlim.

A presente publicação ocupa-se, exclusivamente, com os crimes políticos cometidos pelos polonêses contra as minorias alemãs da Polônia, não se fazendo menção do material comprobatório relativo a outros crimes polonêses cometidos contra os Direitos da Guerra e das Gentes, no tratamento de prisioneiros e mortos de guerra. Foram, tão pouco, levadas em consideração as numerosas atrocidades de que foram vítimas as minorias étnicas alemãs no tempo que precedeu ao início da guerra.

Apresentação

AS RELAÇÕES GERMANO-POLONESAS ATE' O INICIO DA GUERRA.

A Europa tornou a respirar quando em 26 de janeiro de 1934 se espalhou pelo mundo afóra a notícia da conclusão de um acôrdo germano-polonês. O desejo de paz, realístico, de Adolf Hitler e o espírito de estadista, realístico do marechal Pilsudski encontraram-se no intúito de, por meio de um entendimento diréto de Estado a Estado, inaugurar uma nova fase nas relações políticas entre a Alemanha e a Polônia, com o fim de assegurar e garantir uma paz duradoura entre os dois países. Todos aquêles que viam, na tensão germano-polonêsa, um perigo iminente para a paz européia, reconheceram que a disposição dos dois estadistas para uma colaboração construtiva tocava de perto o apaziguamento geral da Europa. A declaração comum germano-polonêsa era inspirada pelo desejo de transformar, paulatinamente, essa colaboração iniciada pelo pacto decenal em um pacto de amizade de longa duração, o qual permitiria aos dois países encontrarem pacífica evolução e por mútuo entendimento, uma solução aceitável para todas as questões litigiosas.

As autoridades competentes polonêsas nunca deixaram de ter pleno conhecimento, tanto da existência de tais questões pendentes entre a Alemanha e a Polônia, como ainda da impossibilidade do Reich conformar-se, definitivamente, com o traçado arbitrário de sua fronteira oriental, tal como foi fixada pelo Tratado de Versalhes. Dependia, pois, do grau de honestidade com que a Polônia abraçava a política de entendimento, a realização das esperanças que, em vista da nova política, alimentavam a Alemanha e todos os amigos da paz. Já então, havia certos elementos no estrangeiro, a trabalhar para perturbar a obra de aproximação germano-polonêsa, pois os adversários do Terceiro Reich não sómente não tinham interesse no estreitamento das relações germano-polonêsas, mas ainda contribuiram oculta e abertamente, para atiçar o fogo sempre aceso das intrigas que, na Polônia, se manifestavam contra a Alemanha e os grupos étnicos alemães. A nova orientação política, em Berlim e Varsóvia, não era bem vista por aquêles elementos. Além disso, o entendimentos entre a Polônia e seus vizinhos d'oéste, não correspondia à finalidade do Tratado de Versalhes, pelo qual se projetára eternizar a inimizade entre esses países, com o fim de servir-se da Polônia como instrumento da política de isolamento contra o Reich. Assim, pois, os adversários da aproximação germano-polonêsa, alimentando ódios antigos, suscitando suspeitas contra a tentativa de conseguir-se um razoavel entendimento político, procuraram eliminar toda e qualquer possibilidade de reconciliação entre a Alemanha e a Polônia, donde se compreende que os sabotadores da ação reconciliadora não levaram muito tempo para conseguir seu desideratum, prevalecendo-se do auxílio de associações polonêsas chauvinistas e da imprensa polonêsa que se achava sob forte influência judáica. A campanha de ódios que então começava a ser mais e mais intensificada, ia produzindo uma influência, cada vez maior, sobre a opinião pública polonêsa, intrigando o povo contra a Alemanha e os grupos étnicos alemães, domiciliados na Polônia. Idêntico efeito produzia a ação germanófoba entre as autoridades e os militares polonêses. Frustraram-se, finalmente, os ingentes esforços do governo do Reich, empreendidos em Varsóvia, para influir sobre os círculos responsáveis pela formação da opinião pública na Polônia, no sentido de um eficiente desarmamento moral, conforme estava previsto pelo convênio de imprensa germano-polonês, de 24 de fevereiro de 1934.

Desde Versalhes nunca se tinham apaziguado as relações políticas entre a Alemanha e a Polônia; antes ao contrário, as minorias étnicas alemãs domiciliadas nas antigas províncias prussianas foram sendo privadas, sistematicamente, de seus direitos, facto que veiu agravar as relações germano-polonêsas de maneira tal que, na opinião pública do mundo, predominava, desde o princípio, séria desconfiança quanto ao sucesso da obra de reconciliação germano-polonêsa. Segundo a concepção alemã, ninguém sinão a forte personalidade de Pilsudski, poderia oferecer a garantia para que se fizessem sentir, na Polônia, os efeitos do plano de entendimento, produzindo-se uma lenta mutação da opinião pública polonêsa e, consequentemente, uma alteração da atitude hostil de largas camadas polonêsas contra as minorias étnicas alemãs. Em todo caso, o Fuehrer não se afastou da linha traçada, convencido de que, a todo o transe, se deveria tentar e promover a colaboração germano-polonêsa, apesar de todos os obstáculos, e mantê-la até conseguir-se o êxito desejado desprezando-se as decepções que ia experimentando o governo do Reich, em consequência das brutais medidas, postas em execução pelos polonêses contra as minorias, como também da contínua campanha de ódios através da imprensa polonêsa.

Já em tempos de vida de Pilsudski ficava patente, que mesmo a autoridade do marechal não bastava para obrigar as autoridades subalternas polonêsas a dispensarem um tratamento justo aos grupos étnicos alemães. O chauvinismo polonês manifestava-se com maior moderação, mas não estava vencido. Os métodos de opressão aplicavam-se, temporariamente, com menor brutalidade, mas, em compensação, com uma malícia mais requintada. O sistema político generalizado, tendo por alvo o extermínio da minoria étnica alemã, continuava em ação, desembaraçadamente, sob a responsabilidade do governo de Varsóvia; voltando a funcionar, desmascaradamente, após o falecimento do marechal Pilsudski. E não levou muito tempo até que se manifestassem, verbalmente e por escrito, desejos e designios agressivos e anexionistas contra a Alemanha. Todos os esforços feitos, do lado alemão, na execução da política de entendimento e com o intúito de estabelecer um "modus vivendi" entre a população polonêsa e a minoria étnica alemã, fracassaram diante da falta de boa vontade da parte do governo polonês. A disposição negativa do governo polonês, caracterizada por uma série ininterrupta de violações do espírito do pacto germano-polonês, por cujo cumprimento se comprometera o referido govêrno nas Declarações Mútuas, de 5 de novembro de 1937, relativas às minorias étnicas, tornou-se evidente quando, a 27 de fevereiro de 1939, se reuniram, em Berlim, representantes das autoridades centrais de ambos os países, com o fim de estudar conjuntamente as questões pendentes, relativas às minorias étnicas. As negociações infrutíferas demonstraram que a Polônia não se achava disposta a continuar no caminho indicado pelo marechal Pilsudski, isto é: em paz e harmonia com o vizinho alemão. Acresce que a atitude dilatória do Ministro do Exterior da Polônia, Coronel Beck, diante das várias propostas conciliatórias que lhe foram submetidas pelo Fuehrer, com o fim de chegar-se a uma solução relativa à questão de Dantzig e a de uma ligação da Prússia Oriental com o Reich, deixava transparecer, de mês a mês, e cada vez mais, o desejo das autoridades polonêsas de distanciar-se, sistematicamente, da política de um entendimento com a Alemanha. A oposição crescente, manifestada pela Polônia, contra qualquer reparação ou sequer minoração das injustiças de Versalhes no tocante às fronteiras orientais da Alemanha, condizia com a agravação da política polonêsa contra os membros da minoria étnica alemã e com o chauvinismo da imprensa polonêsa que chegava a provocar abertamente o Reich. Já, na primavera de 1939, notava-se claramente que o novo rumo da política polonêsa obedecia a duas fôrças: perturbado pela propaganda difamatória, movida com o consentimento do govêrno polonês, o povo achava-se possuido de um sentimento de ódio, sem igual, contra tudo que era alemão. Qualquer manifestação da vida étnica alemã era interpretada como ação dirigida contra o Estado Polonês, justificando-se, desta maneira, o extermínio dos alemães como imperiosa necessidade nacional. E' de presumir que, do lado polonês, se tenha tomado como prova de fraquêza a reserva em que se mantinha o govêrno do Reich diante dos excessos de germanofobia. Foi nesse engano desastroso que se geraram veementes provocações, dirigidas contra a Alemanha, as quais, por sua vez, produziram aquelas impulsivas pretenções anexionistas com que, num acesso de megalomanía, se desejava reclamar a fronteira no Elba como necessária ao espaço vital polonês. Esse anexionismo belicoso manifestava-se sob as vistas do govêrno polonês, com a mesma liberdade com que agiam, nos voivodados, os promotores das opressões que se moviam, com o auxílio das autoridades, contra as minorias étnicas alemãs. Assim, pois, o govêrno polonês, assumia a responsabilidade pela criação daquela atmosfera de febre política, donde resultou, então, o cáos moral com o assassínio de milhares de alemães inocentes e inofensivos, cometido, nas cidades como nos campos, por soldados polonêses e civis armados. Surge, aí, a pergunta como o govêrno polonês poude permitir que as paixões políticas do povo tomassem um aspéto tão ameaçador que os populares ficaram abandonados aos intúitos bestiais das mais baixas camadas de homens, em desrespeito ao que preceituaria a Constituição, o Direito, a Moral e a Humanidade. Tampouco se compreende como os responsáveis detentores do poder, polonêses, puderam seguir um rumo político tão infeliz que as relações com o Reich chegaram a ser insustentáveis, sem se compenetrarem da responsabilidade com que, assim, haveriam de arcar perante o Estado e o povo, visto que sua política levaria o país à guerra com a Alemanha. Eis como se descobre a segunda força que, vindo de fóra, agiu sobre a Polônia, fazendo com que se esquecesse toda a consideração aos alemães e todo o respeito ao Reich. Essa força era a Inglaterra, era a garantia de assistência, dada à Polônia, pelo govêrno britânico; era o propósito inglês, de ativar a política de cêrco do govêrno britânico, servindo-se da Polônia com o fito de provocar, pela questão de Dantzig e do Corredor, a guerra, havia muito desejada pela Inglaterra, para jugular o Reich. Não era preciso, segundo a opinião que parecia prevalecer em Varsóvia, proceder com moderação ou com muita consideração para levar as cousas ao extremo, visto que a Inglaterra cobria o jogo diabólico, garantindo a inviolabilidade do Estado Polonês. A promessa de garantia, dada pela Inglaterra, reservára, à República Polonêsa, o papel de ariête político, e, desde então, a Polônia já não hesitava em desafiar, por todos os meios, o Reich Alemão, chegando até a sonhar, em sua alucinação, com uma batalha vitoriosa às portas de Berlim. Não fossem aquêles manêjos da camarilha de guerra inglêsa que encorajava a Polônia a oferecer resistência, cada vez mais obstinada, ao Reich, o govêrno polonês certamente não se sentiria tão seguro, sob as promessas daquêles provocadores de guerra, nem deixaria que as coisas chegassem ao ponto de os militares e civis polonêses interpretarem a divisa da eliminação dos alemães como convite para o assasínio e massacre bestial de populares alemães (1). Não fossem os plenos poderes britânicos concedidos à Polônia, o govêrno daquela República não teria fechado os ouvidos, com tanta leviandade, à extraordinária proposta de compensação apresentada pelo Fuehrer, em seu discurso proferido no Reichstag, a 28 de abril de 1939; não teria, tão pouco, iniciado, desde aquela promessa inglêsa, os preparativos bélicos, como não teria dado carta branca, aos voivodas, para suas práticas de aniquilação contra as minorias étnicas alemãs. Já havia muito que o elemento germânico residente na Polônia se achava manietado e privado de quaisquer direitos (2) que emprêsas alemãs e existências particulares alemãs tinham sido aniquiladas por anulação de ordens e boicote, por impostos rigorosamente lançados e mais rigorosamente cobrados, por anulação de concessões, desapropriações e proibindo a aquisição de terras; que um sem-número de operários alemães, em grande parte, experimentados em longos anos, e empregados tinham perdido o pão e a existência em consequência de demissões originadas por medidas de ordem etnopolíticas; que, pela aplicação unilateral da Lei de Reforma Agrária e do Decreto relativo às zonas fronteiriças, se forçava a deslocação dos alemães arraigados em suas terras; que se perturbavam os serviços religiosos, que se apreendiam ininterruptamente os jornais alemães, que se proibia o uso da língua alemã nas ruas, nas casas de negócio, em restaurantes; que os alemães eram assaltados em suas casas e nas fazendas, principalmente, longe das cidades — mas, de maio de 1939 em diante choveram as proibições e penas, começou o fechamento de escolas, jardins de infância, bibliotecas, casas alemãs, cooperativas, associações culturais, instituições caritativas, enquanto as ameaças pessoaes contra os alemães atingiam proporções inimagináveis apesar dos direitos concedidos, às minorias étnicas alemãs, pela própria Constituição da Polônia.

---

(1) Em vista do impulsivo e extremista caráter nacional polonês e da megalomania
dos polonêses, em vista ainda da propaganda agressiva e sanguinária, movida pela imprensa
polonêsa, durante anos, e reforçada nos últimos mêses antes da irrupção da guerra, contra
a Alemanha e as minorias étnicas alemãs, o governo inglês, devia ter-se convencido de que
o **interêsse ativo da Inglaterra na política guerreira da Polônia** havia de, forçosamente, ter
por consequência um aumento epidêmico do ódio popular e excessos horríveis contra os alemães.
Caso, porém, o govêrno inglês não tenha tido plena consciência das desastrosas consequências
do efeito inebriante de sua garantia de assistência à Polônia, sua responsabilidade pelo sangue
vertido se apresenta ainda mais grave, à vista da extensão e da bestialidade das atrocidades
polonêsas, cometidas contra os populares alemães. Quem não viveu aquelas semanas decisivas
no meio dos poloneses, dificilmente poderá avaliar a fatal influência diréta da garantia dada
por Chamberlain sobre a psique e a mentalidade polonêsa.

A EXECUÇÃO DAS ATROCIDADES POLONESAS.

Os populares alemães da Polônia já se haviam habituado, nos vinte anos de domínio polonês, a sofrer e padecer; estavam também componetrados de que sua situação iria peorar à medida que se agravassem as relações germano-polonêsas, como também que iria ficar cada vez mais perigosa à vista da falta completa de direito e proteção. Nas últimas semanas antes do início da guerra, era tal a tensão sob a qual viviam, e sua vida particular era constantemente vigiada por espiões polonêses de uma maneira tal, que bem podiam prevêr os riscos que lhes adviriam das provocações e ódios, ocultos, mas nunca e nem os peores pessimistas suporiam que as àmeaças habituais, os assaltos e os atentados haveriam de degenerar em assassínios, em massa, de homens, mulheres e crianças, alcançando o total das vítimas ao número horrendo de 58.000. Sentia-se o ódio inaplacavel do povo polonês contra tudo o que era alemão, consequência da funesta propaganda feita, por todos os meios, na imprensa, no rádio, e mesmo nos púlpitos; documentava-se, diàriamente, o facto que os detentores do poder, em Varsóvia, fugiam a um entendimento leal, mentalidade esta que chegava às ráias de verdadeiro fanatismo nas camadas dos funcionários subalternos; sabia-se que os teutos eram considerados como espiões e inimigos do Estado; sabia-se que os membros do "Westverband" (organização anti-alemã do Oéste Polonês), os revoltosos, os atiradores forjavam planos sinistros, e que a organização da juventude polonêsa, e sobretudo os escoteiros estavam sendo instruidos, em cursos especiais no uso de armas, sob a direção de militares; liam-se, nos jornais, as irrupções do ódio popular, e ouviam-se as provocações excessivas dos agitadores públicos; sentia-se como se ia alargando, de semana a semana, a atmosfera envenenada, envolvendo, cada vez mais, o povo polonês, de maneira que até os elementos mais moderados se deixavam arrastar pelo turbilhão que deitou por terra todo o juizo razoavel e todo o sentimento moral em tudo que dizia respeito às pobres vítimas perseguidas e martirizadas; era uma psicose política que explica por que todo o polonês se julgava autorizado a praticar, sem escrúpulos, qualquer ato, mesmo o mais cruel, contra os alemães. Nos últimos dias de agosto de 1939, os alemães que residiam nas aldeias, tinham sido ameaçados de serem "abatidos como gado" (3) e, nas cidades, a propaganda saturada de ódio, protegida e facilitada pelo govêrno de Varsóvia, o boicote, o terror e as ameaças imediatas à vida dos alemães tinham atingido um ponto tal que a irrupção do furor acumulado e das paixões nacionalistas polonêsas contra o elemento alemão se apresenta como a consequência natural da tensão, já insuportavel, entre a Alemanha e a Polônia. Quando, pois, em 1.º de setembro vinham se aproximando, como uma avalanche, as tropas alemãs para reagir contra as provocações e violências praticadas pelos polonêses que chegaram até a invadir o território alemão, aí então, ruiram os últimos pilares que ainda sustentavam a ordem do Estado, desencadeando-se sobre os homens e as mulheres alemãs, que, embora concientes de estarem indefesos (4), não se mostraram pusilânimes, confiantes na próxima libertação, um temporal sob a fórma de uma horrenda carnificina, sem precedentes. E' verdade que alguns puderam refugiar-se (5) em tempo, além da fronteira e Dantzig, depois que os polonêses tinham afirmado repetidamente sua intenção de, em caso de guerra, matar todos os alemães e incendiar todas as propriedades rurais alemães — entretanto, a maioria dos populares alemães ficaram em suas propriedades, nas cidades e nos campos, propriedades que, em parte, já pertenciam a suas famílias havia séculos; ficaram porque julgaram impossivel a realização das ameaças proferidas. Como se explica, então, que todas as camadas do povo polonês participaram dos excessos, cometidos contra os alemães; que mesmo, naquela parte da população que, durante anos, em cidades e nos campos, convivera pacificamente com os vizinhos alemães, ninguém se levantou para, ao menos, intervir a favor dos alemães abandonados à fôrça bruta das massas; e que polonêses que não tinham, o mínimo motivo para agredir este ou aquêle alemão, conhecido ou desconhecido, tomaram parte, inopinadamente, naquelas atrocidades inimagináveis? A resposta é esta: *A acção contra os alemães fôra sistematicamente, preparada, fôra ordenada!* Surge, aí, a pergunta se, nesse povo católico ortodoxo, os sentimentos cristãos, religiosos não deveriam ter criado embaraços morais e disciplinares. Nada disso se verificou; ao contrário, o assassínio, em massa, de padres protestantes, a demolição de suas residências, o incêndio de igrejas protestantes (6) parecem indicar que, neste particular, a antiga equiparação: protestante × alemão e católico = polonês, fórmula tão preferida pela propaganda polonêsa... Bastava em muitos casos, a resposta afirmativa à pergunta, si se era alemão e protestante, para ser preso (7). Em geral, porém, o motivo primário era o fato de pertencer à minoria alemã; pois foram, igualmente, perseguidos e mortos os populares alemães católicos; até padres católicos foram maltratados e deportados por se confessarem alemaes. A acusação de que um alemão mandava seu filho á escola alemã e que "em vinte anos de domínio polonês não tinha aprendido a falar polonês", bastava para matá-lo (8). Quem manejava a língua polonêsa e sabia se expressar em polonês e quem se dava como polonês, era poupado (9), o que prova, mais uma vez, que se tinha em vista, exclusivamente, a vida e os bens alemães. Prova-o ainda o facto que as hordas, quando revistavam, em companhia de soldados polonêses ou por conta própria, as casas, os sotãos e os porões, só tratavam de descobrir alemães que, então traziam para a rua, ou, quando não descobriam alemães, abandonavam as casas sem, no minimo, molestar os polonêses presentes. Os alemães foram assassinados sem levar em consideração a idade, a profissão, a posição social, a confissão ou o sexo; nenhuma camada social foi poupada, se lavrador ou fazendeiro, se professor, padre, médico ou negociante, se operário ou fabricante. E, essas vítimas, não eram fuziladas militarmente — êsses morticínios nunca se realizaram conforme os principiòs legais —, eram mortos a tiros, sem razão alguma, eram atormentadas, espancadas até a morte e apunhaladas, e a maioria delas, ainda por cima, eram mutiladas bestialmente, eram assassínios propositais, quasi todos, executados por soldados polonêses, policiais, gendarmes, mas também por civis, ginasiais e aprendizes armados; nêles tomavam parte (P. W. O. N. 10), revoltosos uniformizados, bandos heterogêneos...

---

(2) Os enormes prejuizos sofridos pela minoria étnica alemã, no tempo do domínio polonês, no que concerne à emigração, ao roubo de terras e ao fechamento de escolas alemãs, podem ser, assim, computados: Até meados de 1939, 1,4 milhões de alemães, domiciliados nas províncias Posen — Prússia Ocidental e Alta Silésia Oriental, tinham abandonado suas terras, sob pressão das autoridades polonêsas, tendo êles perdido 631.644 hectares de terras, a saber: 132.644 hectares em consequência da reforma agrária, unilateralmente aplicada contra os alemães, e 499.000 hectares em consequência de anulação e liquidação. Das 657 escolas públicas das minorias alemãs (1927 : 498), existentes em 1925, em princípios do ano escolar 1938/39 restaram apenas 185 (das quaes 150 em Posen — Prússia Ocidental e 35 na Alta Silésia).

---

(3) Assassínio de Sieg (Sd. Is. Bromberg, 8-9-39)!

(4) "A gente estava, continuamente, nervosa, porque ninguem se sentia seguro de sua vida...

A noite inteira vão rondando a casa, e é difícil suportar essas rondas secretas, essa proximidade de um perigo perpétuo". E' assim que a espôsa do padre protestante Lassahn, em Bromberg-Schwedenhoehe, carateriza a atmosféra funesta que precedeu o Domingo de Paixão de Bromberg (Relato da D.ª L.). Em termos idênticos expressou-se o popular alemão Gerhardt Krieger, com 32 anos de idade, pouco tempo antes de ser brutalmente assassinado: "Estou pressentindo qualquer cousa horrorosa; tenho a impressão de que estou sendo vigiado; o que mais desejava, era fugir". E uma testemunha, o conselheiro de tribunal provincial, aposentado, Klawun de Posen, confirma: "por toda a parte iam rodando, observando-nos..." (Processo criminal contra Nowirzki e outros (Sd. K. Ls. Posen 28/39).

(5) Um dos casos mais trágicos é o do padre Reder de Mogilno que, à chegada da ordem de internamento, se achava de licença em Zoppot, onde tinha oportunidade para fugir, e que, não obstante, obedeceu à ordem para se achar perto dos membros, tambem internados, de sua paróquia, naquêles dias de sofrimento; o comandante da estação ferroviária de Glodno deu-lhe um tiro de pistola; em seguida foi morto a tiros por um guarda militar, depois de receber várias coronhadas. (OKW. HS. In. Br. 80).

(6) Foram destruidas e incendiadas igrejas prótestantes e casas de associações protestantes em Bromberg — Schwedenhoehe, em Hopfengarten perto de Bromberg, em Gross — Leistenau perto de Graudenz, em Klein — Katz perto de Gotenhafen. O número de residências de padres, depredadas e roubadas, ainda não foi averiguado. Uma "vistoria" feita no Consistório evangélico de Posen deu provas de uma louca fúria de destruição. Na igreja paroquial de Bromberg e na igreja de S. Pedro de Posen, os polonêses sujaram os altares, quebraram as velas de altar, rasgaram as Bíblias e os panos dos altares. (Revista: Junge Kirche, de 4-11-1939).

Por toda parte procedeu-se segundo um método determinado, o que faz supôr uma ação premeditada, dirigida por um orgão central (11). E' de notar, entretanto, que o facto de se terem praticado êsses crimes, em casos isolados e coletivos, com tão inaudita crueldade, não se explica pela mentalidade do polonês, por sua excentricidade, por sua propensão à crueldade. A proverbial valentia do polonês corresponde sua proverbial astúcia e falsidade; numerosos assassínios polonêses apresentam-se-nos como criaturas arteiras e sangüinárias, e as denúncias e traições são a expressão do caráter do povo polonês, de cujos elementos provém a rudeza no sentir e a sêde de sangue da massa popular. Patenteia-se, aliás, relembrando as matanças praticadas, na Alta-Silésia, em 1920-21, pelos revoltosos polonêses, que tudo o que se passou nos arredores de Bromberg, Posen e Pless, nos dias de setembro de 1939, nada mais é senão uma segunda edição das atrocidades que, já então, o mundo civilizado condenou como abomináveis.

---

(7) A testemunha Kube, Bromberg, Bergkolonie, 13, em depoimento jurado declara que um soldado que penetrára no quarto da mesma, perguntou ao sobrinho Karl Braun, naquela hora presente, por seu nome e sua confissão (!), que B deu seu nome verdadeiro e disse ser protestante. Em vista dessa declaração, o soldado deu a êle a voz de prisão e o levou. — Desde aquela hora nunca mais se teve notícia dêle, presumindo-se que tenha sido fuzilado. (Sd. Is. Posen, 32/39).

(8) Depoimentos relativos aos casos de assassinio Kala Keller em Kardorf (Sd. Is. Posen, 42/39) e processo penal contra Jan Lewandowski (Sd. K. Ls., Bromberg, 58/39).

(9) O popular alemão Ferdinand Reumann, Schulitz, fingindo-se polonês e falando em polonês com os soldados, escapou de ser preso e morto como único entre treze alemães. (Sd. K. Ls. Bromberg, 31/39).

(10) P. W. — Przysposopienie Woyskowe, isto é, — Organização para preparo premilitar sob direção militar. — O. N. — Obrona Narodowa; isto é, Reservistas chamados posteriormente.

(11) A afirmação feita pelo polonês Bernhard Kokocgynski (com 17 anos de idade, já anteriormente, várias vezes, condenado por crimes contra a ordem social) perante o tribunal especial de Bromberg, a 27-9-1939 (Sd. K. Ls. Bromberg 24/39), de que **"lhe tinham dado ordem de descobrir alemães"** encontra-se, repetidas vezes, nas tentativas de justificação dos polonêses, cuja culpabilidade como assassinos e cúmplices foi constatada. Os assassinos, e cúmplices, referem-se, portanto, a ordens! Este facto constatado constitue um paralelo ao de quási todos os assassinos ou cúmplices motivaram sua atitude, decididamente, com a afirmação de os alemães terem dado tiros e, por isso, se ter procedido contra êles — pretensão que, em caso algum, poude ser provada. A unanimidade dessa pretensão deixa deduzir a conclusão que a mesma foi aconselhada como "directriz" por um orgão central.

A caça aos alemães processou-se, nas cidades e nas aldeias, mais ou menos pelo seguinte sistema: Obedecendo ao aviso "n.º 59" (12) que o govêrno de Varsóvia transmitiu pelo rádio, em 1.º de setembro de 1939, repetidamente, com breves intervalos, aviso este que, certamente, tinha sido convencionado com as autoridades regionais, os voivodas deram instruções às chefias de polícia para mandarem as ordens de prisão contra os alemães, sendo que essas ordens já se achavam prontas e numeradas para serem despachadas. O facto que essas ordens de prisão não atingiram aquêles, que, havia pouco, tinham chegado aos respectivos lugares, prova que tais ordens tinham sido preparadas com grande antecedência (13).

Em virtude dessas ordens de prisão, os alemães eram transportados, ràpidamente e sem indicação de motivos, para as estações policiais, de onde eram entregues às prisões ou libertados para salvar aparências, isto às vezes sem serem interrogados, e outras depois de um interrogatório em que se procurava extorquir-lhes a confissão de terem agido como inimigos do Estado ou exercido a espionagem. Muitas vezes tiravam-lhes, nas salas dos guardas, as carteiras de identidade, e deixavam-nos voltar sem documentos, recomendando-lhes virem buscá-los mais tarde — mas esse "mais tarde" ficava sendo um "nunca", pois nunca mais chegavam a vir buscá-los, ou quando vinham, nunca mais voltavam: todos êles eram assassinados nesse meio tempo! (14) Nas idas para a central da policia ou na volta eram vilmente maltratados, davam-lhes ponta-pés e coronhadas, cuspiam nêles e lançavam-lhes insultos mais injuriosos. Quem não era preso por ordem especial ou deportado, os soldados, os policiais e civis armados, munidos de listas exatas e guiados, as mais das vezes, por indivíduos de baixa ralé e germanófobos, se encarregavam de prendê-lo em sua residência, esbordoavam-no ou matavam-no a tiro(15). A pergunta pelo motivo da perseguição ou da prisão era respondida por um tiro na nuca, por coronhadas ou por baionetadas.

Eram de importância não menos fatal a observação: "Suspeito", nas cadernetas de reservistas alemães, e as *ordens de alta*, dadas a presos pertencentes à minoria étnica alemã, os quais — com exceção de um (Eugen Hofmann) — foram todos assassinados em Bromberg, no dia 4 de setembro. Segundo foi apurado, a observação "Suspeito", como também as "ordens de alta" representavam para as autoridades polonêsas a ordem de matar os portadores da referida anotação em ordem. (Pormenores na documentação RKPA 1486/22/39 1486/24/39).

---

(12) O aviso radiofônico do governo polonês, de 1.º de setembro, é um dos comprovantes mais importantes de que os atentados contra os alemães tinham o caráter de uma acção, planejada por um órgão central e dirigida pelas autoridades. D.ª Weise do Hospital das Diaconizas Evangélicas de Posen, e o Dr. Reimann da mesma cidade, comunicam o texto do aviso radiofônico, conforme o ouviram na manhã do dia 1.º de setembro, da seguinte fórma: "Atenção! atenção! Alemães, tcheques e bohêmios! Executem imediatamente a ordem n.º...!" Estas testemunhas não se lembraram bem do respectivo número, mas o diretor do Schicht — Konzern, Konrad Kopiera, Varsóvia, gravou-o bem na memória (relatov erbal). A esposa do Dr. Klusseck em Posen (Hohenzollernstrasse, 24) ouviu, em 1.º de setembro, à tarde, pela rádio-emissora de Varsóvia: "Atenção! Atenção! A todos os tribunaes, promotores públicos e outras autoridades! A circular N.º... refere-se a..." e a seguir um exemplo secreto de cuja fórmula aquela senhora não se recorda com muita precisão, o qual, porém, correspondeu ao seguinte exemplo: 824.358 por 5, por 9, fracção 4 — a ser, imediatamente, executado. Estão, ainda, em andamento as pesquisas para descobrir o número da circular e o exemplo secreto.

(13) Havia tres classes de ordens de prisão: cédulas vermelhas, significando prisão e busca — cédulas côr de rosa, significando internamento (destinadas, segundo dizem, principalmente, para subditos alemães) — cédulas amarelas, significando permissão para retirar-se do lugar de residência e de viagem para um lugar, indicado pelo estarosta, e situado na Polônia central ou oriental. Na prática, o tratamento era o mesmo, ou, por outra, a forma mais suave, a chamada "evacuação amarela" era tão rigorosa como a dos transportes de deportados sob a vigilância de policiaes (Reprodução das ordens de prisão na documentação RKPA 1486/8/39).

(14) Assassínio dos irmãos Lemke em Bromberg, Nakeler-Strasse (Sd. K. Ls. Bromberg 33/39).

(15) As listas representaram um papel importante na preparação das atrocidades polonêsas. "Tinham uma lista conforme a qual foram chamadas todas as pessoas que se achavam no porão", é o que comunica a criada Gertrud Becker, em Bromberg — Jaegerdorf, como testemunha do assassínio de Schroedter e Kobke (WR I). Os comandantes das organizações

O que ficou averiguado a respeito da acção anti-alemã, sistemàticamente preparada pelas autoridades polonêsas, prova que é improcedente a opinião propalada pelos emigrados polonêses, de tratar-se, no caso das atrocidades, de represálias: os polonêses teriam, em sua fuga diante das tropas alemãs, levado comsigo os populares alemães e os teriam "morto" em um acesso de "desespêro", quando sua própria situação se ia tornando peior. Na realidade, esses alemães foram presos, deportados, maltratados e assassinados, segundo um plano bem meditado, e não sob o choque da invasão alemã.

As prisões e os maus tratos eram, por via de regra, seguidos ou precedidos de buscas para descobrir armas, rádio-emissoras secretas, rádio-receptores e documentos suspeitos. Os alemães não possuiam armas, visto que a própria situação, já havia tempo, o proibia! Mas, bastava que se descobrisse uma pistola de criança para justificar um homicídio (16). Às vezes, os polonêses tambem afirmavam ter encontrado uma arma quando, na realidade, êles mesmos a tinham escondido na respectiva casa; acontecia que, ao perguntarem por munição escondida, êles mesmos colocavam, às escondidas, um cartucho sobre um armário, servindo, então, esse cartucho como comprovante (17), ou que tiravam a um alemão o livrinho de notas para fazerem nêle apontamentos agravantes que, depois, serviam como corpo de delito. Verificámos o caso de um soldado de infantaria polonês asseverar ter encontrado, em uma casa, uma granada de mão, no que interveiu outro soldado polonês declarando, francamente, ter visto como um terceiro soldado a tinha colocado naquele lugar, facto que salvou a vida ao incriminado (18). Nas cidades notava-se uniformidade no início dos ataques aos alemães: do meio da população excitada partia um tiro (19), e imediatamente, irrompiam de toda a parte os gritos: "Foram os alemães que atiraram! Vão prendê-los! Matem os niemcy (alemães), os szwabi (própriamente: alemães da Suábia), os porcos, os espiões! Dessa maneira e sem o mínimo motivo, acusavam os alemães, conforme os desejos dos bandidos e os planos, de antemão, organizados, com o fito de eliminar todos os alemães (20).

---

locaes da União de Revoltosos tinham preparado "listas de morte" que serviam para execução dos assassínios em massa. Refere a testemunha jurada Litwa, proprietária de restaurante em Landsberg (Município Rybnik) que o revoltoso Kwiotek organizára uma lista de 150 alemães" que deveriam ser massacrados oportunamente" (S. G. em Kattowitz 19/39). "Tomou parte, tambem, na organização da lista negra, o Conselho da cidade, em peso", refere a testemunha Elvira Diesner em Ciechocinek (WR II). "A organização das listas estava a cargo dos órgãos administrativos locaes", declarou a testemunha Pastor Paul Rakette de Schokken (WR II). Um sargento da polícia de Rogasen contou á testemunha Ewald Thon, proprietário de restaurante, que a Lista Negra "vinha organizada de cima" (WR II). A testemunha Erwin Boi, alfaiate em Ostburg, acredita que o intendente polonês fôra responsável pela organização das listas; sem essas listas os soldados não teriam podido chamar-nos pelos nomes" (WR I).

(16) Relato verbal da testemunha Charlotte Korth, anexo ao depoimento (WR I).

(17) Depoimentos das testemunhas Herbert Schlicht e Anna Jaeger, de Jaegerdorf (WR I).

(18) Depoimentos das testemunhas Friedrich Weiss, açougueiro em Wonorce, e Willi Bombicki em Graetz (WR II).

(19) Em muitos casos, nem se tinha atirado, incumbindo-se um polonês de propagar, ao contrário da verdade, que haviam atirado de uma ou outra casa alemã.

(20) Essa senha tinha sido dada pelo rádio, pela imprensa e pelas organizações chauvinistas, e até do púlpito, ainda no dia do massacre em Bromberg (Depoimento do réu de morte Wladyslaw Dejewski (Sd. K. Le. Bromberg 16/39). Este depoimento de Dejewski demonstra a atividade perniciosa dos intelectuais e dos eclesiásticos poloneses, pondo em relêvo, além de outros problemas, o do abuso do púlpito na luta de extermínio político contra o elemento alemão (V. documento n.º 23). "Tivessem os padres nos recomendado calma e prudência, não se teria realizado esse massacre", declarou Dejewski, chamando a atenção para a alocução, proferida pelo cônego Sch. em Bromberg, que, ainda até pouco tempo antes da ocupação da cidade pelas tropas alemãs, exortára a população "a defender-se, até a ultima gota de sangue, contra os alemães, e a aniquilar tudo que fosse alemão". Em suas declarações perante o tribunal especial de Posen, o polonês Henryk Pawlowski disse: "Os padres instigavam os homens" (Causa: assassínio de Grieger — John. Sd. K. Ls. 38/39. V. documento n.º 50).

Punha-se então, em movimento toda aquela multidão, berrando e proferindo injúrias, para precipitar-se, como louca, sobre os civís alemães de ambos os sexos. Muitas vezes iam à frente mulheres fanatizadas que indicavam aos soldados, vindos de outra parte, as residências dos alemães que eram. então mortos a baionetadas ou a tiros, sendo assassinados, de preferência, os alemães de sexo masculino, de todas as idades, e mesmo os menores até a criança de dois anos e meio.

Se eram massacrados, em primeiro plano os homens em idade militar e, sobretudo, muitos moços entre 16 e 25 anos, não é menos verdade que as mulheres e as moças alemãs, tão pouco escapavam à sanha daqueles brutos, do que dão prova os anúncios que, ainda semanas depois daqueles acontecimentos, comunicavam os assassínios no "Deutsche Rundschau" de Bromberg e no "Posener Tageblatt", e, pelos quais se obtém uma visão geral de como os assassinos polonêses mataram, mutilaram horrivelmente, roubaram e despojaram os alemães, homens e mulheres, anciãos aleijados, doentes e até crianças. As particularidades dos ferimentos (tiros na nuca, perfuração das órbitas, esmagamento do crâneo desobstruindo a massa cefálica por meio de coronhadas, (tiros em direção vertical sôbre a parte superior da cabeça, e outros), verificadas nas localidades mais diversas, são de uma uniformidade surpreendente — poder-se-ia, pela contemporaneidade e pela uniformidade dos crimes cometidos contra os populares alemães, tirar a conclusão de que todos os massacres tinham sido organizados pela mesma fórmula; em todo o caso, está provado, pelos laudos dos médicos legistas, relativos a centenas de assassínios, que existe uma uniformidade surpreendente dos ferimentos mortais. Muitos salvaram sua vida tendo a presença de espírito de se fingirem mortos, outros devem sua salvação ao acaso de não terem sido feridos mortalmente pelos tiros, pelas coronhadas ou baionetadas (21).

Prisões em massa, deportação, maus tratos e assassínios de populares alemães foram constatados em todas as partes da Polônia, onde êles se achavam domiciliados, e não só em Varsóvia, mas também na região de Chelm, na Wolhynia, em Wilna. Onde esses alemães eram mais numerosos, e onde foi impossivel a deportação conforme tinha sido ordenada e planejada, devido ao rápido avanço das tropas alemãs, as atividades atingiram proporções extraordinárias. Os excessos sanguinolentos dos soldados e civís manifestaram-se em proporções maiores, nos lugares onde a propaganda anti-alemã tinha mais envenenado a alma volúvel dos polonêses e onde a maior porcentagem da população alemã, pelo simples facto de sua existência, tinha incendiado mais veemente a paixão do povo. E' assim que se explica que os ódios se dirigiram, sobretudo, contra as zonas de colonização alemã da província de Posen, contra as aldeias, exclusiva e preponderantemente alemãs, da baixada do Vístula, assim como contra Bromberg, cidade e campo, com sua grande população alemã, onde aldeias inteiras e familias inteiras foram aniquiladas (22). As graves perseguições contra os alemães realizaram-se, principalmente, entre os dias 31 de agosto e 6 de setembro de 1939, atingindo seu áuge no Domingo da Paixão, a 3 de setembro, em Bromberg, terminando nos dias 17-18 de setembro com a libertação dos deportados, perto de Lowitsch, pelas tropas alemãs. Os populares eram, as mais das vezes, reunidos em grupos, sendo, em seguida, deportados e massacrados (23), em vários lugares, aos 39, 43, 53, 104 de uma vez. Os cadáveres dos que tinham sido mortos a sós, a pancada ou a tiros, foram encontrados nos limiares das casas, nos quintais, nos jardins, à beira das ruas e estradas, insepultos, às vezes cobertos de ramos ou folhagem, muitas vezes mal enterrados, quase sempre com horríveis mutilações, com os olhos perfurados, os dentes quebrados a pancadas, a língua arrancada, ventre rasgado a faca, o crâneo esmagado, a massa encefálica à vista, os braços e as pernas fracturados, os dedos cortados a machado, o pé ou a parte inferior da coxa decepados. Os que tinham sido assassinados em grupos jaziam amarrados com cordas, aos dois ou aos três, ou a sós, um ao lado do outro, as mãos atadas nas costas com cordeis ou tiras de couro, na orla de um campo ou de uma capoeira, na praia de um lago (24), até onde as vitimas tinham sido acossadas, para serem, aí, mortas, em muitos casos, com um tiro na nuca. Muitos cadáveres foram encontrados, passadas 6, 7 e até 8 semanas, em lugares abandonados; muitos cadáveres se achavam sujos de barro e sangue. Em grande número de casos, as mutilações tinham sido exêcutadas ainda em vida das vitimas. Aqueles que, em tempo, conseguiram fugir de suas casas ou propriedades e se esconderam em porões, sótãos, regos de campos, bosques ou capoeiras, em fossas ou plantações de batatas, de rabos, de girassóis, foram descobertos na segunda ou na terceira busca, muitas vezes em consequência da traição de vizinhos polonêses, de turmas de jovens (25), de 17 a 20 anos, conhecedores das localidades e politicamente fanatizados, sendo, em seguida, maltratados e mortos a pancadas. Esses bandos andavam armados de toda a sorte de objetos de percussão, de sarrafos, cacetes, facas, barras de ferro, machados, punhais, pás, chicotes, forcados, picaretas, fueiros, cassetêtes com castão de chumbo, mas também de sabres, pistolas e fuzis. Onde é que os civis, e sobretudo os menores, conseguiram as armas? Como é que êsses numerosos elementos amorais e rebelados puderam apoderar-se dêsses instrumentos mortiferos? Certamente não os traziam casualmente consigo; tinham-nos recebido nos postos policiais, ou, ainda pouco antes da fuga, das autoridades administrativas, nos paços locais. Quem protegia as violências e os massacres contra os alemães, eram as próprias autoridades polonêsas (26). Eram, às vezes, um ou vários chefetes que, por seu brutal procedimento, encorajavam os concidadãos a fazer outro-tanto; além dos soldados polonêses, eram também os comandantes das organizações de proteção contra ataques aéreos e de gazes que se faziam cúmplices dos assassinos. Embora a maioria dos soldados assassinos fossem elementos dispersos das tropas regulares polonêsas, retaguardas postas em fuga ou sobreviventes de destacamentos de dinamiteiros, não faltam as provas convincentes da participação das tropas regulares e mesmo de oficiais polonêses nas referidas carnificinas.

---

(21) A vítima mais idosa, segundo ficou constatado, foi Peter Rienast, de Ciechocinek, com 86 anos; a mais nova, uma criança de 2 1/2 mêses, de nome Gisela Rosenau, de Lochowo, a qual morreu de fome, ao peito da mãe assassinada. O número relativamente maior de mortos a pancadas e a tiro, eram sócios das organizações oficialmente reconhecidas pelo governo polonês: União Alemã e Partido dos Jovens Alemães. Quando se tratava de alemães constantes das "listas", as vítimas eram escolhidas, em primeiro lugar, entre os mais considerados; mas não se fazia exceção na matança geral, à qual não escapou o mais modesto camponêsinho sem ligações políticas, como não lhe escapou o operário sem trabalho, nem o inválido.

(22) A respeito dos ferimentos, etc., veja-se o laudo pericial dos médicos legistas, Dr. med. habil. Panning e Dr. med. habil. Hallermann, organizado à vista de duzentos e cincoenta autópsias (anexo à parte documental). Elas provam a participação preponderante dos soldados polonêses, no assassínio dos alemães, conforme já se verificára pelos depoimentos de testemunhas, prestados perante os tribunais especiais e á secção de investigação das Forças Armadas, pois que os ferimentos deixaram reconhecer o emprêgo das armas de fogo alto-rasantes (fuzís militares), como tambem de pistolas militares, granadas de mão e metralhadoras. Ha ainda indícios do emprêgo de balas dum-dum (OKW. Hs. In. Br. 18).

---

(23) Foram assassinados, entre outros, 36 pessoas na zona de colonização de Eichdorf, 39 em Jesuitersee, 53 em Kleinbartelsee; 63 alemães foram assassinados em um dia no subúrbio Jaegerhof, perto de Bromberg. No túmulo coletivo de Slonsk (ao sudéste de Thorn) foram encontrados 58 cadáveres. O maior túmulo coletivo que foi descoberto em 14 de outubro de 1939 perto de Tarnowa (ao norte de Turek); abrigava 104 cadáveres de alemães mortos a pancadas ou a tiros, horrivelmente mutilados, os quaes faziam parte da turma de deportados, provenientes de Schroda. Dos 40 cadáveres encontrados em um túmulo coletivo, descoberto nos arredores de Alexandrowo, só 3 puderam ser identificados, de tão mutilados que estavam (V. gravuras). Achados mácabros foram feitos nas vizinhanças de Cracóvia, de Posen e ao léste de Klodawa. Entre este último lugar e Krosniewice descobriram-se, na primeira semana de dezembro de 1939, tres túmulos coletivos, cada um contendo 18 a 20 cadáveres, horrorosamente mutilados, de camponêses provenientes de Schrimm e Santomiscrel; perto da aldeia Tenczynek (entre Kattowitz e Cracóvia) acharam-se, em um tumulo coletivo, 20 alemães mortos a tiros, com as mãos atadas, sendo que entre os cadáveres estavam presas granadas de mão, ajustadas para explodirem! Ao longo da estrada Kutno-Lowitsch, foram encontrados, em diversos túmulos 26 cadáveres de alemães mortos e mutilados. Um cadáver foi encontrado em um fosso que servia de latrina aos soldados polonêses (Comunicação da central de Posen, encarregada dos tumulos de populares alemães).

(24) As averiguações oficiaes, feitas desde a publicação da 1.ª edição desta colecção de documentos sobre as atrocidades praticadas contra populares alemães na Polônia, demonstram um quadro ainda mais desolador do que o que se obtivera depois da descoberta de túmulos até 17 de novembro de 1939. A central, anexa à chefia da administração civil em Posen, e encarregada da descoberta e remoção de populares alemães assassinados, constatou um número de mortos e desaparecidos, muitas vezes superior ao que se verificára no princípio. O campo de morte não aumentou apenas relativamente à provincia de Posen e nas raias do Domingo da Paixao de Bromberg. Os sectores da Silésia e central assistiram às mesmas hecatombes, de forma que, atualmente, o número de mortos e desaparecidos deve ser avaliado em mais de 58.000, segundo os dados coligidos até 1.º de fevereiro de 1940, sendo que, até o presente, só 12.857 puderam ser descobertos. As fortes geadas dos mêses de inverno interroperam, quasi por completo, a abertura metódica dos túmulos e a atividade do serviço de identificação. Mas, segundo as listas de desaparecidos, organizadas conforme as comunicações feitas por sobreviventes, é de supôr, com grande probabilidade, que o vasto campo de túmulos na Polônia abrigue muito mais do 58.000 vitimas do terror sanguinário polonês.

(25) A participação de ginasiaes como cúmplices, franco-atiradores e até como chefetes foi constatada em muitos lugares; jovens de 16 anos tinham sido armados de fuzis, já em fins de julho de 1939 (Depoimento Hertel em Pless, WR I).

Não são sòmente as alusões de militares polonêses: "Eliminaremos os alemães até a raiz" (27), e as ordens de fuzilamento contra alemães, mas tambem o tratamento dos deportados com chicotes, a matança de alemães por tiros de pistola, dados por tenentes polonêses, que provam a participação dos oficiais polonêses nos massacres. Oficiais polonêses declararam que o fuzilamento de homens alemães era *ordem*.

Os assassinos e cúmplices civis pertenciam a todas as camadas do povo polonês; eram, especialmente, membros da União d'Oéste, da União dos Reservistas, e da União dos Revoltosos, oficialmente protegida pelo voivoda Grazynski de Kattowitz; eram operários, jornaleiros, serventes municipais, serventes de escritórios, serralheiros, mecânicos, eletricistas, motorneiros, barbeiros, guardas florestais, dentistas, guarda-livros, condutores, tecelões, telhadores, açougueiros, marchantes, raras vezes camponêses; porém, com frequência excessiva, eram ferroviários (28). Onde as hordas armadas de civis abatiam e matavam os alemães em plena rua, os soldados e policiais polonêses presentes não se incomodavam (29). As buscas nas casas, nos jardins, nos quintais e adegas eram feitas pelos bandidos assassinos; ora por iniciativa própria, ora em companhia de soldados polonêses, sendo que, nessas ocasiões, tanto os civis como os soldados participavam da destruição de móveis e objetos caseiros, do roubo de dinheiro, jóias e roupa, de titulos, relógios, canetas-tinteiro, etc. Entregues às maldições da populaça irritada, às punhadas, às bofetadas, aos pontapés, às facadas e chicotadas, às pedradas e garrafadas, etc., sem a mínima protecção, os alemães eram confiados à polícia, ou, mais frequentemente, a soldados polonêses de fóra, sendo, então, descabidamente maltratados e mortos, por estes não menos do que pelos policiais e gendarmes. Essa atitude dos soldados polonêses, contrária ao justo conceito do direito e da moral, tem sua raiz psico-política na propaganda geral, movida por todos os meios nas casernas, contra os alemães, e nas repetidas solicitações do govêrno, do clero e de instâncias subalternas ou oficialmente financiadas, para aniquilar tudo que era alemão. Assim, pois, *matava-se o desconhecido* pela única razão de serem, os perseguidos, deportados e maltratados, de sangue alemão, e êsses alemães tinham que desaparecer segundo opinava o governo e já começava a convencer-se o povo.

---

(26) Na Alta Silésia foram, sobretudo, os revoltosos e os membros da União d'Oéste que tomaram parte nos ataques aos alemães; já havia muito que os ameaçavam "de serem, um dia, deitados por terra", e, já em principios de julho, "tinham sido munidos com pistolas automáticas, metralhadoras leves e fuzis de infantaria pelo exército polonês (!)" (Depoimento Hertel em Pless, WR I).

(27) Depoimento jurado do sargento polonês Friedrich Lorenz, de Lischkowo (WR I e Sd. Bromberg, datado de 28–29 de setembro de 1939) — a frase do general Bortnowski "todos os alemães têm de ser exterminados" foi confirmada pela testemunha professor Otto Leischner, de Slonsk (WR II). A testemunha Heinz Friedrich, padeiro em Wonorz (Ostburg) depôs sob juramento que o capitão Czaynert do 59.º regimento de infantaria de reserva, declarou, a 28 de agosto de 1939, no páteo do quartel de Hohensalza, que os polonêses entrariam em Berlim, dentro de tres dias, continuando da seguinte fórma: "Rapazes, logo que entrarmos em Berlim, mataremos a golpes todos os porcos alemães, deixando com vida sòmente quantos tiverem lugar debaixo de uma pereira, e, com esses, então, tomaremos um almoço em comum". Finalizando, disse: "Portanto, rapazes, quando encontrardes alemães no caminho, já sabeis o que tendes a fazer".

(28) O facto de, nesta relação que poderiamos completar por outras profissões, faltarem as da carreira acadêmica, talvez se explique pela fuga da maioria dos intelectuaes, já antes do inicio das hostilidades.

(29) Foram testemunhados uns poucos em que, excepcionalmente, soldados polonêses intervieram contra os civis sanguinários polonêses (Sd. K. Ls. Bromberg 88/39), ou que um oficial polonês livrou uma mulher alemã das mãos de assassinos (Sd. K. Ls. Bromberg 91/39).

Um dos capítulos mais entristecedores de toda esta história de atrocidades é a participação e cumplicidade das mulheres polonêsas. Mulheres casadas, viúvas, desempregadas faziam o papel de denunciantes, indicando aos soldados polonêses os que deveriam ser eliminados (30). A atitude dessas mulheres polonêsas agravava mais ainda a disposição em que se achavam as hordas embrutecidas para matar, instigando-lhes os mais baixos instintos. As maldades que essas mulheres fanáticas praticaram contra os indefesos deportados, não as tornam menos culposas que aquelas mulheres armadas que andavam acompanhando os francos-atiradores.

Os processos e as dimensões das atrocidades polonêsas contra os alemães, ocupam um lugar de destaque na história dos assassínios políticos do século 20. O número dos menores alemães, em idade escolar e pre-escolar, mortos a pancadas e a tiros (31), é tão significativo quanto à execução desconsiderada da sanha assassina oficial, como o é o facto que as vítimas do ódio fanático eram torturadas bestialmente; que muitos eram obrigados a cavar seu próprio túmulo antes de serem massacrados; que os mortalmente feridos eram submetidos a uma agonia mais ou menos longa; que os maltratados eram amarrados com cordas, daquelas que se usam para prender os bezerros; que os deixavam passar fome e sêde durante dias; que inválidos de guerra, portadores de braços e pernas ortopédicos e doentes eram forçados a fazer marchas impossíveis; que jogavam, nos túmulos dos alemães, cadáveres de cavalos ou de cachorros como sinal de desprezo, que até assassinaram uma mulher pouco antes de ela dar à luz (32). Não havia compaixão com a criança que pedia por sua vida, nenhuma compaixão com o filho que, tremendo, se agarrava ao braço da mãe; e ao pedido de perdão respondia-se com punhadas. Que se espancassem, até morrerem, os homens alemães, na presença de suas esposas e filhos; que se arrancassem os filhos dos braços de suas mães; que impedissem as pessoas de uma família de socorrer as vítimas agonizantes; que se "aprontassem" os homens e as mulheres alemãs para serem fuzilados; que os colocassem com o rosto virado contra a parede, que os mandassem andar de cócoras e lhes dirigisse mas carabinas sem atirar; que tornassem a submetê-los ao mesmo martírio várais vezes, aumentando-lhes, dessa maneira os sofrimentos psíquicos; que arrancassem o coração a um cadáver; que espezinhassem o agonisante que jazia no chão; que calcassem, com o salto do sapato, no rosto do pobre, estendido no chão e já sem sentidos (33), e ainda o arrastassem por sobre o chão,, amarrado a uma rêdea, até morrer: ou que se cortasse, às vítimas, o nariz, lhes furassem os olhos e as desvirilizassem, tudo isso prova uma atitude tão bestial daqueles assassinos polonêses que, finalmente, a exibição dos cadáveres mediante entrada e sob as aclamações da populaça, se explica pelo complexo político de uma completa degeneração psicomoral (34). Quanto aos atentados contra o pudor de mulheres e moças, nada se póde dizer de definitivo. Foram praticados tais crimes que se explicam nas circunstâncias em que se efetuaram, pelo único facto de "tratar-se de mulheres alemãs". Mas, grande número de mulheres silenciaram sua deshonra por pudicial, outras, pelo mesmo motivo, se enforcaram (35).

---

(30) Uma das mulheres mais fanáticas em seu ódio, foi a lavadeira Maria Goralska de Bromberg, que se ufanava de "já ter denunciado muitos alemães": era tão grande seu desejo de matar que "andava com espuma nos lábios" (Sd. K. Ls. 88/39). Outra polonêsa (Sophie Bednarczyk) gritou no meio da multidão: "Todos os alemães têm que ser abatidos! Estes malditos porcos hitleristas têm que ser mutilados no baixo ventre!" (Sd. K. Ls. Bromberg, 73/39). Também a polonêsa Salewski exigiu que se cortassem o pescoço aos alemães... (Sd. Ls. Bromberg, 151/39). A polonêsa Franziska Wolska mandou um menino chamar uma patrulha militar para levá-la até a casa do popular alemão Rohrbeck! pai e filho foram mortos a tiros (Sd. K. Ls., Bromberg 44/39). Como mulheres polonêsas espancaram os alemães até ficarem cobertos de sangue, foi testemunhado por Steinborn em seu depoimento sobre o massacre em Iwno (Sd. Is. Posen 643/39).

(31) Os médicos legistas fizeram autópsia em grande numero de menores alemães (OKW. Hs. In. Br. 70, Br. 74, Br. 76, Br. 100, Br. 129, P. 29), ficando plenamente demonstrado que os ferimentos mortaes tinham sido produzidos por armas de fogo.

(32) Homicidio Barnicke (RKPA 1486/5. 39) e depoimento Maria Haeuser (WR II). Mulheres grávidas não eram poupadas (Sd. K. Ls. Bromberg 73/39). — Encontrado com os orgãos genitaes decepados (Sd. Is. Bromberg 151/39), além disso, depoimentos Siebert e Matthies de Schwersenz (WR II) e homicidio Dr. Kirchhoff de Ciolkowo (WR II). "O alemão devia ser atropelado por uma carroça" (Sd. K. Ls. Bromberg 117/39). — Quando uma vitima, amarrada de pés e mãos, não apresentava sinaes de ferimento, é provável que tenha sido **enterrada viva** (testemunha Otto Hofmann, negociante em Hohensalza, WR II). Em Nessau (Thorn) foram fuzilados, em 4 de setembro de 1939, 14 alemães que, anteriormente, tinham sido obrigados a cavar a própria sepultura. Achava-se, entre êles o proprietário Kurt Poschadel que tinha sido, apenas, levemente ferido. Quando Poschadel pediu, com insistencia, que lhe déssem o tiro de graça, os soldados responderam-lhe com riso de escárneo: "Para um szwabo (alemão) basta uma bala só". Em seguida, Poschadel foi enterrado vivo. Várias testemunhas oculares ainda puderam verificar como a vitima se debatia debaixo da terra. As palavras de um médico militar de grau superior (polonês), de Ciechocinek, proferidas contra os deportados vindos de Bromberg: "Se não colocardes esses sujeitos deante de vossas metralhadoras então trazei-os para a minha mesa de operação!" sejam registradas aqui como exemplo do mais pronunciado ódio aos alemães, da parte de um representante da intelectualidade polonesa; (depoimento complementar prestado por escrito pelo redator-chefe G. Starke de Bromberg, anexo á seu relato, vide pag. 127 ff. O facto de se ter recusado tratamento médico aos deportados, nem se lhes ter dado baixa aos hospitaes, foi testemunhado por Ludwig Arrandt em Hohensalza (WR II).

O sofrimento dos camponêses alemães talvez fosse mais grave que o dos alemães residentes nas cidades, porque em suas propriedades se achavam completamente abandonados, sem poder prestar auxílio um ao outro. Foram dizimados de maneira tal que de muitas aldeias não restou senão um único sobrevivente para testemunhar as atrocidades cometidas. Jaziam na proximidade da casa dos atiradores de Hohensalza 20 cadáveres, num pasto, — "todos êles homens grandes e robustos" (35) — "um ao lado do outro, mortos por vários tiros, quase todos homens grandes, alguns ainda quentes; o fuzilamento tinha sido executado por um tenente e dez praças do exército polonês" (37). Foram encontrados 29 camponêses bestialmente mutilados, da aldeia Slonsk (ou seja toda a população do sexo masculino que se poude prender, naquele lugar habitado, ja há 300 anos, quase que exclusivamente por colonos alemães, entre êles famílias inteiras), sistematicamente fuzilados e brutalmente mutilados por soldados do 63.° regimento de infantaria de Thorn (38). Das propriedades dos camponêses de Langenau e Otteraue sobraram, apenas, as ruínas provenientes dos incêndios provocados por soldados polonêses; os proprietários foram, quase todos, mortos. Outro aspecto desolador oferece a zona de Posen, onde intendentes municipais e trabalhadores de campo, em colaboração com militares, incendiaram galpões, requisitaram o gado, extorquiram e roubaram dinheiro (39), e onde, nas freguezias maiores, os alemães foram reunidos em grupos para serem deportados para o interior da Polônia. Aí associava-se a disposição, já existente, da luta racial contra os grandes proprietários alemães, com os ódios provocados pela propaganda anti-alemã, resultando, assim, a directriz política da atmosféra germanófoba.

---

(33) Depoimento do sargento Framke: "Foi encontrado um cadáver de sexo masculino, ao qual tinham arrancado o coração que se achava ao lado do cadáver (WR I).

(34) Os sofrimentos físicos e psíquicos das vítimas em estado de agonia foram testemunhados tipicamente, nos depoimentos relativos aos homicídios Steinke e Thom (Sd. K. Ls. Bromberg 68/39), Ernst Krueger (Sd. Is. Bromberg 151/39). A testemunha Pelagia Wieczorek (polonêsa) de Michelin, testemunhou que um velho agonisante jazia no chão e que "o assassino o calcava com os pés" (Sd. Is. Bromberg 814/39. As testemunhas juradas Heinrich Krampitz, montador-eletricista, e Anton Hinz, organista (ambos de Kulm) depuseram que o motorista Wladislaus Rybicki de Kulm "arremessando-se sobre um velho de cabelos brancos que já se achava horrivelmente maltratado por facadas e pontapés no rosto de fórma que o sangue esguichou, salpicando a bota" (Sd. Is. Bromberg 117/39) A testemunha jurada Bruno Render, proprietário de uma fábrica de lacticínios em Schokken, declarou que soldados polonêses espancaram um cidadão alemão de meia idade até ficar sem sentidos" e lhe calcaram a cabeça até reduzi-la a uma massa sangrenta" (WR II).

(35) A viuva do camponês Hammermeister, assassinado por bandidos polonêses, de nome Minna, com 40 anos de idade, foi violentada por um primeiro tenente polonês; essa pobre mulher, depois de deportada até Lowitsch, onde conseguiu fugir, enforcou-se quando se sentiu grávida.

(36) Depoimentos de Hedwig Daase, Slonsk (WR II) e Vera Gannott, Bromberg (WR I e Sd. K. Ls. Bromberg 86/39).

(37) Depoimento do jardineiro Joseph Pirschel, Hohensalza (WR II).

(38) O camponês Artur Daase, Slonsk, declara: "Eu e um camponês que conseguiu escapar à deportação, somos os únicos alemães que sobreviveram na parte norte de Slonsk (WR II).

Ninguém ouviu a voz da consciência quando os alemães eram reunidos, às centenas, nas ruas, e quando, aos milhares eram tocados, nos grupos de deportados, para o interior? Crianças e mulheres grávidas, inválidos de guerra, aleijados, anciães — o professor catedrático Bonin de Lissa, com 83 anos de idade, o jardineiro Bohrmann de Schoensee, com 82 anos, a solteirona Schnee, com 76 anos, o superintendente evangélico Assmann de Bromberg, com 70 anos, alemães que gozavam de grande renome, até além do grupo étnico a que pertenciam — amarrados dois a dois, outros algemados, muitos de pés descalços, alguns vestidos, apenas, de calça e camisa, outros de chinelos, ceroulas e roupão, muitos como se tinham levantado da cama, foi assim que foram tocados de Bromberg e Posen, de Lissa e Graetz, de Schroda e Schrimm, de Obornik e Wollstein, de seus lares, sob as blasfémias, sob as pancadas e os golpes dos guardas para o interior da Polônia. Unia-os o espírito de perfeita solidariedade, carregavam e arrimavam-se, um ao outro, aturavam, de dentes cerrados, as injúrias, a fome e a sêde, com os pés feridos pela marcha e purulentos,, muitos ardendo em febre, outros enlouquecidos em consequência dos inauditos sofrimentos, marchas forçadas de 30, 40, 50 quilômetros, diàriamente, quase sem interrupção, para o léste, sempre para o léste: em direcção ao mal afamado campo de concentração Bereza-Kartuska, "onde os presos encontrariam seu fim" (40). Militares que iam passando em sua fuga desordenada, enraivecidos pela derrota, davam baionetadas nesses deportados que já se achavam em um estado de extremo esgotamento físico e psíquico; oficiais polonêses matavam os homens a tiros, maltratavam as mulheres e os doentes com chicotes e vergalhos (41); menores de três a cinco anos eram amarrados aos pais e corridos junto com êles; espias que se intrometiam nessas levas, penitenciários e outros indivíduos de má fama procuravam ainda tirar proveito do que sobrava áqueles seres, apáticos devido ao sofrimento super-hûmano. Gritava alguém: "Todos livres! Salvai-vos!", e quando os deportados procuravam fugir, os soldados e policiais matavam-nos a tiros. Havia severa ordem de fuzilar todo aquele que não pudesse continuar a marcha (42); em outra parte um oficial mandou que se matasse a coronhadas aquele que ficasse atrás (43). Essas ordens eram cumpridas tão radicalmente que centenas e centenas de vítimas daquelas brutalidades polonêsas foram encontradas nas estradas e nas covas. Alimentavam-se aqueles alemães de raizes, dormiam a céu aberto, mesmo nos dias de chuva, bebiam a água que tiravam de pôças e pequenos lagos ou a água nojenta e impotável que se lhes oferecia em latas de querozene ou de gazolina, e era tão pouca que um dos infelizes se incumbia do racionamento e que nem dava para molhar os lábios. Quão horríveis eram as atrocidades cometidas contra aquelas levas de deportados, demonstra-o o facto que, na passagem de um grupo por Schrimm, foram mortos 25 alemães, sendo os restantes tão brutalmente maltratados que os próprios habitantes da vila, entre êles o vigário, protestaram contra as crueldades, sem, entretanto, poderem pôr-lhes um fim (44). Nas paradas, muitas vezes, se "faziam exercicios", assim, por exemplo, os deportados tinham que ficar meia hora ajoelhados; quem caía, era morto a pancadas; aqueles que ficavam extenuados eram "mortos a tiros como cachorros leprosos" (45); nisso não se poupava as mulheres, nem os anciães.

---

(39) Ainda aos mortos roubaram os aneis do dedo (assassínio Burkat, Sd. Is. Posen 58/39). — Trabalhadores de campo poloneses (!) tiraram das mulheres alemãs, presas em Schwersenz, vestidos, calçados e meias, maltratando-as e roubando-as na presença de militares (processo contra Luczak, Sd. Is. Posen 55/39).

(40) Expressão dos guardas polonêses que acompanhavam a leva de deportados para Lowitsch, testemunhada pelo criado polonês Wawrezin Dmagala (WR II).

(41) Relato do administrador Wiesner, Wollstein (WR II).

(42) Depoimento de um sargento polonês perante o agricultor Hermann Netz, Crone a/B WR II).

(43) Relato sobre o grupo de deportados de Schrimm (Sd Is. Posen 243/39).

Na leva de Posen, um inválido de guerra, portador de duas próteses, foi morto a tiros, juntamente com sua mulher, uma filha de 15 anos, e um filhinho de 1 ano e meio, quando se sentiu sem forças para continuar a marcha. Outro inválido, portador de uma perna de páu, de nome Kiok, de Wongrowitz, com 65 anos de idade, e um terceiro, Jentsch, de Rakwitz, tiveram a mesma sorte — não admira, pois, que muitos não levassem muito tempo para chegarem a suicidar-se (46), que outros enlouquecessem ou sofressem de alucinações, que um julgava ver a pomposa fachada de um palácio e outro "assistir a um fogo de artifício". Bastava um grito angustioso durante a noite para provocar um louco tiroteio sobre o grupo de alemães; a vida humana não tinha importância quando se tratava de alemães. O peior era quando a retaguarda dava tiros a esmo sobre a coluna em marcha, quando o pai ao lado do filho ou o amigo ao lado do amigo entregava a alma a Deus porque se achava incapaz de prosseguir a marcha de braços levantados, por vários quilômetros. Tocados como gado, a cada minuto ameaçados de morte, aqueles alemães, afastados à força de seus lares, marchavam sobre Kolo-Klodawa, Kutno e Lowitsch, sobre Turek-Tulischkow, e a leva de Varsóvia alcançou Bereza-Kartuska, o inferno do supremo sofrimento (47). Muitos daqueles que conseguiram escapar, ainda sofreram durante semanas sob as consequências das torturas passadas, e não poucos pereceram ainda em consequência dos esforços sobrehumanos e dos maus tratos a que se acharam expostos nas levas de deportados (48). As atrocidades cometidas pelos polonêses contra aquelas levas de deportados, representam a página mais vergonhosa de toda a história étnica de nossos tempos (49).

As atrocidades praticadas pelos polonêses contra o elemento étnico alemão, não eram actos de vingança por motivos pessoais, não eram excessos provenientes de inveja ou ódios de classes sociais, e sim, *actos coletivos políticos: eram massacres organizados,* não executados em consequência de repentino êxtase de hordas embrutecidas, e sim em consequência da psicose política creada pela instigação sistemática do povo, da qual tinham que provir toda a sorte de atrocidades, em virtude da mentalidade polonêsa que tende para o assassínio e o roubo. O motivo de todas as crueldades jazia no âmago da alma polonêsa, era político-patológico.

O desejo de aniquilamento de tudo que era alemão, aumentado por um profundo ódio, e alimentado pela imprensa, pelo rádio, pela escola, pelo púlpito, pela caserna e pelo próprio governo, foi o que provocou aquele massacre (50). Motivos materiais notaram-se apenas nos roubos praticados pelos trabalhadores rurais polonêses da zona de Posen; tudo mais serviu para satisfazer o desejo de vingar-se do homem alemão cuja superioridade cultural os polonêses bem conheciam — como, aliás, os polonêses nunca perderam, perante os alemães, o complexo de inferioridade.

---

(44) Relato do Pastor Rakette de Schokken (WR II); outros eram "mortos como coelhos numa batida" (em outro lugar).

(45) Relatos das testemunhas oculares Padre Breitinger e Otto Kaliske (WR II).

(46) Relato de Wilhelm Romann de Wongrowitz (WR II). Starke (Bromberg), relata como um jovem alemão, num acesso de desespêro, cortou a carótida (Relato WR II). O lavrador Drescher (Czempin) depõe que um de seus colegas "se precipitou num poço para suicidar-se (WR II).

(47) Relato do P. Odilo Gerhard OFM (Documentação, pag. 188, f).

(48) Sobre o numero extraordinário de pessoas mortas nas levas de deportados nada se pode dizer de definitivo, como tão pouco se pode indicar o numero certo de levas; é provavel que se tenha organizado, no mínimo, uma leva em cada municipio de Posen e Prússia Ocidental.

(49) Confira os relatos de Starke (Bromberg), P. Breitinger (Posen), Médico-chefe Dr. med. Weise (Posen), Pastor Lesczynski (Kosten), Veterinário Schulz (Lissa), Agricultor Dr. Schubert (Grune-Lissa), Pastor Rauhut (Gnesen, P. Odilo Gerhard OFM (Cracóvia), Padeiro Kaliske (Rakwitz-Wollstein), Gerente Romann (Wongrowitz, Pastor Rakette (Schokken), Lavrador Glaesemann (Schwersenz) e outros na parte documental.

Durante os vinte anos de domínio polonês, os membros da minoria alemã foram considerados e tratados, pelas autoridades e por grande maioria do povo polonês (51), como "cidadãos infieis". Taxados, sem fundamento, como espiões e acusados, sem razão, de espionagem a favor da Alemanha, os alemães viveram sempre na penumbra da desconfiança polonêsa, de maneira que os polonêses nunca conseguiram uma atmosféra de lealdade e paz para com os alemães. A convivência com os polonêses representava para os alemães um perigo constante em virtude do sistemático trabalho de instigação chauvinista e da falta absoluta de protecção da parte das autoridades polonêsas. Esse estado de cousas que já existia havia anos, foi se agravando até o auge, nas semanas que precederam o início da guerra, desde que a Polônia tinha recebido da Inglaterra a garantia de que tudo lhe era permitido no seu procedimento provocador e infame. Foi, portanto, a carta-branca concedida pela Inglaterra, que encorajou, não só politicamente, a Polônia, como também a induziu a cometer toda a sorte de barbaridades, e ainda mais, que até lhe insinuou aquele procedimento. Foi o desejo daqueles provocadores de guerras, inglêses, de aniquilar o povo alemão, que se patenteou e se desvendou, à vista de todo o mundo, e em toda a sua baixeza e amoralidade. A responsabilidade pelo sangue vertido cabe exclusivamente àquela camarilha de "lords" inglêses cujo domínio, em todo o mundo, se baseia sobre a força, a mentira, a opressão, a crueldade e o assassínio; e essa responsabilidade se acha documentada, perante a história, por todos os tempos, nesta obra que expõe à humanidade os horríveis crimes cometidos contra as minorias étnicas alemãs, domiciliadas na Polônia, servindo-se de provas irrefutáveis.

---

(50) E' significativo para a atitude do governo polonês, ter o mesmo recusado, depois do início da guerra, a proposta que lhe fizera o Ministério do Exterior por intermédio da Legação suéca, encarregada da defesa dos interesses polonêses na Alemanha, no sentido de uma troca dos alemães deportados das zonas ocupadas pelos alemães para o interior da Polônia, contra polonêses que se achavam sob o poder dos alemães (DNB de 14/9/1939). E' inexplicável por que motivo o governo polonês recusou aquela proposta feita por considerações humanitárias.

(51) Onde e quando um polonês se empenhava sériamente a favor de um alemão ameaçado, êle era intimado por ameaças e força até que desistisse do intento a que o compelia a consciência. Não obstante houve polonêses que se portaram com civilidade e bravura: sabe-se de personalidades e trabalhadores poloneses que, expondo a própria vida, procuraram salvar populares alemães.

Casos tipicos de atrocidades

1. CINCO VISTORIAS NA CRECHE ALEMÃ DE BROMBERG. — AMEAÇADAS AS IRMÃS ALEMÃS POR SOLDADOS POLONESES E CIVIS ARMADOS.

Publicamos aqui, como prova da infâmia com que, em setembro de 1939, os soldados polonêses e civís armados procederam contra os populares alemães, o relato sobre o que se passou na creche alemã de Bromberg, baseando-nos no depoimento jurado da Irmã Schmidt. Embora, aí, não se tenha dado nenhum caso de homicidio, falam por si as vistorias quatro vezes repetidas e motivadas pelo boato mantido com obstinação, apesar de inteiramente infundado.

No Domingo da Paixão realizaram-se na Creche alemã, situada na Thorner Strasse de Bromberg, ao todo cinco vistorias. As sete horas da manhã, compareceram dois soldados polonêses, exigindo autorização para entrarem. Percorreram a casa toda em busca de armas, retirando-se depois de se convencerem da inutilidade de seu acto. Estes soldados portaram-se com todo o respeito. Pelas nove horas e meia foi procedida a segunda vistoria por seis soldados polonêses. Êles bateram à porta com as coronhas de seus fuzis, exigindo o franqueamento do prédio sob gritos e insultos. Um dêles colocou a boca de sua pistola à fronte da superiora da Créche, Irmã Olga. Afirmando que existia no prédio uma metralahadora e que haviam atirado com a mesma, exigiram à irmã a entrega das armas. Ela respondeu que não havia armas na Creche conforme poderiam verificar pela vistoria. Esta turma, depois de percorrer tôdo o prédio e abrirem, à força, todos os receptáculos que se não abriam fàcilmente, retirou-se igualmente, sem ter encontrado armas. Pouco antes do meio-dia, quando as crianças estavam se aprontando para o almoço, foi feita a terceira vistoria por quatro ou cinco soldados polonêses, acompanhados de igual número de civís. Parte dêsses soldados já tinham participado da vistoria anterior. Os soldados exigiram novamente a entrega da metralhadora, afirmando de novo, que tinham partido tiros da Creche; um dos soldados chegou a ponta da baioneta ao peito da Irmã. A Irmã respondeu como da primeira vez que não possuiam armas. Um dos soldados, a quem a Irmã tomava por um oficial, replicou: "Mas, fomos informados de que, há pouco, atiraram daqui". Os soldados que já tinham participado da vistoria anterior, confirmaram à irmã que, efetivamente, não havia "nada em cima". O polonês Maximilian Gackowski, o único civíl que acompanhára os soldados até o "hall" ia, entretanto, interrompendo o interrogatório pela frase: "Digo novamente que atiraram, pois eu mesmo o vi" e, dirigindo-se contra a Irmã Schmidt, gritou: "Você, bruxa velha, e toda a sua ninhada já deveriam ter sido afastadas daqui", acrescentando: "Se eu pudesse agir como quereria, vocês já não estariam vivas, já as teria liquidado". Nisto procurava amedrontar a Irmã imitando pancadas no rosto, servindo-se de um instrumento que a Irmã julgou ser uma vara de aço. Desta vez, Gackowski não teve sorte; os soldados retiraram-se.

Pelas três horas da tarde, cêrca de cinco soldados e igual número de civis iniciaram nova vistoria. Entre os civis achava-se Gackowski. O chefe da turma mandou os inquilinos da Creche se enfileirarem de braços erguidos. Eram três irmãs e 18 menores de 2 a 18 anos. Gackowski bravejava como das outras vezes, reafirmando que haviam atirado e perguntando pela metralhadora. Trouxe, até, uma testemunha falsa para depôr sob juramento que haviam atirado da Creche. Enquanto os soldados deram busca à casa, um ficou de baionéta calada, em frente da Irmã Olga. Gackowski tomou parte na vistoria. Quando novamente voltaram sem nada terem descoberto. disse êle: "De dia trabalham, mas de noite têm homens lá em cima que fumam, eu mesmo o vi, e então êles atiram". Quando a turma ia se retirando da Creche, um bando trouxe do lado da casa dos atiradores um homem, de quem afirmaram também que tinha atirado; — Gackowski foi, então, o primeiro a insistir naquela afirmação e a tomar partido contra o homem. Depois da quarta vistoria as irmãs deram com a falta de vários pequenos objetos de valor, assim, por exemplo, desaparecera o relógio da Irmã Olga. A última vistoria deu-se pelas cinco e meia horas da noite, participando da mesma tambem soldados e civís. O chefe da turma sacou a arma contra a Irmã Olga ameaçando-a de morte. Nisso voltou uma das irmãs que tinha sido destacada para ajudar nos serviços de remoção na estação da estrada de ferro, seguida de um bando de soldados e civis. Essa irmã estava suja porque fôra obrigada a limpar trilhos na estação. Um dos ferroviários, instigado por Gackowski que tambem estava presente nessa ocasião, declarou que o óleo de máquina com que a irmã se sujára nas mãos e no vestido, provinha de uma metralhadora. Gackowski aproveitou essa oportunidade para, novamente atiçar os soldados, afirmando que se havia atirado. Na realidade, porém, não havia armas na Creche, nem tinham atirado daquele prédio.

Fonte: Sd. K. Ls. Bromberg 37/39.

2. O BONÉ ϟϟ (1) SUSPEITO.

Depoimento da testemunha Wilhelm Starke, diretor do Vereinsbank em Lissa:

Diziam ter achado em casa do jardineiro Berndt, em Lissa, um boné ϟϟ. Em virtude desse boato, foi preso, juntamente com seus dois irmãos. Nem êle, nem os dois irmãos tinham tido aquele boné em sua casa. Segundo foi apurado mais tarde, o boné fôra "apresado" num assalto dos polonêses à aldeia Geiersdorf, onde moravam dez membros da ϟϟ que, forçados a deixarem a localidade, não puderam levar as peças de seu uniforme. Conforme averiguado, o boné pertencia a Ernst Wiedermann de Viena, membro da ϟϟ.

Fonte: WR II.

CENAS DE TERROR NO DOMINGO DA PAIXÃO DE BROMBERG.

"De cada vez, três — e fuzilar!"

Tribunal de campanha do Estado-maior da zona de aviação z. b. V. 3. — Bromberg, 16 de setembro de 1939.

Presentes: Conselheiro do tribunal de campanha da arma aérea, Dr. Waltzog como juiz.

Artilheiro Endlich como secretário "ad hoc" especialmente comissionado.

1. O fabricante de móveis *Herbert Matthes*.

Devidamente informado sobre o juramento, depõe:

Quanto à pessôa: Chamo-me Herbert Matthes, tenho 46 anos de idade, sou de confissão evangélica, fabricante de móveis em Bromberg, à rua Albertstrasse, 24.

---

(1) ϟϟ = pertencente a uma secção de guarda do partido nacional-socialista.

Quanto à causa: Entrego, como anexo, um relato por mim redigido, sob o titulo: A marcha de morte de cêrca de 150 populares alemães para Piecki, perto de Brzoza", como também um suplemento intitulado "Pesquisas de um destacamento de campanha" (1). Um e outro foram novamente lidos em minha presença. As notas escritas a lápis foram acrescentadas, em minha presença e conforme as minhas indicações. Faço os referidos documentos objeto de meu depoimento.

L. a. ass.
ass. Herbert Matthes.

A testemunha prestou juramento.

2. *Heinz Matthes.*

Exortado a dizer a verdade, declarou:

Quanto à pessôa: Chamo-me Heinz Matthes, tenho 13 anos de idade, sou aluno do Ginásio Alemão de Bromberg, móro em casa de meus pais.

Quanto à causa: Os dois documentos redigidos por meu pai foram lidos em minha presença. Faço-os objeto de meu depoimento. Em Piecki soldados polonêses me déram uma baionetada que me atravessou o ombro direito.

L. a. ass.
ass. Heinz Matthes.

Devido à sua menor idade a testemunha não poude prestar juramento.
ass. Dr. Waltzog. ass. Endlich, artilh.º

A MARCHA DE MORTE DE CERCA DE 150 POPULARES ALEMÃES PARA PIECKI, PERTO DE BRZOZA.

No Domingo da Paixão, em 3 de setembro de 1939, às 10,30 horas, quatro jovens bandidos, armados de machadas, vieram expulsar-me, com meus dois filhos, resp. de 13 e 15 anos, do abrigo que existia em minha fábrica, contra ataques aéreos. No páteo receberam-nos imediatamente dois soldados armados de baionetas, que nos obrigaram a correr de braços erguidos até a delegacia central. No trajeto, o povo, as mulheres e as moças pareciam fúrias; cuspiam-nos e deram em nós, sem os soldados os impedirem.

Na delegacia central tivemos que atravessar uma passagem de cêrca de 8 metros, sob as coronhadas dos circunstantes. Cêrca de uma hora ficámos parados junto a uma parede, de braços erguidos, tendo sido rebuscados os nossos bolsos. Foi organizada, então, uma turma *de cêrca de cem pessôas*, a maioria cidadãos conhecidos da cidade; empurraram-nos, em seguida, para a rua e obrigaram-nos a marchar, de braços levantados e sob guarda, pelas ruas Danziger e Elisabethstrasse, até o quartel que fica junto à estação da estrada de ferro. No caminho, as féras humanas ameaçaram-nos com sabres, punhais, machadas, cuspiram e deram em nós — meus pobres filhos quase que não resistiram mais. Achavam-se outros menores em nossa turma. No galpão para exercicios de equitação onde tinham levantado um estrado, deram "a voz de comando — subir" — fomos os primeiros. Chegaram cada vez mais — muitos pais com seus filhos; afinal, quando começou a escurecer, eramos cêrca de 400. Todos estavam serenos, calmos, mas a coragem brilhava-lhes nos olhos. Houve, apenas, um momento de inquietação quando um moço inteligente, de cêrca de 20 anos de idade, se afastou uns seis passos de nós. Êle foi rechassado, à baioneta, e quando bradcu "Heil Hit...", reboou um tiro que, ferindo-o no ventre, deitou-o por terra. Amarraram-lhe as pernas que ainda se moviam, em uma maca e levaram-no para fóra sob uma chuva de blasfêmias. "Apresentar-se quem tem caderneta militar comsigo" foi a nova ordem. As cadernetas foram recolhidas. Podem ir recebê-las, amanhã, no comissariado. Alguns de nós foram destacados para carregarem munição — foram êles os poucos felizardos, pois a maioria dêles ainda está com vida. Os outros fomos afileirados e tivemos que marchar pela rua Kurawier em direção a Brooza. Já em caminho, os homens mais idosos que começaram a perder o fôlego, foram picados a baioneta e alguns mortos. Pouco além da cidade déram ordem de "alto"; tivemos que dar um "viva" à Polônia, após o que nos mandaram para casa. Quando a turma chegou à rua Kujawier, na proximidade dos números 30 a 60, fomos surpreendidos por uma chuva de balas que vinham da frente e de trás. Muitos, então, foram assassinados com incrivel bestialidade. Novamente, verificámos que a turma já não contava senão umas 150 pessoas. Levou-nos adiante um destacamento de remuniciadores. Querendo proteger meus filhos, fui ferido na coxa direita por uma baionetada. Quem não podia andar e sentava, era abatido a coronhadas, porque no fim de duas horas o primeiro tenente proibiu os tiros por causa das detonações. Além do km. 10 fomos obrigados a entrar uns 3 kms. para dentro do mato, do lado esquerdo da estrada, onde fomos encurralados num estábulo baixo, aberto, em péssimo estado; foi na segunda-feira, às 5 horas da manhã. Com grande espanto conseguimos contar apenas 44 pessoas; torturava-nos, terrivelmente, a fome e a sêde. A cada hora, interrogaram meu filho Heinz, à distância de cinco passos em nossa frente, para saber se eu ou outros haviam atirado sobre militares polonêses. Êle defendeu-nos otimamente, em polonês, obedecendo às instruções que lhe pude sugerir em voz baixa, pois êle tinha licença de visitar-nos; finalmente êle conseguiu vencer a soldadesca bruta por seu gênio afável. Ficámos, porém, estarrecidos de pavor quando Heinz nos contou em voz baixa que tinham mandado buscar gazolina para nos queimarem. Os menores, acrescentou êle, poderiam voltar. Mas não encontraram gazolina. De repente tivemos que saír e déram-nos café e um pedacinho de biscoito. Estavamos salvos, pensaram todos, mas o torneiro Doering me cochichou ao ouvido: esta é a refeição do carrasco, e êle teve razão. Às 7,30 horas vieram correndo com grande algazarra. "De cada vez — três" foi a ordem que nos déram. Foram silenciosos os primeiros três — um tiro, e três homens tinham dado a vida por sua pátria. Seis vezes, a mesma cena. Heinz teve a coragem de aproximar-se dos soldados, pedindo que o poupassem juntamente com seu irmão Horst; furaram-lhe o ombro direito com uma baionetada. "Outros três" — contei os passos, eram dez a doze até que a morte os surpredeu. Aí Heinz comunicou-nos que o corporal achava pena gastarem as balas, que deviam apunhalar os restantes. "Ai — meu Deus" era só o que ainda se ouvia, e quem, então, já não estava mudo, ia sucumbindo sob as surdas coronhadas. Chegou a nossa vez; atrás de nós achavam-se mais cinco que não queriam saír e se agarravam aos postes. Saímos, então, nós três, de mãos dadas, mas fomos empurrados para o lado esquerdo e dois corporais, segurando-nos, levaram-nos alguns passos adiante; eram os dois ladrões, aos quais Heinz contára de propósito que levávamos conosco boa quantidade de objetos de valor e muito dinheiro. Entregamos tudo o que tinhamos aos dois que, ao repartirem o despojo, começaram a disputar um com o outro. Aproveitamos essa oportunidade para fugir. Passamos a noite ao alcance de metralhadoras polonêsas, não houve meio de dormir. Andámos de cá para lá, sem acharmos uma saída; já era segunda-feira, à noite. A ferida de Heinz, eu a tinha atado com uma tira de minha camisa. Estávamos vestidos, apenas, de camisa; os sapatos, já os tinhamos perdido na marcha, ainda em Bromberg. Na noite de quarta-feira, nossa situação ficou sendo crítica — de um lado enxergamos grande número de soldados, topámos com duas baterias, fomos rodeando os obstáculos. "E' preferivel morrermos", disse Horst. Estávamos com as línguas inchadas e todas brancas, os lábios grossos e encrustados. Veiu-nos a salvação: chupámos o orvalho que encontrámos em uma conífera baixinha e comemos uma rã. "Mais gostoso que vinho", disse Heinz, e conseguimos reanimar o Horst que já desesperára da vida. A noite para a quinta-feira foi sêca; começamos a sentir uma fome mortal. "Ainda guardei um pedacinho de pão", disse Heinz súbitamente, "vamos comê-lo só cinco minutos antes da morte — poderemos, então, viver mais algumas horas". E assim foi. Na manhã da quinta-feira tornámos a encontrar várias vezes soldados, que, devido à nossa fraqueza, não pudemos reconhecer. Mas duas horas depois tivemos certeza de nos acharmos em frente de soldados alemães e lançámo-nos aos braços de um capitão alemão. Café e um pouco de conhaque estimularam-nos as forças, e uma opulenta sopa de ervilhas com toucinho restabeleceu-as integralmente. Duas horas depois entrámos, com o estado-maior na cidade de Bromberg, libertada, e não tardou nos acharmos nos braços de minha esposa e nossa mamãe que só a custo se convenceu da realidade do milagre de nossa volta.

---

(1) Não se reproduz aqui o suplemento.

Bromberg, 12 de setembro de 1939. ass. Herbert Matthes, fabricante de móveis — Albertstrasse, 24. Fonte: WR II.

4. DISPUTANDO O DESPOJO.

Segundo as averiguações expostas na sentença, a testemunha Herbert Matthes, de Bromberg, depôs sob juramento:

Na manhã do dia 3 de setembro de 1939, os réus Kazimir Dybowski, Paul Kinczewski e Peter Pijarowski, acompanhados de grande número de civís polonêses desconhecidos e vários soldados polonêses de baioneta armada, passaram pela rua Albertstrasse, em Bromberg. Enquanto Dybowski tinha uma faca na mão, Kinczewski e Pijarowski se achavam armados de uma machada, resp. um machado. Chegando o bando em frente à casa n.° 24 das ruas Albrechstrasse, onde a testemunha alemã Herbert Matthes mantém uma grande marcenaria, assaltaram a casa, precedidos por Kinczewski o qual, ao entrar no corredor, afirmou na presença da testemunha Biermann, encarregado do serviço de protecção contra ataques aéreos, que Matthes tinha atirado sobre militares polonêses. Por muito que Biermann contestasse a veracidade daquela afirmação, a população não se deixou conter, entrando no páteo, onde Matthes se escondera num forno dissecador, com sua mulher, seus dois filhos, de 13 e 15 anos e sua mãe, de 72 anos de idade. A porta do forno estava fechada. Como não abriram ao convite de Kinczewski "Sair", pegou, sem mais nada, na machada, arrombando a porta a golpes. Apareceu, então, a mulher Ella Matthes com seus dois filhos e sua sogra, enquanto Herbert Matthes ainda se conservou escondido. Ela declarou aos assaltantes que seu marido já não estava e que nem sabia onde andava. Quando Kinczewski respondeu que, então, os dois filhos seriam tomados como refens, Matthes apresentou-se para salvar os filhos. Nessa altura, Matthes escapou de ser vítima de uma machadada vibrada por Kinczewski, tendo Biermann intervindo no ultimo instante. Anteriormente, Pijarowski com seu machado e Dybowski com sua faca já havia agredido Selma Matthes, de 72 anos de idade, sem, entretanto, a ferirem. Finalmente, Matthes e seus dois filhos foram conduzidos pelos soldados polonêses. Quando estavam sendo deportados, Matthes e seus dois filhos conseguiram salvar-se pela fuga, enquanto os soldados estavam brigando por causa dos objetos de valor que tiraram a Matthes, relaxando assim a vigilancia (1).

Fonte: Sd. K. Ls. Bromberg 22/39.

5. "TODOS OS SZWABY TÊM QUE SER MORTOS A TIROS!"

Assassínio de Giese. — "...partículas de massa encefálica e sangue se achavam colados á parede da cozinha".

A testemunha Giese de Bromberg depôs sob juramento:

Quanto à pessoa: Chamo-me Johanna Giese, n. Geusch, tenho 51 anos de idade, sou de confissão evangélica, popular alemã, resido em Bromberg à rua Konopnickiej, 9.

Quanto à causa: No domingo, aos tres dias do mês de setembro de 1939, entre as 11 e 12 horas, estávamos na adega de nossa casa. Soldados e civís polonêses invadiram o nosso terreno, exigindo que saíssemos da adega. Ao sairmos, um soldado afirmou que tinham partido tiros de nossa casa. Nem tínhamos armas em casa.

Meu genro foi o primeiro a saír da adega. Nesse momento um civil gritou: "Todos os szwaby têm que ser mortos a tiros", sendo meu genro logo ferido por um tiro que lhe furou a artéria, e mais três tiros no peito e no pescoço. Mesmo assim não morreu logo, estando ainda com vida na noite de domingo quando tivemos que fugir. Como não pudemos levá-lo, deitámo-lo num sofá, em nossa residência.

Quando, na terça-feira, os soldados alemães fizeram sua entrada em Bromberg, um sargento me acompanhou até minha propriedade para eu me inteirar do que se passára. Deparei com u mquadro desolador. Tinham tirado meu genro do sofá, tinham-no arrastado até a cozinha, onde jazia debaixo da mesa. Estava com a cabeça rachada, faltando a abóbada craneana e o miolo; partículas da massa cefálica e sangue se achavam colados à parede da cozinha...

---

(1) Pormenores, no documento anterior.

Meu filho Reinhard Giese, de 19 anos de idade, estivera também conosco na adega. Quando viu que estavam atirando em meu genro, êle quiz fugir, e até o conseguiu pulando a cêrca do terreno vezinho. Correram atrás dêle, pegaram-no. Fui, de noite, buscar o cadáver, depositando-o no galpão de lavar roupa. Recebera um tiro no peito.

Outro filho meu, Friedrich Giese, de 25 anos de idade, pelo que fui informada, foi morto a tiro juntamente com toda a família, a cuja casa se refugiára.

Fonte: WR I.

6. "MATAR A PANCADAS, ESSES ALEMÃES !"
OS OLHOS SALTADOS A BAIONETA.

A testemunha Paul Sikorski depôs sob juramento:

Quanto à pessoa: Chamo-me Paul Sikorski, tenho 35 anos de idade, sou católico, de profissão comerciante, confesso-me popular alemão, resido em Bromberg, à rua Muehlenstrasse, 4.

Quanto à causa: No domingo, dia 3 de setembro de 1939, pelas 6 horas da manhã, fui à usina para desligar a luz e parar a turbina. No caminho, ouvi de repente forte gritaria que vinha da parte do aterro da estrada de ferro. Vi a uma distancia de cem metros, como, abaixo do aterro, um grupo de ferroviários, civís e militares davam, com baionetas, coronhas e cacetes, em sete pessoas, de 20 a 60 anos. As vítimas estavam cercadas pelos agressores. Aproximando-me um pouco do grupo, ouvi gritarem em polonês: "Matar a pancadas, esses alemães !" Vi de longe os esguichos de sangue. Afastei-me, porém, vendo que a horda tencionava atirar-se sobre mim. Às 9 horas voltei ao local para ver os cadáveres. Em dois dêles, os olhos estavam desconjunturados à baioneta, as órbitas vazias; vi somente uma massa banhada em sangue. Em tres faltava a abóbada craneana; o miolo ficára a um metro de distancia. Os outros cadáveres estavam tambem totalmente esbordoados. Em um cadáver, o ventre estava rasgado de baixo até em cima. Dois dos mortos eram meus conhecidos, o açougueiro Leichnitz de Jaegerdorf e o sr. Schlicht.

À tarde, pelas 3 ou 4 horas, chegou à minha usina, a usina Peterson, um grupo de ferroviários e soldados, trazendo 18 alemães, que foram amarrados aos dois. Pude constatá-lo exactamente de meu jardim. Depois todos os 18 foram mortos a tiros, aos dois. Em seguida ainda deram pancadas nos que jaziam no chão. Achavam-se entre êles um rapaz de 14 anos e uma mulher. Notava-se que o grupo estava com pressa, pois todos desapareceram logo atrás. Fui ainda ver os cadáveres de perto no lugar onde ficaram durante tres dias.

Na tarde da segunda-feira, quando já se dizia que os soldados polonêses se tinham retirado, dois soldados trouxeram um homem e uma mulher, ambos de avançada idade. Postaram-nos junto a uma parede da usina, onde assisti à cena. Fui ainda ajoelhar-me aos pés dos soldados, pedindo em polonês que deixassem em paz os dois velhos que me pareciam ter uns 65 anos. Mas um dos soldados deu-me uma coronhada, dizendo: "Que morram esses danados niemcys (alemães) !" Nem me tinha levantado, quando os pobres velhos, já mortos, rolaram na vala. Em seguida os soldados afastaram-se correndo.

Fonte: WR I.

7. "A GENTE DEVIA MATÁ-LOS A PAU, E NÃO A TIROS !"
ASSASSINIO DE WILDEMANN.

Segundo as averiguações expostas na sentença, a testemunha D. Wildemann depôs sob juramento:

Várias hordas tinham revistado, na manhã do dia 3 de setembro, a casa da testemunha Wildemann, em Bromberg, à rua Schwedenbergstrasse (Ugory, 56), sem conseguirem descobrir armas.

Pelas tres horas da tarde, apareceu outra horda de cerca de trinta homens, todos armados de cacetes e outras armas semelhantes. Sob o pretexto de alguem ter atirado de dentro da casa, fizeram nova vistoria, oportunidade em que vários objetos pertencentes ao casal Wildemann foram roubados. Na casa não existiam armas, nem ninguem havia atirado. O marido Wildemann tinha procurado refúgio na adega, quando viu aproximar-se a horda. Sendo perguntada, onde se achava seu marido, a testemunha Frau Wildemann respondeu que tinha ido à casa de conhecidos na rua Kujawierstrasse. Transportada para aquela casa e não sendo encontrado o marido, a testemunha, sendo ameaçada e depois de a ela assegurarem que nada aconteceria ao marido, confessou onde êle se encontrava. Voltados à propriedade da testemunha, prenderam o marido da mesma, levando-o juntamente com a mulher até o jardim que fica perto da casa, sendo ambos maltratados. Aí colocaram-nos como si quizessem fuzilá-los. Quando o casal se abraçou e começou a fazer sua ultima oração, os circunstantes escarneceram de suas vítimas e riram delas. Nesse meio tempo ouvia-se a cada instante: "A gente devia matá-los a pau, e não a tiros!" Entre aqueles que gritavam, achava-se o cabeleireiro Alfons Lewandowski. Quando D. Wildemann se dirigiu a êle perguntando: "Que é que lhe estou devendo, que é que eu lhe fiz de mal?", êle ofendeu-a com a frase "Porca alemã, maldita partidária de Hitler" e deu-lhe com a mão no rosto. Em seguida, o marido foi conduzido pelos soldados que, nessa ocasião, se portaram com moderação. Alguns dias depois, encontraram-no morto a pancadas e horrivelmente mutilado, na proximidade do terreno. Êle estava levemente coberto de terra e não poude ser reconhecido senão pelo terno e pelo conteúdo dos bolsos.

Fonte: Sd. K. Ls. Bromberg 14/39.

8. "TODOS OS ALEMÃES TÊM QUE SER ABATIDOS COMO GADO!" ASSASSINIO DE GOLLNICK E KOEPERNICK.

Segundo as averiguações expostas na sentença, as testemunhas Olga e Franz Tafelski depuzeram sob juramento:

A multidão que andava pela rua Breiten Strasse, atiçava os soldados contra o alemão Gollnick. Os soldados abateram Gollnick a coronhadas, deixando-o estirado na rua. Viveu ainda até a noite. A testemunha Tafelski viu que Gollnick ainda mexia a perna esquerda e a mão esquerda quando ia ficando escuro. A populaça tinha virado o corpo de Gollnick que estava de bruços, e lhe tinha aberto a calça de maneira que o ventre se achava descoberto. Pela noitinha compareceram um civil e dois soldados que furaram o ventre de Gollnick com o sabre. Em seguida mataram-no com um tiro.

A tarde andavam bandos de civís e soldados com grande algazarra pela Breiten Strasse, perto do lugar, onde Gollnick jazia gravemente ferido, ouvindo-se gritar que os alemães tinham atirado de dentro de suas casas. Achava-se, naquela multidão, a desempregada Sofie Bednarczyk que gracejava com com os soldados e se comportava, segundo afirma Olga Tafelski, "como uma louca". Franz Tafelski viu como a Bednarczyk ia à frente da horda, de braços cruzados. Toda a sua atitude dava a entender que ela se dava especial importancia. Ela gritou, conforme ouviu Olga Tafelski: "Dai-me o fuzil. Todos os alemães têm que ser abatidos como gado, esses malditos Hitlers". Franz Tafelski ouviu-a gritar: "Todos os alemães têm que ser fuzilados", e, nisso, olhava rindo para os soldados. Na esquina do terreno da Breiten Strasse, n.º 5, quando viu o alemão Gollnick, no chão e com as calças abertas, ela gritou, conforme depoimento da testemunha Bartkowiak: "A esse Hitler precisam decepar os colhões". Cêrca de meia hora depois vieram esmurrando, pelo mesmo lugar, o alemão Koepernick que foi assassinado logo após.

(Esse conjunto de factos foi averiguado, em 30 de outubro de 1939, na sessão final, perante o tribunal especial de Bromberg, à vista dos depoimentos jurados das testemunhas Olga e Franz Tafelski e ainda por Bartkowak e Christa Gollnick).

Fonte: Sd. K. Ls. Bromberg 73/39.

9. "ESTE PORCO AINDA ESTA' COM VIDA!"
ASSASSINIO DE GOLLNICK.

A testemunha Christa Gollnick, Bromberg, rua Kujawerstrasse, 101, depôs sob juramento:

Nós tinhamos um negócio de especiarias, de farinha e forragens. Quando os primeiros soldados polonêses deixaram a cidade, vi como o nosso vizinho polonês se aproximou de um major polonês e lhe disse qualquer cousa, apontando para a nossa casa.

Em seguida os soldados polonêses assaltaram o negócio depois de arrombarem a porta. Pensávamos que fosse haver um combate e que os soldados tratassem de entrincheirar-se em nossa casa. Retirámo-nos, por isso, para o nosso abrigo que tinhamos construido, obedecendo a ordens superiores. Não chegámos, porém, a realizar o nosso intento porque os soldados polonêses dispararam suas armas contra nós. Meu marido foi ferido no ombro e recebeu uma coronhada no rosto. Cambaleando, ainda tentou fugir e, quando estava querendo pular uma cerca, foi alcançado por um civil. Um soldado polonês deu em meu marido outra coronhada, ficando êle deitado no chão. Meus filhos e eu fomos reconduzidos para casa, por um tenente polonês. De uma mansarda pude observar meu marido que, deitado no chão, ainda viveu muito tempo. Vi como êle aproximava a perna ao corpo e a estendia de novo, e como, de vez em quando, levantava a mão. Mas era-nos impossível aproximar-nos dêle porque havia soldados polonêses e civís em toda parte. Um policial polonês ficou parado junto à cerca, onde jazia meu marido.

Mulheres polonêsas gritavam: "Êsse porco ainda está com vida!" Ao escurecer, uns soldados polonêses deram ainda três tiros em meu marido, depois que à tarde alguém lhe déra uma baionetada no ventre. Observei como meu marido chegou as mãos, repetidas vezes, ao lugar da ferida, e procurava abrir a calça que foi encontrada aberta. Minha vizinha contou-me que, ainda no dia seguinte, meu marido estava agonizando.

Meu marido era homem alto e forte, tendo, apenas 38 anos de idade; talvez que, por isso, tenha lutado tanto tempo com a morte. Levou cêrca de 18 horas até que a morte o aliviou.

Fonte: WR I.

10. "VAMOS ABATER-TE!" — "AQUI TÊM O JOVEM HITLERISTA".
ASSASSINIO DE BETTIN.

Segundo as averiguações expostas na sentença, a testemunha Bettin, Bromberg, depôs sob juramento:

No dia 3 de setembro de 1939, no chamado "Domingo da Paixão de Bromberg", uma horda de bandidos polonêses penetrou de vários lados no terreno da família Bettin, à rua Frankenstrasse, 76, em Bromberg.

Os membros da família Bettin ouviram como já começaram a quebrar as vidraças de fóra, razão por que abriram a porta. Todas as pessoas da família tiveram que sair de braços erguidos e ajoelhar-se. A testemunha Bettin trazia uma cruz swastica que lhe caíu do seio. Êste incidente levou a multidão, na qual se achavam alguns polonêses, armados de revólveres e de forcados, e um de machada, a injuriar a testemunha da maneira mais aviltante. Empregaram frases como: "Hitlerista" e "Porca hitlerista"; "Vamos abater-te". Depois ela foi entregue a dois polonêses, dos quais um era o ferroviário Bruski. Nisso ela foi maltratado e, por assim dizer, arrojada do páteo; no caminho, foi puxada pelo braço e ameaçada de cacete. Na esquina da rua Boelitzer, ela foi entregue a dois outros polonêses, um funcionário de correio, vestido de policial, e um ferroviário, dizendo Bruski: "Aqui têm a jovem hitlerista". À tarde, entre as 16 e 17 horas, ela foi libertada por um oficial polonês. Quando chegou à casa, ela soube que só a mãe dela e a cunhada ainda estavam presentes; o pai e o irmão tinha sido arrastados e deportados pelo bando polonês. O irmão foi, mais tarde, encontrado morto; o pai dela, desde aquele tempo, se acha desaparecido, presumindo-se que tenha sido assassinado tambem.

Fonte: Sd. K. Ls. Bromberg 91/39.

11. "PEGUEM-NO PARA EU MATA-LO !"
ASSASSINIO DE THIEDE E MITTELSTAEDT.

Segundo as averiguações expostas na sentença, as testemunhas Gerda Thiede e Otto Papke, fabricante de aros, de Schulitz, depuzeram sob juramento:

O motorista Waclaw Pasterski possue em Schulitz um terreno em frente à residência da família Thiede. Esta se compõe da mãe e dois filhos, Gerda e Werner. E' familia alemã e já lá reside ha anos; Waclaw Pasterski é polonês, tendo chegado a Schulitz, ha 7 anos.

No domingo, dia 3 de setembro de 1939, os soldados polonêses juntaram o gado abandonado por polonêses fugidos, nas plantações de nabos da família Thiede. Com o fim de verificar os danos causados, a familia Thiede, acompanhada de Emil Mittelstaedt que estava de visita, e que mora poucos lotes adiante, foi até a plantação. Quando chegaram, veiu uma turma de soldados polonêses do bosque, perguntando se eram alemães ou polonêses. Werner Thiede respondeu: alemão; Mittelstaedt, polonês. Em seguida os soldados revistaram a Werner Thiede, mas não encontraram armas. Os membros da família Thiede foram, então, obrigados a andar, de braços erguidos, até o bosque, seguidos pelos soldados. Mittelstaedt teve licença para ficar. Nêsse meio tempo vinha do bosque o motorista Waclaw Pasterski, armado de machada e faca, e, deparando com o Werner Thiede, gritou imediatamente aos soldados: "Peguem-no, esse pequeno de camisa, para eu matá-lo". Ouvindo essas palavras, Werner Thiede mudou de direcção, procurando fugir. Indo logo em seu encalço, os soldados desfecharam-lhe vários tiros. A testemunha Gerda Thiede, virando-se, nessa ocasião, apesar de lh'o terem proibido, viu Mittelstaedt esticado no gramado e coberto de sangue. Êle tinha uma ferida de um lado. A testemunha atribue essa ferida a uma machadada de Pasterski, porque os soldados tinham abandonado o gramado ao perseguirem o Thiede, de sorte que ninguém poderia ter cometido o crime senão Pasterski. Gerda Thiede, aliás, ouvira Pasterski afirmar que Mittelstaedt era alemão. Otto Papke que viu a vítima estendida no gramado, declarou que a ferida provinha, de facto, de uma machadada. Mittelstaedt ficou abandonado a suas dôres até a noite quando morreu. Werner Thiede foi encontrado morto por um vizinho dêle, de nome Kriewald, que o enterrou. Segundo Kriewald e conforme o depoimento da testemunha, Gerda Thiede, Werner Thiede recebera tiros nas costas, tendo, além disso, forte contusão na cabeça.

Werner Thiede tinha 20 anos; Mittelstaedt, cêrca de 30. Este enviuvára, havia pouco tempo, deixando um filho menor.

Fonte: Sd. K. Ls. Bromberg 7/39.

12. "DEUS NOS VALHA... AGORA TEMOS QUE MORRER..."
ASSASSINIO DE FINGER.

Presentes: — Bengsch, promotor público, na qualidade de auditor. — Kraus, funcionário da justiça, na qualidade de secretário no processo criminal contra Owczaczak, acusado de homicidio, comparece a testemunha Finger, devidamente intimada, depondo:

Chamo-me Kaethe Finger, n. Boehlke, tenho 48 anos de idade, sou viuva de procurador de banco, resido em Bromberg, não sou parenta, nem aparentada do acusado.

No Domingo da Paixão, achavam-se, em nossa residência, vários populares alemães e uma polonêsa que tinhamos aceita em nossa casa para nos servir em caso de perigo. Meu marido teria agora 62 anos. Pelas 11 horas da manhã a população se movimentava em nossa rua. Encontravam-se, na multidão, os irmãos Weya que moram na casa Raddatz, em frente á nossa, e o acusado Owczaczak. Um dos irmãos Weyna estava armado.

A certa altura, ouvi meu marido dizer, num compartimento contiguo, a D.ª Goede, que Owczaczak apontava para a nossa casa. Momentos depois, chegou-se a mim, dizendo: "Deus nos valha, o populacho vem vindo à nossa casa, agora temos que morrer". Disse-me ainda que queriamos morrer juntos. Pouco depois entraram em nossa casa e com êles um soldado que exigiu nos deitassemos sobre o tapete. Fizémo-lo. O soldado desfechou um tiro que matou meu marido. Aguardando o segundo tiro, o qual, porém, não foi dado e estranhando o facto, levantei um pouco o corpo, vendo, então, que minhas mãos estavam tintas do sangue de meu marido. Quando eu disse "meu Deus", o soldado fez-me levantar à força. Depois me empurraram pela porta e me levaram embora com outras pessoas que tinham procurado abrigo em nossa casa. No caminho nos injuriaram e nos deram pancadas e pontapés. Quando passamos perto das esclusas, um civil polonês tentou arrastar-me até o canal, chamando-me de "Psia krew Hitlerowa". Consegui, porém, desvencilhar-me. Levaram-me, depois, ao posto policial, onde me receberam com um pontapé tão forte que fui bater numa cêrca. Todos os presos foram obrigados a se deitarem estendidos no páteo do posto, e disseram-nos: "Fiquem aí como gado, cachorros alemães". Vieram chegando mais outras vítimas ensanguentadas pelas pancadas que receberam e gemendo de dores. A meu lado achava-se meu filho de 12 anos de idade. Das casas vizinhas e da parte das esclusas vinham tiros que feriram vários alemães, que foram removidos, não me constando se estavam mortos. Após 7 horas fui posta em liberdade, com meu filho, devido à interferência de um funcionário da polícia polonêsa.

No páteo do posto policial havia também uma metralhadora dirigida sôbre os presos que foram obrigados a se ajoelharem e darem um "viva" a Rydz-Smigly. Depois ainda nos perguntaram se não tinhamos levado boa vida na Polonia, e quando uma mulher teve a coragem de negar, dirigiram a metralhadora, sôbre ela, dizendo-lhe que seria imediatamente fuzilada. Reinava terrivel confusão no páteo. Sou incapaz de descrever todos os maus tratos que infligiram aos presos.

Reafirmo a veracidade deste meu depoimento, referindo-me a meu juramento prestado sôbre a causa, em 11 de setembro de 1939, perante o tribunal especial de Bromberg.

L. apr. ass.
ass. Kaethe Finger, n. Boehlke
Encerrado:
ass. Bengsch ass. Krauss
Fonte: Sd. K. Ls. Bromberg 2/39

13. "O SANGUINARIO DE BROMBERG". MULHER GRAVIDA FURADA A BAIONETA.

A testemunha Roesner de Bromberg depôs sob juramento:

No posto policial maltrataram-me com pancadas no rosto e pontapés. A noitinha conduziram-nos para a séde do governo, onde ouvi os gritos dos maltratados e verifiquei que havia cêrca de 200 mortos e feridos. Em parte procediam da maneira seguinte: Diziam aos alemães que acabavam de ser ouvidos, que podiam retirar-se. Quando, porém, iam descendo a escada, davam-lhes tiros por trás, matando-os, ou liquidando-os a coronhadas, arremessando-os pelas escadas abaixo. Vi, em particular, como espetaram por trás, uma mulher grávida com a baioneta, desencravando-o por meio de um pontapé na vitima, de maneira que ela caíu pela escada abaixo, falecendo depois de receber mais um tiro. Um tal Roberschewski, alto funcionário da polícia, conhecido sob o apelido "Sanguinário de Bromberg" e que se acha foragido, disse várias vezes quando se tornavam intoleráveis os gritos dos torturados e que, por isso, tocavam uma sereia de mão, apontando para um cachorrinho: "Que é que está gritando esse cachorro? Dêm-lhe na cabeça!", querendo dar a entender que se devia liquidar os que gritavam. E é o que se fazia. Já anteriormente Roberschewski fizera com que matassem a pancadas três alemães. Vi tambem que em uma sala se achavam deitadas dez pessoas completamente nuas, das quais sete já estavam mortas, todas terrivelmente machucadas em todo o corpo. As três ainda vivas jaziam no fundo, soltando gemidos. R. passando com vários polonêses, perguntou: "Ainda estão vivos?", fazendo sinal aos outros polonêses, que desconheço, ao que estes pegaram de umas machadas ensanguentadas, matando os três.

Fonte: Sd. K. Ls. Bromberg 79/39.

14. MENINO DE 11 ANOS, ARRANCADO DOS BRAÇOS DA MÃE E MORTO A PANCADAS. — ASSASSINIO DE QUATRO PESSOAS DA FAMILIA DO JARDINEIRO BEYER, BROMBERG.

Extraido das actas da central da polícia criminal do Reich — Comissão especial de Bromberg — Distinctivo Tgb. V (RKPA) 1486/7.39.

I.

O assassínio cometido em pessoas da família do jardineiro Beyer, residente no bairro de Hohenholm da cidade de Bromberg, é característico para grande número de famílias pertencentes a determinados grupos profissionais, vitimadas, no Domingo da Paixão, pelas hordas polonêsas, e que foram quase todas, em parte, totalmente dizimadas, como é característico para determinados grupos de criminosos, pertencentes a organizações estaduais de funcionários polonêses, e que, ao que parece, nenhuma ligação tiveram com os militares que são responsáveis por centenas de massacres.

II.

Integralmente esclarecidos os sucessos por depoimentos e pelo estudo do material objetivo, o estudo criminal e pericial do assassínio Beyer demonstrou que, à noitinha do Domingo da Paixão, penetraram, no terreno do jardineiro Friedrich Beyer, oito ou nove — divergem aí os depoentes — funcionários da estrada de ferro francêsa de Gdigen, uniformizados, chefiados por um moço de 17 anos, de nome Jan Gaca, já condenado à morte por sentença do tribunal especial. Anteriormente, os criminosos tinham disparado tiros para o terreno, motivo por que a família Beyer, composta do casal Beyer, seus dois filhos de 11 e 18 anos e do servente Erich Thiede, tentou fugir para a residência próxima da progenitora de Beyer, senhora de 66 anos de idade. Seguiram-lhes os ferroviários, ainda sob a chefia de Gaca, fazendo voltar os fugitivos e a senhora idosa para o terreno do jardineiro, onde lhes declararam, como tantas vezes aconteceu em Bromberg, que Beyer possuia uma metralhadora que devia entregar-lhes. Feita a vistoria sem resultado positivo, conduziram Beyer, seus dois filhos e o servente Thiede para o posto policial da estação, onde deveriam depôr sôbre a posse injustificada de uma metralhadora. Nisso não se envergonharem os ferroviários de arrancar, dos braços da mãe, o filhinho Kurt de 11 anos de idade, procedendo com extrema brutalidade, para que o pequeno fosse tambem "responder" pela posse indevida da metralhadora. E' significativo que, ao levarem seus presos, uma polonêsa disse a outra: "Agora estão dando caça aos Beyers!"

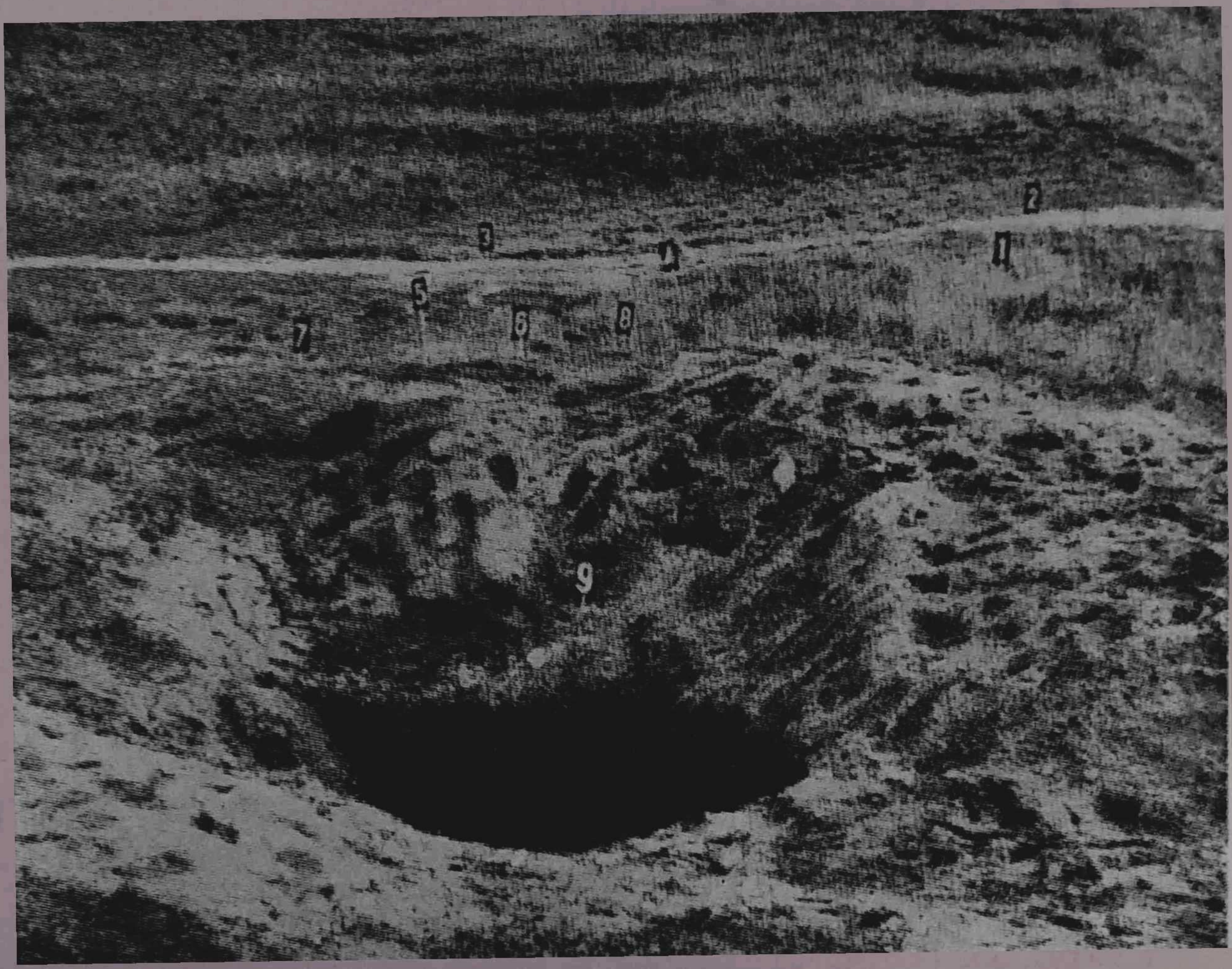
III.

Na segunda-feira que seguiu ao Domingo da Paixão, pelas 9 horas da manhã, o polonês Stefan Sitarek encontrou no antigo campo de exercício, polonês, contíguo à estação da estrada de ferro francêsa de Gdingen, os cadáveres de Friedrich Beyer e de seu filho Heinz, como tambem o do servente Thiede, entre os quais jazia o menor Heinz de 11 anos, que lhe parecia gravemente ferido, pois retorcia o corpo e gemia horrivelmente. Sitarek, o polonês, esforçou-se por socorrer o menino ferido, mas, segundo seu depoimento que merece fé, as autoridades a cujo cargo ficava a remoção dos gravemente feridos, não o atenderam, de sorte que o infeliz veiu a falecer, na manhã de 4 de setembro, ao lado de seu pai e do irmão.

Pelo meio-dia do mesmo dia, os quatro cadáveres foram enterrados, por civis polonêses, no local onde, mais tarde, a polícia criminal procedeu suas investigações.

IV.

O médico legista encarregado da autópsia dos quatro cadáveres, declara em seu laudo pericial que todas as vítimas foram mortas, a pouca distância, por meio de armas de mão — grande número dos funcionários da estrada de ferro achavam-se armados de "revólveres, marca Nagan" — ou de espingardas



Assassínio Beyer — Tgb. (RKPA) 1486/7. 39. A gravura mostra a cóva onde foram enterrados os cadáveres de Friedrich Beyer, de seus dois filhos, de 11 e 18 anos, e do servente Thiede. Os números marcam os cadáveres de Kurt Beyer (1 e 2), de Friedrich Beyer (3 e 4), de Erich Thiede (5 e 6) e de Heinz Beyer (7 e 8). Em 9 foi encontrada uma poça de sangue.

de caça, empregando-se cartuchos de meia camisa (1). Só o cadáver do menor Kurt Beyer, de 11 anos, apresentou dois tiros que atravessaram o peito da frente para trás, sendo um encravado, além disso, grave esmagamento do rádio e cúbito do antebraço direito e um ferimento produzido por golpe, acima do olho esquerdo, ferimentos estes dos quais nenhum foi mortal, mesmo em combinação com outro.

15. ASSASSINIO DA FAMILIA RADLER.

Ameaçada pelas baionetas dos soldados poloneses, a filha Dorothéa, de 14 anos, é obrigada a ajudar sua mãe a enterrar o pai e os irmãos assassinados.

Extraido das atas da central da polícia criminal do Reich — Comissão especial — Distintivo: Tgb. V (RKPA) 1486/2. 39.

No correr dos dias 3 e 4 de setembro de 1939, soldados polonêses mataram a tiros o popular alemão Artur Radler e seus dois filhos Fritz, com 19 anos, e Heinz, com 16 anos, na propriedade do referido Artur Radler, em Bromberg. Wladyslawa Belzy 55 (2). Os assassínios, dos quais, o de Artur Radler foi executado com incrível brutalidade, constituem provas de uma bestialidade e infâmia sem igual pela crueldade e desumanidade com que os criminosos exerceram sua força sobre a esposa do assassinado e sobre a menor Dorothea.

---

(1) Foram retirados projéteis encravados.

(2) Provavelmente do regimento de infantaria, n.º 61 — continuam as investigações.

II.

A viuva Hedwig Radler e sua filha Dorothea, nascida a 20 de junho de 1925, em Bromberg, descreveram, uniformemente, os acontecimentos que resumimos a seguir:

No dia 3 de setembro, nas primeiras horas da tarde penetraram na propriedade de Radler 5 soldados polonêses que, sob constantes ameaças às pessoas da família, deram busca em toda a casa, prendendo, em seguida o menor Fritz Radler, de 19 anos de idade. Ouvindo, momentos depois, um tiro na rua, o pai Artur Radler correu para a rua onde encontrou a pouca distância de sua casa o filho já morto. Um oficial polonês obrigou o pai, dando-lhe chicotadas e ameaçando mandar fuzilá-lo, a abandonar o cadáver e retirar-se para sua residência. Na manhã do dia seguinte vieram buscar Artur Radler, em sua casa, para êle dar água aos cavalos dos soldados de uma bomba que se encontra em frente de sua propriedade. Pelas 8 horas — pouco tempo depois — os mesmos soldados, à saida do páteo, pediram de beber, ao que o filho menor Heinz Radler, de 16 anos, lhes trouxe um pote de leite. Apontando para o cadáver do irmão que jazia perto, escarneceram dêle, provocando-o assim a observar que seu irmão morto fôra inocente. Imediatamente, e como se esperassem essa observação, os soldados começaram a esbordoar Heinz Radler que procurou fugir pelo jardim que fica no fundo, sendo, então perseguido por todos que estavam presentes: soldados e civís. No jardim deram dois tiros, e, pouco tempo depois, jogaram, num quarto contígua onde se achavam a esposa de Radler e sua filha doente, uma granada de mão que despedaçou a porta do quarto. De repente veiu Artur Radler, que tinha que ficar às ordens dos soldados, apesar de lhe terem perseguido e morto o filho mais moço. Mas nem poude se informar sobre o que havia acontecido quando o chamaram com impaciência. A mulher e a filha pediram-lhe ainda que se apressasse para que os soldados não tivessem pretexto que a elas pudesse custar a vida do marido e pai.

Mas nem tinha chegado à porta quando começaram a atirar sôbre êle. Caído no chão, debateu-se sob grandes dores, pedindo que "dessem fim aos seus sofrimentos". A essas palavras, os soldados e civís aumentaram seus escárneos, gritando: "Deixem morrer o cachorro!", dando, assim, a entender que era seu desejo que êle morresse em consequência de seus ferimentos. Algum tempo depois, um oficial polonês, montado a cavalo, entrou no páteo e, cuspindo no ferido, na presença da mulher, gritou: "Teraz jest Ci lepiej, Ty bandyta hitlerowski!" (1). A jovem filha, bastante enfraquecida por sua doença, foi impedida de dar agua a seu pai. Passaram-se, assim, horas, durante as quais os soldados não sómente continuaram seus escárneos e suas injúrias, como ainda cometeram a baixeza de afastar mãe e filha do pai agonizante e as conduzirem para fóra da casa, obrigando-as a declararem onde se achavam enterrados seus objetos de valor. Rodeados por uma multidão em que havia tambem mulheres e crianças, desenterraram aqueles objetos distribuindo-os aos circunstantes, embora, a poucos metros de distância, Artur Radler ainda se debatesse em seu sangue, gemendo e pedindo água. A' tarde, pelas 16 horas, o mesmo soldado que tinha dado o primeiro tiro em Artur Radler, lhe deu outro na cabeça. Pouco depois — a mulher e a filha fôram obrigadas a se retirarem para o quarto de estar — soldados e civís colocaram os três cadáveres numa cova de 1,50 de fundo. Depois de aberta a cova e tendo que jogar as primeiras pás de terra sôbre os cadáveres, a mulher sentiu faltarem-lhe as forças; houve, então quem se ofereceu a encher a cova mediante o pagamento de 20 zlotys.

III.

Os dados essenciais, comunicados já havia dias, pelas testemunhas e que não apresentaram contradições, puderam ser verificados integralmente no local e pelas autópsias. Verificou-se, em primeiro lugar, que a residência da família Radler, situada, no perímetro léste, pouco povoado, da cidade, a pouca distância de um cruzamento de ruas, das quais uma leva para a saida

---

(1) Estás passando melhor, bandido hitlerista !

Assassínio Radler — Bromberg — Tgb. (RKPA) 1486/2. 39. A esposa Hedwig e sua filha Dorothea Radler, de 14 anos de idade

sudeste de Bromberg, se encontrava, nos dias 3 e 4 de setembro de 1939, num dos focos militares das tropas polonêses que se retiravam. À entrada da propriedade de Radler, separada da sua por pequeno páteo, descobriram-se, à altura do pescoço, vestígios na madeira que provam, indubitàvelmente, o efeito de projétis e a direção dos tiros. As informações, e especialmente aquelas que descrevem acontecimentos desenrolados fóra da casa, tendo sido observados de dentro da mesma, foram repetidas pelas testemunhas no local, tendo-se constatado que, realmente, eram procedentes. Assim, por exemplo, se fez constar, por meio de fotografias, que a jovem Dorothea Radler não sómente poude observar como foram dados os tiros sôbre seu pai, como tambem que, forçosamente, tinha que observá-lo. Da mesma forma foram verificados, por exame posterior e com resultado afirmativo, os depoimentos das testemunhas sôbre os graves maus tratos infligidos a Heinz Radler, sôbre os acontecimentos no local do assassínio no jardim, como ainda sôbre o escarnecimento do ferido Artu Rr. pelo oficial montado. De outro lado, foi verificado que, relativamente aos factos resultantes das investigações, se tinham omitido indicações onde não fôra possivel fazer observações devido a circunstâncias locais ou outras, facto que realça o valor do depoimento da menor Dorothea Radler, visto que, segundo as experiências criminalísticas, em casos como o presente, não raras vezes, o depoente confunde o que êle mesmo viu e ouviu com o que viu mais tarde ou reconstruiu conforme sua lógica.

O resultado das investigações procedidas com a máxima exatidão, obriga a aceitar como integralmente verídicos os depoimentos dos sobreviventes da família Radler. A vista do facto, não se pode descobrir razão ou motivo que justifique — ao menos, subjetivamente — os assassínios, de maneira que devem ser considerados como propositais e premeditados. Mas os criminosos são — exceptuando o homicídio cometido em Fritz Radler, em que podem ter participado civis armados — conforme ficou averiguado, soldados do exército polonês que cometeram assassínios e actos bestiais, no mínimo com a tolerância dos respectivos superiores.

O depoimento de Dorothéa Radler, de 14 anos de idade.

No domingo, dia 3 de setembro de 1939, pelas 16 horas, cerca de seis soldados polonêses penetraram em nossa casa. Deram uma busca para descobrir armas. Depois da vistoria que correu sem resultado, levaram com êles meu irmão mais velho, Fritz, com 18 anos de idade. Conduziram-no até atrás de uma cêrca que dista uns 200 metros de nossa casa. Um vizinho que também já está morto, disse, pouco depois, a meu pai, Artur Radler, que tinham fuzilado meu irmão. Já haviam sido fuzilados outros alemães. O chefe da Companhia de Gaz afirmou-nos que os soldados polonêses removeriam todos os mortos. Por isso, deixámos o cadáver de meu irmão no lugar onde se achava, até a segunda-feira, de noite. Depois fomos obrigados pelos soldados a enterrá-lo. Meu pai contou-nos que meu irmão recebera um tiro no peito.

Na segunda-feira, dia 4 de setembro, vieram novamente soldados polonêses, do bosque, e, desta vez, muitos, um destacamento inteiro. Pediram para beber. Meu irmão de 16 anos estava no páteo. Os soldados tinham vindo acompanhados de civís. Disseram, então, os soldados a meu irmão mais moço que o mais velho tinha atirado sôbre êles. Quando meu irmão respondeu que êle não tinha atirado, deram-lhe com a coronha e com o punho na cabeça e no ombro. Atemorizado, meu irmão fugiu, procurando esconder-se nos framboezeiros. Lá o encontraram e o mataram com dois tiros, sendo um na cabeça.

Um quarto de hora depois meu pai veiu dizer-nos que os soldados tinham colocado uma granada em nossa casa. Pouco depois, os soldados tornaram a entrar no páteo, indo meu pai ao encontro dêles. Imediatamente, os soldados atiraram sôbre meu pai. Feriram-no no pescoço. A bala saíra pela omoplata onde se via uma grande abertura, por onde saíra também o pulmão. Ainda não estava morto meu pai, ainda viveu 5 horas. Proibiram-nos dar-lhe de beber e socorrê-lo de outra fórma. Meu pai pediu aos soldados que lhe dessem o tiro de graça. Riram-se dêle e disseram: "Podes morrer como um animal". Nisso a multidão ria e berrava. Finalmente, 5 horas após, um soldado, compadecendo-se dêle, deu-lhe o tiro de graça na fonte. A bala era tambem muito grande; saíra o miôlo da cabeça.

Na noite de segunda para terça-feira ainda ficámos em nossa casa. No dia seguinte assentaram muitas peças de artilharia na proximidade de nossa casa. Por medo de que nos acontecesse alguma coisa, fomos à casa de nosso vizinho, Johann Held. Esta testemunha ainda vive. Quizemos esconder-nos na adega de sua casa, no que fomos impedidas pelo arrendatário da testemunha Held. O arrendatário chama-se Gòrski...

L. apr. ass.

ass. Dorothea Radler.

Fonte: WR I (1)

---

(1) O protocolo acha-se reproduzido no original (V. provas documentaes, página n.º 271).

16. MULHER PERTENCENTE À MINORIA ALEMÃ, FERIDA POR 18 ESTILHAÇOS DE GRANADA. — HOMICIDIO DE MAX KORTH.

A testemunha Charlotte Korth de Bromberg depõe sob juramento:

Quanto à pessoa: Chamo-me Charlotte Korth, n. Fricke; sou a viuva do negociante Max Korth; tenho 41 anos de idade; sou de confissão evangélica, pertenço à minoria alemã; resido em Bromberg, à rua Hippelstrasse, 3.

Quanto à causa: Meu marido é antigo oficial activo do exército alemão, participou da guerra mundial, passou seis anos como prisioneiro de guerra na Rússia; tinha 45 anos de idade.

No domingo, dia 3 de setembro, de manhã, meu marido se tinha escondido numa casa de moradia em frente da nossa, porque a polícia polonêsa e os revoltosos o estavam procurando. Eles sabiam que fôra oficial do exército alemão. Meu marido escondera-se, depois, naquela mesma casa polonêsa, no abrigo contra ataques aéreos. O polonês Sionon Janek denunciou, aos soldados e aos revoltosos polonêses, o refúgio de meu marido. Gritou-lhes: "Lá está o szwab !". "Szwab" é o apelido injurioso que dão aos alemães.

De D.ª Bayda que mora em nossa casa ouvi mais as seguintes informações: Arrastaram meu marido até o nosso terreno e cravaram-lhe a baioneta na fonte esquerda quando estava no chão. Quando, após 20 minutos, ainda não estava morto, mataram-no a coronhadas. Em seguida arrastaram o cadáver até à rua, onde o encontrei ao meio-dia da terça-feira. Meu marido tinha uma ferida penetrante da largura de tres dedos, na fonte esquerda. O crâneo fôra esmagado, do lado esquerdo, por coronhadas, de maneira que o miolo se achava descoberto.

Minha residência ficou danificada de uma maneira tal que ainda não posso voltar para lá.

Na sexta-feira, dia 1.º de setembro, eu fôra com meus dois filhos à casa de meus pais, porque meu pai sofrera um ataque apoplético. Meus pais moram à rua Berliner Strasse, 20, em Bromberg.

No domingo, dia 3 de setembro, os polonêses entraram tambem naquela casa. Eram um tenente polonês, cinco soldados e tres revoltosos. Bateram à porta, e, indo eu abrir, perguntaram-me: "Onde está aquele que atirou daqui ?". Respondi: "Além de meu velho pai, não ha homem aqui em casa, as demais pessoas são mulheres".

Nós, cinco mulheres, fomos conduzidas para o páteo, sendo, além de mim, Frieda Froehlich, criada; Liwia Cresoli, pensionista; mãe e filha Karowski. Estavam tambem, no páteo, duas parentas polonêsas de Karowski. Na presença de um oficial, tivemos que juntar-nos em um grupo. Um revoltoso sacou o revólver. Mas um soldado polonês deteve-o, dizendo: "Não, uma granada de mão !" Corri para a casa e, pulando pela janela, para a rua, procurando refugiar-me na casa do padeiro Kunkel. A mulher dêle recebeu-me, porém, com estas palavras: "Bem feito a esta maldita *niemce* (alemã) !". Corri a rua abaixo, perseguida pelos tiros dos soldados. Fui ferida, de trás, no quadril esquerdo. — A bala ainda não foi tirada. — Parei. Veiu um revoltoso, e, segurando-me no braço, conduziu-me ao posto de comando, instalado na escola Hippel. Ao passar por entre os soldados, bateram-me com as coronhas, em todo o corpo e sem piedade. Durante tres horas, tive que ficar, de braços erguidos, junto à parede, e de maneira que meu nariz tocava na parede. Aí então, ouvi como trouxeram meu pai de rastos e o atiraram no chão. Meu pai tem 71 anos de idade e é homem que precisa de amparo. Já não estava com forças para mover-se por si mesmo. Trouxeram tambem todos os meus parentes e os outros inquilinos de nossa casa.

Meus filhos foram interrogados. Como falavam bem o polonês, minha filha conseguiu que os soldados nos déssem água e nos permitissem que nos sentássemos. Acusaram-nos de termos atirado com uma metralhadora sôbre soldados polonêses. Facto é que, mais tarde, os soldados alemães encontraram em uma casa polonêsa, em frente da nossa, três metralhadoras, granadas de mão. E' facto tambem que não tinhamos armas de fogo em nossa casa, e em casa de meus pais. Finalmente, pelas 5 horas da tarde, nos soltaram sem alegarem motivos.

Antes de eu poder fugir do páteo, explodiu, bem perto de meus pais, uma granada de mão, atirada pelo revoltoso, ficando eu com 18 feridas provenientes de estilhaços da granada. (A testemunha mostrou, em seu corpo, vários ferimentos provenientes de estilhaços). Tres de nós tiveram que ser internadas no hospital. Os ferimentos eram quase todos nos pés. Durante nossa ausência, nossa casa foi saqueada. Os bandidos roubaram sómenmente joias e dinheiro. Tudo está em pedaços.

A testemunha pede que se desista da leitura do protocolo porque se sentia incapaz de ouví-lo segunda vez, dizendo que se lembrava de tudo e aprovava o protocolo.

ass. Charlatte Korth

Fonte: WR I.

17. MORTO — ROUBADO — SOTERRADO. ASSASSINIO DE SCHLICHT.

A testemunha Herbert Schlicht, Bromberg, Berliner Str. 197, depõe sob juramento:

No domingo, dia 3 de setembro de 1939, fui preso juntamente com meu cunhado Hannes Schuelke. Levaram-nos até o quartel do 62.° regimento. Aí nos bateram e trataram-nos com cacetes e facas. Quando quizeram me espetar com a faca, pedi-lhes que me deixassem em paz, que eu tinha mulher e dois filhos. Deixaram, então, de me espetar, mas deram-me com cacetes e alavancas em todas as partes do corpo.

Prenderam-me sobre pretexto de eu ter atirado. Nem possuia armas. Colocaram cartuchos em qualquer parte, alegando que tinhamos atirado.

Schlicht foi, mais tarde, solto porque demonstrou, por sua caderneta, ser reservista do exército polonês; êle depõe mais o seguinte:

Nem tinhamos saído pelo portão quando os dez populares alemães que tinham ficado. foram fuzilados.

Fui, então, na adega da casa de meus pais, onde encontrei minha mãe e minha irmã. Elas disseram-me que meu pai fôra assassinado; que seu cadáver jazia na praça, perto de Peterson. Fui, então, com a pá, procurar o cadaver de meu pai. No terreno de Peterson, descobri, logo, um ponto no chão que havia sido cavado, há pouco, e que era elástico como borracha. Com pouco esforço, desenterrei o cadáver de meu pai. Tinham-lhe tirado o olho direito com a baioneta, e rasgado o lado direito do rosto. No corpo todo tinha manchas verdes e azues. Meu pai tinha 58 anos de idade. Os assassinos tinham-lhe roubado o conteúdo da carteira; a carteira vazia jogaram na porta da casa de minha mãe. Os criminosos não me são conhecidos.

Debaixo de meu pai, achavam-se enterrados mais seis homens. Desenterrei três dêles. Em um cadáver faltava a abóbada craneana e o miolo. Outro tinha o ventre aberto, estando os intestinos de fóra. Outro tinha o rosto esmagado e estava sem nariz.

ass. Herbert Schlicht

Fonte: WR I.

18. "O MIOLO ESTAVA DE FÓRA — FALTAVAM OS OLHOS". — "MEU MARIDO ESTAVA HORRIVELMENTE MUTILADO". ASSASSINIO DE BOELITZ E DE PAUL BERG, DE 15 ANOS DE IDADE.

A testemunha Anna Boelitz, de Bromberg, depõe sob juramento:

No domingo, dia 3 de setembro de 1939, pelo meio-dia, iniciaram forte tiroteio em Jaegerhof. Fomos para o quarto de nosso empregado Paul Berg, com o fim de salvar-nos da casa. Os soldados atiravam diretamente pela janela. Deitámo-nos no chão até que meu marido me pediu para sair porque eu sabia falar um pouco em polonês. Exigiram que meu marido saisse, dizendo que tinha atirado, ao que respondi que nem tinhamos arma em casa. Meu marido teve que levantar os braços, e levaram-no dando-lhe pontapés e coronhadas. Em seguida deram busca em nossa casa. Pouco tempo depois vieram buscar o menor Paul Berg que contava, apenas 15 anos de idade. Na noite de quarta-feira, encontrei meu marido no mesmo lugar onde foi encontrado tambem o pastor Kutzer. Meu marido estava horrivelmente mutilado. Faltava-lhe toda a abóbada craneana, o miolo estava de fóra, faltavam os olhos. Paul Berg estava tambem naquele lugar. Não fui vêr-lhe os ferimentos porque estava deitado com o rosto na terra.

Fonte: WR I.

19. UM MARTELO COLOCADO NO VENTRE DO ASSASSINADO. ASSASSINIO DE SCHMIEDE.

Bromberg, 11 de setembro de 1939.

Presentes: Conselheiro do tribunal de guerra da arma aérea, Dr. Waltzog. — Walter Hammler, escrivão "ad hoc".

Na causa Bromberg I, no que concerne a investigações relativas ao direito das gentes, foi ouvida a testemunha Irma Ristau, n. Bloch.

Depois de, devidamente informada sobre o alcance do juramento, ela depôs:

Quanto à pessoa: Tenho 25 anos de idade, sou de confissão evangélica, moro em Bromberg, à rua Kartuzka, 10.

Quanto à causa: Meu marido trabalhava com o jardineiro Schmiede em Bromberg. No sábado, dia 2 de setembro, meu marido perguntou, por telefone, a seu empregador, se ainda devia comparecer ao trabalho. O sr. Schmiede respondeu-lhe que nada sabia de uma guerra e que viesse trabalhar. Meu marido foi, então, ao trabalho. Acompanhei-o porque nosso vizinho, Pinczewski, morador da rua Kartuzka, 8, ameaçára que, logo que rebentasse a guerra, nos rasgaria a nós "Hitlers" — assim nos chamava êle — as pernas e jogaria nossos intestinos na rua. Eu tambem tivera que abandonar meu serviço no dia anterior porque me tinham batido e ameaçado com uma barra de ferro. Devido, pois, à situação crítica, não me separei de meu marido.

De sábado até domingo passamos a noite em casa do jardineiro Schmiede, cujo terreno fica num subúrbio perto da cidade. Havia lá tambem vários polonêses. Depois do almoço, os polonêses fugiram, mandando-nos soldados polonêses. Quando chegaram, pediram um intérprete, porque o sr. Schmiede estava muito exaltado para poder entender-se com êles em polonês. Perguntaram-lhe: "Você, filho de uma puta, tem armas?" Schmiede negou, dizendo que déssem busca em sua casa. Os polonêses disseram, então: "Três passos para trás!" e mataram-no. A senhora Schmiede deitou-se ao lado do marido morto para despedir-se dêle, sendo, nessa ocasião alvejada pelos polonêses, sem, entretanto, acertarem. Ela fugiu, então, chamando-nos com as palavras: "Venham todos para a adega que os polonêses vão nos matar a todos". Fugimos para a adega. Os polonêses cercaram a casa, dando tiros nas portas e janelas do porão, de todos os lados. Finalmente puzeram fogo na casa, e, para não morrermos queimados, tentámos escapar do porão. Pela porta já não havia saída porque o corredor já se achava em chamas e porque os soldados atiravam toda a vez que alguem aparecia à porta. Procurámos, por isso, escapar pelas janelas do porão. O primeiro a saír foi um aprendíz de jardineiro. Encontrámo-lo, depois, morto, no jardim. Depois fugi eu com meu marido. Na rua levantamos os braços, pedindo aos polonêses que não atirassem, que nos entregávamos. Mas os civís polonêses alí presentes, gritavam: "Precisam atirar nesses, que são Hitlers, são espiões". Um soldado polonês matou, então, meu marido que se achava a meu lado, com um tiro na cabeça. Eu mesma, assustada pela detonação e sob a dôr de minha perda, desmaiei. Quando recuperei os sentidos, achava-se a meu lado um soldado polonês de baioneta armada. Êsse soldado tirou a aliança, o relógio e os 45 zloty de meu marido; tirou-lhe tambem os sapatos que meu marido usára no dia de nosso casamento, dando-os a um dos civís circunstantes. Puxando-me pelos cabelos, procuraram levantar-me, mas cai novamente ao lado de meu marido. Quando pedi ao soldado o favor de, ao menos, deixar-me a aliança como lembrança, bateu-me com a coronha de seu fuzil no pescoço e nas costas, de sorte que hoje — depois de cerca de oito dias — ainda não posso mexer o corpo. Fui entregue, depois, a dois soldados de baioneta armada, para me levarem até o posto policial. Como não queria separar-me de meu marido, deram-me tanto nas mãos até que as larguei do cadáver. Tive depois que andar de braços erguidos, toda desgrenhada e coberta do sangue de meu marido. Os civis polonêses gritaram aos soldados que não deixassem fugir a espiã alemã e que a matassem imediatamente. Quando os braços me caíam de cansaço, deram-me socos debaixo dos braços e pontapés. No posto fui ouvida por um oficial, que verificou que eu não tinha cometido nenhum crime. Pedi a dois soldados que assistiam o interrogatório, me matassem, que a vida já não me valia nada. Um dos soldados respondeu-me: "Nem vales uma bala, hitlerista feia, vai para o inferno." Os polonêses ainda me bateram e me empurraram, e deixaram-me andar. Fui lavar o rosto e as mãos numa vala e procurei o cadáver de meu marido. Chegada naquele local, vi como soldados e civis profanavam o cadáver de meu marido. Como êle tinha a boca torcida que parecia sorrir, atiraram-lhe lixo na boca e disseram: "Ainda estás rindo, maldito Hitler?" Achava-se no mesmo lugar o cadáver do jardineiro Schmiede em cujo ventre tinham colocado um mólho de chaves e um martelo. Fui tirar os documentos de meu marido, no que os soldados me impediram, espancando-me. Fiquei, na vizinhança, até as 8 horas, ao ar livre. Pelas 8 horas apareceu um avião alemão e todos procuraram abrigar-se nos corredores. Recebeu-me uma mulher polonêsa que me deu um quarto para descançar, contiguo a outro onde se achavam reunidos vários polonêses. Ouvi como a polonêsa mandou o marido chamar soldados polonêses porque na rua ainda andavam alemães de maneira que não estavam seguros. O homem só voltou pelas três horas da madrugada, comunicando à mulher que os soldados polonêses já haviam fugido e que os alemães estavam se aproximando; que iria fugir tambem porque, certamente, os alemães iriam matar todos os homens polonêses da mesma fórma como êstes haviam morto todos os homens alemães. Depois de todos fugirem, procurei a casa que ficava em frente, onde moravam duas viuvas alemãs.

L. apr. ass.
ass. Irma Ristau, n. Bloch

A testemunha prestou juramento. Encerrado: — ass. Dr. Waltzog. — ass. Walter Hammler.

Fonte: WR I

20. ASSASSINADO Á VISTA DA FAMILIA.
ASSASSINIO DE FINGER.

Bromberg, 9 de setembro de 1939.

Presentes: Conselheiro superior do tribunal de guerra da marinha, Dr. Schattenberg, como investigador.

Inspetor superior do governo, Dirkes, como escrivão.

Na causa Bromberg I, no que concerne a investigações relativas ao direito das gentes, compareceu como testemunha o empregado de banco Herbert Finger.

Devidamente informado sobre o alcance do juramento, depôs:

Quanto à pessoa: Tenho 24 anos de idade, sou de confissão evangélica, resido em Bromberg-Schleusenau, Chausseestrasse, 44; pertenço à minoria alemã.

Quanto à causa: Meus pais moravam no subúrbio Schleusenau, perto de Bromberg. Meu pai trabalhava na Liga de Beneficência Alemã.

No domingo, dia 3 de setembro, entre as 10 e 11 horas da manhã, observávamos de nossa residência, como a policia e a populaça retiravam os alemães de suas casas, ameaçando-os com pistolas e maltratando-os com cacetes e aneis de ferro.

O comandante do serviço de proteção contra gazes, Owczarzak — que foi preso, neste interim — chamou a atenção dos soldados e da multidão para a nossa casa, dizendo: "Entrem aí, nessa casa também ha alemães!" Os soldados arrombaram a porta que tinhamos atravancado. Dois soldados de baioneta armada precipitaram-se em nosso salão onde se achavam meus pais. Eu mesmo estava no quarto contiguo. A populaça vinha atrás; eram rapazes da rua, de 17 a 24 anos de idade, armados de páus, sabres e outros instrumentos percucientes. Um dos soldados mandou meu pai deitar-se no chão. Minha mãe deixou-se caír ao lado dêle. O soldado apontou o fuzil sobre o peito de meu pai, matando-o com um tiro no coração. Meu pai morreu instantâneamente. Em seguida a multidão atirou-se sôbre minha mãe, sôbre mim, meu irmão de 13 anos e nossas duas criadas. Arremessaram-nos no chão, conduzindo-nos depois para o posto de polícia, batendo em nós continuamente. Nisso roubaram-nos mais de 2.000 zloty e objetos de valôr. No posto continuaram dando em nós. Minha mãe recebeu de um policial um golpe que a deitou no chão. Finalmente consegui, por intermédio de um policial que era meu conhecido, que soltassem minha mãe e meu irmão. Mais tarde arrastaram-me para o paço do magistrado, juntamente com 90 a 100 outros presos, no que deram em nós com as coronhas. Por acaso, consegui depois, pela intervenção de um lente meu conhecido, que me soltassem.

L. apr. ass.

A testemunha prestou juramento.

ass. Herbert Finger

Fonte: WR I.

21. CALCADO SOBRE O VENTRE E O PEITO.

"Que diabo, este sujeito não tem nada, o outro que liquidei, tinha 150 zloty".

actte. Wloclawek, 20 de novembro de 1939.

O promotor público junto ao tribunal especial de Bromberg. Presentes: Promotor público Bengsch, como investigador. — Johann Korkowiak, intérprete, Lucian Szafran, como escrivão.

A testemunha Pelagia Wieczorek, devidamente intimada, comparece para depôr no acto de investigação contra Wroblewski, acusado de homicídio, e convenientemente informada e exortada a dizer a verdade, como tambem recebeu instruções sôbre o alcance do juramento, declarou:

Quanto à pessôa: Chamo-me Pelagia Wieczorek, casada em Michelin, com 35 anos de idade; sou polonêsa, de confissão católica; não sou parenta nem aparentada do acusado.

Quanto à causa: Quando, na primeira quarta-feira do mês de setembro do corrente ano, pelo meio-dia, ia à casa do negociante Siedlecki em Michelin, vi na valeta, perto da loja de Siedlecki, um homem de cerca de 70 anos. Soube que era um popular alemão que fizera parte de grande leva de alemães deportados e que caíra de cansaço. Junto a esse alemão que ainda vivia, achava-se meu conhecido Wroblewski e outro polonês que me é desconhecido. Vi que Wroblewski revistava os bolsos do alemão, dizendo ,nessa ocasião: "Que diabo, este sujeito não tem nada; o outro que liquidei, tinha 150 zloty". Gritou ainda alguma cousa como "Hitler", e "matar a tiros". Depois pulou com os dois pés sôbre o corpo do alemão, calcando-o sôbre o ventre e o peito e mesmo no rosto. Quando lhe pedi que deixasse o velho, injuriou-me, perguntando-me se eu era tambem alemã. Acrescentou que procederia comigo da mesma forma, se eu fosse alemã. Continuou pisando mais ainda sôbre o alemão, não se deixando demover tão pouco quando outros fugitivos que passavam, pediram que largasse o velho. Fui até a loja e ao sair da mesma vi como o outro polonês que eu não conhecia, tirou os sapatos do alemão já morto. Voltei para casa. O cadáver do alemão ficou cêrca de duas semanas na valeta, coberto de um montículo de areia.

Lido — pelo intérprete em lingua polonêsa — aprovado e assinado.

+ + +

Sinal de assinatura da testemunha Pelagia Wieczorek que não sabe escrever. — Encerrado: ass. Bengsch, Promotor público. — ass. Johann Kurkowiak, intérprete. — ass. Lucian Szafran, escrivão.

Fonte. Sd. Js. Bromberg 814/39.

22. OS CRANEOS COMPLETAMENTE ESMAGADOS — OS CADAVERES DESPIDOS. ASSASSINIO DOS IRMAOS BOELITZ E BOGS.

Não intimada, compareceu Margaret Bogs, n. Boelitz de Bromberg, Schwedenbergstrasse, depondo:

Na segunda-feira, dia 4 de setembro de 1939, cêrca das 7 horas da manhã, compareceu em casa de minha sogra, viuva Berta Bogs, pertencente à minoria alemã, moradora à rua Sandomierska (antiga Schulstrasse), n.º 4, o trabalhador polonês Dejewsúi sen., meu conhecido, morador em Bromberg, nas barracas de Sandomierska, perguntando: "Onde estão os niemcys que atiraram!" Meus dois irmãos Erwin e Helmut Boelitz responderam-lhe que ninguem tinha atirado, o que correspondia à verdade. Com as palavras: "Ainda lhes pagaremos!", afastou-se. Eu achava-me, naquele tempo, de visita à minha sogra, onde ouvi essas palavras. Ouviu-as, igualmente, minha cunhada, Hildegard Nowicki, moradora à rua Sandomierska, n. 4. Cêrca de duas horas depois apareceram, na residência de minha sogra, dois soldados polonêses que fizeram vistoria, mas não encontraram armas.

No mesmo dia, pelas 14 horas, vieram outros sete soldados polonêses à nossa casa, prendendo:

a) Erwin Boelitz, negociante de cavalos, com 29 anos de idade, casado;
b) seu irmão, Helmuth Boelitz, sem profissão, com 27 anos, solteiro, e
c) meu cunhado solteiro, Bruno Bogs, alfaiate, com 30 anos de idade.

Ficamos sem notícias sôbre a sorte dos mesmos, até que hontem os encontrámos mortos, juntamente com outros populares alemães, no bosque situado à rua Kujawa. Enterrámo-los hontem mesmo. Os crâneos estavam completamente esmagados. Erwin Boelitz, quando foi preso, levava comsigo 250 zloty; Bruno Bogs, 100 zloty. O dinheiro fôra roubado. Os cadáveres estavam despidos até a roupa de baixo.

Fonte: Sd. K. Ls. Bromberg 16/19.

23. ABUSANDO DO PULPITO.

Bromberg, 13 de setembro de 1939.

Policia de segurança — Comando 2 — Destacamento 3 (Reschke) — Examinado. — E' apresentado o réu, polonês, padeiro e confeiteiro, Wladislaw Dejewski, nascido a 7-5-1895 em Bromberg, católico, casado com Helene, n. Liszewska, tendo 5 filhos na idade de 2 a 16 anos, residente em Bromberg, à rua Sandomierska, 1, e, informado sôbre o objeto da audiência, declara o seguinte:

Confesso que, no domingo, dia 3-9-1939 (não na segunda-feira, dia 4 de setembro), denunciei junto à milicia polonêsa a família Bogs, residente à rua Sandomierska, n.º 4, de terem atirado de sua casa. Confesso a bem da verdade que eu não sabia, se haviam atirado daquela casa, e, no particular, não o posso afirmar dos populares alemães Bogs ou Boelitz. Verdade é que, no domingo dia 3 de setembro, pelas 7 horas da manhã, estive na residência da viuva Bogs, que lá encontrei algumas pessoas de sexo masculino a quem eu disse que tinham atirado. Não sabia, entretanto, se tinham atirado. Todos os presentes, entre êles, segundo me parece, tambem uma mulher idosa, afirmaram que não tinham atirado, nem possuiam armas. Fui depois comunicar à milícia polonêsa que haviam atirado de dentro daquela casa. E' verdade tambem que eu ameaçára os inquilinos da dita casa, dizendo que haviamos de pegá-los. Por que denunciei falsamente aquela família alemã, hoje já não o posso dizer. Posso, apenas desculpar-me pelo facto que fôramos atiçados contra os populares alemães pelos superiores polonêses. Foram, sobretudo, os padres polonêses que não cansavam de pregar-nos do púlpito, que os alemães, logo que chegassem, iriam matar todos os polonêses, que, por conseguinte, deveriamos liquidar, antes, todos os alemães. Quanto à êste facto, lembro que, no domingo anterior ao de 3-9-1939, eu assistira à missa na igreja à rua Farna. Era a segunda missa daquele dia, das 9 até às 10 horas, mais ou menos. Dizia a missa um padre de cêrca de 45 anos de idade, cujo nome, porém, me é desconhecido porque é só ha dois mêses que moro naquele distrito. Este padre, em seu sermão que fez do púlpito, veiu a falar tambem sôbre a tensão guerreira entre a Polônia e a Alemanha, dizendo, entre outros, o seguinte em polonês: "Nie damy sie Niemcom pobić do ostatniej kropli krwi! Niemców musimy z polskiej ziemi wywlaszczyé!" "Defender-nos-emos contra os alemães até a última gota de sangue! E' preciso exterminarmos os alemães do nosso solo polonês!"). Estas palavras do padre induziram, sobretudo, os trabalhadores polonêses a denunciar, no domingo, dia 3-9-1939, os populares alemães, à milícia polonêsa afim de matá-los pela própria mão. Tenho conhecimento de que, no referido dia 3 de setembro, muitíssimos alemães foram massacrados tambem pelos civis polonêses. Entretanto, confesso-me culpado, sómente, pelo assassínio de:

1. Erwin Boelitz,
2. Helmut Boelitz e
3. Bruno Bogs,

e isto, apenas, pelo facto, de eu os ter denunciado, falsamente, à milícia polonêsa, afirmando terem atirado. Em outros casos não denunciei alemães. Para meu próprio descargo devo acrescentar que, denunciando a família alemã de Bogs e Boelitz, não agi sómente por minha vontade, e sim instigado pelos operários polonêses:

a) Jan Powenzowski, r. Sandomierska, n. 1 e
b) Tarkowsúi, de cerca de 22 anos de idade, filho do operário Tarkowski, morador à r. Smolinska no barracão).

Estes dois disseram-me que eu fosse comunicar à milícia polonêsa que tinham atirado da casa Bogs e que lá se achavam armas. Foi assim: No referido domingo, de manhã, minha filha Sabina de 11 anos, foi buscar leite na casa do vizinho. Pelas 6,30 horas quando eu me achava no quintal, ouvindo gritar minha filha, corri para a rua, onde estavam Powenzowúi e Tarkowski que me contaram que minha filha tinha sido ferida e que alguem tinha atirado. Não me disseram de onde tinham vindo os tiros, nem eu tinha ouvido tiros. Olhando minha filha, não pude constatar nenhum ferimento. Havia, apenas, na saia, do lado direito, um rasgo. A filha contou-me que tinha ouvido um tiro e que se assustára, ignorando tambem, de onde partira o tiro. Como não havia outros moradores alemães em nossa rua, Tarkowski e Powenzowski acharam que eu devia dizer aos soldados que tinham atirado da casa de Bogs. Embora eu mesmo não acreditasse que o rasgo no vestido de minha filha tivesse sido produzido por um projétil, pois produziria um buraquinho, servi-me do pretexto para fazer a referida denúncia e promover a busca na casa Bogs. Levei os soldados até aquela casa, tomando parte na busca, i. é não fiquei no páteo.

O facto dos dois irmãos Boelitz e Bruno Bogs terem sido presos e assassinados, me era desconhecido até ha pouco. Em todo o caso, não se encontraram armas naquela casa.

Afirmo expressamente que Boelitz ou a família Bogs nenhum mal fizeram a mim pessoalmente e que nem os conhecia de perto. Denunciei-os sómente por serem alemães e por me terem dito Tarkowski e Powenzowski que êles haviam atirado.

Verdade é que no dia 4-9-1939, de manhã, eu fugira com minha família até Zlotniúi (Deutsch-Gildenhof, mun. Hohensalza), porque já se ouviam os tiros das tropas alemãs e minha mulher se achava em estado interessante. No domingo, dia 10-9-1939, voltei para Bromberg, com minha família.

Powenzowski e Tarkowski fugiram tambem no dia 4-9-1939, não tendo voltado. Ignoro onde se encontram.

Eu não teria acusado a família Bogs junto à milícia polonêsa, se os intelectuais polonêses e os padres não nos tivessem, continuadamente, indicado os alemães como os maiores inimigos da Polônia e não nos contassem que iriam matar todos os polonêses. Um dos maiores instigadores contra os alemães foi o cônego Schulz que encontrei, hontem, na prisão. Êle é conhecido, em toda a cidade, como instigador contra os alemães. Eu mesmo ainda não assisti a seus sermões por não pertencer à paróquia dêle. Eu trabalhava com cêrca de 350 operários polonêses na fábrica de peças sobressalentes para bicicletas, de Millner, em Bromberg. Tenho ouvido desses operários e tambem de outras famílias polonêsas que não sei citar por nome, e muitas vezes, que o cônego Schulz exortava, em seus sermões, a população, ainda pouco tempo antes da ocupação de Bromberg pelas tropas alemãs, a defender-se, até a última gota de sangue, contra os alemães e de aniquilar tudo que era alemão. Num feriado nacional polonês, cerca de dois mêses antes da ocupação de Bromberg pelos alemães, o cônego Schulz falou perante grande massa de povo, reunida na antiga praça do mercado, sendo seu discurso irradiado por alto-falantes. Nessa reunião (foi uma espécie de missa) eu estive presente. Schulz concitou, em seu discurso, a uma extrema resistência contra a ocupação de Dantzig pelos Alemães. Não me lembro dos pormenores, mas sei que tudo o que disse, se referiu a Dantzig.

Foi tambem o cônego Schulz quem, ao que me contaram outros polonêses, estimulou o povo a arrebatar aos populares alemães (evangelicos) as seguintes igrejas evangélicas da cidade de Bromberg:

1) a igreja de S. Paulo, na praça Welzin;
2) a igreja da rua Nakel;
3) a igreja de Schleusenau;
4) a igreja de Kaltwasser.

Ademais, nada posso dizer em desabono de Schulz, visto que não tive relações com êle. Segundo tudo que tenho ouvido a seu respeito de outros polonêses, tenho-o como um dos principais culpados pelo massacre executado em Bromberg, no dia 3-9-1939, pelos polonêses; massacre êste, pelo qual nós pobres temos que pagar agora. Para nós polonêses e católicos, a palavra do padre vale muito, porque deve ser nosso guia e porque temos fé nêle. Tivessem os padres nos recomendado calma e prudência, nunca se realizaria aquele massacre. Ao contrário, apresentaram-nos os alemães como os maiores bárbaros que nem respeitariam as crianças e tudo matariam sem descrição.

Não posso indicar pessoas que mataram alemães, que os maltrataram ou os denunciaram aos militares polonêses, respte., que os acusaram falsamente porque não conheço os nomes de tais pessoas. Denunciá-los-ia se os conhecesse. Sei, apenas que pessoas, usando faixas verdes com placa placa de folha, levavam os soldados polonêses para as casas dos alemães. Os soldados prendiam e levavam os alemães. Tenho-o observado nas ruas Thorn e Danzig. Mais tarde apareceram ainda homens com faixas encarnadas e brancas, os quais indicavam tambem famílias alemãs aos militares. Eu mesmo pude observar como homens munidos dessas faixas saquearam negócios e civis alemães.

Tenho falado plena verdade e nada tenho ocultado.

Estou me lembrando, neste instante, que um polonês, de nome Kasprich, operário, residente em Bromberg, à rua Sandomierska, n.° 1, cometeu saques em casas particulares alemãs, tendo roubado roupas. Eu o vi carregando capas, cortinas e lampadas no braço, na rua Thorm. Foi no domingo, dia 3-9-1939, de manhã, entre as 12 e 13 horas. Pelo que sei, Kasprich está em casa.

Meu depoimento me foi lido lentamente e com toda a exactidão. Compreendi tudo. O protocolo foi redigido de inteiro acôrdo com as minhas declarações.

Confesso-me directamente culpado pela morte dos tres populares alemães acima mencionados, tendo-os, falsamente, acusado da posse de armas.

Nunca, porém, os teria denunciado à milícia polonêsa, se previsse que seriam assassinados.

L. apr. ass.
Wladislaus Dejewski
Aprovado: Kraus, funcionário da justiça.
Fonte: Sd. K. Ls. Bromberg 16/39.

24. ESCONDIDO NA ESTRUMEIRA. — ASSASSINIO DE HANS SCHULZ E HELMUT KNOPF. — MORTOS A PAULADAS, O FILHO E O GENRO.

A testemunha Friedrich Schulz, de Bromberg, depoz sob juramento:

Quanto à pessoa: Chamo-me Friedrich Schulz, tenho 52 anos de idade, sou evangelico, de profissão açougueiro; pertenço à minoria alemã e resido em Bromberg, à rua Oranienstrasse, 15.

Quanto à causa: No domingo, dia 3 de setembro de 1939, pelas 14 horas, vieram à nossa casa várias hordas de soldados, civís e ferroviários, dizendo: "Esta casa faremos voar ao ar. Aí, então, os alemães sairão". Fugimos. Eu pulei no quintal, escondendo-me na estrumeira. Meu filho Hans, de 20 anos de idade, solteiro, e meu genro Helmut Knopf que tem dois filhos com 4 mêses e 1 1/2 de idade, pularam a cêrca do jardim para se esconderem na folhagem do batatal e no juncal. Mas foram apanhados na cêrca. Dentro da estrumeira reconheci a voz de nosso vizinho, do ferroviário Przybyl, que lhes chamou: "Levantem as mãos!" Meu filho e meu genro foram conduzidos até outro jardim, a cêrca de 500 metros de distância; depreendo-o pelo pelo local onde foram encontrados os cadáveres.

A meu genro tinham arrancado e roubado a dentadura de ouro. Além disso lhe tinham cortado a lingua. A "Comissão Internacional" tirou uma fotografia de meu genro. Ademais, estava tão ensanguentado que deixámos de examiná-lo mais minuciosamente.

Meu filho tinha no occipital uma grande abertura por onde saíra a massa cefálica.

Nenhum dêles fôra morto a tiros, e sim a pauladas. Não tinham ferimentos produzidos por projétil.

Eu mesmo escapei com a vida, únicamente, porque não me descobriram na estrumeira. Minha mulher, minha filha e meus dois filhinhos que se achavam escondidos em nosso porão e no de um vizinho polonês, escaparam ilesos.

A testemunha prestou juramento.

L. apr. ass. Friedrich Schulz

Fonte: WR I

25. CORONHADA DADA EM MULHER GRAVIDA. HOMICIDIO DE BLUEMKE.

A testemunha Martha Bluemke, Bromberg, — Jaegerhof, Brahestrasse, 74, depôs sob juramento:

... Estavam todos sentados no porão; sòmente o Guenther Gehrke, de 13 anos, e o Ernst Boldin, de 12 anos de idade, estavam no quintal. Os soldados perguntaram-lhes onde se achavam seus pais. Então os pais sairam para o quintal. Fizeram-nos levantar os braços e bateram nêles com as coronhas. Kanderski e seu filho tambem apanharam; êles se tinham escondido no mesmo porão. Os soldados levaram meu irmão. Minha cunhada acompanhou-o chorando e o pequeno Guenther tambem começou a chorar. Empurraram minha cunhada em uma vala e deram-lhe uma coronhada, embora vissem que estava grávida. Depois levaram o menino.

Vi depois os cadáveres. Meu irmão fôra morto a pauladas, não a tiros. O rosto estava todo machucado. O menino tambem fôra morto a pancadas. Êle tinha o braço diante do rosto.

Fonte: W R I

26. COM ALAVANCAS E CACETES. HOMICIDIO DE SPRINGER EM SCHLEUSENAK.

A testemunha Rudolf Jeske, carpinteiro em Bromberg, depôs sob juramento:

No domingo, dia 3-9-1939, à tarde, apareceram, na rua Grunwald em Schleusenau, uns dez a quinze vagabundos armados de alavancas de ferro e mourões. Invadiram logo a casa do vizinho Springer. Vi como abateram Springer com alavancas e cacetes e o calcaram com os pés quando jazia no chão. Maltrataram-no até que teve de levantar-se para ser conduzido ao posto policial. Mas já estava sem forças para andar. Deram-lhe então com a coronha. Tomado de medo, Springer quiz segurar a coronha, quando lhe desfecharam um tiro que o fez caír para o lado. Metade dos civís foi adiante, os outros aproximaram-se de minha casa. Quando vieram buscar Springer após umas duas horas e o colocaram na maca, vi que Springer levantou um pouco a cabeça. Springer tinha 62 anos de idade.
Fonte: W R I

27. O CRANEO RACHADO AO MEIO. 52 ALEMÃES DE WONORZE, FUZILADOS.

A testemunha Friedrich Weiss, açougueiro em Wornoze, depôs sob juramento:

Foram mortos a tiros, ao todo, 25 homens de Wonorze. Soldados polonêses enterraram-nos levemente, depois de lhes roubarem a maior parte da roupa. Desenterrei os cadáveres após uns oito a dez dias, verificando que todos tinham ferimentos provenientes de projéteis. Parte dêles tinha tambem ferimentos no crâneo, estando o mesmo rachado ao meio. Não sei dizer se esse facto se deve atribuir a tiros recebidos ou a outro tratamento.
Fonte: W R II

28. O VENTRE RASGADO — OS INTESTINOS DE FÓRA — DESVIRILIZADO. — ASSASSINIO DE ERNST KRUEGER, DOS IRMÃOS WILLI E HEINZ SCHAEFFER E DE ALBERT ZITTLAU.

A testemunha Heinrich Krueger, lavrador em Tannhofen, depôs sob juramento:

...Como já tinham perguntado várias vezes por meu filho e como os soldados polonêses já tinham fuzilado várias pessôas na cadeia, meu filho Ernst, Albert Zittlau e os irmãos Willi e Heinz Schaefer que, a princípio se esconderam no palheiro, resolveram fugir. Em 19 de setembro de 1939 soube de D.ª Zittlau que ela encontrára o cadáver de seu marido, enterrado junto à estrada, num campo perto da fazenda Rucewko. Contou-me ela que a cabeça e um braço se achavam fóra da terra. Perto daquele local encontraram tambem o boné de Willi Schaefer. Como nós todos supunhamos que talvez todos os quatro fugitivos estivessem enterrados juntos, fui com alguns alemães da aldeia até o local. Auxiliados por mais outras pessoas, abrimos a cova desenterrando meu filho, o Zittlau e os irmãos Schaefer. Os cadáveres jaziam em desordem. Debaixo dêles a terra estava embebida de sangue. Suponho que os quatro foram mortos dentro da cova. Provavelmente foram enterrados na posição em que sucumbiram.

No cadáver de meu filho, o ventre estava descoberto, o casaco e o colete achavam-se abertos para os lados, a camisa tambem. O ventre estava rasgado e os intestinos de fóra. Tiraram-lhe os sapatos que não encontrámos. Roubaram-lhe a carteira com cêrca de 40 zloty, o relógio com a corrente e os documentos pessoaes, cousas que ainda possuia quando saíu de casa.

No cadáver de Heinz Schaefer, o ventre estava tambem rasgado e os intestinos pendiam para fóra. O aspéto dêle era o mesmo de meu filho, mas faltavam-lhe as partes genitaes, que lhe tinham decepado, pois vi claramente as fibras musculares e os pequenos canaes no respetivo lugar. Verificou-o tambem o lavrador Heinrich Wising de Tannhofen que se achava presente, com quem troquei idéias sobre o assunto. Em ambos os cadáveres, i. e no de meu filho e de Heinz Schaefer, não encontrámos ferimentos produzidos por projéteis.

Nos cadáveres dos outros dois, a roupa estava em ordem. Zittlau tinha um tiro no peito. No de Willi Schaefer não pudemos descobrir nenhum ferimento. Não despimos os cadáveres. No de Zittlau só abrimos a parte da frente.

Fonte: Sd. Is. Bromberg 151/39.

29. DESTRONCADA A METADE DA CABEÇA. HOMICIDIO DE ALF. — "MATAR A TODOS — MENOS AS CRIANÇAS".

Conforme as averiguações expostas na sentença, a testemunha Blendowski depôs sob juramento:

No dia 5 de setembro de 1939, o proprietário Alf convidou a Blendowski, morador em Klein-Neudorf, para vir com sua família para Gross-Neudorf, com o fim de abrigar-se contra as hordas polonêsas. A família Alf, estando justamente a almoçar, convidára Blendowski para o almoço. Ainda durante o almoço, a filha de Alf gritou: — "Já estão aí". Vinham soldados polonêses, numa carreta, entrando no quintal. Guiava a carreta o trabalhador Bernhard Zielinski que, segundo êle mesmo declarou, encontrára os soldados polonêses, passando pela aldeia Gross-Neudorf. Êstes lhe tinham perguntado onde moravam alemães e onde poderiam conseguir aveia, dizendo, nessa ocasião que todos os alemães seriam fuzilados. Zielinski subira à carreta e trouxera os soldados até a propriedade de Alf. Chegados, os soldados mandaram Blandowski, o proprietário Hermann Alf, com cêrca de 57 anos, Erich Benzel de Tannhofen, com cerca de 45 anos, Edwin Eberhard de Gross-Neudorf, com cerca de 40 anos, e um fugitivo alemão de Bromberg, com cerca de 72 anos, cujo nome Blendowski não conhece, se postarem junto à parede, olhando para os soldados. Os ditos populares alemães obedeceram à ordem. Por ordem do proprietário, as mulheres entregaram a aveia aos soldados. Depois os soldados mandaram os alemães se virarem para a parede, o que êstes fizeram. Nesse momento, Zielinski disse aos soldados: "Matar a todos, menos as crianças que são filhos de gente pobre". Em seguida desfecharam tiros. Blendowski não fôra atingido, mas de susto desmaiou e caiu como os outros. Quando voltou a si, os soldados e Zielinski tinham desaparecido. Os outros alemães estavam mortos. Em dois dêles se achava destroncada a metade da cabeça.

Fonte. Sd. K. Ls. Bromberg 1/3.

30. FAMILIAS INTEIRAS ASSASSINADAS.

A testemunha Anton Dombek, inspetor de jardins em Bromberg, depôs sob juramento:

Na terça-feira, dia 5 de setembro de 1939, a guarda civil polonêsa e soldados fugiram da cidade. Cêrca de meia hora depois, as tropas alemãs entraram na cidade. O aspéto que se nos apresentou foi horrivel. A gente de idade tinha sido morta a tiros, sem grandes mutilações. Encontramos, porém, numa sepultura coletiva na praça Buelowplatz, 8, cadáveres em estado tal que não puderam ser identificados. Os cadáveres estavam cobertos de palha e areia. Ema lguns faltava o occipital, alguns não tinham olhos, outros tinham os braços e pernas fraturados e mesmo os dedos.

Famílias inteiras fôram assassinadas, por exemplo, Kohn, pai, mãe e 3 filhos; Boldin, 3 pessoas; Boehlitz, pai e dois filhos; Beyer, pai e 2 filhos (de 18 e 10 anos), o mais moço arrancaram dos braços da mãe que chorava.

Fonte: W R I

31. POLONESA SANGUINOLENTA, ESPUMANDO DE RAIVA. ASSASSINIO DE RAPP, PAI E FILHO.

D.ª Helene Stein, Bromberg, Frankenstrasse, 78, devidamente intimada, comparecendo, depondo:

No dia 3 de setembro de 1939, eu estava em frente de minha casa, fazendo meu serviço de proteção contra ataques aéreos. Vi, nessa ocasião, entrar o bando na propriedade de Bettin... Algumas horas depois dêstes acontecimentos, veiu outro bando que levou a Frau Reinhold. Entre os participantes do bando só reconheci a Goralska, que bateu várias vezes em Frau Reinhold até que esta caiu no chão. A Goralska pegou-lhe, de trás, nos cabelos, gritando Frau Reinhold terrivelmente. A Goralska tambem lhe deu pontapés. Ela maltratou a Frau Reinhold de uma maneira tal que os homens do bando se colocaram entre ela e sua vitima; pois ela teria assassinado a Frau Reinhold.

A testemunha declara mais:

Antes do incidente acima referido, a Goralska contára a várias mulheres, suas conhecidas, que o popular alemão Rapp tinha morto a tiros o paceiro polonês Ulatowski (mas Ulatowski ainda vive), que os Rapps tinham sido presos e que ela tivera a satisfação de ver cair os Rapps, que tinham sido fuzilados: o velho, o filho e suas mulheres. A Goralska contou-o tendo espuma nos lábios, e acrescentou que naquele dia já tinha denunciado muitos alemães.

Fonte: Sd. K. Ls. Bromberg 88/39.

32. "MORRO POR MINHA PATRIA". HOMICIDIO DE BELITZER.

Conforme as averiguações expostas na sentença, a testemunha Lassa depôs:

Na segundafeira, dia 4 de setembro de 1939, pelas 7,30 horas da manhã, apareceu, no terreno de seu vizinho Lassa, o pai do servente Max Ejankowski, com sete soldados polonêses. O pai de Ejankowski, cujo paradeiro actualmente não se conhece, declarou aos soldados, apontando para Lassa: "Êste é um Hitler, podem matá-lo já". Ao mesmo tempo deu, com o punho, no rosto de Lassa. Quando a mulher do Lassa que estava com receio sobre a sorte de seu marido, afirmou aos soldados que seu marido era inocente, o pai do Ejankowski exclamou: "Cala tua boca, chegou a vez de todos vós". Depois os soldados conduziram o Lassa do quintal para a rua.

Na rua achava-se uma horda de bandidos polonêses, entre êles Max Ejankowski. Êle chamou a atenção dos soldados, que conduziam o Lassa, para o popular alemão Bruno Belitzer, um açougueiro de 65 anos de idade que mora do outro lado da rua, dizendo-lhes: "Lá do outro lado mora mais um Hitler que podem levar tambem". Além disso, Max Ejankowski e seu pai declararam aos soldados que Belitzer e Lassa tinham atirado sobre os polonêses. Depois foram os dois com dois soldados polonêses a casa de Belitzer, trazendo-o e conduzindo-o juntamente com o Lassa ao posto, onde os dois tiveram que postar-se, de braços erguidos, contra a parede. No chão havia já muitos alemães mortos. Depois de estarem cerca de 5 minutos à parede, um soldado mandou Belitzer repetir uma sentença em polonês. Como Belitzer não sabia falar a lingua polonêsa, tinha certeza de que seria assassinado. Êle disse, por isso, a Lassa: "Adeus, Josef. Vou morrer. Morro por minha pátria", ao que o soldado berrou: "Que é que está dizendo ainda, seu porco?". Belitzer disse ainda a Lassa: "Adeus, Heil Hitler". Em seguida o soldado deu um tiro no braço de Belitzer, outro na cabeça e finalmente quebrou-lhe o crâneo com a coronha. Lassa foi solto no mesmo dia em consequência da intervenção de dois antigos colegas de escola que estavam prestando justamente seu serviço militar.

Fonte: Sd. K. Ls. Bromberg 21/39

33. MÃE ALEMÃ, COM SEIS FILHOS MENORES, PEDE, EM VÃO, ASILO.

E' significativo para o profundo ódio provocado contra os alemães pela propaganda polonêsa, o incidente relatado pela esposa do cura Lassan, Bromberg-Schwedenhoehe (1):

...Ocorreu-me, de repente, a idéia: Ligeiro para a casa das Irmãs Católicas! Durante todos os anos passados, as irmãs têm recebido muita cousa de nossa horta. Tocámos a campainha e já se abre a porta. Está em nossa frente a Irmã das crianças, o livro de missa, aberto na mão.

"Irmã, tenha a bondade de abrigar-nos!"

Sae-lhe da boca uma onda de palavras injuriosas.

"Vá para lá de onde veiu. Não temos lugar para os malditos alemães. Trate de afastar-se".

Desprezando todo o meu brio, peço mais uma vez: "Irmã, tenha piedade. Eu não peço por mim. Não entro nessa casa. Salve meus filhos da fúria da populaça!"

E, para tocar-lhe o coração, estendi-lhe meu filhinho.

"Trate de afastar-se daqui, para vocês, alemães malditos, não temos lugar aqui".

A porta é fechada à força.

A quatro passos de distância, a populaça arranca o velho sacristão de meu lado. Querendo segurá-lo, dão-me um golpe nas costas que me faz cambalear para a frente...

34. O PAI, FUZILADO — A FILHA, VIOLENTADA — AMBOS, ROUBADOS. HOMICIDIDO DE GANNOTT.

Bromberg, 14 de setembro de 1939.

Tribunal de campanha à disposição especial do comandante do distrito aéreo 3.

Presentes: O Conselheiro do Tribunal de Guerra da arma aérea, Dr. Waltzog. — JOJ. da Milícia Hanschke, como escrivão.

Na causa Bromberg I, no que diz respeito ao direito das gentes comparece como testemunha D.ª Vera Gannott, residente em Bromberg, Thorner Strasse, 125 e exortada a dizer a verdade e informada sôbre o alcance do juramento, depõe:

Quanto à pessoa: Tenho 19 anos de idade; sou evangélica; não tenho profissão.

Quanto à causa: Quando ficou sendo conhecido na cidade que as tropas alemãs vinham se aproximando, os civís e os soldados polonêses começaram a praticar violências. No domingo, pelas duas horas, aproximaram-se de nossa casa, à rua Thorner Strasse, 125, à quatro quilómetros da cidade, soldados e civís polonêses. Os civís polonêses disseram: "Aqùi moram alemães!", começando, logo, os soldados a atirar. Fugimos até um galpão. Pelo que suponho, os soldados jogaram tambem granadas de mão. Tiraram do galpão, primeiro, meu pai, a quem perguntaram onde se achava a metralhadora. Mas meu pai não entendeu a pergunta porque não sabia falar polonês. Por isso, saí tambem do galpão para assistir a meu pai porque eu sei falar polonês. Perguntei aos polonêses que mal lhes tinhamos feito e pedi por meu pai. Mas os polonêses gritaram: "Abaixo com êsses porcos alemães!" Deram em meu pai vários golpes com a coronha no rosto e em outras partes do corpo. Quando o feriram com a baioneta, êle caiu no chão, onde lhe deram seis tiros que o mataram. Em seguida, a horda retirou-se, depois de terem autorizado os civís a saquearem a casa, que, senão, a incendiariam. Então minha mãe saiu tambem de seu esconderijo. Ela e eu iamos levar o pai que estava todo ensanguentado. Quando tinhamos começado a realizar o nosso intento, apareceu outra horda de polonêses, armados de sarrafos e cacetes. Deram em minha mãe e em minha tia. A mim me deram botefatadas de um e outro lado. Depois retiraram-se.

---

(1) Extraído do minucioso relato da autora sôbre os acontecimentos verificados na vizinhança da igreja de Bromberg — Schwedenhoehe.

Veiu outra horda de soldados e civis polonêses. Quando se aproximava, fui abrigar-me no Brahe que passa atrás de nossa casa, de onde me tiraram, puxando-me pelos cabelos. Cêrca de 10 ou 15 civís carregaram-me para a casa, dizendo que eu ia ver que os polonêses não eram tão ruins, que me permitiriam mudar de roupa. Como, porém ninguem saiu do quarto, recusei-me de mudar de roupa. Tiraram-me, então, a roupa do corpo, deitando-me nua no chão. Cerca de 10 homens seguraram-me na cabeça, nas mãos e nos pés. Um dos polonêses violentou-me, praticando a cópula. Fiquei doente e, nos primeiros dias, eu tinha fortes dores que depois passaram. Outros polonêses não me violentaram. Durante este incidente, levaram minha mãe até um quarto situado no andar superior, sendo retida com uma baioneta calada.

Soldados polonêses roubaram-me a mim e a meu pai, dinheiro, bolsa, relógios e aneis. Nossa residência foi completamente demolida; os móveis foram despedaçados com machados; toda a louça e a roupa foram roubadas.

Armas, não as tinhamos em casa; todas tinham sido entregues à polícia, obedecendo à ordem da mesma.

L. apr. ass.
ass. Vera Gannott
A testemunha prestou juramento.
Encerrado:
ass. Dr. Waltzog ass. Hanschke

Além de Willi Gannott, foram assassinadas na mesma casa mais seis pessoas, a saber: o filho de D.ª Emma Gannott e o popular alemão Karl Kohn, no domingo da Paixão; os outros, na segunda-feira, dia 4 de setembro.

Fonte: W R I (1)

35. ALUNAS ALEMAS, VIOLENTADAS.

A testemunha Hedwig Daase, casada com um professor em Slonsk, depôs sob juramento:

Na sexta-feira, dia 8 de setembro de 1939, penetrou em nossa aldeia, uma patrulha de cavalaria, de cêrca de 20 homens, procurando descobrir armas e impressos alemães. Deram tambem nova busca em nossa casa, e tão radicalmente que tiraram tudo dos armários, das gavetas, dos lavatórios, etc., e o espalhavam pelo chão. O mesmo fizeram na escola. O chefe do cocomando de investigação meteu no bolso a nova coneta-tinteiro de meu marido. Um soldado roubou seis colheres novas para sopa. Outro soldado roubou-me 180 zloty, meu relógio de ouro, um canivete, bebidas alcoólicas e mel. A comissão de investigação ficou desapontada quando soube que meu marido já se achava internado. Pareceu-me que os soldados andavam mais à procura de homens alemães.

A noitinha do mesmo dia vieram dois policiais auxiliares, de carro, à nossa casa, buscar pão, feno e mel. Pelas 23,30 horas, vieram novamente os dois, trazendo mais um terceiro. Eu tive que ficar sob guarda na cozinha; um policial auxiliar foi com a filha mais moça no dormitório; o terceiro foi com a filha mais velha no quarto de estar. Ouvi a filha mais velha gritar terrivelmente. Conforme ela me contou depois, ela fôra estrangulada, esbordoada e ameaçada de morte, caso ela não se lhe entregasse. Devido à resistência de minha filha, o policial não conseguiu seu intento, motivo por que a largou. Ela veiu ter comigo na cozinha. Êle foi ao quarto onde se achava o outro policial com a filha mais moça. Juntos conseguiram, então violental-a. Depois, os dois agarraram minha filha mais velha, violentando-a tambem. A uma e outra tinham anteriormente, tirado a calça. Os dois policiais auxiliares eram de Ciechocinek.

---

(1) O protocolo vai publicado em original (V. parte documental, pag. 272 f.)

Fonte: W R II

A testemunha Daase, aluna de Slonsk, depôs sob juramento:

Na noite de sexta-feira a sábado, apareceram em nossa residência, tres civis com faixa encarnada e branca no braço. Um tinha sabre; o outro, carabina; o terceiro, um browning. Minha mãe teve que ficar na cozinha; um civil armado ficou ao lado dela. Eu e minha irmã, dois anos mais moça que eu, fomos conduzidas em quartos separados, cada uma por um dos civis. Eu fui obrigada a sentar-me no sofá; o civil sentou-se a meu lado e revistou todo o meu corpo. Depois passou a mão para debaixo da saia, rasgando-me a calça e pedindo que me entregasse a êle. Defendi-me a toda a força, mesmo quando me ameaçava de morte colocando-me o browning no peito. Só quando foi buscar o segundo civil que, nesse interim, violentára minha irmã mais moça, êle conseguiu violentar-me. O médico que me examinou no dia seguinte, verificou que se realizára a cópula; o exame de minha irmã mais moça, deu o mesmo resultado. Eu fui estrangulada e esbordoada, mas não sofri lesões de grande importância.

Fonte: W R II

36. AS FILHAS, SERVINDO DE ALVO.

A testemunha Else Siebert, n. Dey, de Rojewo, mun. Hohensalza, depôs sob juramento:

No dia 7 de setembro de 1939, observámos na estrada soldados polonêses que marchavam em direção de Hohensalza. Entraram em nossa casa, alguns soldados que pertenciam a um destacamento que parava na estrada, perguntando se, por acaso, estávamos esperando por Hitler, e exigindo que partissemos imediatamente. Carregámos, a toda pressa, os objetos mais necessarios, em uma carroça e partimos, juntamente com a familia Trittel, porque cada família tinha só um cavalo. Meu cunhado que foi conosco, tinha atrelado seus dois cavalos em sua carroça. Passámos por Hohensalza — Rojewo, chegando a uma propriedade que fica lá perto.

Enquanto estávamos parados naquele lugar, fomos denunciados aos polonêses que estavam naquela propriedade e dos quaes alguns tinham faixas, por uma família Hallas. Estes polonêses mandaram meu marido acompanhá-los, e, levando-o até a extremidade do terreno, mataram-no a tiros. Eu mesma não o vi, mas ouvi o tiro e mais tarde vi meu marido naquele lugar. Pouco tempo depois, os referidos homens de faixa vieram buscar meu cunhado que levaram ao mesmo lugar, matando-o com dois tiros. Pouco depois de levarem meu marido, eu fôra com minhas tres filhas até o lugar, onde mataram meu marido, vendo ainda como êle caiu. Os homens de faixa vieram depois buscar o vizinho Trittel a quem mataram tambem, embora pedisse continuamente perdão. Em seguida mataram a filha de Trittel com um tiro de frente, algum tempo depois o filho Trittel com um tiro pelas costas, de maneira que caiu sôbre o cadáver de sua irmã. Todos estes assassinios foram cometidos por um só homem, armado de carabina. Parece-me que é inquilino daquela propriedade, fazendo nela o mesmo papel que fizeram êsses homens de faixa em outras propriedades. Depois daqueles assassinios, seriamos nós as vitimas. Mandaram-nos deitar com o rosto no chão, apontando o homem sua carabina sôbre nós, conforme me disse minha filha que se virou várias vezes. Os inquilinos da propriedade estavam em roda de nós, exigindo continuamente que nos matassem. Mas o homem da faixa não nos matou, deixando-nos durante umas duas horas deitadas no chão, e levando-nos, em seguida para um palheiro, onde nos fechou à chave.

Devo observar, ainda, que Trittel, recusando-se a ir até o lugar, onde depois foi morto, foi esbordoado, da maneira mais brutal, com chicotes e cacetes, pelos civis.

Fonte: W R II

37. OS ASSASSINIOS EM MASSA, EM JAEGERHOF.

O ASSASSINIO DO CURA KUTZER — 18 HOMENS ALGEMADOS, ASSASSINADO UM APÓS OUTRO.

Extraído das actas da Central da Polícia Criminal do Reich. — Comissão Especial de Bromberg. — Distintivo: Tgb. V (RKPA) 1486/16/39.

A execução sistemática dos assassínios, no Domingo da Paixão de Bromberg, poude ser comprovada, a toda a evidência, no estudo da causa Kutzer, cura Evangélico de Bromberg-Jaegerhof, como ainda dos outros assassínios em massa, executados nesse bairro. Em Jaegerhof foram assassinados, só no decorrer do dia 3-9-39, sessenta e tres populares alemães, nas idades de 14 a 76 anos, em vários lugares, em parte no centro do bairro, depois de terem sido trazidos por destacamentos próprios de soldados polonêses sob a chefia ou segundo as indicações de civis polonêses, em parte armados.

Os assassinios em massa, em Jaegerhof, foram iniciados com o homicídio do cura evangélico, de 45 anos de idade, Kutzer, pai de 4 filhos de 3 a 14 anos. Os polonêses tinham-lhe profundo ódio, porque dirigia e orientava, de maneira exemplar, a sua paróquia, quase exclusivamente composta de populares alemães, e porque os exortava, constantemente, nos dias sombrios que precederam o início da guerra, a não perderem o ânimo, de sorte que, na manhã do Domingo da Paixão, só poucos alemães do bairro Bromberg-Jaegerhof, haviam fugido. O cura Kutzer excedeu-se tanto na sua dedicação ao bem da sua paróquia, que até recebeu fugitivos alemães de outras comunidades em sua casa, que até havia pouco servira de quartel aos oficiaes de de tropas polonêsas, estacionadas em Jaegerhof.

No correr do dia 3-9-39, apareceram, na residência do cura e na igreja, sete comandos militares de investigação, afirmando acharem-se armas escondidas naqueles prédios. Chefiavam esses comandos ou provocavam as investigações, em todos os casos, os mesmos civis, embora se evidencie a improcedência da denúncia pelo facto de que, até depois do início da guerra, a residência do cura servira de quartel a oficiaes polonêses. Não tendo sido encontradas armas nem outros objetos de qualquer forma suspeitos, apesar das repetidas invetigações vieram, no referido domingo, às 13,39 horas, tirar o cura do seio de sua família e da roda de seus fugitivos. — Pelas 15 horas, veiu outro comando, novamente instigado pelos civis polonêses de Jaegerhof, fez nova busca, sob a mesma alegação, e, nada tendo encontrado, levaram Otto Kutzer, pai do cura, com 73 anos de idade; Herbert Schollenberg, fugitivo de 14 anos de idade; Hans Nilbitz, fugitivo de 17 anos; e mais tres fugitivos hospedados naquela casa.

Conforme ficou averiguado pelos depoimentos de testêmunhas alemãs e polonêsas, esses alemães, presos sem indicação de motivos, foram conduzidos até um aterro da estrada de ferro que passa na proximidade do terreno da igreja, sendo aí enfileirados e algemados juntamente com mais doze alemães e uma mulher, D.ª Koebke, trazidos de outra parte, e, em seguida, fuzilados, um após outro, por doze soldados polonêses, postados em frente dêles a uma distância de 8 metros. Abatidas as primeiras vitimas, a senhora Koebke que estava no meio da fileira, e cujo marido já havia sido assassinado em sua casa, no mesmo dia, caiu no chão sem sentidos. Sem darem importância ao incidente, continuaram fuzilando os restantes dos dezoito homens algemados. Depois desamarraram as mãos da senhora Koebke, obrigando-a, quando despertou do desmaio, a olhar, um por um, os assassinos, antes de a soltarem. Assistiram ao "espetáculo" cerca de 200 soldados e homens e mulheres da população civil.

O cura Richard Kutzer foi encontrado morto na quarta-feira, dia 6-9-39, perto da ponte do canal, em Jaegerhof, onde estavam tambem os cadáveres de outros tres populares alemães. A autópsia procedida pelos médicos legistas demonstrá que o cura recebeu um tiro mortal entre o ombro e a nuca que lhe dilacerou as veias, e produziu um grave esmagamento da maxila inferior.

38. 20 POPULARES ALEMÃES, MORTOS A TIROS, EM JAEGERHOF. ASSASSINIO DE KOEBKE, SCHROEDER E OUTROS.

Bromberg, 20 de setembro de 1939.

Presentes: Promotor público Bengsch, encarregado da investigação. Funcionário de justiça Kraus, como escrivão.

No acto de investigação contra Gniewkowski, acusado de homicídio, comparece, devidamente intimada, a testemunha viuva Anna Koebke, n. Wietychowski, de Jaegerhof, r. Okopowa, 1; nascida a 2 de julho de 1882 em Susannental, mun. Rosenberg, e, convenientemente informada sôbre o assunto do interrogatório, depõe:

Quando nós, i. é: meu marido, minha filha, meu filho e eu, ouvimos, no domingo, dia 3 de setembro do corrente ano, que todos os alemães seriam massacrados, fomos abrigar-nos no porão do nosso vizinho Schroeder, fechando a entrada. Pelas 12 horas veiu grande multidão de soldados e civís que bateram à porta, jogaram granadas de mão e atiraram pelas janelas. Minha filha ficou ferida no quadril. Eu fui a primeira a fugir do porão, correndo para o jardim. Ao sair do porão e toda tomada de terror, não reconheci ninguém da multidão, a não ser o nosso vizinho, o pedreiro Klimczak que tentou segurar-me, gritando que eu era alemã e devia ser espancada até morrer. Consegui desvincilhar-me das mãos de Klimczak e alcançar o jardim.

Após cerca de um quarto de hora, fui ter com a família Gorny (sapateiro polonês) que morava perto de nossa casa, na esperança de, talvez, encontrar proteção. O casal Gorny e outras pessoas ali presentes e que não conhecia, injuriaram-me e cuspiram em mim. Vieram depois os soldados que me levaram, conduzindo-me a um bosque onde já se achavam cerca de 20 alemães. Em seguida acossaram-nos de um lugar para outro, deram-nos com as coronhas. Seriamos fuzilados em Schleusenau, até onde nos acompanhou grande multidão de civis polonêses, mulheres, menores e homens, rogando-nos pragas, exigindo a nossa morte e esbordoando-nos com machadas e cacetetes. Estava entre êles o açougueiro Gniewkowski, meu conhecido, e um tal Paschke de Schleusenau. Ouvi-os, várias vezes, gritarem com com a multidão que nós alemães deviamos ser mortos a pancadas ou a tiros. Ignoro, se Gniewkowski ou Paschke se achavam munidos de machada ou de cacete. Nós populares alemães — cêrca de 20 homens e eu como única mulher — fomos, depois, enfileirados junto a um aterro em Schleusenau. Todos os homens alemães foram fuzilados pelos soldados e ferroviários, na presença da multidão em que se achava ainda Gniewkowski e Paschke. Eu desmaiei, caindo ao chão, sendo, depois, solta por ordem de um oficial.

Estando já a retirar-me, a multidão polonêsa obrigou-me a voltar para ver, um por um, os cadáveres e a dar "vivas" à Polônia.

Entre os vinte homens assassinados achavam-se:

Artur Gehrke de Jaegerhof, Hans Bolowski de Jaegerhof, Horst Stuwe de Jaegerhof, um tal Goertz de Jaegerhof, um tal Arndt de Jaegerhof, um tal Stoeckmann de Jaegerhof, um tal Redel de Jaegerhof, um ginasiano Mielwitz de Jaergerhof, um proprietário Trojahn de Jaegerhof.

Das pessoas que tinham ficado no porão de Schroeder foram mortos a tiros — segundo eu soube depois — as seguintes, ao tentarem fugir do porão:

Meu marido Emil Koebke, açougueiro; meu filho Arthur Koebke, moço de carniceiro; Schroeder, proprietario de um horto; o filho do mesmo, Hans Schroeder; Gerhard Vorkert, servente de jardineiro; uma criada de Schroeder junior.

L. apr. ass.
ass. Ana Koebke

Compareceu como segunda testemunha:

D.ª Elli Koebke de Jaegerhof, r. Okopowa, 1, nascida a 3 de junho de 1912 em Jaegerhof (Bromberg) que, convenientemente informada sôbre o assunto do interrogatório, depôs:

Quando, a 3 de setembro de 1939, minha mãe fugira do porão de nosso vizinho Schroeder, nós tambem saímos correndo do porão porque não sómente atiraram com fuzís, mas tambem jogavam granadas de gás e explosivas. Tolhida por efeito do gaz e do ferimento no quadril, fui cair no quintal. As outras pessoas que saíram precipitadamente do porão, foram fuziladas, com exceção das de sexo feminino, no quintal. Foi fuzilada tambem uma criada polonêsa. A senhora Schroeder fôra gravemente ferida no porão. Entre a multidão que rodeava o porão, gritando continuamente que nós eramos alemães e que deviamos ser imediatamente fuzilados, achavam-se:

> um tal Grabowski que morava em nossa frente; um tal Klimczak de nossa rua; um tal Rynkowski da mesma rua; um tal Szymanski da mesma rua; um tal Lewandowski da mesma rua; um tal Domzewski de nossa rua (com cerca de 16 anos); a mulher Wolnik de nossa rua; a mulher Borek de nossa rua.

Vi e ouvi distintamente que as pessoas supra-citadas gritavam com os outros que nós eramos alemães e que deveriamos ser mortos. Quando eu desmaiei, facto pelo qual escapei à morte, a multidão e com ela as pessoas mencionadas gritaram que eu tambem devia ser fuzilada. Um soldado, porém, declarou que as mulheres seriam poupadas. Toda exgotada, fiquei com Frau Schroeder deitada durante algumas horas ao lado dos cadáveres.

Nesse meio tempo a multidão dispersou-se.

Desejo ainda comunicar que as mulheres Wolnik e Borek e Szymanski e Rynkowski roubaram objetos de nossa casa, durante os acontecimentos do dia 3 de setembro de 1939. Nós mesmas encontrámos esses objetos nas residências dessas pessoas quando fomos procurá-las acompanhadas de soldados alemães. Na residência comum de Borek e Wolnik, encontrámos o nosso sofá, um armário de roupa branca, duas camas, cadeiras, um chaiselongue, um regador, uma caldeira e outros objetos menores.

Na casa de Rynkowski, encontrei o nosso armário de roupa.

Na casa de Szymanski encontrei a nossa cesta para roupa, com algumas peças de roupa.

L. apr. ass.
ass. Elli Koebke
Encerrado:
ass. Bengsch ass. Kraus
Reconhecido: Kraus, funcionário de justiça
Fonte: Sd. Is. Bromberg 95/39

39. OS 39 FUZILADOS DE JESUITERSEE. GRAVEMENTE FERIDOS NO LAGO E ALVEJADOS A TIROS.

Extraído das actas da Central da Polícia Criminal do Reich — Comissão especial em Bromberg — Distintivo: Tgb. V (RKPA) 1486/9/39.

I.

No dia depois do Domingo da Paixão de Bromberg, dia 4 de setembro de 1939, à noitinha, membros de um destacamento militar polonês mataram 39 homens da minoria alemã de Bromberg e arredores, junto ao lago Jesuitersee, que fica à distancia de 21 kilometros ao sul de Bromberg, junto à estrada que leva para Hohensalza. Entre as vítimas, destinadas a serem mortas, achavam-se os populares alemães Gustav Gruhl de Bromberg e Leo Reinhard de Zielonke que, por um acaso feliz, escaparam à morte.

Segundo os depoimentos dessas testemunhas, foi tocada uma grande leva de homens, mulheres e menores, à qual pertencia a testemunha Gruhl, na manhã do dia 4 de setembro de 1939, pela vala que acompanha a estrada em direção de Hohensalza. A 9 km. ao sul de Bromberg, as mulheres e os menores foram separados da leva, sendo os homens enfileirados em uma picada, à frente de uma metralhadora com a qual seriam fuzilados, o que, porém, não se realizou por ordem de um oficial polonês.

Enquanto os homens estavam enfileirados para o assassinio projetado, vinha sendo conduzida outra leva de alemães pela mesma estrada. Os homens andavam algemados um ao outro pelos pulsos. A esta leva em que se achava a testemunha Reinhard, reuniram a outra enfileirada, sendo o grupo reunido conduzido, sob a guarda de soldados e gendarmes polonêses e sob os maus tratos dos mesmos, até o lago Jesuitersee, onde o entregaram a uma formação militar, ali estacionada (1).

II.

Enquanto o relato precedente se baseia em dados fornecidos pelas testemunhas Gruhl e Reinhard, dados que não podem ser verificados com a exatidão necessária para fins criminalisticos, os que se seguem baseiam-se, quase que exclusivamente, sôbre achados objetivos, òtimamente conservados, no próprio local:

Os 41 homens alemães — foram encontrados 39 cadáveres do mesmo grupo assassinado — tiveram que enfileirar-se, parte com as suas algemas, a distância de uns 12 a 14 metros da beira do lago, todos olhando para o lago. Abriu-se, depois, um tiroteio desordenado sobre os alemães, fazendo os soldados uso de seus fuzís, e, conforme ficou verificado pela autópsia dos cadáveres e pelas balas encravadas, de armas de mão de alta classe. Nesse acto, os atiradores formavam, segundo se deduz pelos estojos e outros objetos encontrados, um semi-círculo atrás das vítimas, tendo se achado a distâncias de menos de cinco até mais de vinte metros. Logo ao início desse tiroteio desordenado, apareceu, a grande altura acima do lado, um avião alemão que obrigou os atiradores a procurarem abrigo. Seis alemães, ainda não ou pouco feridos, puderam aproveitar essa oportunidade para fugirem em direção ao lago ou ao longo do mesmo. A testemunha Reinhard que se livrára da algema já um tanto solta, conseguiu refugiar-se nadando e andando na água até um juncal à beira do lago, enquanto a testemunha Gruhl poude esconder-se debaixo de uma casa de banhos, cujo soalho ficava a 20 a 50 cm. de altura. Dois homens tentaram alcançar a margem oposta do lago, servindo-se de um bote; outro fez a mesma tentativa a nado. Nesse meio tempo —o incidente só póde ter levado poucos momentos — o avião alemão se tinha afastado, de sorte que os soldados polonêses puderam continuar o tiroteio, matando, em primeiro lugar, estes últimos tres fugitivos que ainda se achavam a pouca distância da margem. Outro alemão, ferido, ao que parece, escondeu-se em um bote velho que estava num galpão próximo do local, sucumbindo ali a seus ferimentos. Depois — e nisso reside a monstruosidade do procedimento dos militares polonêses em Jesuitersee — arrastaram os mais ou menos gravemente feridos por um trapiche afóra que penetra uns 60 metros no lago, jogando-os dali na água, onde continuaram sendo alvejados pelos atiradores postados no trapiche, facto este tambem comprovado pelas autópsias. Estes factos ficaram comprovados não só pelos depoimentos das duas testemunhas salvas, das quais, sobretudo a testemunha Gruhl poude observar tudo muito bem de seu esconderijo, mas tambem os vestígios de sangue encontrados nos pranchões do trapiche e os objetos encontrados ali, na água e na margem do lago, em combinação com as averiguações feitas pelos médicos legistas. — Levaria muito longe e equivaleria a uma pura relação, relatar todos ferimentos constatados nas 39 (2) vitimas pelos médicos legistas, e tirar as respectivas conclusões. Para caracterizar com quanta humanidade os militares polonêses projetaram matar suas vítimas, basta comunicar que uma vítima recebeu, além de um tiro que apenas roçou a pele, 33 baionetadas na região da nuca, das quaes só uma mortal; outra vítima recebeu um tiro intencionalmente dirigido no anus, sendo de notar que o ferimento de saída na parte superior do ventre prova que a mesma não se achava em posição de decúbito, embora a cabeça se achasse perto do chão; várias vitimas receberam 15 tiros que apenas bateram no corpo ou lhes roçaram a pele, sem nenhum dêles ser absolutamente mortal. Quanto a estas últimas vítimas, presume-se — e o exame de particulas de pulmão tiradas dos cadáveres trará resultados mais positivos — que tenham perecido afogadas. Diante de factos de tal gravidade, parece supérfluo mencionar o facto de quase todas as vítimas apresentarem ferimentos, em parte bem graves, produzidos por pancadas, punhaladas e córtes — a dois alemães, tinham furado os olhos, conforme ficou constatado com absoluta certeza.

---

(1) O facto de tratar-se, no caso, de uma formação militar regular, é comprovado não sòmente pelos depoimentos de testemunhas alemãs e polonêsas e das testemunhas Gruhl e Reinhard, como tambem, pelas investigações feitas no local, e, sobretudo, pelos comprovantes encontrados nos respectivos prédios que serviam de quartel e estábulos.

(2) Foram desenterrados e autopsiados 38 cadáveres, dos quaes 28 foram reconhecidos.

III.

Apesar da exposição bastante resumida das averiguações criminalísticas e periciaes, resulta do exposto que, em Jesuitersee perto de Bromberg, uma tropa regular do exército polonês, matou 39 homens da minoria alemã, por processos inacreditáveis e dificilmente descritíveis, a tiros, a baionetas e coronhas e afogado os gravemente feridos no lago.

40. QUASE NENHUMA CASA, SEM ASSASSINADOS!

A testemunha Dora Kutzer, Bromberg, Kronerstrasse, 14, depôs sob juramento:

Em nossa comunidade evangélica, ao que sei, não existe quase nenhuma casa onde não tenham sido assassinados um, dois ou até tres populares alemães. No nosso cemitério jazem, até agora, 59. Ainda não foram encontrados todos os mortos.

Fonte: W R I

41. "DÁ-LHE UMA BALA NA CABEÇA!"

HOMICIDIO DE GUSTAVO FRITZ.

...Quando os soldados verificaram que o sr. Fritz não sabia falar polonês, um soldado repreendeu-o, dizendo que êle mesmo, sendo moço, sabia falar alemão e polonês; que o domínio polonês já existia havia vinte anos e que êle ainda não sabia falar polonês. O sr. Fritz declarou que êle tinha 75 anos de idade e que, com essa idade, não podia mais estudar o polonês. Disse, então, outro soldado polonês: "Dá-lhe um tiro na cabeça!" O primeiro soldado deu, do lado direito, um tiro na cabeça do sr. Fritz. Isto se deu à minha vista. Eu fugi para o palheiro.

Fonte: W R I

42. O ASSASSINIO EM MASSA, EM EICHDORF.

38 TESTEMUNHAS DE SANGUE DA CIVILIZAÇÃO POLONESA — POPULARES ALEMÃES DE 3 A 82 ANOS DE IDADE, INDISTINTAMENTE FUZILADOS.

Extraido das actas da Central da Polícia Criminal do Reich. — Comissão Especial em Bromberg. — Distintivo: Tgb. V (RâPA) 1486/3/39.

I.

No espaço de tempo entre altas horas do dia 4-9-39 até a noite do dia 5-9-39, foram assassinados, por praças de um regimento de infantaria polonês, cujo número foi averiguado, 38 populares alemães, de 3 a 82 anos de idade, moradores das duas comunidades Eichdorf e Netzheim, situadas à estrada que leva de Bromberg a Labischin.

Eichdorf, em cuja proximidade fica a comunidade menor Netzheim, é um núcleo de colonização, fundado ha séculos por lavradores alemães, em que até 1918 não morára nenhum polonês. Devido à alta porcentagem da população alemã, reinava paz na comunidade, ainda no dia do Domingo da Paixão de Bromberg, data até a qual os arredores não se achavam ocupados por tropas polonêsas. Provocações e ameaças que partiam dos habitantes polonêses, numèricamente tão inferiores, não eram levadas a sério. As notícias, porém, que vinham de Bromberg que fica a uns 15 kms. de distância, sôbre os massacres realizados, começaram a inquietar os alemães. Mas essa inquietação não equivalia, de forma alguma, a uma falta de disciplina em desenvolvimento; as mulheres e os menores nem a percebiam. Foram, apenas, os homens de Eichdorf que, na noite para o dia 4-9-39, fugiram para os campos e prados, voltando com muita cautela a suas propriedades. Homens medrosos que queriam que suas mulheres os acompanhassem, não foram atendidos pelas próprias mulheres que afirmavam terem a convicção de que nada aconteceria a mulheres e menores e alegando que deveriam tratar do gado. A êsse respeito colheu-se abundante material comovente dos depoimentos.

Alta noite do dia 4 de setembro de 1939 penetravam, em Eichdorf e Netzheim, soldados polonêses que recuavam de Bromberg pela estrada de Hohensalza. Pouco tempo depois da chegada dessas tropas que tomaram posições provisórias, iniciou-se, com o homicídio do proprietário Emil Lange de Eichdorf, um massacre que, na história de todas as nações, dificilmente encontrará analogia.

II.

Pelos achados objetivos nos respetivos locaes, onde se determinaram indubitàvelmente as posições dos assassinos e das vitimas, onde se encontraram os estojos correspondentes às balas retiradas de algumas vitimas, e uma toalha, pertencente a um soldado polonês, conforme se verificou pelo carimbo que permite descobrir a secção do regimento, e ainda, pelas aparas de cartas e cartões em que se encontram os nomes dos remetentes — soldados polonêses — as quaes permitem as mesmas deduções para a averiguação criminalística; por tudo isto, ficaram comprovados os seguintes factos:

Na proximidade da estrada que, partindo da estação ferroviária Hopfengarten, situada na estrada Bromberg — Hohensalza, leva via Labischin para Gnesen, ficam, numa extensão de, no máximo, 3 klms., mais ou menos isoladamente, umas poucas casas de Hopfengarten e as de Netzheim e Eichendorf, sendo difícil determinar os perímetros das tres comunidades. Entre essas casas, ha 21 que são de propriedade de famílias alemãs que foram, em um único dia, dizimadas, em parte completamente, pela perda de 38 vítimas de morte.

As 38 testemunhas da civilização polonêsa foram assassinadas de uma maneira inacreditavel, em oito locaes diferentes, dos quaes seis num espaço reduzidíssimo e todos as poucas centenas de metros, quando muito, distantes da estrada ou das casas enlutadas. A monstruosidade das atrocidades cometidas ficou comprovada pelas autópsias e por outro material comprovante, de maneira indiscutível. Dois locaes, apenas, ficam a distâncias, pouco maiores, dos outros, sendo o do assassínio de dois homens de Eichdorf, Max Teske, de 34, e Wilhelm Stolte, de 55 anos de idade que foram assassinados juntamente com o menor Gerhard Pijan, de 13 anos de idade, que se lhes unira depois de ter andado perdido num bosque, tres vítimas estas que se refugiaram nos prados, uns 3 kms. ao norte de Eichdorf, onde foram presos e fuzilados por soldados, e ainda o local, onde foram encontrados, fuzilados, os menores Else. Gertrud e Ernst Janot, respectivamente de 12, 15 e 18 anos, cujo pai, de 50 anos de idade, foi encontrado, fuzilado tambem, em outro lugar.

Os filhos menores de Janot queriam, na madrugada do dia 5-9-39, fugir com sua mãe, obedecendo a uma indicação do intendente local, polonês, depois, que, no dia 3-9-39, o pai dêles, já procurára refúgio nos prados. Mas, impedidos por soldados polonêses, êstes obrigaram a mãe a voltar à sua propriedade para entregar-lhes a carroça e os cavalos. Os filhos, de acôrdo com o que tinha sido combinado, queriam esperar a volta da mãe, devendo, porém, ter sido obrigados, por quaesquer circunstâncias ainda obscuras, a seguirem sozinhos, seu caminho. Escolheram o atalho que atravessa o bosque, a sul-sudéste de Eichford que, além do bosque, deveria levá-los, através um terreno, de 2 kms. de largura, todo aberto, para Netzfeld, onde mora a avó dêles. Testemunhas insuspeitas, habitantes de Netzfeld, que se achavam escondidos nos juncaes, nos arredores da aldeia, depuzeram que os menores,

Bebedouro no bosque de Targowisko, aonde jogaram, junto com um animal morto, os cadáveres de 15 homens, mulheres e menores alemães, assassinados.

ao sairem do campo aberto, foram detidos por soldados polonêses que estavam a coberto, à saida de Netzfeld, e que, depois de ligeira discussão e depois de se informarem sôbre as personalidades dos menores — o que ficou provado, no próprio local, onde se encontraram aparas das certidões de nascimento dos menores — os mataram a tiros. Estudo, simplesmente, comovedor, mesmo para um criminalista experimentado e alheio a toda espécie de sentimentalismo, tendo como encargo o estudo constante de crimes capitaes, foi o do assassinio de Ottilie Renz, com 80 anos de idade, e de seus netinhos, Gisela e Guenther Renz, com 4 e 9 de idade, que foram encontrados em dois dos cinco locaes conjacentes, onde, em um dêles, se descobriram os cadáveres de 15 alemães, dos quaes oito mulheres e dois menores de 3 e 7 anos de idade.

A propriedade da família Leo Renz fica mais distante da estrada que a de seu irmão Erich, razão por que Leo abrigou, em sua casa, os dois filhinhos de seu irmão e a velha mãe que morava com êle, continuando Erich com sua mulher em sua propriedade. Na manhã do dia 5 de setembro de 1939, apareceram destacamentos militares, polonêses, na propriedade de Leo Renz. Os pequenos Gisela e Guenther Renz — já amedrontados pela atmosfera de ódios que, nas semanas passadas, até a êles não escapára despercebida — aproveitando um momento oportuno, fugiram, por uma saída no fundo, para o bosque. Pouco tempo depois, os membros da família Leo Renz tiveram que abandonar tambem a propriedade, sem poderem cuidar da anciã que perderam de vista. Dias após, êles acharam, no bosque, a 50 metros da estrada, uma cova em que estavam à vista uma cabeça e u'a mão de criança. Abrindo-a, encontraram os cadáveres de Gisela e Guenther Renz e o de seu pai. — Pelas investigações ficou averiguado que Erich Renz, vendo, de seu esconderijo nos prados, seus filhos em perigo e querendo socorrê-los, conseguiu, apenas, ser assassinado junto com seus filhinhos.

— A velha senhora Ottilie Renz foi encontrada, levemente coberta de terra, junto à parede da propriedade de Erich Renz, debaixo de uma caixa para batatas. Como a anciã veiu parar na propriedade de Erich Renz, onde se colheram provas irrefutáveis de que os assassinios foram praticados por vários criminosos, no quarto de estar e na cozinha, é segredo que, apenas, se pode adivinhar.

Jogados num bebedouro, juntamente com um cachorro morto

Foram inteiramente diferentes as averiguações feitas no local do maior massacre, no bosque de Targowisko, a distância de 300 metros da estrada, perto de Eichdorf. Soldados, sob a chefia de oficiaes, tinham conduzido, até uma encosta, no bosque, 46 populares alemães, de 6 mêses até 80 anos de idade, sendo 23 mulheres (50 %), 5 homens (10,8 %) e 18 menores (39,2 %), entre êstes uma criança de peito. 15 dêsses alemães, a saber:

Emma Hanke, 40 anos
Walter Busse, 7 anos
Erhard Prochnau, 3 anos
Johanna Schwarz, 45 anos
Max Jeschke, 55 anos
Hedwig Jeschke, 47 anos
Else Dahms, 19 anos
Kurt Kempf, 22 anos

Gustav Schubert, 65 anos
Richard Binder, 50 anos
Emanuel Hemmerling, 35 anos
Erna Hemmerling, 30 anos
Frieda Ristau, 31 anos
Frau Blum, 28 anos
Frau Golz, 50 anos

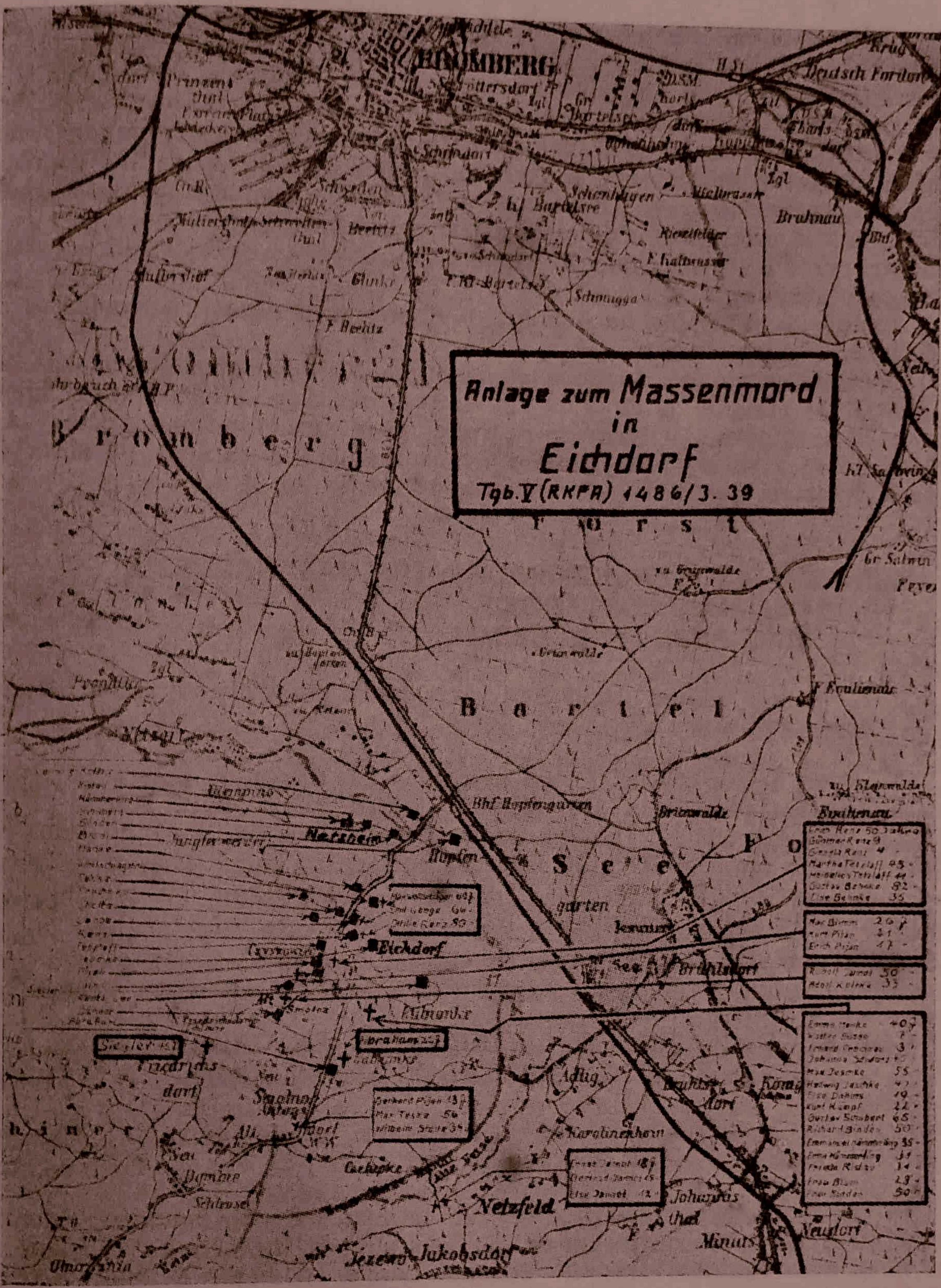
tiveram que passar no alto da rampa, um por um, sendo aí mortos a tiros.

A distância entre o lugar onde se encontravam os presos, até a rampa era de menos de 20 metros; até o lugar dos assassínios, entre 30 e 30 metros. Se é que ha alguma cousa digna de menção especial, numa tragédia como a que acabamos de descrever, é o facto que o menor Erhard Prochnau teve que acompanhar sua governante Johanna Schwarz; e Walter Busse, sua mãe adotiva Emma Hanke. Além das 31 testemunhas, cujos depoimentos impressionam profundamente, a testemunha mais direta é a Frau Prochnau que, tendo visto seu filhinho de tres anos morrer no atalho, foi obrigada a tomar o mesmo caminho, com seu bebê de seis mêses no braço e sua filhinha de quatro anos pela mão, chegando até a rampa. Ela declarou — e suas declarações puderam ser verificadas — que em roda do local se achavam centenas de soldados, tendo uma cozinha de campanha acesa; que um civil que se achava próximo, tocava musica de dansas modernas em uma sanfona — este homem a quem outras testemunhas tambem tinham ouvido tocar, poude ser preso — fornecendo mais outros informes que permitem a reconstrução integral do desenrolar dos acontecimentos.

Embora diferentes as pessoas e circunstâncias nos diversos locais, os respectivos acontecimentos demonstram perfeita analogia. Seria, apenas (pg. 86), uma repetição de material informativo, se se quizesse descrever os locaes e o desenrolar das outras tragédias, como por exemplo no caso da família Tetzlaff, composta de Martha Tetzlaff, com 45 anos; Heidelies, com 11 anos; Else Behnke, com 35 anos, e Gustav Behnke, com 82 anos de idade.

III.

Embora aqui se trate de um relato resumido do vasto material comprovante, as averiguações, nêle contidas, bastam para pôr em evidência o facto que os soldados polonêses, além de executarem êsses assassínios, obedecendo a ordens ou com a acquiescência e sob as vistas de seus oficiaes, dos quaes muitos de alta categoria, souberam dar expressão, sob as mais variadas fórmas, a sua aversão a tudo que é alemão. E' facto comprovado pelos laudos periciaes dos médicos legistas que os tiros foram dados com armas de fogo mili-
tares e armas de mão de alta classe; que foram dados de todas as distâncias
sôbre as vitimas de pé, deitadas e sôbre crianças nos braços das mães; que
foram dados de todos os lados e sob os mais variados ângulos, e que os fe-
rimentos foram produzidos com armas percucientes e cortantes, com baionetas
e sabres. O que, porém, constitue o cúmulo do desrespeito às leis humanitá-
rias, é o tratamento dado aos cadáveres dos vitimados: Os irmãos Janot fo-
ram abandonados no lugar onde foram assassinados, sendo os corpos encon-
trados, já roidos pelos animaes, depois da retirada das tropas polonêsas. Os
cadáveres pertencentes ao grupo da família Tetzlaff jaziam em desordem e
apenas cobertos de uma camada de terra de uns 20 cm.; a mãe Renz des-
cobriu a sepultura de seus filhinhos porque a cabeça de um e a mão do outro


Anlage zum Massenmord in Eichdorf
Tgb.V(RKPA) 1486/3. 39
Bromberg
Forst
Bartel
Eichdorf
Netzfeld
Jakobsdorf
Karolinenhorst
Jesuitersee

AO ALTO: Planta de localização dos assassinios em Eichdorf. EM BAIXO: Nos retângulos, os nomes e as idades das vítimas; as flechas indicam as residências.

não se achavam cobertas de terra. O que, entretanto, mais impressiona é o encontro de 15 cadáveres, de mulheres, homens e menores, juntamente com um cachorro morto, num bebedouro no bosque de Targowisko.

IV.

O presente relato impõe o estudo de como o procedimento sistemático dos militares polonêses reduziu, numèricamente, a população alemã das localidades, por exemplo de Eichdorf:

Até o dia 3-9-39, dos 130 populares alemães de Eichdorf, haviam fugido: 11; tinham sido chamados às armas polonêsas: 5; chamados para outros serviços pelas autoridades polonêsas: 5. A população alemã contava, portanto, no dia 3-9-39, isto é, antes da entrada das tropas polonêsas, 109 pessoas, das quaes foram assassinadas, na noite de 4 a 5 de setembro e no correr do dia 5-9-39: 30 pessoas (1), ou sejam 19 % da população totay, 23 % da população alemã de antes da guerra e 27,5 % dos populares alemães, residentes em Eichdorf, no início da guerra. As trinta vítimas distribuem-se por 15 das 30 famílias alemãs de Eichdorf, isto é, os massacres atingiram 50 % das famílias alemãs, algumas de maneira tal que, por exemplo da família Jeschke ninguem sobreviveu; da família Janot, apenas, a mulher depois do assassínio do marido e de tres filhos; da família Renz, igualmente, apenas a mulher, depois de assassinados o marido, os dois filhos, o pai e a sogra. E' de notar, neste particular, que 79 % das 38 famílias de Eichdorf eram famílias puramente alemãs.

Quanto à proporção de homens, mulheres e menores, os mortos se distribuem da seguinte forma:

Foram assassinados 15 homens, ou sejam 50 % do total dos mortos, sendo 46,6 % de mais de 50 ancs de idade, 20 % de mais de 60 anos, e, apenas, dois de 17 e 18 anos. — Entre os restantes 15 mortos, 8 eram mulheres, isto é 26,6 %, de 15 a 80 anos de idade, e 7 menores de 3 a 13 anos, de sorte que, entre as vítimas, ha 23,4 % de menores de menos de 14 anos.

43. PERNAS E MÃOS, FRACTURADAS; LINGUAS, NARIZES E ORELHAS, CORTADOS.
MASSACRE EM SCHRIMM.

A testemunha Adolf Ertl, negociante em Czempin, mun. Kosten, depôs sob juramento:

...Nove desses colegas foram agredidos em Schrimm, pela população, e maltratados em plena rua até a morte. Meu colega Willi Mantei teve o occipital todo esmagado. Herbert Raabe teve os olhos furados e os dedos cortados. Outros tambem tiveram os dedos cortados; alguns tiveram as pernas e as mãos fracturadas e luxadas. A outros desfiguraram completamente o rosto com pancadas, ou cortaram a língua, o nariz e as orelhas.

Fonte: W R II

44. CORTADOS OS PULSOS. — ENCONTRO DE CADAVERES HORRIVELMENTE MUTILADOS EM SCHRIMM.

A testemunha Oskar Hartmann, chefe de uma olaria em Schrimm, depôs sob juramento:

...Em uma cova encontrou-se uma pessôa que não poude ser identificada. Além disso, encontraram-se, no cemitério evangélico de Schrimm, os cadáveres das seguintes pessoas: Conrad Lange, Wilhelm Schulz, Heinrich Haeussler, Wilhelm John, Erich Gaumer, Richard Weibt, Wilhelm Jeschke. Todos os cadáveres apresentaram mutilações mais ou menos graves, tinham as cabeças esmagadas, linguas, narizes e orelhas cortados. A Hermann Raabe tinham tirado os olhos. Outros tinham os pulsos cortados; um cadaver apresentava a tíbia completamente esmagada.

Fonte: W R II

45. O PAI, O MARIDO E O TIO, ASSASSINADOS.

A testemunha Gertrud Lemke de Hohensalza, depôs sob juramento:

Quanto à pessoa: Chamo-me Gertrud Lemke, n. Kadolowski; nasci em 8 de abril de 1906 em Elbing; sou casada, desde 1937, com o tipógrafo Herbert Lemke de Hohensalza.

---

(1) Oito vítimas pertencem ás pequenas povoações Netzheim e Hopfengarten que perderam mais outras vítimas em outros lugares !

Quanto à causa: Na quarta-feira, dia 6 de setembro de 1939, pelas 11 e meia horas, uma praça do exército polonês, em uniforme, armado de carabina, e acompanhado por 8 a 10 civís, armados de cacetes, intimou meu marido a acompanhá-lo. Como meu marido esquecesse a carteira de identidade, fui, alguns minutos depois, atrás dêle, conseguindo, apenas, vê-lo em companhia de meu vai dobrar a esquina mais próxima, acompanhados pela praça e os civis.

No domingo, dia 10 de setembro de 1939, — até esse dia eu nada soubera do paradeiro de meu pai, de meu marido, nem de meu tio — veiu meu sogro contar-me que, na vizinhança da casa do esfolador, haviam encontrado oito cadáveres humanos, em parte queimados; que os cadáveres estavam sôbre o chão e que os cachorros já tinham mexido nêles. Pedi-lhe então, com instância, que fosse logo verificar, se os nossos parentes se achavam entre êles. Quando levaram meu marido e meu pai, eu já pressentia que não tornaria a vê-los vivos, porque fôra muito forte a propaganda contra os alemaes em Hohensalza.

Pouco depois, veiu meu sôgro confirmar meu pressentimento. De nossa família, achavam-se, entre dois palheiros, os cadáveres de meu marido, de meu pai, de meu tio, e mais tres homens da família Fuchs e de um aprendiz do sr. Fuchs. O oitavo cadáver não poude ser identificado.

Fonte: W R II

46. 27 POPULARES ALEMAES, ASSASSINADOS, NO CEMITERIO DE KAMINIEK. — SOTERRADODS EM UM BURACO. — AS SOLAS DOS PÉS CORTADAS.

...Na terça-feira, dia 12 de setembro de 1939, ou na quarta-feira, dia 13 de setembro de 1939, descobrimos, na beira de um pequeno bosque perto de Koneck, os cadáveres de meu filho e dos lavradores Gatzke, Dreger e Tober. Meu filho tinha os olhos furados, nas costas apresentava numerosas baionetadas; nos antebraços, profundas feridas incisas que haviam decepado os músculos; faltava a metade do rosto. No cadáver de Dreger saira o estômago através de uma abertura no lado esquerdo do peito; no de Tober tinham cortado as solas dos pés e pelas costas saira sangue. Os cadáveres haviam sido jogados, um por cima do outro.

Encontrámos os irmãos Konrad em um buraco no campo, perto de Chromowcla; Agathe Konrad e Frau Tober, em Koneck; nestas duas faltava metade da cabeça.

Peter Bitschke, segundo me informaram, foi encontrado junto com Wilhelm Boelke, a mãe dêste, Frau Konrad e outro de nome Bitschke, no bosque de Kaminieck. No cemitério de Kaminieck foram exumados, ao todo, 27 populares alemães assassinados, todos de nossa aldeia e vizinhanças.

Fonte: W R I

47. O ROSTO TRISSECADO.

A testemunha Ida Albertini, mulher do professor em Kaminieck, depôs sob juramento:

...Em nosso cemitério foram exumadas até agora 26 pessoas trazidas das vizinhanças e que já haviam sido enterradas. Eu mesma vi os cadáveres e posso declarar, a respeito, o seguinte:

Parte delas foi morta a tiros; parte, porém foi morta, sem dúvida, a pancadas ou com armas percucientes. Eram 3 mulheres e 23 homens. A respeito dos ferimentos que eu vi, posso dizer o seguinte:

No cadáver de uma mulher faltava metade do rosto, provavelmente decepado por golpe de sabre; o cadáver de um homem apresentava tres ferimentos no peito de sorte que em um lugar se via o fígado; no cadáver de Emil Konrad, o rosto estava trissecado, por um golpe atravessando a fronte e outro formando com aquele um ângulo réto. No cadáver de Luise Konrad, u'a mão estava decepada, achando-se presa, sòmente por uns poucos tendões; do cadáver de um homem tinham arrancado os dois olhos que pendiam sôbre o rosto.

Fonte: W R II

48. PONTAPÉS NO ROSTO. — UMA CARROÇA DEVIA PASSAR POR CIMA DO ALEMÃO AGONIZANTE.

Act.te Kulm, 23 de Novembro de 1939.

O promotor público junto ao Tribunal Especial de Bromberg. Presentes: Bengsch, promotor público como investigador. — Agnes Pischke como escrivão.

No processo movido contra Wladislaus Rybicki, acusado de assassínio, comparece, devidamente intimado, a testemunha Heinrich Krampitz que, informado sôbre o objeto do interrogatório e exortado a dizer a verdade, como tambem sôbre o alcance do juramento, declarou:

Quanto à pessoa: Chamo-me Heinrich Krampitz; nasci a 30 de maio de 1921 em Kulm, sou eletricista em Kulm, r. Schulstrasse, 4; de confissão católica; pertenço à minoria alemã e não sou parente nem aparentado do acusado.

Quanto à causa: No domingo, dia 3 de setembro, parti, de Kulm em direção a Thorn, com cerca de 28 polonêses, num caminhão guiado pelo réu Rybicke. Meu destino era Thorn. Como Thorn estava ocupada, segui viagem no mesmo caminhão. Na segunda-feira, dia 4 de setembro de 1939 ao cair da noite, o nosso caminhão ficou parado, a cerca de 1,5 kms. além de Wloclawek, devido a um desarranjo do motor. Nessa hora, passava uma leva de alemães que era conduzida por membros da organização da juventude polonêsa (Przysposobienie wojskowe), sob as ordens de um oficial polonês. Quando a leva tinha chegado até uns 50 metros de nosso veículo, vi do alto do caminhão onde eu estava, um homem de idade tombar do meio da leva, ficando deitado na estrada. A leva passou adiante, ficando o alemão rodeado por civís que vinham acompanhando o grupo desde Wloclawek; Rybicki aproximou-se tambem da multidão que começou a dar no alemão indefeso. Quando Rybicki voltou depois ao nosso caminhão, êle disse que havia dado no alemão um pontapé quando queria levantar-se, de maneira que caíra novamente ao chão. Nisso mostrou-nos um sapato, dizendo que nêle se via o sangue proveniente do pontapé. E, de facto, vi no sapato manchas escuras que me pareciam sangue. Estava escurecendo, mas ainda não estava escuro que não visse as manchas. Rybicky contou ainda que tinha passado, na hora do incidente, um polonês, de bicicleta, o qual declarára ser uma barbaridade maltratar daquela maneira um homem. Aí, o oficial que chefiava a leva, teria dado uma punhada no rosto do bicicletista. Eu vi o oficial polonês perto do alemão, vi tambem alguns bicicletistas, mas não pude observar o incidente descrito por Rybicki, devido à grande multidão. Rybicki contou mais que, ao aproximar-se uma carroça, a multidão gritára que passasse por cima do alemão. Vi a carroça, mas não a vi passar por cima do alemão. Depois de voltar Rybicki, ficámos ainda cerca de uma hora parados por causa do desarranjo do motor. Durante todo esse tempo, a multidão ainda se achava em roda do alemão. Quando já era escuro, a gente que passava, contou-nos que haviam enterrado o alemão à beira do bosque. Na proximidade do local existiam só duas casas pequenas.

Encerrado:

ass. Bengsch

ass. Pischke

Fonte: Sd. K. Ls. Bromberg 117/39

19. AMARRADO E ARRASTADO ATE' MORRER.

HOMICIDIO DO TRABALHADOR WILHELM SIEG DE FEYERLAND.

Extraido das actas da Central da Polícia Criminal do Reich — Comissão Especial de Bromberg — Distintivo: Tgb. V (RKPA) 1486/15.39 (1).

I.

No bosque, perto da aldeia Feyerland, a 13 kms. léste-sudéste de Bromberg, foi encontrado, no dia 14 de novembro de 1939, o cadáver bastante putrefato de um homem, cuja identidade foi reconhecida na presença do competente gendarme local, tratando-se do cadáver do trabalhador Wilhelm Sieg de Feyerland, nascido a 13 de março de 1896. O morto que pertencia à minoria alemã, deixa, além de sua mulher, dois filhos de 9 e 14 anos de idade.

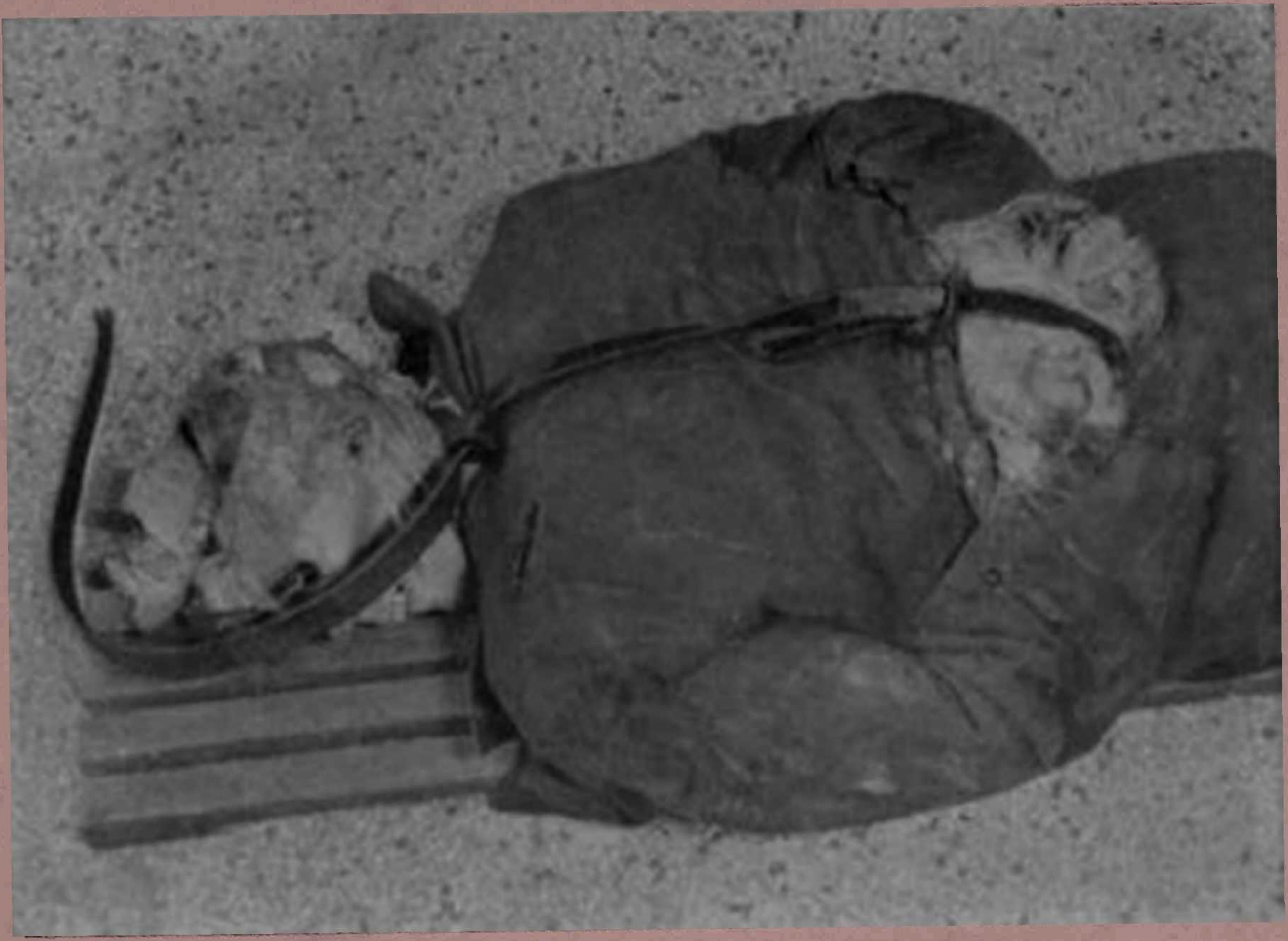
II.

O morto jazia, a 50 metros de distância do caminho mais próximo, em decúbito dorsal, num bosque ao sul da aldeia Ruden. Até seus pés levavam um vestigio de arrasto, muito bem reconhecível, que poude ser perseguido até 29 metros a dentro, porém, não em direção de um caminho. Ao redor do pescoço do morto achava-se enlaçada uma guia de cavalo de maneira tal que uma extremidade da mesma estava solta a partir da nuca. — Os dados colhidos no exame dos médicos legistas, foram completados da seguinte forma: Todas as peças do vestuário apresentavam na região do ombro esquerdo, uma abertura de 8 cm. de comprimento a qual, à vista dos cortes unidos, é atribuida a um golpe ou corte; na região da omoplata esquerda foi constatado um ferimento correspondente, produzido, ao que parece, por um golpe dado de

A gravura mostra Wilhelm Sieg, assassinado, no local onde foi encontrado. Vê-se a guia do cavalo, partindo da nuca do morto.

---

(1) O presente caso se acha apenso ás actas sob Sd. Is. 819/39, na promotoria pública, junto ao Tribunal Especial de Bromberg.



A gravura mostra a maneira requintada de como o morto fôra algemado, vendo-se a guia de direção, partindo dos pulsos. Do lado esquerdo se vê o ferimento por golpe ou corte

cima. Os saltos de borracha dos sapatos do morto se achavam despregados da parte trazeira dos saltos; entre as peças de borracha e as de couro havia humus e barro de gramado úmido. — As mãos do morto achavam-se amarradas de maneira tal que os pulsos estavam enlaçados, nas costas, por meio de uma guia de cavalos que formava nós. A extremidade mais curta da guia estava livre a partir dos pulsos, enquanto que a parte mais comprida da guia, partindo dos nós e bem apertada, conduzia até a nuca e daí em volta do pescoço, formando um laço em volta das vias de respiração. Dos nós dados na mesma guia, na região da nuca, partia a outra extremidade, de uns 80 cm. de comprimento.

Os exames feitos pelos médicos legistas demonstraram, além da existência dos ferimentos já mencionados, a de um ferimento produzido por uma bala na cabeça, devendo o tiro ter sido desfechado sôbre a vítima em posição de decúbito, e a fratura do hióide. — As demais averiguações da polícia criminal demonstraram que, no correr dos dias 3 a 5 de setembro, os alemães da aldeia Feyerland, a quem, já nos últimos dias do mês de agosto, haviam ameaçado de serem "abatidos como gado" (1), fugiram, com os velhos e os filhos, para os bosques, onde se alimentavam de bagas e do orvalho dos arbustos silvestres. Tentavam, daí, se aproximarem de suas casas para buscarem alimentos e tratarem do gado. Numa dessas tentativas, Wilhelm Sieg e seu sobrinho Kurt Sieg foram presos por soldados polonêses, na madrugada do dia 4 de setembro.

Sob ameaças de morte, Kurt Sieg foi obrigado a denunciar o esconderijo dos outros alemães que foram despojados e dos quaes levaram Max Ziesak que foi assassinado juntamente com os dois homens Sieg. O exame mais completo do destino do morto tornou-se impossivel porque as testemunhas que conseguiram salvar-se, perderam da vista os soldados e Wilhelm Sieg.

III.

O resultado das averiguações pode-se resumir assim: Wilhelm Sieg fôra algemado de uma maneira tão requintada que dificilmente descobrirá um caso análogo, mesmo quem tiver longo tirocinio criminalista. As algemas obrigara ma vitima a manter as mãos, atadas nas costas, numa posição anormal, da qual nem podia tentar livrar-se porque, do contrário, se estrangularia a si mesmo. Mas a baixeza de caráter demonstrada no modo de algemar a vitima, ultrapassa-se a si mesma, tendo o nó no pescoço sido dado de uma maneira tal que a extremidade livre da guia podia servir como guia de direção e, de facto, tambem serviu, conforme se verificou, sendo a vitima torturada puxando a guia com mais ou menos força. — Como o vestigio de arrasto conduz de dentro do bosque em direção à estrada que leva de Bromberg para Seebruch, deve-se concluir que Sieg sucumbiu aos suplicios infligidos, ficando incapacitado de seguir adiante, de maneira que o algoz deve ter arrastado sua vitima, caida por lhe faltarem forças para aturar o suplicio por mais tempo. E' assim, tambem, que se explica a fractura do hióide, verificada pelos médicos legistas; e, nisto, pouco importa, relativamente ao grau de crueldade, se o crâneo de Sieg foi esmagado enquanto estava sendo arrastado ou no lugar onde foi encontrado — o que é provável. O assassínio apresenta-se, portanto, como um crime cometido com a máxima crueldade e infâmia, pelo qual respondem — como em tantos outros casos — praças das tropas polonêsas.

---

(1) Depoimentos de testemunhas!

50. "DEM NELES !" DEM NELES !"

ASSASSINIOS DE GRIEGER E JOHN EM POSEN: RESULTADO: 4 CADAVERES DE HOMENS, SOTERRADOS.

Extraido das actas da Central da Policia Criminal do Reich. — Comissão Especial Posen — Distintivo: Tgb. V (RKPA) 1486/4. 39.

No dia 24 de setembro de 1939, foram encontrados, numa parte facilmente acessivel do cemitério Matthaei de Posen, a 85 cm. de profundidade, quatro cadáveres de homens, soterrados. Uma vistoria superficial, feita pelo médico legista, demonstrou que se tratava de assassinados.

A autópsia procedida nos dias 25 e 26-9-39, deu um resultado que nem se receava depois da primeira vistoria.

No cadáver P. 1 (Grieger) fora mverificadas graves fracturas do occipital, produzidas por um golpe dado com instrumento embotado; no rosto tinha inúmeras feridas perfurantes; o olho esquerdo estava perfurado. Foi constatado ainda um ferimento produzido por um projétil que atravessou o tórax, ferimento que, por si só, não foi mortal. A morte deve ser atribuida à coincidência de vários ferimentos. No quadril esquerdo foi encontrada uma bala encravada.

No cadáver P. 2 (John) encontrou-se uma bala encravada no crâneo, e vários ferimentos penetrantes. No rosto tinha várias feridas, achando-se a cutis rachada. A' vista do grave esmagamento da maxila superior, o médico conclue, pela particularidade das fracturas, que os dentes foram arrancados propositalmente (1).

Na noite do dia 3 de setembro de 1939, parou, em frente da casa n.° 3 da rua Markgrafenring em Posen, cerca de dez caminhões militares polonêses, ocupados por atiradores e escoteiros, aglomerando-se, logo, grande multidão na rua.

O comandante do serviço de proteção contra ataques aéreos dêste distrito, o polonês foragido Stefen Nowicki, mandou o alemão Gerhard Grieger, de 32 an osde idade, que na sua qualidade de porteiro daquela casa era responsavel pelas medidas de precaução contra ataques aéreos, subir no telhado da casa porque, segundo disse, havia alguem lá em cima. Grieger foi procurar em vão.

Essa armadilha de incrivel vileza tornou-se fatal para Grieger, pois, na rua começaram a gritar que, no telhado, alguem estava dando sinaes luminosos. Tres soldados foram buscar Grieger, conduzindo-o até o ginásio Schiller que fica à distância de algumas centenas de metros e maltratando-o em todo o caminho. O polonês Hendryk Bronikowski refere que Grieger, depois de maltratado pelos soldados com pontapés e coronhadas, ao chegar ao ginásio, poude, apenas, articular palavras ininteligíveis. Cerca de cinco minutos depois, a mesma testemunha ouviu alguns tiros que foram ouvidos tambem por outros.

---

(1) Os dois outros cadáveres foram identificados como os de Max Otto, de 48 anos de idade, e de Erich Manthe, de 21 anos, que foram assassinados, em outro lugar, por policiaes polonêses.

Mas, com isso, o comandante Nowicki não se satisfez. Voltou, novamente para a casa, mandou prender o empregado Paul John, de 32 anos de idade, e conduzi-lo, igualmente, para o ginásio Schiller. Na ida para lá, John tentou fugir, sendo, porém, preso, pela multidão que berrava, e esbordoado de maneira tal que não poude andar adiante. Após poucos minutos foi fuzilado pelos soldados, no mesmo lugar.

Instigados pelos gritos da populaça, os rapazes, armados de machados, pás e picaretas, começaram a dar nas vítimas banhadas de sangue. O polonês Henryk Pawlowski, que foi preso no correr das investigações, dá, em seu depoimento, um relato insofismavel dos acontecimentos: Êle recebera ordem, de enterrar os dois fuzilados, no gramado que ficava em frente. Um dos dois ainda estava com vida. Pawlowski pegou na pá, dando, com toda a força, no agonizante. "Sou cristão e não quiz enterrar o homem vivo", respondeu êle quando se lhe perguntou o que tinha pensado agindo assim. Ao que êle afirma, outros rapazes tambem foram instigados a cometerem taes brutalidades. Os soldados assistiram à cena inativos.

Depois de mortos os dois, arrastaram-nos através a rua; a um dêles pegaram com a picareta, entre o paletó e o colete.

Enterraram-nos, no gramado do passeio, do outro lado da rua, a cerca de 15 metros do local onde fôram assassinados. Mais tarde, os cadáveres fôram desenterrados, sendo conduzidos, às escondidas, para o cemitério Matthaei.

Pawlowski declarou, como bom católico, ter frequentado a missa. Perguntado sôbre o conteúdo dos ultimos sermões que ouvira, respondeu, literalmente: "Atiçaram a gente".

O local do crime foi vistoriado no dia 26-9-39. Fica numa rua, edificada de um só lado, num bairro de Posen. Vestígios seguros de sangue foram fotografados. Na calçada, em frente do ginásio Schiller, foram encontradas duas grandes poças de sangue, tendo-se descoberto vestígios de esguichos de sangue até uma distância de 4 metros, na calçada e na rua. O muro do ginásio Schiller se achava ensanguentado numa largura de 7 metros. Entre as poças de sangue e a rua existiam vestígios de arrasto.

A autópsia feita pelos médicos legistas e as averiguações criminalistas demonstraram que Grieger e John foram executados, sem o mínimo respeito à lei marcial. As circunstâncias da prisão, o desenrolar do assassínio e o local são provas bastantes de que, no caso, se trata de um assassínio no sentido criminal, como no judicial.

Henryk Pawlowski foi condenado à morte, por colaboração no assassínio, pelo Tribunal especial de Posen, em 18-11-1939.

51. TORTURADO, LENTAMENTE, ATE' MORRER.

COMO FORAM ASSASSINADOS 12 POPULARES ALEMAES EM SCHULITZ. — OS OLHOS FURADOS. — O VENTRE RASGADO.

Relatado de acôrdo com os depoimentos das testemunhas Kurt Schulze, Klara Kriegwald e Ferdinand Reumann:

No dia 4 de setembro de 1939, 7 ou 8 soldados polonêses penetraram na propriedade do popular alemão August Schulz em Schulitz. Os soldados afirmaram que os alemães tinham revólveres e carabinas escondidas em sua casa e que Michael Naskret, empregado do serviço florestal, lh'o tinha comunicado. Embora os alemães presentes o contestassem e apesar da busca correr sem resultado positivo, o alemão August Schulz e seu filho Kurt foram presos. O mesmo caso se deu em casa do proprietário Kriegwald. Sob a alegação de que êle, segundo comunicação feita por Naskret, tinha, escondidos em sua casa, revólveres e carabinas, déram uma busca em sua casa e prenderam o proprietário Kriegwald e seu filho de 21 anos de idade. A mulher, Klara

Kriegwald, de 54 anos de idade, foi violentada por um soldado polonês. Outros soldados polonêses penetraram na casa do alemão Ferdinand Reumann, exigindo a entrega de armas. Reumann falou com os soldados em polonês, explicando-lhes que não possuia armas e que os alemães não tinham armas escondidas. Ouvindo essa informação, os soldados ficaram muito surpreendidos, declarando um dêles que, ao contrário, Naskret tinha denunciado os alemães por possuirem armas. Reumann, dando-se com o polonês e falando com os soldados em polonês, não foi preso. Em circunstâncias análogas, foram presos o alemão Schmelzer e mais sete alemães.

Os doze presos, entre êles o pai de Kurt Schulze, o marido da Frau Kriegwald e o pai das testemunhas Schmelzer, foram conduzidos, ainda no mesmo dia, de Schlitz para o bosque, onde foram amarrados, um ao outro, sendo obrigados a pararem acocorados. Quem caía de fraco, recebia coronhadas dos obrigados a ficar acocorados. Quem caía de fraqueza, recebia coronhadas dos aos soldados, no bosque, por que os tinham preso e o que havia contra êles, ao que os soldados responderam que haviam sido acusados de terem atirado com uma metralhadora, sôbre Naskret que fugira de Schulitz, e isto quendo êle quizera voltar para Schulitz com o fim de tratar de seu gado. Que Naskret tinha feito a denúncia. O tenente polonês, que chefiava a turma, temendo que lhe ficasse cortada a retirada se não se afastasse ràpidamente do bosque, pediu a Kurt Schulz que o conduzisse do bosque para a estrada. Em paga dêsse serviço e a pedido da testemunha, o tenente polonês prometeu soltar o pai da testemunha e os outros alemães. Mais tarde Kurt Schulz fugiu, voltando para Schulitz. Nesse meio tempo, isto é, em 5 de setembro, Olga Schulz e Klara Kriegwald set inham entendido com um destacamento polonês em Schulitz com o fim de conseguirem a libertação de seus maridos e filhos. Pediram que mandassem chamar o empregado do serviço florestal Naskret que confirmaria sua afirmação de os alemães não possuirem armas, nem terem atirado; ao que responderam os soldados, rindo: "Foi êle, justamente, quem o afirmou".

Kurt Schulz, tendo voltado para Schulitz, poz-se imediatamente a caminho para procurar seu pai e os outros dez homens deportados de Schulitz. Nas imediações do lugar onde êle e o tenente polonês se tinham separado do resto da leva, encontrou o chão revolvido. Cavando, encontrou, a pouca profundidade, os cadáveres de seu pai, dos outros dez alemães de Schulitz e de um desconhecido. Os assassinados achavam-se amarrados, um ao outro. Todos êles tinham os olhos furados e os dentes quebrados. Alguns tinham a garganta cortada e o ventre rasgado. August Schulz e Schmelzer tinham esfolado as mãos Os doze homens assassinados tinham, portanto, sido torturados até morrerem.

Fonte: Sd. K. Ls. Bromberg 31/39.

52. FUZILADOS, UM APÓS OUTRO. "QUANDO TOCOU A MINHA VEZ, JA' HAVIAM FUZILADO 16".

A testemunha Erwin Boy, alfaiate em Ostburg, depôs sob juramento:

Na encruzilhada de Dabrowa, mandaram que nos deitassemos no chão, ficando com a cabeça no talude da estrada e com os pés no campo. Em seguida tiraram-nos os aneis; a mim me tiraram, tambem a aliança e outro anel. Feito isto, chamaram-nos, um por um, pelo nome, começando ao mesmo tempo pelas duas extremidades da fileira deitada. Quem era chamado, tinha que levantar-se e ir até o campo. Um soldado ia atrás dêle, dando dois tiros. Quando tocou a minha vez, já haviam fuzilado 16. Ao ser chamado, fui correndo em zigue-zague para o campo, alcançando-me o primeiro tiro no lado direito, mas o ferimento não era grave, a bala furára simplesmente o músculo. Depois joguei-me ao chão. De uma distância de 4 metros, o soldado que ia atrás de mim, me deu outro tiro, que me feriu no ombro direito, rasgando-me o braço direito. Não me mexi, embora eu estivesse de posse de todos os sentidos. Ouvi depois fuzilarem meus outros companheiros.

Terminado o tiroteio, os soldados gritaram: "Agora estão os Hitlers, todo o partido jovem-alemão", e os soldados e os civís presentes bateram palmas. Depois ouvi o comando: "Abrir covas!" A meu lado esquerdo cavaram uma cova para mim. Vi dois moços abrirem minha cova. Quando iam me jogar na cova — já era na hora do lusco-fusco e a estrada mal se enxergava — levantei-me e pedi ao civil que me olhou de olhos arregalados, que me poupasse a vida, acrescentando que eu tinha mulher e filhos e que era um pobre alfaiate. Em vez de responder-me ou dizer qualquer cousa, sacou do bolso um revólver desfechando-me um tiro, que errou o alvo. Ataquei-o, então, dando-lhe um soco na região do estômago, deitando a fugir. Êle gritou atrás de mim "Wojska!", i. é soldados. Puz-me a descansar em uma vala coberta de espinheiros, entre Luisenfeld e Stanomin, indo depois até a casa de uma proprietária alemã, em Stanomin-Abbau, de nome Klatt, a qual me deu de beber, ficando, porêm, com receio de albergar-me, porque viera um menino, contando que em Stanomin estavam assassinando os alemães.

Ela aconselhou-me de ir esconder-me num bosque próximo, entregando-me um jaquetão e uma pá. Afastei-me ,pois, em direção ao bosque. Ouvindo tiros que vinham do bosque, deitei-me numa vala coberta de junco, a uns 400 metros de distância do bosque, sem me mecher. Aí fiquei até a manhã de sábado, sob o fogo da artilharia e de metralhadoras, tendo havido, provavelmente, uma escaramuça entre tropas polonêsas e alemãs. Percebi, também, como um avião alemão evoluia sôbre o bosque. Peguei no sono e acordei ao meio-dia, num estado de extrema fraqueza. De repente ouvi minha mulher chamar-me pelo nome. Ela fôra procurar-me. Um médico militar alemão veiu atar-me as feridas, depois do que me transportaram para o hospital de Hohensalza. As feridas ainda não estão cicatrizadas e ainda não posso servir-me do braço direito.

Salvaram-se, além de mim, como por um milagre, Eduardo Kunitz e Hermann Galster.

Suponho que, já antes do início da guerra, se achavam organizadas as listas, pois, do contrário, os soldados não poderiam chamar-nos pelos nomes que traziam num papel. Deve ser responsabilizado, pela organização das listas, a meu ver, o então intendente, de nome Gorne.

Ditado em alta voz, aprovado e assinado

ass. Erwin Boy

Fonte: W R 1

53. ASSASSINIOS EM MASSA, EM SAMARA. DEZ CADAVERES INSEPULTOS.

Samara, 13 de outubro de 1939.

Centro de investigação de casos de violação do direito das Gentes, junto ao Supremo Comando da Força Armada.

Presentes: Conselheiro do Tribunal de Guerra Hurtig. — Inspetor da Justiça Militar Pitsch.

Procurado em sua residência, comparece Oskar Brakop, filho de lavrador, em Samara, depondo sob juramento:

Quanto à pessoa: Chamo-me Oskar Brakop; nasci a 15 de novembro de 1909 em Samara, perto de Straczewo.

Quanto à causa: Depois dos soldados polonêses realizarem várias buscas em minha casa e sob ameaças de morte, fugi, com minha mãe e dois irmãos, para o campo. Tendo nossa aldeia sido ocupada pelas tropas alemãs, voltei no domingo, dia 10 de setembro, à nossa propriedade. Encontrei-a completamente saqueada. Acompanhado por soldados alemães fui à procura de portos. Num campo da propriedade Chromowola, perto de Straczewo descobrimos (pg. 99) dez cadáveres insepultos. Encontrei lá 5 membros da família Richert de Straczewo; eram tres filhos de 16 a 19 anos de idade, a mãe e a avó dos mesmos. A avó contava cerca de 60 anos. O marido Richert, provavelmente, não fôra encontrado. Contaram-me que êle se escondera em um palheiro, juntamente com suas duas filhas e dois filhos mais moços, sem ser descoberto pelos polonêses. Encontrámos mais, naquele campo, os cadáveres de Jakob Blum e de seu filho de 19 anos, igualmente de Straczewo. Mais os do lavrador Johann Feiertag e de sua mulher, do jovem Peplau e da Frau Leschner, prima do lavrador Blum a qual se achara de visita em casa do mesmo. Frau Richert tinha os olhos furados e toda a abóbada craneana decepada por efeito de uma pancada ou de um tiro; Johann Blum tinha, além de um ferimento por tiro, um produzido por baionetada; no cadáver de Otto Richert faltava a metade direita do rosto. Os soldados alemães tiraram fotografias dêsse encontro de cadáveres; ignoro a que corporação da tropa polonêsa pertenciam aqueles soldados. Segundo me informou o marido Richert, os autores eram soldados polonêses incumbidos de percorrer as aldeias à procura de alemães e de matá-los.

Ditado em voz alta, aprovado e assinado

ass. Oskar Brakop

A testemunha prestou o seguinte juramento: "Juro perante Deus Omnipotente e Omnisciente que eu falei a pura verdade, que nada calei, nem nada acrescentei, como quero que Deus me valha."

Encerrado:

ass. Hurtig

ass. Pitsch

Fonte: W R I

54. O QUEIXO, DECEPADO; A MASSA ENCEFALICA ESTAVA ESPALHADA PELO CHÃO.

ASSASSINIOS DE FIERTAG E RICHERT.

Samara, 13 de outubro de 1939.

Centro de investigação de casos de violação do Direito das Gentes, junto ao Supremo Comando da Força Armada.

Presentes: Conselheiro do tribunal de guerra Hurtig. — Inspetor da justiça militar Pitsch.

Devidamente intimada, comparece Emilie Feiertag, mulher do lavrador Feiertag, morador de Samara, depondo sob juramento:

No sábado, dia 9 de setembro de 1939, encontrei os cadáveres num campo; no de Otto Richert falta o queixo, igualmente no de Johann Feiertag. No de Otto Richert, os intestinos pendiam para fóra do ventre; no da Frau Richert falta um olho e a abóbada craneana, a massa cefálica estava espalhada no chão.

Mais tarde fui, com outros alemães, à procura de outros mortos e de meu marido a quem eu julgava, igualmente, fuzilado. Encontrámos, num bosque, enterrados em pequena cova os cadáveres do lavrador Henrich Blum e de sua mulher Alwine Blum, casados, havia pouco tempo. A cova tinha, no máximo, 1 metro quadrado. Os cadáveres tinham sido adaptados ao tamanho da cova. Nos arredores da nossa aldeia e das vizinhas, descobriram-se, em toda a parte, cadáveres de populares alemães. A meu ver, o procedimento dos soldados polonêses obedecia a um plano premeditado; tinham até listas onde se achavam anotados os nomes das famílias alemãs com todos os membros das mesmas.

As últimas tropas polonêsas desapareceram no sábado, dia 9 de setembro de 1939, pelas 4 horas da madrugada. As primeiras tropas alemãs entraram em nossa aldeia pelas 10 horas da manhã.

Ditado em alta voz, aprovado e assinado

+ \+ \+

em lugar da assinatura da Frau Emilie Feiertag.

A testemunha prestou o seguinte juramento: "Juro perante Deus Omnipotente e Omnisciente que eu falei a pura verdade, que nada calei nem nada acrescentei, como quero que Deus me valha."

Encerrado:

Ass. Pitsch

ass. Hurtig

Fonte: W R I

55. RAPINAGEM ATRAVÉS AS PROPRIEDADES DOS LAVRADORES ALEMÃES.

No processo movido contra:

1. Wladislaws Skrzypzciak, jardineiro em Koziegrowy, nasc. a 16-9-1919 em Rakietnica, solteiro, católico-romano;
2. Stefan Zaudzinski, ajudante de jardineiro, de Kochfeld, nasc. a 15-5-1912 em Antoniewo, solteiro, católico-romano;
3. Stanislaus Bambor, operário, de Kochfeld, nasc. a 19-4-1908 em Samter, casado, católico-romano;
4. Bruno Finke, operário, de Kochfeld, nasc. a 15-11-1921 em Teschendorf, solteiro, evangélico;
5. Edmund Schlabs, açougueiro, de Kochfeld, nasc. a 11-5-1919 ibid., católico-romano;
6. Bruno Nowak, ajudante de moleiro, de Schlehen, nasc. a 16-1-1908 em Liebuch, solteiro, católico-romano

— todos internados na prisão do tribunal de Posen —

ad 1 — 5 por grave infracção da paz pública
ad 6 por ameaça,

o Tribunal Especial, reunido na séde do Comando Militar de Posen, em sua sessão de 25 de outubro de 1939, na qual tomaram parte:

o conselheiro de tribunal de comarca Dr. Schaefer, como presidente,
o conselheiro de tribunal de comarca Dr. Kiep,
o conselheiro de tribunal regional Wehl, como juiz adjunto,
o funcionário da justiça Rast, como escrivão,

julgou de direito:

que os réus Skrzypzciak, Zaudzinski, Bambor, Finke e Schlabs são culpados de grave infracção da paz pública, Skrzypiak do mesmo crime cometido com armas, os outros por cumplicidade consciente e meditada com um armado; o réu Nowak é culpado de ameaça,
e condena:

os réus Skrzypciak, Zaudzinski, Bambor, Finke e Schlabs à morte,
o réu Nowak a (seis) mêses de prisão;
os réus, com exceção de Nowak, perdem os direitos civís por tempo de vida;
ao réu Nowak se descontará, pela detenção preventiva, 1 (um) mês da prisão a que foi condenado;
as custas do processo correrão por conta dos réus.

Razões:

Na noite do dia 3 de setembro de 1939 reuniu-se, em Kochfeld, perto de Tarnowo, um grupo de cerca de dez homens moços sob a chefia dos operários, ainda foragidos, Czapara e Szczechowiak, com o fim de, sob á alegação de procurarem por armas, invadirem e saquearem, por conta própria, as famílias alemãs e suas propriedades, em Kochfeld. Fizeram parte dêsse bando, entre outros, os acusados Skrzypcziak, Zaudzinski, Bambor, Finke e Schlabs. Os outros cumplices, até a presente data, não puderam ser presos.

Pelas 20 horas do mesmo dia, o bando apareceu em frente da propriedade do popular alemão Arthur Bussmann, lavrador, cercaram a casa de moradia, despregaram da cerca certo número de sarrafos, deitaram por terra a cerca do quintal, iniciando, com grande barulho e tumulto e sob palavras injuriosas, como "sangue de cachorro", um bombardeio com pedras contra todas as janelas do rez-do-chão e do primeiro andar da casa. Em parte, serviram-se, tambem, dos sarrafos como projéteis. Foram, ao todo,

quebrados não menos de 47 vidros e quatro caixilhos de vidraça, e danifica-
das quatro persianas descidas. Procuraram, até, servir-se de tres mourões
massiços de cimento armado, dando nêles com machados de maneira que
toda a casa ressoava, deitando-os finalmente por terra. A testemunha Arthur
Bussmann que estava só com seu irmão, naquela casa, temendo por sua vida
à vista do barulho e da grande fúria da multidão, refigiou-se com êle no
sotão e de lá, mediante uma escada que traziam comsigo, na última man-
sarda. Enquanto Bussmann subia, na escuridão, a escada, foi ferido, na omo-
plata direita, por um tijolo — jogado pela trapeira —, de sorte que durante
longo tempo não poude servir-se do braço e quase caiu da escada. O tumulto
da multidão durou cerca de meia hora. Conforme a testemunha Bussmann
poude observar de seu esconderijo, os bandidos até sacudiram as árvores, pensando que os inquilinos amedrontados se tivessem escondido nas cópas. Não invadiram a casa, deixaram-no para mais tarde.

Da propriedade de Bussmann, a horda movimentou-se em direção a propriedade do alemão Schemme, lavrador em Kochfeld. Êste, prevenido, em tempo, pelo formidavel tumulto na propriedade de Bussmann, escondera-se, com sua família, no porão do palheiro. Como no primeiro caso, arrancaram tambem sarafos da cerca, servindo-se dêles e de pedras para quebrar quase todos os vidros e até dois caixilhos das janelas. Êste ataque durou tambem cerca de meia hora. Foram roubadas, através das janelas quebradas, as cortinas de duas janelas. Dirigiram-se, então, para a propriedade do alemão Muecke, lavrador em Kochfeld, onde quebraram vários vidros das janelas e arrombaram o portão. Beberam uns 10 litros de leite contidos em um vaso que estava em frente da casa.

A testemunha Muecke — tambem prevenida em tempo pelos incidentes que se deram na propriedade de Bussmann — escondera-se, com seus pais e uma tia avó, num milheiral que distava uns 200 metros da propriedade, passando aí cerca de 4 horas, de medo da multidão. A testemunha Super, jardineiro, — vizinho de Muecke e mais tarde chefe da milícia polonêsa de Kochfeld — fez o possivel para, por meios suasórios, impedí-los a praticarem maiores devastações.

Mas, Czapara que está foragido, avisou os acusados que Super, querendo, de facto, retê-los, "apanharia".

Passou, então, o bando para a propriedade da viuva Weissmueller, que fica em Gurten-Ausbau, mas do lado de Kochfeld. Quebraram, aí, 34 vidros e tres caixilhos de janelas. Através as janelas arrombadas, alumiaram o interior da casa para ver se os inquilinos estavam deitados. Mas a viuva Weissmueller e sua filha, despertadas pelo barulho, já tinham pulado das camas, escondendo-se atrás de uma parede. A mãe da testemunha, mulher de 83 anos de idade, quase cega e de pés aleijados, ia ser escondida, pela neta, no armário, o que, porêm, não se realizou porque atiraram, pela janela, uma pedra de uns 2 kilos de peso que foi despedaçar a porta do armário. A testemunha apresentou a pedra perante o tribunal. Em seguida, os bandidos arrombaram a porta da cozinha que dá para o jardim, entrando alguns homens na cozinha. Proferindo insultos, viraram a mesa e um cesto com 5 duzias de ovos. A testemunha ouviu-os gritarem, ao mesmo tempo: "Vocês, alemães, estão nos atirando bombas". Quanto a isso, convém lembrar que, dois dias antes, um aviador alemão jogára duas bombas perto de Kochfeld. O tumulto na cozinha durou cerca de 5 minutos. Em seguida a horda retirou-se, jogando, ainda, em frente da casa, um pote de mostarda. A família Weissmueller, receando que os bandidos voltassem, foi esconder-se atrás de uma meda de palha, perto do estábulo, e, não podendo suportar o frio por mais tempo, esconderam-se num galpão onde se fervia a forragem para o gado. Na manhã seguinte, constataram, além dos danos mencionados, que fôram roubados duas cadeiras, uma toalha e um pão. Mais duas cadeiras quebradas estavam no jardim; e estavam estragadas as cortinas de várias janelas.

Dirigiram-se, a seguir, para a propriedade do lavrador alemão Unkenholt, a qual tambem fica em Gurten-Ausben. Aí, tambem, quebraram quase todos os vidros e alguns caixilhos de janelas, arrancaram e rasgaram as cortinas. Não penetraram no interior da casa, provavelmente, porque um cachorro que estava na casa, corria de quarto em quarto, latindo a tôda força. Apesar disso, roubaram, através de uma janela, duas cortinas e um espelho

A família Unkenholt escondera-se, em tempo, num batatal que ficava a algumas centenas de metros da casa, de onde puderam ouvir o tumulto e o tinir dos vidros que se quebravam. Depois, o bando penetrou na propriedade da viúva do lavrador alemão Strodtmann, onde quebrou quase todos os vidros das janelas (uns 66) por meio de sarrafos e pedras e destruiu não menos de 11 caixilhos. Alguns bandidos penetraram, pela porta, no interior, entornando um pote com pepinos, uma lata de café, pisaram sôbre doces que encontraram, destruiram o acumulador do rádio, as cortinas de duas janelas no quarto de dormir, o enxoval da filha, e roubaram, sob jubilo geral, a importancia de 50 zloty, e ainda o voltámetro do rádio e as cortinas de duas janelas. A família Strodtmann escondera-se, em tempo, no porão do palheiro.

Voltando para Kochfeld, o bando invadiu a propriedade do alemão Schmalz, onde quebrou, sob grande alarde, os vidros das janelas do lado do quintal e do jardim. Alguns homens demoliram o varandão do lado do quintal, arrombando, com um ferro, a porta que leva do varandão para o interior, roubaram 180 zloty em dinheiro, uma sombrinha, as cortinas de tres janelas, um par de guias, correias e correntes para cavalos. A família da testemunha Schmalz refugiára-se, em tempo, no telhado onde se escondera. A testemunha Schmalz reconheceu de lá o acusado Skrzypczlak pela voz. Em sua retirada, os bandidos soltaram ainda um rojão que tinham encontrado na casa de Schmalz. Levaram tambem uma alavanca que encontraram no quintal.

O bando seguiu, então, pelas 23 horas, para a propriedade do alemão Scheintze em Kochfeld, onde, em primeiro lugar, destruiram 65 vidros da casa e outros do estábulo, servindo-se de sarrafos, cacetes e pedras e provavelmente da alavanca que levaram. Além das demolições e mais uns pequenos estragos, não cometeram outras depredações e não entraram na casa.

Tendo dado toda a volta pelas propriedades dos populares alemães — as únicas oito que existem por lá — dirigiram-se, novamente, para a primeira, a de Bussmann, onde, no meio de grande tumulto, jogaram, outra vez, pedras contra a casa e as janelas, percorrendo os quartos e, até, o porão e o sótão.

Bateram as portas e arrombaram a porta do quarto dos criados, conforme percebeu a testemunha Bussmann que se refugiára, novamente, no telhado. A horda danificou o rádio e a antena, duas poltronas de pelúcia, entornou dez vasos de flores e quebrou dois vidros da estante de livros. Foram roubados os seguintes objetos: um diamante de vidraceiro, uma ceroula de lã, uma jaqueta de lã, uma carteira vazia, um apontador de lápis, 15 vidros Weck com cerejas em conserva e suco, seis cortinas, oito meias, muitas toalhas, tres pedras de sabão, uma lata de creme para sapatos, duas latas de creme para a cutis, um relógio de parede, uma dúzia de facas, uma duzia de garfos, uma duzia de colheres, tres panelas, duas frigideiras, dois lençóes e duas fronhas, um pano de mesa, meio kilo de manteiga, de banha e de linguiça, um metro de metal e dois baldes. Os vidros de suco foram esvaziados no próprio lugar.

A testemunha Bussmann e seu irmão sairam de seu esconderijo só, pelas 3 horas da madrugada, indo esconder-se num batatal que fica a uns dois kilómetros de distância da casa, porque, à vista da fúria do povo, ainda se sentiam ameaçados.

Dois dias depois dêsses acontecimentos, a testemunha Bussmann ouviu brigarem seu criado — o acusado Bambor — e o ajudante de moleiro Nowak, citado nesta acta como cúmplice, por causa do empréstimo de dois cavalos. Bussmann que estava tambem no quintal, disse-lhes que não fizessem tanto barulho, aproximando-se do grupo para harmonizar as cousas. O acusado que tinha um forcado na mão, levantou-o contra Bussmann, dizendo: "Gente como essa tem que ser eliminada".

São êstes os factos constatados, pelo tribunal, à vista dos depoimentos jurados das testemunhas: Arthur Bussmann, Otto Schemme, Robert Muecke, Wilhelmine Weissmueller, Frieda Unkenholt, Otto Kranz, Arthur Schmalz, Wilhelm Heintze, Stanislaus Gadjinski, Wladislawa Napieralla, Franz e Kunigunde Super, em combinação com as acusações mútuas dos acusados.

Fonte: Sd. Is. Posen 78/39.

56. SOLDADOS POLONESES COMO INCENDIARIOS. ASSASSINIOS DE KARL E LYDIA BAAR.

Wojciechowo, 13 de outubro de 1939.

Centro de Investigação de casos de violação do Direito das Gentes, junto ao Supremo Comando da Força Armada.

Presente: Conselheiro do tribunal de guerra Hurtig. — Inspetor da justiça militar Pitsch.

Procurada em sua residência, a filha de lavrador Martha Baar de Wojciechowo, sendo perguntada, depôs sob juramento:

... Primeiro entrou na casa um simples soldado, perguntando se éramos alemães e quantos filhos tínhamos. Afirmámos a pergunta se éramos alemães e, relativamente à pergunta pelos filhos, declarei que só se achava presente meu irmão Karl, de 46 anos de idade. Nem tinha saído quando veiu um Podporucznik (tenente polonês), pedindo vêr a caderneta de reservista de meu irmão. Eu estava no corredor. Meu irmão Karl, minha irmã Lydia, minha mãe, um rapaz de 13 anos, de nome Arthur Bieser, e uma menina polonêsa de 9 anos, de nome Hedwig, achavam-se na cozinha. Tendo estudado a caderneta, o tenente polonês disse em polonês: "Não faz mal", virou e saiu. Porêm, mal tinha saido para o quintal, virou desfechando tiros com sua carabina, para a cozinha. Foi primeiro meu irmão quem foi ferido no ventre; êle caiu imediatamente, mas ainda vivia. Depois atirou sôbre minha irmã Lydia que caiu tambem; ela poude levantar-se e ir até o jardim. Lá deitou-se no chão, pois encontrámo-la depois da chegada das tropas alemãs. Ela tinha varios ferimentos, prova de que ainda recebera ferimentos no jardim, com instrumento percuciente ou por arma de fogo. Cerca de duas horas mais tarde, o médico militar alemão ainda atou as feridas, mas, durante a noite, ela sucumbiu aos ferimentos recebidos.

Um tiro que o tenente polonês deu sôbre minha mãe, errou o alvo. O aluno Bieser, de 13 anos, foi ferido no ombro. O último tiro era para mim; eu estava ainda no corredor. Os tiros, porêm, não me alcançaram. Minha mãe e eu — o aluno Bieser e a aluna Hedwig fugiram — transportamos meu irmão Karl, que ainda vivia, para o porão, onde nos julgávamos em abrigo. Ele disse várias vezes que não adiantava, que havia de morrer, e, de facto, morreu pouco depois. Nêsse meio tempo, os soldados polonêses incendiaram o nosso palheiro, e o fogo alimentado pelo vento veiu dar em nossa casa, de modo que tambem pegou fogo. Na última hora corremos para o ar livre e já tivemos que atravessar as chamas. Tivemos que deixar o irmão morto no porão, onde ficou incinerado juntamente com a casa. Depois do incêndio encontrámos só os ossos. Quando saimos do porão, os soldados polonêses já haviam abandonado o quintal, pararam, porêm, no caminho, junto à nossa casa, atirando para o lado donde vinham se aproximando as tropas alemãs. Duas horas após, as tropas alemãs chegaram.

Em nossa aldeia, as tropas polonêsas incendiaram tres propriedades alemãs, mataram tambem o lavrador Gatzke que tinha cerca de 32 anos.

Ditado em voz alta, aprovado e assinado.

ass. Martha Baar

A testemunha prestou o seguinte juramento: "Juro perante Deus Omnipotente e Omnisciente que eu disse a pura verdade, que nada calei, nem nada acrescentei, como quero que Deus me valha".

Encerrado:

ass. Hurtg — ass. Pitsch

Fonte: W R I

57. ENTRE MEDA DE PALHA EM FOGO.

A testemunha Eduard Kunitz, carpinteiro e lavrador em Wonorze, depôs sob juramento:

Na manhã do dia 7 de setembro de 1939 chegou um destacamento de artilharia polonêsa que aquartelou no lugar. No dia seguinte, os artilheiros declararam que, atrás dêles, vinha a infantaria polonêsa que iria matar todos os alemães, dando-nos o conselho de fugirmos. Entendi-me com outros alemães, mas não estavamos dispostos a abandonar nossas propriedades, nem sabiamos onde encontrariamos abrigo. No entanto, juntamos o necessário para o caso, carregámo-lo em carroças e puzemo-nos a caminho em direção a Stanomin, já encontrámos a infantaria polonêsa que nos recebeu. Mandaram-nos descer das carroças e nos colocarmos ao lado. Mandaram-nos apresentar nossos documentos e tiraram-nos todos os objetos de valor que levávamos. Tivemos que formar em fileira e levantar os braços. Aquêles que já não puderam manter os braços naquela posição, foram maltratados com pontapés e baionetadas. Passámos, assim, meia hora. Em seguida obrigaram-nos a nos colocarmos junto à parede de um restaurante, olhando para a parede e tendo os braços levantados, encostados a esta. Ficámos, assim, cêrca de um quarto de hora. Tivemos, em seguida, que formar em coluna de filas de quatro, sendo conduzidos para Dabrowa-Biskupia, onde chegámos ao pôr do sol. Enfileirados, novamente, de braços erguidos, fizeram-nos parar, à beira da estrada, outro quarto de hora, e sob os mesmos maus tratos, pontapés e baionetadas. Eu era o quarto da ala esquerda. Observei como, à nossa direita, um tenente estava conversando com um soldado. Êste chegou-se a nós, dando ao alemão que estava na extremidade esquerda da fileira, ordem de dar uma volta inteira e ir para o campo, onde poude abaixar os braços. O soldado foi atrás e, quando o alemão estava uns 20 a 30 passos dentro do campo, o soldado levantou a carabina, desfechando-lhe, de trás, um tiro. O alemão caiu, e o soldado, aproximando-se dêle, deu-lhe mais um tiro na cabeça. O soldado voltou, matando o segundo e o terceiro do mesmo modo. Quando, logo em seguida tocou a minha vez, o soldado chamou ao mesmo tempo meu vizinho porque, ao que me parece, não gostava de perder muito tempo. Atrás de meu vizinho foi, então, um segundo soldado. Depois de ter dado uns 20 a 30 passos para dentro do campo, fui ferido nas costas por um tiro, que me atravessou o peito. Caí ao chão, com os braços estendidos para a frente. O soldado querendo dar-me outro tiro na cabeça, deixou-se enganar por meu boné que na minha quêda se deslocára muito para o lado esquerdo, de maneira que o projétil passou entre a cabeça e o boné, raspando-me, apenas, levemente. Fiquei imóvel na posição em que me achava e, de plena posse de meus sentidos, ouvi todos os outros tiros. Depois que escurecera, — teria levado meia hora — eu receava que viesse uma turma para nos enterrar, motivo por que me arrastei, com muito cuidado, até uma meda de palha que ficava à minha frente. O ferimento no peito não me incomodou muito. Quando já estava junto à meda, começou, de repente, a ficar tudo claro, vindo a luz das medas que tinham incendiado. Temendo que o fogo pegasse, tambem, na meda onde eu estava, arrastei-me uns 40 a 50 metros mais adiante, e, finalmente, até uma vala e uma poça d'água onde pude matar a sêde. Lá fiquei durante toda a noite porque estava sem forças para ir além. Quando começou a clarear — seriam 7,30 horas — notei uma patrulha polonêsa que revistava a vala. Perguntaram-me de onde eu vinha. Respondi-lhes, conforme a verdade que eu ia ser fuzilado no dia anterior. Quizeram que eu lhes indicasse o paradeiro de dois outros alemães. Respondendo que eu não sabia dizê-lo, ameaçaram matar-me. Levantei-me, então, defronte dêles e, abrindo a roupa pedi que me dessem um tiro do lado direito que do outro já tinha um. À vista de minha presença de espirito, os soldados ficaram sem coragem de me fuzilar. Conduziram-me à presença de um tenente que, a meu pedido, me deu água e me aconselhou ir esconder-me no bosque, depois de ter mandado seu camarada entregar-me quatro fatias de pão. Fui, após, em direção ao bosque; fiquei, porêm, numa vala pouco visivel, de onde fui me arrastando para diante, até que à noite cheguei a uma propriedade, onde uma parenta minha me reconheceu. No dia seguinte (sábado de manhã), quando chegou a tropa alemã, ataram-me as feridas.

Fonte: W R II

58. "TODOS À PAREDE".

A testemunha Wiesner, diretor de propriedades em Pasadowo, depôs sob juramento:

O depoimento do diretor Wiesner, datado de Posadowo, a 4 de outubro de 1939, refere-se a um caso da mais repugnante atrocidade, cometido contra inocentes civis alemães (1):

O chefe da companhia de bicicletistas do regimento de infantaria n.º 58 (séde em Posen), depois de lhe terem sido apresentados mais de cem populares alemães e lhe terem comunicado o fuzilamento de quatro dêles, perguntou aos 300 a 400 soldados que se achavam no páteo do quartel: "Então, quereis ver ainda mais dessa carne de porcos hitleristas? Respondendo êles: "Sim, sim, fuzilai todos êsses porcos!", êle deu na cabeça de um dos alemães cerca de quinze golpes com um vergalho, de sorte que a vítima deitou sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos, mandando, em seguida, colocá-lo à parede e matando-o com seu browning. E, todo inchado, pergunta aos soldados: "Quereis mais dessa carne de porcos hitleristas?" Depois de berrarem: "Todos à parede", êle tira, a esmo, dois outros alemães do grupo, mandando tirar, pelo homem que lhe estava ao lado, mais um outro alemão, para matar êsses tres infelizes, tambem, com o seu browning. Por fim, dá tres vivas ao marechal Rydz-Smigly e manda cantar o hino nacional polonês.

Fonte: W R II

59. OS OLHOS FURADOS.

A testemunha Adolf Duesterhoeft, pedreiro em Schwersenz, perto de Posen, depôs sob juramento:

... No dia 14 de setembro de 1939, trouxeram os cadáveres para Schwersenz e eu tive ensejo de ver o de meu filho Arthur, nascido a 23 de setembro de 1909, e o do operário Kelm. Em um e outro: os ossos do rosto estavam esmagados, os olhos furados e, no corpo, tinham feridas produzidas por balas. O ventre de meu filho estava rasgado, pendendo os intestinos para fóra. Segundo me contaram, os cadáveres dos outros alemães se achavam no mesmo estado.

Fonte: W R II

60. AS MAXILAS, QUEBRADAS — DESVIRILIZADO.

A testemunha Hermann Matthies, carroceiro em Schwersenz, depôs sob juramento:

... Os nomes dos dois mortos são Duesterhoeft e Kelm de Schwersenz. Estavam horrivelmente mutilados. No cadáver de Duesterhoeft vi a maxila esmagada e uma costela quebrada. As cabeças e os rostos estavam muito inchados e de côr azul. Um dêles tinha os testículos muito inchados, provàvelmente, devido a um golpe dado com uma coronha.

... Foram, ao todo, vinte cadáveres que transportei para Schwersenz. Todos êles estavam horrivelmente mutilados. Quase todos tinham as maxilas esmagadas; em quase todos, a abóbada craneana estava fendida, os ossos quebrados. Os corpos tinham feridas penetrantes; de um cadáver tinham arrancado o polegar; vi olhos fóra das órbitas e línguas fóra das bocas.. Um cadáver estava desvirilizado.

Fonte: W R II

---

(1) Detalhes v. no relato de Wesner.

61. AMBAS AS PERNAS DECEPADAS A MACHADO.

"NUMEROSOS CADAVERES ESTAVAM COMPLETAMENTE NÚS".

A testemunha Otto Milbrat, negociante em Hohensalza, depôs sob juramento:

... No sábado, dia 9, e no domingo, dia 10 de setembro de 1939, encontrei oito cadáveres insepultos entre dois palheiros, na vizinhança da casa do desfolador. Um cadaver estava todo carbonizado porque tinham incendiado um palheiro próximo. Um segundo cadáver estava meio carbonizado; num terceiro cadaver faltava a perna esquerda; no quarto cadaver ambas as pernas estavam decepadas a machado; um quinto cadáver tinha um olho furado, um sexto os dois olhos furados; num sétimo tinham cortado a língua e rasgado o ventre; no oitavo pude ver, apenas, as feridas produzidas por tiros dados a pouca distancia, porque o cadaver já estava bastante putrefacto.

... O cadaver do ferreiro Wagner, encontrei na proximidade da horticultura Fuchs, em um buraco; estava horrivelmente mutilado no corpo e na cabeça.

Havia grande quantidade de excrementos humanos em cima do cadáver, donde se pode concluir que os criminosos fizeram suas necessidade sôbre o cadáver.

... Numerosos cadáveres estavam inteiramente nús, donde se conclue que aqueles cadáveres fôram despojados.

Fonte: W R II

62. DIANTE DO FILHO MUTILADO.

"...EM QUASE TODOS OS CADAVERES FALTAVAM OS DEDOS DOS PÉS E DAS MÃOS".

A testemunha Bruno Siebert, operário em Swierczewo, perto de Posen, depôs sob juramento:

... Eu mesmo vi meu filho Helmut, de 16 anos de idade, só quando jazia já no caixão, em Schwersenz. O aspecto era indescritível: O corpo apresentava 16 feridas penetrantes, produzidas, provavelmente, por uma baioneta. Faltava quase todo o lado direito da cabeça; faltava o olho esquerdo; o nariz estava esmagado. No meio da fronte, o crâneo estava furado por uma bala. Dificilmente teria reconhecido meu filho naquele estado, se não tivesse a lesão na unha do polegar direito, e a camisa de esporte amarela, as ceroulas e as meias não me permitissem identificá-lo indubitàvelmente. Devo memcionar ainda que todas as partes contundidas do meu filho, estavam pretas.

Perdi os sentidos diante do horrivel quadro.

Além do cadáver de meu filho, vi mais sete que tinham sido enterrados, em Falkowo, juntamente com o de Helmut. Todos os cadáveres estavam horrivelmente mutilados! Em quase todos os cadáveres faltavam os dedos dos pés e das mãos. Quase todos os cadáveres tinham os ventres rasgados de maneira que os intestinos pendiam para fóra. Lembro-me que, em um, os olhos se achavam arrancados. As cabeças estavam todas muito inchadas, pois tinham sido esmagados.

Fonte: W R II

63. 9 MULHERES ALEMÃS, ASSASSINADAS EM NEUTECKLENBURG.

A testemunha Karl Schmidt, ferreiro em Neutecklenburg, mun. Wreschen, depôs sob juramento:

Na terça-feira, dia 5 de setembro de 1939, tropas polonêsas passaram, em sua retirada do oeste, por nossa aldeia Neutecklenburg. O último destacamento dessa tropa — era infantaria, mas não me lembro do número do regimento — veiu prender-me e a mais 14 alemães, levando-nos com êles. Os soldados estavam vestidos de roupa de trespano, usavam boné e levavam carabinas a tiracola. Os presos eram 9 mulheres e 6 homens. Entre êles achava-se minha mulher, Bertha Schmidt, n. Grawunder; minha sogra Wilhelmine Grawunder, n. Beeke; meu cunhado Paul Grawunder e minha cunhada Else Grawunder.

No caminho ameaçavam-nos com as coronhas quando não andavamos ligeiros. Os soldados gritaram-nos: "O vosso Hitler, em pouco, vos sairá da cabeça!"

A cerca de dois kilometros da aldeia enfileiraram-nos ao longo de uma vala, cheia d'água, com o rosto para a vala. Depois de nos tirarem os relógios e o dinheiro, atiraram sôbre nós, de trás, de uma distância de 20 a 30 metros. Eu fui ferido do lado direito. Não perdi os sentidos, mas deixei-me cair na vala. Todos aqueles que tinham caido na vala, foram jogados depois. Muitos gritaram terrivelmente, ao que os soldados começaram, novamente, a atirar sôbre êles. Meu cunhado foi jogado por cima de mim, mas consegui manter a cabeça por cima da tona d'água.

Tendo se retirado os polonêses, e passada meia hora mais ou menos, ousei sair da vala. Estava tudo quieto, ninguem mais dava sinal de vida, a não ser dois cachorros que haviam, tambem, sido baleados e que latiam de dôr.

Fonte, W R II

64. MASSACRES EM OSTWEHR.

OFICIAL POLONÊS DA' ORDEM: "FUZILAR A TODOS!"

Ostwehr, 15 de outubro de 1939.

Centro de Invetigação de casos de violação do Direito das Gentes, junto ao Supremo Comando da Força Armada.

Presentes: Conselheiro do tribunal de guerra Hurtig. — Inspetor da justiça militar Pitsch.

Procurado em sua residência, Willi Veltzke, professor em Ostwehr, devidamente informado sôbre o alcance do juramento, sendo perguntado, depôs.

...Chegados atrás de um palheiro, notei que havia, na escolta, um tenente polonês. Êste mandou-nos cavar a nossa própria sepultura. Não pudemos fazê-lo porque não tinhamos pás, nem estavamos dispostos a obedecer a tal ordem. Mandou-nos, então, formar em fileira e, projetando a luz de seu farolete de bolso no rosto de cada um, perguntou a um por um, se era alemão. Depois de passar toda a fileira, contou os presos. Eramos 21. Deu, então, o oficial polonês a ordem: "Fuzilar a todos!". Estávamos em fileira, ao longo de uma parede. Os soldados começaram a atirar sôbre nós, do lado e da frente. Como eu ficára com uma vertigem, eu estava com o corpo um pouco abaixado, segurando-me em meu irmão. Sendo ferido na côxa, deixei-me cair. De meu irmão, ao meu lado, ouvi, apenas, os estertores. Alguns gritaram: "Mais uma bala", outros gemiam com alta voz. Estando já todos no chão, o oficial polonês veiu, outra vez, alumiar o rosto de cada um. A alguns deram ainda o tiro de graça, e eu tambem fui ferido mais uma vez. A bala, porém, roçou, apenas, a ponta de meu pé. Aos poucos tudo ficou em silêncio; a escuridão era completa. Já estavam carregando os cadáveres. Quando ouvi o oficial gritar: "Revistar", fiquei com medo de ainda acabarem comigo; fui arrastarme ao longo da parede e vendo, na esquina do prédio, que havia soldados na rua, cheguei-me a um pé de álamo, onde me puz em pé e pulei a cerca. Entretanto, fiquei preso na cerca, mas, depois de conseguir livrar-me, caí num montão de tubos de drenagem, num lugar que servira, aos polonêses, de latrina. Fiquei todo sujo de excrementos humanos. Encontrei por lá uma camisa que um soldado tinha pendurado para secar, e, com ela, atei minha ferida na côxa. Como havia soldados por toda parte, arrastei-me, ao longo do prédio até a extremidade do páteo, escondendo-me, lá, no meio de ortigas. De lá passei para uma vala, onde pude matar a sêde. Quando me julguei fóra de perigo, fui coxeando através os campos até Ostwehr, chegando a minha casa às 0,30 horas. Os polonêses se tinham retirado. Passei a noite, receando a cada hora, nova surpresa. Mas, no dia 9 de setembro, pelas 9 horas, apareceram os soldados alemães em nossa aldeia. Um médico militar alemão atou-me a ferida, deu-me uma injeção, e, no dia 11 de setembro de 1939, levaram-me para o hospital de Hohensalza, onde passei nove dias. Ainda me encontro preso à cama porque a ferida ainda está em supuração. Na propriedade Michalowo foram fuzilados, em 8 de setembro, os seguintes homens:

Jerdan, pai e dois filhos; o lavrador Wagner; o filho do lavrador Hanse; dois irmãos do lavrador Schott; o filho do mesmo e seu sobrinho Sperling; o lavrador Getschmann, pai e filho; o lavrador Friedrich; o lavrador Jakob e seu filho; o ordenhador Gerlieb; o padeiro Veltzke; o lavrador Veltzke e seu filho Walter; o lavrador Ruther.

Na aldeia foram fuzilados, em 7 de setembro de 1939:

Erich e Wilhelm Marquardt, filhos de lavrador; o lavrador Schott e o lavrador Bohlmann.

Escaparam ao massacre de Michalowo, unicamente, Bruno Hanse e eu. Meu pai tinha 74 anos; o filho de Schott tinha só 13 anos de idade.

Ditado em alta voz, aprovado e assinado.

ass. Willi Veltzke

Fonte, W R 1

65. 14 POPULARES ALEMAES, FUZILADOS PERTO DE NIESCHAWA.

A testemunha Olga Kescinske, n. Utke, mulher de operário em Podole, depôs sob juramento:

Na quinta-feira, dia 7 de setembro de 1939, saindo de minha casa, eu ia atravessar a estrada de Ciechocinek para Nieschawa para entrar na casa do lavrador Tessmann, onde trabalhava meu marido, com o fim de ajudar no serviço. Eu levava comigo minha filha de 9 anos. Nessa hora, vi chegando soldados polonêses de bicicletas. Quando se aproximavam, vi que estavam escoltando civís. Um dos soldados trazia na dragona o numero 63.

Meu conhecido Daniel Leischner, passando perto de mim, disse: "Lembranças a papai e mamãe". Um soldado, ouvindo isto, gritou logo: "Conheces os ladrões? E's tambem um desses Hitlerowski!" Não respondi nada. Ouvi, apenas, os soldados dizerem ainda entre si, se as balas bastariam. Tratei, então, de voltar para minha casa, pois eu tinha o pressentimento de que os civís seriam fuzilados. Vi ainda do lado como todos os 14 foram enfileirados no dique do Vistula e os soldados começaram a atirar. Mataram primeiro o lavrador Keller. Depois ouvi os outros exclamarem: "Oh, meu Deus. Honra a Deus no céu, a Êle nossos louvores e agradecimentos". Pouco depois ouvi os outros tiros, vi Karl Fleming querendo levantar-se com as pernas e os braços e vi um soldado aproximar-se dêle e dar-lhe um tiro com o seu browning. Quando tentou, novamente, levantar-se, deram-lhe com a coronha, até que morreu. Em seguida, os soldados se afastaram, deixando os mortos insepultos, e seguindo para Nieschawa. Eu estava a uns 40 passos do local. Entre os civís achavam-se: Keller, Fleming, Leischner, Kessler, Dreyer e Rienast. Os outros me eram desconhecidos.

Fonte, W R II

66. MENINO ALEMAO, ESPETADO NA BAIONETA E CARREGADO PELO MERCADO DE ALEXANDROWO.

A testemunha Alexandra Berthold, n. Teschner, esposa do cura de Nieschawa, depôs sob juramento:

... Na terça-feira, dia 5 de setembro de 1939, passou à frente de nossas janelas uma leva de 300 a 400 presos. Era gente limpa e comportada, alemães da cidade e do campo, bem vestidos, os olhares cheios de desespero, noivos que se seguravam pela mão e velhos pais de família que se apoiavam nos mais moços. Alguns mal podiam continuar a marcha e eram carregados pelos vizinhos. As mulheres perfaziam, mais ou menos, a décima parte da leva. Puderam sentar-se na areia que havia em frente de nossa casa. A maioria jogou-se logo na areia. A escolta, cerca de 15 a 20 policiaes, de baionetas armadas, receberam sua refeição; aos presos não se deu nada.

... Membros de nossa comuna relataram-nos como o menino Peplau que estava para receber a primeira comunhão em Alexandrowo, foi carregado, espetado na baioneta, por um soldado polonês, pelo mercado de Alexandrowo. Não estava morto, e dizem que gritou tanto que os próprios civís polonêses ficaram indignados.

De nossa comunidade foram abaionetados, por soldados polonêses acompanhados de civis, os irmãos Karl e Lydia Schulz de Zbrachlin; foram, depois empurrados para dentro de sua casa, em que os soldados puzeram fogo, de maneira que os dois irmãos morreram queimados. No dia 12 de setembro acompanhei meu marido para Slonsk, ao enterro de 22 populares alemães. Os cadáveres estavam horrivelmente mutilados. O alemão Wiesner tinha as pernas fracturadas, o açougueiro Keller tinha o rosto rachado a baioneta, ao moço Daniel Leischner tinham cortado o nariz e as orelhas. Seu rosto estava todo desfigurado. O pai dêle tambem fôra assassinado. Segundo me contaram os membros da comunidade de Slonsk, as filhas do professor Daasse foram obrigadas por soldados polonêses a se despirem, sendo depois violentadas por êles. Em Slonsk foram assassinadas 48 pessoas, na maioria homens. Na região de Slonsk sentia-se o cheiro de cadáveres, por toda parte. Contaram-me ainda que soldados polonêses tinham cortado a cabeça da Frau Agathe Leischner.

Fonte, W R II

67. A CABEÇA COMPLETAMENTE ESMAGADA — O OLHO DIREITO FURADO. — HOMICIDIO DE POSCHADEL.

A testemunha David Poschadel, operário em Slonsk, depôs sob juramento:

Na quinta-feira, dia 7 de setembro de 1939, segui para Ciechocinek, enquanto meu filho levou a vaca para o campo. Na volta da cidade, encontrei meu filho que estava sendo conduzido por um soldado. Meu fiho tinha 36 anos de idade. Não tive a coragem de falar com êle. Meu filho tambem não disse nada; apenas me olhou e chorou. Encontrei-o, já enterrado, no domingo, dia 10 de setembro. Jazia numa vala no terreno de meu vizinho Glaesmann. A cabeça estava completamente esmagada, no corpo tinha muitas feridas penetrantes produzidas por baionetadas, o olho direito estava furado. No peito recebera um tiro.

Fonte, W R II

68. OS CADAVERES NA VALA CHEIA DE AGUA DE ESTERCO.

A testemunha Bruno Hanse, lavrador em Ostwehr, depôs, sob juramento:

Na noite do dia 8 de setembro de 1939, fui conduzido, com outros alemães por soldados polonêses, até a propriedade Michalowo. Mandaram-nos formar em duas fileiras, uma atrás da outra, atrás de uma palheiro daquela propriedade. Ficamos com o rosto junto à parede. Um tenente magrinho, de cabelo preto, 1,67 m. de altura, mandou os soldados desatarem as pás. Essas pás foram colocadas à nossa frente. Em seguida, o tenente deu ordem à primeira fileira de cavarem covas. Não o fizemos, embora o exigisse tres vezes.

Depois tivemos que formar, de novo, em fileira ao longo da parede e com o rosto para a mesma. A' minha direita estava Alfredo Jordán, à minha esquerda meu irmão e à esquerda dêle Adolf Jordan, os outros não pude reconhecer na escuridão. Quando o tenente deu ordem de matar a todos, tratei de saber de onde iriam atirar. Notei que à direita de Alfred, a distância de um metro dêle, um soldado estava fazendo pontaria à altura das cabeças. Como antigo soldado percebi logo que êle estava querendo liquidar vários homens com o mesmo tiro, motivo por que baixei um pouco a cabeça para a frente. Quando o soldado deu o primeiro tiro, cairam meu irmão e Alfred Jordan. Eu tambem me deixei cair. Ouvi os feridos gemerem e se debaterem em agonia, outros pediram que continuassem atirando. Notei que o tenente, com o farolete na mão, foi ver os feridos, um por um, e como um soldado que estava atrás de nós foi dando tiros naqueles que gritavam e gemiam.

Um raciocínio ligeiro convenceu-me que, quando me tocasse a minha vez, ou seria morto ou enterrado vivo. Por isso, levantei-me resolutamente, passei junto aos soldados que estavam ao lado e dobrei a esquina do prédio. Eu conhecia bem a localidade. Quando me achava já uns 20 metros distante do local, ouvi tres detonações, mas devido à escuridão os tiros erraram o alvo. Dando mil voltas, cheguei à minha casa, na noite do dia seguinte, contando-me minha mãe que as tropas alemãs já haviam atravessado a aldeia.

Na segunda-feira, dia 11 de setembro, pelas 12,30 horas, voltei à propriedade Michalowo, onde encontrei os cadáveres numa vala cheia de água e de esterco, cobertos, apenas, com poucas pás de terra. Meu irmão tinha a carótida perfurada por uma bala; Alfred Jordan que estivera a meu lado direito, recebera um tiro na região temporal. As cabeças de outros cadáveres estavam esmagadas por coronhadas.

69. MULHER EM ADIANTADO ESTADO DE GRAVIDEZ, FUZILADA E JOGADA NO CURRAL DE PORCOS.

ASSASSINIOS DEHELENE SONNENBERG E MARTHA BUNKOWSKI EM RUDAK.

Extraido das actas da Central da Polícia Criminal do Reich. — Comissão Especial de Bromberg — Distintivo: Tgb. V (RKPA) 1486/12. 39.

No dia 7 de setembro de 1939, foram assassinados, na aldeia Rudak, a poucos kilómetros ao sudeste de Thorn, entre outros, as mulheres Helene Sonnenberg e Martha Bunkowski.

Êsses dois assassinios representam o cúmulo de vileza e baixeza de carater, por tratar-se no caso de Helene Sonnenberg, de 26 anos de idade, mulher do sacristão da comunidade evangélica de Rudak, Albert Sonnenberg, de uma mulher em estado adiantado de gravidez e mãe de um filhinho de tres anos. Êstes crimes, em particular, têm sua origem na propaganda propositalmente odiosa contra os eclesiásticos e os sacristães evangélicos e contra as famílias dos mesmos. Em consequência dessa propaganda de ódios, foi preso, em 1.º de setembro de 1939, em Rudak, o sacristão Albert Sonnenberg, durante a ausência de sua mulher e de seu filhinho, sendo deportado com muitos outros. A Frau Sonnenberg soube do facto, antes de voltar à sua casa que ficava ao lado da igreja, resolvendo, por isso, não voltar à mesma com o fim de salvar-se a si e a seu filhinho. Nos dias anteriores ouvira contar o bastante para avaliar o destino que lhe estaria reservado, a ela, como mulher de um homem que ocupava um cargo de honra na igreja. Entre os dias 1 e 6 de setembro de 1939, a mulher grávida andou vagando, com seu filhinho, nos arredores de Rudak, temendo pela morte de seu marido e dela mesma, depois de ter procurado, em vão, refúgio em muitas casas e tendo passado as noites em palheiros e numa olaria. No dia 6 de setembro de 1939, encontrou-se com Martha Brunkowski, solteira, que, com ela mesma, fugira à fúria dos polonêses, e ambas foram esconder-se, com o dequeno Heinrich Sonnenberg, numa obra de fortificação abandonada pelos polonêses, em que outros fugitivos já haviam julgado se acharem seguros. No dia seguinte, dia 7-9-1939, a mulher grávida pediu a sua companheira Bunkowski que fosse buscar roupa, para o filhinho, em sua casa. Pouco tempo depois de sair, a moça voltou conduzida por soldados polonêses, sendo por êles presa juntamente com Frau Sonnenberg e seu filho. Testemunhas declararam que, tempo depois veiu um soldado polonês entregar o menor Heinrich, dizendo em polonês: "As duas não voltam mais!"

No dia 8 de setembro, a mulher gravida e sua companheira foram encontradas mortas no curral da casa de moradia do sacristão, que fica a 30 metros de distância da igreja. A mulher grávida jazia sôbre o ventre, o rosto numa poça de sangue; o cadáver da moça tinha a parte superior do corpo, deitada sôbre dois barris. O curral estava fechado de fóra. As investigações da policia criminal deixam concluir que foram desfechados, ao todo, cinco tiros sôbre as duas mulheres, fóra do curral, tendo os cadáveres sido arrastados até o curral, onde os jogaram no chão, fechando depois a porta.

Para qualificar o caso Sonnenberg, basta ler o último trecho do laudo do médico legista Dr. med. habil. Panning que diz:

"... O facto de não se encontrarem as partes fetaes no corpo materno, e sim entre as côxas, corresponde ao processo conhecido da expulsão do feto pelo efeito da putrefação. — ... Em todo o caso, trata-se de um grau de gravidez que era evidente e nem poderia escapar ao olhar mais descuidado."

70. AMARRADOS, AOS DOIS, COM ALGEMAS, E CONDUZIDOS AO LUGAR DO SUPLICIO.

A testemunha Albert Bissing, de 73 anos de idade, escultor e superior da comuna de Lissa, r. Gruene Gasse, I, depôs sob juramento:

... Vigiados por bombeiros e soldados, fomos amarrados aos dois, a saber: eu e Juretzky, Weigt e Gaumer, dois oficiaes de padeiro de Lissa, Schulz e Koenke, o aprendiz Schwarz e o professor Jeschke. Eramos acusados de termos atirado; testemunhas agravantes foram dois polonêses de Lissa, um de nome Ulrych, de péssima fama, outro de nome Glumniak...

As duas horas da noite do dia 2 de setembro de 1939, fomos, novamente, amarrados, aos dois, pelos bombeiros, e não nos deram licença de nos sentarmos. As tres horas deveriamos subir a uma carroça que estava parada em frente da casa, mas, amarrados como estávamos, não o pudémos fazer.

Por isso, jogaram-nos na carroça, das comuns, onde havia, apenas uma tábua estreita. Eu, com meus 73 anos, sofri muito sob os abalos do veículo e as algemas apertadas — em pouco tempo minhas nádegas estavam esfoladas — pedi que, ao menos, me afrouxessem as algemas. Afrouxaram-nas um pouco. Uma mulher a quem pedimos água, alcançou-nos um pouco d'água à boca. Assim, tambem, alguem me puxou o boné um pouco mais para o rosto. Chegámos a Kriewen. Até aí passámos regularmente. Apenas, Juretzky foi injuriado na cidade por um colega de profissão, polonês. A partir de Kriewen, os bicicletistas precederam nossa turma para mobilizarem as aldeias por onde iamos passar. Nessas Aldeias deram em nós com varas e chicotes. Tenho certeza de ter visto tambem uma foice. O nosso pedido de mandarem parar a carroça para podermos fazer as nossas necessidades, não foi satisfeito senão mais tarde. A carroça parou, mas não nos deixaram descer, de maneira que tivemos que fazer nossas necessidades, sentados na carroça.

Pelas 9 horas da manhã do dia 2 de setembro de 1939, chegámos a Schrimm. Fomos recebidos sob grande alarde pela população. Meu companheiro, o serralheiro Haeusler, recebeu, num olho, um golpe dado com uma peça de metal, presa a uma correia, golpe êste que lhe jogou o olho para fóra da órbita. Quando, mais tarde, pediu um pano humido para lenir, um pouco, as dores, responderam-lhe que não valia a pena porque, assim como assim, seria fuzilado. Pousámos no Internato próximo da igreja católica. Num páteo pequeno tivemos que saltar, algemados, da carroça; já não me lembro como o conseguimos. Juntaram-se, aí, a nós que eramos nove, mais dois lavradores alemães, Hermann Lange e Wilhelm John de Sentschin (Fuerstenwalde, perto de Punitz), um e outro de cerca de 50 anos de idade. Um dêles fôra jogado no chão, em Kroeben, e fôra pisado com os saltos, nas costas, que não podia se manter em pé; ao outro tinham quebrado todos os dentes, com excepção de dois, em Schrimm. O espaço em que nos achavamos, era tão apertado que não havia lugar para se sentar mais da metade. Haeusler foi deitar-se em cima de um armário para dormir. Não nos deram nada para comer, trouxeram-nos, apenas, um balde água. Pelas 12 horas conduziram-nos, os onze, ao mercado onde nos entregaram ao posto de policia, instalado no paço municipal. Em um quarto de tamanho médio, tinham cercado a terça parte da área com uma grade de ferro, por todos os lados. Deu para ficarmos em pé, nem nos poderiamos sentar. O civil que estava de serviço, molestava-nos a cada momento. Assim me disse que, em minha casa encontraram glicerina e uma lata de folha para a fabricação de bombas, e ainda um cinzel e um machado para matar polonêses. De facto, achava-se, em meu abrigo contra ataques aêreos, conforme as ordens recebidas, um cinzel e um machado. Disse-me ainda que não imaginassemos que uma polegada sequer do solo polonês seria cedida à Alemanha; que em Lissa já havia um sem-número de alemães mortos.

Depois de condenarem, nove dos presos, à morte por suposta posse de armas, e Bissing, em vista de sua idade avançada, havia sido condenado “a dez anos de prisão”, os presos se despediram um do outro. Albert Bissing relata a respeito:

Todos os oito pediram-me de não abandonar suas famílias e de transmitir-lhes seu último adeus. A meu pedido, rezámos juntos o Padre-Nosso em voz alta.

Quando chegou o prepósito, declaramos a êle que estavam cometendo uma injustiça contra nós, ao que êle respondeu, apenas: “Bem, vamos rezar o Padre-Nosso”. Eu respondi que já o tinhamos rezado, mas que, certamente não faria mal rezarmo-lo mais uma vez. Fizémo-lo, e quando o prepósito errou, rezámo-lo até o fim sozinhos. Juretzki tinha sido conduzido a igreja do Internato onde recebeu a Santa Comunhão. Junto ao altar, ainda dissera: Morro inocente, morro por minha pátria alemã!

Os oito tiveram que aprontar-se. Às 11,30 horas da manhã, veiu buscá-los um destacamento de soldados. Pediram uma escolta forte para não sofrerem ainda os maus tratos e as molestações da parte do povo. Além disso, os oito pediram bons atiradores. Gaumer disse a mim: “Que pensa que meu velho dirá vendo-me chegar já agora?” Weigt disse: “Não deixarei que me ponham venda nos olhos, pois os polonêses são capazes de pensarem que eu tenho medo da morte”. Seguros pelas algemas, aos dois, foram conduzidos para o local do suplício, nesta ordem: Juretzki, Jeschke, Gaumer, Weigt, Haeusler, Schulz, Lange, John. Eu e Kroehenke quizemos acompanhá-los até a porta, mas não o permitiram; repeliram-nos e fecharam a porta à chave. Uma sentinela ficou em frente de nossa porta. Pedi papel para escrever, recusaram-mo. Depois fiquei sentado à mesa rezando. Meia hora depois ouvi duas salvas com pouco intervalo de tempo. O corporal havia, anteriormente, nos assegurado que, ao todo, não levaria um segundo. Todos os oito companheiros tinham passado comigo suas últimas horas numa calma admiravel e com a mesma calma foram ao lugar de suplício...

Fonte, W R II

71. "ENTRADA", COBRADA PARA VER CADAVERES. — A COLEÇÃO DE SELOS PROVOCANDO SUSPEITA DE ESPIONAGEM. ASSASSINIO DOS IRMÃOS ALFRED E KURT BARNICKE DE POSEN.

Extraido das actas da Central da Policia Criminal do Reich. — Comissão Especial de Posen. — Distintivo: Tgb. V (RKPA) 1486/5. 39.

No dia 4 de setembro de 1939, foram fuzilados, por soldados polonêses, num páteo do populoso bairro operário “Wallischei” em Posen, Alfred Barnicke, empregado comercial de 27 anos de idade, e seu irmão Kurt Barnicke, montador, de 24 anos de idade.

Os dois assassinados moravam, com sua mãe de 51 anos de idade, num apartamento da casa Wallischei, n.º 1. Eram conhecidos, entre a população polonêsa de seu bairro, como homens calmos e trabalhadores. Kurt Barnicke era conhecido como esportista e lutador de box; entre a juventude polonêsa do bairro tinha o apelido de "Leo".

Já na véspera do assassinio, tres rapazes do serviço civil de proteção contra ataques aéreos, tentaram tirar Alfred Barnicke de sua residência. Culparam-no de ter dado sinaes luminosos. Depois de se convencerem da improcedência da acusação, esbordoaram-no na presença de sua mãe, deixando-o ensanguentado.

Depois ainda Frau Barnicke teve que preparar uma bacia com água para os rapazes poderem lavar as mãos tintas do sangue do maltratado.

No dia seguinte, (dia 4-9-39) a milicia civil efetuou, sem resultado positivo, uma busca na residência dos assassinados. Puderam, apenas, condenar um livro "O Germanismo na Polônia" que mandaram queimar. Pouco depois, soldados polonêses invadiram a casa.

Frau Barnicke, depôs, a respeito, o seguínte:

> Pelas 11 horas do dia 4-9-39 vieram tres soldados polonêses que, já ao entrarem em minha residência, se comportaram como animaes ferozes; arrancaram as portas dos armários, tiraram gavetas e jogaram-nas no soalho, espalhando o conteudo pelo chão (roupa, peças de vestuário, víveres, etc.), quebrando, até o fundo de uma gaveta.
>
> Quando entraram no quarto de meu filho Alfred, disseram, ao verem a coleção de selos: "Aí está o espião" e deram-lhe, com as coronhas nas costas e nos ombros. Querendo êle explicar-lhes que a coleção de selos nada tinha que ver com espionagem, deram-lhe tambem no rosto e cuspiram nêle. Via-se todos os dedos no rosto de meu filho. Como meu filho estava sendo esbordoado em minha presença, meti-me no meio, pedindo aos soldados em polonês para não darem nêle. Nisso um soldado puxou do sabre, colocando-o em meu peito, e o outro deu-me uma coronhada na tibia esquerda. Furaram o nosso rádio com a baioneta armada no fuzil. Quando descobriram o dinheiro economizado por meus filhos, quantia de mais de 1.000 zloty, praguejaram em polonês: "Êsses malditos alemães, quanto dinheiro êles têm"! Vi como um dos soldados enfiou o dinheiro no bolso...

Uma coleção de selos e um antigo capacete de aço do tempo da guerra mundial tornaram-se fataes para meus filhos. Bastaram aos soldados polonêses, como comprovantes, êstes objetos, mais o farol de uma motocicleta e um velocímetro que os soldados nem reconheciam como tal. Levaram os dois irmãos como espiões.

No páteo das casas de aluguel, à rua Venetianergasse, 4, foram exibidos, juntamente com um criminoso que prenderam, à multidão que se apinhava. Homens, mulheres e crianças — são 17 famílias que moram do lado do páteo no fundo do bairro operário — e a plebe que fôra chamada, maltratára os dois indefesos, fazendo escárneo dêles.

Ficaram assim duas horas, até que, finalmente, os oficiaes presentes resolveram mandar fuzilá-los no próprio lugar, enquanto que o criminoso foi solto, depois de lhe darem roupa e víveres.

Embora alguns civís pedissem não admitirem como testemunhas da execução as mulheres e os menores, um oficial deu ordem de colocarem os dois alemães à parede do páteo.

Aí, pois, à vista da multidão e das mulheres e menores que moravam no prédio, foram, pouco depois, fuzilados por quatro cabos polonêses.

Não ha negar que execuções nestas circunstâncias são pouco comuns, mas, muito menos ainda, o homem civilizado poderá compreender a mentalidade que se revelou nas cenas que se seguiram. A multidão que se apinhava na rua e que não pudera assistir ao espetáculo porque o páteo se achava literalmente cheio de gente, insistiu em obter entrada para, ao menos, ver os cadáveres dos dois alemães. Não se envergonharam os soldados de explorar a avidez de sensações daquela multidão, cobrando a cada um que queria entrar no páteo, uma entrada com cujo importe compraram cigarros e cachaça.

O depoimento da testemunha ocular Peter Barowski diz assim:

> “...Depois do fuzilamento, toda a rua estava cheia de gente que queria ver o que havia... Os soldados recolheram, em um boné militar, as entradas daqueles que queriam ver os mortos... O soldado que cobrava o dinheiro, estava à porta que dava para a rua. Como os curiosos apertavam muito, êle me deu o boné com o dinheiro, para segurá-lo. Êle quiz empurrar a gente para trás. Mas eu passei o boné adiante à Frau Nowacka e disse aos que estavam querendo entrar, que não apertassem tanto, que aquilo não era circo. Injuriaram-me e gritaram, e depois fui embora...”

Outra testemunha, Frau Stanislawa, refere, a respeito:

> “... Eu vi como Frau Nowacka e a Frau Gorzanek cobravam as entradas... Vi tambem que foi Peter Borowski quem as cobrava primeiro. Êle estava à porta e tinha um boné na mão. Quem desejava entrar no páteo, teve que dar-lhe dinheiro. Eu soube tambem das duas mulheres que Borowski mandou comprar linguiça, cachaça e cigarros, com o dinheiro recebido; eu vi como as duas mulheres foram embora para fazer as compras. Elas me disseram que iam comprar as cousas...”

Ficou averiguado que os irmãos Barnicke foram fuzilados pelas 13,30 horas. Só às 17 horas, os cadáveres foram removidos, por ordem da milícia cívica, sendo transportados, sem coberta, sôbre uma carroça. Não se comunicou aos parentes, o lugar da sepultura.

Stefan Piaskowski, membro da milícia civil polonêsa, tentou explorar êsse facto, extorquindo dinheiro da mãe dos assassinados, que, por motivos compreensiveis, tinha interesse em saber, onde tinham enterrado seus filhos. Êle ofereceu-se para indicar o lugar mediante pagamento. Frau Barnicke pagou-lhe, efetivamente, 30 zloty, ao todo, sem que êle lhe comunicasse o lugar. Só depois de investigações que levaram semanas, é que os cadáveres puderam ser retirados de uma sepultura coletiva.

As provas objetivas e a autópsia médica confirmam os depoimentos, aliás, concordantes. No páteo que fica no fundo do prédio à rua Venetianergasse, 4, encontram-se, bem visíveis, tres orifícios de penetração, na parede do fundo.

Constataram-se, no cadáver de Kurt Barnicke, além de um ferimento mortal, produzido por projetil, ferimentos em ambos os olhos, produzidos, segundo o laudo médico, por instrumento penetrante.

No cadáver de Alfred Barnicke, constatou-se, além de dois ferimentos produzidos por projétil, a fractura do osso nasal.

O facto dos irmãos Barnicke terem sido fuzilados por militares polonêses, é confirmado por um documento de origem polonêsa.

Foi descoberto e sequestrado, na residência do antigo chefe da milícia civil do quinto comissariado, o diário de serviço que, ali, se achava escondido. Contêm a observação que no dia 4 de setembro de 1939, foram fuzilados, no páteo do prédio da r. Vanatianersse, 4, (Venecjansca), por uma patrulha militar, um tal Alfred Barnicke e outro desconhecido. Uma anotação posterior diz que o desconhecido é Kurt Barnicke.

72. POR QUATROCENTOS RÉIS PODE-SE VER OS CADAVERES DE ALEMÃES.

A testemunha Maria Haeuser, n. Kaletta, esposa de um motorista em Posen, Wallischei, 5, depôs sob juramento:

Foram conduzidos para o páteo do prédio Venezianer Strasse 4/5, na hora em que eu estava na rua, e foram postados junto a um muro. Supondo que seriam fuzilados, afastei-me para não me tornar testemunha ocular. Ao afastar-me, vi um oficial, vindo do rio Warthe, dirigir-se para o páteo, e, pouco depois, ouvi dois tiros.

Mais tarde eu vi darem, mediante o pagamento de quatrocentos réis (Groschen), entrada ao páteo àqueles que queriam ver os cadáveres dos dois alemães. Quem cobrava eram militares polonêses.

Fonte, W R II

73. CINCO CADAVERES JOGADOS DE PERMEIO.

A testemunha Anna Trittel, n. Wolter, em Rojewo, mun. Hohensalza, depôs sob juramento:

...Eu ficara atrás e tratei de fugir porque conhecidos meus de Bromberg me disseram que não perdesse tempo para fugir. Nos dias seguintes, andei vagando com meu filho adotivo, chegando, finalmente, a Rojewó que, então, já se achava ocupada por tropas alemãs, e, na quarta-feira voltei ao lugar onde tinham sido mortos meu marido e meus filhos. Os cinco cadáveres jaziam em uma trincheira polonêsa, jogados de permeio; em cima do cadáver de meu filho achava-se uma vaca morta. Meu marido tinha uma ferida por projétil no torax; minha filha tambem. Meu filho tinha dois ferimentos, um no pulso direito e um do lado direito da maxila inferior. Outros ferimentos não pude constatar.

Fonte: W R II

74. GINASIANOS POLONESES COMO FRANCO-ATIRADORES. POPULARES ALEMÃES DE PLESS, VITIMAS DOS REVOLTOSOS QUE ATIRAM EMBOSCADOS.

Act.^{te} Pless, 12 de setembro de 1939.

Centro de Investigação de casos de violações do Direito das Gentes, junto ao Supremo Comando da Força Armada.

Presentes: Conselheiro do Governo Schoelz como funcionário jurídico da Justiça Militar, em comissão. — Inspetor do Governo Franz como encarregado do protocolo.

Compareceu o administrador Nieratzik que declarou:

Chamo-me Hans Nieratzik, nasci a 10-12-1898 em Miedzna, perto de Pless, actualmente, sou administrador na propriedade Schaedlitz em Pless.

Na sexta-feira, dia 1.º de setembro, os primeiros soldados polonêses deixaram Plesse em direção a Gora. Durante toda a noite ouvimos a artilharia e a cavalaria polonêsas passarem pela rodovia, na proximidade de Pless. Soubemos assim que os polonêses sofreram um revés e contámos com a próxima entrada das tropas alemãs.

No sábado, dia 2 de setembro, às 12 horas, os primeiros tanques alemães passaram à direita da rodovia, a uns 500 metros ao sul de Pless. Pelas 14 horas chegaram os primeiros tanques ligeiros pelo perímetro sul de Pless; atrás dêles vinha a infantaria motorizada. Estavamos satisfeitos e bem dispostos porque tudo correra tão a nosso agrado. Como nos sentíamos todos seguros, fomos buscar nossas mulheres e filhos nos porões. Passaram cêrca de 300 veículos à nossa frente. Cada um foi recebido com imenso júbilo. Todos choravam e riam ao mesmo tempó; as mulheres traziam, Deus sabe de onde, muitas flores, prepararam sandwiches, trouxeram leite e frutas e queriam apertar a mão a cada soldado. Nós homens fomos buscar nossos últimos cigarros para dá-los aos soldados. Os garotos subiram aos veículos para andarem um pedaço. Todos estavam fóra de si de alegria. Os últimos veiculos vieram parar pouco tempo à nossa frente e conversámos uns cinco minutos com os soldados. De repente caiu um tiro do alto da torre d'água. Era, provavelmente, o sinal convencionado para um tiroteio geral. Abriram um fogo intenso da torre d'água, do prédio do tribunal, do antigo prédio da polícia e do jardim do Internato. com metralhadoras, pistolas automáticas e fuzis. Os franco-atiradores atiraram sôbre os soldados alemães e sôbre as mulheres e menores que debandaram. Houve um terrivel tumulto. Os filhos gritaram pelas mães, as mulheres pelos maridos. Ouvia-se, de permeio, os gemidos dos feridos e os gritos de socorro. Os soldados alemães responderam ao fogo por bastante tempo; tiveram, porém, que seguir avante para não perderem de vista a vanguarda.

No domingo, à tarde, ainda foram encontrados alguns cadáveres na rua. Só puderamos remover aqueles que se achavam na proximidade de um lugar seguro, pois, quem aparecia na rua, era alvejado. Nem o pessoal do serviço sanitário era poupado; um deles morreu. Segundo eu soube depois, foram mortos 20 civis e feridos gravemente dois. Quem sofreu mais, foi a familia do serralheiro Niemitz. A mulher dêle ficou horrivelmente mutilada, um filho adulto e uma filha de seis anos de idade tambem foram mortos. Dizem que o serralheiro Nimitz se acha gravemente ferido.

Os autôres dessa carnificina devem ser procurados entre os civis de Pless e dos arredores. Trata-se de revoltosos que tinham sido armados, já no verão e antes da mobilização, pelas autoridades polonêsas. Haviam sido encarregados de ficarem na cidade quando os soldados polonêses abandonassem o lugar, e de atirarem emboscadas sobre as tropas alemãs. Foram, sobretudo, ginasianos polonêses que, atiçados por seus professores, procuraram distinguir-se.

O protocolo foi lido ao depoente, por êle aprovado e assinado como segue:

ass. Hans Nieratzik

Êle prestou o seguinte juramento: "Juro perante Deus Omnipotente e Omnisciente que, de inteiro acordo com o que sei, eu disse a pura verdade e que nada calei, como quero que Deus me valha."

Encerrado:

ass. Schoelz ass. Franz

Fonte: W R I

74-A. FUZILADO PELOS REVOLTOSOS POLONESES.

Act.^{te} Pless, 12 de setembro de 1939.

Centro de Investigação de casos de violações do Direito das Gentes, junto ao Supremo Comando da Força Armada.

Presentes: Conselheiro do Governo Schoelz como funcionário jurídico da Justiça Militar, em comissão. — Inspetor do Governo Franz como encarregado do protocolo.

Compareceu o empregado de escritório Zembol que declarou:

"Chamo-me Paul Zembol, nasci a 15 de junho de 1899 e resido em Pless, Bahnhofstrasse, 21.

No sábado, dia 2 de setembro de 1939, pelas 16 horas, parou em frente de nossa casa um carro blindado alemão por motivo de um desarranjo na corrente. Sairam, por isso, do porão, onde nós todos nos achávamos, tres moços para ajudarem a concertar a corrente. Segundo dizem, êsse incidente foi observado por um ajudante de moleiro que era membro dos revoltosos, tendo êle informado do facto, os soldados polonêses que se achavam escondidos no parque da estação. Quando o carro blindado já se tinha afastado, havia meia hora ou uma hora, saimos do porão, porque minha mulher quiz esquentar o leite para o filhinho. Alguns minutos depois passaram dois carros blindados e uma motocicleta. Minha mulher correu à janela e disse: "Olha, os soldados alemães já estão aqui", chorando de alegria porque era a primeira vez que via soldados alemães. Ela abanou-lhes, gritando várias vezes: "Heil". Eu pressentia que a situação ainda não estava bem segura, motivo por que detive minha mulher que queria, por força, sair à rua. Quando ela deu a beber ao filhinho, isto é, pouco depois, chegaram 50 soldados polonêses guiados por um oficial polonês, vindos do parque da estação, assaltando a nossa casa. Minha mulher tirou o filhinho do berço e fomos esconder-nos na cozinha, atrás de uma prateleira, pois nem tinhamos tempo para correr até o porão.

Os soldados polonêses jcgaram, nos dois apartamentos de baixo e na casa de nosso vizinho, granadas de mão, arrombando a porta de nosso apartamento e atirando destro do quarto. Nosso filhinho, amedrontado pelos tiros, começo ua cohorar, ao que um dos soldados disse: "Ainda está berrando aqui um pequeno Hitlerowiec. Atirar!". Os soldados atiraram para o nosso lado, mas não acertaram.

Tocaram-nos, com coronhadas até a rua, gritando o oficial: "Vou lhes ensinar a gritar Heil Hitler". Em baixo já nos esperavam outros soldados que deram em nós e nos feriram. A mim me furaram a calça, ao pequeno a camisa. Minha mulher gritou: "Poupem, ao menos, a criança!" Mas os polonêses continuaram a atirar e a bater-nos, a esmo. Aparei com o ombro uma coronhada que fôra destinada à criança. Minha mulher foi ferida com a baioneta, morta por um tiro no coração; várias coronhadas quebraram-lhe as costelas e as pernas. Ao cair, entregou-me a criança, morrendo pouco depois. Eramos casados, havia 9 anos. Ela deu à luz a quatro filhos, dos quaes tres ainda vivos.

Fui soldado da grande guerra e, tenho visto muita coisa e suportado muitos sofrimentos. Mas nunca vi caras tão desfiguradas pelo ódio e tão brutaes como nessa ocasião. Já não eram homens, senão animaes ferozes.

No mesmo dia, os revoltosos atiraram sôbre meu cunhado e meu irmo. Meu cunhado morreu poucas horas depois. Êle deixou mulher e uma criança de 9 mêses. Meu irmão acha-se, gravemente ferido, no hospital.

O protocolo foi lido ao depoente, aprovado por êle assinado como segue:

ass. Zembol, Paul

Êle prestou o seguinte juramento: "Juro perante Deus Omnipotente e Omnisciente que, de inteiro acordo com o que sei, eu disse a pura verdade e que nada calei, como quero que Deus me valha."

Encerrado:

ass. Schoelz ass. Franz

Fonte: W R II

74-B. MENORES POLONESES DE 16 ANOS, COMO ASSASSINOS.

Act.te Pless, 12 de setembro de 1939.

Centro de Investigação de casos de violações do Direito das Gentes, junto ao Supremo Comando da Força Armada.

Presentes: Conselheiro do Governo Schoelz como funcionário jurídico da Justiça Militar, em comissão. — Inspetor do Governo Franz como encarregado do protocolo.

Compareceu o antigo empregado da União Popular, Hertel que declarou:

Chamo-me Heinz Hertel, nasci a 18 de abril de 1902 em Claustal, mun Zellerfeld, empregado, actualmente, do intendente municipal de Pless. Nos dias 1.° e 2 de setembro, conduzi as tropas alemãs pelo município de Pless, achando-me no carro do comandante do regimento. Pelas tres horas do dia 2 de setembro, avançamos, pelo lado sul de Pless, em direção à estação e à colônia Pilsudski.

Na antiga rua Fuerstenstrasse, onde aparecemos de surpresa, fomos saudados com grande jubilo por uns 100 populares alemães que acorreram às pressas. Choravam e riam, apertavam as mãos dos soldados alemães e jogavam-lhes flores que tinham apanhado na ocasião. A mim mesmo me vieram as lágrimas aos olhos, sabendo que Pless estava libertada.

Depois de termos passado pela estação, recebemos, subitamente, cerrado fogo do lado da estação, do gazómetro e de casas particulares. Ao mesmo tempo, iniciou-se, formidavel tiroteio em toda a cidade. Segundo eu soube mais tarde, o primeiro tiro partiu o prédio do tribunal. Foi, a meu ver, o sinal, prèviamente convencionado, para o tiroteio geral. Os franco-atiradores que deixaram passar as tropas alemãs para atirar depois sôbre os últimos veículos e sôbre a população alemã, andaram vestidos à paizana. Eu mesmo vi como foram retirados alguns de uma casa de onde partiram muitos tiros.

No município de Pless sabia-se que, em princípios de julho, os franco-atiradores haviam sido munidos, pelos militares, de pistolas automáticas, metralhadoras leves e de fuzis de infantaria. Várias vezes, os franco-atiradores, tinham ameaçado os populares alemães de os matarem um dia.

Distinguiram-se, como franco-atiradores, muitos ginasianos polonêses. Eles tinham recebido preparo militar e seus professores que eram todos da Polônia "do Congresso", lhes haviam inculcado o ódio aos alemães. Ainda no dia 30 de julho, muitos menores de 16 anos foram armados de fuzis de infantaria.

ass. Heinz Hertel

Êle prestou o seguinte juramento: "Juro perante Deus Omnipotente e Omnisciente que, de inteiro acordo com o que sei, eu disse a pura verdade e que nada calei, como quero que Deus me valha."

Encerrado:

ass. Schölz ass. Franz

Fonte: W R II

75. FOGO CERRADO DOS REVOLTOSOS.

Centro de Investigação de casos de violações do Direito das Gentes, junto ao Supremo Comando da Fôrça Armada.

Presentes: Conselheiro do Govêrno Schoelz como funcionário jurídico da Justiça Militar, em comissão. — Inspetor do Govêrno Franz como encarregado do protocolo.

Compareceu o mestre de fábrica Schwarzkopf que declarou:

Chamo-me Emil Schwarzkopf, nasci a 15 de janeiro de 1883 em Kreusburg (Alta Silésia), resido em Pless, à rua Kopernikusstrasse, 7.

No sábado, às tres horas da tarde, correu o boato que as tropas alemãs estavam entrando. Minha mulher e meus filhos queriam assistir à chegada. Procurei demovê-los de seu intento. Mas a satisfação era muito grande. Não consegui retê-los. Colheram, no jardim, todas as flores e foram embora. Eu fui atrás. Parámos junto à torre d'água. Era um júbilo geral, todos gritavam "Heil Hitler" e jogavam flores sôbre os soldados. As mulheres pegavam os soldados pelas mãos e tentavam dar-lhes abraços.

Teriam passado mais de cem veiculos, quando, de repente, começaram a atirar sobre os soldados e os civis. Os soldados gritaram: "Deitar". E, já se iniciou um fogo cerrado, caindo mais de 1.000 tiros.

Procurei abrigar-me na valeta, do lado direito da rua. A meu lado morreram minha mulher e meu genro Stephan Niemicz. Eu fiquei ferido no braço e, levemente, no pescoço, no ôlho e no occipital. Minha filha Lucie, meu filho Fritz e sua mulher ficaram gravemente feridos. Meu genro deixa mulher e dois filhinhos, sendo um de tres e um de meio ano de idade.

Soldados polonêses, já não os havia em Pless. Quem atirou, foram os revoltosos que, ha muito tempo, haviam sido armados pelas autoridades polonêsas.

Conta-se, em Pless, que fôra a intenção dos revoltosos, organizar uma carnificina muito maior. Dizem que tinham a intenção de matar a todos aqueles que, por ocasião da passagem das tropas alemãs, se déssem a conhecer como alemães. Foram impedidos, de executar esse plano, somente porque o tiroteio rompeu antes das tropas alemãs sairem da cidade.

O protocolo foi lido ao depoente, aprovado por êle e assinado como segue:

ass. Emil Schwarzkopf

Êle prestou o seguinte juramento: "Juro perante Deus Omnipotente e Omnisciente que, de inteiro acordo com o que sei, eu disse a pura verdade e que nada calei, como quero que Deus me valha."

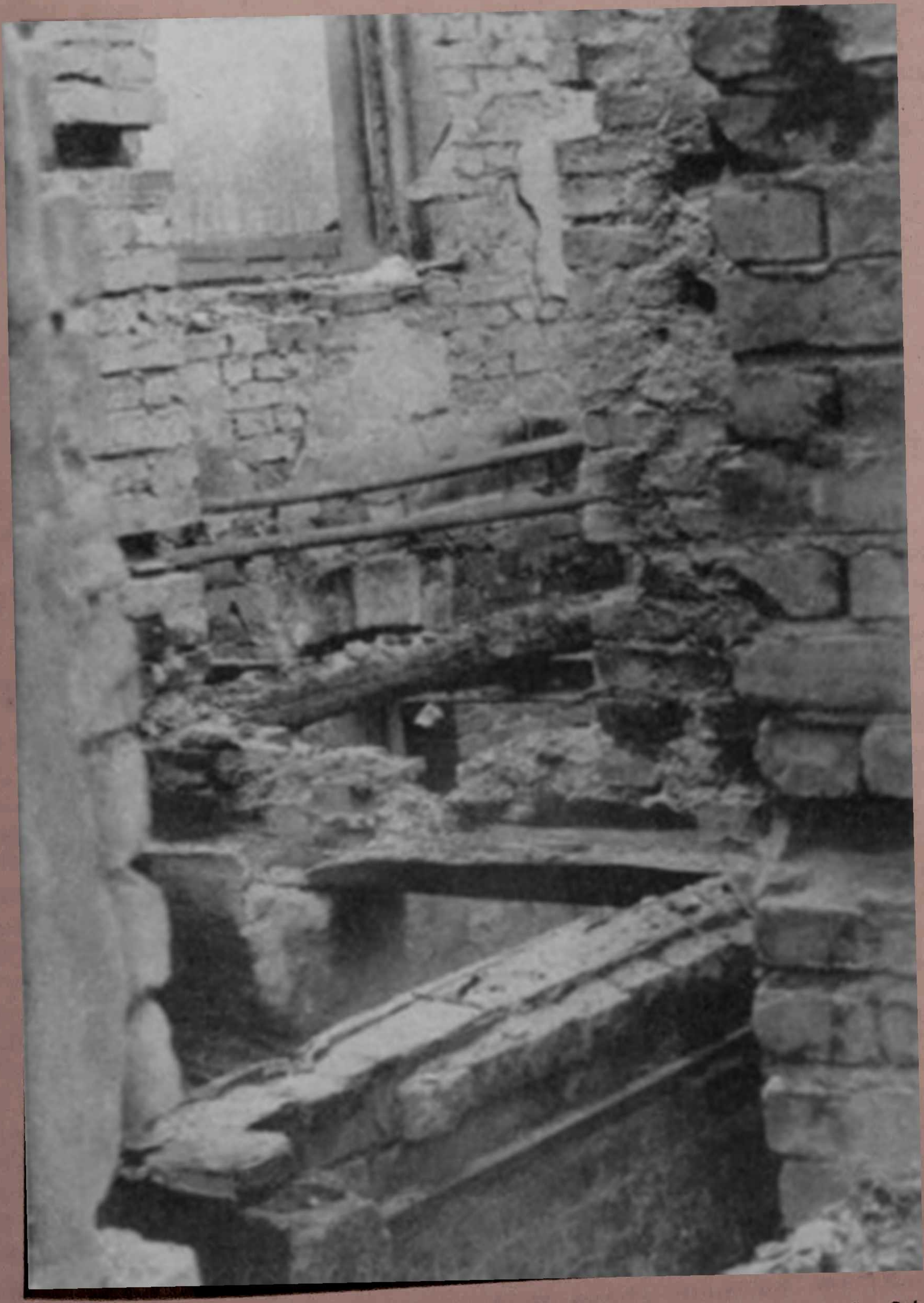
Encerrado:

ass. Schölz

ass. Franz

Fonte: W R II

76.



A gravura mostra o rez-do-chão e o porão descoberto da casa de moradia de Schmiede, totalmente destruida pelo incêndio. 16 pessoas tiveram que suportar o calor durante 8 horas, porque, de fóra, atiravam pelas janelas. Só mais tarde, os alemães puderam arrastar-se até outro compartimento do porão, cujo forro era de cimento armado. O proprietário Schmiede e mais duas pessoas foram mortas à bala ao sairem do prédio em chamas.

77. OS HORRORES DA MARCHA PARA LOWITSCH.

RELATO DE GOTTHOLD STARK, REDACTOR-CHEFE DA "DEUTSCHE RUNDSCHAU" EM BROMBERG.

Bromberg, 15 de setembro de 1939.

Tribunal de Campanha do Comando do Distrito Aéreo 3, estado à disposição especial.

Presentes: Conselheiro do Tribunal de Guerra da Arma Aérea, Dr. Waltzog, como juiz; Carlotte Janz, como secretária "ad hoc".

Quanto à pessoa: Chamo-me Gotthold Starke, tenho 43 anos de idade, sou de confissão evangélica, redactor-chefe da "Deutsche Rundschau" em Bromberg, casado; tenho quatro filhos.

Às sete e meia da noite do dia 1.º de setembro de 1939, fui preso, em minha residência, por um policial polonês. Êle me deu voz de prisão ao entrar em minha residência, dando, em seguida, uma busca que correu sem resultado. Entregou-me, depois, uma ordem de prisão em papel encarnado, em que tinha que confirmar haverem dado busca em minha residência sem resultado positivo. Levaram-me, em seguida, em um automovel, para o antigo Orfanato dos ex-soldados do Reich em Bromberg, onde encontrei muitos populares alemães e alemães do Reich que, igualmente, tinham sido presos no correr do dia 1.º de setembro. Segundo me informaram mais tarde, fôra irradiada, pela emissora polonêsa, uma ordem geral para todo o paiz. As listas dos candidatos devem ter sido organizadas já em fins de abril ou em principios de maio; pois, pessoas que se tinham mudado para Bromberg posteriormente e que deveriam ter sido considerados tão suspeitos ou mais suspeitos que eu, não foram presos. Ao contrário, inquiriram sôbre o paradeiro de pessoas que tinham deixado Bromberg durante os últimos mêses.

Havia, sob o ponto de vista jurídico, tres categorias de presos que, entretanto, tiveram o mesmo tratamento: primeiro, os que receberam uma cédula encarnada, a que eu pertencia; segundo, os internados que tinham uma cédula côr de rosa, a que pertenciam, sobretudo, os alemães do Reich, mas tambem alguns populares alemães,, enquanto que alguns alemães do Reich tinham recebido cédulas encarnadas; terceiro, os evacuados que tinham cédulas amarelas. Nessas cédulas amarelas estava impressa a ordem que os portadores — trata-se, principalmente, de populares alemães — haviam que encaminhar-se, por conta própria, para um lugar da Polônia oriental, onde viveriam sob a vigilância da polícia. A categoria das cédulas amarelas era, relativamente, muito pequena; tratava-se de um certo privilegio para com os detidos o qual, num caso que chegou a meu conhecimento, seria devido a uma espécie de atestado de boa conduta, como no do proprietário a que me refiro, passado pelos soldados polonêses que êle havia alojado em sua casa. Como os chamados evacuados não haviam conseguido, em 1.º de setembro, partirem, pela estrada de ferro, para a Polônia oriental, êles eram tratados como presos, como tambem os internados não recebiam outro tratamento. Faziam parte desses internados, o chefe da secção alemã de passaportes de Bromberg, Consul Wenger, e sua secretária D.ª Mueller, ambos funcionários do Consulado Geral Alemão em Thorn. Vi o consul Wenger, pela última vez, em Lodsch, ainda não voltou para Bromberg. (1)

E' evidente que tinham o propósito de deportar-nos, a nós todos, para um campo, onde receberiamos as nossas refeições. Parte dos presos tinham sido informados de que deveriamos prover-nos com mantimentos para quatro dias, mas poucos conseguiram comprá-los. No dia 2 de setembro trouxeram mais outros presos, entre êles o presidente da União Alemã, Dr. Hans Kohnert, igualmente com cédula encarnada. Quando observámos, da janela, a quéda de bombas lançadas por aviadores alemães e vimos como lavradores alemães foram espancados de maneira tal que se despedaçou uma coronha (Testemunha D.ª Mueller da Secção Alemã de passaportes, em Lodsch), começamos a experimentar o primeiro método de intimidação. Os nossos guardas que eram guardas civis, policiaes auxiliares e membros de organizações semi-militares, obrigaram-nos, com baionetas armadas, a nos deitarmos no chão, ameaçando de morte a quem quizesse levantar-se. No dia 2 de setembro enfileiraram-nos aos dois, conduzindo-nos ao páteo. Anteriormente, um soldado do grupo Haller tinha escolhido alguns pares cujas mãos foram algemadas. No páteo formámos um grande quadrado; os soldados da escolta carregaram suas carabinas e pistolas automáticas, em nossa presença; em seguida puzeram-nos em marcha. Tivemos que passar, primeiro, por entre a população polonêsa de Bromberg que nos injuriava em altas vozes. Em frente do xadrez da polícia onde pudemos pousar, ameaçaram linchar-nos. Quando ficou tudo escuro, marchamos, primeiro, via Langenau e Schulitz, para Thorn, uma marcha forçada de 59 klms., impossivel para anciões e menores que se achavam entre nós. A fadiga era aumentada pela falta de alimentaçao e pela ordem eternamente repetida de andarmos nas valetas quando aviadores alemães atacavam. Já perto de Langenau, D.ª Martha Schnee, de 76 anos de idade, caiu agonizando. Ela era sobrinha do conhecido governador da Africa do Léste Alemã e tinha dedicado sua vida à proteção aos pobres, ultimamente como superiora da Beneficência Alemã.

---

(1) . O consul Wegner foi salvo.

Em Thorn fomos alojados, durante a noite, num salão sujo, situado num subúrbio. Começaram a surgir os primeiros casos de perturbações mentaes. Homens e mulheres gritavam; às vezes davam-se manifestações anti-alemãs da parte dos criminosos polonêses que tinham juntado ao nosso grupo. No dia 4 de setembro, marchamos de Thorn até a estação de banho cloretado Ciechocinek. Os nossos guardas estavam muito ocupados com a captura de desertores polonêses. Em vista do desenvolvimento das lutas, supunhamos todos que as tropas alemãs chegassem em tempo para nos libertarem. Pouco antes de chegarmos ao balneario, suicidou-se o jovem Gerhard Schreiber de Bromberg, cortando a artéria carótida. O médico-operador Dr. Staemmler de Bromberg, que se achava em nossa leva, fechou a ferida. O ferido foi transportado para Ciechocinek onde morreu. Dr. Staemmler declarou-me que, poderia ter sido salvo sob um tratamento normal. Enquanto o moço que passara por uma crise nervosa, jazia em seu sangue, foi pisado com os pés pelo último comandante da polícia de Bromberg que chefiava a nossa leva. A nós outros, porém, mandou tirar-nos os canivetes e as lâminas de gilete.

Em Ciechocinek fomos alojados numa hospedaria para a juventude, separados os sexos. Entretanto, não foi possivel descançar porque se deram novos casos de perturbações mentaes e não cessaram os gritos histéricos. Nada nos deram para comer. Em 5 de setembro, marchámos sob um calor abrazador, de Ciechocinek até Wloclawek. As doenças de pé iam se generalizando; a fome ia aumentando; os mantimentos que alguns tinham trazido, haviam sido repartidos. O dinheiro nos tinham tirado; mesmo assim conseguimos, em Nieszawa, juntar, entre os presos, o dinheiro necessário para comprar pão para todos. O comandante deu ao Dr. Staemmler a ordem de comprá-lo e repartí-lo. Infelizmente não tornou a demonstrar o mesmo sentimento humano.

Em Nieszawa pousámos à tarde, sob um sol abrazador, em uma grande área para descarga de lixo. Juntou-se aí, ao nosso grupo, outro de presos vindos de Pommerelle. Entre êles havia mulheres e anciões, todos exhaustos e extenuados até o extremo. Seguimos, bem à beira do Vistula, até Wloclawek, que sofrera bastante sob o bombardeio, sendo aí encurralados e fechados em uma sala de ginástica. Durante toda a noite não nos deram água, embora estivessemos para morrer de sêde. Procurando, na escuridão, uma saida para descobrir um poço, encontrei um lavrador alemão, de nome Vorweyer, que fôra perso junto com seu filho de 14 anos de idade. Mais tarde tiraram-lhe o filho louro, ignorando-se seu paradeiro. Na manhã seguinte tocáram-nos adiante. Alguns dos velhos que estavam sem forças para prosseguir o caminho e algumas mulheres, foram embarcados em carroças. Quando os dois bromberguenses, superintendente Assmann e Dr. von Behrens, ambos com mais de 70 anos de idade, pediram o mesmo favor, negaram-lho por serem "Bandidos politicos, extremamente perigosos". Companheiros moços pegaram-nos novamente nos braços, carregando-os para diante. A marcha conduziu-nos, nêsse dia 6 de setembro, de Wloclawek até a usina de assucar

Chodsen, perto de Chodecz, onde nos anexaram várias colunas vindas de Pomerelle, alcançando o total dos deportados o número de cerca de 4.000, sendo umas 600 a 800 pessoas de Bromberg. Entre êsses 4.000 presos, achavam-se cerca de 1.000 sociaes-democratas, comunistas e criminosos polonêses e outros tipos duvidosos. Outros grupos alemães tinham passado horas difíceis na usina de assucar Chodsen que se achava sob o comando de um militar. Tinham sido maltratados com cacetes de borracha, colocados à parede, amedrontados e submetidos a outros suplícios mais. Alguns foram fuzilados. Nós fomos encurralados em uma área estreita entre dois muros, onde nem tinhamos lugar para sentarmos, e se o conseguiamos era sobre coque ou alcatrão liquido. Civís polonêses que levavam faixas nos braços, passavam entre nós, dando ordens que tinhamos que obedecer. Quem se aproximava do arame farpado, era fuzilado. No telhado da usina havia metralhadoras. Não obstante nos terem prometido, à noite, barracas com palha — evidentemente a usina deveria servir como campo de concentração — conduziram-nos, na manhã seguinte, via Chodecz, onde pudemos fazer compras no mercado, até Kutno. No caminho fomos injuriados, continuamente, como assassinos, bandidos e "filhos de putas", e isto, sobretudo, por mulheres e — oficiaes. Acompanharam-nos colunas de fugitivos, militares e civís, que não perderam a oportunidade para nos agredirem continuamente. Alguns daqueles que ficaram sem forças para irem adiante, eram embarcados nas carroças, por via de regra, porém, eram mortos a tiros, na retaguarda da coluna. Desde a manhã do dia 7 de setembro e toda a noite, marchamos, com poucas interrupções, nas valas ou na lama da estrada, até a manhã do dia 8 de setembro, às 9 horas, pousando em uma propriedade, de nome Starawies, a cerca de 3 klms. além de Kutno. Ficamos ali umas quatro horas. Vários companheiros, ao chegarmos, caíram, morrendo de cansaço. Só parte da leva recebeu pão, mas todos receberam água potavel que era, para nós a maior delícia. Já, de madrugada, durante a marcha, nos tinhamos jogados no capim que orlava a beira da estrada, para beber o orvalho. Conseguiramos tambem, arrancar, de vez em quando, uma beterraba para mitigar a terrivel fome.

Partimos de Starawies ao meio-dia, marchando, outra vez, a noite inteira, cambalendo, dormindo, incomodados a toda hora pelos dementes, amedrontados pelos tiros desfechados contra companheiros — um de meus companheiros contou, naquela noite, não menos de 44 alemães mortos — e molestados pelas muitas colunas militares que recuavam. Quem não marchava em linha, era chamado à ordem, por meio de pancadas e baionetadas, pelos homens da escolta, melhor alimentados que nós, que, em parte dispunham de bicicletas e já tinham sido rendidos. Mesmo o nosso médico o Dr. Staemmler, não escapou a êsse tratamento quando, na columna sem fim, se adiantava ou atrazava para socorrer um dos infelizes com um fortificante. Não pudera levar seu instrumentário. Nessa noite, êle mesmo, começou a delirar. Dr. Kohnert e dois companheiros que iam a seu lado, foram esbordoados por soldados que passavam. Não parámos de fechar a coluna para preencher os claros que iam aparecendo. Um lavrador de 70 anos de idade, de nome Koerner, que já não podia suportar a sêde, precipitou-se de uma ponte de 7 metros de altura, nas águas do Bzura, sendo baleado sem ser ferido. Ali bebeu água de seu chapéu, conseguindo enfileirar-se na retaguarda da coluna.

No dia 9 de setembro chegámos a Lowitsch, parando num lugar que ficava entre o depósito de explosivos e o quartel, isto durante forte bombardeio da artilharia alemã. A escolta polonêsa abandonou-nos, com exceção de uns poucos homens; o comandante ficou invisível. Refugiámo-nos do ponto perigoso para um pequeno bosque que ficava além da cidade, podendo, no caminho, matar a sêde e lavar-nos em vários poços onde passámos. Da leva de cerca de 4.000 foram libertados 2.000 em Lowitsch que nessa ocasião, foi ocupada pelas tropas alemãs. Devem ser descontados, em primeiro lugar, os 1.000 polonêses que faziam parte de nossa coluna, mas a diferença dos 1.000 alemães restantes não deve ser considerada como proveniente de um erro estatístico, parecendo-me que êsses alemães fugiram para os bosques, os pastos e as aldeias, durante aquela ultima noite quase insuportavel, em que só a grande custo conseguimos manter-nos em pé. Parte dêles deve ser considerada, como definitivamente perdida. Outros apareceram, em pequenos grupos, em Lowitsch. Dos últimos 2.000 que ficaram juntos, separaram-se uns 1.200 nas proximidades das casernas, indo em turmas separadas ao encontro das tropas alemãs, levando algumas os homens da escolta dos quaes 30 ficaram presos. O ultimo resto de 800, em que se achavam, entre outros, o Dr. Kohnert, Dr. Staemmler, barão Gero von Gersdorff, o presidente da União dos lavradores Modrow e eu mesmo, foi conduzido para o bosque, ha pouco mencionado, onde nos esperavam Strzelce (atiradores semi-militares), jovens bandidos de 17 a 18 anos de idade, que nos desviaram, a cerca de nove kilómetros a nordéste de Lowitsch, em direção a Varsóvia, passando por uma aldeia comprida, onde nos deram água. A maioria dêsses 800 eram alemães da Polônia "do Congresso" que, só a custo, puderam ser mantidos debaixo do comando polonês, e isto, sobretudo, quando de novo, nos tocaram para uma das chamadas praças "gromada" (isto é praça pública) que se achava exposta, de todos os lados, ao fogo das tropas.

O pastor Krusche, como chefe dos alemães da Polônia "do Congresso", e nós bromberguenses discutimos sôbre o que restava fazer. O Dr. Kohnert e o Dr. Staemmler foram incumbidos de negociarem com o ultimo policial bromberguense que nos acompanhava. Deveria êle fazer um acôrdo com seus companheiros, no sentido de nos assegurarem a vida contra a soldadesca em fuga e tambem contra os jovens strzelce que, evidentemente, cairam em uma emboscada. Em compensação, estávamos prontos a lhes assegurarmos a vida e a colocação quando fossemos surpreendidos pelas tropas alemãs. Ao se aproximarem do policial os Dr. Kohnert e Staemmler, êle entendeu mal a intenção dêles, motivo por que puxou da arma. Dr. Staemmler quiz tirar-lhe a arma, mas o policial recuou uns passos, dando um tiro nêle, matando-o. Gritando, ameaçou tirar vingança e correu a buscar outros policiaes, na parte alta da aldeia. Supondo que se iniciasse, então, um tiroteio geral sôbre os 800 homens indefesos, pois de toda parte apareceram polonêses, regular ou irregularmente armados, deparámos com um carro blindado, que vinha pelo pé do morro. Pensávamos que viera para cortar-nos a retirada para Lowitsch. O Dr. Kohnert e o pastor Krusche, levando um lenço branco amarrado a uma vara, foram ao encontro do carro, na certeza de que, submetendo-nos à tropa polonêsa, nos achariamos mais seguros contra a perfídia da polícia e dos strzelce. Os 800 andaram atrás dos parlamentários. A meio caminho descobrimos que se tratava de um tanque que vinha nos libertar. Um jovem oficial alemão dirigiu o tanque, que trazia o nome: Ziethen, através do nosso grupo, até a parte alta da aldeia, pela encosta do morro "Gromada". Os lavradores polonêses que lá se achavam, puzeram-se de joelhos e beijaram a mão e o uniforme do oficial que nos indicou a direção para Lowitsch. Levámos o cadáver do Dr. Staemmler e marchámos, em direção à cidade conquistada pelos alemães, através de batataes e restolhaes, tendo o cuidado de nos assegurarmos contra os perigos que nos ameaçavam dos lados. A marcha para Lowitsch em que tivemos que vencer uns 240 klms., incluindo os desvios, encontrou seu fim. Os que participaram da marcha achavam-se em um estado deploravel. O médico Dr. Studzinski, um alemão de Waldau, mun. de Schwetz, que tambem fôra maltratado pelos polonêses, fez um esforço sobrehumano para atar as feridas dos pés, quase todas purulentas. Quando fui visitar os gravemente enfermos, encontrei, entre outros, o senador Dr. Busse-Tupadly, de 68 anos de idade, deitado sôbre uma cama de palha. Êle me chamou pelo nome e abraçou-me chorando. Não o teria reconhecido, apesar de êle ser o padrinho de meu filho. A cabeça dêle fôra reduzida, por pedradas e cacetadas, a uma massa disforme, em que só se viam os lábios ensanguentados. Dr. Busse é um dos primeiros criadores de gado da Europa. Tambem era muito estimado pelos polonêses e, em todas as exposições internacionaes de gado, era conhecido como juiz. Ao lado dêle achava-se, em estado de completo esgotamento, o proprietário de uma horticultura em Schoensee, o sr. Bohrmann, de 82 anos de idade. No páteo, porêm, achavam-se amontoados os cadáveres dos companheiros que morreram em consequência da inanição e daqueles que se tinham separado da coluna principal, àquem de Lowitsch, e que fôram assassinados pelos soldados em fuga. Só na proximidade do morro "Gromada", contaram 26. A maioria dêles foi morta a coronhadas. Agradecemos, comovidos, aos nossos libertadores.

A beira do Bzura, onde tomámos o primeiro banho, cantámos os hinos alemães, brindando o "Fuehrer" e o exército com um "Siegheil". Durante a noite, os patrícios de Pomerelle trouxeram-nos comida. Êstes haviam sido deportados até o xadrez de Lowitsch, por suspeitos de espionagem, sendo depois libertados pelos alemães. Em vista dos combates que se estavam travando na região, os dois mil salvos foram transportados, no dia seguinte, domingo, a 10 de setembro, em 800 bicicletas e em carros "panje" requisitados, via Glowno, onde ainda houve um pouso ao ar livre, para Lodsch.

Ditado pelo depoente, aprovado e assinado

ass. Gotthold Starke.

A testemunha prestou juramento.

Encerrado:

Dr. Waltzog

Charlotte Janz

Fonte: W R I

78. PADRE BREITINGER, CURA DOS CATOLICOS ALEMÃES DE POSEN, SOBRE A LEVA DE DEPORTADOS DE POSEN.

Centro de Investigação de casos de violação do Direito das Gentes, junto ao Supermo Comando da Força Armada.

Presentes: Conselheiro do Tribunal de Guerra Hurtig. — Inspetor da Justiça do Exército Pitsc.

Procurado em sua residência, comparece o Padre Breitinger que depôs sob juramento:

Quanto à pessoa: Chamo-me Lorenz Breitinger, sendo meu nome de ordem: Padre Hilarius; nasci a 7 de junho de 1907 em Glattbach, perto de Aschaffenburg; sou cura dos católicos alemães de Posen; resido no convento dos Franciscanos em Posen.

Quanto à causa: No dia 1.º de setembro de 1939, pelas 18 horas, compareceu à porta do convento um policial que me deu voz de prisão. Meu pedido de me dar tempo para levar um pouco de roupa e viveres, não foi satisfeito, dizendo êle que não era preciso, porque, após ligeiro interrogatório, eu poderia estar de volta dentro de meia hora. Em frente do convento esperava-nos outro policial com a baioneta armada, e os dois policiaes conduziram-me a mim e a mais dois presos para o presídio da polícia, como se eu fosse um criminoso. Chegados, o policial que me déra voz de prisão, entregou-me, mediante recibo, uma cédula de internamento, pela qual fiquei sabendo que me achava regularmente internado. No páteo do presidio encontrei cerca de vinte conhecidos com os quaes passei a noite ao ar livre. Durante a noite vieram chegando outras turmas de companheiros da desdita, de outros bairros da cidade. O superior de meu convento tentou intervir a meu favor junto ao comissário superior da administração da polícia. De volta ao convento, eu soube dêle que sua intervenção fôra liquidada com as seguintes palavras: "O quê, o sr. tem a coragem de intervir a favor de um homem dêsses?" "O sr., pois, está de conluio com espiões; então merece tambem uma bala na cabeça como aquele". Quando o superior pediu licença para entregar-me uma mala contendo roupa e víveres, responderam-lhe que êle (isto é: eu) poderia ser comido pelos piolhos. Meu superior ficou tão indignado com essa resposta que, mais tarde, me confessou que, pela primeira vez se envergonhára de ser polonês. Eu soube ainda de meu superior que, por minha causa, procurára o comandante da policia de Posen, na voivoda, que era um bom conhecido dêle e meu. Este, porêm, respondeu-lhe que, infelizmente, nada podia fazer, porque todos os poderes se achavam em mãos dos militares. No dia 2 de setembro, mandaram-nos formar em duas fileiras, chegando um funcionário da polícia, à paizana, para declarar-nos, em nome do voivoda, que nos achávamos privados dos direitos civís, acrescentando que teriamos que marchar para um campo e que todo aquêle que não se sujeitasse à ordem nas ruas, seria imediatamente, fuzilado. Os policiaes carregaram, então, seus fuzis e armarem as baionetas, conduzindo-nos, pelas ruas de Posen, até Glowno. Durante o trajéto, os policiaes não cansaram de dizer ao povo, que nos aguardava de um e outro lado das ruas: "Todos êles são alemães", e a multidão respondia, de cada vez, com uma gritaria infernal e ameaças e blasfémias horríveis. No antigo mercado, a multidão já começou a passar a vias de facto, tratando-nos com pancadas, pontapés e pedradas, de sorte que, à chegada no subúrbio Glowno, estávamos cheios de mossas. Na sala de uma casa de pasto, em Glowno, comecei a ter novas esperanças, quando entrou um padre católico, o vigário de Glowno. Eu contava, antes de tudo, com que êle, compreendendo a nossa situação, nos dispensasse proteção e algo nos dissesse sôbre o nosso futuro. Fiquei, entretanto, não pouco surpreendido quando êle, depois de minha apresentação, começou a indagar se eu não era um espião fingido e me perguntou, em voz áspera, por quê eu tinha lutado, com as armas na mão, contra os polonêses. Diante dessa atitude, fiquei sem fala e renunciei a qualquer outra tentativa.

Ao cair da noite, conduziram-nos até um grande prado, rodeado de enorme multidão. Chegavam outros grupos de internados, entre êles mulheres e menores, dois aleijados que mal podiam andar, eram inválidos da guerra com pernas de pau, e muitos que tinham a cabeça atada e as vestes ensanguentadas. No prado, mandaram-nos formar em filas de quatro, sendo contados. Obedecendo à ordem do chefe de nossa escolta que se compunha de alguns policiaes e vários ginasianos no uniforme da organização militar da juventude, tivemos que fazer exercícios e entoar um canto de ódio contra a Alemanha. Em seguida, mandou-me vir, em meu habito de ordem, sózinho, para a frente, e fazer exercícios sob os berros da multidão. Finalmente mandou que me colocasse na primeira fila, por assim dizer, como chefe dos revoltosos, como eramos sempre denominados. Em seguida, fomos a pé para Schwersenz, através as alas de uma multidão instigada, de homens que nos cuspiam, que nos jogavam esterco de cavalo, que nos maltratavam a pancadas, pedradas e pontapés. A escolta nada fez para nos proteger, ou, por outra, se o quizesse, seria, de todo, impotente para fazê-lo, nem teria a energia necessária. Em Schwersenz, a populaça embrutecida, munida de paus, deu tanto, nos aleijados e nos menores que vinham em carroças, até que os paus se partiam. Notei, no dia seguinte, que quase todos os presidentes de todas as organizações alemãs e todos os eclesiásticos alemães haviam sido reunidos. Todos êles eram homens, convencidos de terem cumprido com seus deveres para com o Estado polonês, razão por que não compreendiam o tratamento que se lhes estava dando, como se fossem criminosos de ultima categoria.

Em Schwersenz pedimos, um cura evangélico e eu, licença para cumprir a nossa missão junto aos internados. Mas o chefe de nossa escolta deu-me uma resposta áspera e negativa. Seguimos adiante, por entre as molestações da plebe, via Kostrzin, até Wreschen, onde fomos, de novo, maltratados a pancadas e pontapés. Ali, passou de carro, o meu cardinal, e tão perto de nós que nos deve ter reconhecido como internados de Posen, mas nada fez a nosso favor. Em Wreschen, mandaram-nos, novamente, em um salão, fazer exercícios; mandaram-nos levantar, sentar, ajoelhar, etc. O ódio do chefe dirigia-se, particularmente, contra mim, chamava-me de hipócrita e embusteiro, dizendo que se devia arrancar-me a cruz porque a tinha traído Partimos pelo meio-dia. A escolta embarcou nas carroças, juntamente com os doentes, e, muitas vezes, tivemos que correr atrás das carroças quando os carroceiros se lembravam de que o trote convinha mais, a seus animaes, que o passo. Nas povoações, cada qual de nós procurava, com cobertores e capas, abrigar-se contra as perigosas pedradas. Facto que não cheguei a compreender, é que soldados, e até oficiaes polonêses, se salientaram nêsses maus tratos. Assim, acontecia, que militares polonêses, portadores de distinções, iam ao longo das fileiras, dando fortes pontapés em um ou outro que estivesse ao seu alcance. A partir de Konin, não pudemos continuar a nossa marcha para Kutno, tomando, de repente, rumo para o norte. A cerca de 7 klms. além de Konin, a escolta nos abandonou, ficando, apenas, um policial mentecapto. Nesse meio tempo, fomos maltratados por reservistas polonêses, com varas compridas e pedras, até que uns gendarmes nos livraram dêles. Perto de Maliniec pudemos pousar tres dias, porque o nosso policial teve que esperar ordens a respeito do nosso destino.

Atrás de Slesin, atravessámos as primeiras linhas polonêsas, sendo internados, fóra da cidade, em uma propriedade, onde já se encontrava um destacamento de soldados polonêses. Ali, foi um jovem tenente polonês quem nos ameaçou de morte, sob inúmeras maldições. No dia seguinte, às duas horas da noite, despertaram-nos para seguirmos o nosso caminho. As carroças, com os aleijados e as crianças, ficaram atrás. Eu soube mais tarde que êles foram fuzilados. Tratava-se de toda a família Schmolke e um inválido de guerra que tinha só uma perna. Sob o troar dos canhões, vencemos, em marcha forçada, a distância até Babiak. A tarde, prosseguimos, depois de nos terem dividido em tres grupos e terem aumentado a escolta por numerosos soldados. Ao atravessarmos um bosque, obrigaram-nos os soldados a entregar-lhes os relógios e outros objetos de valor, o dinheiro e, em alguns casos, até as alianças. Quando, na manhã da segunda-feira, tivemos que reiniciar a marcha, alguns de nós já não puderam manter-se em pé. Além de cinco doentes, impossibilitados de continuarem a marcha (entre êles uma professora de Posen), ficaram tres sãos para tomar conta dos enfermos. Soubemos mais tarde que todos êles haviam sido fuzilados pela escolta e maltratados com pedras até morrerem.

Depois de idas e vindas, durante dias, em que a frente vinha se aproximando de nós, fomos libertados, pelas tropas alemãs, no dia 17 de setembro de 1939, sendo transportados, por ordem da Força Armada alemã, via Breslau, para a nossa terra.

Ditado em alta voz, aprovado e assinado

ass. Lorenz Breitinger (P. Hilarius)

A testemunha prestou o seguinte juramento: "Juro perante Deus Onipotente e Onisciente que eu disse a pura verdade e que nada calei, como quero que Deus me valha".

Encerrado:

ass. Hurtig ass. Gitsch

Em tempo, acrescento o seguinte:

Eu estava junto com todos os internados de Posen. Entre êles achavam-se, em meu grupo, tambem o diretor Hugo Boehmer, o Pastor Stefani, o Diretor do Ginásio Alemão, Dr. Stwart, Dr. Robert Weise e outras personalidades alemãs de destaque.

Incluo esta afirmação no alcance de meu juramento.

ass. Lorenz Breitinger (P. Hilarius)

Encerrado:

ass. Hurtig ass. Pitsch Fonte: W R II (1)

79. RELATO DO DR. MED. ROBERT WEISE, DIRETOR DO HOSPITAL DAS DIACONIZAS DE POSEN.

Posen, 3 de outubro de 1939.

Centro de Investigação de casos relativos a violações do Direito das Gentes, junto ao Supremo Comando da Força Armada.

Presentes: Conselheiro do Tribunal de Guerra Reger, como investigador. — Inspetor da Justiça do Exército Bachmann, como escrivão.

Procurado no Hospital da Casa das Diaconizas Evangélicas em Posen, o diretor do mesmo, Dr. med. Robert Weise, foi ouvido como testemunha, depondo sob juramento:

Quanto à pessoa: Chamo-me Robert Weise; nasci a 2 de outubro de 1893 em Birnbaum; sou evangélico, até agora cidadão polonês, pertencendo à minoria alemã. Sou casado e tenho dois filhos de 6 e 3 anos de idade.

Quanto à causa: Fui preso, no dia 1.° de setembro de 1939, em minha residência. Supando que seria internado, já tinha aprontado minha mochila, com os objetos necessários. Os policiaes me disseram que nada precisava levar porque eu seria solto, imediatamente. Eu deveria, apenas, deixar minha assinatura. Precedera à minha prisão, uma busca em minha residência, onde supunham haver armas. Depois de passar pela delegacia, fui conduzido para o presídio da polícia, onde estavam organizando um transporte coletivo. Não posso dar o número certo dos muitos alemães que tinham reunido. O meu grupo compreendia uns 60 a 80 homens.

---

(1) A página final do protocolo acha-se reproduzida em "fac-simile".

No dia 2 de setembro de 1939, pelo meio-dia, — até essa hora, tivemos que satisfazer-nos com uma fatia de pão e uma caneca de café — iniciamos a nossa marcha. Já no primeiro trecho através de Posen até Glowno, estivemos expostos a graves maus tratos da parte do povo que nos tratava a pancadas, pontapés e nos jogava pedras. Nessa ocasião, ao passarmos pela rua Breiten Strasse, foi ferido, no occipital, por duas pedradas, o Dr. Gustav Klusack, diretor da Sociedade Agrícola polonêsa em Posen, vindo êle a cair com o rosto na calçada, onde ficou sem sentidos. Supuz, logo, como médico que sou, tratar-se, no caso do Dr. Klusacú, de uma fractura da base do crâneo, procurando, por isso, conseguir, com o comandante de nosso grupo, um policial, que o ferido fosse internado em um hospital ou lazareto de Posen. Negado o meu pedido, carregámos o Dr. Klusack que deitava sangue pelo nariz e pela boca, que vomitou várias vezes e ainda não recuperára os sentidos, transportando-o até Glowno. Depois teve que fazer toda a marcha até o fim.

Em Glowno, foi engrossado o nosso grupo por outros, provenientes de Posen e da zona de Wollstein, perfazendo, assim, um total de uns 260 homens. Foi aumentada, tambem, a nossa escolta por revoltosos uniformizados, de sorte que, agora, se constituia dêstes, de polícia regular e policiaes auxiliares. Passou a comandar a leva um sub-tenente, vestindo o uniforme dos revoltosos. No mesmo dia, seguimos para Schwersenz, onde a população nos maltratou — como em Posen. Desejo, a bem da verdade, afirmar que a polícia fez, afinal, uma tentativa de proteger-nos, repelindo a multidão, até, com cacetes de borracha; mas nada conseguiu. Pousamos em Schwersenz, seguindo, no outro dia, até Wreschen; no outro, até Slupca; e no terceiro, até Marantow. Acompanharam-nos, até Marantow, ainda tres carroças em que transportavam os inválidos de guerra, as mulheres e crianças, e, mais tarde, tambem os doentes. Em Marantow tiraram-nos as carroças, mas ainda consegui que, ao menos, uma continuásse a acompanhar-nos. Ficámos tres dias em Marantow. De lá seguimos via Slesin até uma povoação, na proximidade, cujo nome não me ocorre. Durante a noite, despertaram-nos, tocando-nos, em marchas forçadas, em direção a Klodawa, provavelmente porque a situação militar se tornára crítica. Como já não tinhamos nenhuma carroça à nossa disposição, tiveram que ficar, no lugar, um tal Schmolke, da região de Wollstein, que era portador de prótese desde o tempo da grande guerra, a mulher dêle, sua filha de 16 anos e seu filhinho de um ano e meio, mais outro portador de prótese, cujo nome ignoro, e uma senhora Blank, de Ketsch, perto de Posen.

Segundo fomos informados, êles deveriam seguir em uma carroça, mas, quando estávamos pousando ao meio-dia, em Babiak, soube por um homem da escolta que fôra criado na propriedade Turkowo, mun. Neutomischel, que aqueles alemães tinham sido fuzilados. Provavelmente foram assassinados por militares, parecendo-me que os criminosos pertenciam ao regimento de reserva de Schwersenz que se achava acantonado na região de Slesin. Mantenho esta hipótese dos alemães terem sido assassinados por militares, porque nenhum dos homens de nossa escolta ficara atrás e havia militares na povoação onde tinhamos pousado, pois, êstes mesmos tinham ficado encarregados de nos vigiarem naquele lugar.

Reconheço, nos fotos que me foram apresentados, os dois inválidos e a filha de Schmolke, de 16 anos de idade. Não sei dizer quem é a quarta pessôa que se vê no foto.

Seguimos para Brzewienna Krotkie, onde passámos a noite ao ar livre. No dia seguinte, na hora da partida, tivemos que abandonar como incapazes de prosseguirem, os seguintes patrícios: o lavrador von Treskow, D.ª Dr. Hanna Bochnik, D.ª Molzahn, Vincenz Gierczynski, o judeu Goldschmied e mais outras pessoas. Ficou tambem o estudante Hermann Pirschner que se oferecera para cuidar dos que não puderam marchar. A D.ª Dr. Bochnik já começára a sofrer de alienação mental. Asseguraram-nos, de novo, que seria requisitada uma carroça para o transporte dos que ficaram. Depois de vencermos uns dois quilómetros, ouvimos tiros, de sorte que, pela experiência anterior, conclui que os abandonados tambem foram fuzilados, o que foi comprovado pelas exhumações.

Finalmente tocaram-nos, via Klodawa — Kutno — Gostynin — Zychlin, até uma povoação situada entre Kutno e Lowitsch, onde fomos libertados, no dia 17 de setembro, pelas tropas alemãs.

A distância percorrida pode ser orçada em 320 quilómetros.

Preciso declarar, ainda, que os homens da escolta nos obrigaram a entregar-lhes o nosso dinheiro, os objetos de valor e as joias. Os prejudicados não conseguiram rehaver o que perderam. A mim, por ex., tiraram-me um relógio-pulseira, 280 zloty em dinheiro e a carteira com todos os documentos

Ditado em alta voz, aprovado e assinado

ass. Dr. Robert Weise

A testemunha prestou o seguinte juramento: "Juro perante Deus Omnipotente e Omnisciente que, de acordo com o que sei, eu disse a pura verdade e que nada calei, como quero que Deus me valha".

Encerrado:

ass. Dr. Reger ass. Bachmann

Fonte: W R II

80. COMO FOI ASSASSINADO O MÉDICO-OPERADOR DR. STAEMLER. RELATO DO LAVRADOR GEORG DRESCHER DE CZEMPIN, MUN. KOSTEN.

A testemunha Georg Drescher, lavrador de Czempin, depôs sob juramento:

No sábado, dia 2 de setembro de 1939, fui preso pelas 6 horas da manhã, sendo obrigado a marchar, com outros populares alemães de Czempin, até Schrimm. No caminho, fomos esbordoados, por civís polonêses munidos de forcados e paus, sendo tambem ameaçados e cobertos de incríveis palavras injuriosas. Em Schrimm, tambem fomos maltratados; durante as duas horas que passamos em um páteo, um oficial da polícia comunicou-nos que 20 populares alemães de Lissa tinham sido condenados à morte pelo tribunal de guerra e que seriam fuzilados dentro de duas horas. Efetivamente, ouvi fuzilarem 14 alemães de Lissa. Cerca de 400 homens, escoltados por praças da polícia auxiliar, marchámos de Schrimm, via Neutomischel, para Schroda, onde chegámos à noite, sendo alojados durante a noite em um salão de ginástica. No páteo apanhámos a primeira surra dos soldados polonêses; aí tambem foi maltratado pela primeira vez o pastor Kienitz, por um alferes polonês. Ao meio-dia seguinte, partimos para Peisern, onde chegámos no correr da noite. Fomos alojados em um salão em que caberiam bem uns 50 a 60 homens. Pode-se imaginar como nós, 300 a 400 pessoas, ficámos acomodadas. Foi um verdadeiro cáos; ninguém poude sair para fazer suas necessidades; ninguém recebeu água. Só na manhã seguinte deram-nos água e alguns pães. Afirmo ainda que, na noite, fôramos amarrados um ao outro, aos dois; pares estes que foram amarrados em grupos de tres, por meio de cordas. Continuámos a nossa marcha, via Konin, para Turek. No caminho perdemos os nossos primeiros mortos. O velho barão Gersdorff, tendo perdido as forças, começou a delirar, indo alguns passos a cambalear para trás, sendo, então, morto a tiro de carabina por um sub-oficial polonês. Ficára escuro e as ruas se achavam apinhadas de fugitivos. Aproveitei a oportunidade para ir beber água, conseguindo reunir-me a uma turma de uns 50 debandados. Como não sabíamos o que fazer, apresentámo-nos à mais próxima estação de polícia. Andando pelas ruas da povoação, topámos com uma patrulha de infantaria polonêsa que nos conduziu para a prisão de Turek, onde parámos só pouco tempo, sendo, após, encaminhados para um bosque. No caminho, um de meus companheiros tentou suicidar-se, precipitando-se em um poço d'água. Os soldados desfecharam, sôbre êle, tres tiros, caindo êle no poço. Chegados ao bosque, fomos enfileirados ao longo da cerca de uma propriedade, declarando-nos um oficial polonês que estávamos condenados à morte. Ouvindo essa notícia, um de meus companheiros, Fritz Sonnenberg de Czempin, tentou fugir, sendo abatido por tres tiros. Conduziram-nos para a estrada com o fim de marcharmos até um areeiro, onde seriamos fuzilados. Tivemos que marchar vários quilómetros, de braços erguidos. Aquêle cujo braço fraquejava, recebia golpes com a baioneta ou a coronha. Atrás de mim, ouvi cair tiros, donde concluí, pelos gritos dos feridos, que mais outros companheiros iam perdendo a vida.

O construtor Baumann apanhou terríveis coronhadas; o proprietário Hoffmenn-Waldau, de Kurschen, perto de Schmiegel, ficou com sete feridas produzidas por golpes de sabre-baioneta. Eu fui ferido, da mesma fórma, no braço direito. Finalmente, paramos numa praça em frente de uma igreja onde nos mandaram deitar, com o ventre no chão, os braços estendidos para a frente. Esperávamos a morte, mas os soldados aproveitaram-se de nossa posição para nos despojarem de tudo que levávamos. A mim, por exemplo, tiraram-me 175 zloty e tudo mais que trazia comigo. A alguns até tiraram os sapatos, de sorte que tiveram, depois, que marchar descalços. Êste despojamento levou cerca de duas horas. Em seguida puzeram-nos, novamente, em marcha, desta vez para um cemitério alemão onde seriamos fuzilados. O caminho passou através de um terreno arado. Um companheiro que perdeu a calma, procurou fugir, sendo alcançado por uns tiros que o mataram. Quando chegámos a uma freguezia, julgávamos chegada a nossa hora de morte. Levaram-nos até a propriedade de um lavrador, onde nos revistaram de novo. O que ainda ficára em nosso poder, da primeira vez, tiraram-no agora. Atravessámos, após, a freguezia em que havia muitos soldados polonêses, que choravam, gritavam e praguejavam. Um outro grupo que passou perto de nós foi baleado, com metralhadoras e fuzís, pelos soldados. Dêsse grupo, juntaram-se ao nosso, uns sete ou oito homens, depois do tiroteio. Meia hora depois, iniciámos a marcha para Kolo. Foi um verdadeiro caminho da morte. O chefe da nossa turma era um corporal polonês, de sexo feminino. Devo a minha salvação, apenas, à circunstância de achar-me na segunda fila da frente, logo atrás de nossa vanguarda formada por mulheres. Nesta marcha morreu tambem o proprietário Hoffmann-Waldau. Chegámos a Kolo pelas 10 horas da noite, sendo encarcerados no xadrez. Em um cubículo ficaram apinhados 28 homens. O construtor Bergmann de Schmiegel, desejo acrescentar, foi, nesta marcha da morte, ferido gravemente no antebraço, ficando o osso esmagado. Não obstante o grave ferimento, continuou a marchar até a tarde de sábado; eram tres dias e meio. Nessa tarde de sábado, fomos libertados pelas tropas alemãs, ocasião em que o companheiro Bergmann recebeu curativos pela primeira vez.

De Kolo seguimos, no dia 13 de setembro de 1939, de manhã, em direção a Klodawa. Daí por diante, tivemos que sofrer tambem sob os ataques aéreos contra as tropas polonêsas. A população e a soldadesca ficava cada vez mais furiosa. Fomos, finalmente, internados, numa grande propriedade, além de Kutno. Aí fomos agredidos por soldados polonêses, fomos maltratados com chicotes e obrigados a fazer corridas. De Kutno seguimos em direção a Lowitsch, onde alcançámos o perímetro pelas 6 horas da manhã. Tivemos que recuar uns 7 quilómetros, devido aos furiosos ataques aéreos, e pousámos em um pequeno palheiro. Quando, aí, tambem jogaram bombas, retirámos para outra aldeia. Nessa marcha, foi se dispersando a nossa turma, porque os homens estavam sem forças para continuarem. Fiquei atrás com o moleiro Schneider de Schmigel; a escolta desaparecera. Ficámos sózinhos e andámos vagueando pelos campos, receando, constantemente, sermos presos como espiões e fuzilados.

Voltámos, por isso, à ultima aldeia, onde pedimos a um policial polonês, informação sôbre o paradeiro de nossa turma. Êle no-lo indicou, e nós fomos andando à sua procura. Encontrámos, porêm, não a nossa, e sim outra turma, composta de bromberguenses, thornenses e graudenzenses, a qual acabára de chegar de Lowitsch, donde fugiram para escapar aos ataques dos aviadores. Entre aqueles 800 presos, achavam-se tambem mulheres e crianças; uma das mulheres tinha uma criança de seis semanas.

Depois de descançarmos meia hora, chegou o policial a quem encontráramos anteriormente, e um dos nossos companheiros dirigiu-se a êle. O Dr. Staemler aproximou-se do grupo e procurou acalmar o policial bêbado. Nisto, êle deu uns passos para trás, desfechando, com sua carabina, um tiro que furou o peito do médico bromberguense. O Dr. Staemler morreu no mesmo instante; eu me achava a uns dez metros do local. O policial quiz continuar a atirar, deixou-se, porém intimidar pelos gritos dos companheiros, deitando, então, a correr para a aldeia. Poucos minutos depois, vimos vir subindo pelo caminho da aldeia, que ficava à nossa direita, um carro blindado, com metralhadoras. Contávamos com as piores consequências. O carro deu uma volta por nosso grupo, parando à nossa frente. Nós gritamos, procurando abrigo, outros levantaram as mãos. Logo, porém, verificamos que se tratava de um carro alemão. Veiu se aproximando mais outro carro blindado para proteger-nos. Aí então, fomos através os campos e pelos caminhos para Liwitsch. No caminho cantámos a canção: "Uma fortaleza segura em nosso Deus", e procurámos descobrir companheiros, porque estavamos convencidos que haviam sido assassinados durante as ultimas horas.

Vi, perto de Lowitsch, os cadáveres de muitos internados. Depois de nos darem uma refeição quente, a Força Armada tomou as medidas necessárias para sermos transportados, via Breslau, para a nossa terra.

Ditado em alta voz, aprovado e assinado

ass. Georg Drescher

A testemunha prestou o seguinte juramento: "Juro perante Deus Omnipotente e Omniciente que eu disse a pura verdade, que nada calei, nem nada acrescentei, como quero que Deus me valha."

Fonte: W R II

81. O ASSASSINIO DO DR. KIRCHHOFF, PORTADOR DE PRÓTESE, MORTO A PANCADAS E DESVIRILIZADO.

Ciolchowo, 27 de setembro de 1939.

Centro de Investigação para os casos de violação do Direito das Gentes, junto ao Supremo Comando da Força Armada.

Presentes: Conselheiro do Tribunal de Guerra, Dr. Reger, Secretário Drescher, como encarregado do protocolo.

Declaro, em substituição ao juramento, que cumprirei, séria e conscienciosamente, os deveres de secretário e guardarei o sigilo.

ass. Drescher, secretário.

Foi procurada, na casa da propriedade em Ciolkowo, a administradora, D.ª Sophie Wiese, sendo ela informada de que teria que fazer seu depoimento sob juramento e que cada infração ao juramento faria recaír, sôbre ela, graves penas.

Ela declarou:

Quanto à pessoa: Chamo-me Sophie Wiese, nasci a 19-8-1890 em Marlewo, município de Wongrowitz; sou administradora na casa Kirchhoff em Ciolkowo, católica-alemã, de nacionalidade polonêsa, pertencendo porém à minoria alemã; sou solteira.

Quanto à causa: No domingo,, dia 3 de setembro de 1939, pelas 6,30 horas da manhã, chegaram de automóvel à nossa propriedade dois soldados polonêses, sendo o carro conduzido por um motorista à paisana. Ignoro a categoria e a tropa a que pertenciam os soldados. O motorista, segundo me disseram, é conhecido em Rawistsch ou em Sarne.

Um dos soldados entrou no estábulo, prendendo o inspetor Schulz e entregando-o ao outro soldado que tinha a baioneta armada. O primeiro soldado entrou, então, pelos fundos da casa, onde encontrou o Dr. Kirchhoff que, advertido pelo barulho, saira do quarto de dormir. Dr. Kirchhoff trajava, apenas, camisa, calça e sapatos. Falando em polonês, o soldado mandou o Dr. Kirchhoff erguer os braços. No estado de excitação em que se achava o Dr. Kirchhoff, não entendeu logo o que o soldado queria. Avisei-o que devia levantar os braços. Com o revólver apontado sôbre êle, revistaram-no. A nossa arrumadeira, Martha Vogel, entregou ainda ao Dr. Kirchhoff uma bolsa contendo algumas peças de roupa que já se achava pronta porque o Dr. Kirchhoff tinha contado com o internamento.

Dr. Kirchhoff, gravemente ferido na ultima guerra e portador de prótese, do lado direito, pediu ainda uma bengala. Quando o soldado proibiu levar a bengala, o Dr. Kirchhoff chamou a atenção dêle para o facto de que sem bengala não poderia andar. O soldado respondeu que, então, seria transportado.

Nada mais subemos sôbre a sorte que levou Dr. Kirchhoff, desde que fôra deportado juntamente com o inspetor Schulz, até que, no domingo, dia 10-9-1939, chegaram Albert e Fritz Vogt de Kraehen, contando-nos que, em Malachowo, se haviam descoberto cadáveres, entre os quaes um com prótese, podendo êste ser o do Dr. Kirchhoff. Incumbidas pela mãe do Dr. Kirchhoff, senhora de 71 anos de idade, que vive nesta mesma casa, de identificar o cadáver encontrado, seguimos nós, Martha Vogel e eu, no dia subsequente, para a aldeia Malachowo, que fica à distância de 20 a 25 klms. Lá encontrámos, a cêrca de 30 metros da escola, quatro cadáveres que haviam sido exhumados no dia anterior, mas que se achavam levemente cobertos de terra.

Reconhecemos o cadáver do Dr. Kirchhoff pela prótese, a camisa e a gravata. A camisa ainda estava no corpo, faltava, porêm, a calça. O cadáver estava horrivelmente mutilado, os dois braços fraturados, a língua arrancada da boca, o crâneo esmagado, na nuca vestígios de graves coronhadas. Estava desvirilizado.

O inspetor Schulz tinha, na bacia, uma baionetada; a lingua estava arrancada, a cabeça esmagada, e nesta e em todo o corpo tinha vestígios de coronhadas.

A administradora Gertrud Hensel de Smirowo identificou os dois restantes cadáveres que estavam tambem todos deformados. O do lavrador Walter Ehmann de Smirowo tinha a cabeça esmagada, a língua arrancada e um olho fóra da órbita. A cabeça do cadáver de seu empregado Stelzer, homem de 65 anos de idade, estava inteiramente esmagada, a língua arrancada e todo o corpo coberto de vestígios de coronhadas. Os outros cinco cadáveres que fôram encontrados por lá, estavam tambem horrivelmente deformados do mesmo modo como acabo de descrever. Pelo que sei, trata-se dos cadáveres de um tal Brambar de Goestyn, de um aprendiz do mesmo, de 16 anos, do qual só conheço o nome de batismo Joachim, do administrador Lange de Isawo e, finalmente, dos dois homens que não conheço.

Com exceção do cadáver do aprendiz de 16 anos, nenhum apresentava ferida produzida por projétil, todos os homens tinham sido espancados até morrerem.

Contrariando outras informações correntes, desejo afirmar expressamente que a prótese não estava despedaçada, nem a perna sã estava decepada. Mas mesmo assim, o cadáver estava muito mutilado.

Estou pronta a jurar o meu depoimento.

Ditado em alta voz, aprovado e assinado

ass. Sophie Wiese

A testemunha prestou o seguinte juramento: "Juro perante Deus Omnipotente e Omnisciente que, de acôrdo com o que sei, em disse a pura verdade e nada calei, como quero que Deus valha".

Segunda testemunha: Martha Vogel.

A testemunha foi informada de que teria que jurar o depoimento e instruida como a testemunha anterior.

Ela declarou:

Quanto à pessoa: Chamo-me Martha Vogel, nasci a 14 de janeiro de 1907 em Cielkowo, sou evangélica, de nacionalidade polonêsa, pertenço à minoria alemã e sou arrumadeira na casa Kirchhoff em Ciolkowo.

Quanto à causa: a testemunha declarou o mesmo que a testemunha Sophie Wiese. Depois de lhe ser comunicado o depoimento da testemunha Wiese, declarou:

O depoimento é exato em todos os pontos e faço-o, integralmente, objeto de meu próprio depoimento.

Estou pronta a jurar este depoimento.

Lido, aprovado e assinado

ass. Martha Vogel

A testemunha prestou o seguinte juramento: "Juro perante Deus Omnipotente e Omnisciente que, de acôrdo com o que sei, eu disse a pura verdade e nada calei, como quero que Deus me valha".

Encerrado:

ass. Dr. Reger

ass. Drescher

Fonte: W R I

82. COMO O PASTOR RUDOLPH, DE GRAETZ, FOI ASSASSINADO COM UM TIRO PELAS COSTAS.

A testemunha Karl Hirt, açougueiro em Opalenitza, depôs sob juramento:

No xadrez da polícia de Schwersenz já havia outros populares alemães, e com cêrca de 20 dêles fui algemado e embarcado em uma carroça. Acompanharam a carroça dois ulanos do exército polonês. Fomos primeiro até Iwno, onde esperámos uma hora; depois seguimos em direção a Gnesen. Além de Iwno chegámos, na madrugada, a uma propriedade, onde se encontravam soldados polonêses (cavalaria). Ao que me parece eram ulanos da região de Lemberg. Quando penetrámos mais no bosque, tiraram da carroça dois moços, dizendo que precisavam dêles para limpar caldeiras. Nem tinham chegado a um claro no bosque, ouvimos tres tiros. Mais tarde, ao fazermos a exhumação dos cadáveres, constatámos que êles tinham tiros no peito e que tinham sido espancados com coronhas. Depois de assassinados os dois companheiros que se chamavam Kelm e Duesterhoeft, a nossa carroça prosseguiu mais uns quatro quilómetros. Quando alcançámos o último bosque antes de Gnesen, tiraram da carroça o pastor Graetz, o serralheiro Fritz Guelde, o lavrador Krok de Buk, um moço de 16 anos de Zabikowo e mais dois outros companheiros. Êles tambem foram fuzilados, pelos ulanos, no bosque e assassinados com tiros pelas costas, sem o mínimo motivo e sem razão. Eu fiz a observação: "Que é que estão fazendo, matar homens inocentes!", ao que me responderam, que ficasse calado, que, senão, eu teria a mesma sorte.

Fonte: W R II

83. COMO FOI MALTRATADO O PASTOR KIENITZ, DE CZEMPIN.

A testemunha Herbert Leitlauf, lavrador em Czempin, município de Kosten, depôs sob juramento:

Na marcha de Schrimm até Schroda, o nosso pastor Kienitz apanhou coronhadas tão fortes que caiu ao chão. Com outras coronhadas fizeram-no levantar-se e continuar a marcha. Em Schroda, no páteo de uma prisão, fizeram-nos sentar com as pernas estendidas, vindo os soldados maltratar, um por um, a coronhadas e pancadas. O pastor Kienitz teve que sofrer, de preferência, os maus tratos que lhe infligiu um alferes polonês. Perguntado quantos anos vivia na Polônia, respondeu: 21 anos, ao que o alferes lhe deu 21 tapas no rosto. Depois deram-lhe coronhadas no peito e nas costas, de sorte que cambaleou de um lado para outro. Quando um de nós tentava suspender o joelho, davam-nos coronhadas nos joelhos. Finalmente, partimos para Peisern. No caminho, o velho barão von Gersdorff cambaleou para fóra da fileira, sendo castigado com coronhadas. Quando levantou a mão como para defender-se, os soldados abateram-no com dois tiros de fuzil.

Fonte: W R II

84. NEM OS PORTADORES DE PRÓTESE FORAM POUPADOS.

A testemunha Dr. med. Robert Weise, da Casa das Diaconizas de Posen, depôs sob juramento:

... Como já não havia carroça à disposição, tiveram que ficar, no lugar, um tal Schmolke, da região de Wollstein, que era portador de prótese desde o tempo da grande guerra, a mulher dêle, sua filha de 16 anos e seu filhinho de um ano e meio, mais outro portador de prótese, cujo nome ignoro, e uma senhora Blank, de Ketsch, perto de Posen. Segundo nos disseram, êles deveriam seguir em uma carroça, mas, quando estávamos pousando ao meio-dia, em Babiak, soube por um homem da escolta, que fôra criado na propriedade Tarkowo, município de Neutomischel, que aqueles alemães tinham sido fuzilados.

Fonte: W R II

85. O HOMICIDIO DO BARÃO VON GERSDORFF.

A testémunha Fritz Kretschmer, operário em Alt-Boyen, depôs sob juramento:

... Eu mesmo assisti à morte do barão von Gersdorff. O sr. von Gersdorff ficára atrás. Êle já estava delirando de cansaço. Quando os soldados o picaram com as baionetas, para fazê-lo andar mais ligeiro, êle tentou segurar a baioneta para defender-se da baionetada. Empurraram-no na valeta, e depois ouviu-se um tiro. O sr. von Gersdorff caiu morto. Deu-se êste acidente quando o velho homem, durante um ligeiro descanso, quiz beber água de um antigo pôço.

... Se me perguntam, se isso se deu em Tarnowo, não posso responder afirmativamente. Sei, apenas, que a aldeia fica no município de Turek e na estrada de Kutno, na região de Kosniewice. Encontrámos ali com alguns de nossos companheiros de Alt-Boyen. Durante a continuação da nossa marcha ficaram sem forças para prosseguir meu patrão Gernoth, um homem de Kuschen e um desconhecido. Êles ficaram atrás, e nós ouvimos tres tiros. Não tornei a ver os tres companheiros e presumo que tenham sido fuzilados. Eu tambem fui ferido por um tiro na perna (joelho esquerdo), quando saí um pouco da linha. Andei ainda quatro dias, com aquela ferida, chegando até Kosniewice, onde fiquei um dia. No dia seguinte, consegui fugir.

Fonte: W R II

A testemunha Kuhnert, lavrador em Alt-Boyen, depoz sob juramento:

... Em Peisern, aonde chegáramos, fomos algemados aos seis, durante a noite. Motivára essa medida um incidente sem importância: um de nós gritára, durante o sono sob o efeito de um pesadelo: "Espera, êles vem aí!" Houve um tumulto geral. Bateram-nos e nos algemaram. Dois homens, que tinham saído para fazer suas necessidades, não voltaram; provavelmente foram assassinados. Ignoro os nomes dêles.

Chegámos, finalmente, a uma aldeia, na região de Turek, cujo nome não sei dizer. Na fila, à minha frente, ia o velho barão von Gersdorff, que já começava a delirar em consequência dos esforços sobrehumanos. Êle estava sendo conduzido por um homem que eu não conhecia e pelo lavrador Alfred Schulz de Alt-Boyen. O sr. von Gersdorff ficou atrás; os homens que o tinham conduzido, tiveram que afastar-se e, pouco depois, ouvi um tiro. Havia civis no lugar. Nós não pudemos nos aproximar. O veterinário Bambauer de Schmiegel assistiu ao caso e relatou os pormenores.

De uma poça que havia à beira da estrada, pudemos beber a água suja e fétida. Mas estávamos com tanta sêde que a bebemos àvidamente. No largo do mercado daquela aldeia cujo nome desconheço, a polícia abandonou-nos, por uma hora, à população civil que aproveitou a oportunidade para bater em nós e jogar-nos pedras. Eu mesmo fui testemunha ocular de como um companheiro caiu morto sob o golpe de uma pedra pesada.

Fonte: W R II

86. CADAVERES DE ALEMÃES DEPOSITADOS, NA ESTRADA PARA LOWITSCH.

A testemunha Max Hofmann, de Schokken, município de Wongrowitz, depôs sob juramento:

... Eu vi, por exemplo, com os meus próprios olhos, como uma mulher do grupo de bromberguenses, a qual não podia prosseguir e já enlouquecêra, foi espancada, até morrer, por um homem da escolta. Procederam igualmente com o inválido de guerra, Ernst Kiok, de cerca de 70 anos de idade, de Jaroschau, perto de Wongrowitz, que, já havia muito, não podia andar e ia numa carroça. Os homens da escolta puxaram-no da carroça, jogaram-no na valeta e tanto o espancaram com as coronhas até que morreu. Em nossa marcha para Lowitsch, vimos os cadáveres de numerosos populares alemães, de um e outro lado da estrada e até na estrada, tanto que tropeçámos em alguns dêles. Foi um verdadeiro suplício, a nossa marcha para Lowitsch. Os próprios militares que passavam ao lado da nossa leva, participavam dos maus tratos de que fomos vítimas.

Fonte: W R II

87. LOCOMOTIVA, ESMAGANDO DOIS VAGÕES OCUPADOS POR DEPORTADOS ALEMÃES.

A testemunha Bruno Rauhudt, lavrador em Kaczanowo, município de Wreschen, depôs sob juramento:

... Assim chegámos, finalmente, depois de muitas interrupções, via Konin, a Klodawa. ... Pela noite, já estava tudo escuro, deu-se o seguinte caso: Atrás do trem, — à distância de uns 100 metros, — estava uma locomotiva. Posta em movimento, foi chocar no último vagão que ficou em pedaços, sendo jogado fóra dos trilhos. Indo ainda sôbre o penúltimo vagão, a máquina levantou-se sob o choque, esmagando a parte posterior do vagão, no qual vários alemães foram mortos ou feridos grave e levemente. Entre os mortos estava o lavrador Pieper de Guriczki, o lavrador Muehlheim de Wilhelmsau, o lavrador Mikos de Biechowo, o lavrador Grawunder de Sendschau e outros mais. Soube que foram mortos, desta maneira, uns 15 a 20 alemães, ao todo. Os cadáveres foram enterrados na proximidade da estação de Klodawa.

Nós, sobreviventes, fomos reunidos juntamente com os feridos, e apertados em um vagão. O trem seguiu. Ao clarear, verificámos que dois dos gravemente feridos haviam morrido. Devo declarar que os feridos nem tinham sido tratados pelo pessoal da assistência. Os dois mortos foram enterrados na proximidade da linha férrea por dois dos nossos companheiros, designados para esse fim pelos polonêses. À noite, os gravemente feridos foram transferidos para um vagão, destinado ao transporte de cal. Depois de terem passado tres dias nêsse vagão, conseguimos, finalmente, a transferência dos gravemente feridos para um lazareto. Tendo a situação militar ficado bastante crítica, fomos desembarcados dos nossos vagões, aliás abertos, e conduzidos, em direção de léste, a pé. A maioria dos companheiros foram descalços como saíram dos vagões. Embora tenha perecido, no choque da locomotiva, um homem da escolta e sido ferido outro, não tenho dúvidas que o choque foi intencional para fazer mal aos alemães. O facto evidencia-se tambem pelas ameaças, ha pouco mencionadas, dos ferroviários polonêses.

88. O CAMINHO DA MORTE PARA KUTNO.

RELATO DO GERENTE WILHELM ROMANN, DE WONGROWITZ.

A testemunha Wilhelm Romann, depôs, a 22 de setembro de 1939, sob juramento:

Na sexta-feira, dia 1.° de setembro de 1939, pelas 16 horas, fui preso por um policial e um policial auxiliar que me apresentaram uma cédula encarnada, assinada pelo "estarosta", sendo conduzido para a delegacia de polícia. Perguntei ao comandante da polícia, Nowak, o que havia a meu respeito. Mas nada me soube dizer. O "estarosta" de Wongrowitz chamava-se Zenkteller. Eu me dava bem com as autoridades de Wongrowitz, como tambem com os seus chefes; não obstante, conseguiram pôr-me na lista negra . Da delegacia levaram-me para o xadrez, onde me encerraram, a mim, e ao professor alemão Heuchel, em dois cubículos extremamente sujos. Pudémos entender-nos através a parede. Para poder respirar, arrombei logo a janela.

No dia seguinte, dia 2-9-1939, a cidade foi bombardeada. Na noite do mesmo dia, fizeram-nos sair das celas. Éramos ao todo 52 internados. Fomos a pé, sob escolta policial, até Elsenau. O inválido de guerra Kiok, de 65 anos de idade, poude ir numa carroça. Em elsenau fomos embarcados em um trem de passageiros, depois de pagarmos, cada um, quatro zloty. Durante a noite, ficámos numa estação, dentro do carro cujas janelas não pudemos abrir. Os homens da escolta disseram-nos, naquela noite, várias vezes, que era melhor matar a todos à bala. Na manhã seguinte, o trem partiu para Gnesen, onde passámos o domingo todo parados na estação, sem poder sair do carro. Várias vezes jogaram-nos pedras e garrafas, e os ferroviários tambem participaram desse mau trato. Na noite de domingo partimos em direção a Thorn. Naquela estação, o trem foi novamente bombardeado com pedras, tambem por soldados e ferroviários. A quem mais visaram, foi a mim. Chamavam-me de organizador gordo de Wongrowitz. Em Gnesen, devo acrescentar, tinhamos sido embarcados em vagões para transporte de animaes; as 52 pessoas em um vagão. As válvulas de ventilação haviam sido fechadas, como tambem as portas. De uma vez, passámos 6 a 7 horas sem água e sem poder renovar o ar. Entre Thorn e Wloclawek, o nosso trem, que nesse meio tempo ficára com cerca de 20 vagões, parou na linha, evidentemente porque fôra esta interrompida por bombas jogadas no leito. Um dia e meio depois, seguimos em direção a Wloclawek, onde tivemos que abandonar o trem, sendo conduzidos, nós, 52 homens, tres vezes pela cidade, quando várias vezes fomos surrados. Assim, p. ex., Aubert teve o osso nasal esmagado por um golpe dado com uma máquina pneumática; o pastor Rakette recebeu um golpe no rosto, dado com um objeto duro, ficando banhado em sangue; o inválido de guerra Kiok, que já estava quase alienado, foi abatido a pancadas.

Na estrada de Wloclawek a Kutno ia uma longa coluna de internados de Argenau, acompanhada por uma escolta muito maior que a nossa, a qual era de seis policiaes, apenas. Durante a marcha todos nós recebemos graves pancadas. Vimos várias vezes vestígios de sangue, na estrada, provenientes, provavelmente, de internados maltratados ou feridos das turmas que iam à nossa frente. Wloclawek, um dos internados recebêra um tiro de pistola no peito. Êle contou-me o facto durante a marcha para Chodtz, quando eu tive licença de ir pequena distância na mesma carroça em que êle jazia. Depois dessa curta viagem, um sub-oficial da polícia espancou-me terrivelmente com um cacete de borracha, fazendo-me descer da carroça, com as palavras: "Cachorro gordo, você póde ir a pé". Êle mesmo subiu à carroça, dando-me a ordem de segurar-me acompanhando a mesma. Quando a carroça tomava uma velocidade maior, eu tinha que correr; se eu não acompanhava, um policial montado em bicicleta me dava bordoadas. Eu tinha pedido licença para ir na carroça porque tinha a pele esfolada nos pés e entre as pernas. Até Chodtz não houve, em nosso grupo, fuzilamentos ou assassínios de outra espécie. Durante a marcha noturna, porêm, fomos várias vezes, gravemente maltratados. Kiok foi ferido na cabeça por um tijolo. O pobre homem caiu, não podendo se levantar. Companheiros da turma que ia atrás da nossa, levantaram-no e conduziram-no. Pela primeira hora da noite chegamos a Chodtz e tivemos que passar o resto da noite ao ar livre.

No dia seguinte fomos revistados e fomos alojados em um galpão do engenho de assucar, onde já se achavam uns 30 internados vindos de Hohensalza e Bromberg. Antes da partida fomos divididos em grupos de 1.000 homens. Soube, mais tarde, pelo capitão do exército que comandava o nosso grupo, que foram pouco menos de seis mil internados que partiram de Chodtz. Eu achava-me no terceiro grupo. No caminho houve graves tiroteios sôbre companheiros que tentavam fugir ou outros que cambaleavam para fóra das linhas ou caiam no chão. Eu mesmo não vi matarem um dos nossos porque era noite. Quando, porêm, alguem ficava estendido no chão, ouviamos, pouco depois um tiro, donde concluíamos que êle havia sido liquidado. Chegámos a Kutno na manhã seguinte; pousámos e recebemos escassa refeição, a primeira que nos deram. Deram-nos um pão para cada 16 homens. Durante o dia, devo acrescentar, acompanharam-nos aviadores alemães que, evidentemente, se interessavam por nossa sorte.

Quando encontrávamos tropas polonêsas, eramos surrados com pás; um dos grupos que ia atrás do nosso foi alvejado com metralhadoras; de uma vez desfecharam 50 a 60 tiros seguidos.

Quando chegámos perto de Kutno, um internado saiu da coluna, correndo para o campo, onde caiu nas mãos de tropas polonêsas que estavam paradas à beira da estrada. Vi como dois soldados deram-lhe coronhadas até que morreu. A cabeça de outro internado foi literalmente achatada sob os calcanhares de soldados polonêses. Além de Kutno, vi um internado morto na estrada; fôra morto a coronhadas. Segundo ouvi dizer, êle pedira água, recebendo como resposta o golpe mortal. Soldados polonêses recomendaram várias vezes aos homens da nossa escolta de nos matarem porque, de qualquer modo, seriamos fuzilados. Vi tambem como uma mulher que levava uma criança no braço, foi maltratada com um cacete de borracha por um policial. Encontrei-a mais tarde, deitada na estrada, com o rosto voltado para o chão. Ao que me pareceu, estava morta. A distancia de Kutno até Lowitsch teve de ser vencida sem interrupção; são sessenta a setenta quilómetros. Foi uma marcha acelerada, devido à proximidade cada vez mais sensivel das forças alemãs. Em Lowitsch, o nosso grupo foi encurralado em um campo cercado de arame farpado, onde ficámos expostos ao fogo de metralhadoras polonêsas. Recebeu, nessa ocasião, tres tiros um tal Franke de Deutschfeld, perto de Schokken; êle esticou-se e morreu. Passando perto dêle, fechei-lhe os olhos. Nesse meio tempo, vinham se aproximando, do nosso grupo, soldados que nos pareciam alemães. Eram dois, primeiro; depois, doze. Quando percebemos que eram, de facto, alemães, corremos ao encontro dêles enquanto a metralhadora polonêsa ainda nos perseguia. Quando uma metralhadora alemã dirigiu o fogo sôbre a polonêsa, esta cessou o fogo. Depois de libertado o nosso grupo, vi em Lowitsch, juntarem muitos internados, que foram embarcados em automóveis. O grupo de Rogasen passou muito peior que nós. Quem poderia dar informações precisas a respeito é o barbeiro Seehagel, de Rogasen, que, actualmente, se encontra em Bukowitz, a oito quilómetros de Wongrowitz. Êsse grupo foi metralhado por militares polonêses quando se aproximavam os tanques alemães. Eu mesmo verifiquei que o referido barbeiro foi ferido no ombro.

Pederiam dar informações, tambem, sôbre aquel grupo, o negociante Thonn e, igualmente, o proprietário de fábrica Schuetz, de Rogasen, ambos ainda residentes em Rogasen.

Finalizando, desejo observar que todos nós tínhamos chegado a um ponto tal de depressão psíquica que estávamos dispostos ao suicídio. Calcúlo que uns 20 a 25 por cento dos internados perderam, temporàriamente, o juizo, voltando, porêm, muitos a recuperá-lo, depois da libertação pelas tropas alemãs. Vi o antigo senador Dr. Busse, completamente abatido, no hospital de Lodsch, onde ainda se encontra. No hospital de Lowitsch estava a mulher de um administrador da região de Argenau, inteiramente louca; ouvi-a berrar e gritar; se ainda vive, não sei.

Ditado em alta voz, aprovado e assinado

ass. Wilhelm Romann

Fonte: W R II

89. ANCIAES SOFRENDO OS MARTIRIOS DA DEPORTAÇÃO.

RELATO DO VETERINARIO DR. SCHULZ, DE LISSA.

A testemunha, Dr. Schulz, veterinário em Lissa, depôs sob juramento:

Na tarde do dia 1.º de setembro, os 350 a 400 alemães presos foram conduzidos para Storchnest, sob o comando de um sub-oficial do exército polonês. Achava-se entre nós o professor Bonin, de 82 anos de idade, vestido apenas de ceroulas e chambre. Além dêle, havia outro ancião de 82 anos, o alfaiate Tiller, e ainda outros de 70 anos. Havia tambem mulheres; nem se envergonhavam os polonêses de levar tambem crianças. A marcha até Storchnest, como tambem a até Schrimm se poude suportar. Em Storchnest tiraram da nossa fileira o açougueiro Gaumer, o instalador Weigt, o professor Jaeschke, o instalador Haeusler, o despachante Weigt, o escoveiro Senf, os alfaiates Tiller (pai e filho), o escultor Bissing e o fotógrafo Juretzky, sob a alegação de se haver atirado de dentro de suas casas em Lissa. Foram, porêm, soltos: o despachante Weigt, Tiller (pai e filho) e Senf. Tiller (pai e filho) foram novamente chamados em Schrimm. Dos restantes soltaram os velhos, as mulheres e os menores. Estes, porêm, não puderam voltar para Lissa, sendo ainda conduzidos para outras paragens. Os eliminados, como Gaumer, Weigt e os outros foram julgados por um tribunal de guerra e, segundo informações obtidas de cidadãos polonêses de Lissa, fuzilados. O velho Bissing, de 72 anos. foi condenado à prisão. Devo acrescentar, para esclarecer a situação, que os "homens de confiança" do tribunal de guerra foram um tal Ullrich, cidadão de Lissa de péssimos antecedentes, e um alfaiate, de nome Trzeczak, os quaes tiveram que prestar informações a nosso respeito.

Em Schrimm fomos espancados e bombardeados com pedras pela populaça e soldados polonêses. Chamaram-nos de "revoltosos", sob a alegação de termos atirado sôbre os soldados, em Lissa. A escolta mal nos protegia. De Schrimm, marchámos, via Santomischel, para Schroda. Em Santomischel, por onde passámos em um domingo, fomos novamente maltratados pela população e pelos militares polonêses, que nos cuspiam, de sorte que nos recusamos a entrar em Schroda sob a escolta insuficiente, visto que tínhamos motivos para recear peores maus tratos e até a morte. Efetivamente, conseguimos, sob a escolta reforçada, chegar a Schroda sem ser muito incomodados, isto, antes de tudo, porque o policial auxiliar Wendzonka de Lissa, nos abriu o caminho com sua baioneta. Durante a noite, porêm, foram chamados, com intervalos de poucos minutos, companheiros nossos, todos bestialmente maltratados pelos homens da escolta. Terminou este processo quando, pela meia-noite, chegaram alemães dos arredores de Lissa. Devo mencionar, ainda, que, em Schroda, nos trouxeram água em latas de gazolina. Comida não nos deram, tivemos que mandar comprá-la com o nosso dinheiro.

De Schroda seguimos, via Miloslaw, para Peisern (Polônia "do Congresso"). A leva de 250 homens teve que pernoitar na casa dos bombeiros que nem de longe dava para tanta gente. Na manhã seguinte tiraram-nos os relógios e outros objetos de valor, que depois nos foram devolvidos devido à intervenção do policial auxiliar Wendzonka. Este policial em várias ocasiões nos valeu. De Peisern levaram-nos, via Konin, para Klodawa. Lá passámos a tarde em um cercado para gansos, onde deviamos ficar tambem à noite. Água, só a conseguimos mediante pagamento. Como a população nos molestava por todos os meios, conseguimos, por suborno, que o primeiro sargento polonês que passou a chefiar a nossa leva, nos ajudasse para não pousarmos em Klodawa e continuassemos a marcha. A partir de Klodawa, marchamos dia e noite, evidentemente com o fim de tirar-nos do cerco de Kutno. Ao longo da estrada de Klowada até Kutno, contámos 38 populares alemães mortos que jaziam nas valetas, de um e outro lado, homens de outra coluna anterior que tinham sido fuzilados ou sucumbiram às fadigas.

No sábado, dia 9 de setembro de 1939, atingimos, finalmente, a região de Lowitsch, que estava, exactamente, sendo bombardeada por aviões e pela artilharia alemã. Por esse motivo, nossa escolta conduziu-nos uns 6 klms. campo a dentro, em direção do norte. Nesse caminho foram mortos a bala mais dois dos nossos companheiros, um porque desceu vagarosamente de uma carroça, o outro porque tentára fugir, conforme alegaram. Desejo mencionar, nesta oportunidade, que havia, em nossa coluna, duas carroças destinadas ao transporte dos mais fatigados, vantagem esta que pouco aproveitou aos cansados, visto que a escolta os impedia, por coronhadas e tiros, de se servirem das carroças. Nós todos estávamos tão exhaustos e com os pés tão esfolados que não poderiamos marchar mais um dia. Durante um ligeiro repouso para almoço, numa aldeia, abandonou-nos toda a escolta.

Nesse dia deu-se a nossa libertação por carros blindados alemães. Foi indescritivel a nossa satisfação quando nos vimos salvos.

Fonte: W R II

90. PADRE RAUHUT, CURA DOS CATOLICOS ALEMÃES DE GNESEN, SOBRE OS DEPORTADOS DE GNESEN.

Gnesen, 21 de setembro de 1939.

Centro de Investigação de casos de violação do Direito das Gentes, junto ao Supremo Comando da Fôrça Armada.

Presentes: Conselheiro do Tribunal de Guerra Hurtig. — Inspetor da Justiça Militar Pitsch.

Compareceu o padre August Rauhut, de Gnesen, depondo, devidamente interrogado:

Quanto à pessoa: Chamo-me August Rauhut, nascido a 21 de setembro de 1888 em Dambitsch, municipio de Lissa, cura dos católicos alemães de Gnesen, antigo diretor do Ginásio Particular Alemão, vice-presidente da União de Católicos Alemães da Polônia, residente em Gnesen, à rua Poststrasse, 1-A.

Quanto à causa: Eu ia com o meu grupo de populares alemães deportados, sob a escolta de dois policiaes, na estrada de Wreschen para Stralkowo. No caminho achavam-se, ao longo de um bosque, tropas polonêsas. Quando nos viram passar, ameaçaram fuzilar-nos, e principalmente a mim como padre. Não obstante, alcançámos Stralkowo, acompanhados pelos dois policiaes. Pouco àquém de Stralkowo, os dois policiaes conseguiram para nós tres carros-transporte militares, mediante uma soma bem compensadora. O nosso destino era Kassow, na volvodia de Polesie, região de Pinsk.

Depois de vaguearmos vários dias através dos campos e os bosques de Stralkowo até Powitz, resolveu o nosso grupo de 42 homens mandar tres homens para Powitz; foi no dia 7 de setembro.

Esta comissão de tres homens, composta pelos senhores:

1. negociante Ernst Wiedemeyer de Gnesen,
2. lavrador Derwanz de Przybrodzin, mun. Gnesen,
3. e por mim, August Rauhut,

devia pedir às autoridades de Powitz autorização para voltarmos para Gnesen ou nos estabelecermos em Powitz. Chegamos, às 11 horas, em Przybrodzin, onde permitiram que nos estabelecessemos e até nos deram um salvo-conduto. Enquanto esperavamos o cumprimento das formalidades, vimos, o sr. Wiedmeyer e eu, como o nosso companheiro, o sr. Derwanz, e um de meus ex-alunos, de nome Lyk, foram levados por militares, provavelmente para serem fuzilados. Em todo o caso, não tornámos a ver o sr. Derwanz. Eu soube depois que o sr. Derwanz fôra morto e enterrado nú no cemitério evangélico de Powitz. Seu cadáver foi identificado por ocasião da abertura das sepulturas de várias pessoas minhas conhecidas.

Às 2,30 horas, voltámos, o sr. Wiedemeyer e eu, providos de salvo-condutos e da autorização concedida pelas autoridades, até o nosso grupo no bosque, a uma distância de cerca de 4 klms., para trazê-lo à cidade. Já estávamos próximos do nosso grupo, quando fomos surpreendidos por jovens armados que, sob grande alarde e ameaças de morte nos obrigaram a voltar, declarando-nos: "Precisam voltar, os salvo-condutos já não têm efeito, serão fuzilados". Tentaram, até, várias vezes, executar a sentença de morte, durante a volta. Tivemos que marchar separados e não pudemos falar, um ao outro.

O sr. Wiedemeyer ainda me segredou: "Se puder escapar com vida, dê lembranças a minha mulher e meus filhos". Chegámos à cidade; a população tomou uma atitude muito ameaçadora contra nós, injuriando-nos e rogando-nos pragas, de preferência contra mim. Chegámos ao comissariado pelas 4,30 horas. Enquanto estiviemos sentados no comissariado, ouvimos várias vezes, da boca do comissário que era um latifundiário, frases relativas ao fuzilamento do sr. Derwanz, segundo as quaes êle condenava aquele acto. Ficámos umas duas horas na sala de espera, no fim das quaes nos pediram novamente os salvo-condutos. Pouco depois devolveram-nos, e, momentos após, tres soldados polonêses, indecentemente vestidos, vieram me buscar para ser fuzilado. Entre êles achava-se um inválido aleijado, armado, que, se distinguiu por nímia brutalidade. O sr. Wiedemeyer ficou atrás. Já no corredor, mandaram-me entrar novamente na sala das sessões, onde se encontravam vários jovens e tambem um ancião presidente de uma das chamadas comissões de fuzilamento. Acusou-me de chefe de bando e de possuir um rádio de ondas curtas. Depois de eu desfazer essas acusações, declarou-me que o estudo teórico da técnica das ondas curtas constituia "um ponto bastante escuro" em minha vida. Notei que minha sorte estava decidida.

Lembrei-me, então, que meus superiores me tinham entregue uma carta de recomendação dirigida ao bispo de Polesie. Apresentei-a, e êles ficaram surpreendidos. Quando o cura do lugar entrou na sala das sessões, declarou: "Não tenho poderes sôbre êle, transfiro-o, porêm, para Gnesen ao décano Zabicki que estava à testa da comissão dos cidadãos de Pnesen". Tive que sair da sala de sessões e voltar à de espera. O sr. Wiedemeyer já não estava. Eu, não sabia o que, nesse meio tempo, lhe havia acontecido; em todo caso, supunha que havia sido fuzilado, pois que a mim me haviam reservado o mesmo destino. Pouco depois veiu o cura dizer-me que havia assumido toda a responsabilidade por minha pessoa, que eu deveria pousar em casa dêle e que, no dia seguinte, sexta-feira, dia 8 de setembro de 1939, seria entregue a meus superiores em Gnesen, o que de facto se deu. Para a garantia de minha pessoa agregaram-me um padre que, por acaso, se encontrava em Powitz, e o presidente da comissão dos cidadãos, local. Alcançámos Gnesen, se bem que me injuriassem muito pelo caminho. A comissão dos cidadãos resolveu internar-me no hospital das Irmãs Cinzentas, para não correr perigo. Fiquei naquele hospital até segunda-feira, dia 11 de setembro de 1939, às 11,30 horas, depois que os alemães se tinham apoderado da cidade. Um capitão livrou-me de minha prisão preventiva.

Como, no caminho de Powitz a Gnesen, me censuraram constantemente de ter instalado, na estufa ou nas estufas de minha residência, uma estação de ondas curtas, mandei verificar, pelo presidente da comissão dos cidadãos de Powitz, a improcedência da referida acusação.

Depois êle me declarou: "Quero dizer-lhe que o sr. Wiedemann já não vive". Êle pediu-me que não falasse a esse respeito. Na quinta-feira, dia 14 de setembro de 1939, foram abertas, no cemitério de Powitz, por civís enviados pela cidade de Gnesen, as novas sepulturas, sendo encontrados os cadáveres dos srs. Derwanz e Wiedmeyer. O cadáver de Wiedemeyer estava muito mutilado e tinha feridas ensanguentadas no pescoço.

Um e outro foram assassinados por militares polonêses.

Além dêsses dois senhores, foram assassinados, bestialmente, mais seis pessoas dos arredores de Gnesen, na proximidade de suas propriedades. Entre êles achava-se Kropf e seu genro Brettschneider. A um dos assassinados tinham aberto o ventre e esmagado a cabeça. Mesmo entre os polonêses falava-se, em Gnesen, com horror sôbre êsses crimes.

A meu ver, os civís haviam sido munidos de armas pelas autoridades. Deu-se isso durante minha ausência de Gnesen.

A respeito do estado em que foram encontrados os mortos, poderia depôr o coveiro do cemitério evangélico. Não me lembro, na hora, do nome dêle. A ordem de deportação me foi dada, em 1.° de setembro de 1939, pelo estarosta; no dia 3 de setembro de 1939, saí de Gnesen.

Ditado em voz alta, aprovado e assinado

August Rauhut

A testemunha prestou juramento.

Encerrado:

ass. Hurtig　　　　ass. Pitsch

Fonte: W R II

91. NEM O CORCUNDA FOI POUPADO.

A testemunha Ewald Tonn, negociante e estalajadeiro em Rogasen, mun. Obornik, depôs sob juramento:

A cerca de sete quilómetros para cá de Gnesen, o corcunda Puder saiu da coluna porque estava completamente exhausto. Imediatamente lhe deram coronhadas no peito, e êle ficou atrás. Como eu me interessava por êle, tratei de olcançar a retaguarda da coluna, vendo-o deitado em uma carroça, onde já estava lutando com a morte, falecendo pouco depois.

Fonte: W R II

92. COM OS PÉS SANGRENTOS, TEVE DE AVANÇAR.

A testemunha Emil Lang, lavrador de 70 anos de idade, de Slonsk, depôs sob juramento:

... A mim, homem de 70 anos, sustou-me sobremaneira essa marcha (1); meus pés estavam completamente sangrentos; tiveram que arrancar-me as unhas, e, so apoiado em meu filho e em um vizinho meu, consegui vencer a marcha. O que nos fez vencer essas dificuldades sobrehumanas, foi, antes de tudo, a certeza de sermos mortos se ficassemos, foi, antes de tudo, a certeza de sermos mortos se ficassemos atrás. Meu filho recebeu, no caminho, forte coronhada nas costas, dada por um soldado polonês. O impulso dêsse golpe foi diminuido por uma bolsa que meu filho trazia nas costas.

Fonte: W R II

93. POPULAR ALEMÃO DE 80 ANOS DE IDADE, ESPANCADO POR POLICIAIS POLONESES.

A testemunha Szczepan Siedlecki, negociante em Michelin, depôs sob juramento:

Na primeira quarta-feira do mês de setembro dêste ano, vi policiaes polonêses conduzirem uns 150 populares alemães, em frente de meu negócio, em direção a Kutno. Quando um velho de uns 80 anos de idade perdera as forças para continuar a marcha, um policial lhe deu coronhadas tão fortes que caiu ao chão. Deixaram-no na estrada. Dois policiaes disseram ainda a alguns civís que podiam matá-lo. Vi depois como dois desconhecidos revistaram os bolsos do velho, deram-lhe com uma pedra e empurraram-no com os pés...

Fonte: Sd. Is. Bromberg 814/39.

94. OFICIAL POLONÊS — ATIRADOR-ASSASSINO, MATANDO ALEMÃES DEPORTADOS.

A testemunha Kurt Seehagel, barbeiro em Rogasen, actualmente em Bukowice (reservista do exército polonês, onde serviu na infantaria de 16-4-1931 até 16-3-1933), depôs sob juramento:

Fui preso, em 1.º de setembro de 1939, com uns 20 a 25 habitantes de Rogasen e tomei parte, com um grupo de uns 700 populares alemães, da marcha dos internados, via Kutno e Lowitsch, para Varsóvia.

Durante uma parada num parque de uma cidade situada entre Kutno e Lowitsch, os homens de nossa escolta, que eram reservistas polonêses fazendo serviços de gendarmes, e soldados polonêses que se achavam nas proximidades atiraram cegamente sôbre o nosso grupo. Houve feridos e mortos. Antes de entrarmos no parque, um oficial polonês que estava à entrada, perguntou aos homens de nossa escolta, o que havia a nosso respeito. Quando êstes responderam que nós tinhamos chamado Hitler para a Polônia e que eramos alemães — as palavras eram, mais ou menos, estas: "São os porcos que chamaram Hitler" — o oficial polonês sacou da pistola, dizendo que êle precisava matar tambem um dêsses, no que desfechou um tiro sôbre um companheiro que ia à minha frente. Ferido na têmpora, caiu morto, de maneira que eu tive de passar por cima dêle. O mesmo oficial deu mais outro tiro em nosso grupo.

Ignoro se com êsse tiro matou outro alemão, pois era proibido olhar para trás.

No caminho, os homens da escolta tiraram da coluna, a bel-prazer, um ou outro companheiro meu, liquidando-os de uma maneira ou outra, por tiros ou a coronhadas. Entre Lowitsch e Varsóvia seria eu uma das vítimas. Durante a noite, pegaram-me tres homens da nossa escolta, atrazando-se para tambem, me liquidarem. Um dêles segurou-me pelo braço e os dois outros começaram a me dar coronhadas. Consegui, porêm, livrar-me dêles e deitei a fugir. Ferido no ombro, por um tiro que ainda desfecharam sôbre mim, deixei-me cair, ouvindo, nessa ocasião, os soldados dizerem que tinha o quanto bastava. Consegui, entretanto, prosseguir na fuga e esconder-me até que encontrei tropas alemãs. Deram-me uma camisa limpa e, depois de me lavar, ataram-me a ferida. Em seguida fui, com outros companheiros libertados, um pedaço da estrada por onde passára a nossa coluna. Encontrámos, então, numerosos cadáveres de companheiros alemães. A maioria dêles estava horrivelmente mutilada, os rostos irreconheciveis. Parece-me que foram mortos a coronhadas.

---

(1) Trata-se da marcha de Ciechocinck, via Nieschawa, para Wloclawck.

95. DE LISSA A LOWITSCH.
RELATO DO LAVRADOR DR. SCHUBERT.

A testemunha Dr. Albrecht Schubert, lavrador em Grune, perto de Lissa, depôs sob juramento:

No dia 2 de setembro de 1939, fui preso em minha residência sem me comunicarem as razões, e deportado sob constantes ameaças de morte. Em Griewen, um primeiro sargento do 17.° regimento de ulanos, polonês, aquartelado em Lissa, roubou-me tudo quanto trazia comigo. A escolta — composta de elementos da tropa regular polonêsa — tambem roubou o dinheiro a diversos presos. Em toda a marcha de Griewen até Lowitsch (250 klms.) andámos a pé, ficando sem alimentação e sem alojamento. Só uma vez deram meio pão para cada preso, e isto sómente porque eu subornara o primeiro sargento mediante 100 zloty e porque diàriamente lhe entregávamos 30 zloty, produto de uma subscrição entre os presos. Sofremos horrivelmente sob a fome e a sêde. Presos que iam buscar rabanete no campo, eram maltratados a coronhadas até cairem no chão.

Os presos civís alemães eram pessoas de 14 a 76 anos de idade, havendo mulheres entre êles. Nenhum preso seria capaz de suportar as fadigas daquela marcha, tanto mais que a todos faltava a necessária alimentação, o descanso indispensável e a roupa suficiente. Muitos estavam vestidos, apenas, de camisa e calça, muitos calçando tamancos, outros só um sapato, porque nem se lhes dera tempo para se vestirem. Em regra, todos os que adoeciam durante a marcha, eram mortos a pancadas ou a bala. Eu mesmo não vi taes casos em primeiro lugar porque esses actos se praticavam durante a noite, em segundo lugar porque ninguem podia olhar para trás. Ouvi, porêm, muitas vezes, as pesadas pancadas, os gritos e os tiros, e facto é que os presos tirados da fileira não voltavam mais. Vi, no mínimo, seis populares alemães ao longo da estrada, que haviam sido assassinados a pancadas ou a tiros pelas tropas que nos antecediam.

Os presos procedentes de Lissa foram maltratados, em Schroda, de maneira incrível, a coronhadas e cacetadas, por homens da escolta — elementos do 17.° regimento de ulanos, polonês. Um alfaiate foi tirado quatro vezes, em seguida, da fileira e maltratado de maneira que ficou com graves ferimentos na cabeça.

Em Peisan, onde excepcionalmente nos alojaram, deixando-nos apinhados num espaço diminuto e sem palha, o professor Semenjuk de Lissa enlouqueceu, em consequência dos maus tratos e das fadigas passadas, e deu altos gritos. Bastou esse facto para o guarda desfechar tiros contra o nosso alojamento. A atitude prudente dos presos fez com que o tiroteio não tivesse graves consequências. A escolta deixou os civís entrar em nosso alojamento e roubar, aos presos, os relógios, os aneis e dinheiro. Na manhã do dia seguinte apareceu um sargento do 17.° regimento de ulanos para roubar o que restava e, sobretudo, dinheiro, relógios e aneis. Eu mesmo sofri sérios maus tratos por coronhadas e não tería escapado à morte se o soldado que me alvejou não errasse o alvo.

A bala passou-me rente à cabeça. Deu-se isto ùnicamente porque eu ia colocar um velho de setenta anos numa carroça depois de êle ter sucumbido de fadiga. Estou firmemente convencido — como aliás, todos os meus companheiros — que, durante a marcha, foram mortos a pancadas ou a bala numerosos populares alemães. Devido à escuridão não pudemos ver senão uma parte das vítimas. Não foram, apenas, os homens de nossa escolta que pertenciam ao 17.º regimento de ulanos, mas tambem os soldados dos destacamentos polonêses em retirada que nos maltrataram gravissimamente a coronhadas e chicotadas. Entre Kolo e Klodawa, tambem um major, com seus homens, de um destacamento de carros blindados nos injuriaram e chicotearam. Na marcha de Slupa a Lowitsch (150 klms.) não houve descanço, nem de noite. Houve, apenas, uns breves intervalos devido aos impedimentos do trânsito nas estradas.

O organista Wiener de Griewen, portador de prótese, caiu depois de uma marcha de uns 20 klms., simplesmente porque sua prótese quebrou, de maneira que ficou impossibilitado de continuar. Carreguei-o, juntamente com meu ajudante, tambem preso, uns 15 klms., porque não quiz abandoná-lo, ou antes porque não quiz que o matassem. Por tê-lo carregado ainda fui castigado com coronhadas.

Um companheiro de Lissa, cujo nome verificarei, foi ferido à bala em um testículo e teve que marchar assim até Lowitsch. Andou com o escroto cheio de sangue, sofrendo dores indescritíveis.

Fonte: W R II

96. EM VAGÕES PARA GADO, E EM MARCHAS FORÇADAS, EM DIREÇÃO A LOWITSCH.

RELATO DO PASTOR PAUL RAKETTE DE SCHOKKEN.

A testemunha Paul Rakette depôs, a 9 de outubro de 1939, sob juramento:

Em janeiro de 1938 assumi o cargo de pastor da comunidade de Schokken. No dia 1.º de setembro de 1939 fui preso com cerca de 30 membros de minha comunidade, sendo encarcerado no xadrez de Schokken. Fui metido em uma cela própria para um preso, passando nela a noite juntamente com mais dez companheiros. No dia seguinte, fomos de carroça até Wongrowitz, onde tambem fomos encarcerados no xadrez; foi quando a estação e outros prédios importante da cidade foram bombardeados por aviões alemães. Às vinte horas da noite fizeram-nos seguir a pé, para Elsenau, onde chegámos à estação pelas 23 horas. Embarcaram-nos em carros para passageiros e seguimos até Gnesen. Enquanto estávamos em pé na estação, fomos testemunhas do segundo bombardeio da aviação alemã; no correr do mesmo dia, um domingo, realizaram-se mais outros bombardeios. Eu tinha a impressão de que propositalmente deixaram o nosso trem parado na estação. Felizmente, nenhum de nós foi ferido nesses bombardeios. Depois de termos estado em pé dentro dos carros de passageiros, todo o domingo e a noite de domingo para segunda-feira, embarcaram-nos em vagões para gado. Eu fiquei com mais 52 membros de minha comunidade e outros populares alemães de Wongrowitz em um vagão. Horas inteiras deixaram-nos nesses vagões, sem podermos renovar o ar, de maneira que um homem, de nome Kiok, inválido da guerra e proprietário de uma comunidade vizinha, começou a enlouquecer e a falar confusamente. Na manhã da segunda-feira, o trem de carga se poz em movimento em direção a Thorn. Durante a viagem e ainda em Thorn sofremos ataques de bombas sôbre a linha férrea e a estação de Thorn. Foi, provavelmente, devido às consequências de uma bomba, que o nosso trem ficou parado, horas e horas, na linha, até que o trecho fosse reparado. Como haviam fechado o vagão a pregos e já não se podia respirar — e como toda a vez que se dava um ataque de aviadores, os homens da escolta procuravam refúgio nos campos ou no bosque — gritei quando o trem parou e, apesar de ameaçado pela baioneta calada do primeiro sargento da polícia estadual, consegui licença para sair do vagão e buscar dois baldes de água. Em Thorn e na viagem para Wloclawek, fomos várias vezes, e tambem por ferroviários polonêses, loucamente injuriados, além de nos bombardearem com garrafas e outros objetos. Os maus tratos não tinham fim. O Kiok enlouquecido, dequem falei ha pouco, foi maltratado a cacetéte de borracha por um policial polonês. Em nosso vagão despedaçou-se uma garrafa, o que deprimiu bastante os que estavam nêle. Em Wloclawek tivemos de desembarcar e marchar em diversas direções pela cidade, aparentemente sem plano determinado; a meu parecer, porêm, a marcha demorada através a cidade foi proposital. Atiraram-nos pedras e nos deram cacetadas, etc. Eu, por exemplo, recebi dois golpes no rosto, dados com a coronha de um revólver. Um golpe quebrou-me o osso nasal, conforme constatou o médico. Finalmente conduziram o nosso grupo para um engenho de assucar, ponto de junção de todos os grupos de internados. Ficámos, ali, duas noites e um dia, ora no páteo, ora nas salas do engenho. O número de internados atingira, entrementes, a 7.000, entre homens, mulheres e menores. Na quinta-feira, dia 7 de setembro de 1939. encetamos as marchas forçadas em direção a Kutno e Lowotsch. Marchámos, quase ininterruptamente cerca de 26 horas, até além de Kutno, onde nos concederam um descanso demorado num prado, de cerca de seis horas. Nessa marcha fui testemunha de como companheiros, exhaustos pela fadiga, ficaram à beira da estrada, sendo, por ordem de um primeiro sargento da polícia, mortos como cachorros sarnentos. Deram-se, até à hora de nossa libertação, cerca de 30 casos dêstes, a que eu mesmo assisti. Depois do descanso além de Kutno, fomos em marcha ininterrupta de 16 horas até Lowitsch. De vez em quando, encontrámos destacamentos de tropas polonêsas. Nem chegávamos perto dêles, começavam a injuriar-nos da maneira mais baixa; não raras vezes, ouvi tambem fortes tiroteios, e não me engano afirmando que eram soldados polonêses atirando sôbre grupos que iam atrás do nosso. A nossa escolta polonêsa tentou conduzir-nos numa direção determinada, com o fim de nos afastarmos da zona que era perigosa para êles. Conseguiram êsse intento com um grupo de uns 800 internados. Nós, porém, ficámos parados no prado, onde estávamos, aguardando o que viesse. Tropas polonêsas deram ainda uns tiros sôbre os nossos grupos que repousavam deitados no prado, sendo ferido mortalmente um membro de minha comunidade, de nome Franke, de Revier. Finalmente tocou a hora da nossa libertação, depois das tropas alemãs terem conquistado terreno. De Lowitsch, seguimos, em carroças postas à nossa disposição pela força armada alemã, para Lodsch, de onde nos transportaram em caminhões até a mais próxima estação, Kempen. De lá seguimos pela estrada de ferro, via Breslau, Schneidemuehl para casa. Eu mesmo escolhi a linha via Lissa, porque resido nessa cidade.

Devo mencionar ainda que, durante as duas marchas forçadas, aconteceu várias vezes que homens desesperados sairam das fileiras, sendo, então baleados como lebres nas batidas. Lembro-me, sobretudo, de um caso em que um companheiro saira da coluna. Os homens da escolta tocaram-no, por tiros, em um fundo, cercado por soldados polonêses. Quando êstes alcançaram o referido companheiro, não o mataram à bala, e sim o calcaram sob suas botas de pregos. Vi como êle tentou ainda levantar-se, sendo, então, maltratado a coronhadas até que caiu morto. Deram-lhe tambem com as baionetas. As atrocidades cometidas pelos soldados e policiaes que eu pude observar, devo classificá-las de bestiaes...

Fonte: W R II

97. FUZILADOS POR SOLDADOS DA INFANTARIA POLONESA. "DESENHOS SECRETOS" FEITOS INTENCIONALMENTE EM UM LIVRO DE NOTAS.

A testemunha Willi Bombitzki de Graetz, r. Weinbergstrasse, 10, depôs sob juramento:

Passou depois um destacamento de infantaria polonêsa, nos perguntando quem éramos, respondemos que éramos populares alemães, gritaram que éramos espiões. Foram avisar o oficial que comandava o destacamento, e êste, aproximando-se de nós, nos mandou ficar com o rosto voltado para a parede, dizendo que seríamos fuzilados. Nessa ocasião, o oficial deu várias vezes com o punho no rosto do popular alemão Hirth de Opalenitza, porque não voltou-se com a desejada rapidez. Por ordem do oficial foi chamada outra escolta que nos conduziu até Iwno. Apareceu lá um policial, vindo de Gnesen, dizendo-nos que estávamos livres e que podíamos voltar para casa. Aconselhou-nos a não voltarmos em grupos grandes, e sim em grupos menores porque assim não seríamos tão molestados pela populaça. Separámo-nos em grupos pequenos e marchámos em caminhos vecinais em direção a Posen. Depois de termos descansado umas duas horas em uma valeta, eu e mais dois companheiros, fomos novamente presos por um sargento e duas praças da companhia de metralhadoras n.º 57 de Posen, sendo conduzidos para a aldeia Iwno. Ao sermos presos pelos tres soldados polonêses, tivemos que deitar-nos no chão, com os braços estendidos, onde o sargento, continuamente, nos pisava, com suas botas, na cabeça, dizendo: "Beija a terra polonêsa, porco alemão". Quando eramos conduzidos, pelos tres soldados, através a aldeia, o sargento convidou os civís a nos espancarem porque éramos espiões. A populaça não se fez rogar para abusar excessivamente desse convite. Em Iwno reuniram-se ao nosso, outros grupos pequenos que, anteriormente, se tinham separado de nós, e que tambem fôram presos pelos soldados de infantaria, polonêses. O novo grupo contava já 25 homens. Levaram-nos através um prado até um matagal onde nos mandaram ajoelhar. Tiraram-nos, aí, todos os objetos de valor que ainda traziamos conosco. Encontraram, nessa oportunidade, em mãos do popular alemão Oskar Rothe de Konkolewo um passaporte alemão. Rothe foi, imediatamente, morto a tiro de pistola, por um dos soldados polonêses. Fomos, em seguida, conduzidos para uma propriedade, onde já se achavam uns 20 populares alemães. Nesse mesmo lugar, um dos soldados comunicou a um oficial que quatro de nossos companheiros haviam dado sinaes, com uma camisa, aos aviadores alemães. Eu não tinha observado nada que justificasse tal denuncia, julgo, até, impossivel tal ácto. Os respetivos companheiros foram conduzidos, por ordem do oficial, para trás de um muro, sendo fuzilados pelos soldados. Como não assisti ao assassínio, posso afirmar, apenas, que os tiros me pareceram de fuzil; em todo caso, notei pelas detonações que não eram tiros de pistola. Apareceu depois um primeiro tenente polonês, de uma secção de tanques, convidando os civís presentes a designar, entre nós, os que conhecessem. Designaram um, e um sargento afirmou ter descoberto no livro de notas dêle, uns desenhos secretos. A êsse respeito devo referir que observei, no prado ha pouco mencionado, o sargento fazendo um desenho no livro de notas do mesmo homem quando êle (o sargento) se julgava inobservado. Êste companheiro foi morto, na propriedade, pelo próprio primeiro tenente, com um tiro de pistola na nuca. Em seguida, os civís chamaram Wilhelm Busch de Neutomischel a quem o primeiro tenente perguntou se era verdadeira a afirmação dos civís de ter êle publicado um jornal alemão. Busch não poude responder porque não falava polonês, ou porque não entendesse a pergunta, o primeiro tenente pegou, imediatamente, de um cacetéte de borracha, dando, com grande força, no rosto de Busch, repetindo esses golpes umas oito vezes. Perguntado, então, mais uma vez, pelo primeiro tenente, e desta vez, em lingua alemã, se tinha publicado um jornal alemão, Busch afirmou-o. O primeiro tenente declarou-lhe então, que, neste caso, agiu contra o Estado polonês. Êle voltou-o de maneira que ficou olhando para a parede, e deu-lhe tres tiros na nuca, matando-o. Os escoteiros de Graetz chamaram, então, o meu nome. O primeiro tenente mandou os escoteiros me procurarem entre os presos, o que, porém, não se fez, porque uns soldados de infantaria estavam justamente trazendo tres outros populares alemães. Foi, provavelmente, devido a este acaso, que escapei à morte. Um dos civís chegou-se ao primeiro tenente, contando-lhe que um dos tres presos havia organizado reuniões secretas, facto que bastou para que o primeiro tenente matasse com um tiro de sua pistola tambem esse homem, sem, ao menos, fazer-lhe uma unica pergunta a respeito da denuncia. Ignoro o nome do assassinado, parecendo-me, entretanto, que era de Iwno ou dos arredores daquela localidade. Os presos restantes receberam ordem de formar em fileira, evidentemente, porque o primeiro tenente, tendo recebido, na hora, novas instruções, ficou sem tempo para se ocupar conosco. Tivemos que subir, um por um, num caminhão, recebendo cada um de nós forte cacetada dada pelo primeiro tenente. O caminhão conduziu-nos para Gnesen.

Fonte: W R II

98. PRIMEIRO TENENTE POLONÊS, COMETENDO ASSASSINIOS EM MASSA.

RELATO DO DIRETOR DE PROPRIEDADES PAUL WIESNER DE WOLLSTEIN.

Posadowo, 4 de outubro de 1939.

Centro de Investigação de casos de violação do Direito das Gentes, junto ao Supremo Comando da Força Armada.

Presentes: O conselheiro de tribunal de guerra Hurtig e o Inspetor da justiça militar Pitsch.

Procurado em sua residência, comparece o diretor de propriedades Paul Wiesner, administrador das propriedades de Posadowo, e, devidamente informado sôbre o alcance do juramento, sendo perguntado, depõe:

Quanto à pessôa: Chamo-me Paul Wiesner; nasci a 14 de novembro de 1874 em Marsfelde, mun. Neutomischel; sou diretor de propriedades; resido em Wollstein, à r. Bismarckstrases, 1, actualmente em Posadowo.

Quanto à causa: No dia 31 de agosto de 1939 fui preso por um policial, na estação de Opalenica, quando em viagem para Wollstein. Suponho que minha prisão tenha sido ordenada porque eu, frequentes vezes, ia à Alemanha, e sobretudo a Schwiebus, sendo, por isso, considerado intermediário de um centro de informações anti-polonêsa. Depois de me revistarem e revolverem minhas malas, conduziram-me para o posto policial. A princípio, declararam-me que eu seria solto, caso nada se encontrasse de suspeito, chegando, até, a murmurarem umas palavras de desculpa. A revista foi negativa, pois não encontraram nada de suspeito. Nesse meio tempo, porém, o primeiro sargento da polícia entendeu-se, por telefone, com a polícia de Opalenica, telefonema esse que consegui ouvir. À pergunta do policial de Opalenica se havia alguma cousa que me desabonasse, ouvi claramente pelo fone a voz do capitão da polícia de Wollstein que respondeu: "Prender e encarcerar!" Encerraram-me, então, em uma cela. Pouco depois, foi detido, tambem, o veterinário Dr. Krause de Opalenica, a quem eu procurara por uns minutos, ao sair da estação. Passei nessa cela duas noites e um dia, sendo, em seguida, transportado, juntamente com o Dr. Krause, sob escolta policial, para Buk, onde fomos conduzidos a uma sala, em que já se achavam presos cerca de 100 populares alemães. Umas quatro horas depois, embarcámos em carroças, levando cada uma 12 homens, e, sob a guarda de dois policiais e de dois soldados de baionetas armadas, fomos transportados até Posen, passando assim toda a noite. Chegámos pelas 6,30 horas da manhã do dia 3 de setembro de 1939. Conduziram-nos através da cidade, e os habitantes subiram nas carroças, espancando-nos até ficarmos cobertos de sangue. Alojados em uma escola pública, tivemos que passar dois dias e duas noites sem alimentos e dormir no chão. Na segunda-feira, dia 4 de setembro de 1939, seguimos a pé pelas cidades de Schwersenz e Kostschyn. Nesta última cidade bateram novamente em alguns dos nossos companheiros até ficarem ensanguentados, e de cinco mulheres do nosso grupo tiraram toda a roupa, deixando-as, apenas, com a roupa de baixo. As roupas dessas mulheres foram levadas pelos habitantes judeus de Kostschin que as distribuiram sob grande algazarra. Além da cidade deveríamos aguardar novas ordens a respeito de nosso destino. Depois de cerca de duas horas chegou um primeiro sargento da polícia de Gnesen que se dirigiu a mim porque era eu quem melhor falava o polonês, dizendo-me que estávamos todos livres e que tratássemos de "azular" em pequenos grupos de cinco a dez homens. Eu mesmo fiquei com o último grupo que contava uns 20 homens. Depois dêstes homens se terem dispersado numa frente de um quilómetro de comprimento, chegaram soldados de uma companhia de bicicletistas, aquartelada na propriedade de Iwno, tiroteando, com fuzís e metralhadoras, os campos circunjacentes, onde se tinha espalhado a nossa turma de 100 a 120 pessoas. No começo ficámos deitados, julgando que os tiros passassem por cima de nós. Quando, porêm, abriram fogo direto sôbre o nabal onde estávamos, levantámo-nos erguendo os braços, ao que os soldados nos detiveram novamente, conduzindo-nos para uma olaria. Êramos, a princípio, uns 30. Encontrámos, na olaria, o superintendente Greisel de Neutomischel que estava com o pé fraturado. Da olaria fomos à propriedade de Iwno, onde um oficial polonês nos deu ordem de nos deitarmos, com o rosto para o chão, e com os braços estendidos para a frente na borda de uma vala. Cumprida esta ordem, esperei que se désse ordem aos soldados de abrir fogo sôbre nós, pois, na estrada, achavam-se um 200 soldados polonêses de armas na mão. Enquanto eu estava pensando no que havia de acontecer, uma mulher polonêsa que estava a meu lado, me deu, com um pedregulho, um golpe tão forte no lado esquerdo da cabeça que, por momentos, perdi os sentidos. Quando recuperei os sentidos, jazia numa poça de sangue. Vi ainda os soldados despojarem meus cõmpanheiros, tirando-lhes o dinheiro e os relógios. Depois mandaram-nos levantar e conduziram-nos, em filas de dois, para um pequeno bosque que havia à pequena distância. A nossa escolta compunha-se de uns 40 soldados armados de fuzís. Seríamos todos fuzilados. Um jovem oficial polonês comandava a escolta. No caminho para o bosque que se achava a cerca de 1,5 klms. de distância, lembrei-me, de repente, que trazia na carteira cópias de cartas de reconhecimento, escritas uma do estarosta elogiando minha colaboração no congresso municipal de Posen, e a outra do comissário distrital que apoiára detalhadamente aquela carta de reconhecimento. Tirei, pois, da carteira as duas cartas de reconhecimento, e meti-as em um envelope, com o fim de entregá-las, oportunamente, ao oficial polonês. Nesse instante, correu para o meu lado um alferes polonês, arrancando-me o envelope, provàvelmente porque pensava que eu quizesse esconder alguma cousa. Eu disse a êle que vinha ao encontro de meu desejo, pois, fôra minha intenção entregar as duas cartas ao oficial polonês.

O alferes, depois de ler as cartas no caminho até o bosque, entregou-as ao oficial quando chegámos. Foram, então, os dois conversar atrás de uns amieiros. Pouco depois chamaram-me, perguntando-me o oficial polonês como eu tinha conseguido aqueles atestados, que, então, eu era polonês e homem de bem. Respondi afirmando a pergunta, com o fim de salvar a situação. Depois êle perguntou-me se eu podia compreender as medidas que êle ia tomar a respeito de meus companheiros. Por tudo que observára e à vista das pás trazidas, concluí que seríamos fuzilados. Por isso, respondi: "Aqueles homens são tão inocentes como eu, e se os matarem, podem, tambem, me matar". Como ficou surpreendido por minha resposta e tendo eu refutado sua asserção de sermos revoltosos, pareceu-me que, aos poucos, conseguiria salvar a situação em nosso favor. Nêste momento, porém, voltou o alferes que, depois de mandar ajoelhar os presos e revistar-lhes a roupa, trouxe quatro cartões de sócios do partido jovem-alemão que encontrára nas mãos de quatro companheiros. Fomos, então, reconduzidos à propriedade, indo os quatro companheiros que acabo de mencionar, no fim do nosso grupo.

Pouco antes da propriedade, colocaram os quatro companheiros junto ao muro do parque, com o rosto virado para o muro, matando-os com uma descarga simultânea de 20 soldados, disparada de uma distancia de tres a quatro passos. Fomos conduzidos para a propriedade, onde, pouco depois, chegou, na motocicleta, o comandante da companhia de bicicletistas, um primeiro tenente que trazia o número do regimento 58. Êste regimento estava sediado em Posen e achava-se aquartelado na caserna do antigo 6.º regimento de granadeiros.

Enquanto o jovem tenente me mandou para a cozinha de campanha que se encontrava no páteo, mandára conduzir meus companheiros até junto do muro da propriedade. Ao chegar o primeiro tenente, êste perguntou ao tenente em tom enfatuado e tão alto que eu pude ouví-lo: "Então, quantos dêsses porcos hitleristas liquidaram desta vez?" O tenente respondeu: "Quatro já estão atrás do muro, e os outros estão à sua disposição". Apontando para mim, acrescentou que eu havia de ser exceptuado, mostrando-lhe as duas cartas de reconhecimento. Em seguida, o primeiro tenente mandou chamar-me e perguntou-me que cargo tinha ocupado na guerra mundial. Quando respondi, de acôrdo com a verdade que eu fôra primeiro sargento efetivo, declarou-me que estava em ordem e mandou-me ficar fóra. Dirigiu-se, então, em voz alta e arrogantemente, aos soldados polonêses que se achavam espalhados no páteo — uns 300 a 400 —; com as seguintes palavras: "Então, querem ver mais dessa carne de porcos hitleristas alemães?!", ao que todos os soldados responderam em côro: "Sim, senhor, fuzilar a todos os porcos!" O primeiro tenente mandou, depois, dois soldados buscarem o redator Busch, de Neutomischel. Perguntando qual era sua profissão, e não sabendo falar polonês, apresentou êle sua carteira de identidade. Aí, o primeiro tenente, armado de granadas de mão, de browning e de um vergalho, deu umas quinze vergastadas brutaes na cabeça de Busch; o pobre homem deitava sangue pelos olhos, pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos, ficando todo ensanguentado. Em seguida o tenente mandou dois soldados colocarem Busch junto ao muro do páteo, com o rosto para o muro, puxou o revólver e desfechou-lhe um tiro na cabeça. Eu vi como Busch tombou ferido no occipital e como o oficial lhe deu mais dois tiros na cabeça, que o mataram. Depois, o oficial, todo empinado dirigiu-se, novamente, a seus soldados, gritando: "Querem mais desta carne de porcos hitleristas?!", ao que os soldados responderam unísonos: "Todos à parede!". Então, o primeiro tenente pegou, a bel-prazer, mais dois companheiros, matando-os, igualmente, a tiros, fazendo o mesmo com outro companheiro que mandou escolher por um cocheiro. Esta vítima foi o infeliz lavrador Pohlmann, de Sklowo, perto de Kostschin.

Mortos êsses quatro populares alemães, o oficial fez uma alocução aos soldados, dizendo, mais ou menos, que se satisfizessem com os quatro assassinados, que êles (os polonêses) não eram bolchevistas, e sim soldados do exército polonês, e que saudassem o supremo chefe do exército, o marechal Rydz-Smigly. Ainda deu tres "vivas" ao marechal que os soldados acompanharam com altos berros, entoando, depois, o hino nacional polonês.

Os quatro cadáveres foram, por ordem do oficial, jogados numa cova já aberta e enterrados pelos companheiros que assistiram à cena. Em seguida, embarcaram a todos os detidos, inclusive a mim, num caminhão, sendo que, nessa ocasião, cada um de nós recebeu forte vergalhada, dada pelo primeiro tenente polonês. Chegados a Gnesen, fomos entregues à polícia polonêsa. Depois de passarmos dois dias numa escola, seguimos a pé, sob escolta policial, em direção a Varsóvia. O nosso destino era uma povoação situada entre Varsóvia e Brest-Litowsk. Nossa marcha diária era de 40 a 50 klms., e em 10 dias vencemos uns 400 klms., sem recebermos alimentos de parte dos polonêses. Comemos o que nós mesmos conseguimos arranjar. Pousámos, algumas vezes, em palheiros; outras, ao ar livre, mesmo em dias de chuva. Nossa alimentação consistia, sobretudo, de nabiças. Nossa escolta compunha-se de dois policiaes ativos e seis reservistas polonêses que serviam como auxiliares. Finalmente, aos 16 e 17 de setembro de 1939, chegámos a Ilow que fica ao nordéste da estrada de Kutno — Varsóvia. Durante toda a marcha estivemos expostos às injurias e aos maus tratos da populaça. No dia 17-9-1939, a escolta nos abandonou, depois de termos passado um dia inteiro num palheiro, enquanto a cidade sofreu graves ataques de aviões que lançaram bombas e atiraram com metralhadoras. Desde às 22 horas do dia 17-9-1939, ficámos sem escolta. No dia 18-9 partimos, depois de eu ter conseguido que os companheiros passassem a noite ainda no palheiro. Concluí, pelo fogo de artilharia dirigido contra Ilow, que se iniciára na noite anterior, que as tropas alemãs não podiam estar longe. Meu cálculo não me enganára, pois, quando no dia 18-9 caminhámos uns 20 minutos rumo oéste, topámos com os primeiros soldados alemães, terminando, assim, o nosso sofrimento.

Cito, ainda, como testemunhas:

o proprietário Jesske, de Paczkowo, perto de Kostschin,
o filho do mesmo e seu genro, que foram entregues, em estado deplorável, na propriedade de Iwno quando já lá estávamos.

Na fazenda do Jesske esteve tambem alojado um destacamento polonês, de sorte que esse proprietário deverá poder contar cousas interessantes.

Ditado em alta voz, aprovado e assinado

ass. Paul Wiesner

A testemunha prestou o seguinte juramento: "Juro perante Deus Todo poderoso e Omnisciente que eu disse a pura verdade e que nada calei, como quero que Deus me valha".

Encerrado:

ass. Hurtig

ass. Pitsch

Fonte: W R II

99. PROFESSORES DA MINORIA ALEMÃ, ABATIDOS A MARTELO DE FERREIRO.

Lodsch, 23 de outubro de 1939

Comando Supremo da Fôrça Armada. — Centro de Investigações de casos de violação do Direito das Gentes, etc.

Compareceu, intimado, a testemunha Wilhelm Karl Petrak, que depôs sob juramento:

Embora fôssemos soldados, não nos tinham dado uniformes. Quer dizer que não nos distinguiamos de civís. Enquanto estávamos descansando à beira dum bosque, alguns civís trouxeram dois populares alemães que se dizia serem professores. Asseguravam os civís que eram espiões e que o de cabelo louro tinha tido consigo um mapa com anotações.

Ainda quando estávamos descansando, um primeiro tenente da reserva interrogou os presos. O de cabelo louro estava ajoelhado sôbre um carro de transporte, com as mãos amarradas, nas costas, por meio de uma corrente que lhe passaram tambem em volta do pescoço. Eu assisti ao interrogatório a uma distancia de 50 metros no máximo, mas não pude entender as palavras. Dois soldados que estavam em cima do carro, atrás dos dois presos, davam nêles, ao que parece por ordem do oficial, com a coronha e com um martelo de ferreiro, de sorte que as vítimas gritavam a altas vozes. Quando continuámos a marcha, os dois professores ficaram no carro. O professor louro ficára todo o tempo ajoelhado e já estava tão fraco que o corpo e a cabeça lhe pendiam para a frente e se apoiava sobre o lado do carro que tinha uns 30 cm de altura. O outro professor, de cabelo preto, jazia algemado no carro. Por ocasião de uma ligeira parada, pelas 17 horas, pude ver os dois a uma distância de 2 a 3 metros. Embora já estivessem machucados em todo o corpo, os soldados ainda os maltratavam. A cabeça do professor louro estava cheia de equimoses, o nariz todo inchado e voltado para o lado, provavelmente porque lhe haviam fracturado o osso nasal.

Como eram incapazes de andar e mesmo de se levantar, arrastaram-nos até à beira do bosque onde os mataram a baionetadas. Enterraram-nos além de Bronislawowo, junto à estrada.

Fonte: W R II

100. OFICIAL POLONÊS MANDA FUZILAR POPULARES ALEMÃES.

A testemunha Gerd von Delhaes — Guenther de Kreuzfeld, mun. Schrimm, depôs sob juramento:

Uma turma de 20 populares alemães da região de Schmiegel e Czempin foi tocada, na segunda-feira, dia 4 de setembro de 1939, por sôbre a ponte do Warthe, para Schrimm. Os alemães foram entregues na prisão, sendo abandonados pelo destacamento militar. O burgomestre provisório soltou-os, pretendendo êles retirar-se pela ponte do Warthe, em grupos pequenos.

Treze dêles foram novamente presos pelo último comando de dinamiteiros sob a chefia do tenente Bejnerowicz, participando nisso, provavelmente o sub-tenente Krol e o tenente Szakowski, dos pioneiros.

Segundo me informaram, os alemães foram maltratados pelos civís, com a acquiescência do tenente Bejnerowicz, e deixados no estado em que foram encontrados os cadáveres. Eu não vi os cadáveres; contaram-me, porêm, que estavam mutilados. Nove dos trezes cadáveres foram identificados, a saber:

1) Hermann Raabe, de Piechandris,
2) Herbert Raabe, de Piechandris,
3) Steinke, pai, de Peterkowalz,
4) Steinke, filho, de Peterkowalz,
5) Paul Steinke, de Peterkowalz,

6) Manthei, de Piechandris,
7) Wilhelm Nier, de Peterkowalz,
8) Kint, de Peterkowalz,
9) Adam, de Peterkowalz.

A respeito do estado dos cadáveres pode dar informações o burgomestre Hartmann de Schrimm.

Fonte: W R II

101. COM O VERGALHO E A PISTOLA — MULHERES POLONESAS, COMO FURIAS.

RELATO DE RICHARD GLAESEMANN, DE SCHWERSENZ.

O oficial ia mandar embora, a mim e a Hinz, quando chegou, de motocicleta, outro oficial que disse, com um ar de mofa e um riso sarcástico: "Pois, vocês têm um bom número de bandidos!"

Êle entrou na coluna, perguntando, a um por um, se falava polonês. A quem não sabia responder em polonês, dava forte golpe com o vergalho armado de fios metálicos.

Depois chamou os civís que estavam no páteo, perguntando-lhes: "Se vocês gostarem dum dêsses internados, podem escolhê-lo, que será fuzilado!" Mas ninguém se aproximou de nós. Chamou tambem a mulher do diretor da propriedade, com estas palavras: "A senhora reconhece aqui alguém que lhe tenha feito qualquer mal ou a quem queira mandar fuzilar, póde escolhê-lo que o mandarei fuzilar". A mulher respondeu-lhe que fazia bem em mandar fuzilar o bando, que todos deveriam ser fuzilados. Finalmente, o oficial disse que nos faria o fávor de mandar levar-nos de automovel para Gnesen. Veiu um carro de transporte e o oficial exigiu que subissemos de um pulo, enquanto êle dava uma vergalhada na cabeça de cada um.

No dia 18 de setembro, pelas 10 horas, encontrámos os primeiros soldados alemães. A grande maioria de nossa turma estava tão exhausta que quase nem podia andar.

Fonte: Sd. Is. Posen 55/39

102. OS ASSASSINIOS PRATICADOS EM KLODAWA.

RELATO DO PADEIRO OTTO KALISKE, DE RAKWITZ.

A testemunha Kaliske depôs sob juramento:

Durante êsse tiroteio, Druse, de Tarnowo, recebeu um tiro no ventre; êle gemeu meia hora e morreu. Otto Werner recebeu igualmente um tiro no ventre, morrendo no dia seguinte. O filho de Otto Werner foi ferido duas vezes na perna; o professor Eppler, na coxa e em um testículo; o lavrador Fischer, no osso ilíaco. Hoffmann, de Rakwitz, recebeu uma baionetada na coxa.

Em Babiak tropas polonêsas nos obrigaram a lhes entregar todo o nosso dinheiro, os nossos relógios e objetos de valor, sendo, em seguida, todos nós conduzidos por uma escolta polonêsa até às proximidades de Klodawa. Quando partimos, não puderam prosseguir duas mulheres e tres homens; achavam-se, entre êles, o sr. von Treskow, com 65 anos de idade e a Dr.ª Bochnik. Ficaram, com essas cinco pessoas, mais dois moços para tomar conta delas. Quando nos achávamos ainda a pouca distância do lugar, ouvimos tiros. Depois de nossa libertação, soubemos que todos os sete tinham sido fuzilados. Em uma aldeia, antes de chegarmos a Babiak, tivemos que abandonar a família Schmolke que se compunha de um homem, inválido sem perna, sua mulher, uma filha de 15 anos e um filhinho de 1 e meio, e mais um inválido de uma perna, de nome Jentsch. Soubemos que êles tambem foram fuzilados. Actualmente procuraram-se seus cadáveres.

Fonte: W R II

103. EXPOSTOS AO POVO.

RELATO DE ULRICH SCHIEFELBEIN DE RAKWITZ.

A primeira cidade que atingimos foi Graetz. Chegados ao mercado, fomos recebidos pela populaça polonêsa com pedradas, às quaes seguiram, pouco depois, facadas. Fomos injuriados e jogaram-nos garrafas e outros projéctis. Ficámos expostos à populaça que nos cuspiu no rosto sem que a escolta se lembrasse de proteger-nos.

Fonte: W R (Ld. Schtz. Reg. 3/XI).

104. ASSASSINIOS COMETIDOS NA LEVA DE DEPORTADOS PARA TULISCHKOW-TUROW.

FUZILADOS AOS PARES: DE 181 DEPORTADOS VOLTARAM, APENAS, 5!

A testemunha Walter Kabsch, de Parsko, depôs sob juramento:

Pouco além de Turek passávamos perto de uma propriedade, quando apareceu um avião alemão. A escolta deixou-nos na estrada. Os soldados procuraram abrigo nas valetas e atrás de arbustos. O aviador deve ter reparado que se tratava de uma leva de deportados, pois abriu fogo sòmente sôbre os arbustos. Da escolta, que ia aumentando à medida que iamos nos aproximando do "front" e que já tinha uns 80 a 90 homens, grande número ficou ferido. Esse facto provocou entre os soldados uma raiva tal que, ainda de seus abrigos, abriram sôbre nossa coluna um fogo doido de metralhadoras e carabinas. Quem estava ferido, ficou onde estava, quando nos tocaram para a frente. Os soldados não se incomodavam nem com os feridos, nem com os mortos.

Nós cinco somos os únicos do grupo de 181 homens, que escapámos com vida.

Fonte: Sd. Is. Posen 833/39.

105. O PASTOR LESZCZYNSKI DEPÕE SOBRE A MARCHA DA MORTE, PARA TARNOWA.

DESCOBERTAS SEPULTURAS COLETIVAS DE 30 E 70 ALEMÃES MUTILADOS.

Na praça do mercado obrigaram-nos a sentar na calçada. Os soldados assentaram as metralhadoras e deram-nos a entender que seriamos fuzilados. Interveiu, porêm, a nosso favor um médico militar, explicando a um major que tal massacre seria um crime contra a civilização.

Na aldeia de Tarnowa separaram cerca de 150 homens do resto da coluna, conduzindo-os por um caminho que partia da estrada, dando-lhes ordem de atravessar um campo aberto em fileira cerrada e subiram a ladeira em frente. Anteriormente, os polonêses, e, do lado oposto, no campo, nas propriedades e nos jardins, haviam postado soldados. Quando os alemães se iam aproximando do cume da colina, as metralhadoras abriram o fogo. Os alemães tombaram em massa, outros deixaram-se cair ao chão. O fogo durou vários minutos. Durante um intervalo, em que provavelmente se substituiram os carregadores das methalhadoras, os sobreviventes, cerca de 75 homens, se levantaram de repente para passar o cume e penetrar em um desfiladeiro, com o fim de alcançarem um bosque que ficava a uns 500 metros de distância. Contra o fogo das metralhadoras achavam-se seguros pela elevação do terreno, mas, nessa ocasião, iniciaram sua tarefa os soldados postados nos flancos. Foi uma verdadeira monteada contra os alemães que procuravam salvar a vida. A maioria ficou; poucos, apenas, conseguiram alcançar o bosque. Logo depois, a soldadesca saiu de seus esconderijos. Com as coronhas e as baionetas deram nos mortos e nos gravemente feridos. Finalmente despojaram as vitimas do que ainda possuiam e enterraram-nas superficialmente.

106. O CARTUCHO COMO CORPO DE DELITO. ASSASSINIO DE KRUEGER.

A testemunha Anna Krueger, de Bromberg-Jaegerhof, depôs sob juramento:

Pouco depois do meio-dia vieram civis e soldados uniformizados, afirmando que meu marido havia atirado com uma metralhadora. Foi primeiro, um soldado e, depois, um civil que deram busca na casa. O soldado não encontrou nada. O civil estendeu o braço por cima do armário, convidando o soldado a procurar mais uma vez. Então o soldado tirou um cartucho de cima do armário. Foi êste o motivo por que meu marido, meu filho e meu genro foram presos. Na quarta-feira, encontrei os tres mortos no bosque. Quem descobriu os cadáveres foi Frau Gutknecht. Meu marido estava todo mutilado; seu rosto esmagado era uma grande chaga. Meu marido não fôra morto a bala. Meu filho tinha uma ferida aberta como se lhe tivessem rasgado todo o rosto; tambem não fôra morto a bala.

Fonte: W R II

107. OS SOFRIMENTOS DA POPULAÇÃO ALEMÃ DE LISSA.

Extrato de um artigo publicado no "Posener Tageblatt", de 19 de setembro de 1939.

Ainda não podemos conceber que estejámos livres, que possámos viver de novo e encontremos nossa pátria sob a proteção das fortes armas alemãs. Ninguem, entre nós, cusava esperar que escapasse àquele inferno polonês. Quantos dos nossos companheiros não sucumbiram à selvageria dêsses bandidos, dêsses assassinos polonêses?

108. DEPORTADO ATE' BREST-LITOWSK. RELATO DE KARL MIELKE, DE BROMBERG (1).

Rompeu, finalmente, a manhã do dia 17 de setembro, um domingo. O tumulto da batalha terminára. Que significaria êsse silêncio? Subi na cama, e, olhando pela grade, vi no páteo da prisão um soldado da infantaria alemã aproximar-se do nosso lado. Batemos a toda força contra as portas, gritámos de alegria, em todas as celas foi um barulho ensurdecedor. Umas coronhadas dadas pelo soldado contra as nossas portas abriram-nos o caminho para a liberdade. Nossos guardas que foram presos mais tarde, contaram-nos que iamos ser fuzilados naquele mesmo domingo.

109. O PADRE ODILO GERHARD, O. F. M. UM CURA CATOLICO ALEMÃO EM PRISÃO POLONESA.

Relato dos suplicios passados, publicado no periódico "Die Getreuen" da Missão Católica no Estrangeiro, outubro de 1939.

Às oito horas da noite, conduziram-nos até ao nosso salão: 17 metros de comprido, por 7 metros de largo e 4 metros de alto, com 16 estrados de madeira superpostos. Um estrado para nove homens, quando nem dava para quatro. Como no meu grupo havia tres homens de mais de 60 anos de idade, entre êles um italiano gravemente enfermo de pneumonia, deitei-me debaixo do estrado sobre o chão cimentado. Deram-nos um só balde de água para 140 pessoas, e isto só no terceiro dia; só no quinto dia é que nos deram pão, cerca de 30 grs. por pessoa, e pão molhado, tanto que conservei sòmente a crosta que guardei durante dois dias, roendo, então, os pedacinhos duros.

---

(1) Publicado na edição de 19 de outubro de 1939, da revista "Der Volksdeutsche", sob o título: "Preso, deportado e libertado".

Várias vezes deram-nos uma sopa d'água com pouca cevadinha; uma vez às oito horas da manhã e às 19 da noite, depois pelas 11 da manhã. Das 4 da madrugada até às 8 horas da noite ficávamos no páteo de exercícios. Os médicos aconselhavam-nos, quando iamos perder as forças, que não pedissemos baixa ao hospital, porque dificilmente sairíamos dêle, o que, de facto, constatámos em muitos casos.

110. A MARCHA DOS INTERNADOS DE OBORNIK — COLUNA DE QUE CHEGOU QUASE A VARSOVIA.

HOMENS VELHOS QUE TOMBAVAM DE CANSADOS, ERAM FUZILADOS.

Extrato de depoimentos feitos perante a Comissão Especial do Centro da Polícia Criminal do Reich.

Tgb. V (RKPA) 1486/10. 39.

No dia 2 de setembro de 1939 foram presos, no município de Obornik, ao norte de Posen, cerca de 600 populares alemães que foram reunidos em coluna. A marcha foi via Gnesen, Slupca e Kutno, chegando quase a Varsóvia.

Só da paróquia de Morawana-Goslyn faltam 100 pessoas que, até o dia 2-10-39, não voltaram da marcha. O número de vítimas ainda não foi averiguada.

Não posso comunicar outros pormenores. Verificamos, apenas, que os claros em nossa coluna iam aumentando. De nossa propriedade faltam ainda 10 pessoas que, se foram fuziladas, devem encontrar-se a pouca distância de Varsóvia. São:

o sr. Friedrich Weigt, de 38 anos de idade,
o sr. Hans Heckert, de 36 anos de idade?,
o sr. Repnack, de 50 anos?,
o sr. Alfred Belter, de 24 anos?,
o sr. Ferdinand Sommer, de 23 anos?,
o sr. Gustav Sommer, de 48 anos?,
o sr. Waldi Sommer, de 20 anos?,
o sr. Gottfried Sydow, de 30 anos?,
o sr. Willi Riemer, de 31 anos,
o sr. Walter Riemer, de 26 anos?..

Willi e Walter Riemer, eu os vi mortos a uns 4 klms. aquêm de Varsóvia. Vi tambem outros mortos que eu não conhecia. Eram da região de Morawana. Calcúlo que foram assassinados uns 200 homens de nossa coluna. Os cadáveres devem se encontrar na estrada de Sochaczew para Varsóvia.

Na noite de 9 a 10 de setembro, fugiu a maioria de nossa coluna, inclusive eu. Fomos, no dia seguinte, acolhidos por tropas alemãs que fizeram o possivel para podermos voltar aos nossos lares pelo caminho mais próximo.

Hontem eu soube na igreja que faltavam ainda 100 companheiros da nossa coluna.

L. apr. ass.
ass. Willy Grossmann

Durante o interrogatório, o sr. Grossmann assegurou várias vezes que não exagerava. "Sr. comissário, o sr. pode acreditar que não é exagêro o que lhe estou contando. Nem se pode dizer tudo às mulheres dos assassinados, que não convêm aumentar-lhes o desespêro", observou êle várias vezes.

ass. Discar, comissário da polícia criminal.

Laudo dos medicos-legistas

Act.^{te} Bromberg e Berlim , 20 de Novembro de 1939.

Os médicos legistas do Comando Superior da Força Armada, para Bromberg: Dr. Panning, Médico-chefe do Exército e Chefe da Secção médico-legista da Academia para médicos militares.

Para Posen: Dr. Hallerman, Médico da reserva, Docente da Universidade de Berlim.

LAUDO

relativo aos resultados até agora obtidos pelos esforços da Secção Médico-Legista da Academia para Médicos Militares com o fim de elucidar os assassinios praticados por polonêses na região de Posen e Bromberg (1).

I — INCUMBÊNCIA DOS PERITOS MÉDICO - LEGISTAS

Por ordem do Comando Superior da Força Armada, Inspetoria Sanitária do Exército, foram nomeados, a 20 de setembro de de 1939, peritos médico-legistas para as zonas mais atingidas pelos assassínios cometidos por polonêses, as quais são, em primeiro lugar, a de Bromberg e ainda a de Posen. Foram procedidas, desde então, numerosas autópsias, sendo elas continuadas, presentemente. A elucidação dos casos de assassínios foi feita em íntima colaboração com comissão especiaes do Centro da Polícia Criminal do Reich, isto é, com os funcionários e segundo os métodos do serviço ativo de averiguação de assassínios de Berlim.

Obedecendo a ordens recebidas, os resultados das autópsias têm sido protocolados minuciosamente, sendo completados por uma coleção sempre crescente de fotografias e preparados afim de comprová-los perante as gerações atuais e futuras. Várias comissões de médicos, oficiaes e jornalistas do interior e do estrangeiro já tiveram ensejo de verificar os comprovantes durante os respectivos estudos nos locaes, em Bromberg e Posen.

II — ALCANCE DOS EXAMES

Os exames estendem-se, até o presente, a 131 autópsias e 11 casos de verificação de óbito, em Bromberg e seus arredores; a 51 autópsias e 53 casos de verificação de óbito, em Posen e zonas vizinhas. Foram, portanto, submetidos, ao exame médico-legista, cerca de 250 cadáveres, representando este número de casos examinados, apenas, uma fração pouco consideravel do total dos casos de assassínios. Não se póde, entretanto, pensar em fazer a autópsia de todos os assassinados, visto que, só na zona de Bromberg, o número sóbe a mais de 1.000. O adiantamento da putrefação dos cadáveres e o congêlo das sepulturas irão, em breve, pôr fim ao prosseguimento das autópsias.

---

(1) Todos os casos de necrópsias e verificação de óbito, citados no laudo, acham-se comprovados por documentos fotográficos, dos quais, por motivos de espaço, reproduzimos aqui, apenas, uma parte.

Os resultados obtidos devem, pois, ser considerados como um conjunto casual de restrito alcance, motivo por que aqui se renuncia ao estudo sob o ponto de vista estatístico visto que dados estatísticos relativos a um ou outro factor de observação não podem ser tomados como básicos, havendo tão grande número de cadáveres não autopsiados. Um estudo estatístico sob pontos de vista determinados não será possivel, a não ser relativamente a alguns grupos de casos verificados em zonas delimitadas, dentro das quais se puderam estudar todos os casos por autópsia.

III — RESULTADOS DOS EXAMES

Dificuldades que obstaram à exploração dos dados obtidos

Surgiram grandes dificuldades na apreciação dos factos observados. Devido ao súbito acúmulo de cadáveres em áreas relativamente pequenas, tornára-se indispensável enterrá-las provisòriamente em sepulturas coletivas, aos 60 e mais. Ao serem enumerados para reenterra-los em sepulturas mais dignas em cemitérios comemorativos, é que os assassinados foram sendo submetidos à autópsia com plena aquiescência dos respectivos parentes. Compreende-se que, desta maneira, os exames foram grandemente prejudicados pelo estado, muitas vezes, bastante adiantado de putrefação. Não obstante, a apreciação procedida sempre conforme os princípios da medicina legal exata permitiu tirar conclusões claras relativamente a todos os factos essenciaes em todos os casos. E' óbvio que o resultado obtido pela autópsia, póde, nessas circunstâncias, ser considerado, apenas, com um mínimo do que as vítimas tinham sofrido sob a ação dos criminosos. Assim, por exemplo, tornou-se impossivel comprovar, devido ao adiantado estado de putrefação dos cadáveres, a existência de hemorragia tissular que, em geral, serve para constatar em cadáveres os vestígios de maus tratos, de sorte que várias formas de graves maus tratos, mutilações, etc., não puderam ser averiguados, a não ser sob condições especiaes.

Ferimentos produzidos com objetos obtusos, coronhadas, etc.:

Assim, por exemplo, os golpes dados com coronhadas, cacetes, sarrafos, etc., conforme têm sido comprovados, em inúmeros casos, pelos depoimentos das testemunhas, só puderam ser averiguados quando haviam causado lesões nos ossos. Neste particular ficaram constatados vários factos bem impressionantes e de extrema gravidade, como:

N.° da autópsia — Br. 93, Albert Heise, de 21 anos, esmagamento de todo o esqueleto facial por golpes veementes, desfechados com pesado cacete;

N.° da autópsia — Br. 116, Richard Kutzer, de 46 anos, padre protestante, esmagamento do maxilar inferior sob a epiderme ilesa, produzido por coronhada segundo averiguação policial.

N.° da autópsia — Br. 115, Otto Kutzer, de 73 anos, pai do padre protestante Kutzer, fraturas das cartilagens costaes endurecidas pela idade, produzidas por coronhada.

N.° da autópsia — Br. 107, Hans Schulz, de 20 anos, esmagamento do crâneo, produzido por coronhada ou golpe dado com objeto pesado; além de grande número de outros casos.

Em muitos casos, conforme foi anotado, de cada vez, no laudo pericial, só pcude enunciar a suposição de ferimento com instrumento obtuso, isto quando a vítima, segundo o exame, recebera todas as lesões, tiros, golpes, estando deitada, e quando se tratava de explicar como fôra deitado por terra.

Mutilações

Foi, igualmente, bastante dificultado, pelos fenômenos cadavéricos, o exame exacto dos peritos, nos casos de certas lesões corporaes de grande gravidade. Assim, é certo que, em grande número de casos, leigos, as mais das vezes, parentes sobreviventes dos assassinados, tinham constatado, nos cadáveres ainda bem conservados, a desvirilização ou a decepagem das orelhas ou do nariz ou ainda a perfuração dos olhos; mas, nem sempre foi possivel dar a taes depoimentos o valor de laudos periciaes porque as respectivas partes já haviam sofrido, no tempo decorrido, consideráveis alterações produzidas pela putrefação e pelos vermes. No entanto, conseguiu-se, em bom número de casos, averiguar, justamente, e com absoluta certeza, perfurações de olhos, às vezes com lesões das pálpebras, em cadáveres bem conservados por terem sido enterrados em tempo. Comprovante bem impressionante é o facto relativo ao caso Br. 17, homem desconhecido de cerca de 20 anos de idade, assassinado em Bromberg — Klein-Bartelsee; além disso o foto relativo ao caso: n.° da autópsia — P. 1, Grieger, Paul, de 32 anos de idade, assassinado em Posen. Um caso de perfuração de olho que, devido às alterações produzidas por vermes, não poude ser incluido, com a necessária certeza, no número de perfurações de olhos, acha-se representado pelo foto relativo ao n.° de autópsia — Br. 4, homem desconhecido de cerca de 45 anos, assassinado nos bosques, perto de Hopfengarten, mun. de Bromberg. E' provado tambem por fotos que ficaram excluidos, da lista de perfurações de olhos todos os casos de lesões produzidas, nos olhos, por projéteis.

O mesmo se póde dizer em relação às outras espécies de mutilações. Será preciso, pois, em certos casos, satisfazer-se com depoimentos claros sobre a observação do cadáver, pouco posterior ao acto de uma desvirilização ou outra mutilação, e presumir que a averiguação objetiva se tornára impossivel devido à alteração adiantada do cadáver. Neste particular, deve-se lembrar o facto sabido que as regiões lesadas são as preferidas pelos vermes e que mais se acham sujeitas a outras alterações. Não é de estranhar, pois, que, neste caso, o exame pericial fica àquem das provas testemunhaes.

Ferimentos produzidos por instrumentos penetrantes

Poude-se constatar, frequentemente, um grupo de intervenções acessórias, independentes do ferimento mortal e de cunho puramente sadístico, isto é, ferimentos penetrantes isolados ou além dos tiros mortaes. Referimo-nos, antes de tudo, a certos ferimentos superficiaes nas paredes toracicas ou nos membros, ferimentos estes que, segundo depoimentos testemunhaes, foram frequentemente infligidos às vitimas, como que para estimulá-las, pelos soldados da escolta ou pela populaça, no caminho para a morte.

E', além de muitos outros casos, o do n.° de autópsia — Br. 56, Eduard Schuelemann, ancião de 72 anos de idade, que foi, finalmente, morto por um tiro no crâneo e profundo ferimento de baioneta pelas costas. Baionetadas foram, várias vezes, dadas em moribundos; assim, por exemplo, no n.° de autópsia — Br. 27, homem desconhecido de 30 a 40 anos, com baionetada no ventre, idem o de n.° — Br. 110, Herbert Gollnik, de 38 anos. Voltaremos, abaixo, sob título diferente, a tratar de um caso de excessiva brutalidade no uso de uma arma penetrante, do assassínio de um homem, já ferido por bala, mediante 33 ferimentos penetrantes, crime este cometido por um soldado polonês pertencente à tropa regular polonêsa.

Ferimentos seguidos de longa agonia

Ressalta ainda uma brutalidade inimaginavel dos respectivos autores, do estudo das causas de morte e da duração das agonias, a qual se póde avaliar pela respectiva causa. Ficou comprovado com evidência que, em numerosos casos, os ferimentos não podiam, de modo algum, ter, como consequência imediata, a morte, e que as vítimas chegaram a falecer só depois de longo tempo, como, por exemplo, no caso de uma perfuração do pulmão por bala que teria sido acessivel à cura, sem grandes dificuldades. O mesmo se póde afirmar em relação a vários casos em que se tratava, simplesmente, de lesões nos membros, complicadas pela rutura, de ramificações de artérias, de maior ou menor importância. Neste particular, chamamos a atenção para o foto relativo ao n.° de autópsia — Br. 46, Artur Radler, de 42 anos de idade, onde se trata de um tiro no pescoço que não era necessàriamente mortal. O assassínio definitivo deu-se depois de mais de sete horas, por um tiro na cabeça, e depois de terem sido impedidos os parentes de socorrerem a vítima. Não são muito diferentes os casos dos fotos relativos aos ns. de autópsia — Br. 100, Kurt Beyer, de 10 anos de idade, que, com duas perfurações insignificantes dos pulmões e com um braço esmagado, viveu ainda, no mínimo, umas doze horas, passando toda a noite, em campo aberto, até a manhã seguinte, e, semelhantemente, o do n.° de autópsia — Br. 110, Wilhelm Gollnik, de 38 anos de idade, cujo assassínio se realizou em várias secções à vista da mulher da vítima, prolongando-se por mais de nove horas.

"Tiros de misericórdia"

Em outros e numerosos casos, os autores deram, no corpo das vítimas estendidas no chão, "tiros de misericórdia", conforme, em todos os casos, se poude constatar pelo curso fortemente ascendente ou descendente dos respectivos trajetos do projétil. Constatou-se que, em princípio, o "tiro de misericórdia", como era dado, não correspondia à sua finalidade própria que é a de matar ligeira e imediatamente. Ao contrário, é inegavel que os tiros desfechados sobre as vítimas estendidas no chão serviam para satisfazer instintos tendentes a atormentá-las, pois não eram dados no coração ou no cérebro, e sim, indistintamente, em qualquer parte do corpo. São dignos de nota ferimentos frequentemente encontrados produzidos por tiros dados na região glútea, na proximidade do anus, penetrando profundamente no corpo. Supondo que os autores que eram, nos respectivos casos, soldados polonêses, tenham tido algumas noções da arte de atirar, e levando em conta a frequência dos casos, o observador tem a impressão que a pontaria era feita, sistemàticamente e com intenção, no anus do "hitlerowiec" moribundo. Acham-se reproduzidos dois casos desses ferimentos, pertencentes ao mesmo grupo de assassínios, no foto relativo ao n.° de autópsia — Br. 95, Erich Schmiede, jardineiro, de 43 anos de idade, e n.° de autópsia — Br. 101, Berthold Rabisch, de 64 anos de idade, havendo grande número de casos idênticos protocolados nos laudos periciaes.

Algemas

Facto importante e frequentemente constatado é o de prenderem as vítimas por meio de algemas, como se deu com tres pessoas pertencentes a um grupo de assassínios, composto de sete pessoas da casa do padre protestante Kutzer, situada no subúrbio Bromberg-Jaegerrof, foto á pag. 280, n.° de autópsia — Br. 115, Richard Kutzer, de 73 anos; foto relativo ao n.° de autópsia — Br. 118, Herbert Schollenberg, de 14 anos; e n.° de autópsia — Br. 119, Hermann Tetzlaff, de 51 anos de idade. Nestes casos trata-se de algemas simples, constantes de laços e nós dados com cordões finos. Em vários outros casos, como se vê no foto relativo ao n.° de autópsia — Br. 67, Albrecht Schmidt, de cerca de 45 anos de idade, as algemas foram providas de cordões compridos para conduzir, puxar e arrastar as vítimas. No grupo de assassínio coletivo de Jesuitersee, do qual voltaremos a tratar abaixo, achavam-se não menos de 12 vítimas amarradas em longa fila por meio de cordões usados para segurar bezerros.

Se êsses processos de algemar se distinguem, sobretudo, pela brutalidade psíquica, especialmente, quando empregados em anciães e menores, outro processo descoberto num caso recente n.° de autópsia — Br. 124, Wilhelm Sieg, de 43 anos de idade, lavrador em Feyerland, se apresenta como um método sadisticamente calculado que faz parte do próprio assassínio físico. Esse infeliz achava-se algemado, com uma rêdea de cavalo, de maneira tal que as mãos ficavam seguras nas costas formando a rêdea, a partir das mãos, em distância mínima, um laço em volta do pescoço. Segundo foi verificado pelas investigações da polícia criminal e pelo exame dos médicos legistas, Sieg foi arrastado um bom pedaço pelo chão, servindo o enlaçamento torturante para puxá-lo, sendo, depois, morto, em decúbito, com um tiro de fuzil (1).

---

(1) Nem sempre se poude decidir, com toda a segurança, entre tiros de fuzil e de pistola, visto que, até o presente, não existem, no mundo civilizado, dados seguros relativos ao efeito de tiros de fuzil sôbre menores, e, principalmente, relativos ao efeito sobre a estructura óssea. Ha indícios de certos efeitos divergentes dos comuns, efeitos que serão elucidados cientificamente à vista do triste material colhido ultimamente.

Seriação das vítimas conforme as idades. Assassínio de aleijados, mutilados e doentes

Merece estudo especial o conjunto das vítimas quanto às idades e aos graus de sanidade. Mediante as autópsias foram examinados assassínios praticados em crianças de 4 mêses até anciães de 82 anos de idade. Embora não se recomende a exploração estatística do material comprovante por motivos acima expostos, é indispensavel fornecer aqui alguns dados numéricos para evitar que surja a suposição de que nesses assassínios de crianças e menores se trate de uns casos isolados, se bem que lamentáveis.

Entre os casos autopsiados encontram-se os seguintes menores:

	N.º corrente	*N.º de autópsia*	*Nome e idade*	*Morto por ?*
1.	27	Br. 129	Egon Berger, 4 mêses	granada de mão.
2.	25	P. 29	Kurt Schmolke, 1 1/4 anos..	tiro, prov.^{te} de fuzil.
3.	21	Br. 76	Erhard Prochnau, 3 anos ...	tiro de pistola.
4.	—	Br. 59	Gisela Benz, 4 anos	tiro, prov.^{te} de pistola.
5.	24	Br. 74	Walter Busse, 7 anos	tiro, prov.^{te} de pistola.
6.	22	Br. 60	Guenther Benz, 9 anos	tiro de fuzil.
7.	23	Br. 100	Kurt Beyer, 10 anos	1 tiro de pistola, 1 ferimento de bala, superficial, 1 tiro de fuzil.
8.	—	Br. 66	Heidelies Tetzlaff, 11 anos ..	2 tiros, prov.^{te} de pistola.
9.	—	Br. 94	Else Jannot, 12 anos	2 tiros de fuzil.
10.	—	Br. 70	Gerhard Pijan, 12 anos	tiro de fuzil.
11.	26	Br. 118	Herbert Schollenberg, 14 anos	1 tiro de pistola, 1 de fuzil.

Seguem menores de 15, 16, 17 e 18 anos de idade.

O facto que, exprimindo em termos bíblicos o máximo grau de brutalidade, "nem o fruto do ventre materno foi poupado", é demonstrado pelos fotos comprovando os casos número de autópsia — Br. 112, Frau Sonnenberg, e o número de autópsia — Br. 127, Frau Kempf, uma e outra estando no fim do período de gravidez quando foram assassinadas por soldados polonêses. — No caso do n.º de autópsia — Br. 127, Frau Kempf, ha argumento bastante para assegurar que o parto teve inicio ainda em vida da vítima. Que nem aleijados, mutilados, doentes e anciães escaparam ao assassínio, é facto muitas vezes constatado. Assim, achavam-se, entre seis pessoas que foram assassinadas numa leva de internados, perto de Rózepole (família Schmolke e vizinhos, ns. de autópsia — P. 28-33), dois homens portadores de próteses, um dêles com prótese da perna, o outro com duas próteses (foto relativo ao número de autópsia — P. 32. Foram mortos tambem, em Bromberg e seus arredores, várias pessoas de pernas amputadas e de outra forma impedidos, como no caso do n.º de autópsia — Br. 85, Gustav Schubert, de 65 anos, que sofria de adiantado grau de curvatura da coluna vertebral; n.º de autópsia — Br. 104, Paul Pistrowski, de 55 anos, portador de um aparelho protético na perna direita; número de autópsia — Br. 126, Paul Lepczynski, de cerca de 50 anos, portador de alta perna artificial; n.º de autópsia — Br. 110, Wilhelm Gollnik, de 38 anos, gravemente lesado no crâneo em consequência de uma machadada recebida por ocasião de uma tentativa de homicídio praticada, ha dez anos, por polonêses; e ainda o n.º de autópsia — Br. 78, Emanuel Hemmerling, de 35 anos, sofrendo de grave tuberculose em ambos os pulmões e, por êsse motivo, libertado, pelos próprios polonêses, de qualquer serviço extraordinário.

No que concerne às idades mais avançadas de pessoas asssassinadas, é apenas um acaso o limite de 82 anos constatado entre as vítimas autopsiadas (Gustav Behnke, n.º de autópsia — Br. 65, do grupo de Eichdorf-Netzheim; é sabido que outras comissões oficiaes, incumbidas de investigações, constataram o assassínio de pessoas ainda mais idosas em outros lugares.

As armase empregadas

Como resultado final de máxima importância dos exames periciaes, chega-se à conclusão que não são as brutalidades deshumanas de ordem física e psíquica, demonstradas indubitàvelmente pelas autópsias, que devam ser qualificadas como as mais impressionantes. Maior importância deve-se atribuir ao facto que, na grande maioria dos casos submetidos à autópsia, foi verificado o emprêgo de armas militares como instrumentos mortaes, sendo que, em quase todos os casos, se trata de fuzis militares, ocasionalmente de pistolas, raras vezes de granadas de mão. Esse facto ficou comprovado por vários projéteis encravados e estilhaços, que puderam ser retirados, em cerca de 50 casos, dos cadáveres examinados. No que toca, especialmente, aos tiros de fuzil, a prova para o emprêgo de fuzil militar dispensa a existência de projéteis sôbre a estrutura óssea e, sobretudo, a do efeito hidrodinâmico da rutura do crâneo nos casos de perfuração do crâneo.

Portanto, deve-se designar, nessa tentativa de aniquilar a minoria alemã na Polônia, como arma assassina predominante, o fuzil militar polonês. O médico legista precisa pôr em devida evidência esse facto constatado nos cadáveres, visto que póde ser de utilidade às respectivas autoridades para descobrirem e comprovarem a organização dos assassínios em massa. Os assassínios praticados com armas ocasionaes, cacetes e facas, pertencem às exceções. Não se tratou, no presente caso, de assassínios praticados com armas ocasionaes, como o criminoso, que agisse por conta própria, a encontrasse em qualquer cerca de jardim, e sim com armas de fogo de alta eficiência.

Quanto às pistolas, não se póde, em casos isolados, mesmo por projéteis encravados, tirar conclusões tão seguras como em relação a fuzis militares. Poude-se, entretanto, nos ns. de autópsia — Br. 48, Fritz Radler; Br. 98 e Br. 99, Heinz e Friedrich Beyer, pela simples inspeção dos projéteis encravados, reconhecer o revólver de marca Nagan como arma usada, isto devido à forma característica do projétil. Mas, o revólver Nagan era artigo do comércio livre, de maneira que a prova do facto de seu uso não basta para demonstrar a culpabilidade de um determinado grupo de autores ou de organizadores. Deve-se lembrar, porém, uma circunstância bem significativa: Todos os projéteis de armas de mão, recolhidos do material comprovante de Bromberg, ao todo 10, são projéteis de camisa de aço; correspondem, portanto, a modernas armas de fogo manuaes de alta eficiência, sendo que, três casos, ao revólver Nagan; nos outros, a pistolas automáticas. Projéteis de chumbo, como os que correspondiam a todos os revólveres de tambor, não foram encontrados. Sería errôneo supôr que, por acaso, todas as perfurações tenham sido produzidas por projéteis de chumbo, pois, sabe-se, pela experiência, que são justamente os antigos revólveres de tambor que deixam, quase sem exceção, os projéteis encravados. Está-se, por conseguinte, diante o facto de que as armas de fogo manuaes, usadas, são todas modernas e de alta eficiência, e isto em um país, em que a população não conhece, nem pelo nome, os aparelhos modernos de outros ramos. Este resultado dos exames periciaes deverá interessar a quem tiver que estudar a questão da organização dos massacres.

Trata-se de execuções no caso dos massacres de populares alemães?

Tarefa de importância especial constituiu para os médicos legistas o exame de cada caso isolado ou de grupos de assassínios, com o fim de verificar se os dados obtidos permitiam considerar o assassínio como acto de justiça marcial, como uma execução.

Fica entendido que, neste estudo, nem se discute em que actos consistiriam os crimes contra milhares de pessoas, entre elas crianças de 4 mêses, para merecerem a pena máxima.

O estudo objetivo dos casos demonstra o seguinte:

E' verdade que foram verificados ferimentos no sentido de uma execução, isto é, tiros que acertaram o corpo em pé e dados por um atirador igualmente em pé, sendo a vítima ferida, de modo típico, pela frente ou pelas costas, na cabeça ou no tronco. Referem-se, regualrmente, àqueles casos em que uma pessoa só ou pequeno grupo de pessoas foram presas em sua residência, sendo colocadas à parede". Esta espécie de tiros foi constatada, com grande frequência, no caso dos massacres, detalhadamente estudados pela polícia criminal, praticados na comuna de Eichdorf-Netzheim, onde foram assassinadas 38 pessoas pertencentes à minoria alemã, das quaes foram autopsiadas 36. Embora, aí, se assemelhem os ferimentos aos que são típicos para execuções por tiro, não se pode dá-los como executados de acôrdo com a praxe da justiça marcial, levando-se em consideração a composição do grupo de vítimas, em que se encontravam não menos de sete menores, de 3 a 13 anos de idade, e 12 mulheres, de 16 a 80 anos de idade, e, entre os homens, poucos em idade própria para prestarem serviço militar, vários doentes e anciães.

Outro grupo numoroso de assassínio coletivo, tambem estudado detalhadamente pela polícia criminal, o massacre de 39 populares alemães em Jesuitersee, perto de Bromberg, dos quaes 38 autopsiados, poderia, com maior probabilidade, passar como execuções segundo a lei marcial, em vista da composição do grupo. Trata-se, aqui, exclusivamente, de homens, de 17 a 58 anos de idade, se não falha a averiguação das idades. A idéa de tratar-se, neste caso, de um acto legal, póde surgir com razões tanto mais fundadas quanto o grupo designado foi preso por civís e militares, sendo entregue a uma tropa regular polonêsa e morto por esta.

Mas o exame dos cadáveres ensina o seguinte: Não houve execução. Foi uma verdadeira matança sem ordem, nem regra, de pessoas indefesas, das quais, ainda, 12 se achavam amarradas, umas às outras, por meio de cordões usados para prender bezerros.

Fez-se uso de armas de fogo e perfurantes; quatro homens foram assassinados sòmente com armas perfurantes; treze homens, com armas perfurantes e de fogo. Em um caso, um homem, deitado por terra, por um ferimento superficial de pistola, na cabeça, recebeu 33 ferimentos penetrantes produzidos por baioneta ou punhal (foto à pag. 278, n.° de autópsia — Br. 23, Willi Heller, de 19 anos de idade). Moribundos foram, em vários casos, feridos a baioneta, assim o de n.° de autópsia — Br. 27, homem desconhecido, de cerca de 30 anos, que fôra abatido por um tiro no pulmão. Os ferimentos, acima classificados como servindo "de estimulo", ferimentos superficieas sem nenhuma gravidade foram observados em tres casos. — Duas vezes no n.° de autópsia — Br. 18, Max Probul, de 35 anos, e no caso do n.° de autópsia — Br. 27, homem desconhecido, de cerca de 35 anos, tratava-se de ferimentos nos olhos.

O total dos ferimentos penetrantes constatados em todos os 38 cadáveres examinados, ascende a não menos de 69.

Merecem menção especial, ainda, os ferimentos produzidos por armas de fogo. Verificaram-se, nos 34 casos que restam depois de descontados os mortos por ferimento penetrante, 98 tiros. O maior número de ferimentos diretos por tiro, em um caso, atinge a 5. Em grande número de casos, as vítimas receberam os tiros quando elas estavam deitadas, de maneira que nem se precisa aventar a idéa de que um ou outro tiro tenha sido dado com a intensão de abreviar os sofrimentos da vítima. Para os muitos casos em que a vítima, deitada ou em pé, era ferida por tiros, vale o que acima foi dito: não se tratava de tiros de misericórdia, isto é, de tiros dados com a intenção de matar, e sim de maltratar. A vileza, acima exposta, de dar tiros na região glútea dos moribundos, é constatada quatro vezes no presente grupo. Outros ferimentos merecem menção especial, são os produzidos por projéteis em ricochete, isto é, ferimentos produzidos por partes dos projéteis partidos ao baterem em qualquer objeto, em muitos casos, provavelmente, no corpo de um vizinho. Foram encontrados taes ferimentos em dez vítimas. Um dos assassinados, o n.° de autópsia Br. 31, Ernst Kolander, de 27 anos, foi ferido, exclusivamente, por taes projéteis em ricochete, em 15 regiões diferentes do corpo, sem ser atingido por um único tiro apontado. Estes ferimentos são as testemunhas mudas de tiroteios desregrados sobre os grupos de vítimas reunidas à força, facto este que, por si só, bastaria para rejeitar qualquer possibilidade de falar em execuções de acôrdo com dispositivos legaes. Deve-se, ainda, chamar a atenção para o facto que dos 98 tiros, não menos de 15 são de pistola. Como ficou dito acima, não foram raros os tiros de pistola constatados tambem em outros grupos de assassínios. Mas, no caso presente, pertencendo os autores a uma tropa regular polonêsa, é permitido deduzir, com absoluta certeza, que entre os assassinos se achavam oficiaes ou militares de destaque, porque só êles é que usam pistola, circunstância notavel quanto à questão da organização dos crimes.

Seja dito, ainda, para completar o aspecto geral, que, na carnificina de Jesuitersee, não se fez uso sòmente de armas de fogo e penetrantes, mas ainda de instrumentos obtusos, evidentemente, de coronhas conforme o exame pelo qual foram constatados 3 casos de fraturas do crâneo, 2 casos de fraturas de costelas e um caso de fratura do úmero.

Chega-se a uma conclusão realmente aterradora, estudando, no presente grupo de assassínios, a questão da mortalidade dos ferimentos e da duração da agonia dos assassinados. Em 21 casos, apenas, dos 38 assassinados, póde-se presumir que tenham sido feridos de maneira a morrerem imediatamente, de tiros no crâneo com efeito esmagador, tiros ou ferimentos penetrantes abrindo o coração ou as grandes artérias na proximidade do coração. Nos restantes 17 casos, trata-se de perfurações de pulmões, lesões de membros, perfurações da medula espinhal ou lesões de crâneo de menor gravidade, de sorte que, em nenhum desses casos, se póde aceitar a hipótese de uma morte instantânea, sendo provavel que as vítimas tenham sobrevivido, por várias horas, a hora de seu ferimento. Ora, segundo as investigações da Comissão Especial da Polícia Criminal, é de presumir que os autores tenham jogado as vítimas, do trapiche, na água rasa do lago, atirando, de novo, sobre as que ainda davam sinaes de vida. E' possivel, pois, que o sofrimento de um ou outro daqueles infelizes tenha sido abreviado pela morte por afogamento. De outro lado deve-se ponderar se se pode considerar como execução a morte provocada sob taes circunstâncias, pois, não pode haver dúvidas, que uma execução legal não comporta o afogamento, como não permite nem baionetadas, nem punhaladas. Resumindo os resultados isolados dos exames periciaes relativos ao grupo de assassínios de Jesuitersee, chega-se à conclusão que, aqui, não se trata de execuções, conclusão esta que está plenamente confirmada pelas averiguações da Comissão Especial da Polícia Criminal. Trata-se, ao contrário, de assassínios praticados da maneira mais vil, com uma brutalidade que, nem na história dos crimes capitaes comuns, se acha registrada com frequência.

Para o exame relativo à responsabilidade pela organização dos crimes, parece que será de máxima importancia a verificação da cooperação e, assim, da responsabilidade diretora dos oficiais polonêses, pela constatação múltipla de tiros de pistola.

IV — RESUMO

Os exames periciaes procedidos, pelos médicos legistas, durante a autópsia de cerca de 250 cadáveres de populares alemães, vítimas do terror sanguinário polonês, isto é, de uma parcela diminuta do número total de vítimas, demonstram que, foram assassinados, sem distinção, pessoas de todas as idades desde quatro mêses até 82 anos, não sendo poupadas nem mulheres em adiantado estado de gravidez.

Ficou provado que os assassínios foram praticados com a maior brutalidade e que, em numerosos casos, as vítimas ficaram sujeitas a influências de cunho puramente sadístico; que, em particular, foram constatados ferimentos penetrantes em olhos e que outras mutilações, levados em conta os depoimentos de testemunhas, se apresentam como bem prováveis.

Os métodos por que se realizaram os assassínios, deixam entrevêr, em muitos casos, processos calculàdamente torturantes, de ordem física e psíquica, merecendo menção especial vários casos de matança prolongada por horas e de um lento "deixar morrer".

Como facto mais importante e comprovado, apresenta-se o de terem os assassínios sido praticados, apenas excepcionalmente, com armas ocasionaes, cacetes, facas, etc., e de terem, ao contrário, os autores estado munidos, em geral, de armas modernas e de alta eficiência, fuzís militares e pistolas. Digno de nota é ainda a prova pormenorizada de que, em caso algum, houve execução obedecendo às normas exigidas para tal acto.

Bromberg, 13 de Novembro de 1939.

BR. 118 (1).
Caixão marcado: — Herbert Schollenberg, 14 anos.

A) Exame externo

1) Cadáver de um menino franzino, de 148 cm. de comprimento.

2) As mãos amarradas nas costas por um laço simples, munido de um laço de duplo nó, barbante comum de cêrca de 0,4 cm. de grossura, pouco engrossado por imbebição (foto).

3) Adiantado estado de putrefação. Epiderme esfolavel, ficando, até, partículas presas nos dedos das luvas. Em vários lugares amolecimento superficial do corium com fundo desigual (evidentemente produzido por vermes), assim em várias zonas, de tamanho da palma da mão, da aponevrose epicraneana, e ainda no queixo e em vários pontos dos membros. Em outras partes, o corium de um cinzento sujo até um cinzento esverdeado, em certos trechos sêco e de côr trigueirinha.

4) Cabelo até 4 cm., de um louro médio.

5) Aponevrose epicraneana ilesa, exceto a parte destruida por vermes, idem a pele do rosto e do pescoço.

6) Glcbos oculares recaidos e contraidos.

7) No lado direito da parte superior do torax, imediàtamente abaixo do terço lateral da clavícula, 124 cm. acima da planta do pé, a 8 cm. à direita do centro, um orifício quase circular em partes moles, de cerca de 0,6 cm. de diâmetro entre a reta unindo os mamilos e a reta unindo as axilas na frente (foto).

8) Perpendicularmente abaixo do orifício mencionado, em cima da 4.ª costela, a 112 cm. acima da planta do pé, a 8 cm. à direita do centro, um orifício semelhante, tambem circular e de 0,6 cm. de diâmetro (foto).

9) Ventre com superfície ilesa, idem partes genitaes e extremidades, enquanto a ação dos vermes não tornou impossivel o exame.

10) No dorso, do lado esquerdo acima da região da espinha da omoplata, a 117 cm. acima da planta do pé, a 7 cm. à esquerda do centro, uma lacuna irregularmente oval em partes moles, de 3 para 2 cm., sendo o diâmetro maior o vertical; bordas lcbadas; sua juxtaposição diminue o orifício, dividindo-o, alusivamente, em uma metade superior e outra inferior (foto).

11) Do lado direito do dorso, na réta escapular, acima da metade superior da omoplata, a 120 cm. acima da planta do pé, a 8 cm. à direita do centro, um orifício irregularmente arredondado de 0,8 cm. de diâmetro (foto).

B) Exame interno

I. *Cavidade craneana*

12) Paredes moles e ósseas, ilesas.

13) Cérebro amolecido pastoso, de um verde sujo.

---

(1) Para demonstrar a meticulosidade com que os médicos legistas se desempenharam de sua tarefa, vai reproduzido aqui o anexo do n.º de autópsia — Br. 118 (ORW. H. S. In) (vide foto à pag. 304).

14) A partir do orifício em partes moles abaixo da clavícula direita, existe um canal, do diâmetro de um lápis, atravessando o grande músculo peitoral e o tecido das secções internas do côncavo axilar direito, para trás até a musculatura subescapular, passando através a omoplata por um orifício circular de cerca de 0,8 cm. de diâmetro, alcançando o pequeno orifício em parte mole, do lado direito do dorso. Vasos axilares ilesos. Do orifício na omoplata, o qual fica a cerca de 1 cm. da aresta interna e a 1,5 cm. abaixo da espinha, partem para a direita em direção ascendente e descendente várias linhas de rutura; as partes ósseas atingidas pelas linhas de rutura acham-se, em parte, recurvadas para trás, um pouco para fóra do plano.

O canal forma uma réta, levantando-se um pouco a omoplata e abaixando o canto da articulação, conforme resulta pelo modo como estavam amarados os braços do menor.

15) Mais outro canal é constatado entre o orifício inferior do lado direito da parte anterior do torax e o grande orifício do lado esquerdo da parte posterior do torax. Tendo bem o diâmetro de um lápis, atravessa primeiro as partes moles do lado anterior do torax, penetrando, em seguida, na fenda direita da pleura através o 3.° espaço intercostal na réta que une as mamilas. A 4.ª costela foi atingida em sua aresta superior, tendo sofrido um estilhaçamento de cerca de 2 cm. de comprimento no lado interior da aresta superior.

Depois o canal perfura, com o diâmetro de um lápis, a parte superior do lobo pulmonar direito e dirige-se, através o tecido do mediastino posterior, para a coluna vertebral. Nesta secção do canal, a aorta torácica acha-se largamente rompida no fundo, de maneira que, numa extensão de 4 cm., ao menos, ficou apenas, uma faixa de cerca de 1 cm. de largura, da parede anterior. As bordas da parte rompida, irregularmente dentadas, com numerosos prolongamentos em zigue-zague e em ordem irregular, para dentro das partes ainda existentes das paredes.

Junto à coluna vertebral o canal abriu sulcos superficiaes, numa largura de dois dedos indicadores, nas secções esquerdas das 5.ª e 6.ª vértebras dorsaes. E' curioso que o grau de esmagamento dos tecidos esponjosos é diminuto. Em continuação, as secções de inserção das 5.ª e 6.ª costelas, do lado esquerdo, se acham esmagadas, cada uma numa extensão de uns 2 cm. Daí, o canal passa, na grossura de um figo, pela fenda esquerda da plêura, saindo, através a musculatura dorsal, pelo orifício nas partes moles do lado esquerdo do dorso. Nesta última secção do canal, acha-se a aresta interior da omoplata, lesada, a meia altura, numa extensão de cerca de 2 cm., em fórma de um segmento, com as bordas chanfradas para fóra e algumas linhas de rutura partindo como raios de um centro para dentro da parte subespinhosa.

16) Órgãos não mencionados da cavidade torácica e órgãos abdominaes, ilesos.

17) Não se puderam constatar alterações mórbidas nos órgãos cujo estado de conservação era regular quanto ao tamanho e conteúdo linfático.

18) Para a determinação da idade: sincondrose, de 2 mm. de largura, bem conservada, no braço. Por dentro e por fóra, suturas craneanas bem reconhecíveis. Dentadura ainda não de todo completa, definitiva (faltam os dois molares definitivos do lado direito). Os caraterísticos condizem com a indicação da idade de 14 anos.

Bromberg, 13 de Novembro de 1939.

BR. 118.

Caixão marcado: — Herbert Schollenberg, 14 anos.

Laudo provisório

I — A autópsia demonstrou a existência de dois ferimentos produzidos por tiros:

a) Perfuração a partir da fossa infraclavicular através o tecido do côncavo axilar até o lado direito do dorso, através a omoplata. Pouco efeito esmagador sobre o osso, curso levemente descendente.

b) Perfuração a partir do lado direito central do torax até a região da omoplata esquerda, ferindo a coluna vertebral e rompendo a aorta torácica; curso moderadamente ascendente.

II — Absolutamente e imediatamente mortal foi o tiro que perfurou a caixa torácica, rompendo a aorta torácica.

III — O tiro que perfurou a axila e o ombro, do lado direito, segundo o grau de eficiência, deve ser atribuido a uma pistola.

O tiro que perfurou a caixa torácica, do lado direito para o lado esquerdo do dorso, foi desfechado, segundo o grau de eficiência, com um fuzil militar. Baseia-se esta afirmação, sobretudo, no grau de rutura da aorta torácica, quando o efeito no ôsso é relativamente pequeno para um fuzil militar. Neste particular, convém chamar a atenção para o efeito de tiros de fuzil sobre os ossos de menores que poude ser estudado à vista do material fornecido pela série de assassínios de Bromberg, parecendo que as diferenças indicadas são típicas.

IV — O tiro perfurante de pistola, da fossa infraclavicular até o lado direito do dorso, póde ter atingido o corpo quando estava de pé, e sòmente na posição da cintura escapular, conforme é obrigatória devido à amarração das mãos nas costas, tal como foi constatada no cadáver.

O tiro perfurante na caixa torácica, com seu curso moderadamente ascendente, e particularmente devido à altura de 112 cm. do orifício de entrada, acima da planta do pé, só póde ter sido dado sobre a vítima deitada, a não ser que se suponha um atirador ajoelhado.

V — Chama-se a atenção, especialmente, para a amarração encontrada no cadáver e demonstrada ainda pelo curso do tiro sob I *a*. Amarração idêntica foi encontrada em mais duas pessoas do mesmo grupo.

VI — Suspensos:

a) ferimento superficial por tiro, da 4.ª costela direita;

b) ferimento superficial por tiro, da 5.ª e 6.ª vértebras dorsaes e das respectivas costelas esquerda.

c) ferimento perfurante por tiro de pistola, na omoplata direita.

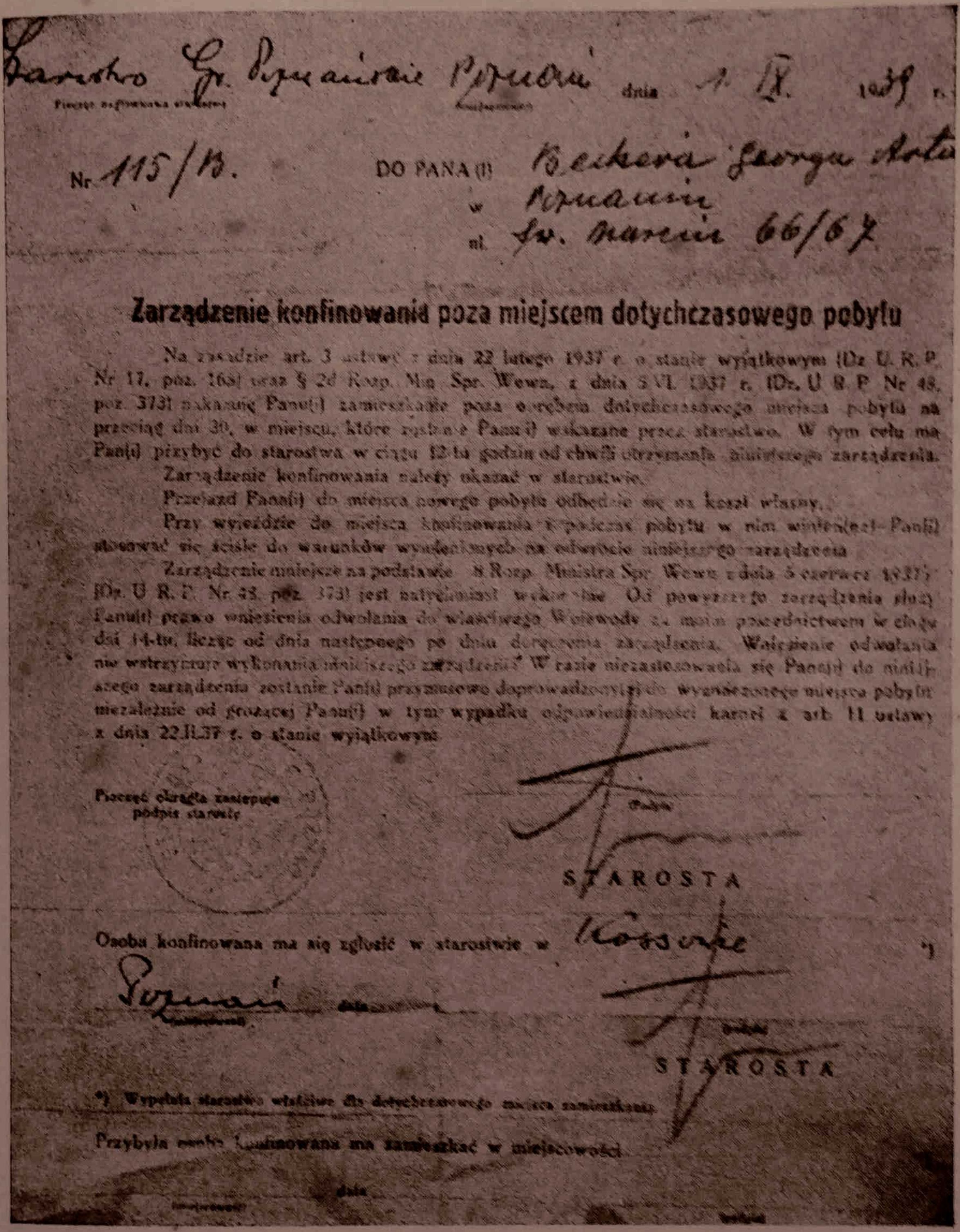
d) ferimento perfurante por tiro de fuzil, na omoplata esquerda.

e) Rutura da aorta torácica por tiro superficial de fuzil.

PANNING.

Documentos graficos

ORIGINAIS



Starostwo Gr. Poznańskie Poznań dnia 1. IX. 1939 r.
Pieczęć nagłówkowa starostwa (miejscowość)

Nr 115/B.

DO PANA(I) Beckera Georga Arto
w Poznaniu
ul. Św. Marcin 66/67

Zarządzenie konfinowania poza miejscem dotychczasowego pobytu

Na zasadzie art. 3 ustawy z dnia 22 lutego 1937 r. o stanie wyjątkowym (Dz. U. R. P. Nr 17, poz. 163) oraz § 2d Rozp. Min. Spr. Wewn. z dnia 5.VI. 1937 r. (Dz. U. R. P. Nr 48, poz. 373) nakazuję Panu(i) zamieszkanie poza obrębem dotychczasowego miejsca pobytu na przeciąg dni 30, w miejscu, które zostanie Panu(i) wskazane przez starostwo. W tym celu ma Pan(i) przybyć do starostwa w ciągu 12-tu godzin od chwili otrzymania niniejszego zarządzenia.

Zarządzenie konfinowania należy okazać w starostwie.

Przejazd Pana(i) do miejsca nowego pobytu odbędzie się na koszt własny.

Przy wyjeździe do miejsca konfinowania i podczas pobytu w nim winien(na) Pan(i) stosować się ściśle do warunków wydrukowanych na odwrocie niniejszego zarządzenia.

Zarządzenie niniejsze na podstawie § 8 Rozp. Ministra Spr. Wewn. z dnia 5 czerwca 1937 r. (Dz. U. R. P. Nr 48, poz. 373) jest natychmiast wykonalne. Od powyższego zarządzenia służy Panu(i) prawo wniesienia odwołania do właściwego Wojewody za moim pośrednictwem w ciągu dni 14-tu, licząc od dnia następnego po dniu doręczenia zarządzenia. Wniesienie odwołania nie wstrzymuje wykonania niniejszego zarządzenia. W razie niezastosowania się Pana(i) do niniejszego zarządzenia zostanie Pan(i) przymusowo doprowadzony(na) do wyznaczonego miejsca pobytu niezależnie od grożącej Panu(i) w tym wypadku odpowiedzialności karnej z art. 11 ustawy z dnia 22.II.37 r. o stanie wyjątkowym.

Pieczęć okrągła zastępuje podpis starosty

(Podpis)
STAROSTA

Osoba konfinowana ma się zgłosić w starostwie w Kościanie *)

Poznań dnia
(miejscowość)

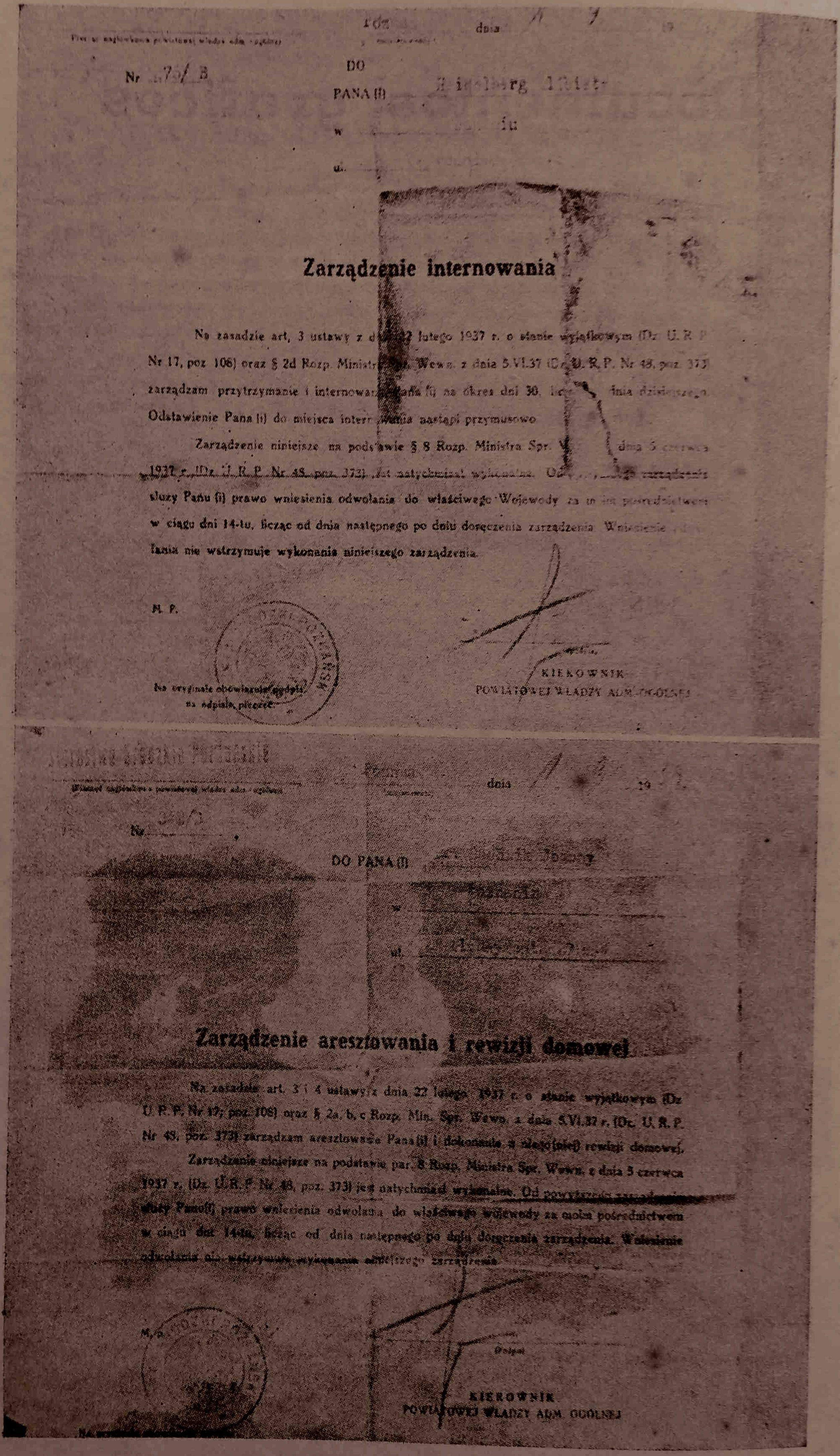
(podpis)
STAROSTA

*) Wypełnia starostwo właściwe dla dotychczasowego miejsca zamieszkania.

Przybyła osoba konfinowana ma zamieszkać w miejscowości

dnia
(miejscowość)
(podpis)

Amostra de uma das cédulas de internamento. V. pgs. 127 e 128 (Cf. texto à pg. 21)



Nr 75/B

dnia 19

DO

PANA (I) [illegible]

w

ul.

Zarządzenie internowania

Na zasadzie art. 3 ustawy z d[illegible] 22 lutego 1937 r. o stanie wyjątkowym (Dz. U. R. P. Nr 17, poz. 106) oraz § 2d Rozp. Ministra [illegible] Wewn. z dnia 5.VI.37 (Dz. U. R. P. Nr 48, poz. 373) zarządzam przytrzymanie i internowanie Pana (i) na okres dni 30, [illegible] dnia dzisiejszego. Odstawienie Pana (i) do miejsca internowania nastąpi przymusowo.

Zarządzenie niniejsze na podstawie § 8 Rozp. Ministra Spr. [illegible] z dnia 5 czerwca 1937 r. (Dz. U. R. P. Nr 48, poz. 373) jest natychmiast wykonalne. Od [illegible] zarządzenia służy Panu (i) prawo wniesienia odwołania do właściwego Wojewody za moim pośrednictwem w ciągu dni 14-tu, licząc od dnia następnego po dniu doręczenia zarządzenia. Wniesienie [illegible] łania nie wstrzymuje wykonania niniejszego zarządzenia.

M. P.

Na oryginale obowiązuje podpis, na odpisie pieczęć.

KIEROWNIK
POWIATOWEJ WŁADZY ADM. OGÓLNEJ

---

dnia 19

Nr [illegible]

DO PANA (I) [illegible]

w

ul.

Zarządzenie aresztowania i rewizji domowej

Na zasadzie art. 3 i 4 ustawy z dnia 22 lutego 1937 r. o stanie wyjątkowym (Dz. U. R. P. Nr 17, poz. 106) oraz § 2a, b, c Rozp. Min. Spr. Wewn. z dnia 5.VI.37 r. (Dz. U. R. P. Nr 48, poz. 373) zarządzam aresztowanie Pana (i) i dokonanie u niego (niej) rewizji domowej.

Zarządzenie niniejsze na podstawie par. 8 Rozp. Ministra Spr. Wewn. z dnia 5 czerwca 1937 r. (Dz. U. R. P. Nr 48, poz. 373) jest natychmiast wykonalne. Od powyższego zarządzenia służy Panu (i) prawo wniesienia odwołania do właściwego Wojewody za moim pośrednictwem w ciągu dni 14-tu, licząc od dnia następnego po dniu doręczenia zarządzenia. Wniesienie odwołania nie wstrzymuje wykonania niniejszego zarządzenia.

M. P.

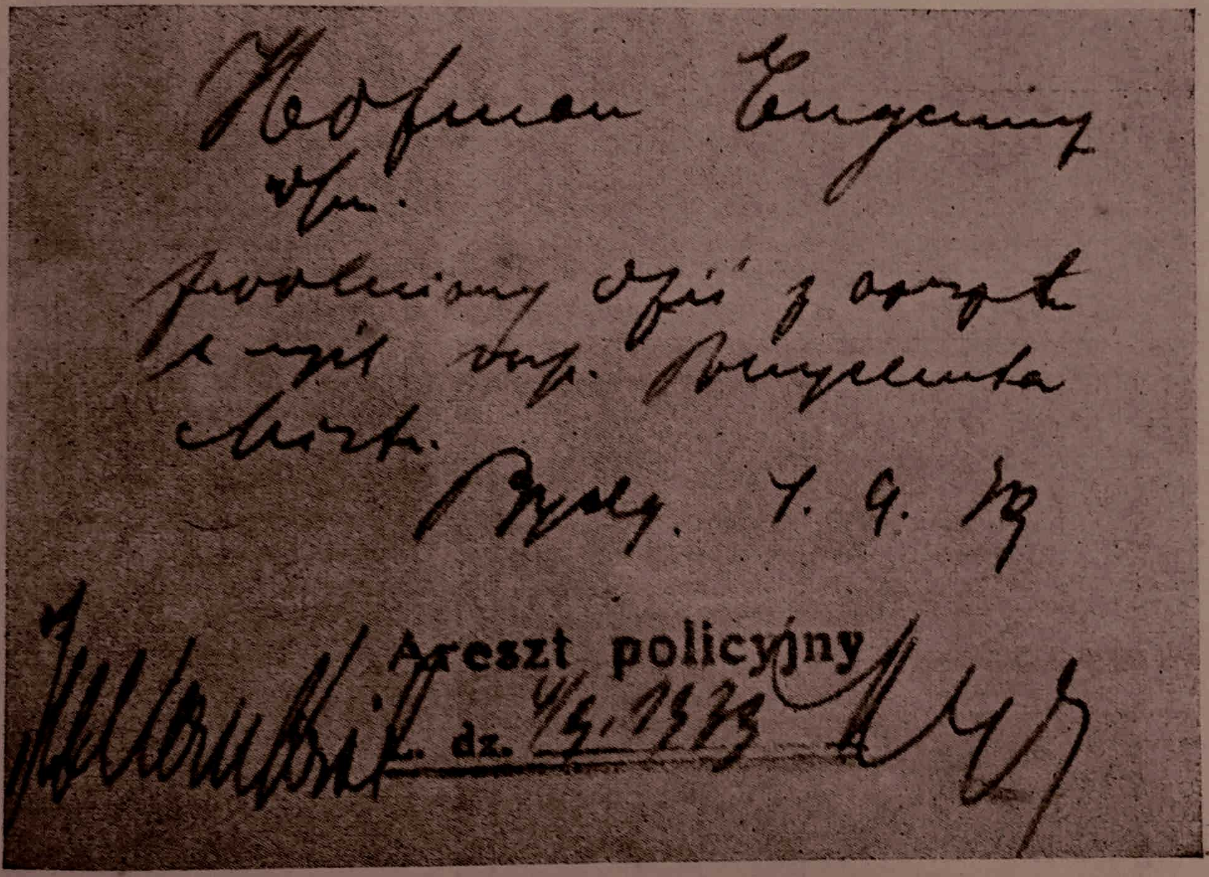
(podpis)

KIEROWNIK
POWIATOWEJ WŁADZY ADM. OGÓLNEJ

Original da cédula de internamento de D.ª Dra. Dochnik, Posen, assassinada a 11-9-1939, em Bierzwienna-Krotka.

MANDADO DE SOLTURA COM SENTENÇA DE MORTE

O texto é o seguinte: "Hofmann, Eugen, nestat, liberto da prisão de acôrdo com as disposições do Presidente do Estado. Bromberg, 4 de setembro de 1939. Carimbo: Arresto policial L. dz. 4-9-1939. Duas assinaturas ilegíveis. Segundo ficou averiguado, este mandado representa um convite às autoridades polonesas para matar o portador do mesmo. Hofmann escapou à morte porque foi ter com parentes em Bromberg, onde ficou até a entrada das tropas alemãs, sem que se pudesse descobrir seu paradeiro.

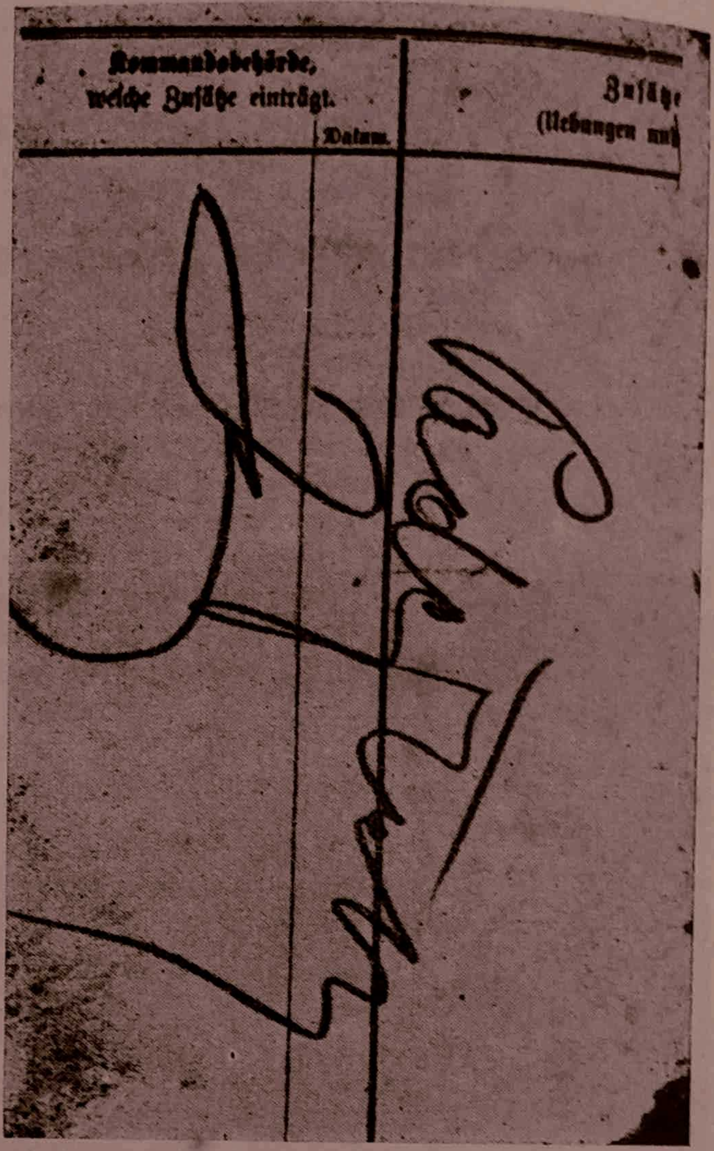


Hofman Eugeniusz
stn.
zwolniony dziś z aresztu
z myśl. zarz. Prezydenta
Miasta.
Bydg. 4. 9. 39

Areszt policyjny
L. dz. 4/9.1939

"SUSPEITOS"

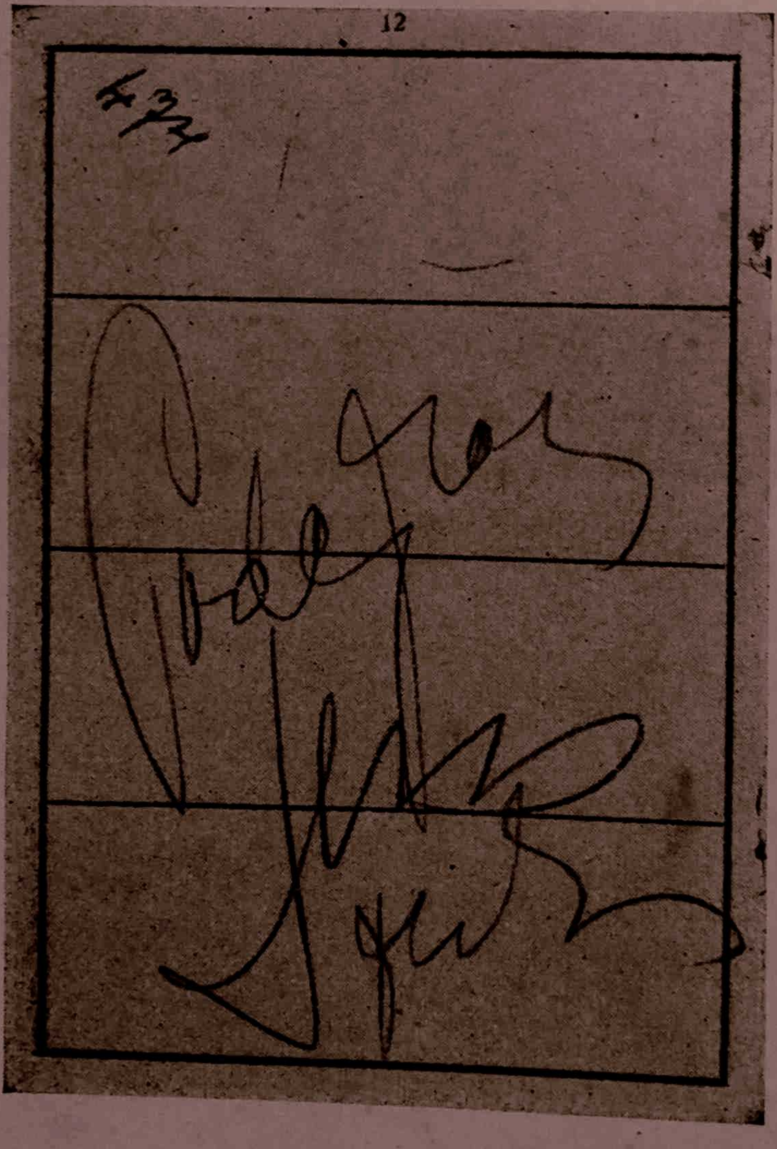
Na segunda-feira, dia 4-9-1939, apareceram, na residencia de Robert Kunde, em Bromberg, quatro soldados poloneses, que fizeram anotações na carteira de reservista de Kund e de seus filhos Richard e Wilhelm, designando os portadores como "suspeitos". Em outras páginas das carteiras fez-se a observação de que os portadores deveriam ser fuzilados.



Kommandobehörde, welche Zusätze einträgt.

Datum.

Zusätze (Uebungen und



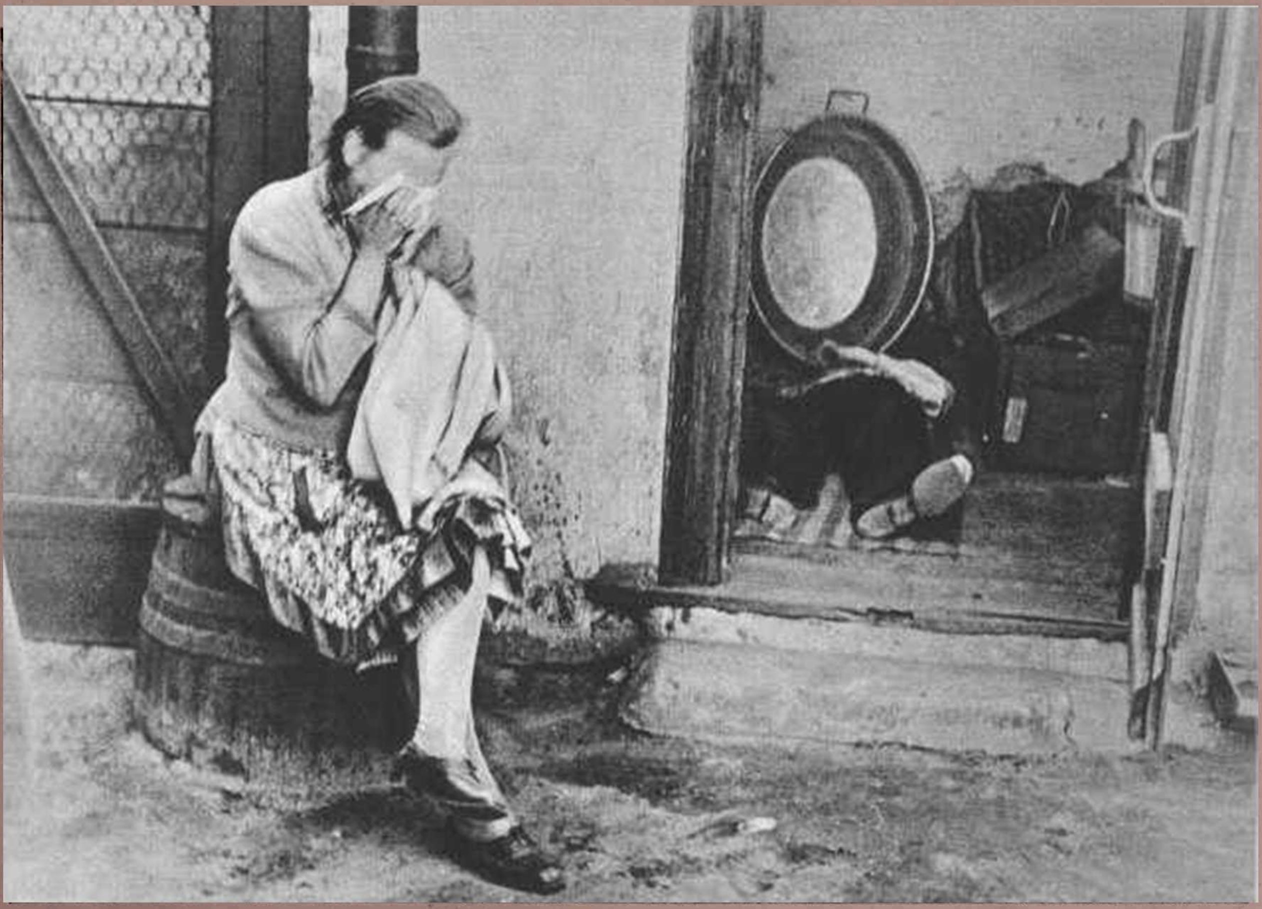
12

FERIMENTOS, MUTILAÇÕES, SEPULTURAS COLETIVAS

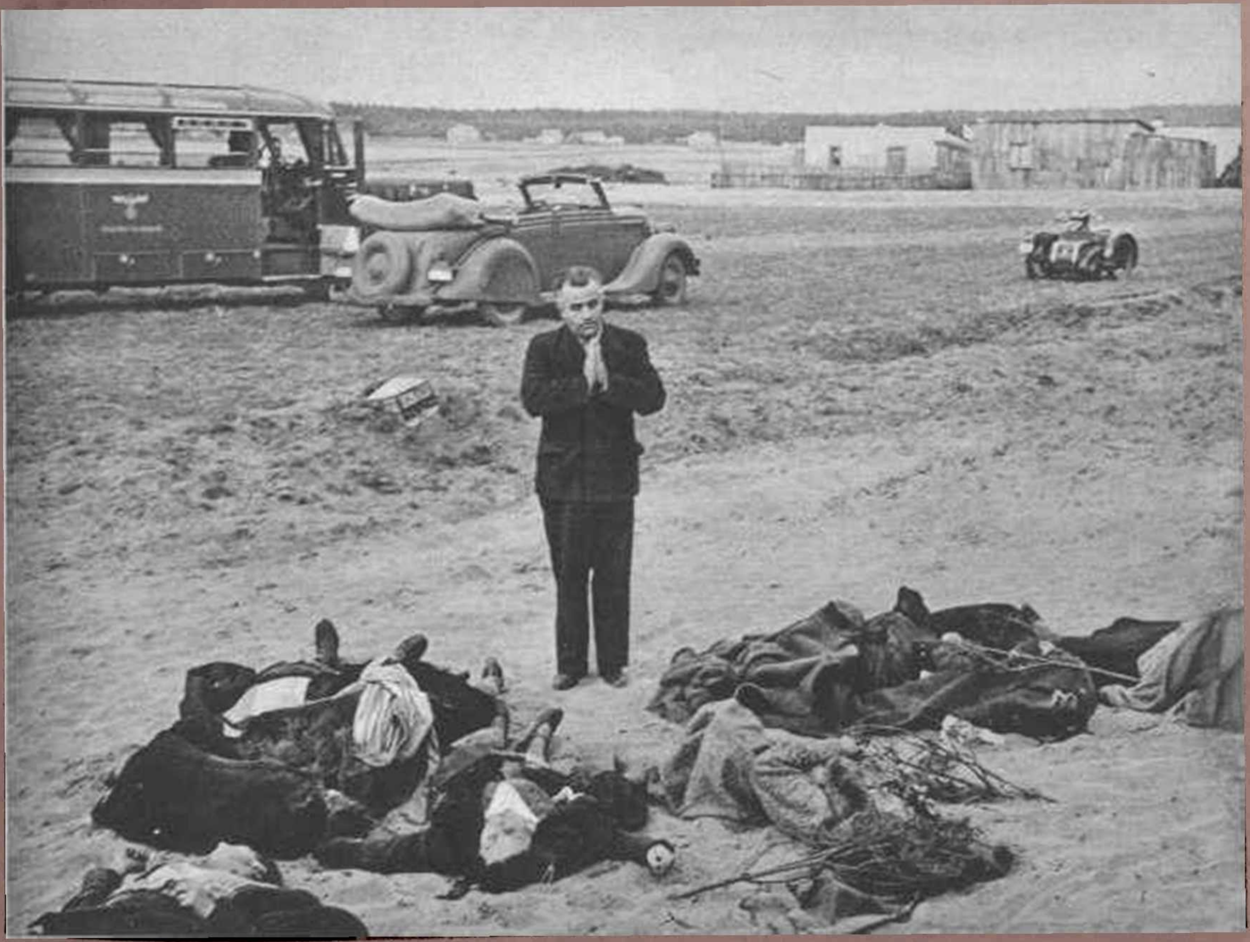
Bisavó e bisneto, os unicos sobreviventes desta familia. As gerações intermediárias foram exterminadas no Domingo da Paixão, em Bromberg.

Mãe alemã depois de reconhecer o cadaver do filho mutilado, entre outros cadaveres.

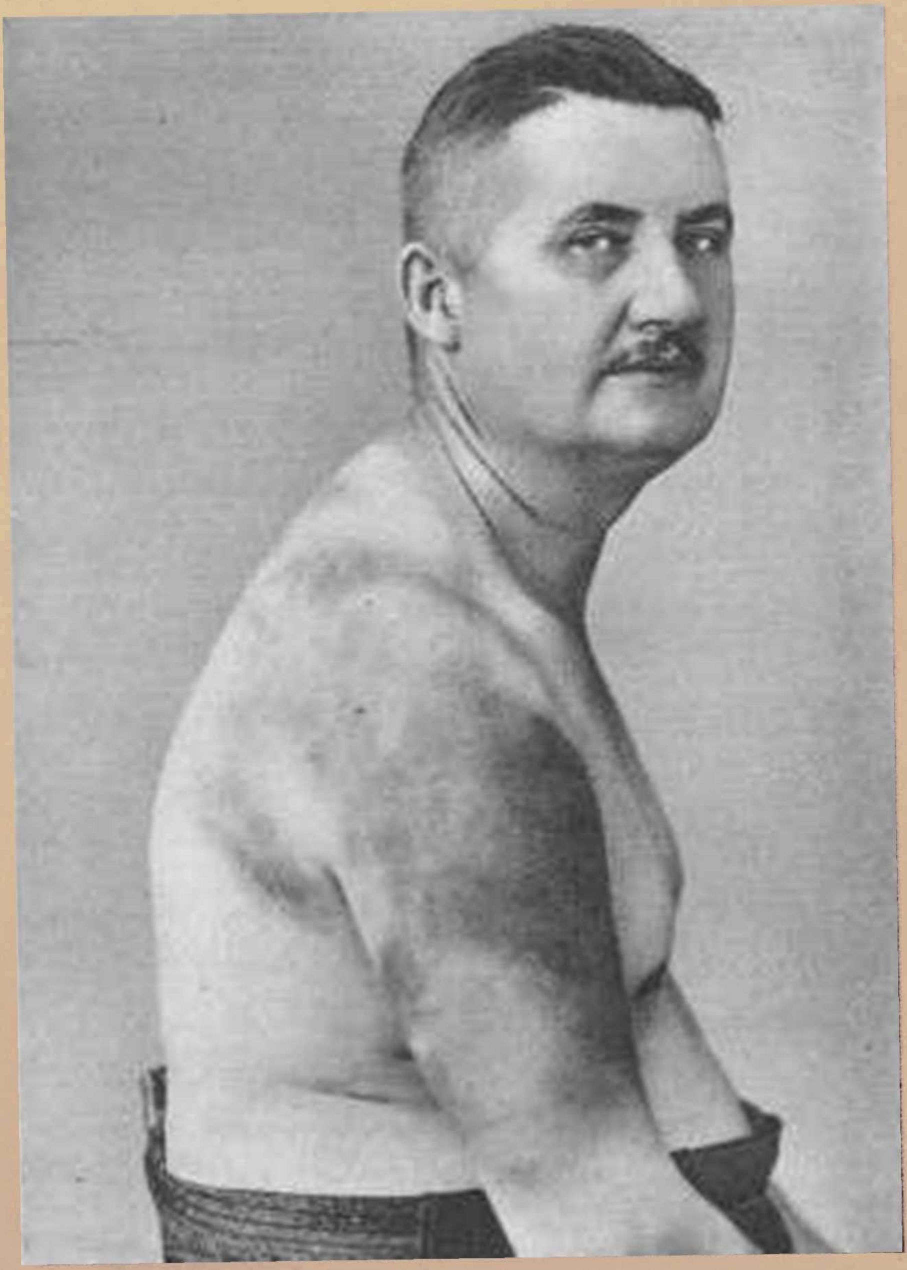
Médicos estrangeiros ouvindo a testemunha ocular Dora Radler, de 14 anos de idade, sôbre o assassínio de seu pai e de seus dois irmãos. Da esq. para a direita: Dr. Espinosa (Chile), Dr. Karellas (Grécia), Eng. dipl. Santoro (Itália), Dr. Faroqhi (India), Dr. Ohanion (Pérsia).



Mulher alemã, junto ao cadaver do marido assassinado.

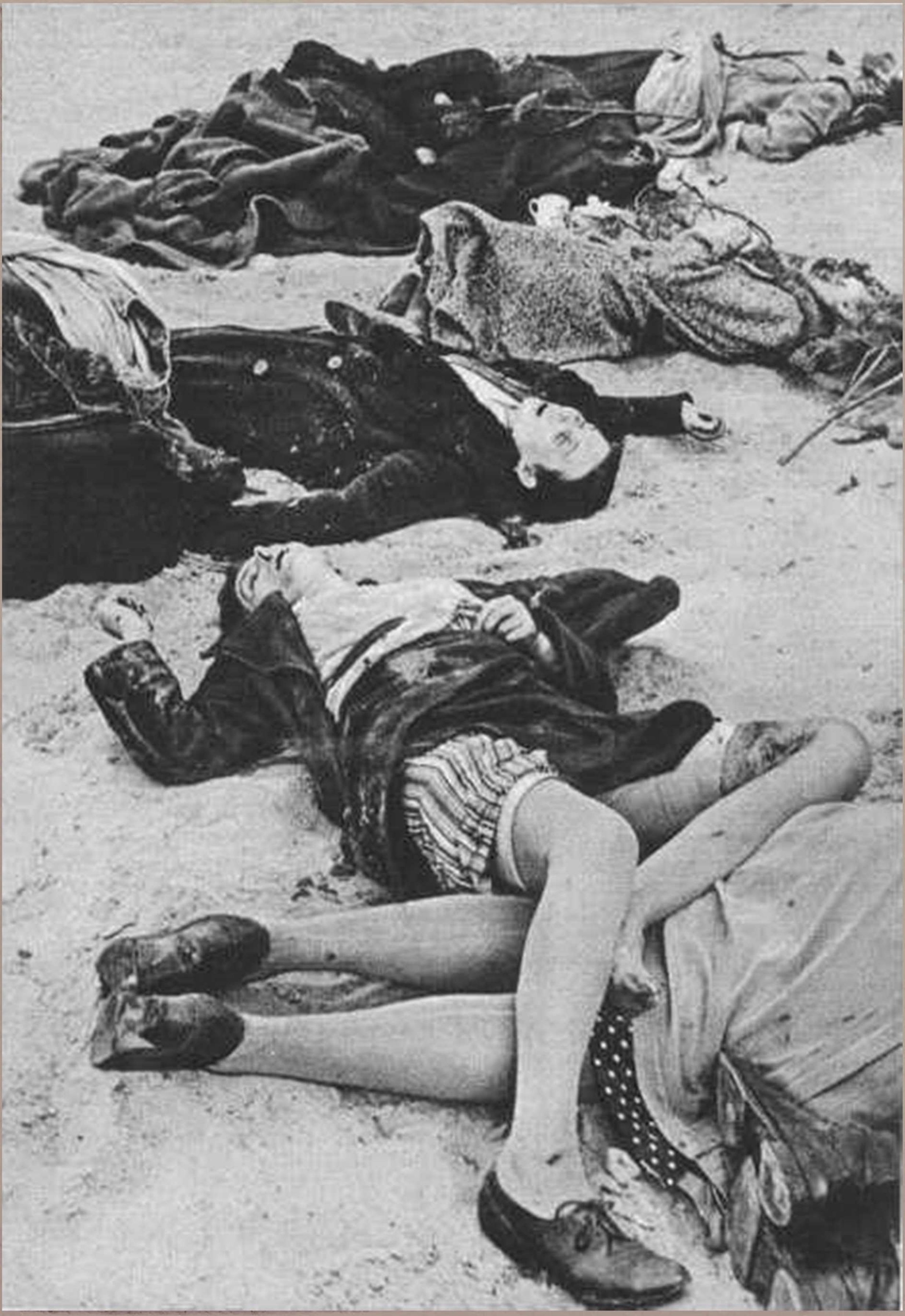


O cura católico alemão da Igreja Coração de Jesus de Bromberg, rezando junto aos cadaveres de populares alemães de Bromberg.

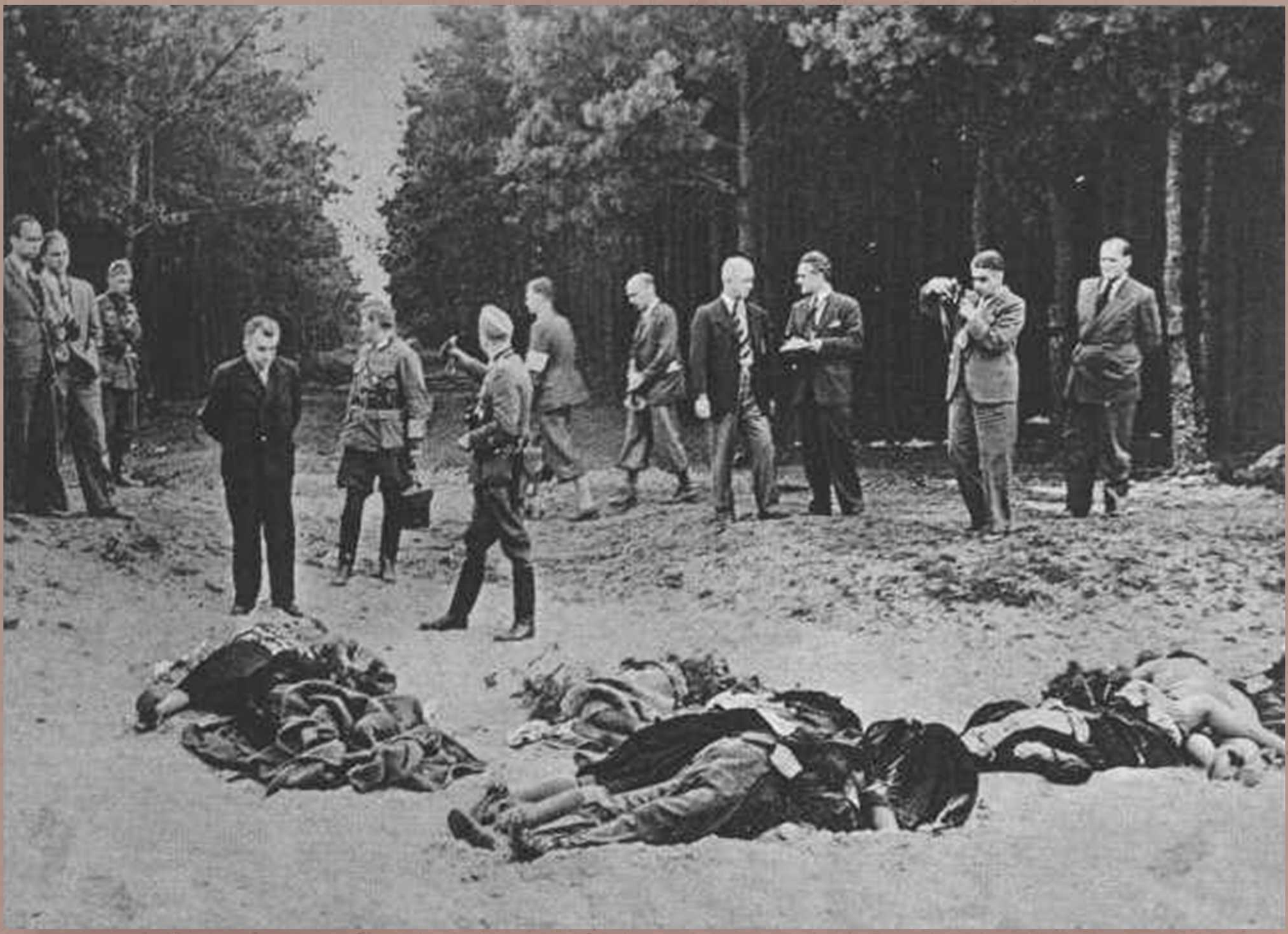


O ferreiro Gottfried Schubert, de Bromberg, brutalmente espancado (a chapa foi batida dez dias após o espancamento).

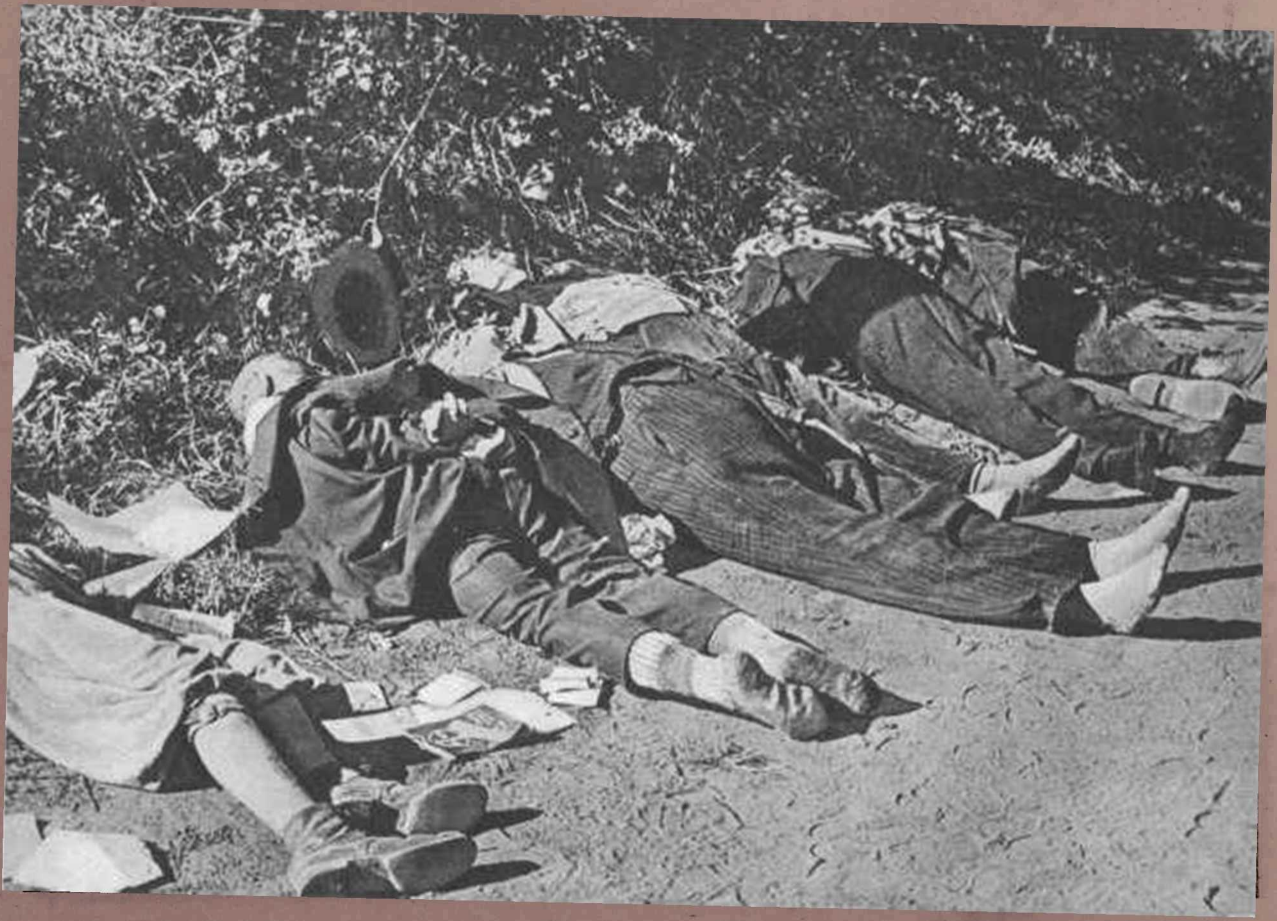
Franz Kurzhals, de 20 anos de idade, ferido com 18 baionetadas.



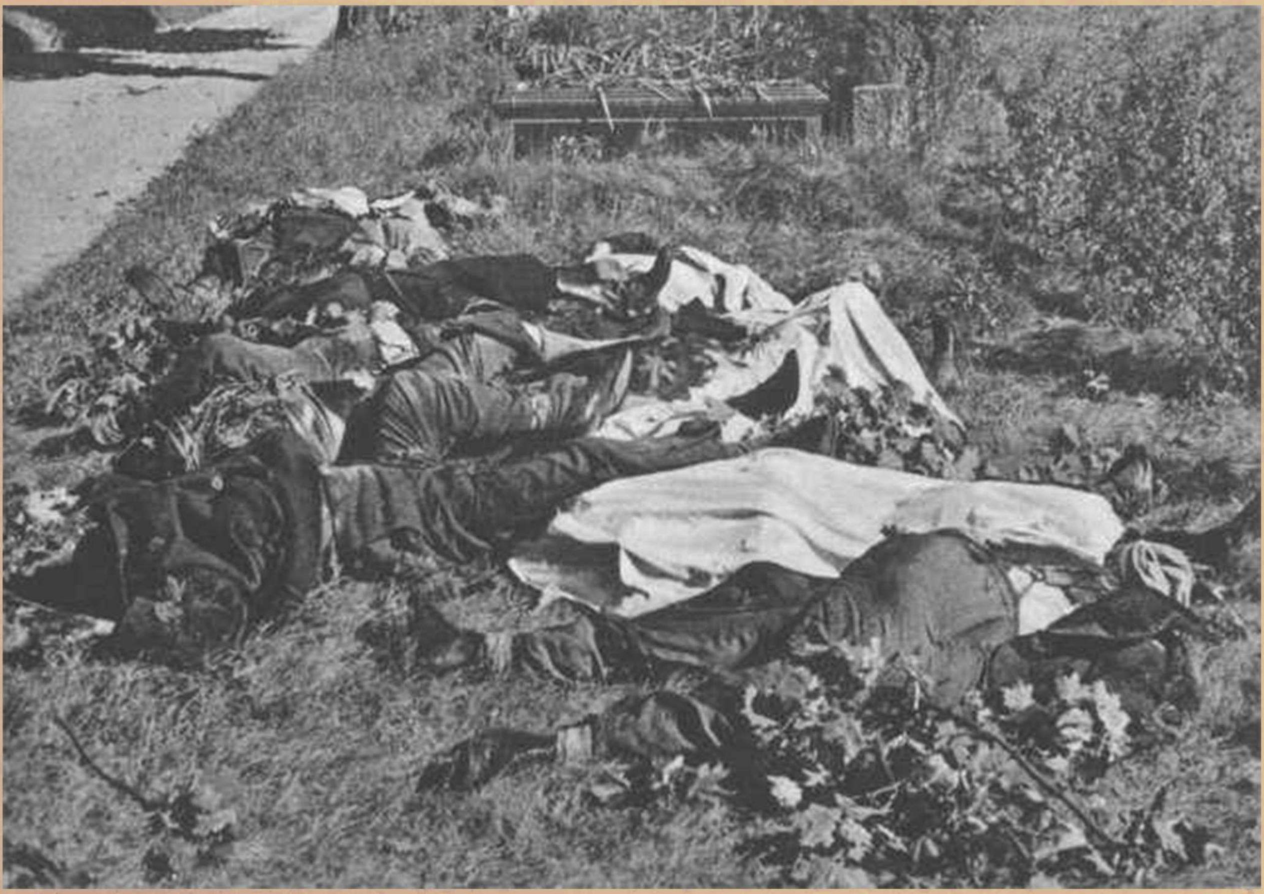
8 alemães assassinados, em Glinke, perto de Bromberg.



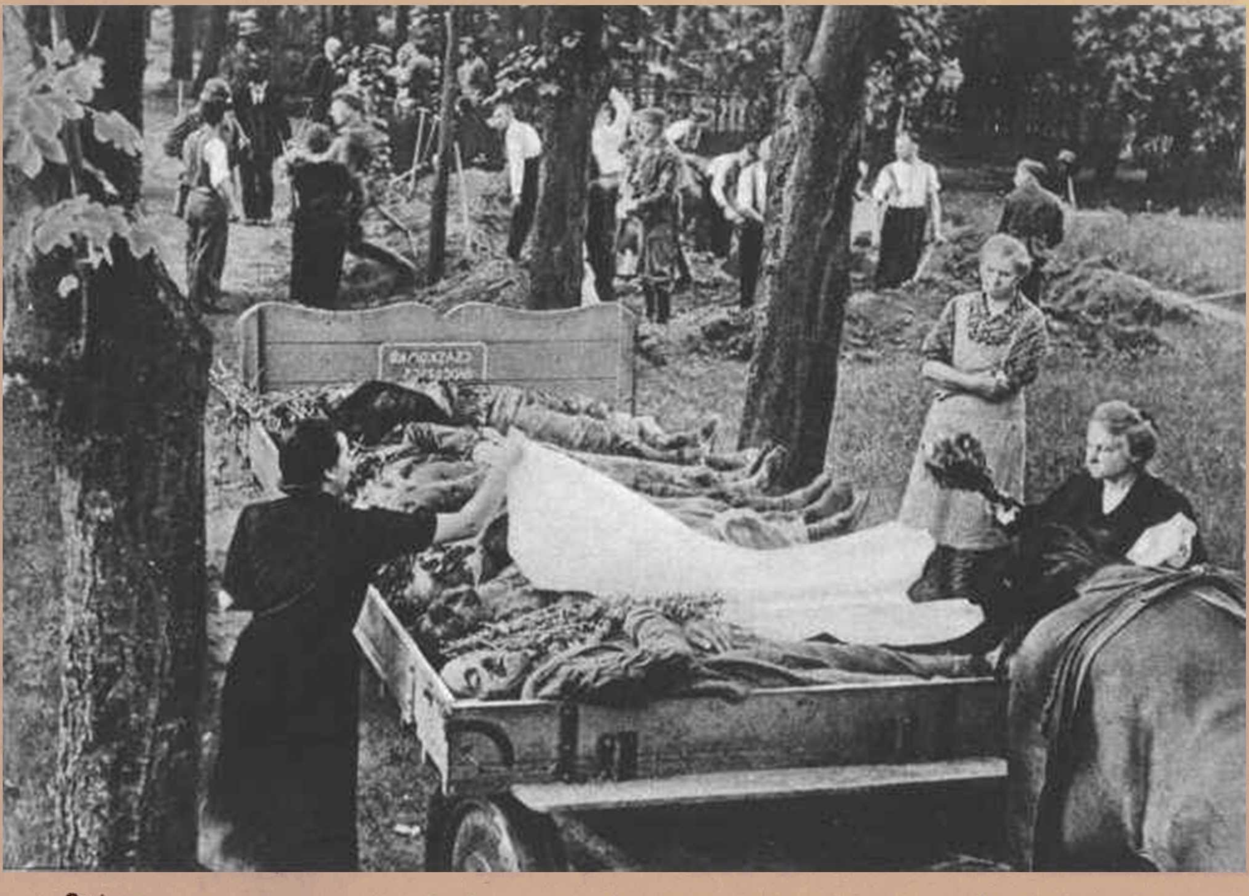
Correspondentes da imprensa estrangeira convencendo-se das atrocidades polonesas (à esq. na frente, o sr. Oechsnre, da United Press).



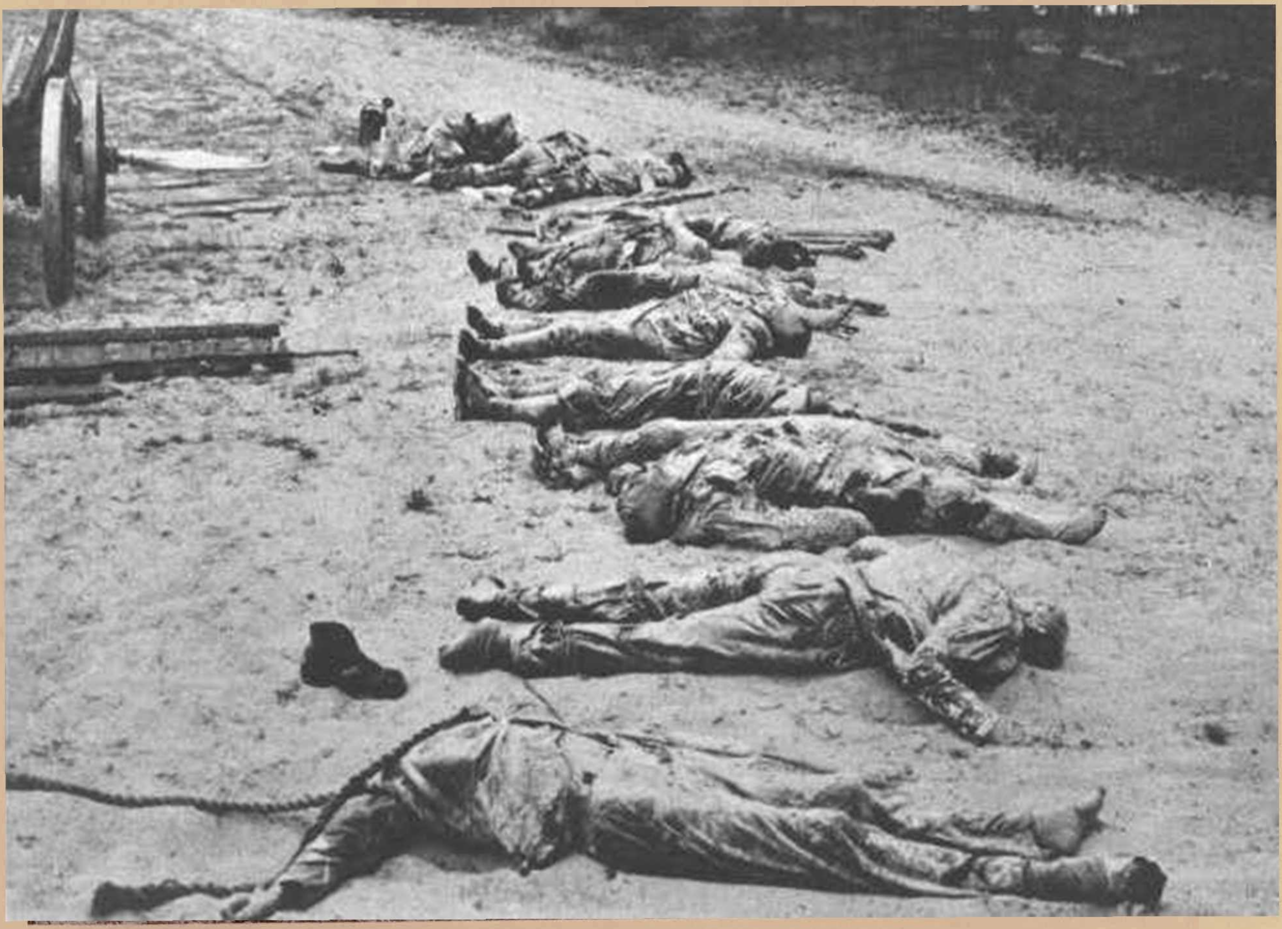
18 cadáveres encontrados junto ao Canal de Bromberg. Entre eles duas crianças. Todos, menos um, tinham as mãos amarradas às costas.



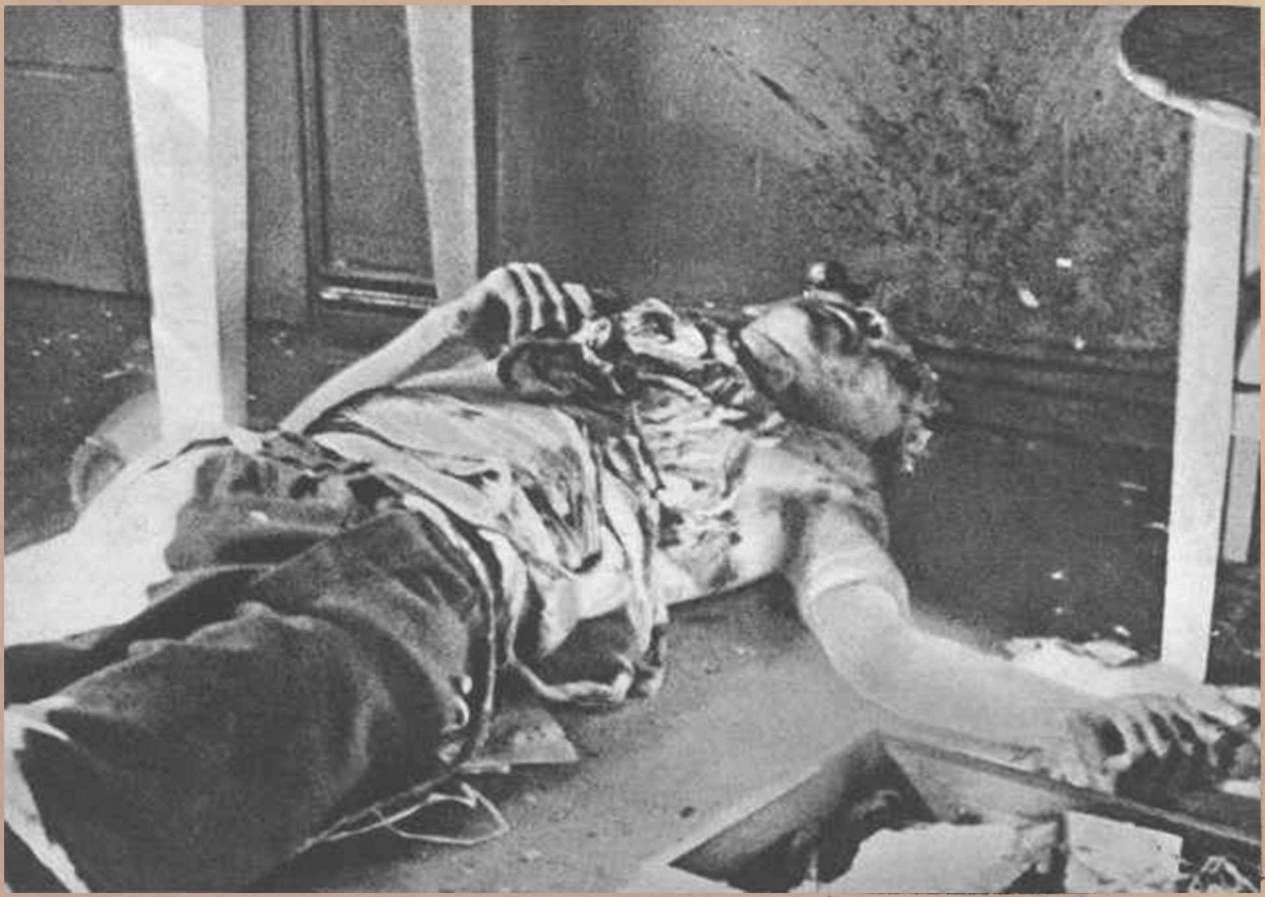
A' saída da rua Thorn, de Bromberg, 10 alemães mortos e mutilados.



Cadaveres de alemães assassinados, antes de serem enterrados no cemiterio evangélico de Bromberg.

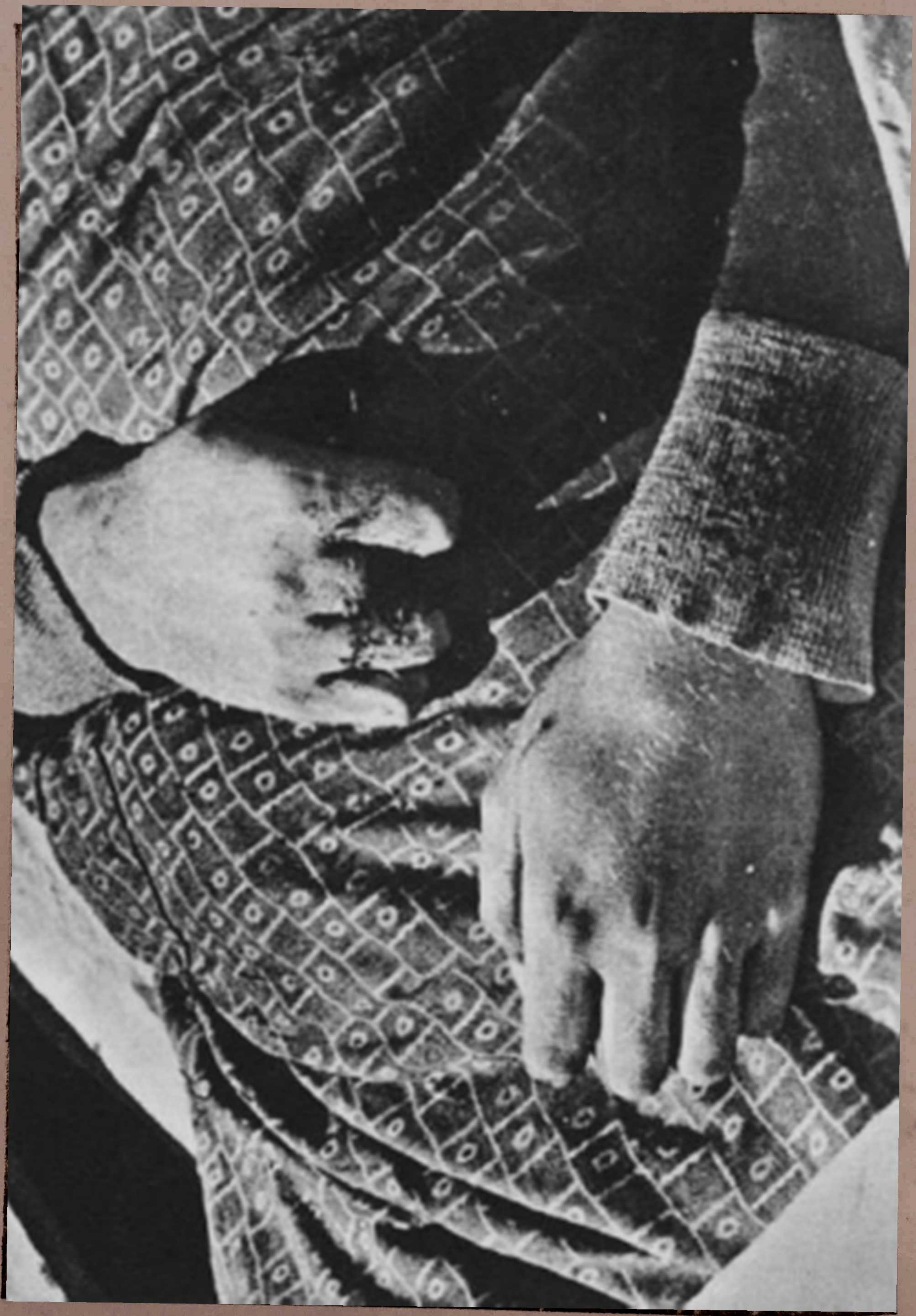


Os populares alemães assassinados em Schulitz.

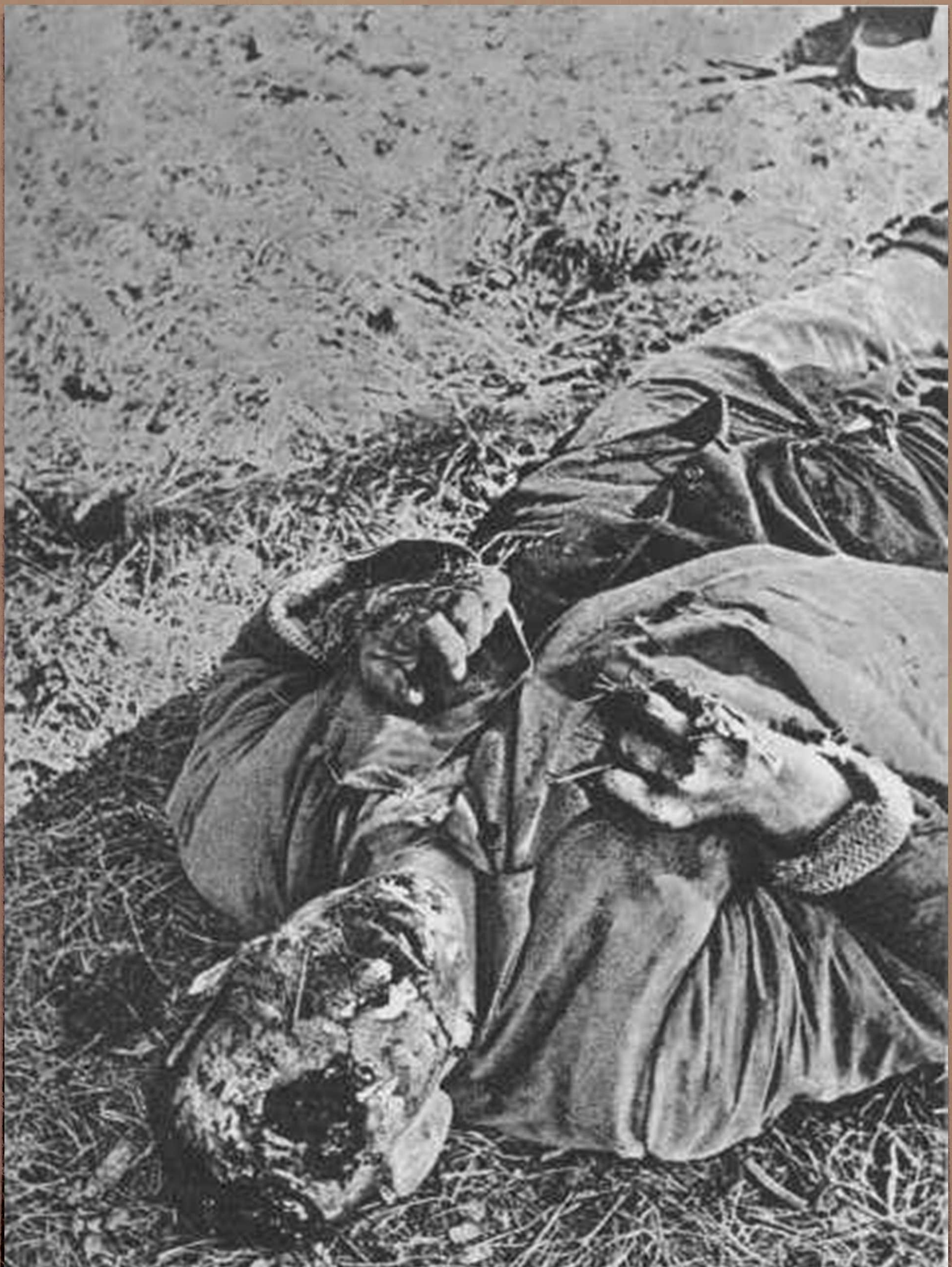


O genro da viuva Giese, de Bromberg, morto com 4 tiros no peito e no pescoço.

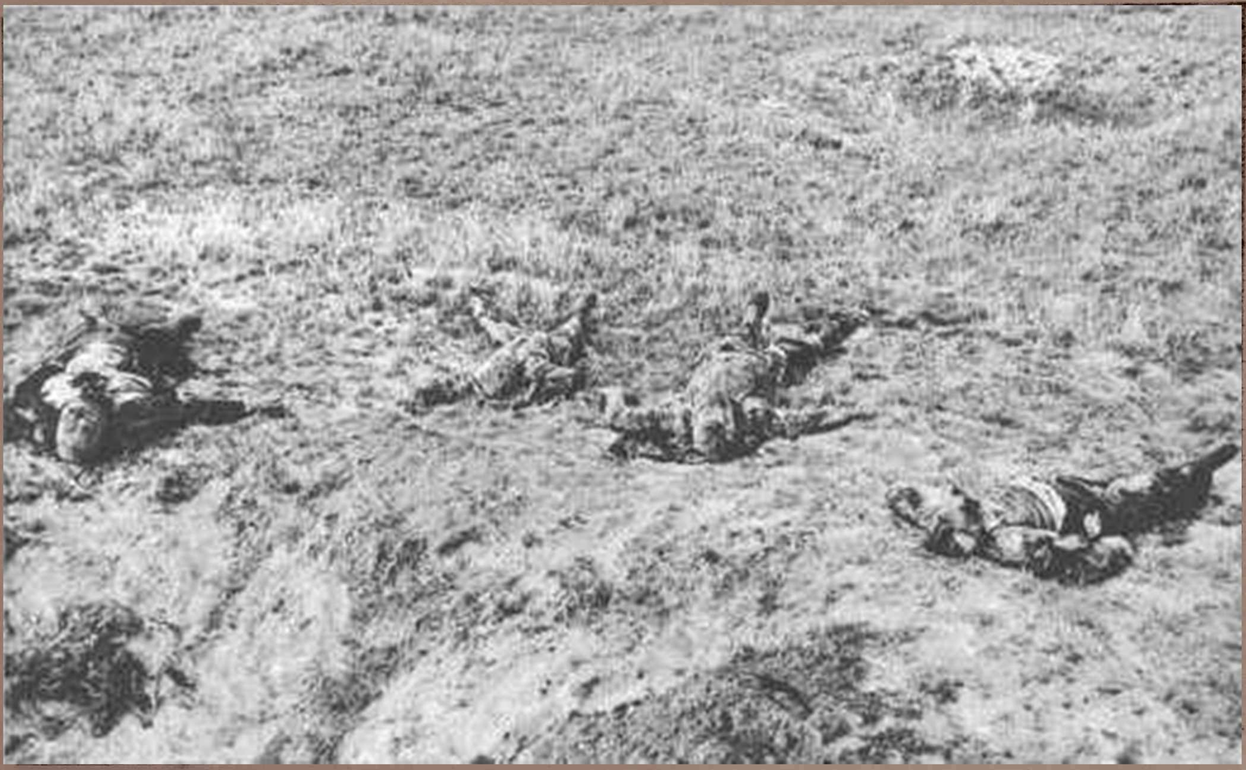
Os cadaveres mutilados de tres populares alemães de Bromberg.



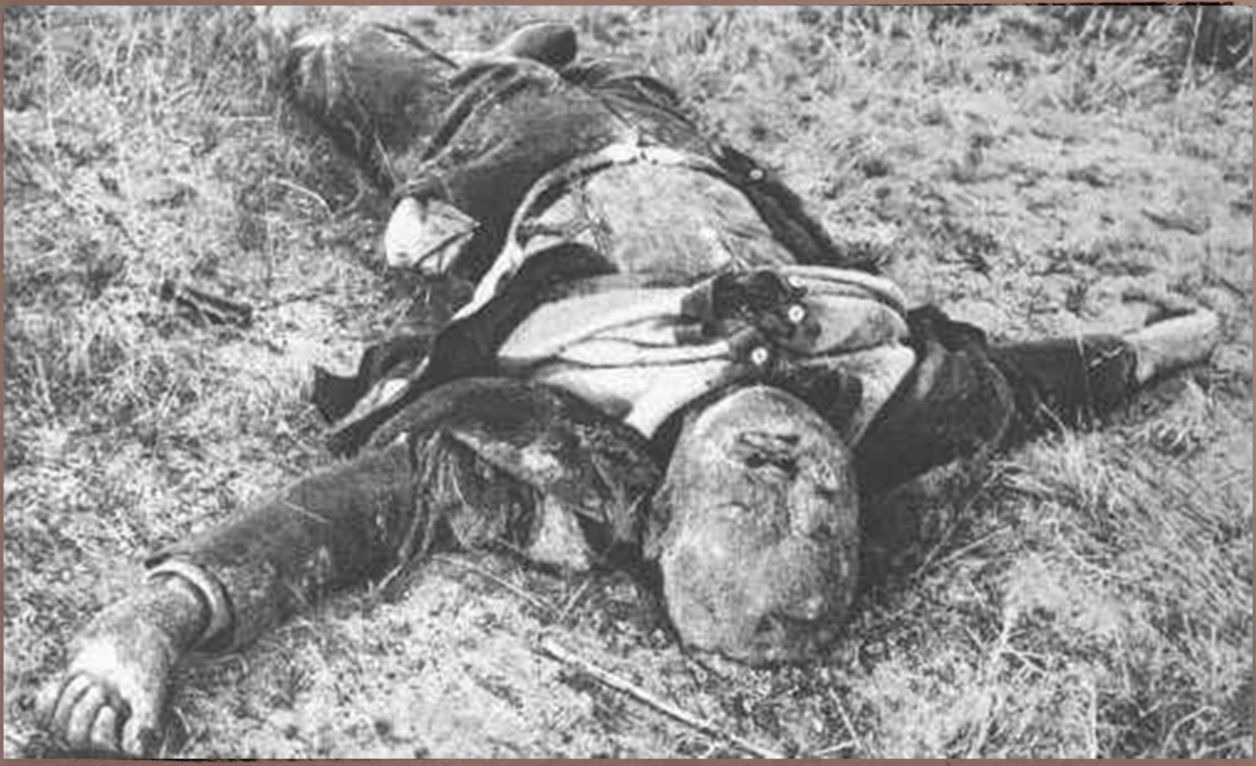
A Gertrud Rohde, de 18 anos, filha do lavrador Rohde, de Langenau, deceparam-lhe dois dedos da mão direita para roubar os aneis.



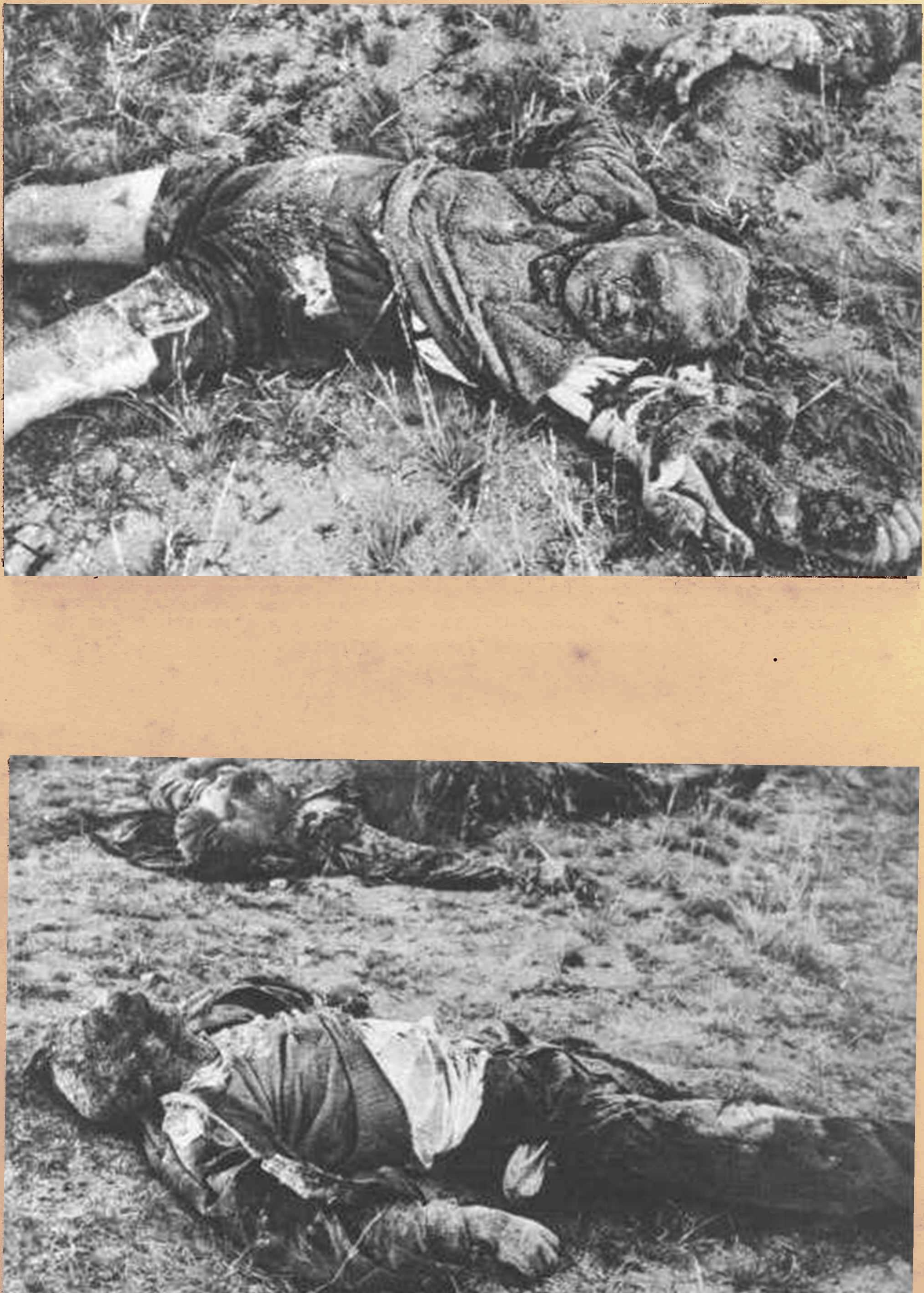
Lavradores de Langenau e Otteraue, espancados até morrerem.



O jardineiro Friedrich Beyer, seus dois filhos Kurt e Heinz e o servente Thiele de Gross- Bartelsee, perto de Bromberg.



Friedrich Beyer



Heinz Beyer e Thiele.

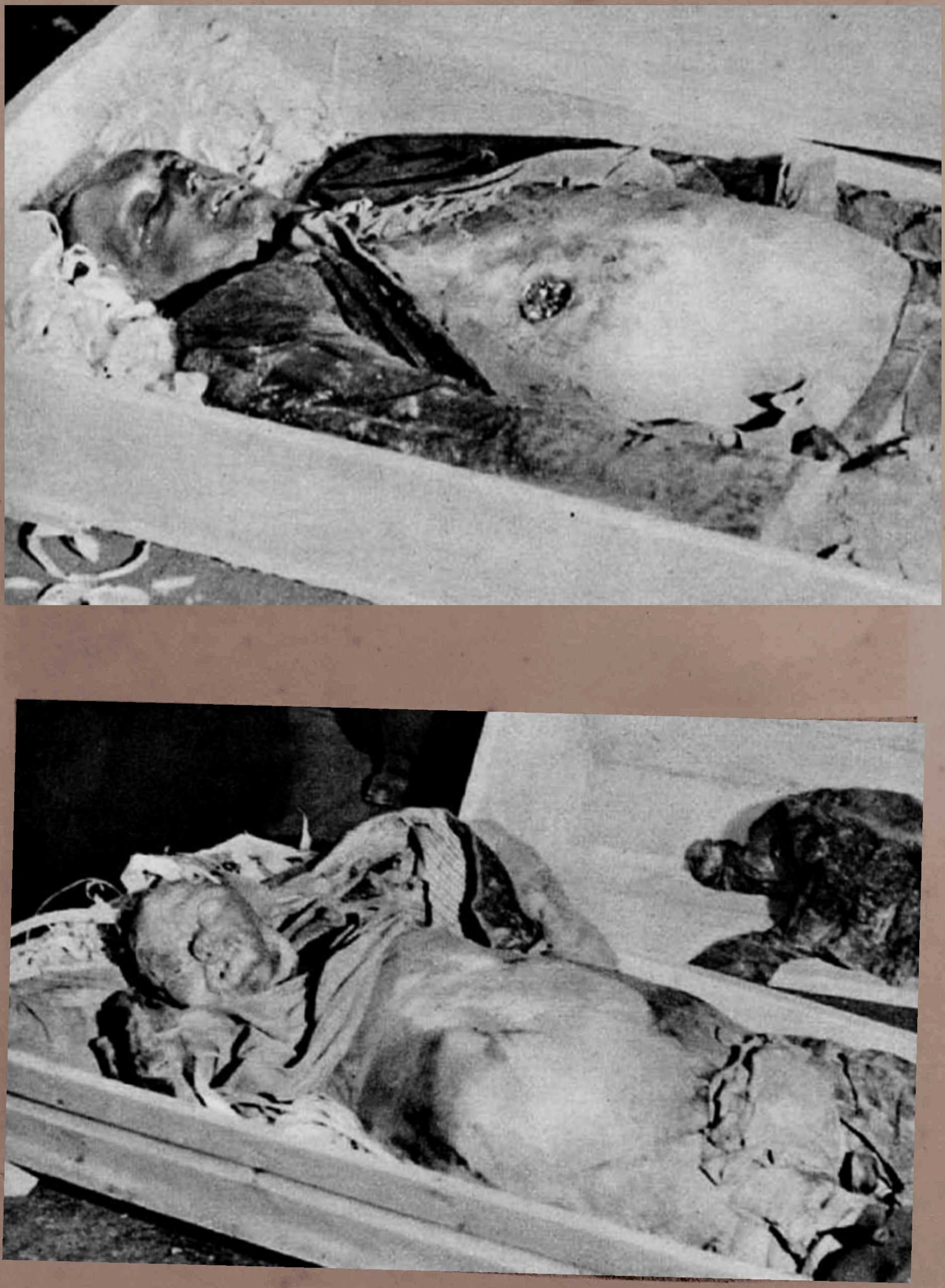
Os 39 populares alemães assassinados em Hopfengarten, perto de Bromberg.

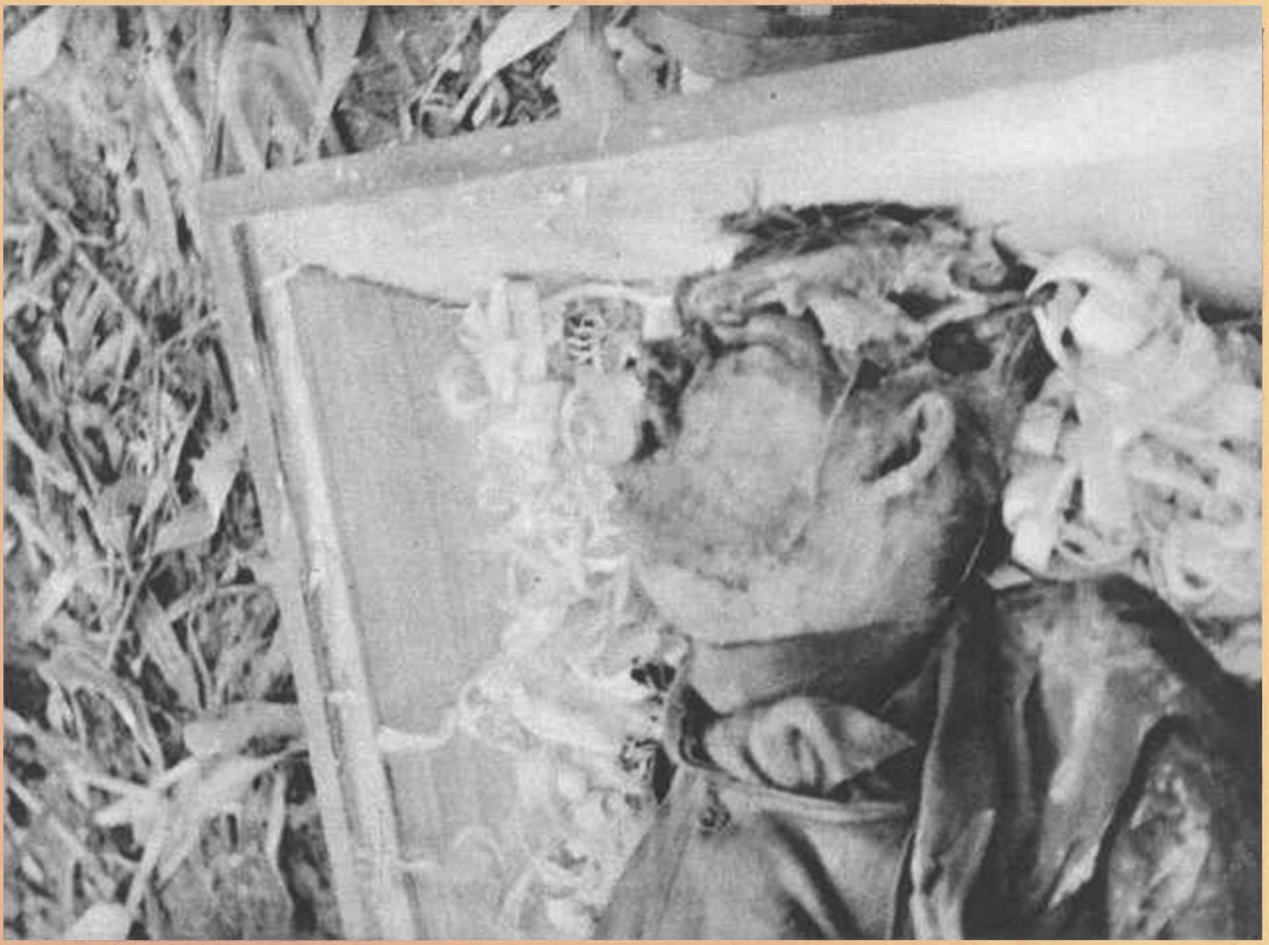
Os cadáveres, quasi todos mutilados, jaziam bem juntos, muitos amarrados dois a dois.

Mulher alemã morta a pancadas, em Glinke, perto de Bromberg.

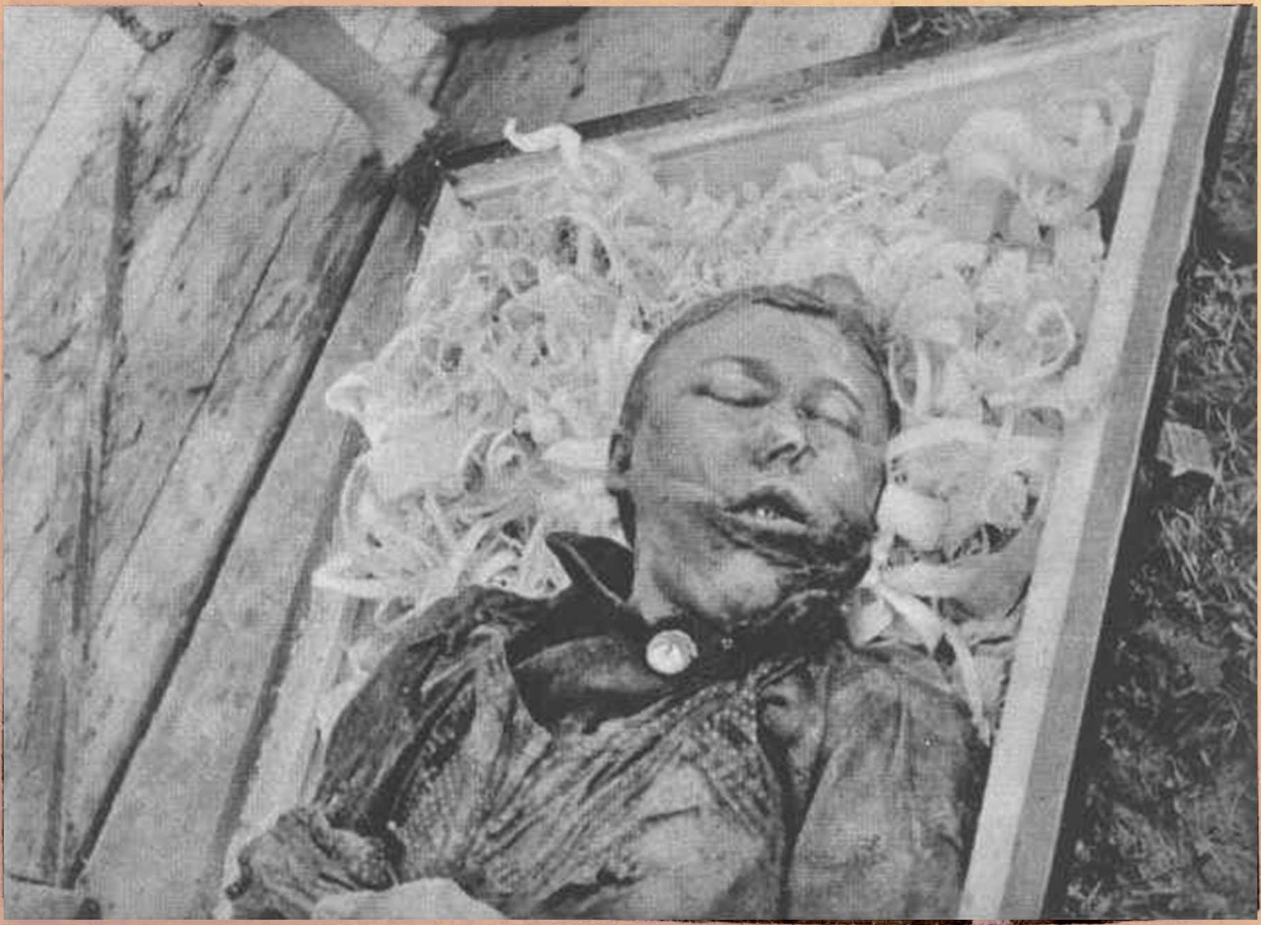
Assassinado e desvirilizado. Cadaver não identificado de um popular alemão, encontrado perto de Bromberg.

Cadáveres de populares alemães de Thorn e arredores, encontrados em uma sepultura contendo 40 cadáveres inidentificáveis devido às mutilações (porto de Alexandrow).

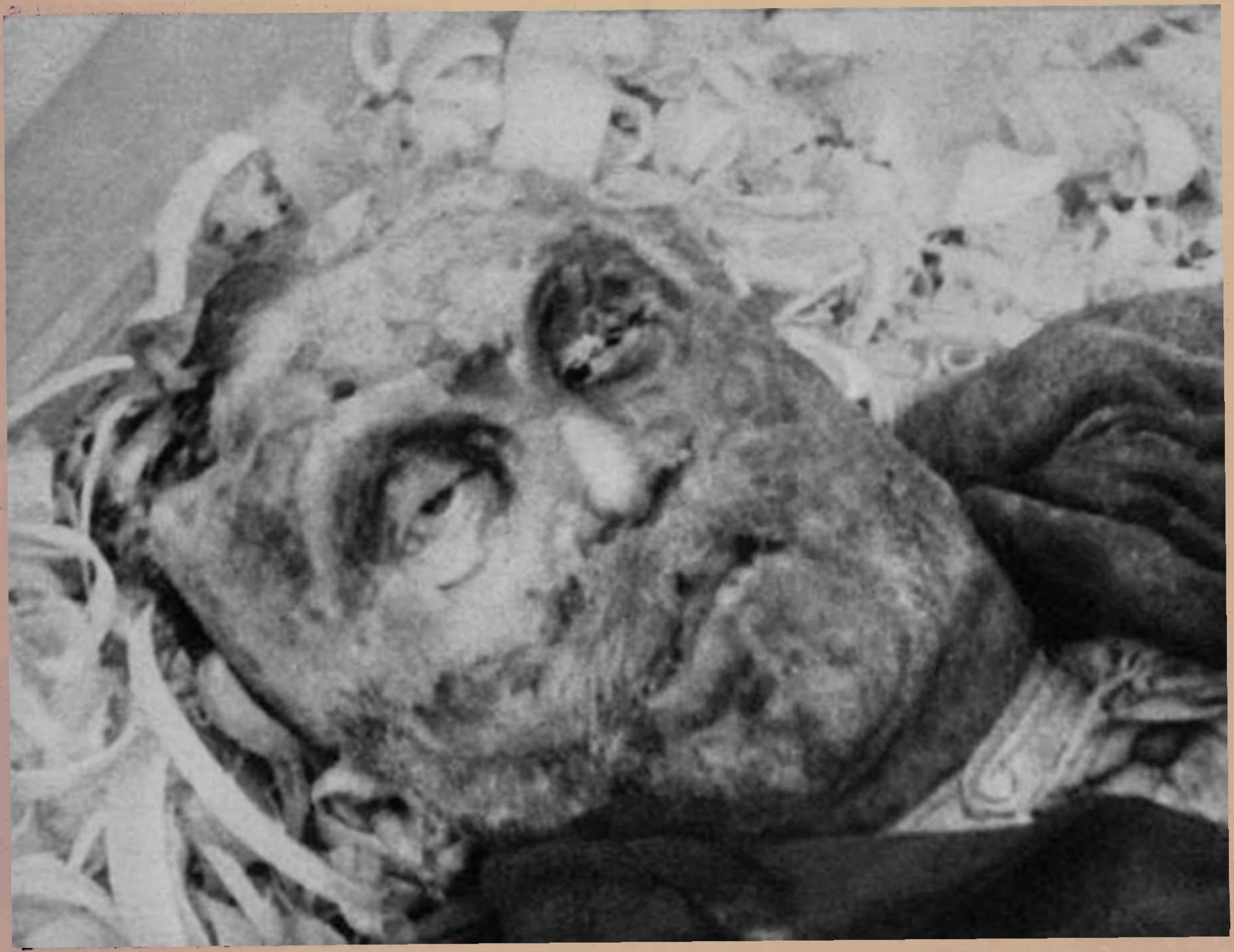




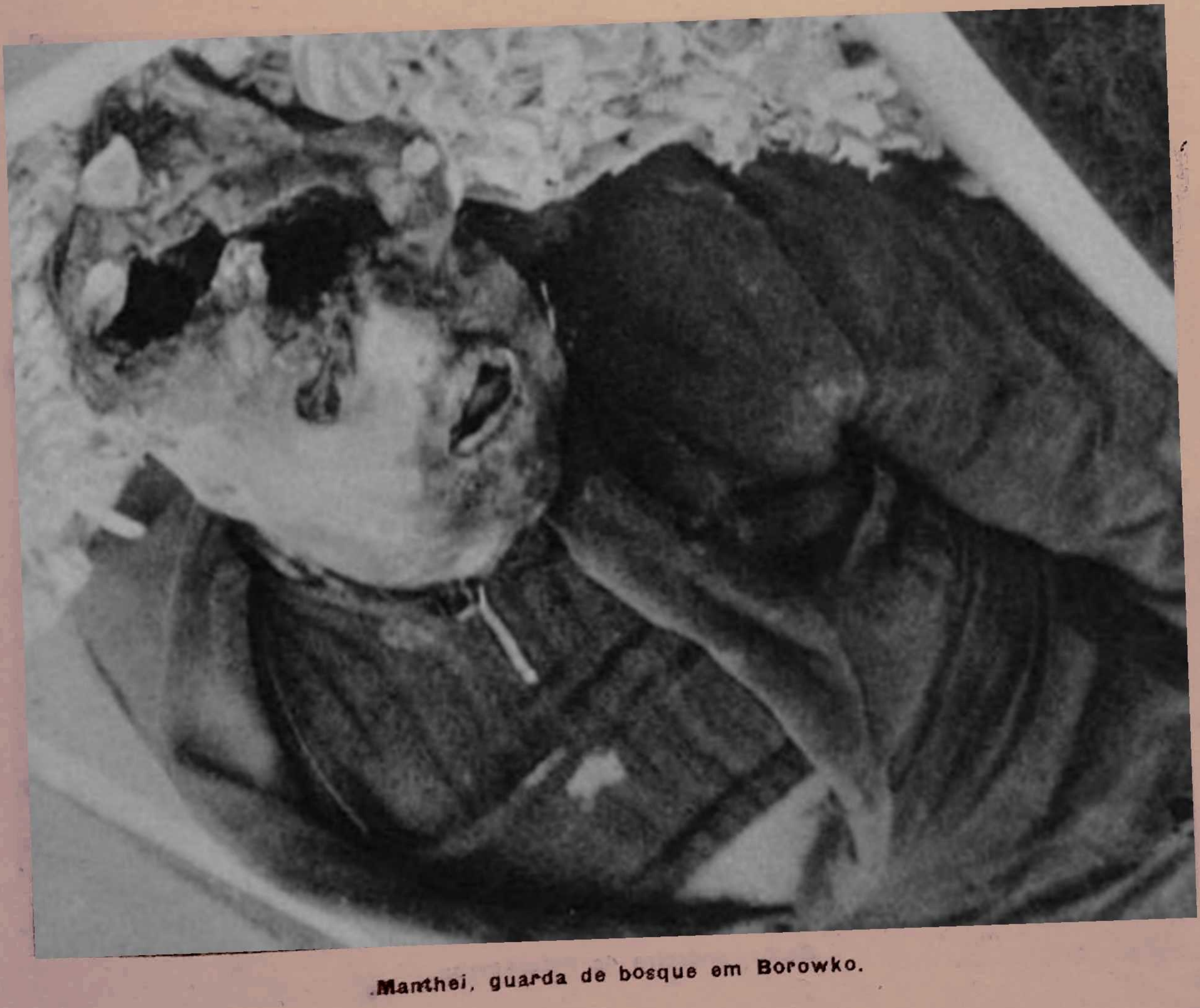
14 populares alemães de Neu-Tecklenburg foram fuzilados perto de Wreschen e enterrados em uma cova. Alemão de Neu-Tecklenburg, fuzilado.



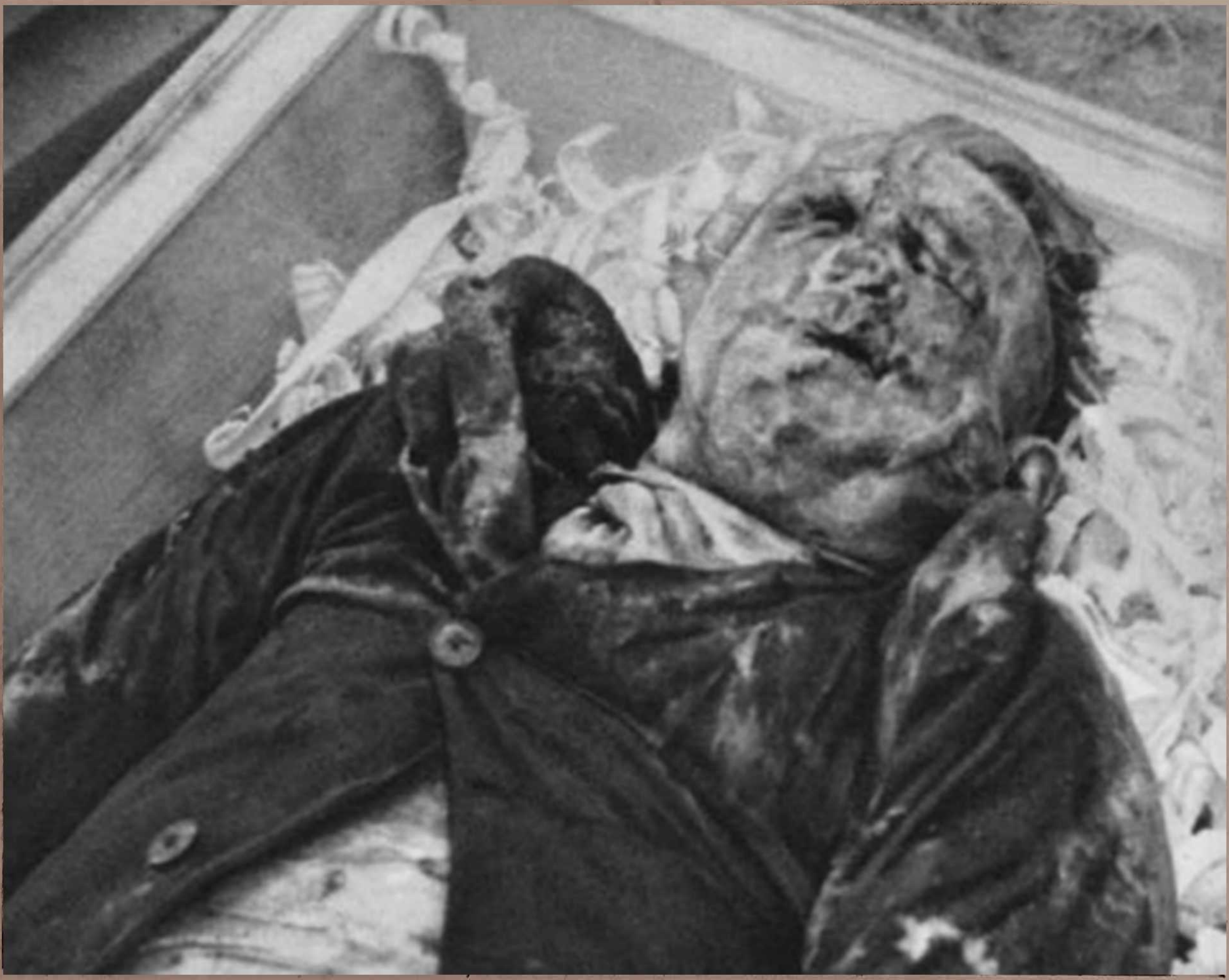
Mulher alemã de Neu-Tecklenburg, fuzilada.



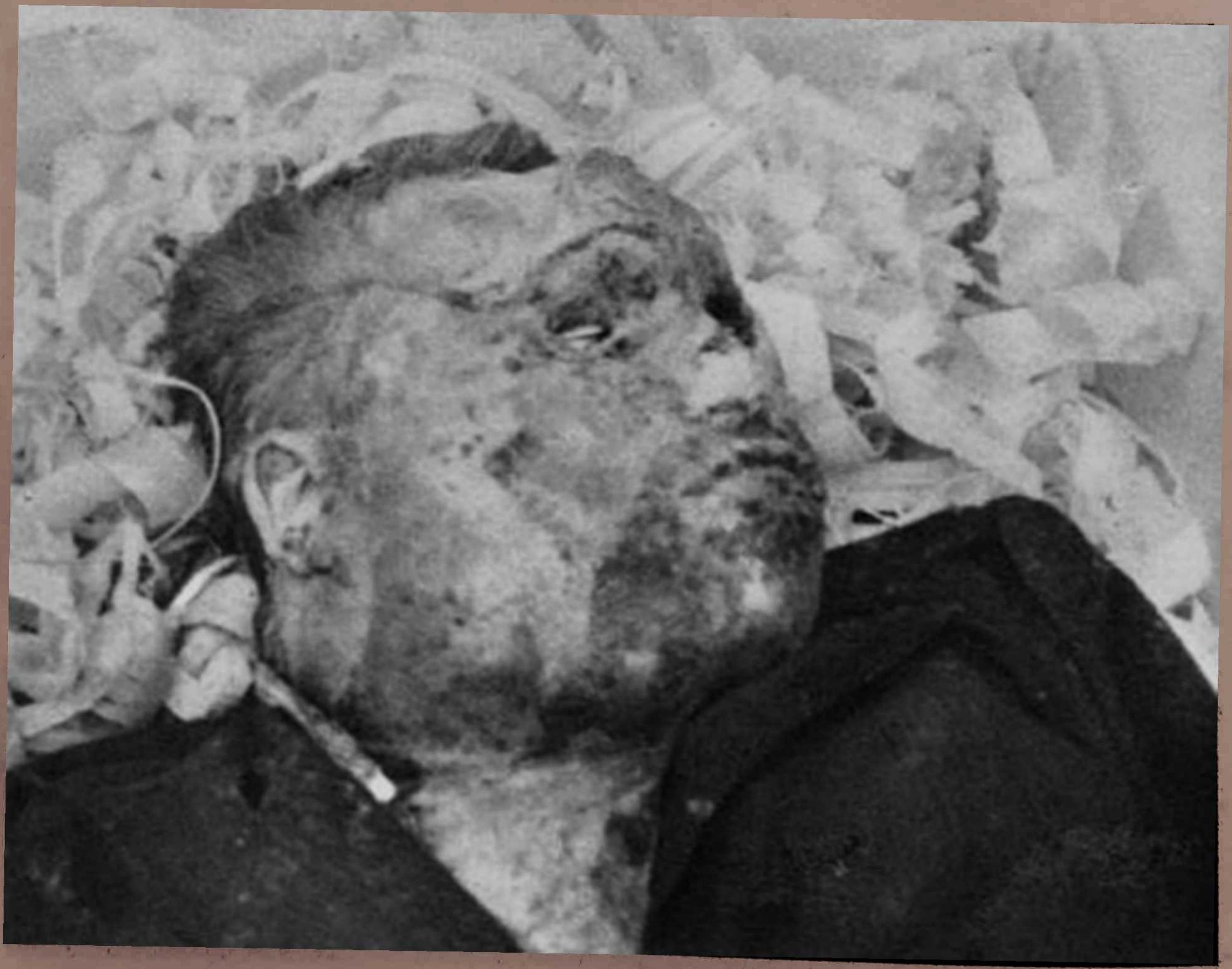
Alemães assassinados da região de Posen: Steinke, guarda de bosque em Czempin.



Manthei, guarda de bosque em Borowko.

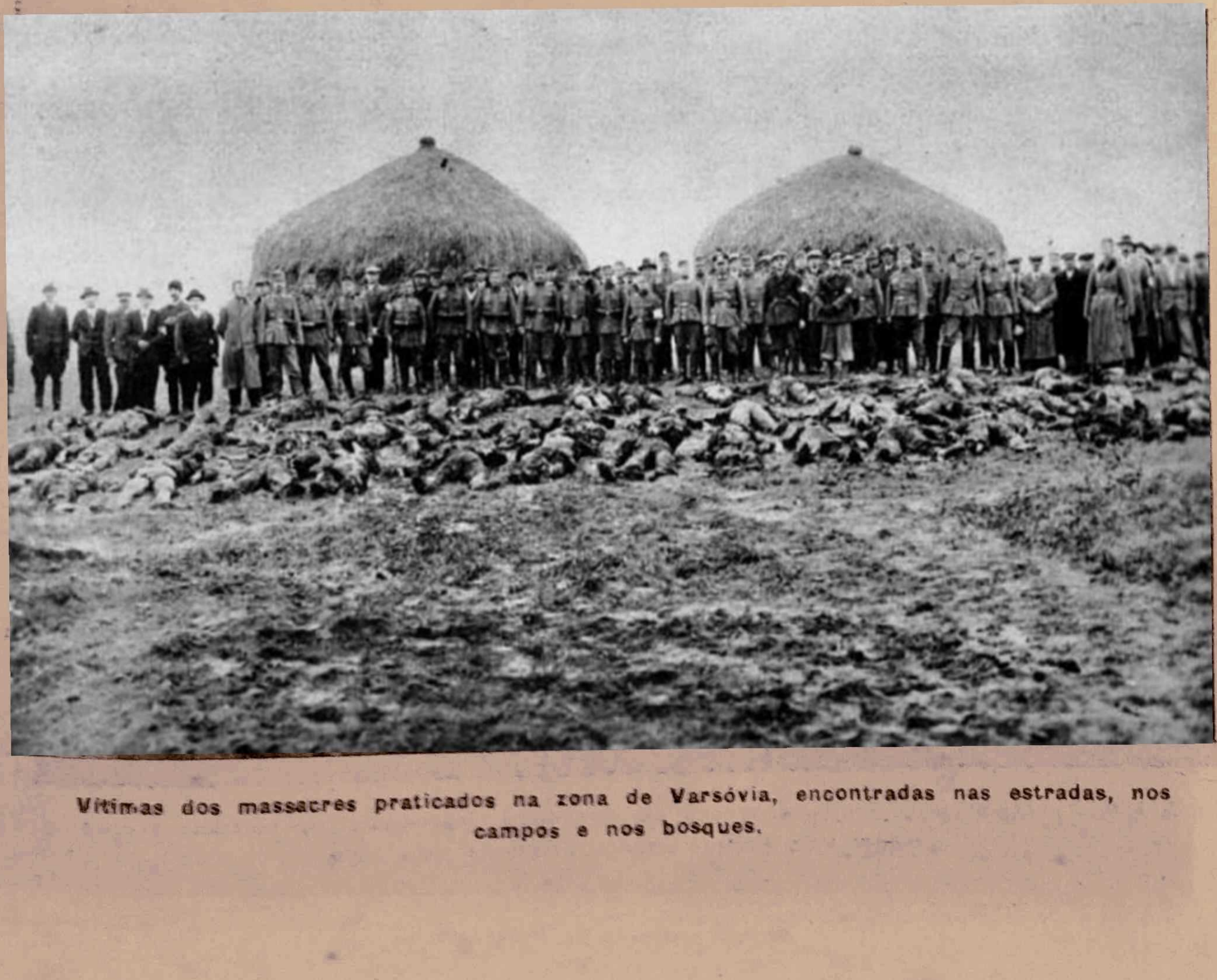


Kaut, jornaleiro de Peterkowitz.

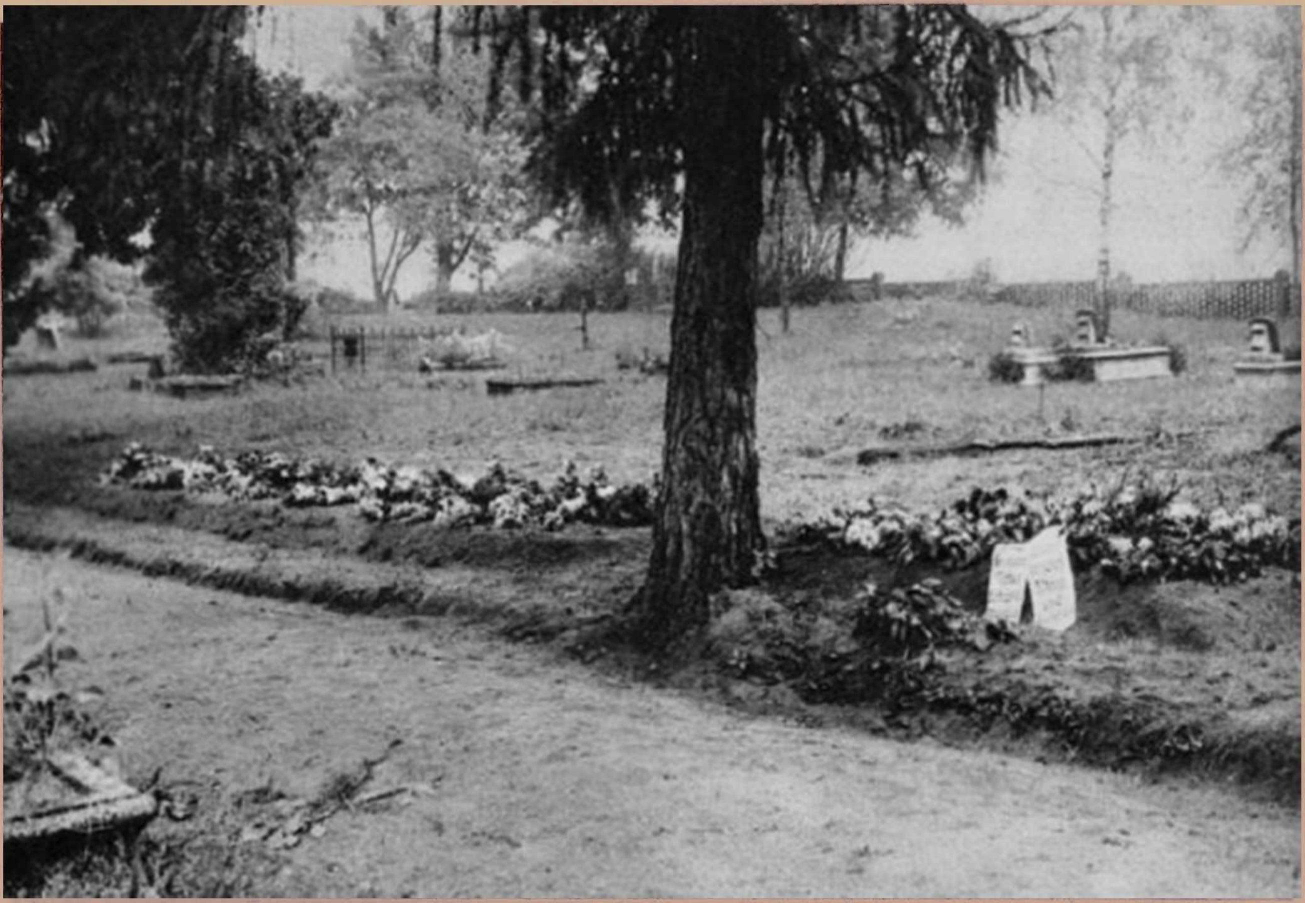


Raabe, pedreiro de Peterkowitz.

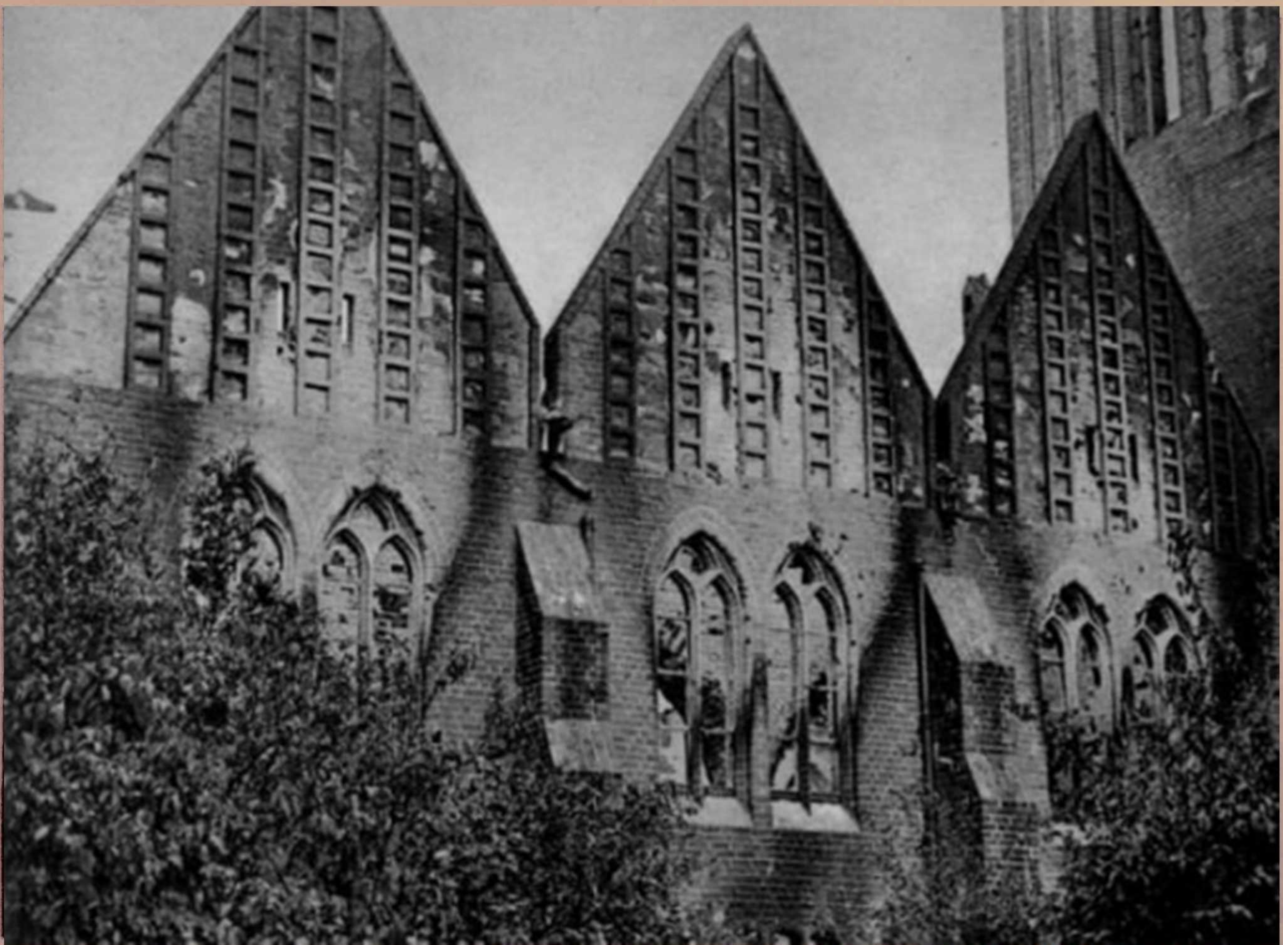
Sepultura coletiva de 45 assassinados em Sompolno, entre êles 41 lavradores alemães de Sockelstein, perto de Wreschen.



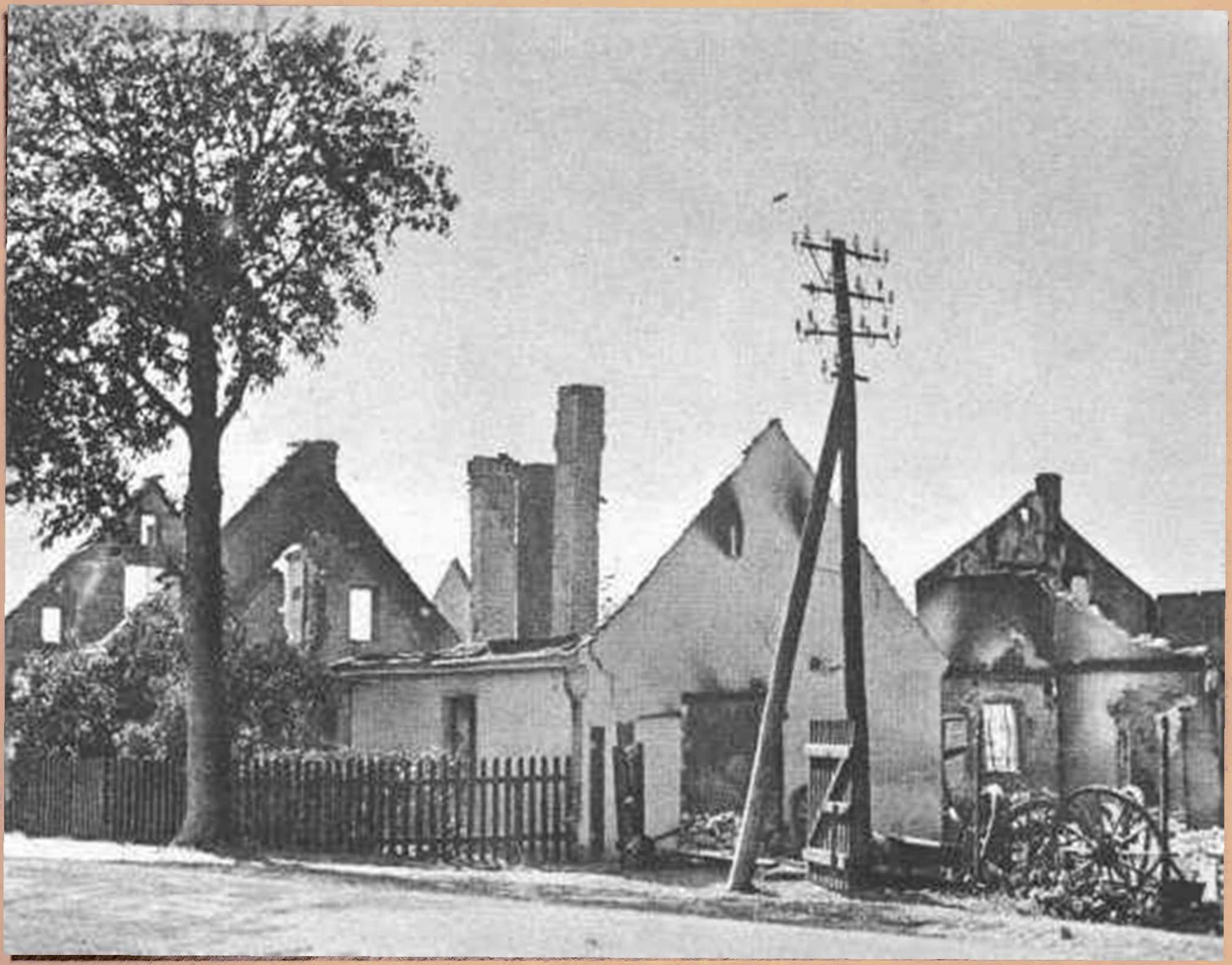
Vítimas dos massacres praticados na zona de Varsóvia, encontradas nas estradas, nos campos e nos bosques.



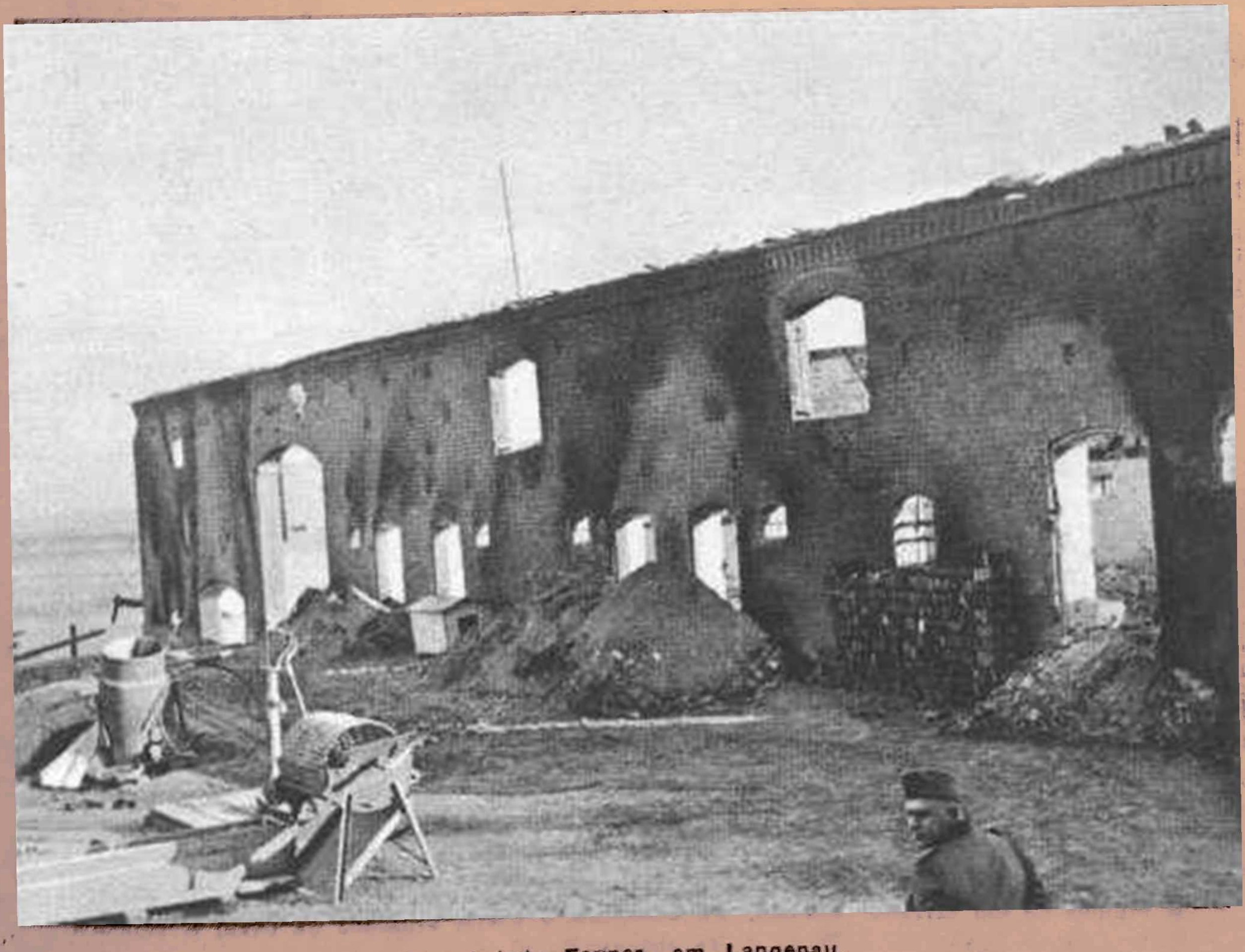
Repousam aqui os 33 lavradores alemães da aldeia de Lochowo, que foram assassinados.



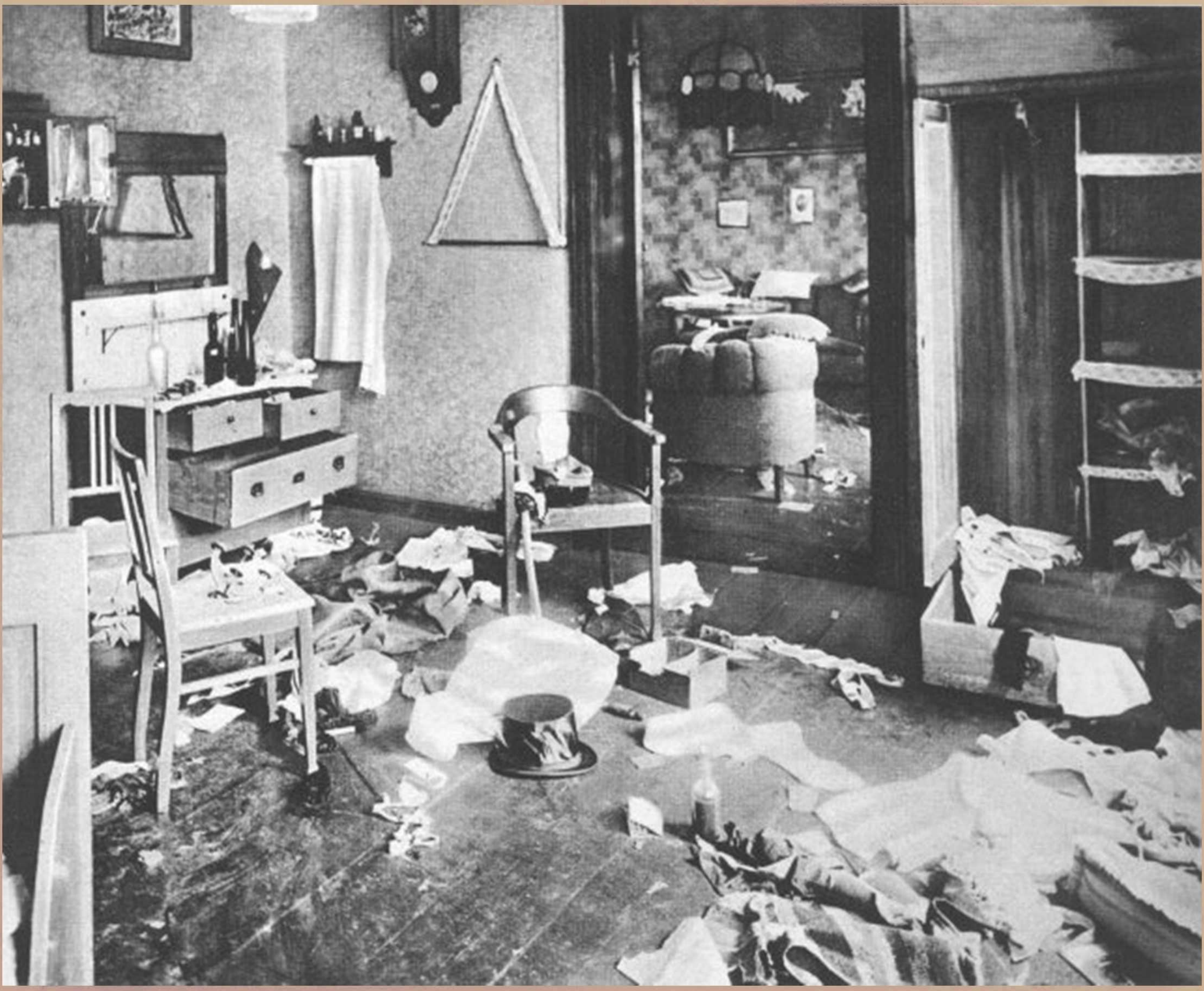
A igreja evangélica da Schwendenhoehe em Bromberg, incendiada por soldados e civis poloneses, e completamente destruida pelo fogo.



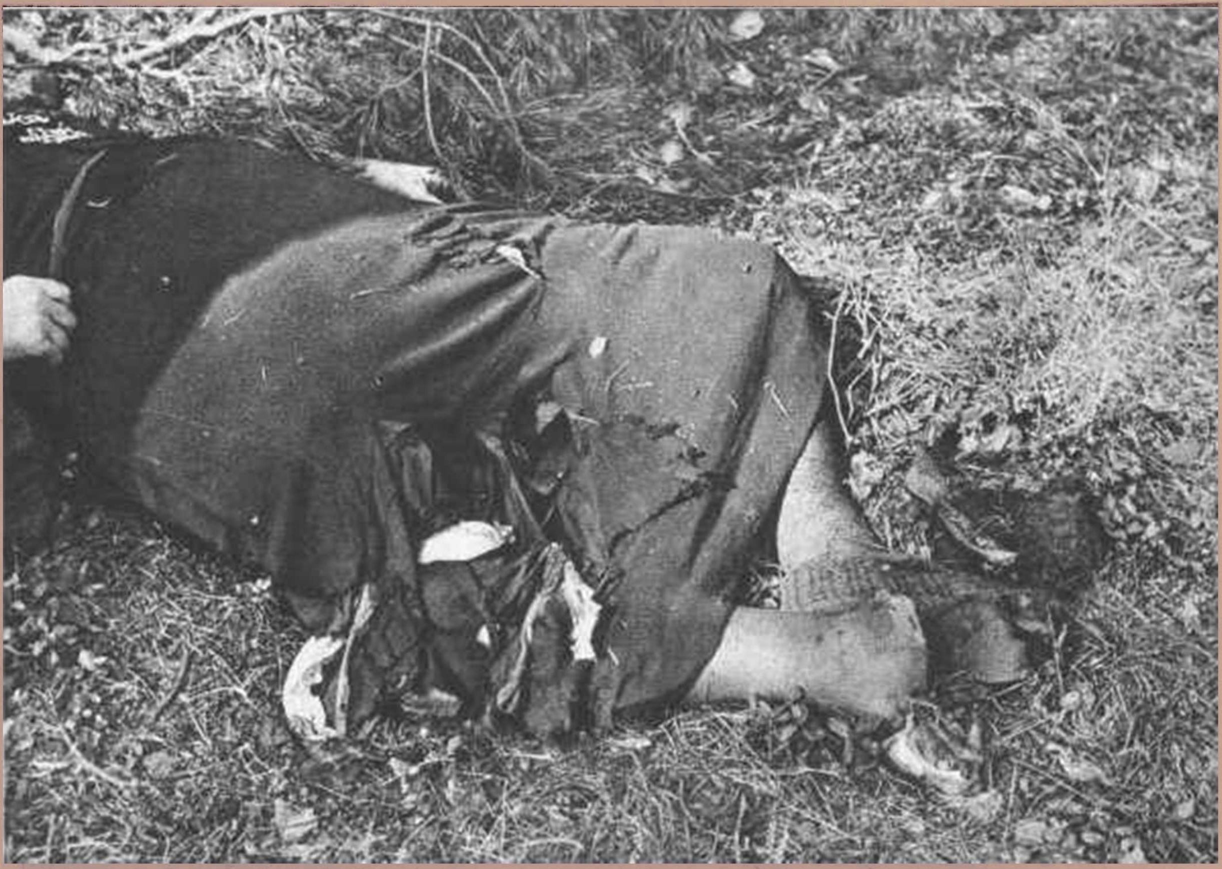
Propriedades alemãs incendiadas em Langenau e Otterau, perto de Bromberg.



Propriedade Fenner, em Langenau.

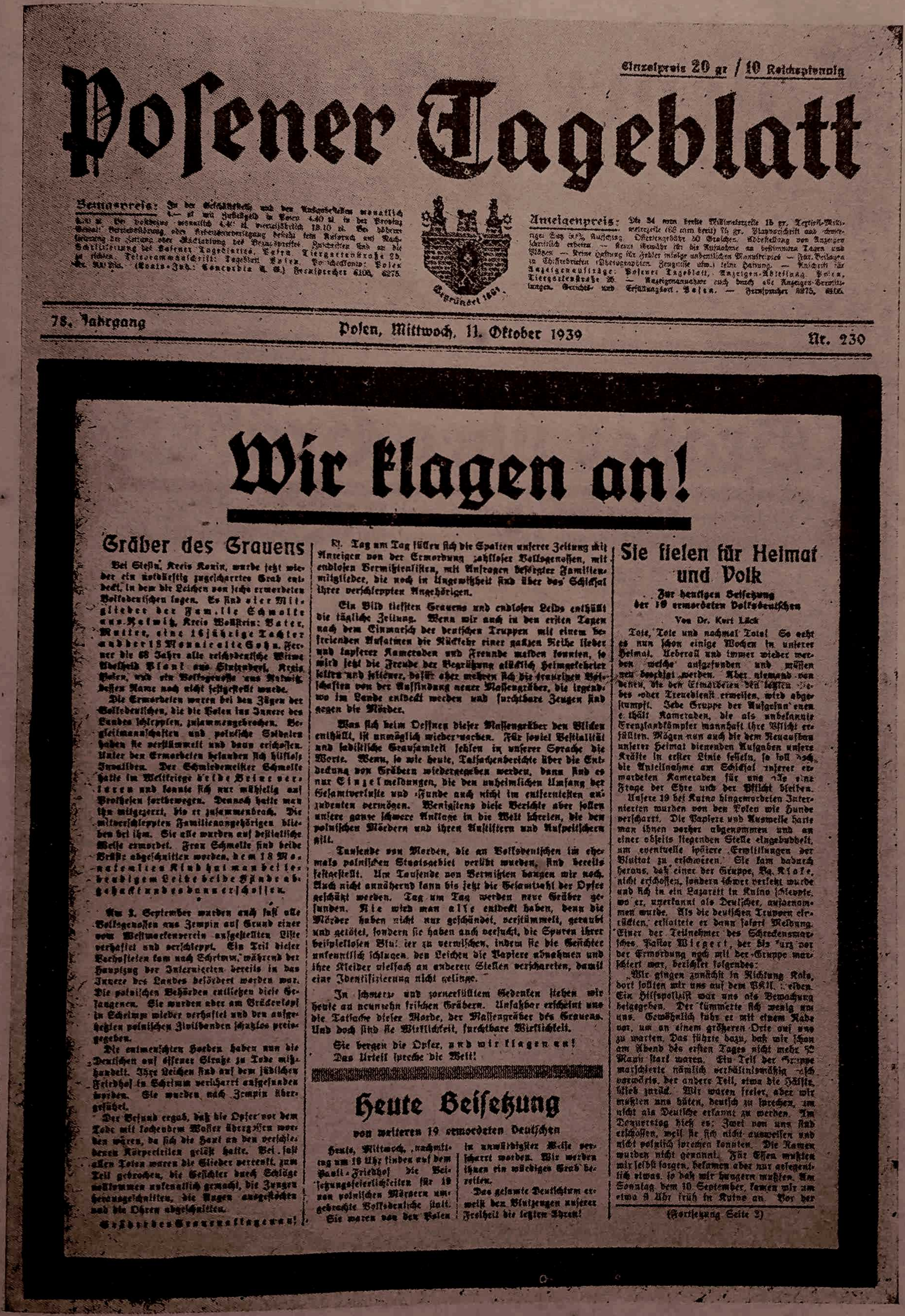


Aspecto de uma sala da residência do gerente Symosek, em Gnesen, depois de uma busca feita por soldados poloneses.



A mulher de um lavrador alemão. Pé decepado, a perna separada da coxa, à maneira de açougueiro.

PARTICIPAÇÕES DE MORTES E DESAPARECIMENTOS



Einzelpreis 20 gr / 10 Reichspfennig

Poſener Tageblatt

78. Jahrgang — Poſen, Mittwoch, 11. Oktober 1939 — Nr. 230

Wir klagen an!

Gräber des Grauens

Bei Sleſin, Kreis Konin, wurde jetzt wieder ein notdürftig zugeſcharrtes Grab entdeckt, in dem die Leichen von ſechs ermordeten Volksdeutſchen lagen. Es ſind vier Mitglieder der Familie Schmolke aus Rakwitz, Kreis Wollſtein: Vater, Mutter, eine 16jährige Tochter und der 18 Monate alte Sohn. Ferner die 68 Jahre alte reichsdeutſche Witwe Adelheid Blank aus Stutendorf, Kreis Poſen, und ein Volksgenoſſe aus Rakwitz, deſſen Name noch nicht feſtgeſtellt wurde.

Die Ermordeten waren bei den Zügen der Volksdeutſchen, die die Polen ins Innere des Landes ſchleppten, zuſammengebrochen. Begleitmannſchaften und polniſche Soldaten haben ſie verſtümmelt und dann erſchoſſen. Unter den Ermordeten befanden ſich hilfloſe Invaliden. Der Schmiedemeiſter Schmolke hatte im Weltkriege beide Beine verloren und konnte ſich nur mühſelig auf Protheſen fortbewegen. Dennoch hatte man ihn mitgezerrt, bis er zuſammenbrach. Die mitverſchleppten Familienangehörigen blieben bei ihm. Sie alle wurden auf beſtialiſche Weiſe ermordet. Frau Schmolke ſind beide Brüſte abgeſchnitten worden, dem 18 Monate alten Kind hat man bei lebendigem Leibe beide Hände abgehackt und es dann erſchoſſen.

Am 2. September wurden auch faſt alle Volksgenoſſen aus Zempin auf Grund einer vom Weſtmarkenverein aufgeſtellten Liſte verhaftet und verſchleppt. Ein Teil dieſer Verhafteten kam nach Schrimm, während der Hauptzug der Internierten bereits in das Innere des Landes befördert worden war. Die polniſchen Behörden entließen dieſe Gefangenen. Sie wurden aber am Brückenkopf in Schrimm wieder verhaftet und den aufgehetzten polniſchen Zivilbanden ſchutzlos preisgegeben.

Die entmenſchten Horden haben nun die Deutſchen auf offener Straße zu Tode mißhandelt. Ihre Leichen ſind auf dem jüdiſchen Friedhof in Schrimm verſcharrt aufgefunden worden. Sie wurden nach Zempin übergeführt.

Der Befund ergab, daß die Opfer vor dem Tode mit kochendem Waſſer übergoſſen worden wären, da ſich die Haut an den verſchiedenen Körperteilen gelöſt hatte. Bei faſt allen Toten waren die Glieder verrenkt, zum Teil gebrochen, die Geſichter durch Schläge vollkommen unkenntlich gemacht, die Zungen herausgeſchnitten, die Augen ausgeſtochen und die Ohren abgeſchnitten.

Gräber des Grauens klagen an!

Kl. Tag um Tag füllen ſich die Spalten unſerer Zeitung mit Anzeigen von der Ermordung zahlloſer Volksgenoſſen, mit endloſen Vermißtenliſten, mit Anfragen beſorgter Familienmitglieder, die noch in Ungewißheit ſind über das Schickſal ihrer verſchleppten Angehörigen.

Ein Bild tiefſten Grauens und endloſen Leids enthüllt die tägliche Zeitung. Wenn wir auch in den erſten Tagen nach dem Einmarſch der deutſchen Truppen mit einem befreienden Aufatmen die Rückkehr einer ganzen Reihe lieber und tapferer Kameraden und Freunde melden konnten, ſo wird jetzt die Freude der Begrüßung glücklich Heimgekehrter ſeltener und ſeltener, dafür aber mehren ſich die traurigen Botſchaften von der Auffindung neuer Maſſengräber, die irgendwo im Lande entdeckt werden und furchtbare Zeugen ſind gegen die Mörder.

Was ſich beim Oeffnen dieſer Maſſengräber den Blicken enthüllt, iſt unmöglich wiederzugeben. Für ſoviel Beſtialität und ſadiſtiſche Grauſamkeit fehlen in unſerer Sprache die Worte. Wenn, ſo wie heute, Tatſachenberichte über die Entdeckung von Gräbern wiedergegeben werden, dann ſind es nur Einzelmeldungen, die den unheimlichen Umfang der Geſamtverluſte und -funde auch nicht im entfernteſten anzudeuten vermögen. Wenigſtens dieſe Berichte aber ſollen unſere ganze ſchwere Anklage in die Welt ſchreien, die den polniſchen Mördern und ihren Anſtiftern und Aufpeitſchern gilt.

Tauſende von Morden, die an Volksdeutſchen im ehemals polniſchen Staatsgebiet verübt wurden, ſind bereits feſtgeſtellt. Um Tauſende von Vermißten bangen wir noch. Auch nicht annähernd kann bis jetzt die Geſamtzahl der Opfer geſchätzt werden. Tag um Tag werden neue Gräber gefunden. Nie wird man alle entdeckt haben, denn die Mörder haben nicht nur geſchändet, verſtümmelt, geraubt und getötet, ſondern ſie haben auch verſucht, die Spuren ihrer beiſpielloſen Bluttaten zu verwiſchen, indem ſie die Geſichter unkenntlich ſchlugen, den Leichen die Papiere abnahmen und ihre Kleider vielfach an anderen Stellen verſcharrten, damit eine Identifizierung nicht gelinge.

In ſchmerz- und zornerfülltem Gedenken ſtehen wir heute an neunzehn friſchen Gräbern. Unfaßbar erſcheint uns die Tatſache dieſer Morde, der Maſſengräber des Grauens. Und doch ſind ſie Wirklichkeit, furchtbare Wirklichkeit.

Sie bergen die Opfer, und wir klagen an!
Das Urteil ſpreche die Welt!

Heute Beiſetzung

von weiteren 19 ermordeten Deutſchen

Heute, Mittwoch, nachmittag um 16 Uhr finden auf dem Pauli-Friedhof die Beiſetzungsfeierlichkeiten für 19 von polniſchen Mördern umgebrachte Volksdeutſche ſtatt. Sie waren von den Polen in unwürdigſter Weiſe verſcharrt worden. Wir werden ihnen ein würdiges Grab bereiten.

Das geſamte Deutſchtum erweiſt den Blutzeugen unſerer Freiheit die letzten Ehren!

Sie fielen für Heimat und Volk

Zur heutigen Beiſetzung der 19 ermordeten Volksdeutſchen

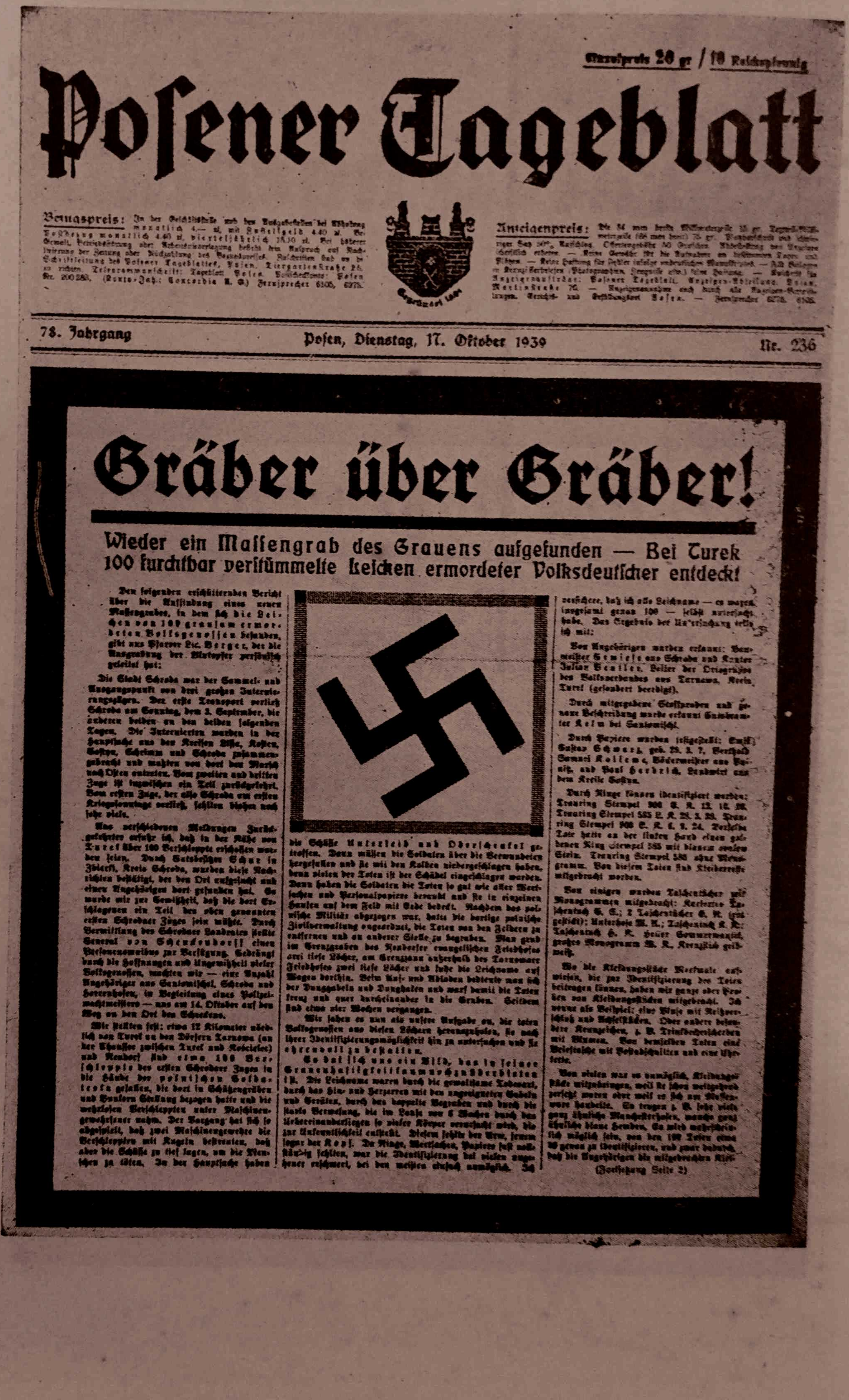
Von Dr. Kurt Lück

Tote, Tote und nochmal Tote! So geht es nun ſchon einige Wochen in unſerer Heimat. Ueberall und immer wieder werden welche aufgefunden und müſſen neu beerdigt werden. Aber niemand von denen, die den Ermordeten den letzten Liebes- oder Treuedienſt erweiſen, wird abgeſtumpft. Jede Gruppe der Aufgefundenen enthält Kameraden, die als unbekannte Grenzlandkämpfer mannhaft ihre Pflicht erfüllten. Mögen nun auch die dem Neuaufbau unſerer Heimat dienenden Aufgaben unſere Kräfte in erſter Linie feſſeln, ſo ſoll doch die Anteilnahme am Schickſal unſerer ermordeten Kameraden für uns eine Frage der Ehre und der Pflicht bleiben.

Unſere 19 bei Kutno hingemordeten Internierten wurden von den Polen wie Hunde verſcharrt. Die Papiere und Ausweiſe hatte man ihnen vorher abgenommen und an einer abſeits liegenden Stelle eingebuddelt, um eventuelle ſpätere Ermittlungen der Bluttat zu erſchweren. Sie kam dadurch heraus, daß einer der Gruppe, Vg. Kloke, nicht erſchoſſen, ſondern ſchwer verletzt wurde und ſich in ein Lazarett in Kutno ſchleppte, wo er, unerkannt als Deutſcher, aufgenommen wurde. Als die deutſchen Truppen einrückten, erſtattete er dann ſofort Meldung. Einer der Teilnehmer des Schreckensmarſches, Paſtor Wiegert, der bis kurz vor der Ermordung noch mit der Gruppe marſchiert war, berichtet folgendes:

„Wir gingen zunächſt in Richtung Kolo, dort ſollten wir uns auf dem PKU. melden. Ein Hilfspoliziſt war uns als Bewachung beigegeben. Der kümmerte ſich wenig um uns. Gewöhnlich fuhr er mit einem Rade vor, um an einem größeren Orte auf uns zu warten. Das führte dazu, daß wir ſchon am Abend des erſten Tages nicht mehr 50 Mann ſtark waren. Ein Teil der Gruppe marſchierte nämlich verhältnismäßig raſch vorwärts, der andere Teil, etwa die Hälfte, blieb zurück. Wir waren freier, aber wir mußten uns hüten, deutſch zu ſprechen, um nicht als Deutſche erkannt zu werden. Am Donnerstag hieß es: Zwei von uns ſind erſchoſſen, weil ſie ſich nicht ausweiſen und nicht polniſch ſprechen konnten. Die Namen wurden nicht genannt. Für Eſſen mußten wir ſelbſt ſorgen, bekamen aber nur gelegentlich etwas, ſo daß wir hungern mußten. Am Sonntag, dem 10. September, kamen wir um etwa 8 Uhr früh in Kutno an. Vor der

(Fortſetzung Seite 2)



Einzelpreis 20 gr / 10 Reichspfennig

Posener Tageblatt

Bezugspreis: In der Geschäftsstelle und den Ausgabestellen bei Abholung monatlich 4,— zł, mit Zustellgeld 4.40 zł. Bei Postbezug monatlich 4.40 zł, vierteljährlich 13.10 zł. Bei höherer Gewalt, Betriebsstörung oder Arbeitsniederlegung besteht kein Anspruch auf Nachlieferung der Zeitung oder Rückzahlung des Bezugspreises. Zuschriften sind an die Schriftleitung des Posener Tageblattes, Posen, Tiergartenstraße 25, zu richten. Telegrammanschrift: Tageblatt Posen. Postscheckkonto: Posen Nr. 200 283. (Konto-Inh.: Concordia S. A.) Fernsprecher 6105, 6275.

Anzeigenpreis: [illegible] Anzeigenaufträge: Posener Tageblatt, Anzeigen-Abteilung, Posen, Martinstraße 70. — [illegible] Fernsprecher 6275, 6105.

78. Jahrgang — Posen, Dienstag, 17. Oktober 1939 — Nr. 236

Gräber über Gräber!

Wieder ein Massengrab des Grauens aufgefunden — Bei Turek 100 furchtbar verstümmelte Leichen ermordeter Volksdeutscher entdeckt

Den folgenden erschütternden Bericht über die Auffindung eines neuen Massengrabes, in dem sich die Leichen von 100 grausam ermordeten Volksgenossen befanden, gibt uns Pfarrer Lic. Berger, der die Ausgrabung der Blutopfer persönlich geleitet hat:

Die Stadt Schroda war der Sammel- und Ausgangspunkt von drei großen Internierungszügen. Der erste Transport verließ Schroda am Sonntag, dem 3. September, die anderen beiden an den beiden folgenden Tagen. Die Internierten wurden in der Hauptsache aus den Kreisen [illegible], Kosten, Gostyn, Schrimm und Schroda zusammengebracht und mußten von dort den Marsch nach Osten antreten. Vom zweiten und dritten Zuge ist inzwischen ein Teil zurückgekehrt. Vom ersten Zuge, der also Schroda am ersten Kriegssonntage verließ, fehlten bisher noch sehr viele.

Aus verschiedenen Meldungen Zurückgekehrter erfuhr ich, daß in der Nähe von Turek über 100 Verschleppte erschossen worden seien. Durch Gutsbesitzer Schur in Zbiersk, Kreis Schroda, wurden diese Nachrichten bestätigt, der den Ort aufgesucht und einen Angehörigen dort gefunden hat. Es wurde mir zur Gewißheit, daß die dort Erschlagenen ein Teil des oben genannten ersten Schrodaer Zuges sein müßte. Durch Vermittlung des Schrodaer Landrates stellte General von Schenckendorff einen Personenomnibus zur Verfügung. Gedrängt durch die Hoffnungen und Ungewißheit vieler Volksgenossen, machten wir — eine Anzahl Angehöriger aus Santomischel, Schroda und Herrenhofen, in Begleitung eines Polizeiwachtmeisters — uns am 14. Oktober auf den Weg an den Ort des Schreckens.

Wir stellten fest: etwa 12 Kilometer nördlich von Turek an den Dörfern Tarnowa (an der Chaussee zwischen Turek und Kościelec) und Neudorf sind etwa 100 Verschleppte des ersten Schrodaer Zuges in die Hände der polnischen Soldateska gefallen, die dort in Schützengräben und Bunkern Stellung bezogen hatte und die wehrlosen Verschleppten unter Maschinengewehrfeuer nahm. Der Vorgang hat sich so abgespielt, daß zwei Maschinengewehre die Verschleppten mit Kugeln bestreuten, daß aber die Schüsse zu tief lagen, um die Menschen zu töten. In der Hauptsache haben die Schüsse Unterleib und Oberschenkel getroffen. Dann müssen die Soldaten über die Verwundeten hergefallen und sie mit den Kolben niedergeschlagen haben, denn vielen der Toten ist der Schädel eingeschlagen worden. Dann haben die Soldaten die Toten so gut wie aller Wertsachen und Personalpapiere beraubt und sie in einzelnen Haufen auf dem Feld mit Erde bedeckt. Nachdem das polnische Militär abgezogen war, hatte die dortige polnische Zivilverwaltung angeordnet, die Toten von den Feldern zu entfernen und an anderer Stelle zu begraben. Man grub im Grenzgraben des Neudorfer evangelischen Friedhofes drei tiefe Löcher, am Grenzzaun außerhalb des Tarnowaer Friedhofes zwei tiefe Löcher und fuhr die Leichname auf Wagen dorthin. Beim Auf- und Abladen bediente man sich der Dunggabeln und Dunghaken und warf damit die Toten kreuz und quer durcheinander in die Gruben. Seitdem sind etwa vier Wochen vergangen.

Wir sahen es nun als unsere Aufgabe an, die toten Volksgenossen aus diesen Löchern herauszuholen, sie nach ihrer Identifizierungsmöglichkeit hin zu untersuchen und sie ehrenvoll zu bestatten.

Es bot sich uns ein Bild, das in seiner Grauenhaftigkeit kaum noch zu überbieten ist. Die Leichname waren durch die gewaltsame Todesart, durch das Hin- und Herzerren mit den ungeeigneten Gabeln und Geräten, durch das doppelte Begraben und durch die starke Verwesung, die im Laufe von 6 Wochen durch das Uebereinanderliegen so vieler Körper verursacht wird, bis zur Unkenntlichkeit entstellt. Diesem fehlte der Arm, jenem sogar der Kopf. Da Ringe, Wertsachen, Papiere fast vollständig fehlten, war die Identifizierung bei vielen ungeheuer erschwert, bei den meisten einfach unmöglich. Ich versichere, daß ich alle Leichname — es waren insgesamt genau 100 — selbst untersucht habe. Das Ergebnis der Untersuchung teile ich mit:

Von Angehörigen wurden erkannt: Baumeister [illegible] aus Schroda und Kantor Julius Beutler, Leiter der Ortsgruppe des Volksverbandes aus Tarnowa, Kreis Turek (gesondert beerdigt).

Durch mitgegebene Stoffproben und genaue Beschreibung wurde erkannt Gutsbeamter Kelm bei Santomischel.

Durch Papiere wurden festgestellt: Emil Gustav Schwarz, geb. 25. 3. [illegible], Berthold Samuel Kollewe, Bäckermeister aus Punitz, und Paul Herbrich, Landwirt aus dem Kreise Gostyn.

Durch Ringe konnten identifiziert werden: Trauring Stempel 900 G. R. 12. 10. [illegible]. Trauring Stempel 585 L. K. 25. 3. 33. Trauring Stempel 900 E. K. 6. 9. 24. Derselbe Tote hatte an der linken Hand einen goldenen Ring Stempel 585 mit blauem ovalem Stein. Trauring Stempel 585 ohne Monogramm. Von diesen Toten sind Kleiderreste mitgebracht worden.

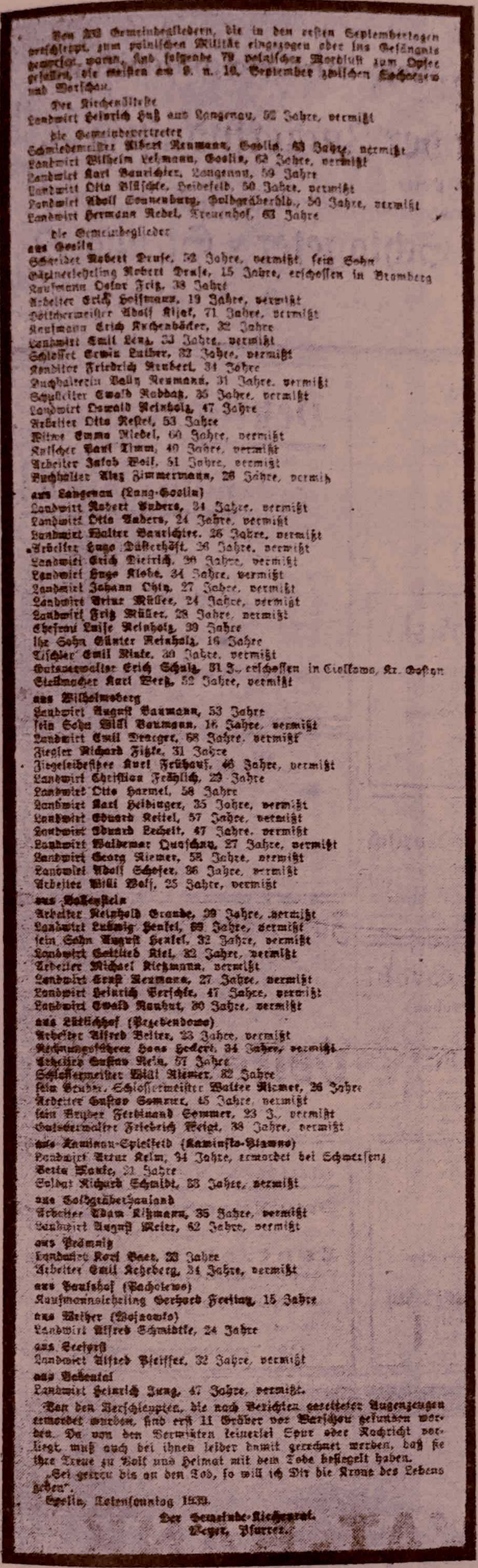
Von einigen wurden Taschentücher mit Monogrammen mitgebracht: Kariertes Taschentuch G. E.; 2 Taschentücher E. R. (grün gestickt); Unterhose W. K.; Taschentuch K. K.; Taschentuch H. R. heller [illegible], großes Monogramm W. K., Kreuzstich goldweiß.

Wo die Kleidungsstücke Merkmale aufwiesen, die zur Identifizierung der Toten beitragen können, haben wir ganze oder Proben von Kleidungsstücken mitgebracht. Ich nenne als Beispiel: eine Bluse mit Reißverschluß und Achselstücken. Oder andere besondere Kennzeichen, z. B. [illegible] mit Blumen. Von demselben Toten eine Brieftasche mit Postabschnitten und eine Uhrkette.

Von vielen war es unmöglich, Kleidungsstücke mitzubringen, weil sie schon weitgehend zerfetzt waren oder weil es sich um Massenware handelte. So trugen z. B. sehr viele ganz ähnliche Manchesterhosen, manche ganz ähnliche blaue Hemden. Es wird wahrscheinlich möglich sein, von den 100 Toten etwa [illegible] genau zu identifizieren, und zwar dadurch, daß die Angehörigen die mitgebrachten Klei-

(Fortsetzung Seite 2)

Os assassinados de Goslin e Schepanowo.



Von [illegible] Gemeindegliedern, die in den erſten Septembertagen verſchleppt, zum polniſchen Militär eingezogen oder ins Gefängnis geworfen waren, ſind folgende 79 polniſcher Mordluſt zum Opfer gefallen, die meiſten am 9. u. 10. September zwiſchen Sochaczew und Warſchau.

Der Kirchenälteſte
Landwirt **Heinrich Huß** aus Langenau, 52 Jahre, vermißt

die Gemeindevertreter
Schmiedemeiſter **Albert Neumann**, Goslin, 63 Jahre, vermißt
Landwirt **Wilhelm Lehmann**, Goslin, 62 Jahre, vermißt
Landwirt **Karl Baurichter**, Langenau, 59 Jahre
Landwirt **Otto Blitſchke**, Heidefeld, 50 Jahre, vermißt
Landwirt **Adolf Sonnenburg**, Goldgräberhld., 50 Jahre, vermißt
Landwirt **Hermann Redel**, Treuenhof, 63 Jahre

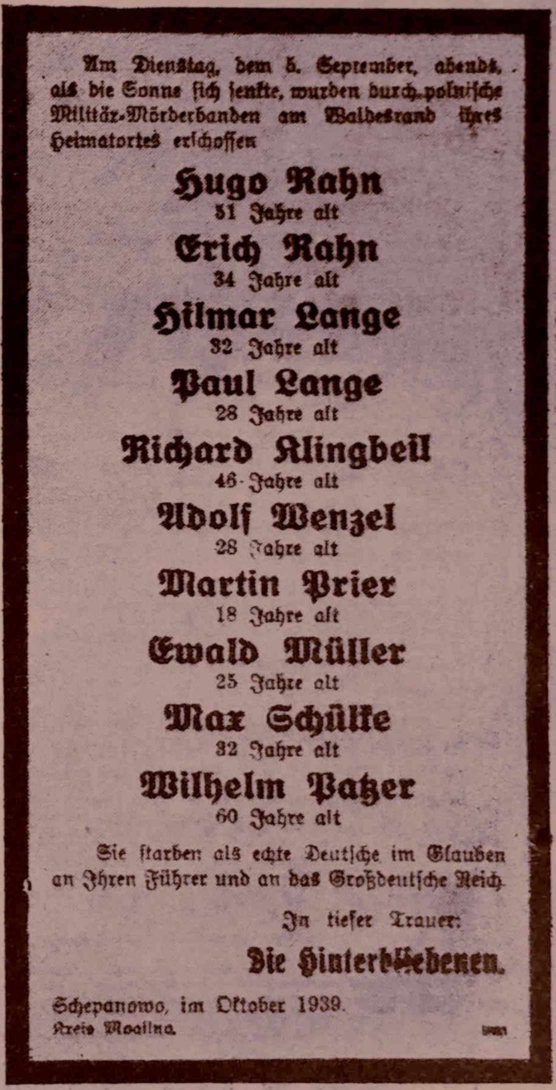
die Gemeindeglieder
aus Goslin
Schneider **Robert Druſe**, 52 Jahre, vermißt, ſein Sohn
Gärtnerlehrling **Robert Druſe**, 15 Jahre, erſchoſſen in Bromberg
Kaufmann **Oſkar Fritz**, 38 Jahre
Arbeiter **Erich Hoffmann**, 19 Jahre, vermißt
Böttchermeiſter **Adolf Kijek**, 71 Jahre, vermißt
Kaufmann **Erich Kuchenbäcker**, 32 Jahre
Landwirt **Emil Lenz**, 33 Jahre, vermißt
Schloſſer **Erwin Luther**, 32 Jahre, vermißt
Konditor **Friedrich Reubert**, 34 Jahre
Buchhalterin **Wally Neumann**, 31 Jahre, vermißt
Schulleiter **Ewald Rabbatz**, 35 Jahre, vermißt
Landwirt **Oswald Reinholz**, 47 Jahre
Arbeiter **Otto Reſtel**, 53 Jahre
Witwe **Emma Riedel**, 60 Jahre, vermißt
Kutſcher **Paul Timm**, 40 Jahre, vermißt
Arbeiter **Jakob Wolf**, 51 Jahre, vermißt
Buchhalter **Max Zimmermann**, 26 Jahre, vermiß
aus Langenau (Lang-Goslin)
Landwirt **Robert Anders**, 34 Jahre, vermißt
Landwirt **Otto Anders**, 24 Jahre, vermißt
Landwirt **Walter Baurichter**, 26 Jahre, vermißt
Arbeiter **Hugo Düſterhöft**, 38 Jahre, vermißt
Landwirt **Erich Dietrich**, 38 Jahre, vermißt
Landwirt **Hugo Klobe**, 34 Jahre, vermißt
Landwirt **Johann Ohly**, 27 Jahre, vermißt
Landwirt **Artur Müller**, 24 Jahre, vermißt
Landwirt **Fritz Müller**, 28 Jahre, vermißt
Ehefrau **Luiſe Reinholz**, 39 Jahre
ihr Sohn **Günter Reinholz**, 16 Jahre
Tiſchler **Emil Rinke**, 30 Jahre, vermißt
Gutsverwalter **Erich Schulz**, 31 J., erſchoſſen in Cielkowo, Kr. Goſtyn
Stellmacher **Karl Werß**, 52 Jahre, vermißt
aus Wilhelmsberg
Landwirt **Auguſt Baumann**, 53 Jahre
ſein Sohn **Willi Baumann**, 16 Jahre, vermißt
Landwirt **Emil Draeger**, 58 Jahre, vermißt
Ziegler **Richard Fitzke**, 31 Jahre
Ziegeleibeſitzer **Karl Frühauf**, 63 Jahre, vermißt
Landwirt **Chriſtian Fröhlich**, 29 Jahre
Landwirt **Otto Harmel**, 58 Jahre
Landwirt **Karl Heidinger**, 35 Jahre, vermißt
Landwirt **Eduard Keitel**, 57 Jahre, vermißt
Landwirt **Eduard Lechelt**, 47 Jahre, vermißt
Landwirt **Waldemar Quaſchny**, 27 Jahre, vermißt
Landwirt **Georg Riemer**, 58 Jahre, vermißt
Landwirt **Adolf Schofer**, 36 Jahre, vermißt
Arbeiter **Willi Wolf**, 25 Jahre, vermißt
aus Falkenſtein
Arbeiter **Reinhold Grande**, 39 Jahre, vermißt
Landwirt **Ludwig Henkel**, 69 Jahre, vermißt
ſein Sohn **Auguſt Henkel**, 32 Jahre, vermißt
Landwirt **Gottlieb Kiel**, 32 Jahre, vermißt
Arbeiter **Michael Kietzmann**, vermißt
Landwirt **Ernſt Neumann**, 27 Jahre, vermißt
Landwirt **Heinrich Perſchke**, 47 Jahre, vermißt
Landwirt **Ewald Raubut**, 30 Jahre, vermißt
aus Lüttichhof (Przebendowo)
Arbeiter **Alfred Beiter**, 23 Jahre, vermißt
Rechnungsführer **Hans Heckert**, 34 Jahre, vermißt
Arbeiter **Guſtav Rein**, 57 Jahre
Schloſſermeiſter **Willi Riemer**, 62 Jahre
ſein Bruder, Schloſſermeiſter **Walter Riemer**, 26 Jahre
Arbeiter **Guſtav Sommer**, 45 Jahre, vermißt
ſein Bruder **Ferdinand Sommer**, 23 J., vermißt
Gutsverwalter **Friedrich Weigt**, 38 Jahre, vermißt
aus Kaminau-Spielfeld (Kaminſko-Biamno)
Landwirt **Artur Kelm**, 34 Jahre, ermordet bei Schwerſenz
Berta Wanke, 21 Jahre
Soldat **Richard Schmidt**, 23 Jahre, vermißt
aus Goldgräberhauland
Arbeiter **Adam Kitzmann**, 35 Jahre, vermißt
Landwirt **Auguſt Meier**, 62 Jahre, vermißt
aus Prämnitz
Landwirt **Karl Baer**, 23 Jahre
Arbeiter **Emil Kehеberg**, 34 Jahre, vermißt
aus Paulshof (Pacholewo)
Kaufmannslehrling **Gerhard Freitag**, 15 Jahre
aus Weiher (Wojnowko)
Landwirt **Alfred Schmidtke**, 24 Jahre
aus Seeforſt
Landwirt **Alfred Pfeiffer**, 32 Jahre, vermißt
aus Bekental
Landwirt **Heinrich Jung**, 47 Jahre, vermißt.

Von den Verſchleppten, die nach Berichten geretteter Augenzeugen ermordet wurden, ſind erſt 11 Gräber vor Warſchau gefunden worden. Da von den Vermißten keinerlei Spur oder Nachricht vorliegt, muß auch bei ihnen leider damit gerechnet werden, daß ſie ihre Treue zu Volk und Heimat mit dem Tode beſiegelt haben.

„Sei getreu bis an den Tod, ſo will ich Dir die Krone des Lebens geben“.

Goslin, Totenſonntag 1939.

Der Gemeinde-Kirchenrat.
Weyer, Pfarrer.



Am Dienstag, dem 5. September, abends, als die Sonne ſich ſenkte, wurden durch polniſche Militär-Mörderbanden am Waldesrand ihres Heimatortes erſchoſſen

Hugo Rahn
31 Jahre alt

Erich Rahn
34 Jahre alt

Hilmar Lange
32 Jahre alt

Paul Lange
28 Jahre alt

Richard Klingbeil
46 Jahre alt

Adolf Wenzel
28 Jahre alt

Martin Prier
18 Jahre alt

Ewald Müller
25 Jahre alt

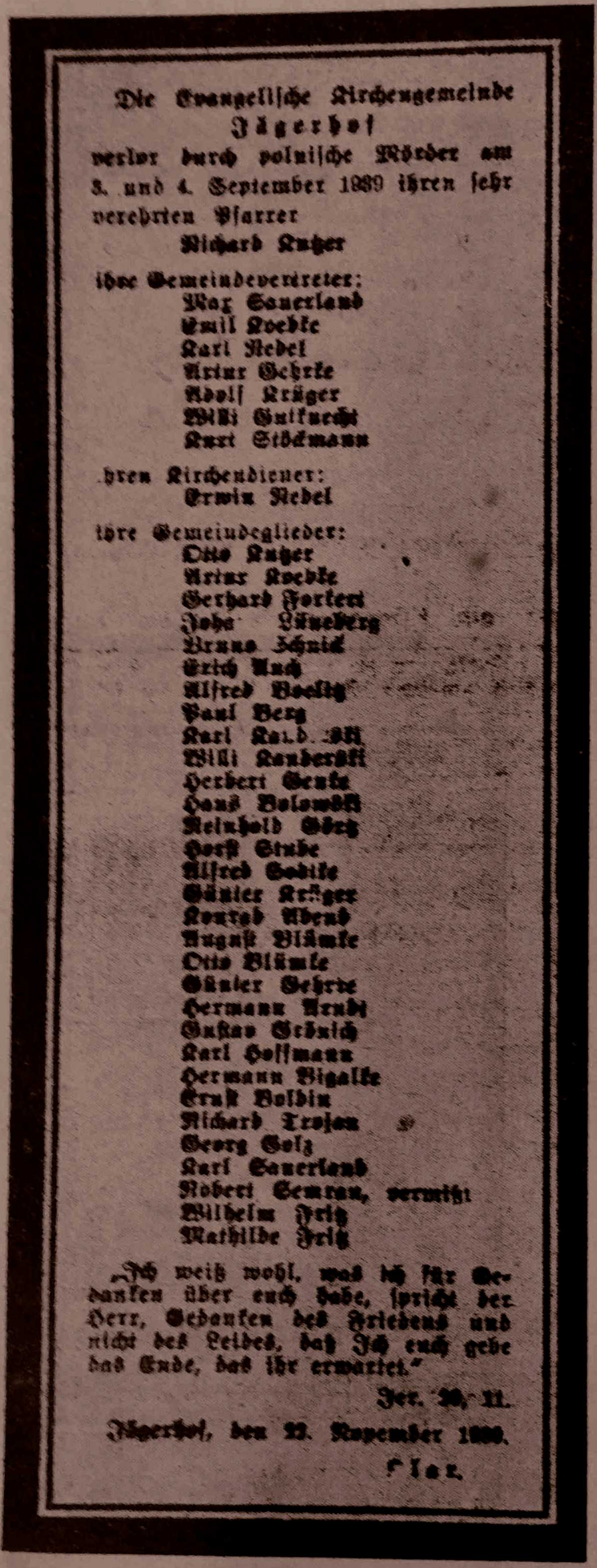
Max Schülke
32 Jahre alt

Wilhelm Patzer
60 Jahre alt

Sie ſtarben als echte Deutſche im Glauben an Ihren Führer und an das Großdeutſche Reich.

In tiefer Trauer:
Die Hinterbliebenen.

Schepanowo, im Oktober 1939.
Kreis Mogilno.



Die Evangeliſche Kirchengemeinde
Jägerhof
verlor durch polniſche Mörder am 3. und 4. September 1939 ihren ſehr verehrten Pfarrer
Richard Kutzer

ihre Gemeindevertreter:
Max Sauerland
Emil Koebke
Karl Nebel
Artur Gehrke
Adolf Krüger
Willi Gutknecht
Kurt Stöckmann

ihren Kirchendiener:
Erwin Nebel

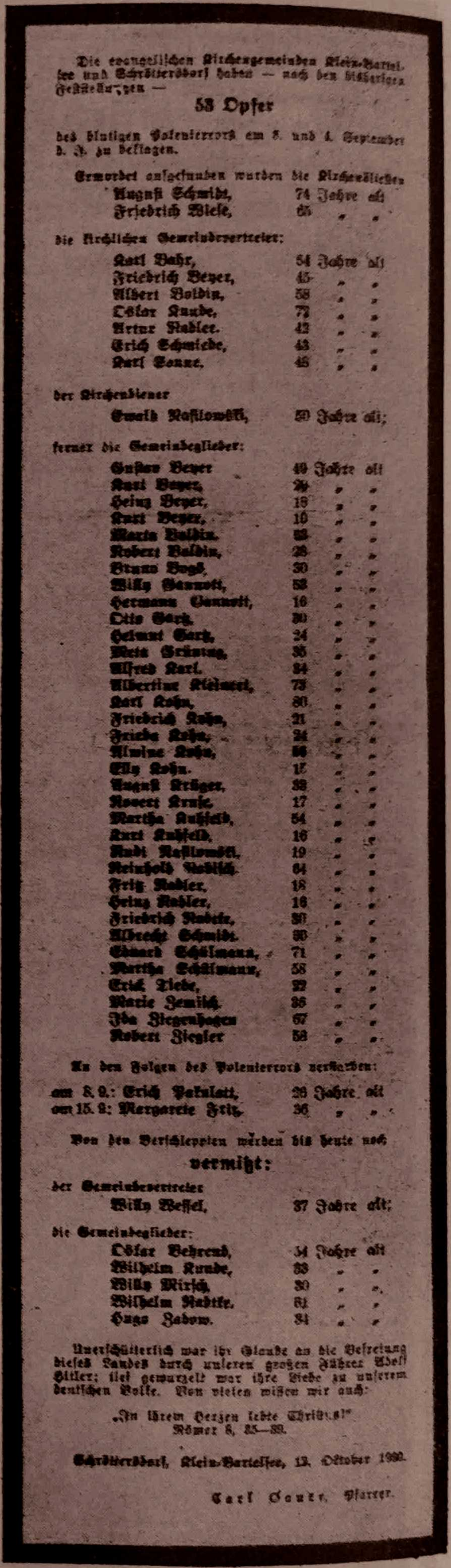
ihre Gemeindeglieder:
Otto Kutzer
Artur Koebke
Gerhard Forkert
John Lüneberg
Bruno Schnick
Erich Auch
Alfred Boelitz
Paul Berg
Karl [illegible]
Willi Konderſki
Herbert Genke
Hans Bolowſki
Reinhold Görtz
Horſt Strube
Alfred Godike
Günter Krüger
Konrad Abend
Auguſt Blümke
Otto Blümke
Günter Gehrke
Hermann Arndt
Guſtav Gränich
Karl Hoffmann
Hermann Bigalke
Ernſt Boldin
Richard Trojan
Georg Golz
Karl Sauerland
Robert Semrau, vermißt
Wilhelm Fritz
Mathilde Fritz

„Ich weiß wohl, was ich für Gedanken über euch habe, ſpricht der Herr, Gedanken des Friedens und nicht des Leides, daß Ich euch gebe das Ende, das ihr erwartet."

Jer. 29, 11.

Jägerhof, den 23. November 1939.

Flor.



Die evangeliſchen Kirchengemeinden Klein-Bartelſee und Schrötersdorf haben — nach den bisherigen Feſtſtellungen —

53 Opfer

des blutigen Polenterrors am 3. und 4. September d. J. zu beklagen.

Ermordet aufgefunden wurden die Kirchenälteſten

Auguſt Schmidt,	74 Jahre alt
Friedrich Wieſe,	65 „ „

die kirchlichen Gemeindevertreter:

Karl Bahr,	54 Jahre alt
Friedrich Beyer,	45 „ „
Albert Boldin,	58 „ „
Oskar Kunde,	73 „ „
Artur Nadler.	42 „ „
Erich Schmiede,	43 „ „
Karl Sonne,	46 „ „

der Kirchendiener

Ewald Naſilowſki,	50 Jahre alt;

ferner die Gemeindeglieder:

Guſtav Beyer	49 Jahre alt
Karl Beyer,	24 „ „
Heinz Beyer,	18 „ „
Kurt Beyer,	16 „ „
Marta Boldin.	53 „ „
Robert Boldin,	28 „ „
Bruno Vogt,	30 „ „
Willy Gannott,	53 „ „
Hermann Gannott,	16 „ „
Otto Görtz,	30 „ „
Helmut Görtz,	24 „ „
Meta Grünting,	35 „ „
Alfred Karl.	34 „ „
Albertine Kleinert,	73 „ „
Karl Kohn,	80 „ „
Friedrich Kohn,	21 „ „
Frieda Kohn,	24 „ „
Alwine Kohn,	56 „ „
Elly Kohn.	17 „ „
Auguſt Krüger,	38 „ „
Robert Kruſe.	17 „ „
Martha Kuhfeld,	54 „ „
Kurt Kuhfeld,	16 „ „
Rudi Naſilowſki,	19 „ „
Reinhold Nobiſch.	64 „ „
Fritz Nadler,	18 „ „
Heinz Nadler,	16 „ „
Friedrich Nadeke,	30 „ „
Albrecht Schmidt.	30 „ „
Eduard Schülmann,	71 „ „
Martha Schülmann,	58 „ „
Erich Liebe,	22 „ „
Marie Zemiſch.	36 „ „
Ida Ziegenhagen	67 „ „
Robert Ziegler	58 „ „

An den Folgen des Polenterrors verſtarben:

am 8. 9.: Erich Pakulatt,	28 Jahre alt
am 15. 9.: Margarete Fritz,	36 „ „

Von den Verſchleppten werden bis heute noch

vermißt:

der Gemeindevertreter

Willy Weſſel,	37 Jahre alt;

die Gemeindeglieder:

Oskar Behrend,	34 Jahre alt
Wilhelm Kunde,	33 „ „
Willy Mirſch,	30 „ „
Wilhelm Radtke,	61 „ „
Hugo Zabow.	34 „ „

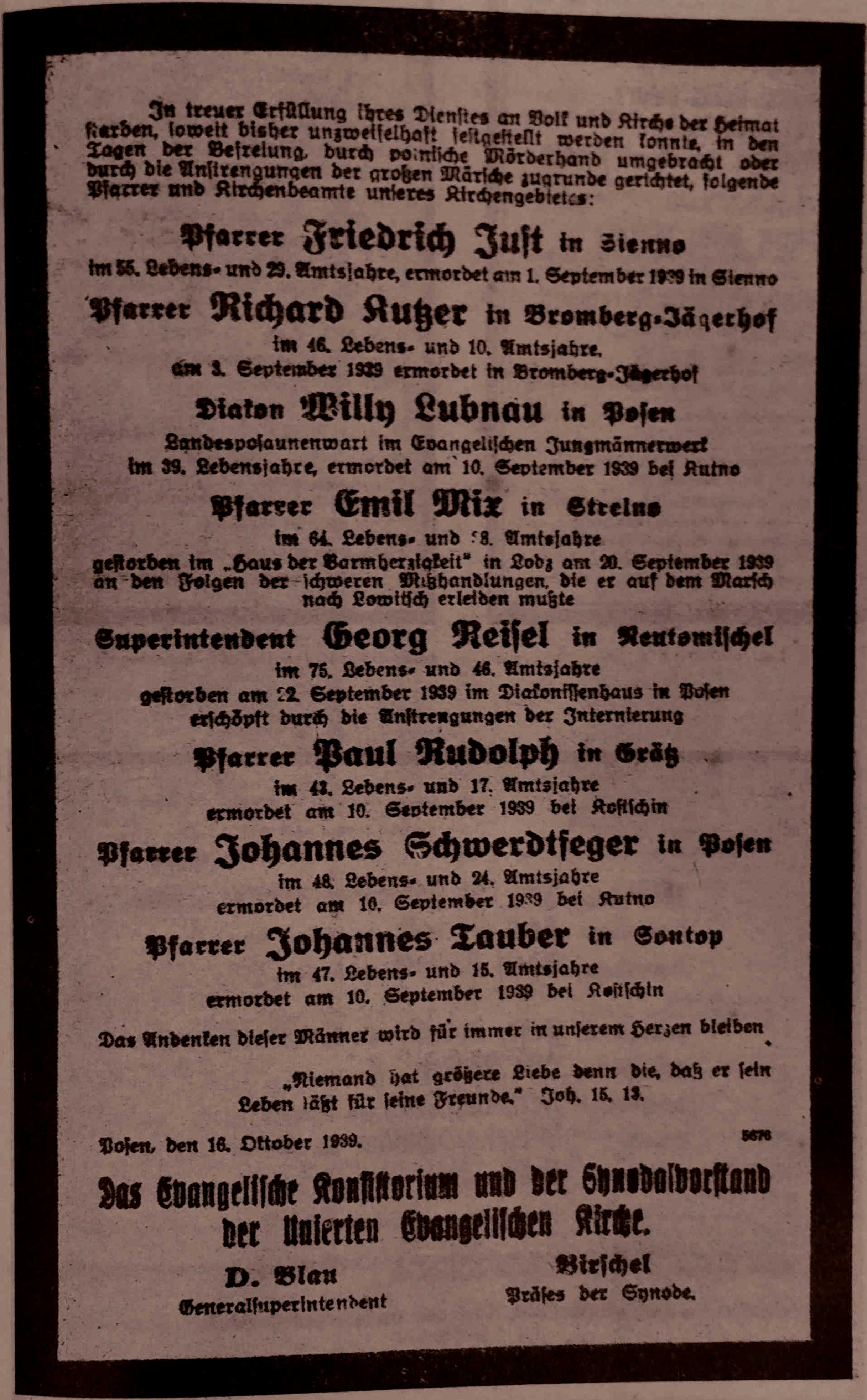
Unerſchütterlich war ihr Glaube an die Befreiung dieſes Landes durch unſeren großen Führer Adolf Hitler; tief gewurzelt war ihre Liebe zu unſerem deutſchen Volke. Von vielen wiſſen wir auch:

„In ihrem Herzen lebte Chriſtus!"
Römer 8, 35—39.

Schrötersdorf, Klein-Bartelſee, 13. Oktober 1939.

Carl Sauer, Pfarrer.

Participações de morte publicadas no "Deutsche Rundschau", de Bromberg.



In treuer Erfüllung ihres Dienſtes an Volk und Kirche der Heimat ſtarben, ſoweit bisher unzweifelhaft feſtgeſtellt werden konnte, in den Tagen der Befreiung, durch polniſche Mörderhand umgebracht oder durch die Anſtrengungen der großen Märſche zugrunde gerichtet, folgende Pfarrer und Kirchenbeamte unſeres Kirchengebietes:

Pfarrer Friedrich Juſt in Zienno
im 55. Lebens- und 29. Amtsjahre, ermordet am 1. September 1939 in Zienno

Pfarrer Richard Kutzer in Bromberg-Jägerhof
im 46. Lebens- und 10. Amtsjahre,
am 3. September 1939 ermordet in Bromberg-Jägerhof

Diakon Willy Lubnau in Poſen
Landesposaunenwart im Evangeliſchen Jungmännerwerk
im 39. Lebensjahre, ermordet am 10. September 1939 bei Kutno

Pfarrer Emil Mix in Strelno
im 64. Lebens- und 38. Amtsjahre
geſtorben im „Haus der Barmherzigkeit“ in Lodz am 20. September 1939 an den Folgen der ſchweren Mißhandlungen, die er auf dem Marſch nach Lowitſch erleiden mußte

Superintendent Georg Reiſel in Neutomiſchel
im 75. Lebens- und 46. Amtsjahre
geſtorben am 22. September 1939 im Diakoniſſenhaus in Poſen
erſchöpft durch die Anſtrengungen der Internierung

Pfarrer Paul Rudolph in Grätz
im 43. Lebens- und 17. Amtsjahre
ermordet am 10. September 1939 bei Koſtſchin

Pfarrer Johannes Schwerdtfeger in Poſen
im 48. Lebens- und 24. Amtsjahre
ermordet am 10. September 1939 bei Kutno

Pfarrer Johannes Tauber in Sontop
im 47. Lebens- und 15. Amtsjahre
ermordet am 10. September 1939 bei Koſtſchin

Das Andenken dieſer Männer wird für immer in unſerem Herzen bleiben.

„Niemand hat größere Liebe denn die, daß er ſein Leben läßt für ſeine Freunde.“ Joh. 15, 13.

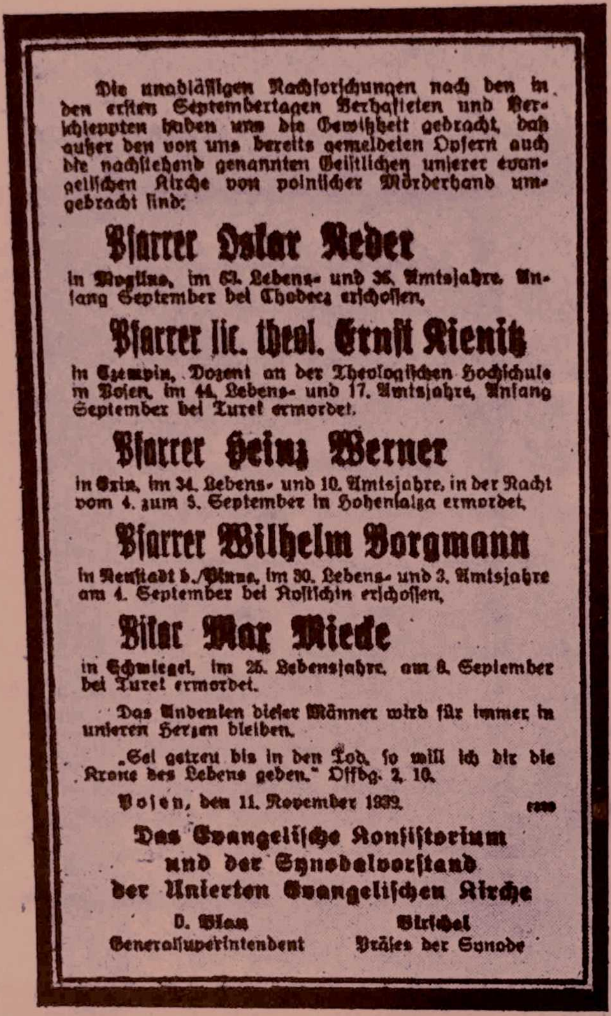
Poſen, den 16. Oktober 1939. 5676

Das Evangeliſche Konſiſtorium und der Synodalvorſtand der Unierten Evangeliſchen Kirche.

D. Blau
Generalſuperintendent

Birſchel
Präſes der Synode.

Participações de morte de curas alemães assassinados por poloneses.



Die unabläſſigen Nachforſchungen nach den in den erſten Septembertagen Verhafteten und Verſchleppten haben uns die Gewißheit gebracht, daß außer den von uns bereits gemeldeten Opfern auch die nachſtehend genannten Geiſtlichen unſerer evangeliſchen Kirche von polniſcher Mörderhand umgebracht ſind:

Pfarrer Oskar Reder

in Moglino, im 63. Lebens- und 36. Amtsjahre, Anfang September bei Chodecz erſchoſſen,

Pfarrer lic. theol. Ernſt Kienitz

in Czempin, Dozent an der Theologiſchen Hochſchule in Poſen, im 44. Lebens- und 17. Amtsjahre, Anfang September bei Turek ermordet,

Pfarrer Heinz Werner

in Exin, im 34. Lebens- und 10. Amtsjahre, in der Nacht vom 4. zum 5. September in Hohenſalza ermordet,

Pfarrer Wilhelm Borgmann

in Neuſtadt b./Pinne, im 30. Lebens- und 3. Amtsjahre am 4. September bei Koſtſchin erſchoſſen,

Vikar Max Miecke

in Schmiegel, im 26. Lebensjahre, am 8. September bei Turek ermordet.

Das Andenken dieſer Männer wird für immer in unſeren Herzen bleiben.

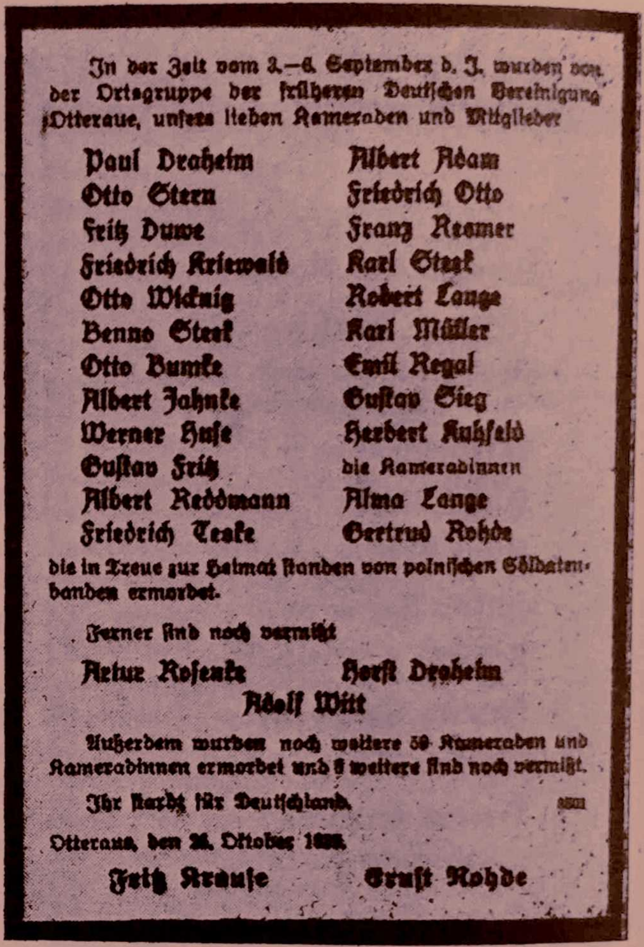
„Sei getreu bis in den Tod, ſo will ich dir die Krone des Lebens geben." Offbg. 2, 10.

Poſen, den 11. November 1939. [illegible]

Das Evangeliſche Konſiſtorium
und der Synodalvorſtand
der Unierten Evangeliſchen Kirche

D. Blau
Generalſuperintendent

Birſchel
Präſes der Synode



In der Zeit vom 3.–6. September d. J. wurden von der Ortsgruppe der früheren Deutſchen Vereinigung Otteraue, unſere lieben Kameraden und Mitglieder

Paul Draheim
Otto Stern
Fritz Duwe
Friedrich Kriewald
Otto Wicknig
Benno Steek
Otto Bumke
Albert Jahnke
Werner Huſe
Guſtav Fritz
Albert Reddmann
Friedrich Teske
Albert Adam
Friedrich Otto
Franz Reemer
Karl Steek
Robert Lange
Karl Müller
Emil Regal
Guſtav Sieg
Herbert Kuhfeld
die Kameradinnen
Alma Lange
Gertrud Rohde

die in Treue zur Heimat ſtanden von polniſchen Soldatenbanden ermordet.

Ferner ſind noch vermißt

Artur Roſenke **Horſt Draheim**
Adolf Witt

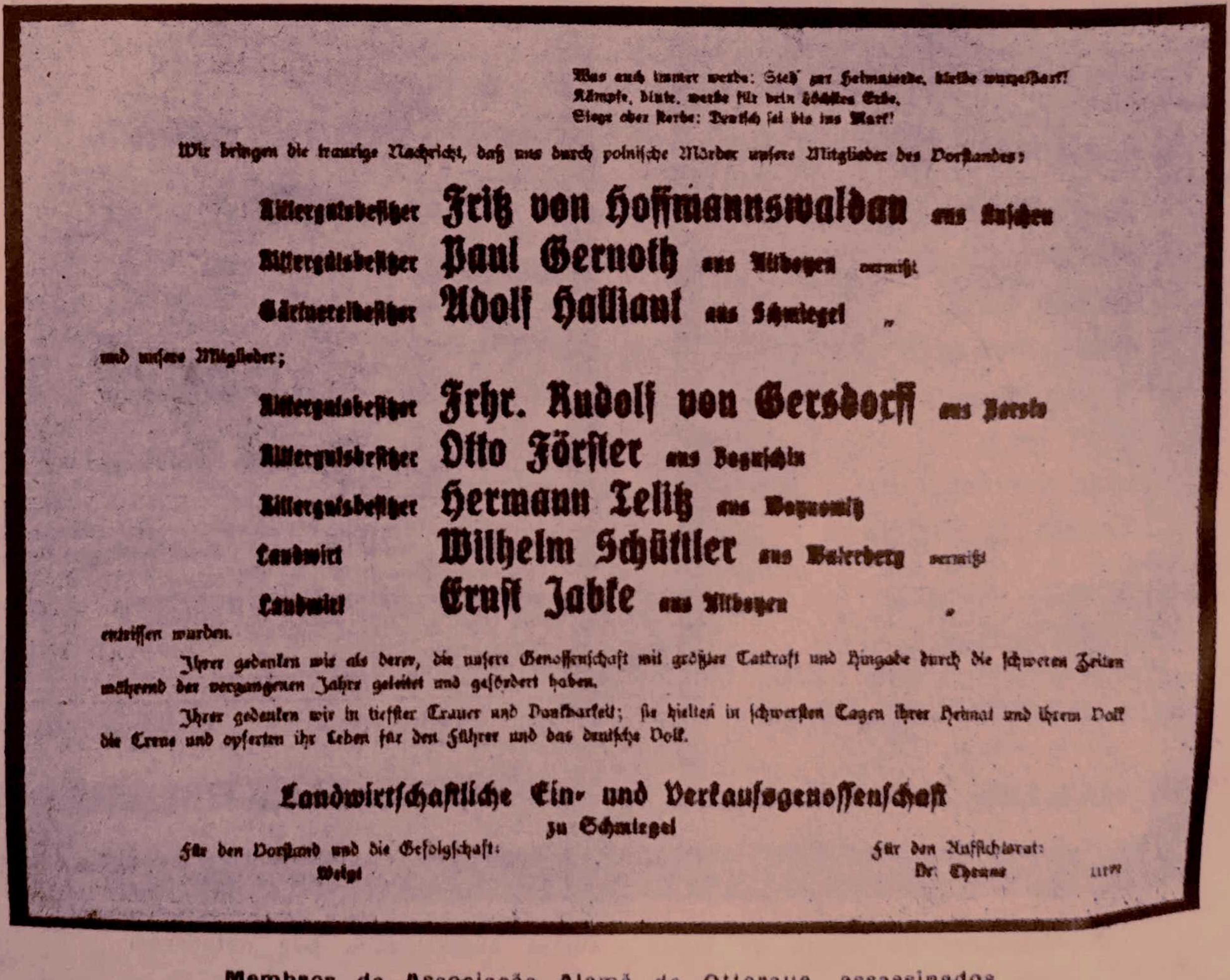
Außerdem wurden noch weitere 59 Kameraden und Kameradinnen ermordet und 5 weitere ſind noch vermißt.

Ihr ſtarbt für Deutſchland. [illegible]

Otteraue, den 26. Oktober 1939.

Fritz Krauſe **Ernſt Rohde**

Latifundiários e lavradores alemães assassinados (região de Schmiegel).



Was auch immer werde: Steh' zur Heimaterde, bleibe wurzelſtark!
Kämpfe, blute, werde für dein höchſtes Erbe,
Siege oder ſterbe: Deutſch ſei bis ins Mark!

Wir bringen die traurige Nachricht, daß uns durch polniſche Mörder unſere Mitglieder des Vorſtandes:

Rittergutsbeſitzer **Fritz von Hoffmannswaldau** aus Kuſchen
Rittergutsbeſitzer **Paul Gernoth** aus Altboyen vermißt
Gärtnereibeſitzer **Adolf Halliant** aus Schmiegel „

und unſere Mitglieder;

Rittergutsbeſitzer **Frhr. Rudolf von Gersdorff** aus Parsko
Rittergutsbeſitzer **Otto Förſter** aus Boguſchin
Rittergutsbeſitzer **Hermann Telitz** aus Woynowitz
Landwirt **Wilhelm Schüttler** aus Walerberg vermißt
Landwirt **Ernſt Jabke** aus Altboyen „

entriſſen wurden.

Ihrer gedenken wir als derer, die unſere Genoſſenſchaft mit größter Tatkraft und Hingabe durch die ſchweren Zeiten während der vergangenen Jahre geleitet und gefördert haben.

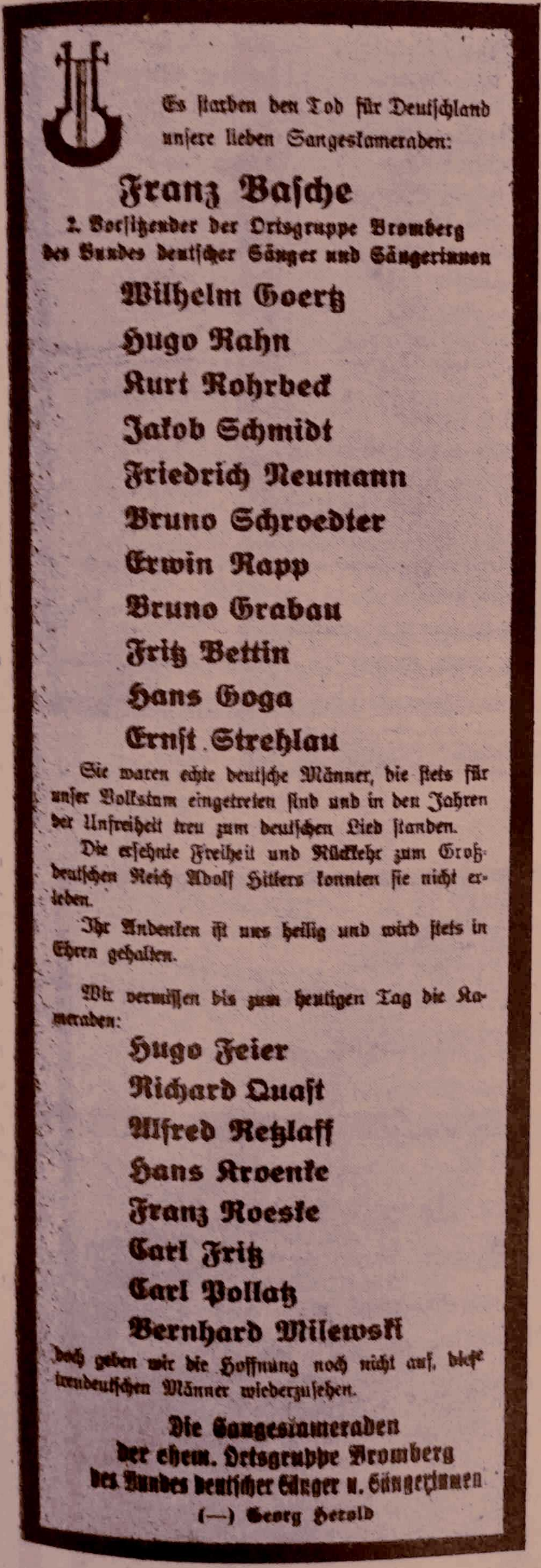
Ihrer gedenken wir in tiefſter Trauer und Dankbarkeit; ſie hielten in ſchwerſten Tagen ihrer Heimat und ihrem Volk die Treue und opferten ihr Leben für den Führer und das deutſche Volk.

Landwirtſchaftliche Ein- und Verkaufsgenoſſenſchaft
zu Schmiegel

Für den Vorſtand und die Gefolgſchaft:
Weigt

Für den Aufſichtsrat:
Dr. Thoms [illegible]

Membros da Associação Alemã de Otteraue, assassinados.



Es ſtarben den Tod für Deutſchland
unſere lieben Sangeskameraden:

Franz Baſche

2. Vorſitzender der Ortsgruppe Bromberg
des Bundes deutſcher Sänger und Sängerinnen

Wilhelm Goertz
Hugo Rahn
Kurt Rohrbeck
Jakob Schmidt
Friedrich Neumann
Bruno Schroedter
Erwin Rapp
Bruno Grabau
Fritz Bettin
Hans Goga
Ernſt Strehlau

Sie waren echte deutſche Männer, die ſtets für unſer Volkstum eingetreten ſind und in den Jahren der Unfreiheit treu zum deutſchen Lied ſtanden.

Die erſehnte Freiheit und Rückkehr zum Großdeutſchen Reich Adolf Hitlers konnten ſie nicht erleben.

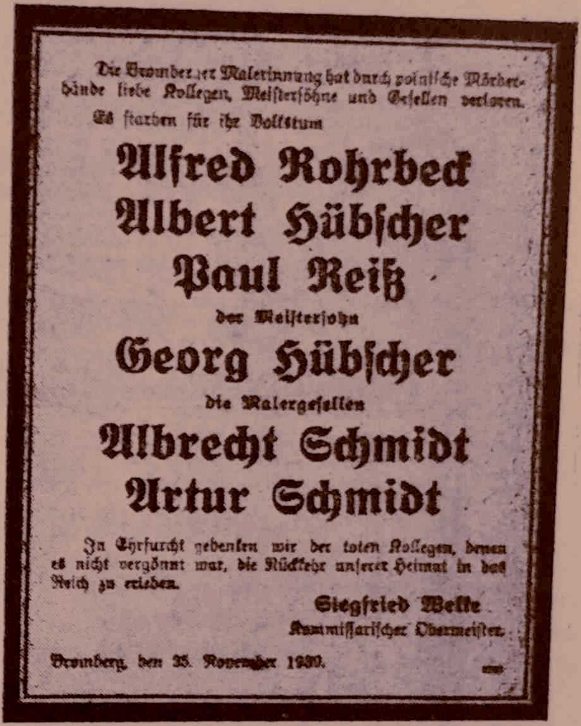
Ihr Andenken iſt uns heilig und wird ſtets in Ehren gehalten.

Wir vermiſſen bis zum heutigen Tag die Kameraden:

Hugo Feier
Richard Quaſt
Alfred Retzlaff
Hans Kroenke
Franz Roeske
Carl Fritz
Carl Pollatz
Bernhard Milewski

doch geben wir die Hoffnung noch nicht auf, dieſe treudeutſchen Männer wiederzuſehen.

Die Sangeskameraden
der ehem. Ortsgruppe Bromberg
des Bundes deutſcher Sänger u. Sängerinnen
(—) Georg Herold



Die Bromberger Malerinnung hat durch polniſche Mörderhände liebe Kollegen, Meiſterſöhne und Geſellen verloren.

Es ſtarben für ihr Volkstum

Alfred Rohrbeck
Albert Hübſcher
Paul Reiß

der Meiſterſohn

Georg Hübſcher

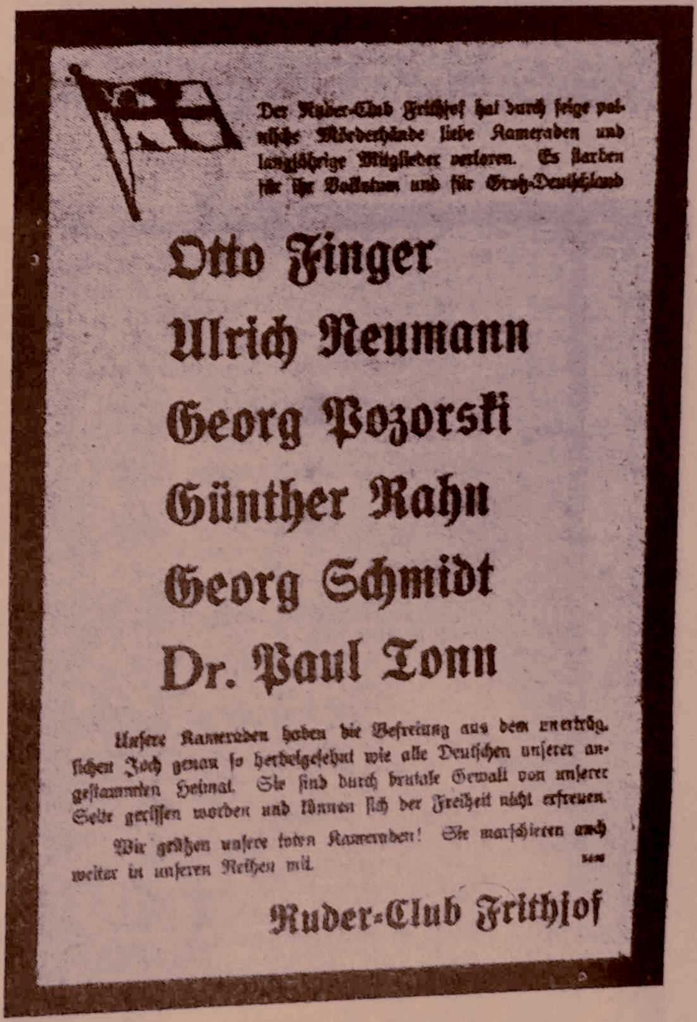
die Malergeſellen

Albrecht Schmidt
Artur Schmidt

In Ehrfurcht gedenken wir der toten Kollegen, denen es nicht vergönnt war, die Rückkehr unſerer Heimat in das Reich zu erleben.

Siegfried Welke
Kommiſſariſcher Obermeiſter.

Bromberg, den 25. November 1939.



Der Ruder-Club Frithjof hat durch feige polniſche Mörderhände liebe Kameraden und langjährige Mitglieder verloren. Es ſtarben für ihr Volkstum und für Groß-Deutſchland

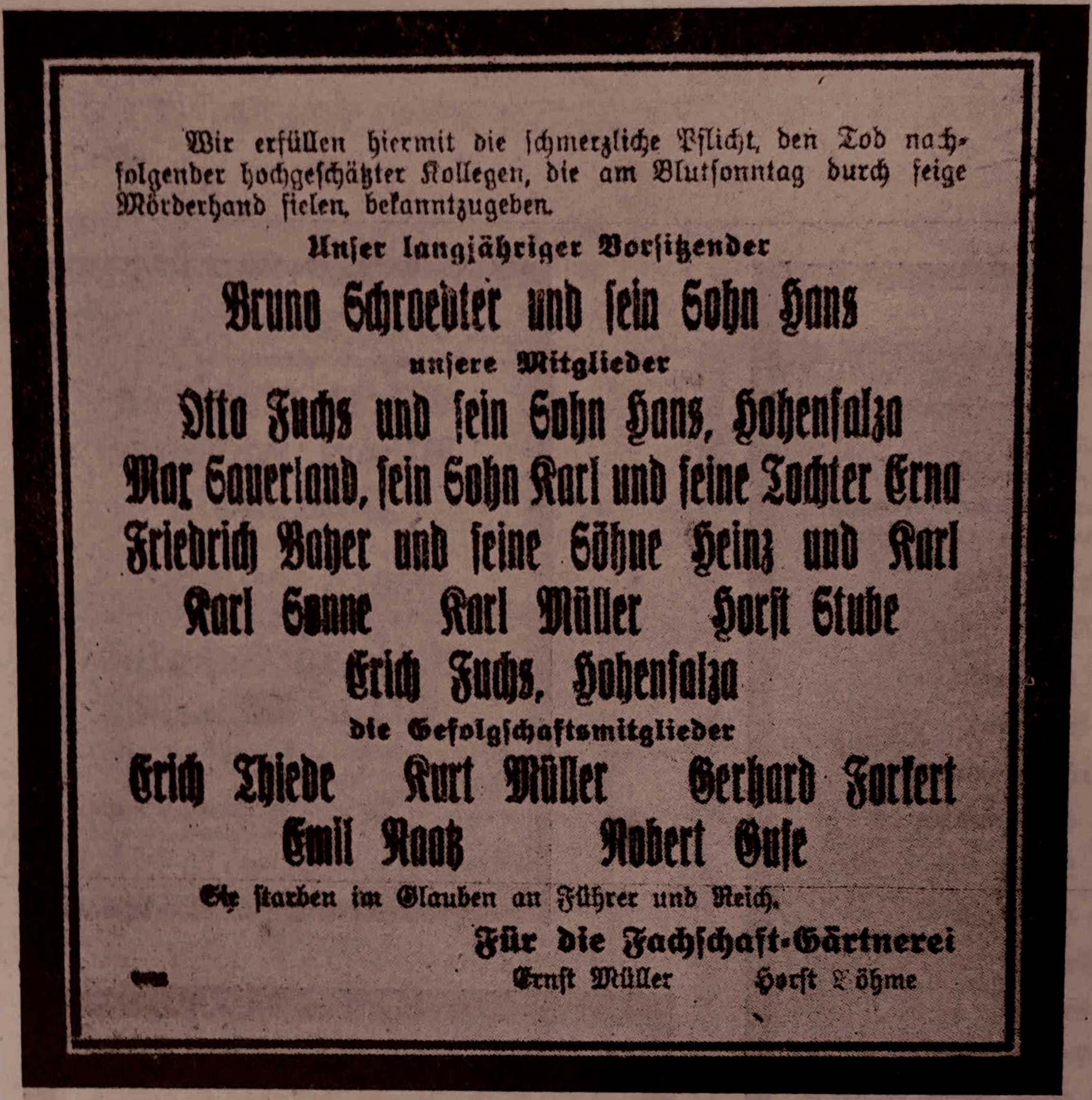
Otto Finger
Ulrich Neumann
Georg Pozorski
Günther Rahn
Georg Schmidt
Dr. Paul Tonn

Unſere Kameraden haben die Befreiung aus dem unerträglichen Joch genau ſo herbeigeſehnt wie alle Deutſchen unſerer angeſtammten Heimat. Sie ſind durch brutale Gewalt von unſerer Seite geriſſen worden und können ſich der Freiheit nicht erfreuen.

Wir grüßen unſere toten Kameraden! Sie marſchieren auch weiter in unſeren Reihen mit.

Ruder-Club Frithjof

Cantores, remadores, pintores, jardineiros, açougueiros de Bromberg, assassinados.



Wir erfüllen hiermit die ſchmerzliche Pflicht, den Tod nachfolgender hochgeſchätzter Kollegen, die am Blutſonntag durch feige Mörderhand fielen, bekanntzugeben.

Unſer langjähriger Vorſitzender

Bruno Schroedter und ſein Sohn Hans

unſere Mitglieder

Otto Fuchs und ſein Sohn Hans, Hohenſalza

Max Sauerland, ſein Sohn Karl und ſeine Tochter Erna

Friedrich Bayer und ſeine Söhne Heinz und Karl

Karl Sonne Karl Müller Horſt Stube

Erich Fuchs, Hohenſalza

die Gefolgſchaftsmitglieder

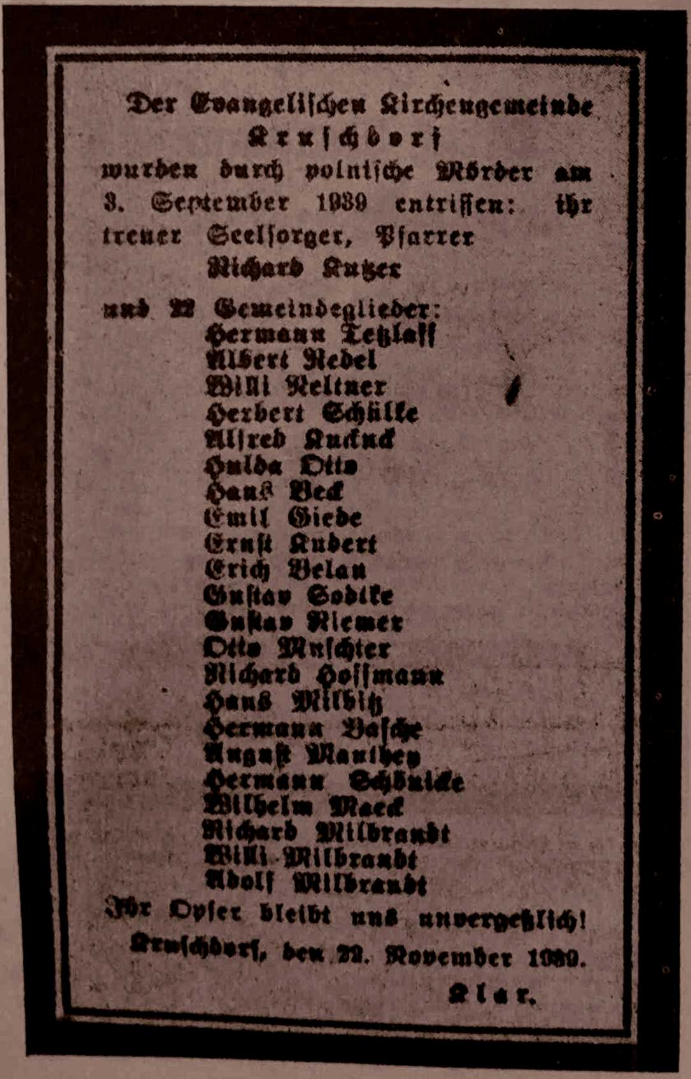
Erich Thiede Kurt Müller Gerhard Forkert

Emil Raatz Robert Guſe

Sie ſtarben im Glauben an Führer und Reich.

Für die Fachſchaft-Gärtnerei

Ernſt Müller Horſt Löhme



Der Evangeliſchen Kirchengemeinde
Kruſchdorf
wurden durch polniſche Mörder am 3. September 1939 entriſſen: ihr treuer Seelſorger, Pfarrer
Richard Kutzer

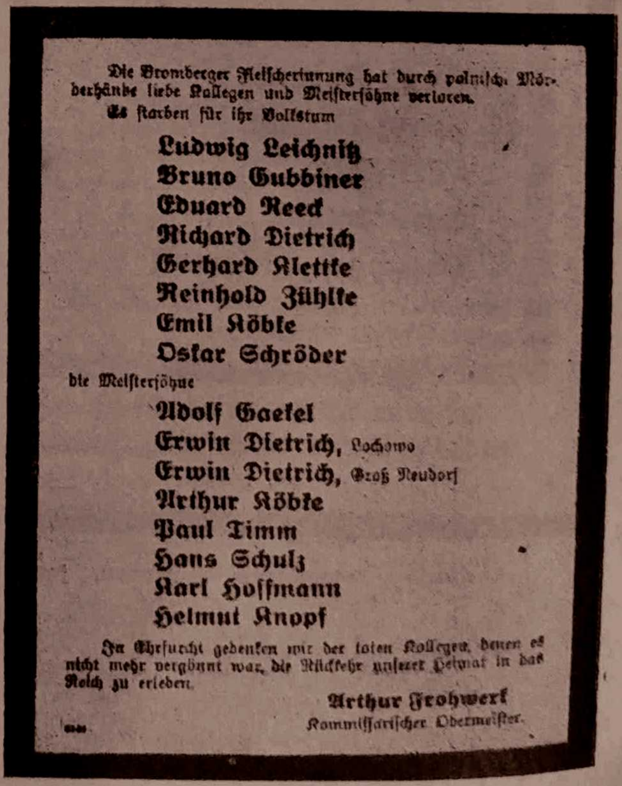
und 22 Gemeindeglieder:
Hermann Tetzlaff
Albert Redel
Willi Reltner
Herbert Schülke
Alfred Kuckuck
Hulda Otto
Hans Beck
Emil Giede
Ernſt Kubert
Erich Belau
Guſtav Sodike
Guſtav Riemer
Otto Muſchter
Richard Hoffmann
Hans Milbitz
Hermann Baſche
Auguſt Manthey
Hermann Schönicke
Wilhelm Mack
Richard Milbrandt
Willi Milbrandt
Adolf Milbrandt

Ihr Opfer bleibt uns unvergeßlich!

Kruſchdorf, den 22. November 1939.

Klar.

Os assassinados de Kruschdorf.



Die Bromberger Fleiſcherinnung hat durch polniſche Mörderhände liebe Kollegen und Meiſterſöhne verloren.
Es ſtarben für ihr Volkstum

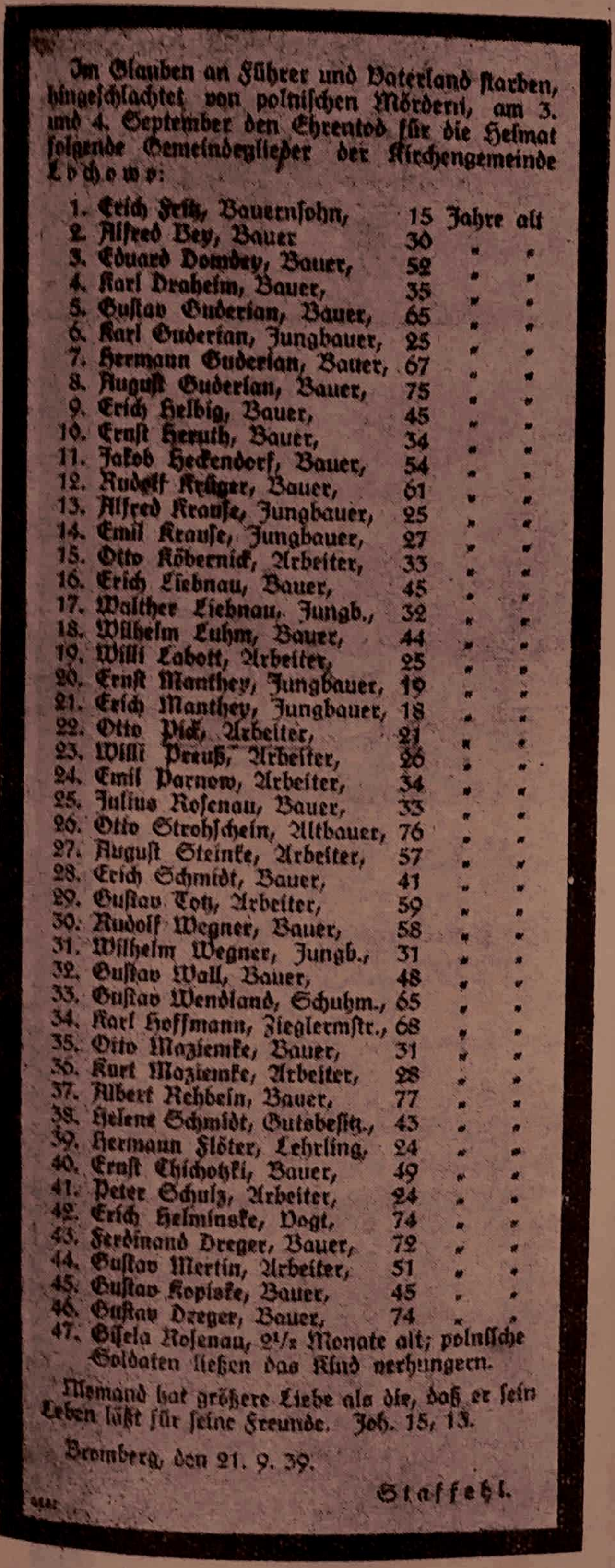
Ludwig Leichnitz
Bruno Gubbiner
Eduard Reeck
Richard Dietrich
Gerhard Klettke
Reinhold Zühlke
Emil Köbke
Oskar Schröder

die Meiſterſöhne

Adolf Gaekel
Erwin Dietrich, Lochowo
Erwin Dietrich, Groß Neudorf
Arthur Köbke
Paul Timm
Hans Schulz
Karl Hoffmann
Helmut Knopf

In Ehrfurcht gedenken wir der toten Kollegen, denen es nicht mehr vergönnt war, die Rückkehr unſerer Heimat in das Reich zu erleben.

Arthur Frohwerk
Kommiſſariſcher Obermeiſter.



Im Glauben an Führer und Vaterland ſtarben, hingeſchlachtet von polniſchen Mördern, am 3. und 4. September den Ehrentod für die Heimat folgende Gemeindeglieder der Kirchengemeinde Lochowo:

1. Erich Fritz, Bauernſohn,	15	Jahre	alt
2. Alfred Bey, Bauer	30	„	„
3. Eduard Dombey, Bauer,	52	„	„
4. Karl Draheim, Bauer,	35	„	„
5. Guſtav Guderian, Bauer,	65	„	„
6. Karl Guderian, Jungbauer,	25	„	„
7. Hermann Guderian, Bauer,	67	„	„
8. Auguſt Guderian, Bauer,	75	„	„
9. Erich Helbig, Bauer,	45	„	„
10. Ernſt Heruth, Bauer,	34	„	„
11. Jakob Heckendorf, Bauer,	54	„	„
12. Rudolf Krüger, Bauer,	61	„	„
13. Alfred Krauſe, Jungbauer,	25	„	„
14. Emil Krauſe, Jungbauer,	27	„	„
15. Otto Köbernick, Arbeiter,	33	„	„
16. Erich Liebnau, Bauer,	45	„	„
17. Walther Liebnau, Jungb.,	32	„	„
18. Wilhelm Luhm, Bauer,	44	„	„
19. Willi Labott, Arbeiter,	25	„	„
20. Ernſt Manthey, Jungbauer,	19	„	„
21. Erich Manthey, Jungbauer,	18	„	„
22. Otto Pick, Arbeiter,	21	„	„
23. Willi Preuß, Arbeiter,	26	„	„
24. Emil Parnow, Arbeiter,	34	„	„
25. Julius Roſenau, Bauer,	33	„	„
26. Otto Strohſchein, Altbauer,	76	„	„
27. Auguſt Steinke, Arbeiter,	57	„	„
28. Erich Schmidt, Bauer,	41	„	„
29. Guſtav Totz, Arbeiter,	59	„	„
30. Rudolf Wegner, Bauer,	58	„	„
31. Wilhelm Wegner, Jungb.,	31	„	„
32. Guſtav Wall, Bauer,	48	„	„
33. Guſtav Wendland, Schuhm.,	65	„	„
34. Karl Hoffmann, Zieglermſtr.,	68	„	„
35. Otto Maziemke, Bauer,	31	„	„
36. Kurt Maziemke, Arbeiter,	28	„	„
37. Albert Rehbein, Bauer,	77	„	„
38. Helene Schmidt, Gutsbeſitz.,	43	„	„
39. Hermann Flöter, Lehrling,	24	„	„
40. Ernſt Chichotzki, Bauer,	49	„	„
41. Peter Schulz, Arbeiter,	24	„	„
42. Erich Helminske, Vogt,	74	„	„
43. Ferdinand Dreger, Bauer,	72	„	„
44. Guſtav Mertin, Arbeiter,	51	„	„
45. Guſtav Kopiske, Bauer,	45	„	„
46. Guſtav Dreger, Bauer,	74	„	„

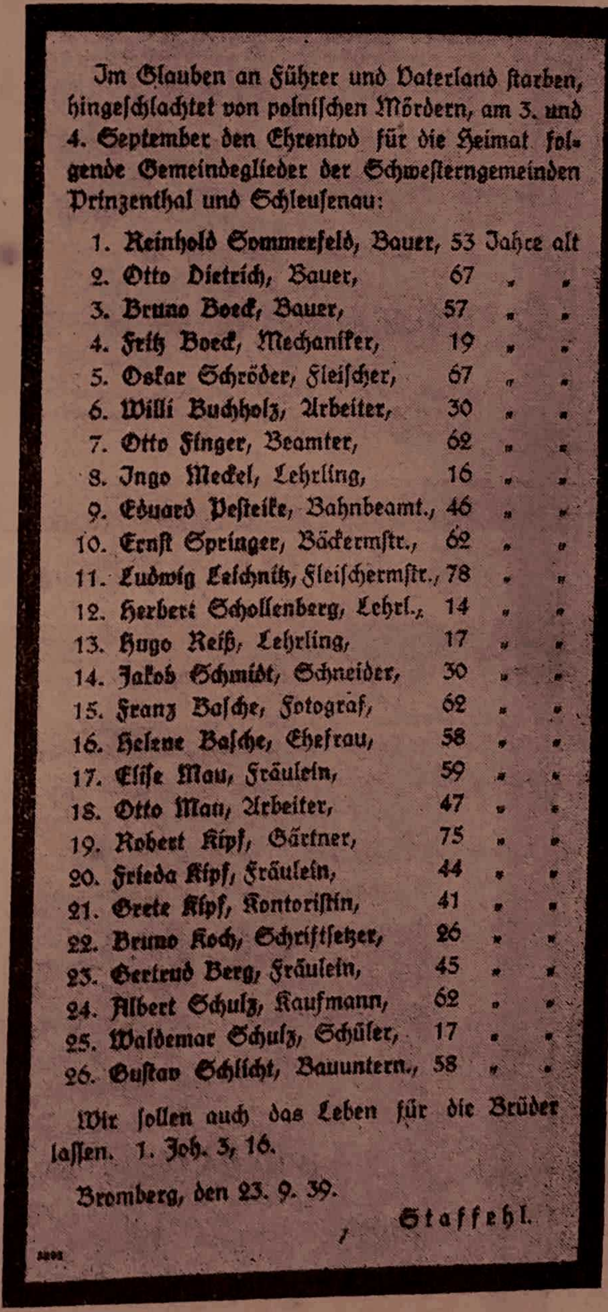
47. Giſela Roſenau, 2½ Monate alt; polniſche Soldaten ließen das Kind verhungern.

Niemand hat größere Liebe als die, daß er ſein Leben läßt für ſeine Freunde. Joh. 15, 13.

Bromberg, den 21. 9. 39.

Staffehl.

Os assassinados de Lochowo, Prinzenthal e Schleusenau.



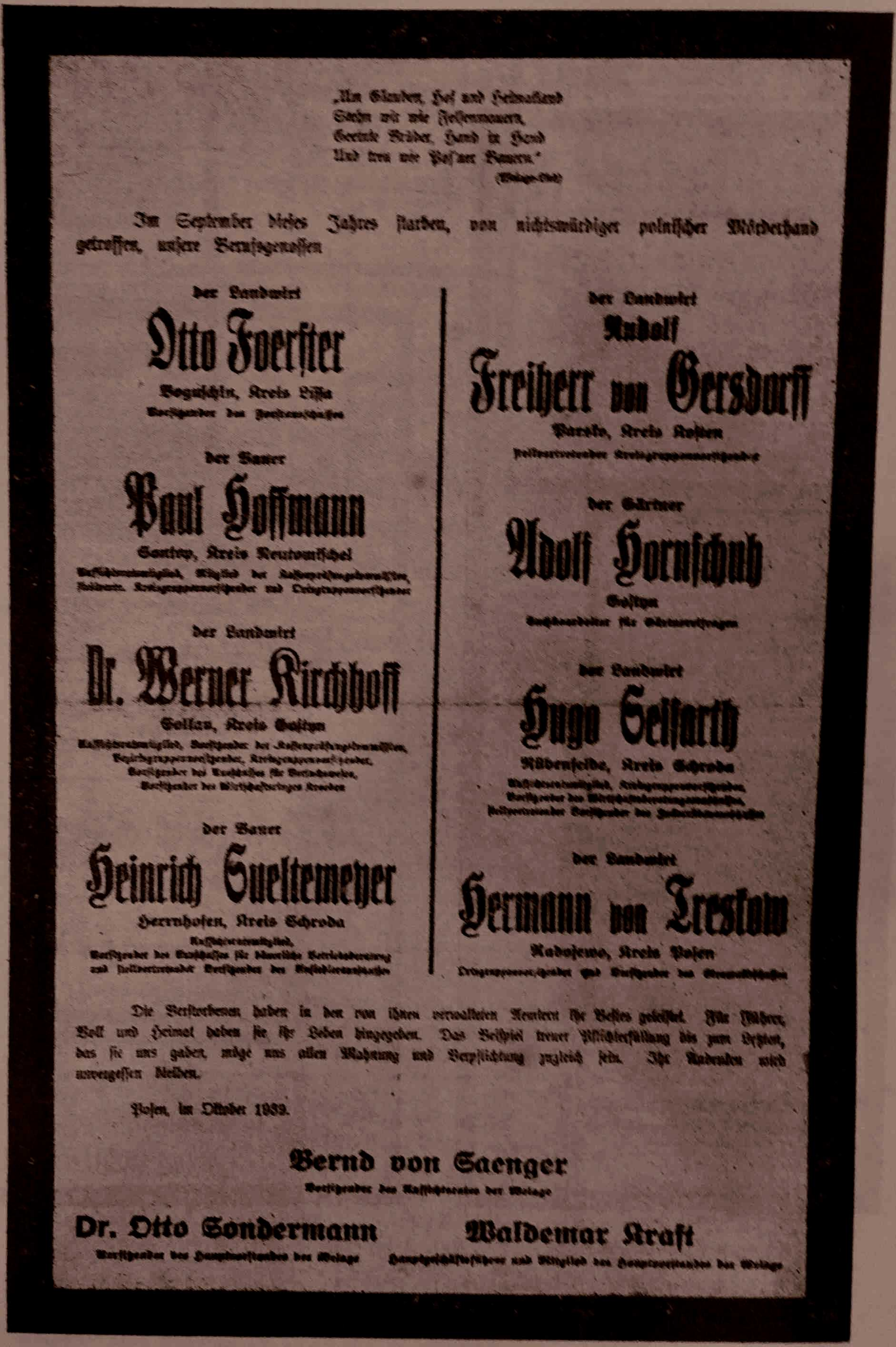
Im Glauben an Führer und Vaterland ſtarben, hingeſchlachtet von polniſchen Mördern, am 3. und 4. September den Ehrentod für die Heimat folgende Gemeindeglieder der Schweſterngemeinden Prinzenthal und Schleuſenau:

1. Reinhold Sommerfeld, Bauer,	53	Jahre	alt
2. Otto Dietrich, Bauer,	67	„	„
3. Bruno Boeck, Bauer,	57	„	„
4. Fritz Boeck, Mechaniker,	19	„	„
5. Oskar Schröder, Fleiſcher,	67	„	„
6. Willi Buchholz, Arbeiter,	30	„	„
7. Otto Finger, Beamter,	62	„	„
8. Ingo Meckel, Lehrling,	16	„	„
9. Eduard Peſteike, Bahnbeamt.,	46	„	„
10. Ernſt Springer, Bäckermſtr.,	62	„	„
11. Ludwig Leſchnitz, Fleiſchermſtr.,	78	„	„
12. Herbert Schollenberg, Lehrl.,	14	„	„
13. Hugo Reiß, Lehrling,	17	„	„
14. Jakob Schmidt, Schneider,	30	„	„
15. Franz Baſche, Fotograf,	62	„	„
16. Helene Baſche, Ehefrau,	58	„	„
17. Eliſe Mau, Fräulein,	59	„	„
18. Otto Mau, Arbeiter,	47	„	„
19. Robert Kipf, Gärtner,	75	„	„
20. Frieda Kipf, Fräulein,	44	„	„
21. Grete Kipf, Kontoriſtin,	41	„	„
22. Bruno Koch, Schriftſetzer,	26	„	„
23. Gertrud Berg, Fräulein,	45	„	„
24. Albert Schulz, Kaufmann,	62	„	„
25. Waldemar Schulz, Schüler,	17	„	„
26. Guſtav Schlicht, Bauuntern.,	58	„	„

Wir ſollen auch das Leben für die Brüder laſſen. 1. Joh. 3, 16.

Bromberg, den 23. 9. 39.

Staffehl.



„Im Glauben, Hof und Heimatland
Stehn wir wie Felſenmauern,
Geeinte Brüder, Hand in Hand
Und treu wie Poſ'ner Bauern."
(Welage-Lied)

Im September dieſes Jahres ſtarben, von nichtswürdiger polniſcher Mörderhand getroffen, unſere Berufsgenoſſen

der Landwirt
Otto Foerſter
Boguſchin, Kreis Liſſa
Vorſitzender des [illegible]

der Bauer
Paul Hoffmann
Gontkow, Kreis Neutomiſchel
Aufſichtsratsmitglied, Mitglied der [illegible], [illegible] Kreisgruppenvorſitzender und Ortsgruppenvorſitzender

der Landwirt
Dr. Werner Kirchhoff
Gollau, Kreis Goſtyn
Aufſichtsratsmitglied, Vorſitzender der [illegible],
Bezirksgruppenvorſitzender, Kreisgruppenvorſitzender,
Vorſitzender des Ausſchuſſes für Verſuchsweſen,
Vorſitzender des Wirtſchaftsringes Kroeben

der Bauer
Heinrich Sueltemeyer
Herrnhofen, Kreis Schroda
Aufſichtsratsmitglied,
Vorſitzender des Ausſchuſſes für bäuerliche Betriebsberatung
und ſtellvertretender Vorſitzender des [illegible]

der Landwirt
Rudolf Freiherr von Gersdorff
Parsko, Kreis Koſten
ſtellvertretender Kreisgruppenvorſitzender

der Gärtner
Adolf Hornſchuh
Goſtyn
Sachbearbeiter für Gärtnereifragen

der Landwirt
Hugo Seyfarth
Rübenfelde, Kreis Schroda
Aufſichtsratsmitglied, Kreisgruppenvorſitzender,
Vorſitzender des Wirtſchaftsberatungsausſchuſſes,
ſtellvertretender Vorſitzender des [illegible]

der Landwirt
Hermann von Treskow
Radojewo, Kreis Poſen
Ortsgruppenvorſitzender und Vorſitzender des [illegible]

Die Verſtorbenen haben in den von ihnen verwalteten Ämtern ihr Beſtes geleiſtet. Für Führer, Volk und Heimat haben ſie ihr Leben hingegeben. Das Beiſpiel treuer Pflichterfüllung bis zum Letzten, das ſie uns gaben, möge uns allen Mahnung und Verpflichtung zugleich ſein. Ihr Andenken wird unvergeſſen bleiben.

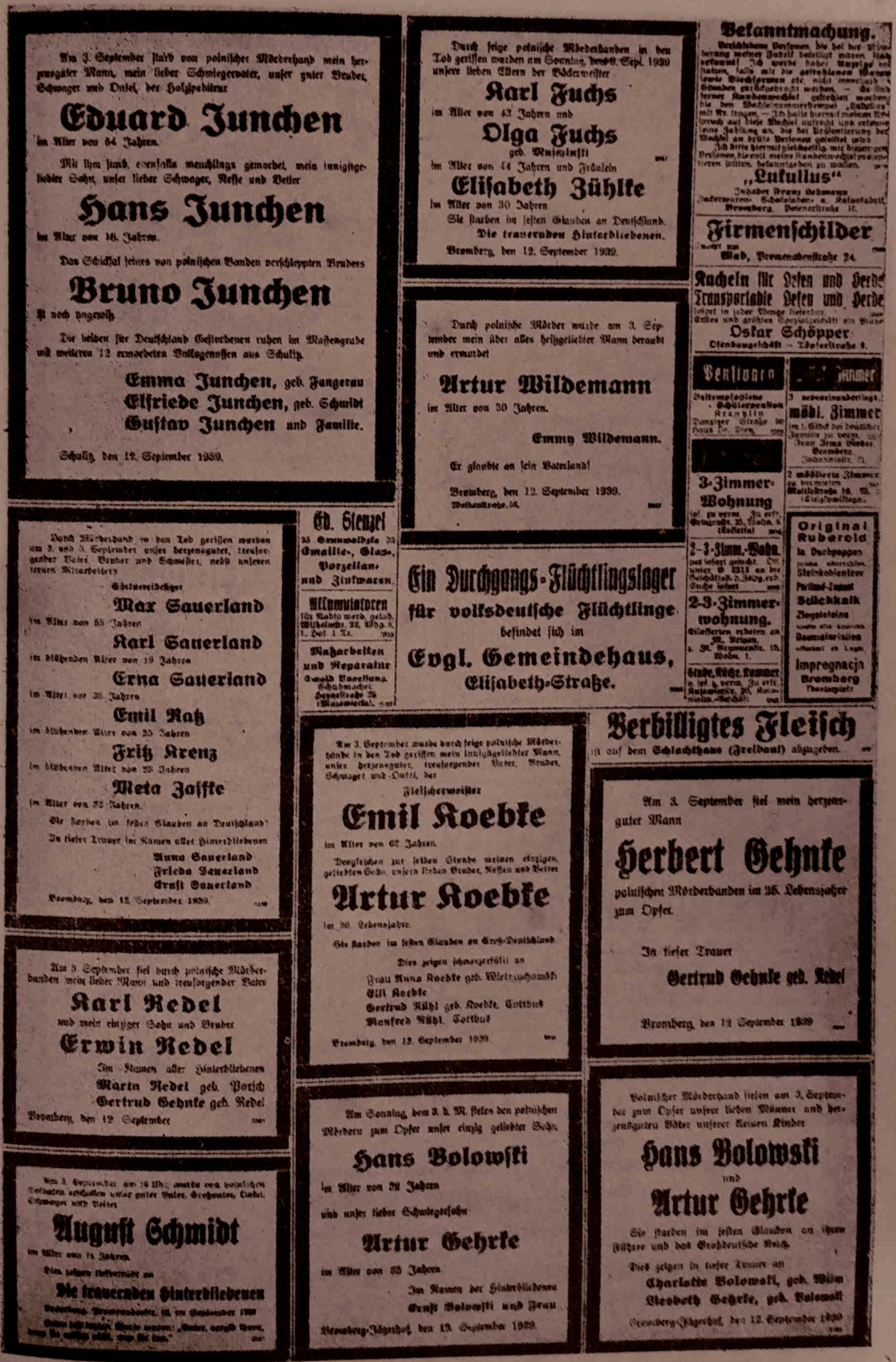
Poſen, im Oktober 1939.

Bernd von Saenger
Vorſitzender des Aufſichtsrates der Welage

Dr. Otto Sondermann
Vorſitzender des Hauptvorſtandes der Welage

Waldemar Kraft
Hauptgeſchäftsführer und Mitglied des Hauptvorſtandes der Welage

Lavradores alemães da região de Posen, assassinados.



Am 3. September ſtarb von polniſcher Mörderhand mein herzensguter Mann, mein lieber Schwiegervater, unſer guter Bruder, Schwager und Onkel, der Holzſpediteur

Eduard Junchen

im Alter von 54 Jahren.

Mit ihm ſtarb, ebenfalls meuchlings gemordet, mein innigſtgeliebter Sohn, unſer lieber Schwager, Neffe und Vetter

Hans Junchen

im Alter von 16 Jahren.

Das Schickſal ſeines von polniſchen Banden verſchleppten Bruders

Bruno Junchen

iſt noch ungewiß.

Die beiden für Deutſchland Geſtorbenen ruhen im Maſſengrabe mit weiteren 12 ermordeten Volksgenoſſen aus Schulitz.

Emma Junchen, geb. Fangerau
Elfriede Junchen, geb. Schmidt
Guſtav Junchen und Familie.

Schulitz, den 12. September 1939.

Durch feige polniſche Mörderbanden in den Tod geriſſen wurden am Sonntag, dem 3. Sept. 1939 unſere lieben Eltern der Bäckermeiſter

Karl Fuchs

im Alter von 43 Jahren und

Olga Fuchs

geb. Wniszinſki

im Alter von 44 Jahren und Fräulein

Eliſabeth Zühlke

im Alter von 30 Jahren

Sie ſtarben im feſten Glauben an Deutſchland.

Die trauernden Hinterbliebenen.

Bromberg, den 12. September 1939.

Bekanntmachung.

„Lukullus"

Bromberg, Poſenerſtraße 16.

Firmenſchilder

Promenadenſtraße 24.

Kacheln für Oefen und Herde
Transportable Oefen und Herde

Oskar Schöpper

Durch polniſche Mörder wurde am 3. September mein über alles heißgeliebter Mann beraubt und ermordet

Artur Wildemann

im Alter von 30 Jahren.

Emmy Wildemann.

Er glaubte an ſein Vaterland!

Bromberg, den 12. September 1939.
Weidenſtraße. 58.

Penſionen

möbl. Zimmer

3-Zimmer-Wohnung

2–3-Zimm.-Wohn.

2-3-Zimmer-wohnung.

Stube, Küche, Kammer

Original Ruberoid
in Dachpappen
Steinkohlenteer
Portland-Zement
Stückkalk
Ziegelsteine
Baumaterialien
Impregnacja
Bromberg

Durch Mörderhand in den Tod geriſſen wurden am 3. und 4. September unſer herzensguter, treuſorgender Vater, Bruder und Schweſter, nebſt unſeren treuen Mitarbeitern

Schneidermeiſter

Max Sauerland

im Alter von 65 Jahren

Karl Sauerland

im blühenden Alter von 19 Jahren

Erna Sauerland

im Alter von 36 Jahren

Emil Ratz

im blühenden Alter von 25 Jahren

Fritz Krenz

im blühenden Alter von 25 Jahren

Meta Jaſſke

im Alter von 32 Jahren.

Sie ſtarben im feſten Glauben an Deutſchland!

In tiefer Trauer im Namen aller Hinterbliebenen

Anna Sauerland
Frieda Sauerland
Ernſt Sauerland

Bromberg, den 12. September 1939.

Ed. Stenzel
Emaille-, Glas-, Porzellan- und Zinkwaren.

Akkumulatoren

Maßarbeiten und Reparatur

Ein Durchgangs-Flüchtlingslager
für volksdeutſche Flüchtlinge
befindet ſich im
Evgl. Gemeindehaus,
Eliſabeth-Straße.

Verbilligtes Fleiſch

iſt auf dem Schlachthaus (Freibank) abzugeben.

Am 3. September wurde durch feige polniſche Mörderhände in den Tod geriſſen mein innigſtgeliebter Mann, unſer herzensguter, treuſorgender Vater, Bruder, Schwager und Onkel, der

Fleiſchermeiſter

Emil Koebke

im Alter von 62 Jahren.

Desgleichen zur ſelben Stunde meinen einzigen, geliebten Sohn, unſeren lieben Bruder, Neffen und Vetter

Artur Koebke

im 30. Lebensjahre.

Sie ſtarben im feſten Glauben an Groß-Deutſchland.

Dies zeigen ſchmerzerfüllt an

Frau Anna Koebke geb. Wietrzychowſki
Elli Koebke
Gertrud Kühl geb. Koebke, Cottbus
Manfred Kühl, Cottbus

Bromberg, den 12. September 1939.

Am 3. September fiel mein herzensguter Mann

Herbert Gehnke

polniſchen Mörderbanden im 26. Lebensjahre zum Opfer.

In tiefer Trauer

Gertrud Gehnke geb. Redel

Bromberg, den 12. September 1939.

Am 3. September fiel durch polniſche Mörderbanden mein lieber Mann und treuſorgender Vater

Karl Redel

und mein einziger Sohn und Bruder

Erwin Redel

Im Namen aller Hinterbliebenen

Marta Redel geb. Porſch
Gertrud Gehnke geb. Redel

Bromberg, den 12. September

Am Sonntag, dem 3. d. M. fielen den polniſchen Mördern zum Opfer unſer einzig geliebter Sohn

Hans Bolowſki

im Alter von 28 Jahren

und unſer lieber Schwiegerſohn

Artur Gehrke

im Alter von 35 Jahren.

Im Namen der Hinterbliebenen

Ernſt Bolowſki und Frau

Bromberg-Jägerhof, den 12. September 1939.

Polniſcher Mörderhand fielen am 3. September zum Opfer unſere lieben Männer und herzensguten Väter unſerer kleinen Kinder

Hans Bolowſki

und

Artur Gehrke

Sie ſtarben im feſten Glauben an ihren Führer und das Großdeutſche Reich.

Dies zeigen in tiefer Trauer an

Charlotte Bolowſki, geb. Wilm
Lieſbeth Gehrke, geb. Bolowſki

Bromberg-Jägerhof, den 12. September 1939

Am 3. September, um 16 Uhr, wurde von polniſchen Soldaten erſchoſſen unſer guter Vater, Großvater, Onkel, Schwager und Vetter

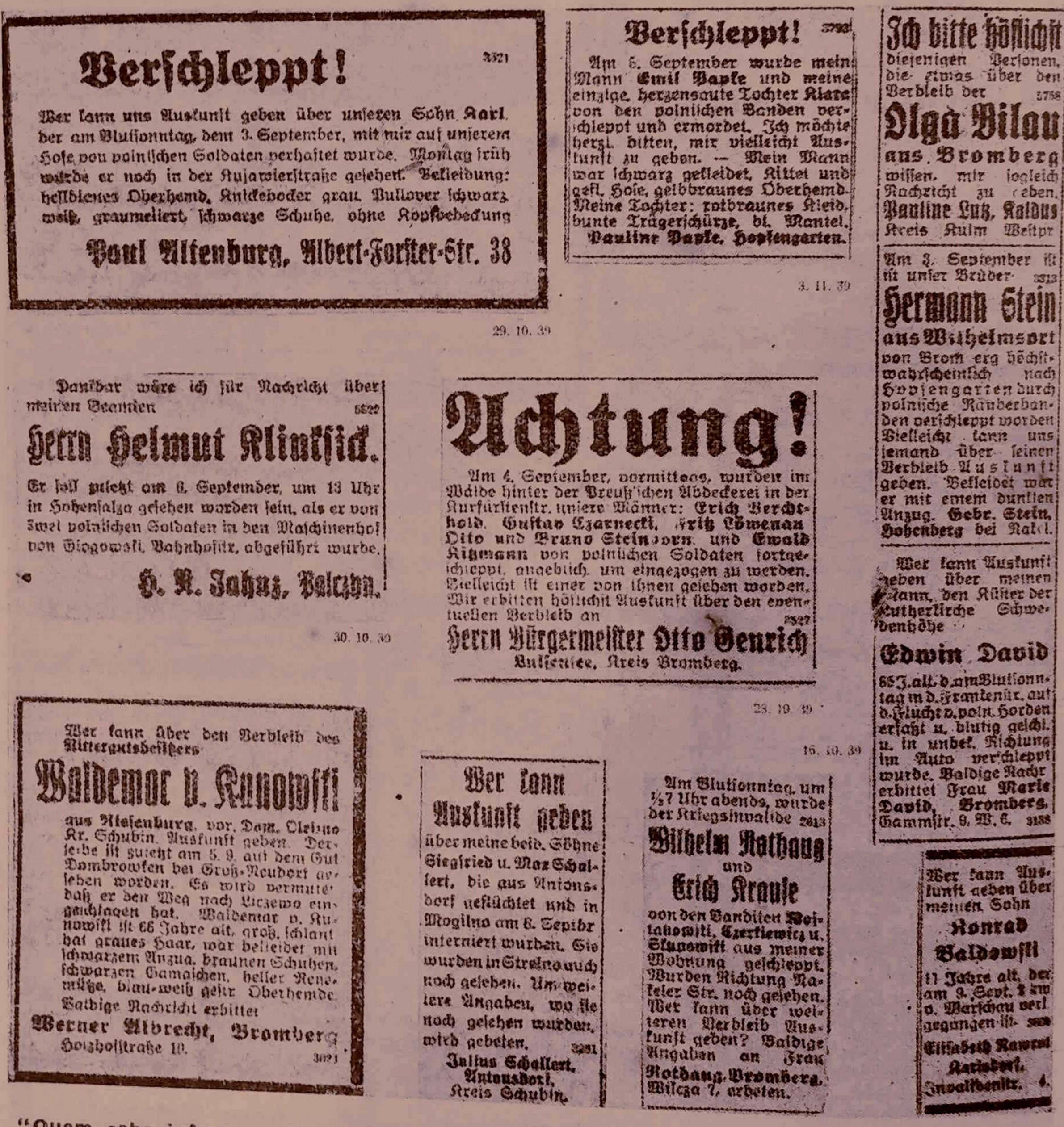
Auguſt Schmidt

im Alter von 74 Jahren.

Dies zeigen tiefbetrübt an

Die trauernden Hinterbliebenen

"Quem sabe informar sobre...?" Anúncios da "Deutsche Rundschau" e do "Posener Tageblatt", relativos a desaparecidos.



Verſchleppt! 3321

Wer kann uns Auskunft geben über unſeren Sohn Karl, der am Blutſonntag, dem 3. September, mit mir auf unſerem Hofe von polniſchen Soldaten verhaftet wurde. Montag früh wurde er noch in der Kujawierſtraße geſehen. Bekleidung: hellblaues Oberhemd, Knickebocker grau, Pullover ſchwarz weiß, graumeliert, ſchwarze Schuhe, ohne Kopfbedeckung

Paul Altenburg, Albert-Forſter-Str. 38

29. 10. 39

Verſchleppt! 3793

Am 5. September wurde mein Mann **Emil Papke** und meine einzige, herzensgute Tochter **Klara** von den polniſchen Banden verſchleppt und ermordet. Ich möchte herzl. bitten, mir vielleicht Auskunft zu geben. — Mein Mann war ſchwarz gekleidet, Kittel und gefl. Hoſe, gelbbraunes Oberhemd. Meine Tochter: rotbraunes Kleid, bunte Trägerſchürze, bl. Mantel.

Pauline Papke, Hopfengarten.

3. 11. 39

Ich bitte höflichſt diejenigen Perſonen, die etwas über den Verbleib der 3758

Olga Bilau

aus Bromberg

wiſſen, mir ſogleich Nachricht zu geben.

Pauline Lutz, Kaldus

Kreis Kulm Weſtpr.

Am 3. September iſt iſt unſer Bruder 3313

Hermann Stein

aus Wilhelmsort

von Bromberg höchſtwahrſcheinlich nach Hopfengarten durch polniſche Räuberbanden verſchleppt worden. Vielleicht kann uns jemand über ſeinen Verbleib Auskunft geben. Bekleidet war er mit einem dunklen Anzug. **Gebr. Stein, Hohenberg** bei Nakel.

Wer kann Auskunft geben über meinen Mann, den Küſter der Lutherkirche Schwedenhöhe

Edwin David

65 J. alt, d. am Blutſonntag in d. Frankenſtr. auf d. Flucht v. poln. Horden erfaßt u. blutig geſchl. u. in unbek. Richtung im Auto verſchleppt wurde. Baldige Nachr. erbittet Frau **Marie David, Bromberg,** Hammſtr. 9, W. 6. 3138

Dankbar wäre ich für Nachricht über meinen Beamten 6522

Herrn Helmut Klinkſick.

Er ſoll zuletzt am 6. September, um 13 Uhr in Hohenſalza geſehen worden ſein, als er von zwei polniſchen Soldaten in den Maſchinenhof von Glogowſki, Bahnhofſtr. abgeführt wurde.

H. R. Jahnz, Polczyn.

30. 10. 39

Achtung!

Am 4. September, vormittags, wurden im Walde hinter der Preuß'ſchen Abdeckerei in der Kurfürſtenſtr. unſere Männer: **Erich Berchthold, Guſtav Czarnecki, Fritz Löwenau, Otto und Bruno Steinborn,** und **Ewald Kitzmann** von polniſchen Soldaten fortgeſchleppt, angeblich, um eingezogen zu werden. Vielleicht iſt einer von ihnen geſehen worden. Wir erbitten höflichſt Auskunft über den eventuellen Verbleib an 3327

Herrn Bürgermeiſter Otto Genrich

Bulſeniee, Kreis Bromberg.

23. 10. 39

Wer kann über den Verbleib des Rittergutsbeſitzers

Waldemar v. Kunowſki

aus Rieſenburg, vor. Dom. Oleſzno Kr. Schubin, Auskunft geben. Derſelbe iſt zuletzt am 5. 9. auf dem Gut Dombrowken bei Groß-Neudorf geſehen worden. Es wird vermutet, daß er den Weg nach Liczewo eingeſchlagen hat. Waldemar v. Kunowſki iſt 66 Jahre alt, groß, ſchlank, hat graues Haar, war bekleidet mit ſchwarzem Anzug, braunen Schuhen, ſchwarzen Gamaſchen, heller Reiſemütze, blau-weiß geſtr. Oberhemde. Baldige Nachricht erbittet

Werner Albrecht, Bromberg

Holzhofſtraße 10. 3021

Wer kann Auskunft geben

über meine beid. Söhne **Siegfried u. Max Schallert,** die aus Antonsdorf geflüchtet und in Mogilno am 6. Septbr. interniert wurden. Sie wurden in Strelno auch noch geſehen. Um weitere Angaben, wo ſie noch geſehen wurden, wird gebeten. 3281

Julius Schallert, Antonsdorf,

Kreis Schubin.

---

16. 10. 39

Am Blutſonntag, um ½7 Uhr abends, wurde der Kriegsinvalide 2613

Wilhelm Rothaug

und

Erich Krauſe

von den Banditen **Wojtakowſki, Czerkiewicz u. Sluſowſki** aus meiner Wohnung geſchleppt. Wurden Richtung Nakeler Str. noch geſehen. Wer kann über weiteren Verbleib Auskunft geben? Baldige Angaben an Frau **Rothaug, Bromberg,** Wilcza 7, erbeten.

Wer kann Auskunft geben über meinen Sohn

Konrad Baldowſki

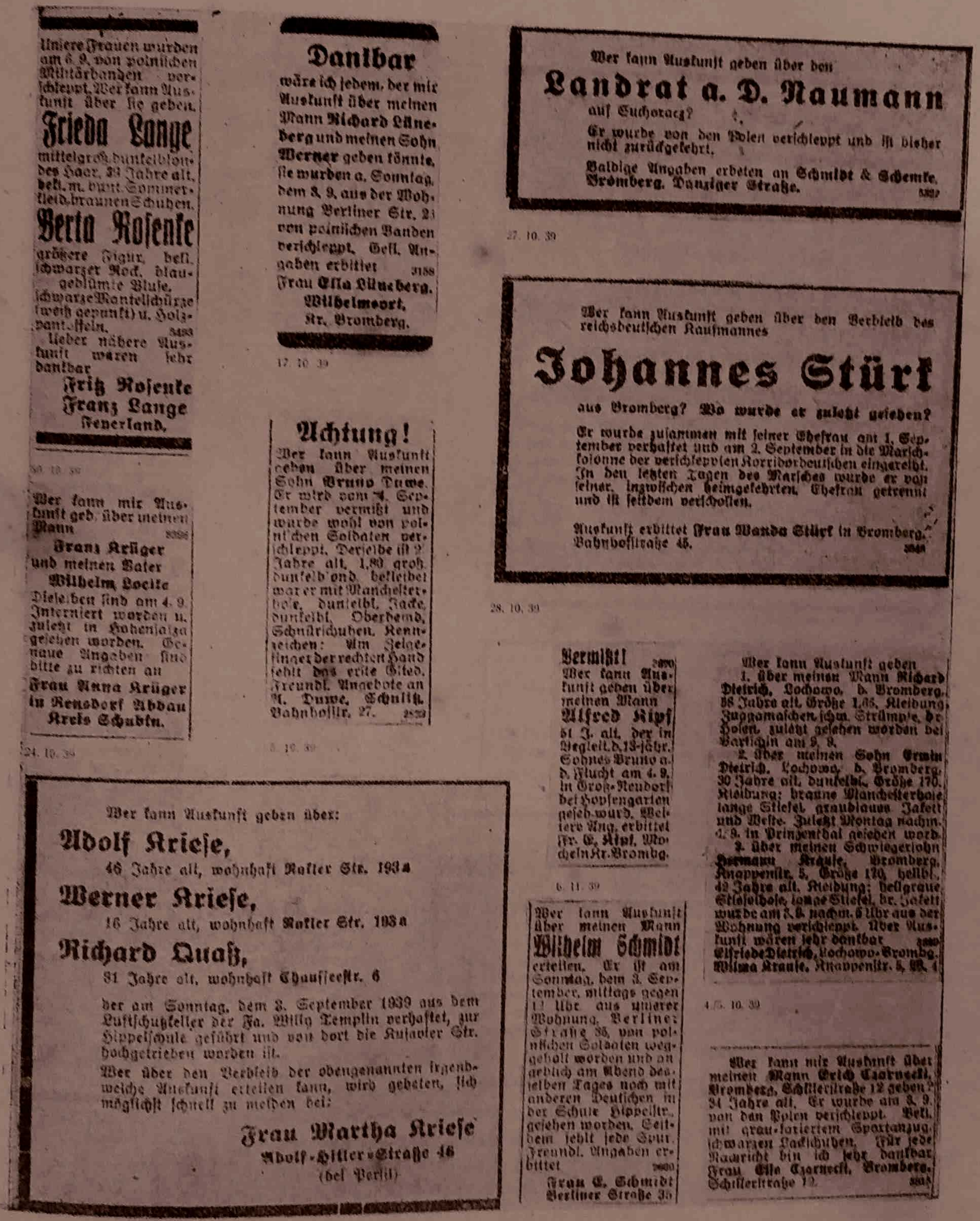
11 Jahre alt, der am 9. Sept. 3 km v. Warſchau verl. gegangen iſt.

Eliſabeth Rawert

Karlsdorf,

Invalidenſtr. 4.

"Quem sabe informar sôbre . . .?" Anúncios da "Deutsche Rundschau" e de "Posener Tageblatt", relativos a desaparecidos.



Unſere Frauen wurden am 6. 9. von polniſchen Militärbanden verſchleppt. Wer kann Auskunft über ſie geben.

Frieda Lange

mittelgroß, dunkelblondes Haar, 33 Jahre alt, bekl. m. bunt. Sommerkleid, braunen Schuhen.

Berta Roſenke

größere Figur, bekl. ſchwarzer Rock, blaugeblümte Bluſe, ſchwarze Mantelſchürze (weiß gepunkt) u. Holzpantoffeln. 3493

Ueber nähere Auskunft wären ſehr dankbar

Fritz Roſenke
Franz Lange
Feuerland.

30. 10. 39

Wer kann mir Auskunft geb. über meinen Mann 3096

Franz Krüger

und meinen Vater

Wilhelm Loelke

Dieſelben ſind am 4. 9. interniert worden u. zuletzt in Hohenſalza geſehen worden. Genaue Angaben ſind bitte zu richten an

Frau Anna Krüger
in Rensdorf Abbau
Kreis Schubin.

24. 10. 39

Dankbar

wäre ich jedem, der mir Auskunft über meinen Mann **Richard Lüneberg** und meinen Sohn **Werner** geben könnte. Sie wurden a. Sonntag, dem 3. 9. aus der Wohnung Berliner Str. 23 von polniſchen Banden verſchleppt. Gefl. Angaben erbittet 3188

Frau **Ella Lüneberg.**
Wilhelmsort,
Kr. Bromberg.

17. 10. 39

Achtung!

Wer kann Auskunft geben über meinen Sohn **Bruno Duwe.** Er wird vom 3. September vermißt und wurde wohl von polniſchen Soldaten verſchleppt. Derſelbe iſt 2 Jahre alt, 1,80 groß, dunkelblond, bekleidet war er mit Mancheſterhoſe, dunkelbl. Jacke, dunkelbl. Oberhemd, Schnürſchuhen. Kennzeichen: Am Zeigefinger der rechten Hand fehlt das erſte Glied. Freundl. Angebote an A. Duwe, Schulitz, Bahnhofſtr. 27. 2829

5. 10. 39

Wer kann Auskunft geben über den

Landrat a. D. Naumann

auf Suchoracz?

Er wurde von den Polen verſchleppt und iſt bisher nicht zurückgekehrt.

Baldige Angaben erbeten an **Schmidt & Schemke, Bromberg, Danziger Straße.** 5327

27. 10. 39

Wer kann Auskunft geben über den Verbleib des reichsdeutſchen Kaufmannes

Johannes Stürk

aus Bromberg? **Wo wurde er zuletzt geſehen?**

Er wurde zuſammen mit ſeiner Ehefrau am 1. September verhaftet und am 2. September in die Marſchkolonne der verſchleppten Korridordeutſchen eingereiht. In den letzten Tagen des Marſches wurde er von ſeiner, inzwiſchen heimgekehrten, Ehefrau getrennt und iſt ſeitdem verſchollen.

Auskunft erbittet **Frau Wanda Stürk** in Bromberg, Bahnhofſtraße 45. 3348

28. 10. 39

Vermißt! 2890

Wer kann Auskunft geben über meinen Mann

Alfred Kipf

51 J. alt, der in Begleit. d. 13-jähr. Sohnes Bruno a. d. Flucht am 4. 9. in Groß-Neudorf bei Hopfengarten geſeh. wurd. Weitere Ang. erbittet Fr. E. Kipf, Mocheln Kr. Brombg.

6. 11. 39

Wer kann Auskunft über meinen Mann

Wilhelm Schmidt

erteilen. Er iſt am Sonntag, dem 3. September, mittags gegen 12 Uhr aus unſerer Wohnung, Berliner Straße 35, von polniſchen Soldaten weggeholt worden und angeblich am Abend desſelben Tages noch mit anderen Deutſchen in der Schule Hippelſtr. geſehen worden. Seitdem fehlt jede Spur. Freundl. Angaben erbittet 2880

Frau E. Schmidt
Berliner Straße 35

Wer kann Auskunft geben

1. über meinen Mann **Richard Dietrich,** Lochowo, b. Bromberg, 58 Jahre alt, Größe 1,65, Kleidung: Zugzamaſchen, ſchw. Strümpfe, br. Hoſen, zuletzt geſehen worden bei Bartſchin am 9. 9.

2. über meinen Sohn **Erwin Dietrich,** Lochowo, b. Bromberg, 30 Jahre alt, dunkelbl., Größe 170, Kleidung: braune Mancheſterhoſe, lange Stiefel, graublaues Jakett und Weſte. Zuletzt Montag nachm. 4. 9. in Prinzenthal geſehen word.

3. über meinen Schwiegerſohn **Hermann Krauſe,** Bromberg, Knappenſtr. 5, Größe 170, hellbl., 42 Jahre alt. Kleidung: hellgraue Stiefelhoſe, lange Stiefel, br. Jakett, wurde am 3. 9. nachm. 5 Uhr aus der Wohnung verſchleppt. Über Auskunft wären ſehr dankbar 3380

Elfriede Dietrich, Lochowo-Brombg.
Wilma Krauſe, Knappenſtr. 5, W. 4

4./5. 10. 39

Wer kann mir Auskunft über meinen **Mann Erich Czarnecki,** Bromberg, Schillerſtraße 12 geben? 34 Jahre alt. Er wurde am 3. 9. von den Polen verſchleppt. Bekl. mit grau-kariertem Sportanzug, ſchwarzen Lackſchuhen. Für jede Nachricht bin ich ſehr dankbar

Frau **Elſe Czarnecki, Bromberg,** Schillerſtraße 12. 3345

Wer kann Auskunft geben über:

Adolf Krieſe,

46 Jahre alt, wohnhaft Nakler Str. 193a

Werner Krieſe,

16 Jahre alt, wohnhaft Nakler Str. 193a

Richard Quaſt,

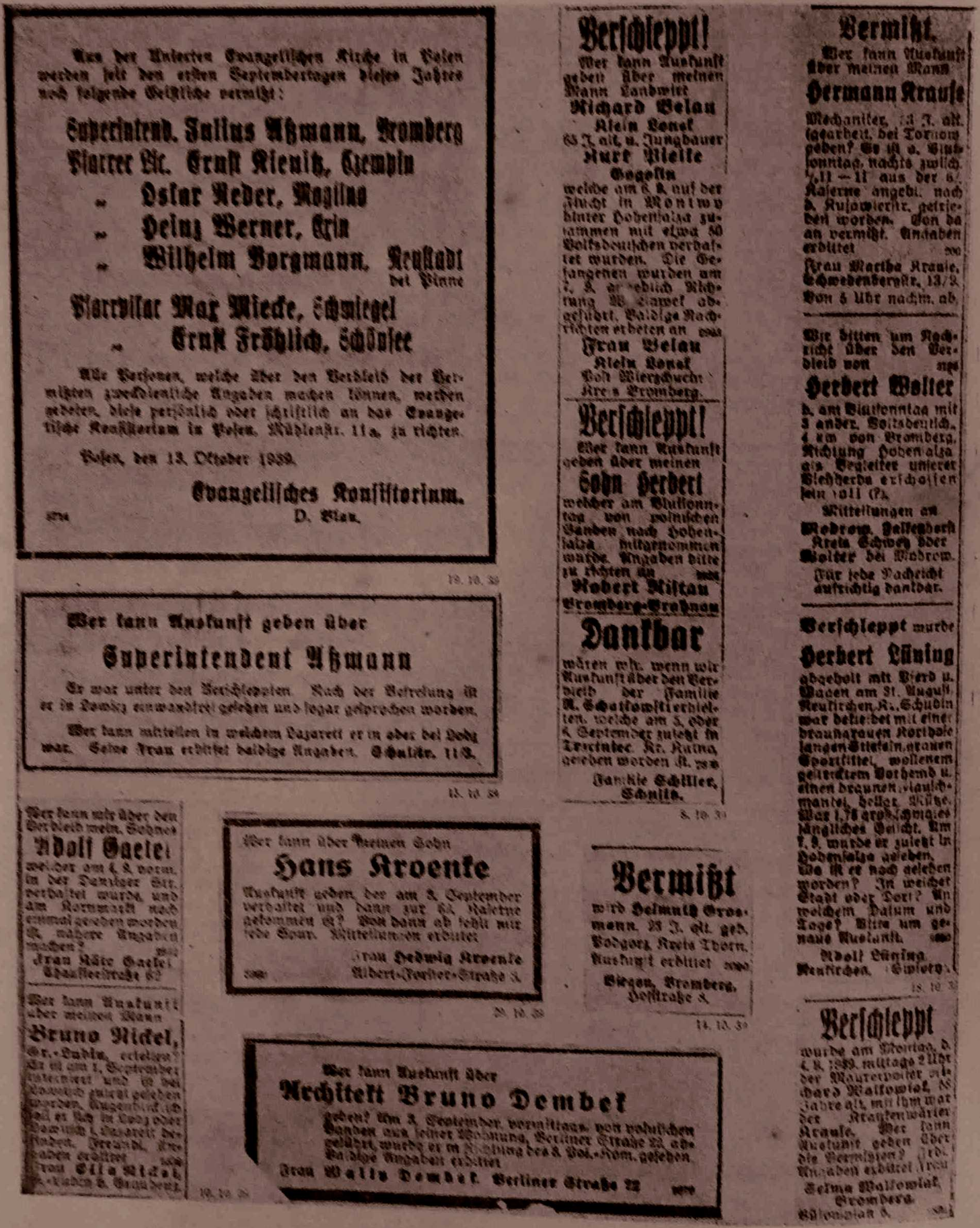
31 Jahre alt, wohnhaft Chauſſeeſtr. 6

der am Sonntag, dem 3. September 1939 aus dem Luftſchutzkeller der Fa. Willy Templin verhaftet, zur Hippelſchule geführt und von dort die Kujawier Str. hochgetrieben worden iſt.

Wer über den Verbleib der obengenannten irgendwelche Auskunft erteilen kann, wird gebeten, ſich möglichſt ſchnell zu melden bei:

Frau Martha Krieſe
Adolf-Hitler-Straße 46
(bei Perlit)

"Quem sabe informar sôbre . . .?" Anúncios da "Deutsche Rundschau" e de "Posener Tageblatt", relativos a desaparecidos.



Aus der Unierten Evangeliſchen Kirche in Poſen werden ſeit den erſten Septembertagen dieſes Jahres noch folgende Geiſtliche vermißt:

Superintend. Julius Aßmann, Bromberg
Pfarrer Lic. Ernſt Kienitz, Czempin
„ Oſkar Reder, Mogilno
„ Heinz Werner, Exin
„ Wilhelm Borgmann, Neuſtadt bei Pinne
Pfarrvikar Max Wiecke, Schmiegel
„ Ernſt Fröhlich, Schönſee

Alle Perſonen, welche über den Verbleib der Vermißten zweckdienliche Angaben machen können, werden gebeten, dieſe perſönlich oder ſchriftlich an das Evangeliſche Konſiſtorium in Poſen, Mühlenſtr. 11a, zu richten.

Poſen, den 13. Oktober 1939.

Evangeliſches Konſiſtorium.
8794 D. Blau.

19. 10. 39

Wer kann Auskunft geben über

Superintendent Aßmann

Er war unter den Verſchleppten. Nach der Befreiung iſt er in Lowicz einwandfrei geſehen und ſogar geſprochen worden.

Wer kann mitteilen in welchem Lazarett er in oder bei Lodz war. Seine Frau erbittet baldige Angaben. Schulſtr. 11 B.

13. 10. 39

Wer kann mir über den Verbleib mein. Sohnes

Adolf Gaele

welcher am 4. 9. vorm. in der Danziger Str. verhaftet wurde, und am Kornmarkt noch einmal geſehen worden iſt, nähere Angaben machen?

Frau Käte Gaele
Chauſſeeſtraße 62

Wer kann Auskunft über meinen Mann

Bruno Nickel,

Gr.-Lubin, erteilen? Er iſt am 1. September interniert und iſt bei Lowitſch zuletzt geſehen worden. Augenblicklich ſoll er ſich in Lodz oder Warſchau i. Lazarett befinden. Verwund. Angaben erbittet

Frau Ella Nickel
Gr.-Lubin b. Graudenz.

19. 10. 39

Wer kann über meinen Sohn

Hans Kroenke

Auskunft geben, der am 3. September verhaftet und dann zur 62. Kaſerne gekommen iſt? Von dann ab fehlt mir jede Spur. Mitteilungen erbittet

Frau **Hedwig Kroenke**
Albert-Forſter-Straße 3.

20. 10. 39

Wer kann Auskunft über

Architekt Bruno Dembek

geben? Am 3. September vormittags von polniſchen Banden aus ſeiner Wohnung, Berliner Straße 22, abgeführt, wurde er in Richtung des 3. Pol.-Kom. geſehen. Baldige Angaben erbittet

Frau **Wally Dembek**, Berliner Straße 22

Verſchleppt!

Wer kann Auskunft geben über meinen Mann Landwirt

Richard Belau
Klein Lonsk
63 J. alt, u. Jungbauer
Kurt Mielke
Gogolin

welche am 6. 9. auf der Flucht in Montwy hinter Hohenſalza zuſammen mit etwa 80 Volksdeutſchen verhaftet wurden. Die Gefangenen wurden am 7. 9. angeblich Richtung Wloclawek abgeführt. Baldige Nachrichten erbeten an

Frau Belau
Klein Lonsk
Poſt Wierzchucin
Kreis Bromberg.

Verſchleppt!

Wer kann Auskunft geben über meinen

Sohn Herbert

welcher am Blutſonntag von polniſchen Banden nach Hohenſalza mitgenommen wurde. Angaben bitte zu richten an

Robert Miſtau
Bromberg-Brahnau

Dankbar

wären wir, wenn wir Auskunft über den Verbleib der Familie R. Schatkowſki erhielten, welche am 5. oder 6. September zuletzt in Trzciniec Kr. Kutno geſehen worden iſt.

Familie **Schiller,**
Schulitz.

8. 10. 39

Vermißt

wird **Helmuth Grossmann**, 28 J. alt, geb. Podgorz Kreis Thorn. Auskunft erbittet

Biegon, Bromberg,
Hofſtraße 8.

14. 10. 39

Vermißt.

Wer kann Auskunft über meinen Mann

Hermann Krauſe

Mechaniker, 33 J. alt, (gearbeit. bei Tornow) geben? Er iſt a. Blutſonntag, nachts zwiſch. ½11—11 aus der 6. Kaſerne angebl. nach d. Kujawierſtr. getrieben worden. Von da an vermißt. Angaben erbittet

Frau Martha Krauſe,
Schwedenbergſtr. 13/2.
Von 5 Uhr nachm. ab.

Wir bitten um Nachricht über den Verbleib von

Herbert Wolter

d. am Blutſonntag mit 3 ander. Volksdeutſch. 4 km von Bromberg, Richtung Hohenſalza als Begleiter unſerer Viehherde erſchoſſen ſein ſoll (?).

Mitteilungen an
Modrow, Falkenhorſt
Kreis Schwetz oder
Wolter bei Modrow.

Für jede Nachricht aufrichtig dankbar.

Verſchleppt wurde

Herbert Lüning

abgeholt mit Pferd u. Wagen am 31. Auguſt, Neukirchen, Kr. Schubin. War bekleidet mit einer braungrauen Kordhoſe, langen Stiefeln, grauen Sportkittel, wollenem geſtricktem Vorhemd u. einen braunen Flauſchmantel, heller Mütze. War 1,78 groß, ſchmales längliches Geſicht. Am 4. 9. wurde er zuletzt in Hohenſalza geſehen. Wo iſt er noch geſehen worden? In welcher Stadt oder Dorf? An welchem Datum und Tage? Bitte um genaue Auskunft.

Adolf Lüning
Neukirchen. (Swiety).

18. 10. 39

Verſchleppt

wurde am Montag, d. 4. 9. 1939, mittags 2 Uhr der Maurerpolier Richard Wallowiak, 56 Jahre alt, mit ihm war der Krankenwärter Krauſe. Wer kann Auskunft geben über die Vermißten? Ord. Angaben erbittet Frau

Selma Wallowiak
Bromberg
Bülowplatz 8.

Wer weiß

etwas über den Verbleib meines Mannes, des Landwirts Erwin Laube aus Neufelde (Nienawiszcz) bei Rogaſen, Kreis Obornik, 42 Jahre alt, bekleidet mit Reithoſe, ſchwarzgrauem Jackett und Weſte, grauen Wadenſtrümpfen, braunen Schuhen, heller Mütze; Trauring E. L. 12. 7. 25, Stempel 900?

Am 4. September mußte er ſich mit ſeinem Nachbarn Seidler in Poſen zum Militär ſtellen. Geſehen wurde er als Internierter bei Gneſen und Warſchau. Bei Thorn ſoll er von einem Landwirt aus der Gegend von Filehne geſehen worden ſein, als er ſchwach zurückblieb.

Wer etwas von meinem Mann und Seidler weiß, wird gebeten, ſofort gegen Erſtattung der Unkoſten nähere Angaben zu machen.

859) **Frau Liesbeth Laube.**

Wer weiß

etwas von meinem Sohn Willi Ruwiſch aus Buſchdorf (Budziſzewko), Kreis Obornik, geb. 23. 10. 1907? Er wurde am 1. September interniert und war bis 8. September bei derſelben Gruppe vor Warſchau. Er hatte eine helle Kortjacke, ſchwarze Hoſen mit weißen Streifen, ein Hemd weiß mit blau und grauen Streifen und ein helles Vorhemd an. An der linken Hand fehlte der Daumen bis zum erſten Gelenk, an der Schläfe hatte er eine kleine Narbe.

Wer Näheres über den Verbleib meines Sohnes weiß, wird gebeten, mir ſofort davon Mitteilung zu machen. Unkoſten werden gern erſetzt.

858) **Karl Ruwiſch.**

Wer weiß etwas über den Verbleib meines Sohnes

Paul Knappe

der als Bäckergeſelle bei Herrn Bäckermeiſter Huß in Czarnikau beſchäftigt war?

Seit dem 27. Auguſt fehlt von ihm jede Spur. Auch iſt mir nicht bekannt, ob er zum Militär eingezogen oder verſchleppt worden iſt.

Bitte herzlich um Nachricht. Unkoſten werden zurückerſtattet.

Paul Knappe

10 217 **Weißenburg, Kr. Gneſen.**

Vermißt!

Wer etwas von meinem 13jährigen Sohn **Andreas Golenia** Gymnaſiaſt, weiß, der ſich am 9. September zwiſchen Sochaczew und Warſchau verlaufen hat, wird gebeten, Nachricht zu geben. Alle Unkoſten werden erſtattet.

Poſen, Warſchauer Str. 103

Wer weiß etwas über den Verbleib der Internierten (670

Karl Grund und

Heinrich Wahrenburg

aus Deutſcheck, Kreis Schroda, die am 3. September von Schroda über Turek nach Tuliſchkow und dann noch weiter getrieben und dort von ihren Leidensgenoſſen getrennt wurden.

Aus Deutſcheck fehlen noch Wilhelm Aumann - Gerhard Kreinkamp und Auguſt Wedepohl, die von polniſchen Soldaten nach Stralkowo verſchleppt wurden, am Montag, d. 4. September.

Um Nachricht bittet

Frau Martha Grund
Deutſcheck, Kr. Schroda.

Wer weiß etwas über meinen Sohn

Helmut Kattner

Gutsgärtner in Góreczki, Kr. Krotoſchin.

Habe ſeit dem 25. Auguſt von ihm keine Nachricht. Weiß nicht, ob er zum Militär eingezogen oder verſchleppt worden iſt.

Bitte um Nachricht. Unkoſten erſtatte gern zurück.

Emil Kattner, Bäckermeiſter
10092 **Grätz, Poſener Str. 45.**

Bojanowo

Wer weiß etwas über den Verbleib der Familie Walter?

Von Leopold habe ich Nachricht.

Krenz.

Wer weiß

etwas über den Verbleib des in Laziniſk bei Zagorów verhafteten und von den Polen verſchleppten Kaufmanns

Bruno Nehring.

Mit anderen Volksdeutſchen führte ihn ſein Leidensweg über Peiſern, Ruhwat, Tuliſzków, Turek und angeblich noch nach Uniejów. Seitdem fehlt jede Spur. Angaben werden gegen Rückerſtattung ſämtl. Unkoſten unt. Nr. 67 an die Geſchäftsſt. dieſ. Blattes erbeten.

21./22. 10. 39

Wer weiß etwas über den Aufenthalt meines Schwagers, des Obermüllers

Hermann Kattner

Senkowo, Kr. Samter

War tätig in der Waſſermühle bei R. Schneider, M yn Bratjan, Kr. Neumark (ehem. Pommerellen)

Unkoſten erſtatte ich. Nachrichten an

Oskar Gebauer
10222 **Senkowo, Kreis Samter**

27. 10. 39

Mein Mann, der **Landwirt**

Reinhold Jäckel, Elſenhain

Kreis Koſten, wurde am 3. September verſchleppt. Er ſoll ſich angeblich mit 9 Volksdeutſchen aus Rataj von Kutno nach Warſchau begeben haben. **Wer weiß etwas über ſeinen Verbleib?**

Frau Ildegard Jäckel,
10013 **Elſenhain, Kr. Koſten.**

Wer weiß

etwas über den Verbleib meines Mannes

Fritz v. Hoffmannswaldau

aus Kuſchen bei Schmiegel

verhaftet und verſchleppt am 1. September, zuletzt geſehen zwiſchen Kolo und Klodawa am 5. September. Unkoſten für Nachrichten werden vergütet.

Marie Luiſe v. Hoffmannswaldau
Kuſchen b. Schmiegel, Kreis Koſten.

21./22. 10. 39

Wer weiß etwas über meinen Mann, den Landwirt

Otto Krüger

aus Werdum, Poſt Ritſchenwalde? Er wurde am 1. 9. interniert und verſchleppt, am 8. oder 9. trennte er ſich von ſeinem Nachbar bei Lowitſch und habe ſeitdem keine Nachricht. Er trug hellgrau geſtreifte Hoſe, braunkariertes Jackett, helle Mütze.

Bitte um Nachricht. Unkoſten erſtatte gern zurück.

Frau Gertrud Krüger
109 **Werdum bei Ritſchenwalde.**

24. 10. 39

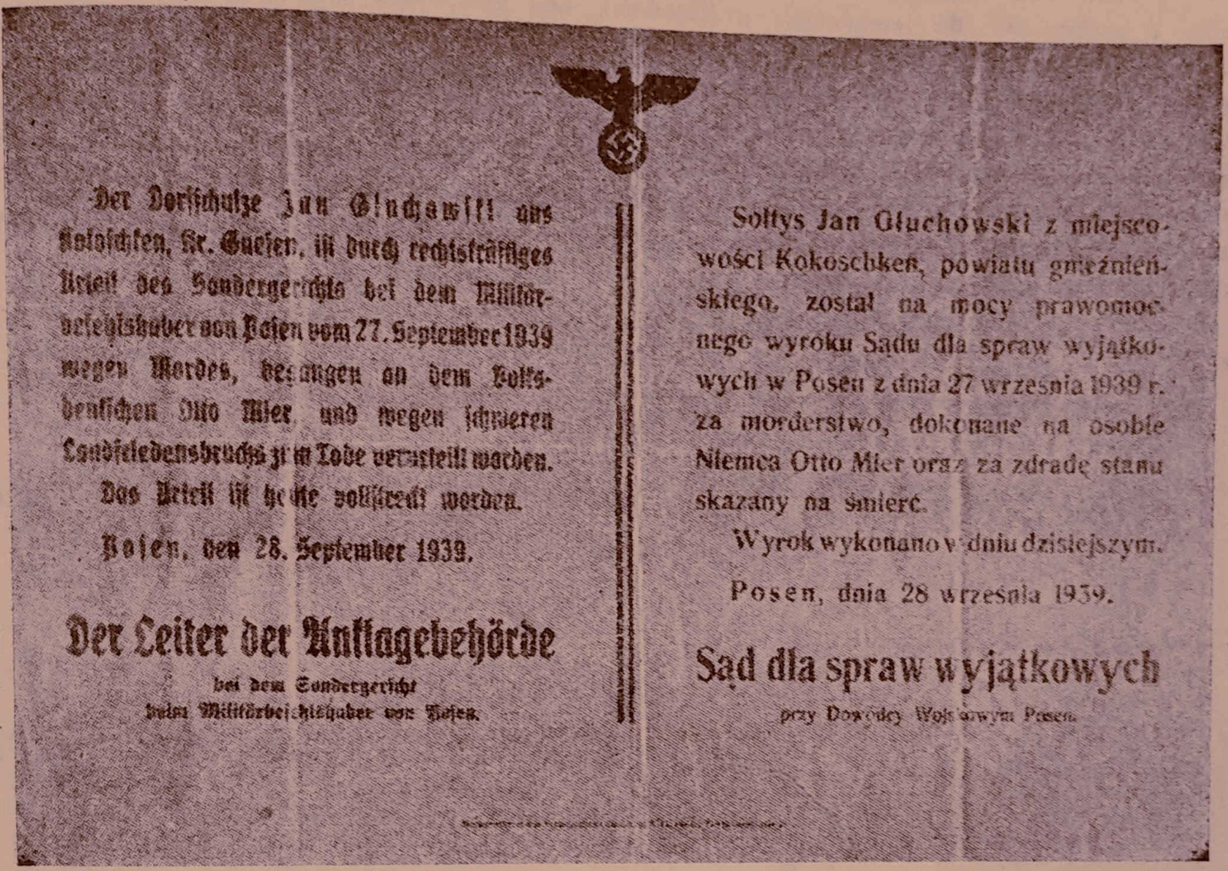
Wer weiß

etwas von

Paul Wenske, Karnrode,

Kr. Gneſen,

33 Jahre alt, eingezogen 26. 8. zur Gneſener Artillerie, abtransportiert am 2. 9., zuletzt geſehen am 13. 9. in Modlin, als verdächtig bewacht von Feldwachtmeiſter. War zuſammen mit Oswald Tepper, Kr. Neutomiſchel. Nachricht erb. unt. 10007 an das „Poſ. Tagebl.", Martinſtraße 70.



Der Dorfſchulze Jan Gluchowſki aus Kokoſchken, Kr. Gneſen, iſt durch rechtskräftiges Urteil des Sondergerichts bei dem Militärbefehlshaber von Poſen vom 27. September 1939 wegen Mordes, begangen an dem Volksdeutſchen Otto Mier, und wegen ſchweren Landfriedensbruchs zum Tode verurteilt worden.

Das Urteil iſt heute vollſtreckt worden.

Poſen, den 28. September 1939.

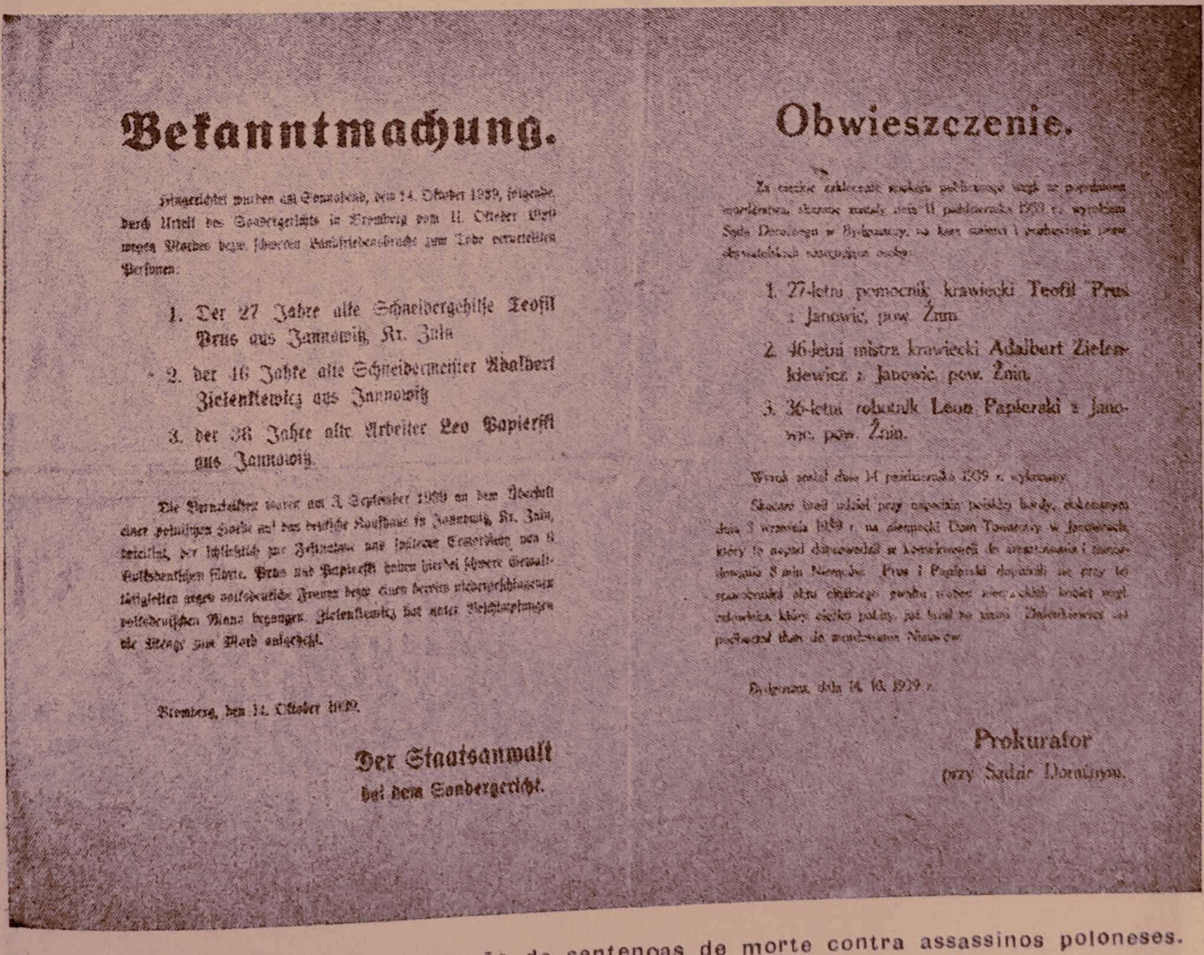
Der Leiter der Anklagebehörde
bei dem Sondergericht
beim Militärbefehlshaber von Poſen.

Sołtys Jan Głuchowski z miejscowości Kokoschken, powiatu gnieźnieńskiego, został na mocy prawomocnego wyroku Sądu dla spraw wyjątkowych w Posen z dnia 27 września 1939 r. za morderstwo, dokonane na osobie Niemca Otto Mier oraz za zdradę stanu skazany na śmierć.

Wyrok wykonano w dniu dzisiejszym.

Posen, dnia 28 września 1939.

Sąd dla spraw wyjątkowych
przy Dowódcy Wojskowym Posen.



Bekanntmachung.

Hingerichtet wurden am Sonnabend, den 14. Oktober 1939, folgende, durch Urteil des Sondergerichts in Bromberg vom 11. Oktober 1939 wegen Mordes bezw. ſchweren Landfriedensbruchs zum Tode verurteilten Perſonen:

1. Der 27 Jahre alte Schneidergehilfe **Teofil Prus** aus Jannowitz, Kr. Znin
2. der 46 Jahre alte Schneidermeiſter **Adalbert Zielenkiewicz** aus Jannowitz
3. der 36 Jahre alte Arbeiter **Leo Papierſki** aus Jannowitz

Bromberg, den 14. Oktober 1939.

Der Staatsanwalt
bei dem Sondergericht.

Obwieszczenie.

1. 27-letni pomocnik krawiecki **Teofil Prus** z Janowic, pow. Żnin.
2. 46-letni mistrz krawiecki **Adalbert Zielenkiewicz** z Janowic, pow. Żnin.
3. 36-letni robotnik **Leon Papierski** z Janowic, pow. Żnin.

Wyrok został dnia 14 października 1939 r. wykonany.

Bydgoszcz, dnia 14. 10. 1939 r.

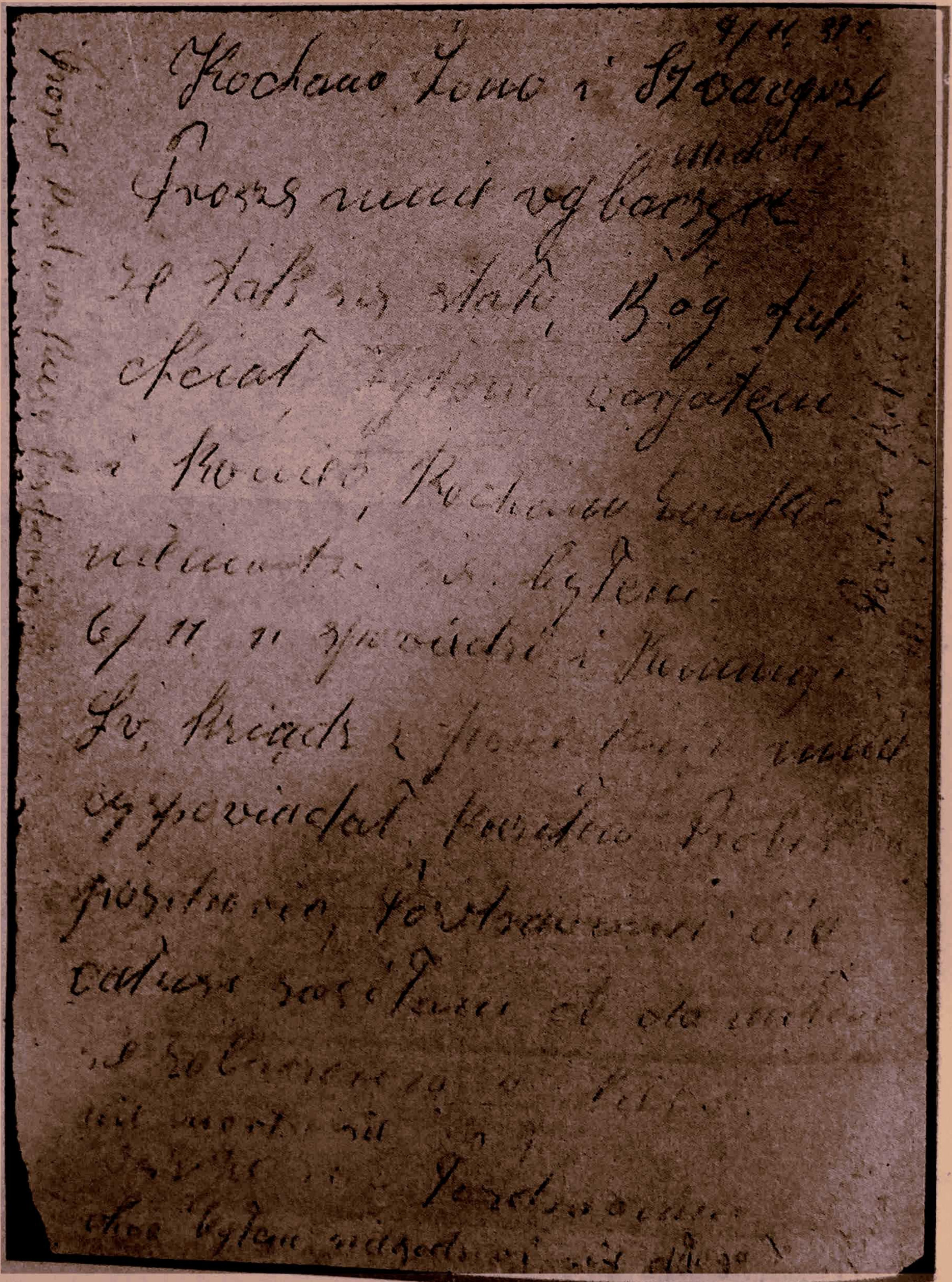
Prokurator
przy Sądzie Doraźnym.

Editais públicos relativos à execução de sentenças de morte contra assassinos poloneses.

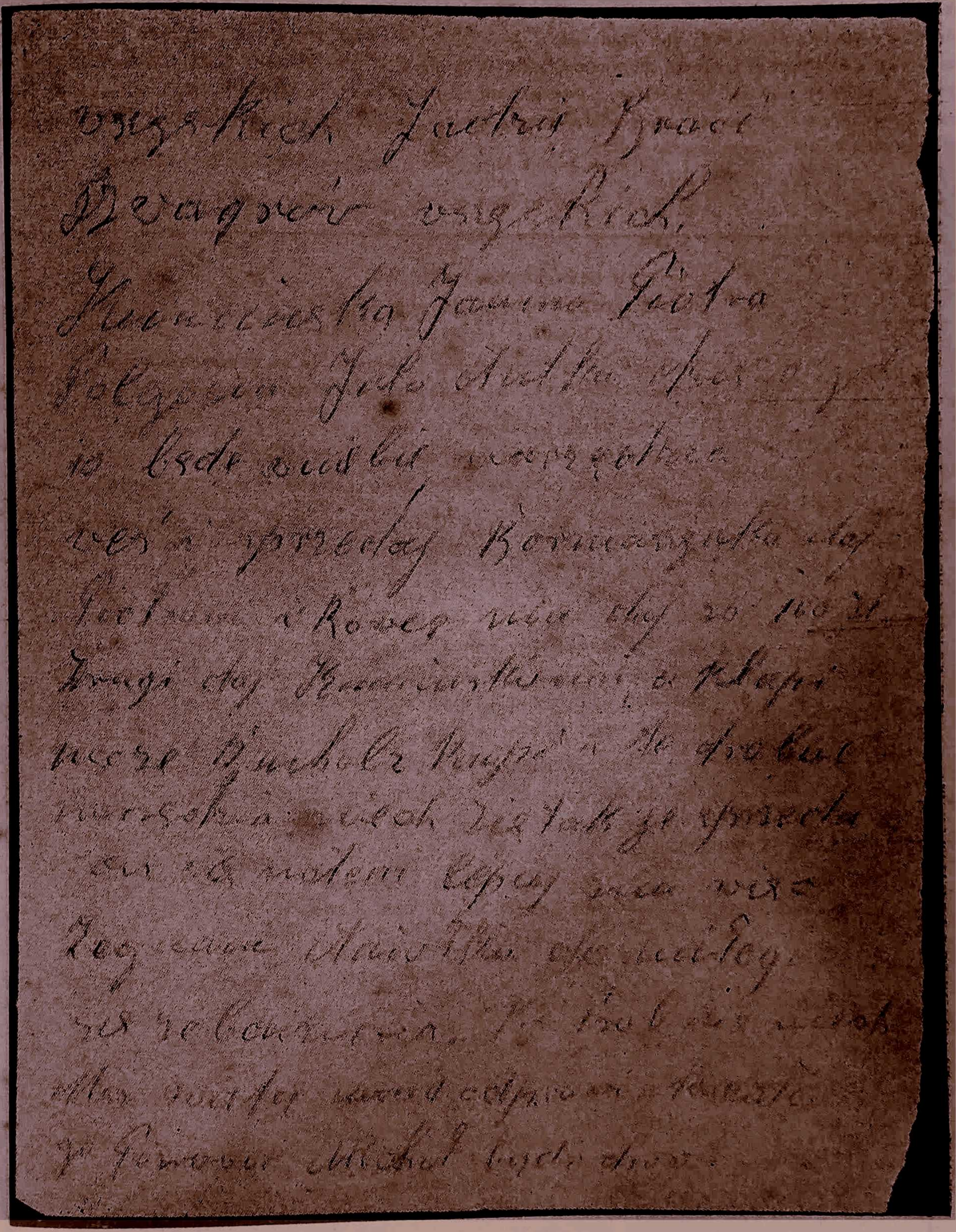
Tradução de uma carta de despedida:

"Querida mulher e querido cunhado.

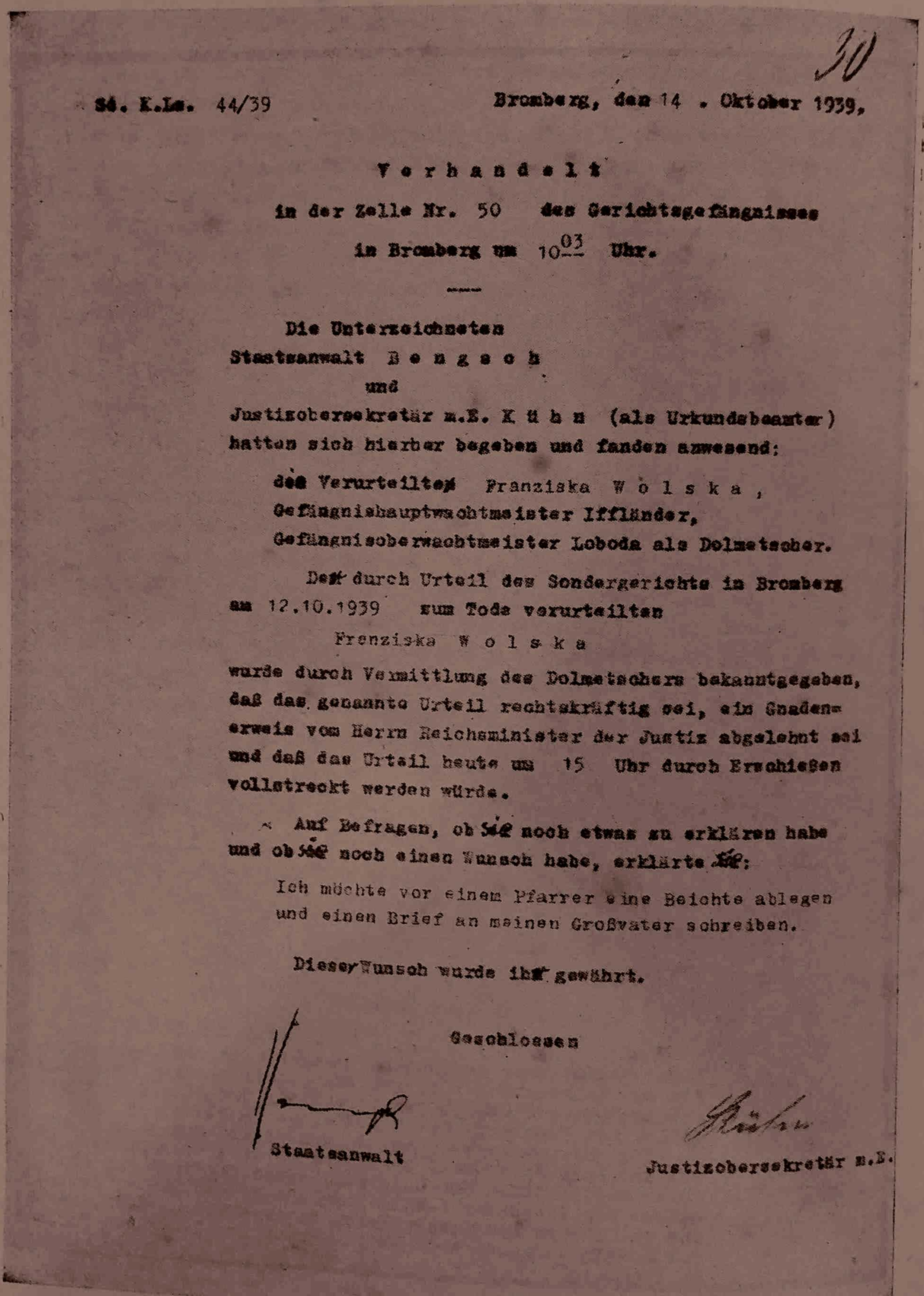
Peço me perdoeis por tudo se ter desenrolado assim. Deus assim o quiz. Eu devo ter estado louco, e acabou-se. Querida mulher, não te incomodes, estive m 6-11 na missa e na Santa Comunhão. O padre da igreja dos Jesuitas esteve comigo. Eu te saudo e te beijo. Até a vista, no céu. Saúdo-te mais uma vez, embora eu tenha sido um velhaco; não me resta mais tempo, e acabou-se. Dá lembranças a Kolewski, aos pais, mãe e pai, a todos: Jadzia, os irmãos e cunhados. Dá lembranças tambem a: Janina Kumiska, Peter Polgos, Julek e Antek. Hoje às 10 horas estarei no céu. Pega todas as ferramentas e vende-as. A máquina de furar, dá ao Peter; vende-lhe tambem a bicicleta por 100 zloty. A segunda dá a Kuminski; Buchholz certamente tambem comprará alguma cousa; o que restar, desejo que Zietok o compre, êle melhor saberá arpoveitar. Passa bem, querido anjo e até à vista! O sr. Padre que mande rezar uma missa recomendando minha alma; mandei dar-lhe lembranças. Michael, adeus. Bromberg, 8 de novembro de 1939.



Carta de despedida de um assassino polonês. O funileiro Jan Lewandowski à sua mulher.
(V. Assassinio praticado por Lewandowski).



wszytkich Siostri Braci
Swagrów wszytkich.
[illegible] Janna Piotra
[illegible] Jako Michałka [illegible]
i bede [illegible] [illegible]
weź i sprzedaj [illegible] daj
[illegible] i Kowcz nie daj 20 [illegible]
[illegible] day [illegible] a [illegible]
[illegible] [illegible] kupić a to [illegible]
[illegible] [illegible] las tak ja sprzeda
[illegible] [illegible] lepiej nie wie
Żegnam [illegible] [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible] [illegible]
ja [illegible] Michał bądź zdrow.



30

Sd. K.Ls. 44/39 Bromberg, den 14. Oktober 1939.

Verhandelt

in der Zelle Nr. 50 des Gerichtsgefängnisses
in Bromberg um 10^{03} Uhr.

Die Unterzeichneten
Staatsanwalt Bengsch
und
Justizobersekretär m.E. Kühn (als Urkundsbeamter)
hatten sich hierher begeben und fanden anwesend:

die Verurteilte Franziska Wolska,
Gefängnishauptwachtmeister Iffländer,
Gefängnisoberwachtmeister Loboda als Dolmetscher.

Der durch Urteil des Sondergerichts in Bromberg am 12.10.1939 zum Tode verurteilten

Franziska Wolska

wurde durch Vermittlung des Dolmetschers bekanntgegeben, daß das genannte Urteil rechtskräftig sei, ein Gnadenerweis vom Herrn Reichsminister der Justiz abgelehnt sei und daß das Urteil heute um 15 Uhr durch Erschießen vollstreckt werden würde.

Auf Befragen, ob sie noch etwas zu erklären habe und ob sie noch einen Wunsch habe, erklärte sie:

Ich möchte vor einem Pfarrer eine Beichte ablegen und einen Brief an meinen Großvater schreiben.

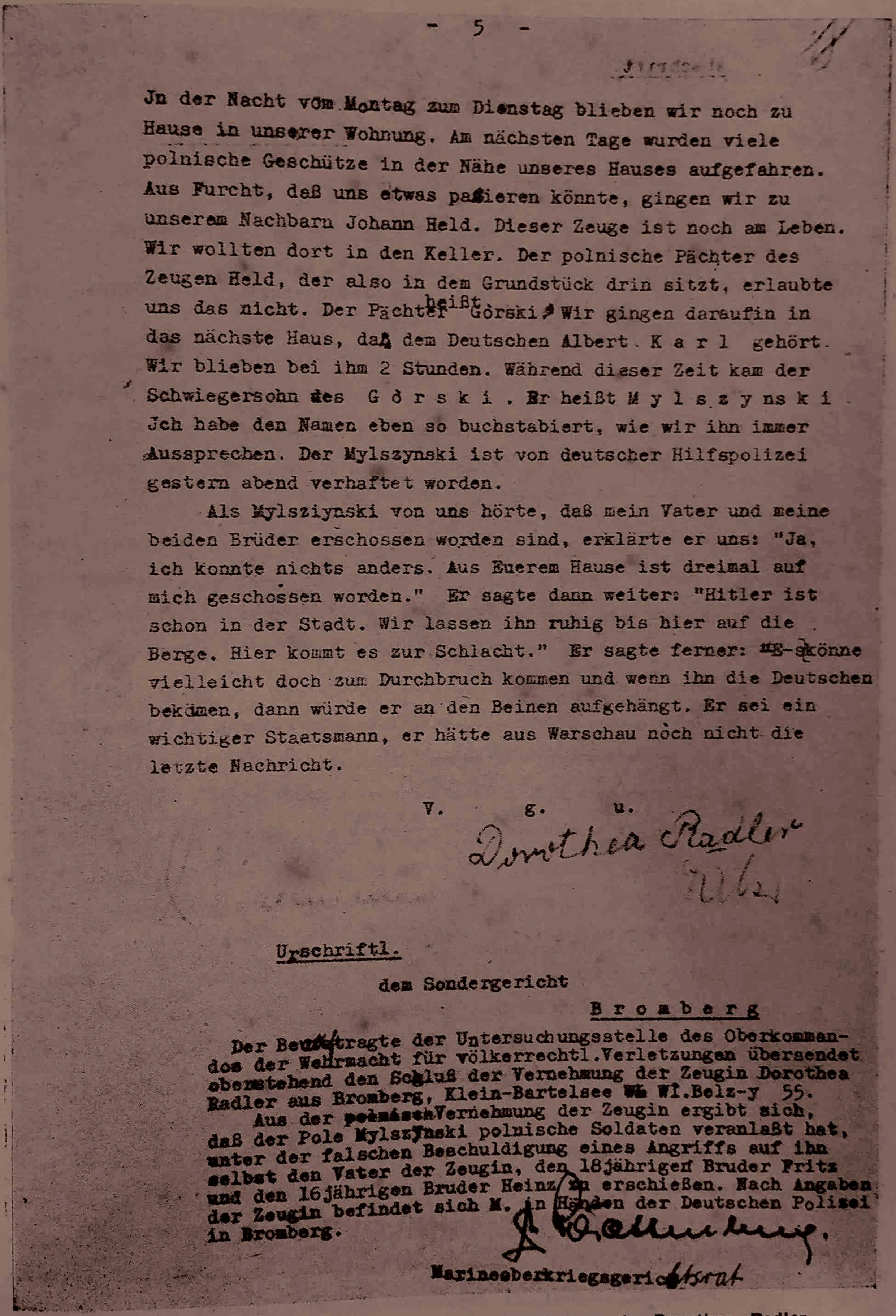
Dieser Wunsch wurde ihr gewährt.

Geschlossen

Staatsanwalt

Kühn
Justizobersekretär m.E.

O último desejo de uma assassina. (Franziska Wolska, Sd. K. Ls. Bromberg 39).



- 5 -

[illegible]

Jn der Nacht vom Montag zum Dienstag blieben wir noch zu Hause in unserer Wohnung. Am nächsten Tage wurden viele polnische Geschütze in der Nähe unseres Hauses aufgefahren. Aus Furcht, daß uns etwas passieren könnte, gingen wir zu unserem Nachbarn Johann Held. Dieser Zeuge ist noch am Leben. Wir wollten dort in den Keller. Der polnische Pächter des Zeugen Held, der also in dem Grundstück drin sitzt, erlaubte uns das nicht. Der Pächter heißt Görski. Wir gingen daraufin in das nächste Haus, das dem Deutschen Albert Karl gehört. Wir blieben bei ihm 2 Stunden. Während dieser Zeit kam der Schwiegersohn des Görski. Er heißt Mylszynski. Jch habe den Namen eben so buchstabiert, wie wir ihn immer Aussprechen. Der Mylszynski ist von deutscher Hilfspolizei gestern abend verhaftet worden.

Als Mylsziynski von uns hörte, daß mein Vater und meine beiden Brüder erschossen worden sind, erklärte er uns: "Ja, ich konnte nichts anders. Aus Euerem Hause ist dreimal auf mich geschossen worden." Er sagte dann weiter: "Hitler ist schon in der Stadt. Wir lassen ihn ruhig bis hier auf die Berge. Hier kommt es zur Schlacht." Er sagte ferner: Er könne vielleicht doch zum Durchbruch kommen und wenn ihn die Deutschen bekämen, dann würde er an den Beinen aufgehängt. Er sei ein wichtiger Staatsmann, er hätte aus Warschau noch nicht die letzte Nachricht.

V. g. u.

Dorothea Radler

Urschriftl.

dem Sondergericht

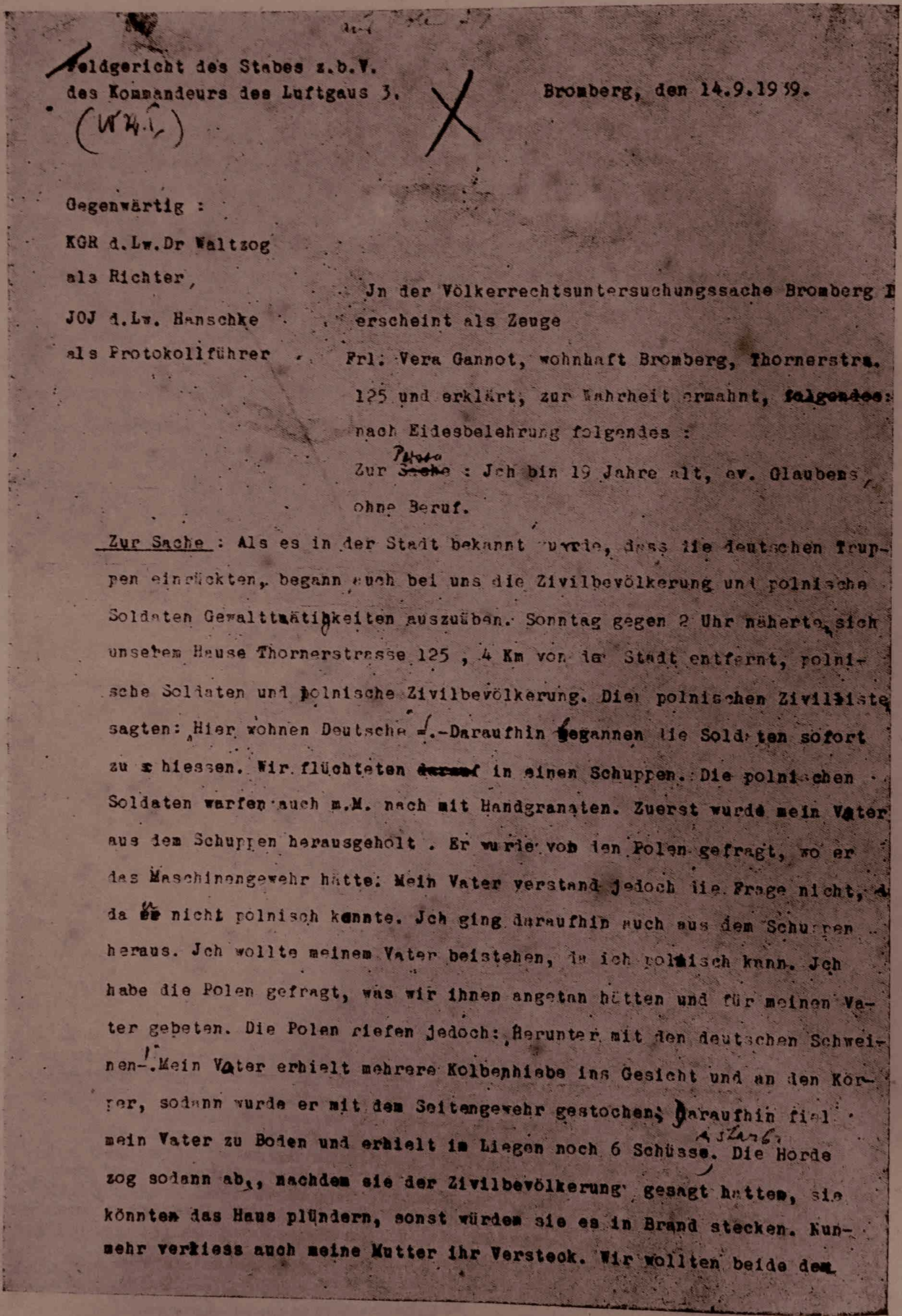
Bromberg

Der Beauftragte der Untersuchungsstelle des Oberkommandos der Wehrmacht für völkerrechtl. Verletzungen übersendet obenstehend den Schluß der Vernehmung der Zeugin Dorothea Radler aus Bromberg, Klein-Bartelsee ~~Wh~~ Wl. Belz-y 55.

Aus der ~~polnischen~~ Vernehmung der Zeugin ergibt sich, daß der Pole Mylszynski polnische Soldaten veranlaßt hat, unter der falschen Beschuldigung eines Angriffs auf ihn selbst den Vater der Zeugin, den 18jährigen Bruder Fritz und den 16jährigen Bruder Heinz zu erschießen. Nach Angaben der Zeugin befindet sich M. in Händen der Deutschen Polizei in Bromberg.

Marineoberkriegsgerichtsrat

Ultima página do protocolo original do depoimento de Dorothea Radler, de 14 anos de idade.



Feldgericht des Stabes z.b.V.
des Kommandeurs des Luftgaus 3.
(WR 4 L)

Bromberg, den 14.9.1939.

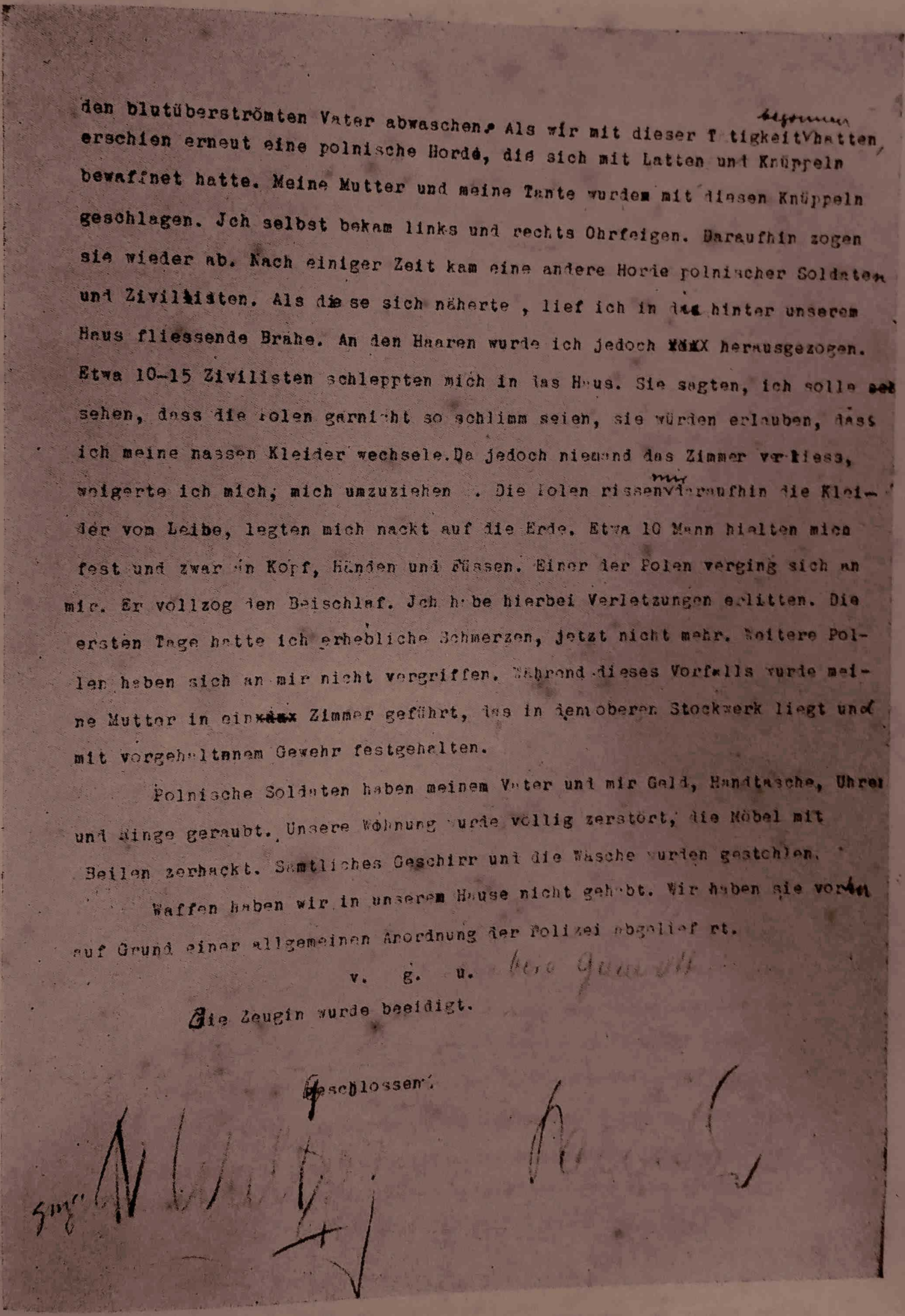
Gegenwärtig :
KGR d.Lw.Dr Waltzog
als Richter,
JOJ d.Lw. Hanschke
als Protokollführer

Jn der Völkerrechtsuntersuchungssache Bromberg I
erscheint als Zeuge
Frl. Vera Gannot, wohnhaft Bromberg, Thornerstra. 125 und erklärt, zur Wahrheit ermahnt, ~~folgendes~~: nach Eidesbelehrung folgendes :

Zur ~~Sache~~ Person : Jch bin 19 Jahre alt, ev. Glaubens, ohne Beruf.

Zur Sache : Als es in der Stadt bekannt wurde, dass die deutschen Truppen einrückten, begann auch bei uns die Zivilbevölkerung und polnische Soldaten Gewalttätigkeiten auszuüben. Sonntag gegen 2 Uhr näherten sich unserem Hause Thornerstrasse 125 , 4 Km von der Stadt entfernt, polnische Soldaten und polnische Zivilbevölkerung. Die polnischen Zivilisten sagten: „Hier wohnen Deutsche".-Daraufhin begannen die Soldaten sofort zu schiessen. Wir flüchteten ~~darauf~~ in einen Schuppen. Die polnischen Soldaten warfen auch m.M. nach mit Handgranaten. Zuerst wurde mein Vater aus dem Schuppen herausgeholt . Er wurde von den Polen gefragt, wo er das Maschinengewehr hätte. Mein Vater verstand jedoch die Frage nicht, da er nicht polnisch konnte. Jch ging daraufhin auch aus dem Schuppen heraus. Jch wollte meinem Vater beistehen, da ich polnisch kann. Jch habe die Polen gefragt, was wir ihnen angetan hätten und für meinen Vater gebeten. Die Polen riefen jedoch: „Herunter mit den deutschen Schweinen"-.Mein Vater erhielt mehrere Kolbenhiebe ins Gesicht und an den Körper, sodann wurde er mit dem Seitengewehr gestochen; daraufhin fiel mein Vater zu Boden und erhielt im Liegen noch 6 Schüsse Abstand. Die Horde zog sodann ab, nachdem sie der Zivilbevölkerung gesagt hatten, sie könnten das Haus plündern, sonst würden sie es in Brand stecken. Nunmehr verliess auch meine Mutter ihr Versteck. Wir wollten beide dem

Protocolo original do depoimento de Vera Gannott.



den blutüberströmten Vater abwaschen. Als wir mit dieser Tätigkeit begonnen hatten, erschien erneut eine polnische Horde, die sich mit Latten und Knüppeln bewaffnet hatte. Meine Mutter und meine Tante wurden mit diesen Knüppeln geschlagen. Jch selbst bekam links und rechts Ohrfeigen. Daraufhin zogen sie wieder ab. Nach einiger Zeit kam eine andere Horde polnischer Soldaten und Zivilisten. Als diese sich näherte , lief ich in die hinter unserem Haus fliessende Brahe. An den Haaren wurde ich jedoch herausgezogen. Etwa 10-15 Zivilisten schleppten mich in das Haus. Sie sagten, ich solle sehen, dass die Polen garnicht so schlimm seien, sie würden erlauben, dass ich meine nassen Kleider wechsele. Da jedoch niemand das Zimmer verliess, weigerte ich mich, mich umzuziehen . Die Polen rissen mir daraufhin die Kleider vom Leibe, legten mich nackt auf die Erde. Etwa 10 Mann hielten mich fest und zwar an Kopf, Händen und Füssen. Einer der Polen verging sich an mir. Er vollzog den Beischlaf. Jch habe hierbei Verletzungen erlitten. Die ersten Tage hatte ich erhebliche Schmerzen, jetzt nicht mehr. Weitere Polen haben sich an mir nicht vergriffen. Während dieses Vorfalls wurde meine Mutter in ein Zimmer geführt, das in dem oberen Stockwerk liegt und mit vorgehaltenem Gewehr festgehalten.

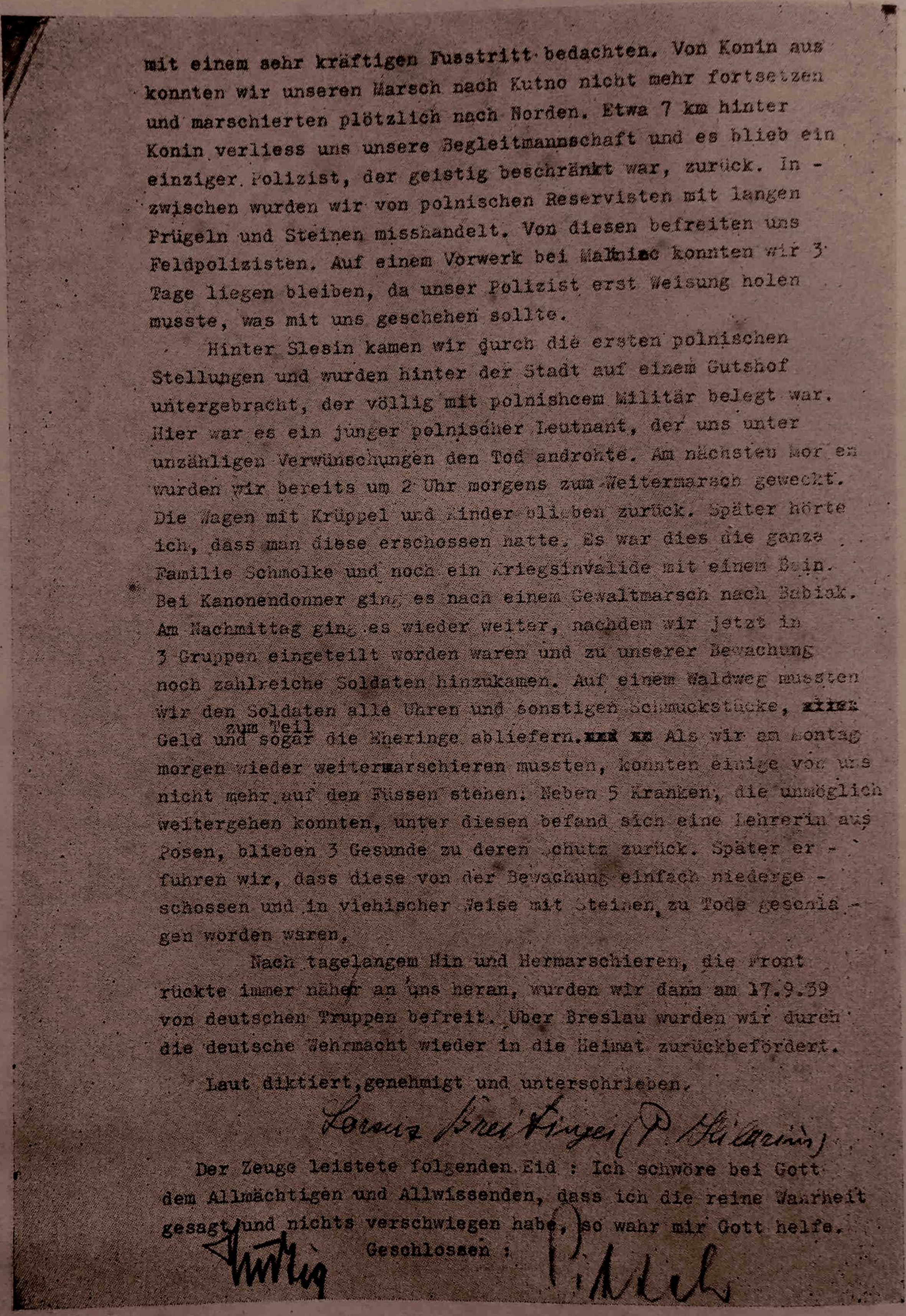
Polnische Soldaten haben meinem Vater und mir Geld, Handtasche, Uhren und Ringe geraubt. Unsere Wohnung wurde völlig zerstört, die Möbel mit Beilen zerhackt. Sämtliches Geschirr und die Wäsche wurden gestohlen.

Waffen haben wir in unserem Hause nicht gehabt. Wir haben sie vorher auf Grund einer allgemeinen Anordnung der Polizei abgeliefert.

v. g. u.

Die Zeugin wurde beeidigt.

Geschlossen.



mit einem sehr kräftigen Fusstritt bedachten. Von Konin aus konnten wir unseren Marsch nach Kutno nicht mehr fortsetzen und marschierten plötzlich nach Norden. Etwa 7 km hinter Konin verliess uns unsere Begleitmannschaft und es blieb ein einziger Polizist, der geistig beschränkt war, zurück. Inzwischen wurden wir von polnischen Reservisten mit langen Prügeln und Steinen misshandelt. Von diesen befreiten uns Feldpolizisten. Auf einem Vorwerk bei Malkinic konnten wir 3 Tage liegen bleiben, da unser Polizist erst Weisung holen musste, was mit uns geschehen sollte.

Hinter Slesin kamen wir durch die ersten polnischen Stellungen und wurden hinter der Stadt auf einem Gutshof untergebracht, der völlig mit polnishcem Militär belegt war. Hier war es ein junger polnischer Leutnant, der uns unter unzähligen Verwünschungen den Tod androhte. Am nächsten Morgen wurden wir bereits um 2 Uhr morgens zum Weitermarsch geweckt. Die Wagen mit Krüppel und Kinder blieben zurück. Später hörte ich, dass man diese erschossen hatte. Es war dies die ganze Familie Schmolke und noch ein Kriegsinvalide mit einem Bein. Bei Kanonendonner ging es nach einem Gewaltmarsch nach Babiak. Am Nachmittag ging es wieder weiter, nachdem wir jetzt in 3 Gruppen eingeteilt worden waren und zu unserer Bewachung noch zahlreiche Soldaten hinzukamen. Auf einem Waldweg mussten wir den Soldaten alle Uhren und sonstigen Schmuckstücke, xxxx Geld und zum Teil sogar die Eheringe abliefern. xxx xx Als wir am Montag morgen wieder weitermarschieren mussten, konnten einige von uns nicht mehr auf den Füssen stehen. Neben 5 Kranken, die unmöglich weitergehen konnten, unter diesen befand sich eine Lehrerin aus Posen, blieben 3 Gesunde zu deren Schutz zurück. Später erfuhren wir, dass diese von der Bewachung einfach niedergeschossen und in viehischer Weise mit Steinen zu Tode geschlagen worden waren.

Nach tagelangem Hin und Hermarschieren, die Front rückte immer näher an uns heran, wurden wir dann am 17.9.39 von deutschen Truppen befreit. Über Breslau wurden wir durch die deutsche Wehrmacht wieder in die Heimat zurückbefördert.

Laut diktiert, genehmigt und unterschrieben.

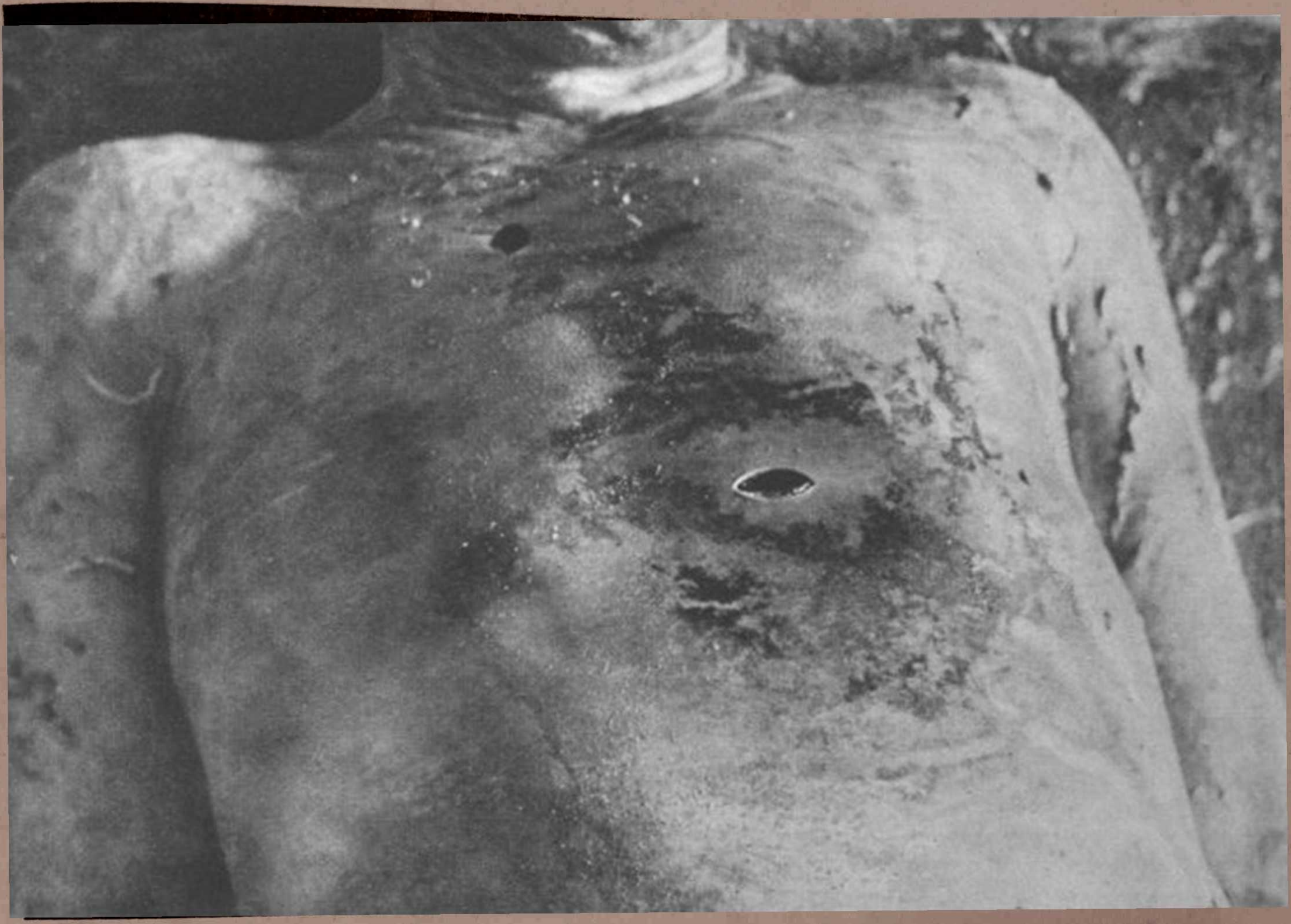
Lorenz Breitinger (P. Hilarius)

Der Zeuge leistete folgenden Eid : Ich schwöre bei Gott dem Allmächtigen und Allwissenden, dass ich die reine Wahrheit gesagt und nichts verschwiegen habe, so wahr mir Gott helfe.

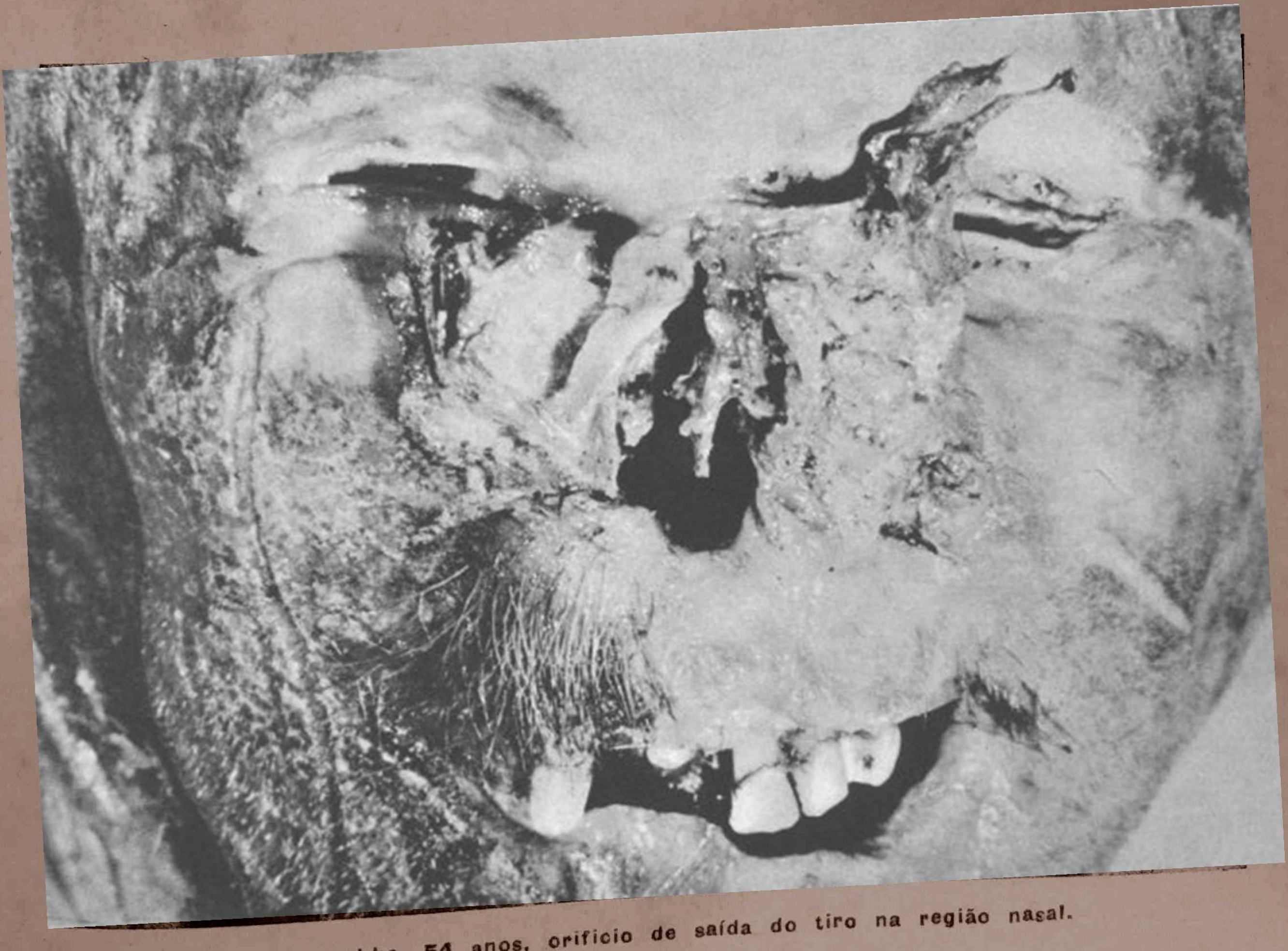
Geschlossen :

Ultima página do protocolo original do depoimento do Padre Breitinger.

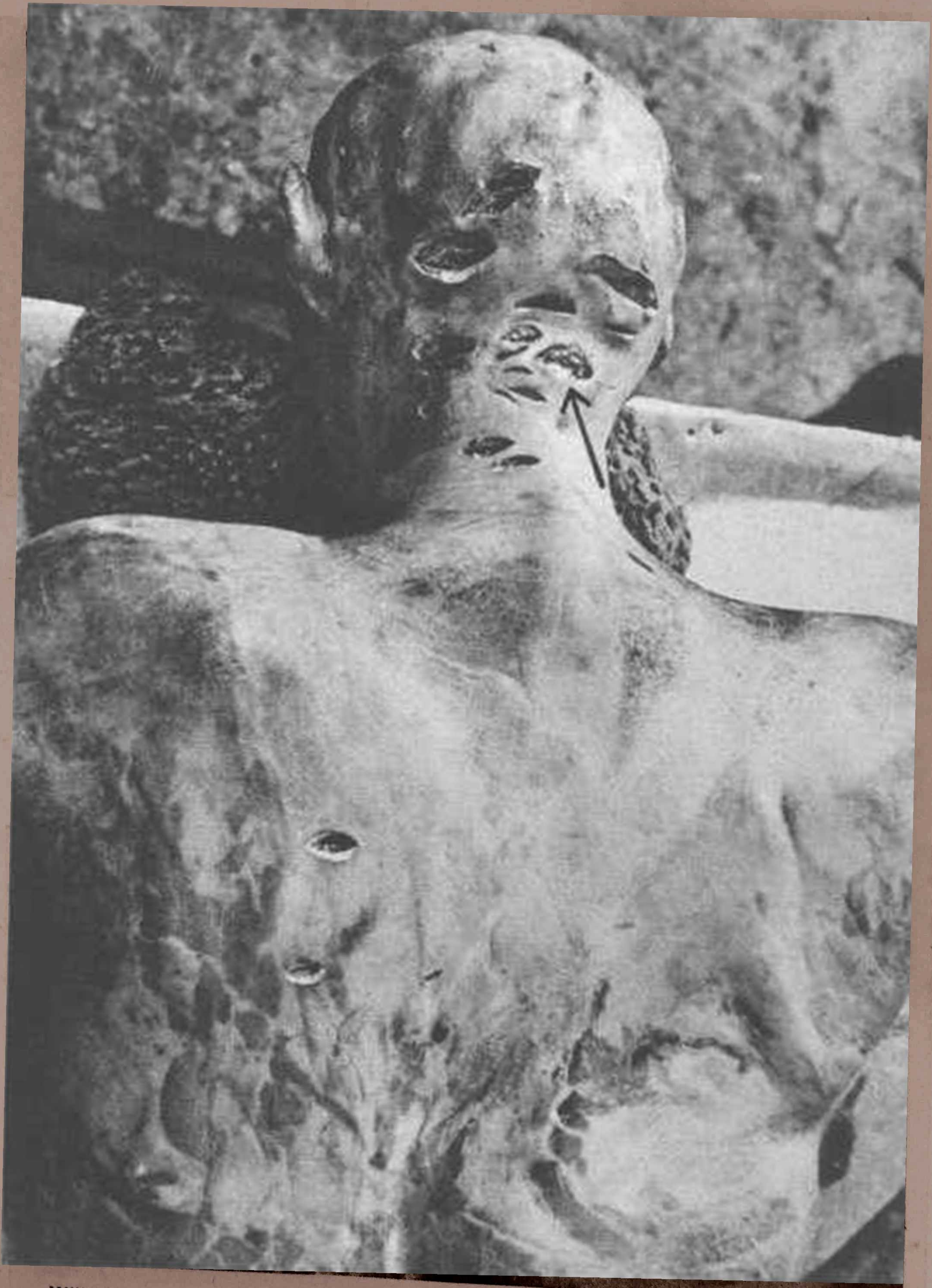
Fotografias tiradas pelos medicos-legistas



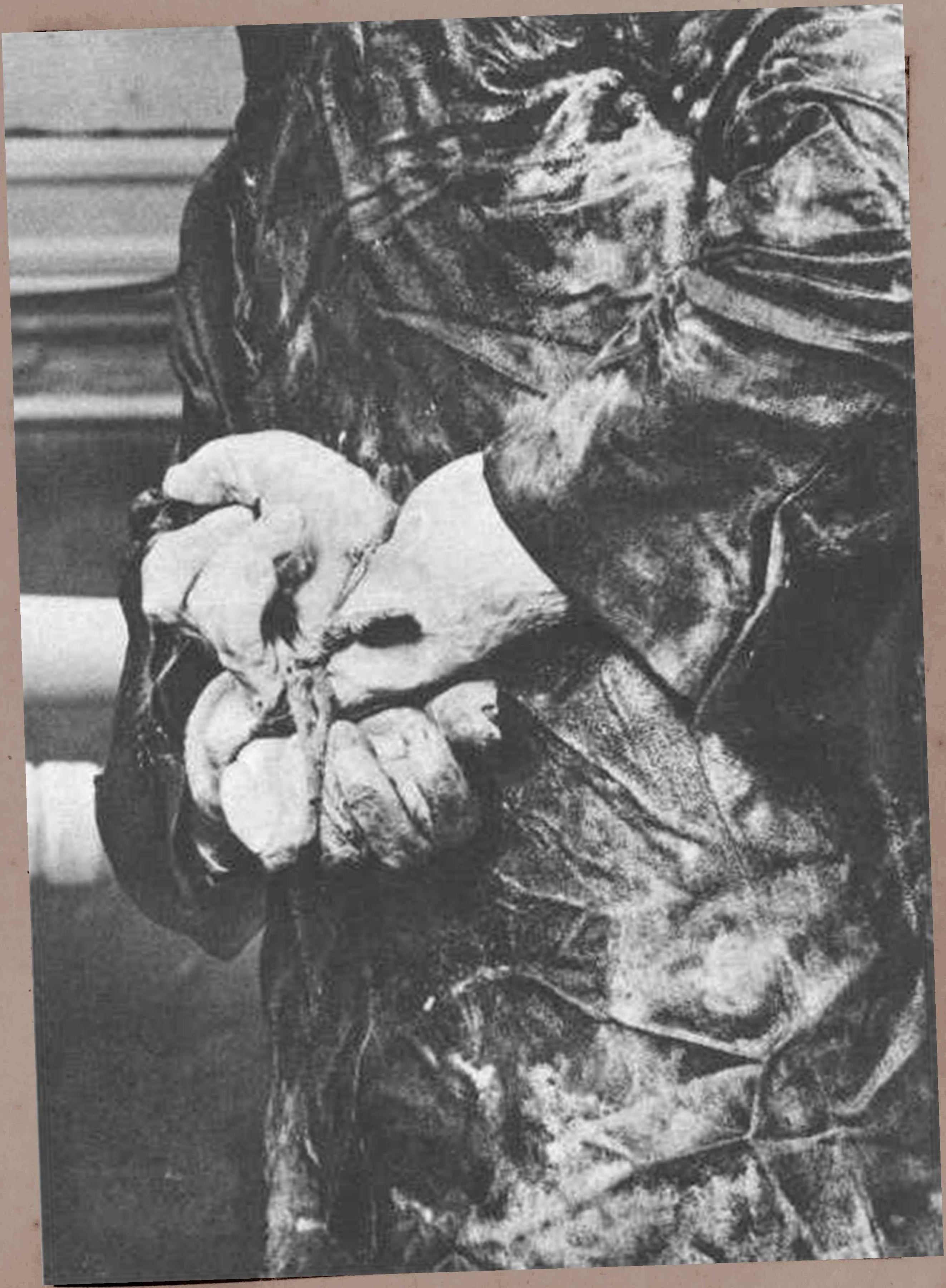
Homem desconhecido, de 30 a 40 anos, pertencente ao grupo de Jesuitersee. Assassinio de 39 homens alemães por militares poloneses. — 2 baionetadas no torax, sendo uma mortal.



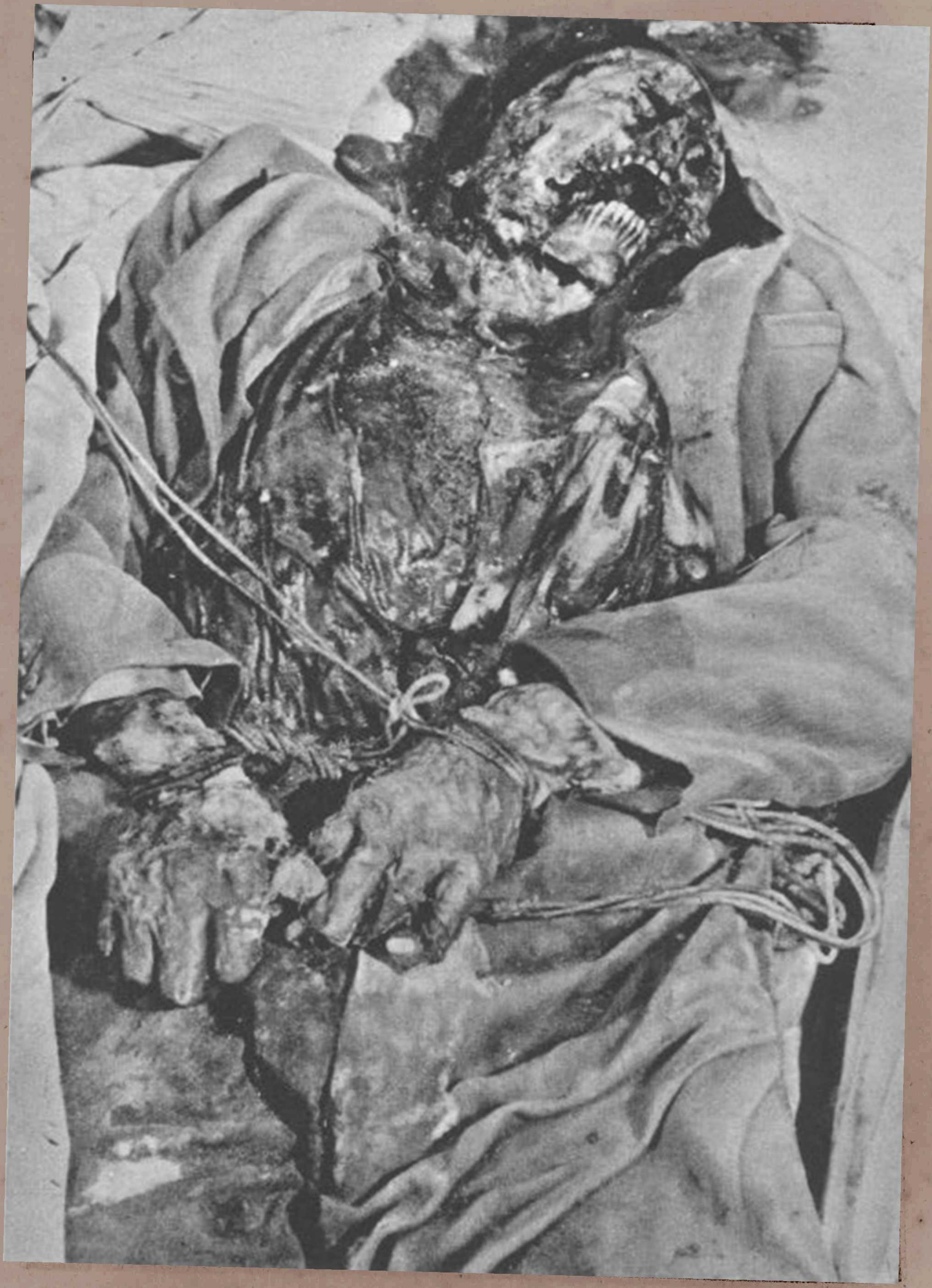
Max Jeschke, 54 anos, orificio de saída do tiro na região nasal.



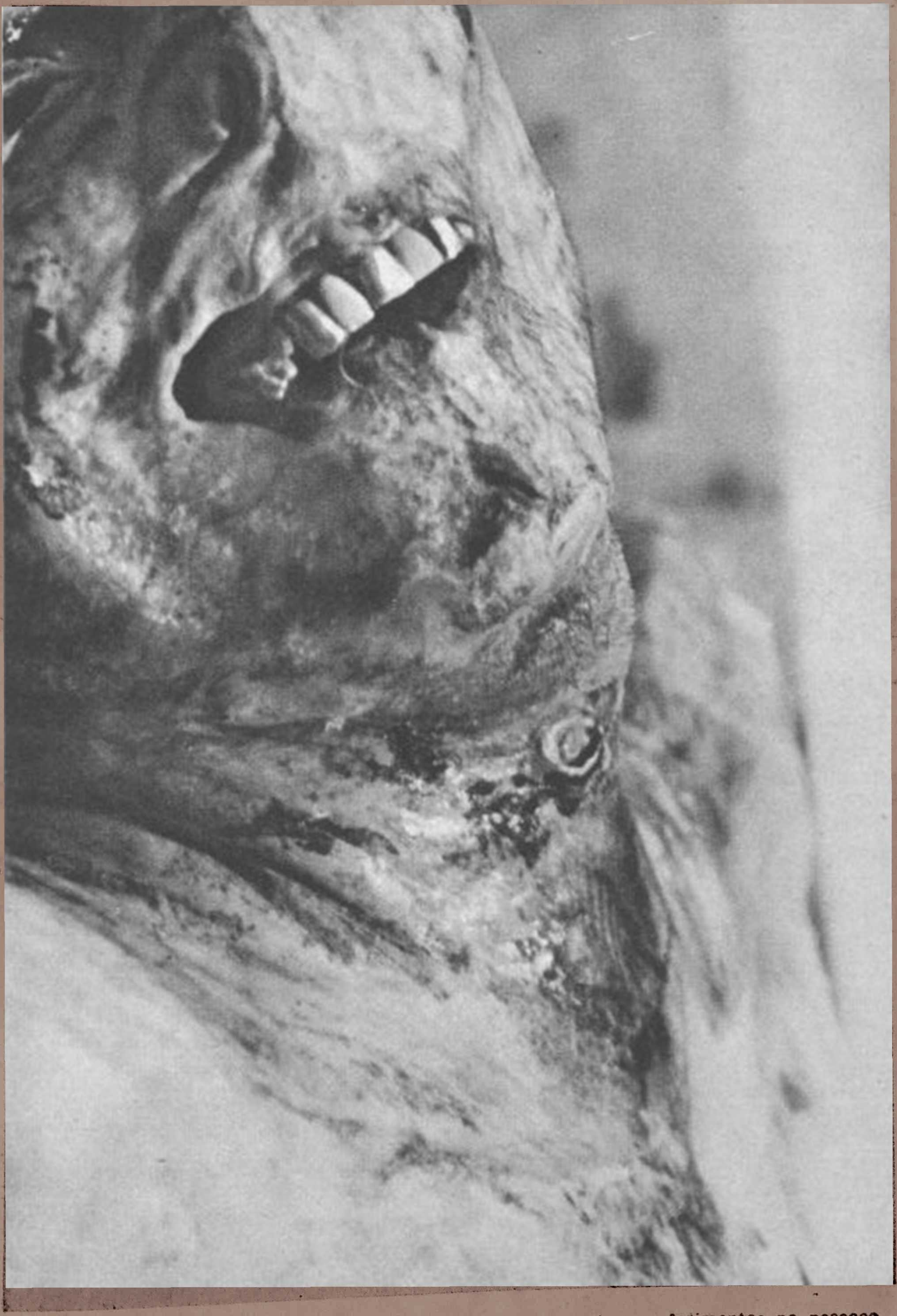
Willi Heller, de 19 anos; 33 feridas penetrantes, punhal ou baioneta, sendo mortal a indicada pela flecha.



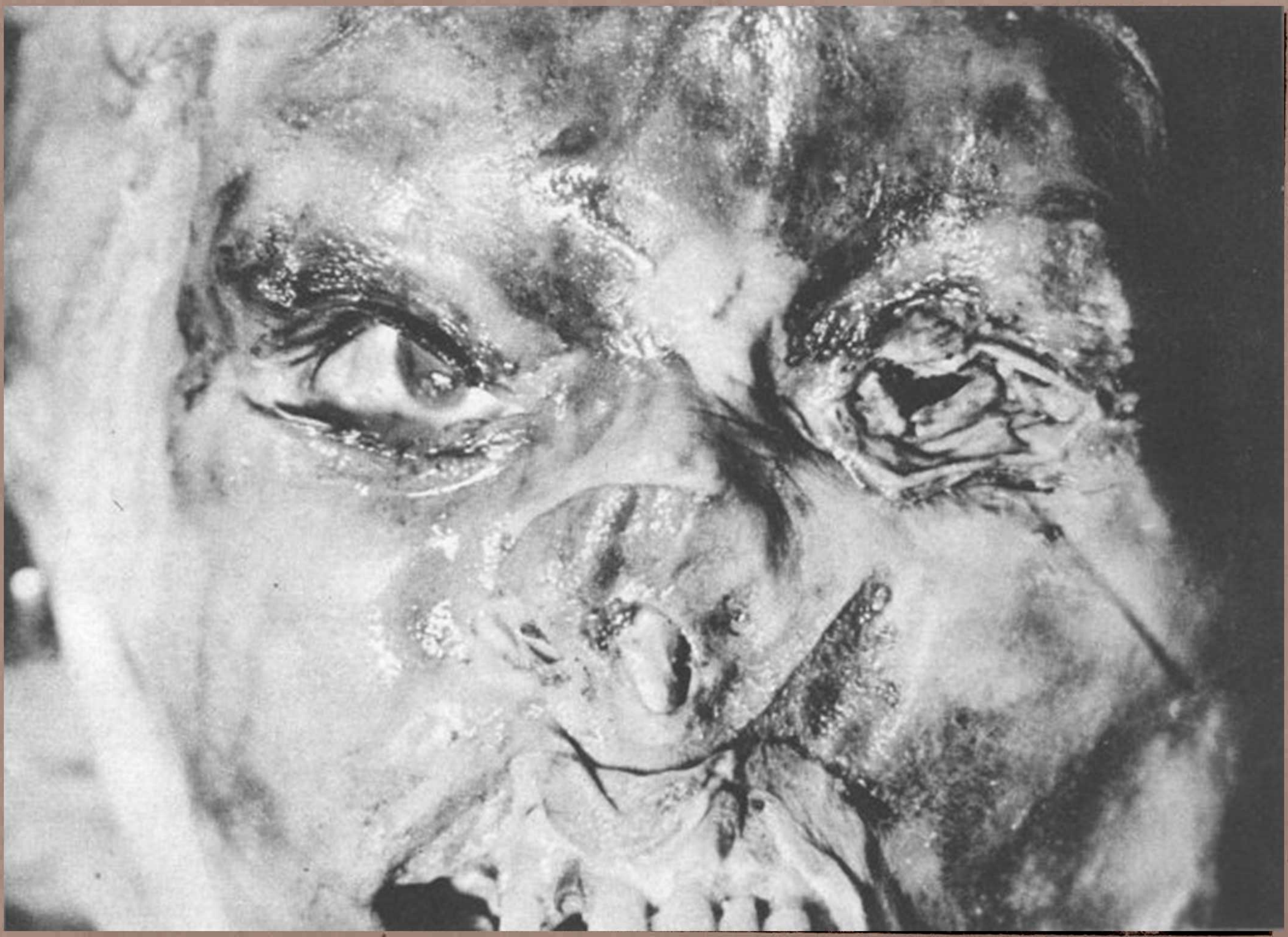
Otto Kutzer, 73 anos. As mãos amarradas ás costas.



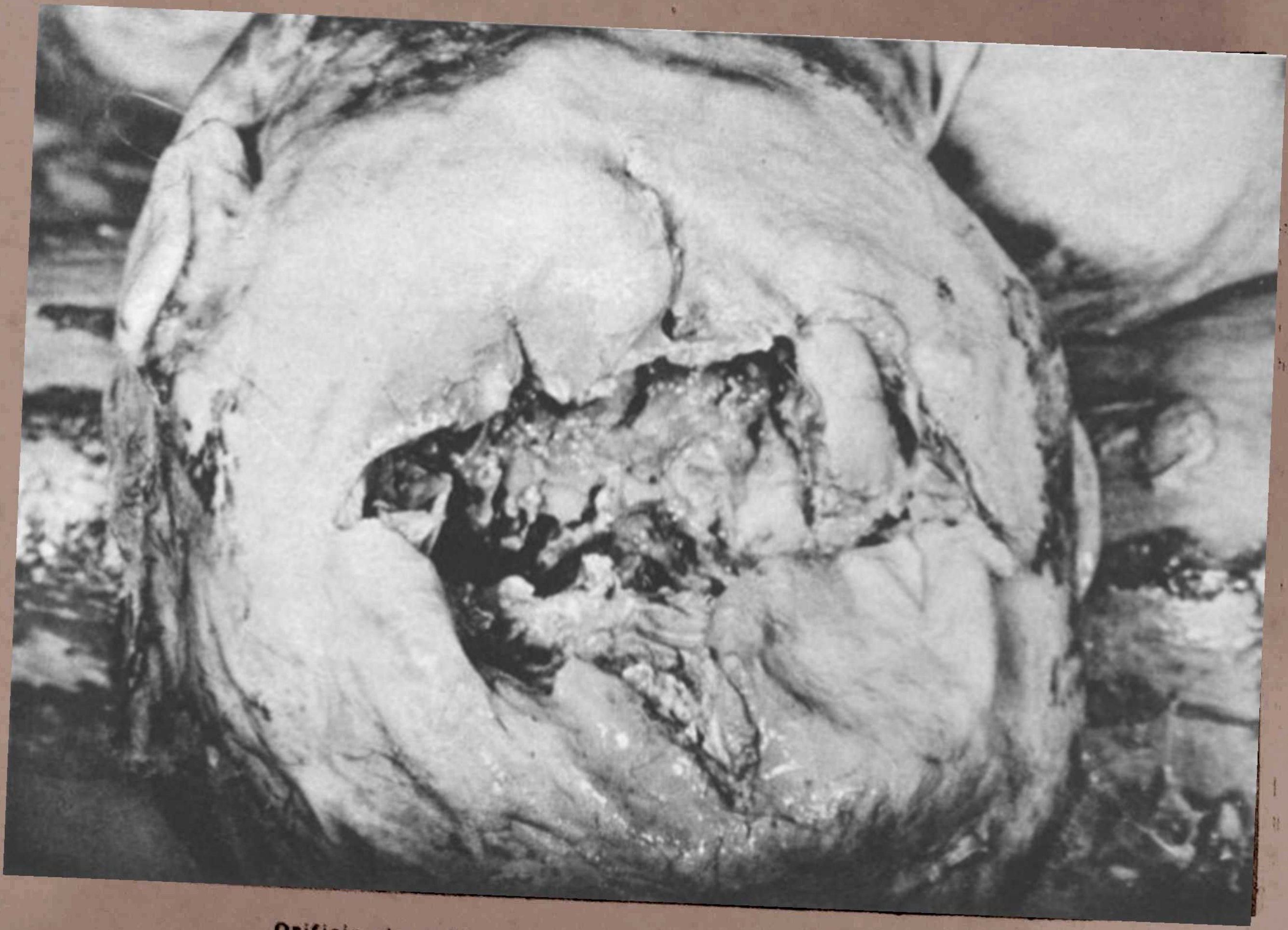
Albrecht Schmidt, de cerca de 45 anos. Note os cordões com que a vítima foi arrastada até ao local da execução.



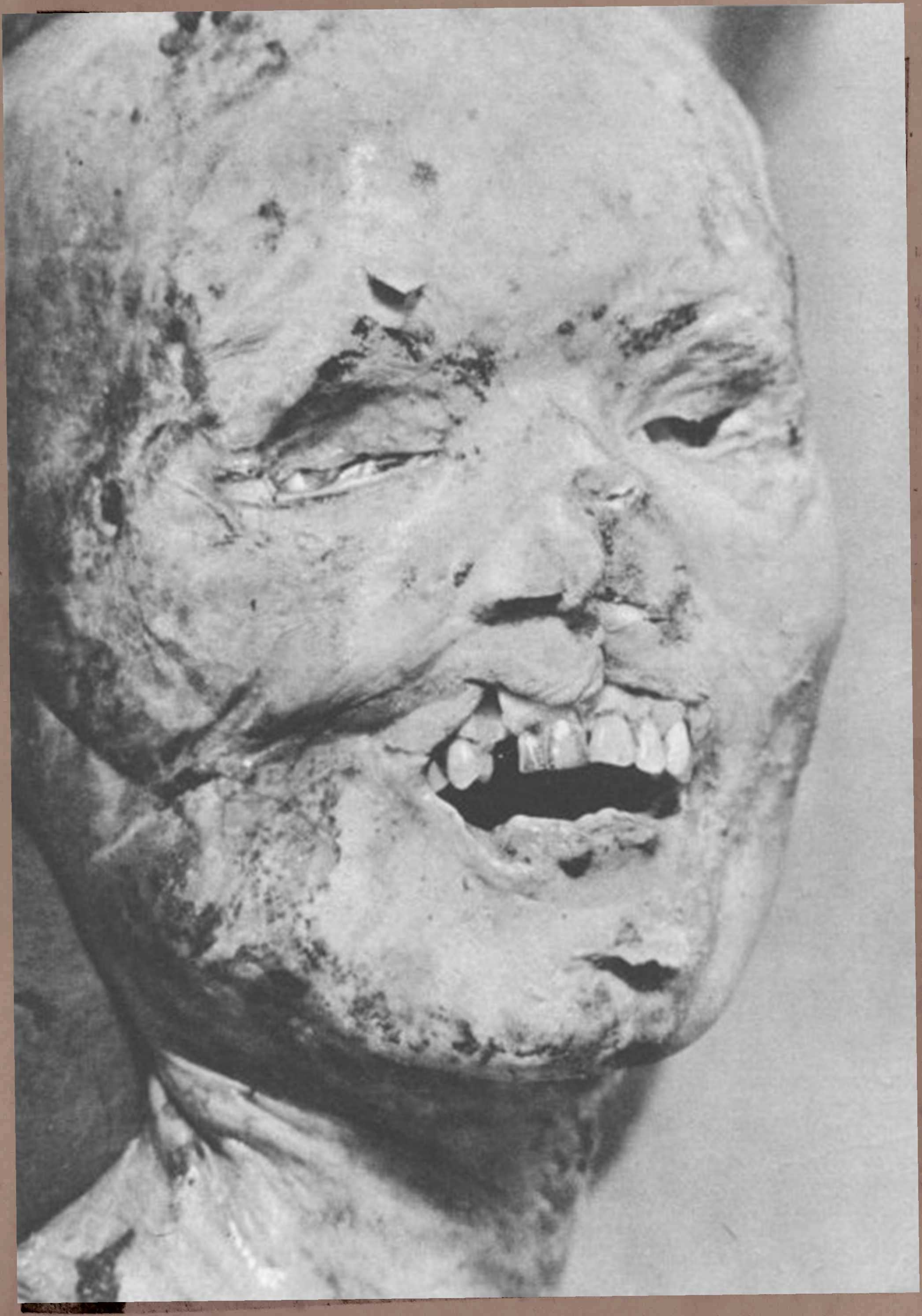
Artur Radler, 42 anos, viveu ainda 7 horas depois de receber os ferimentos no pescoço.



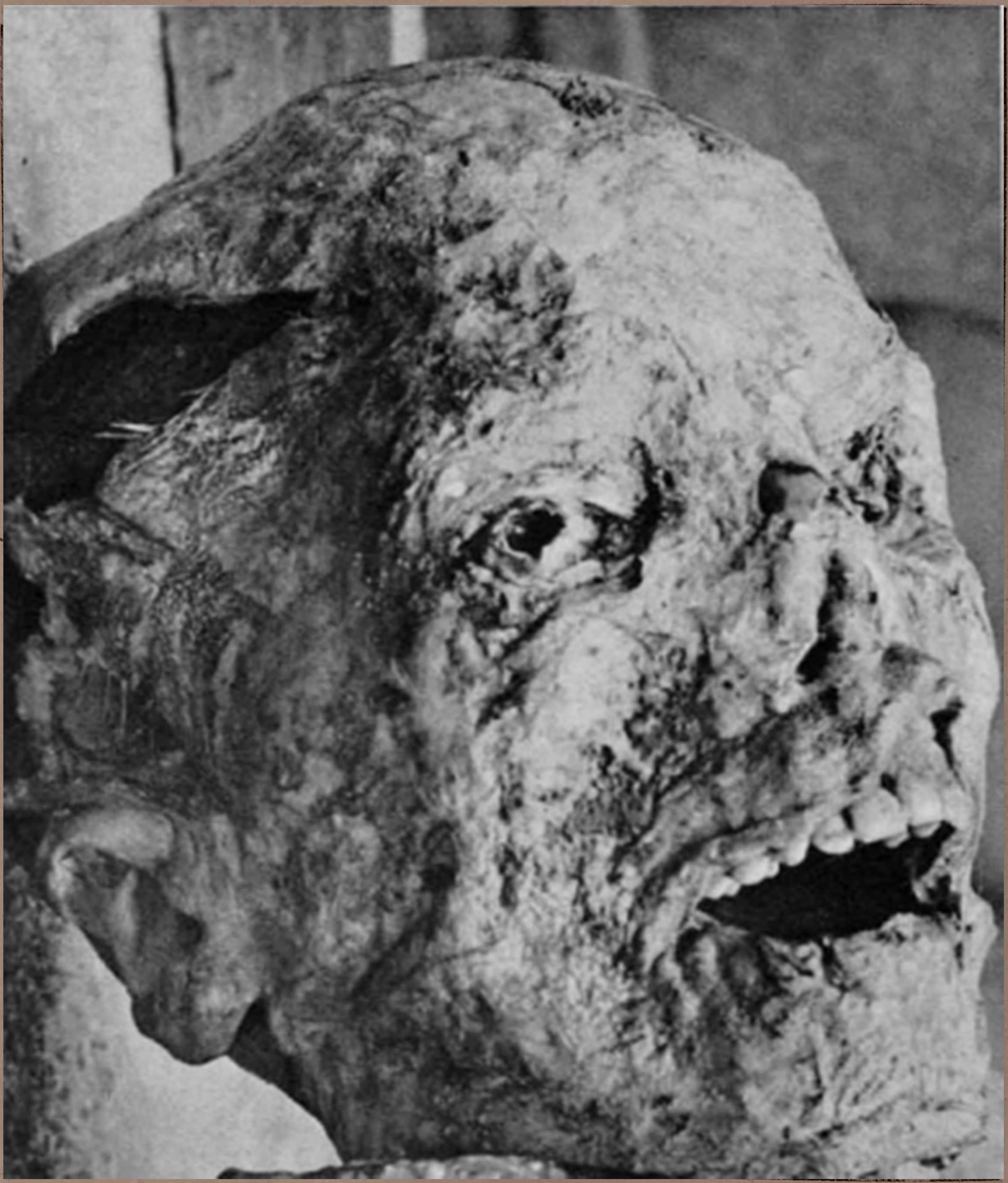
Else Behnke, 35 anos, tiro pelo olho esquerdo.



Orifício de saída do tiro, mencionado na página anterior.

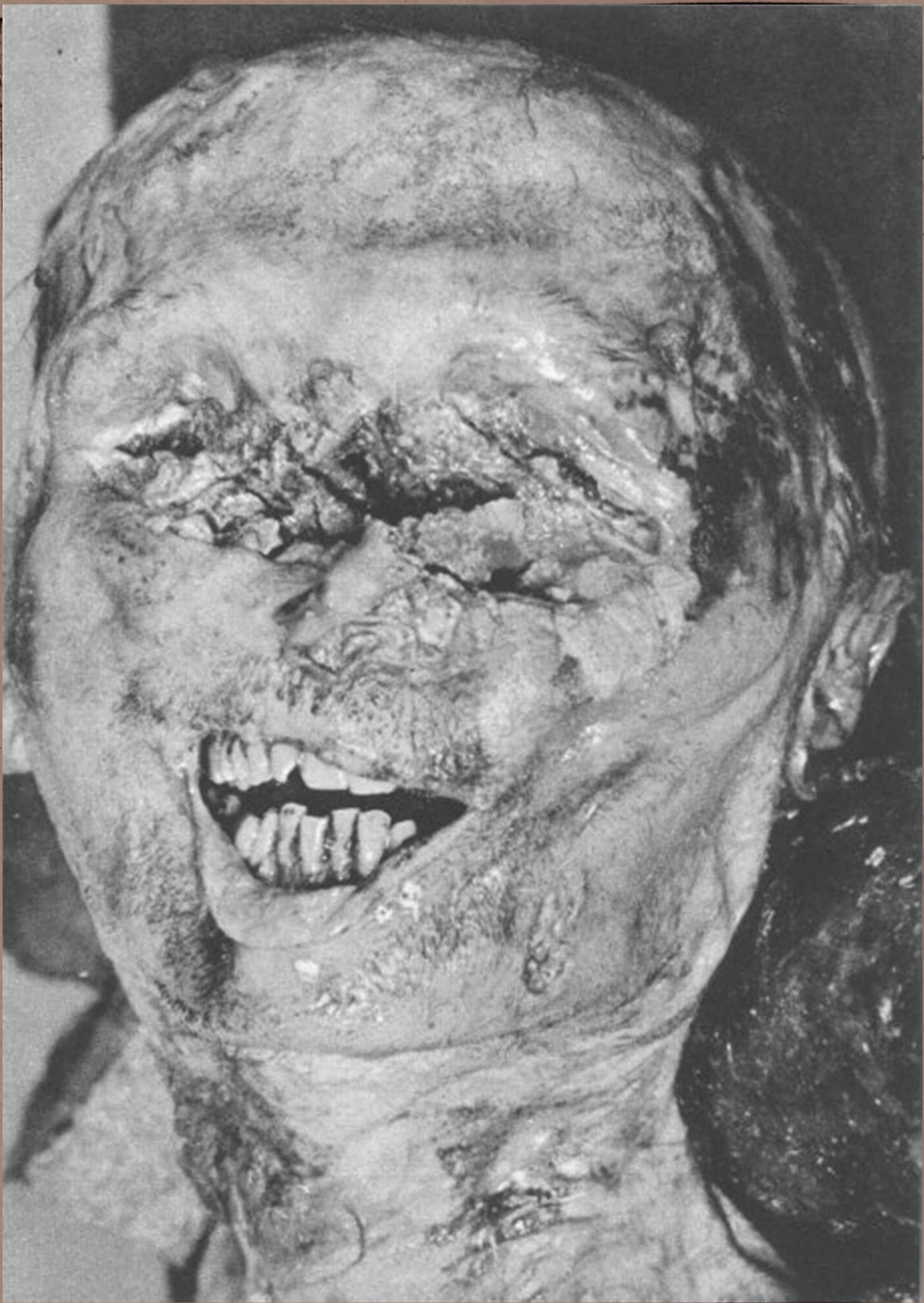


Frizt Radler, 19 anos. Golpe de baioneta ou sabre no queixo, assassinado por tiro de revólver no peito.

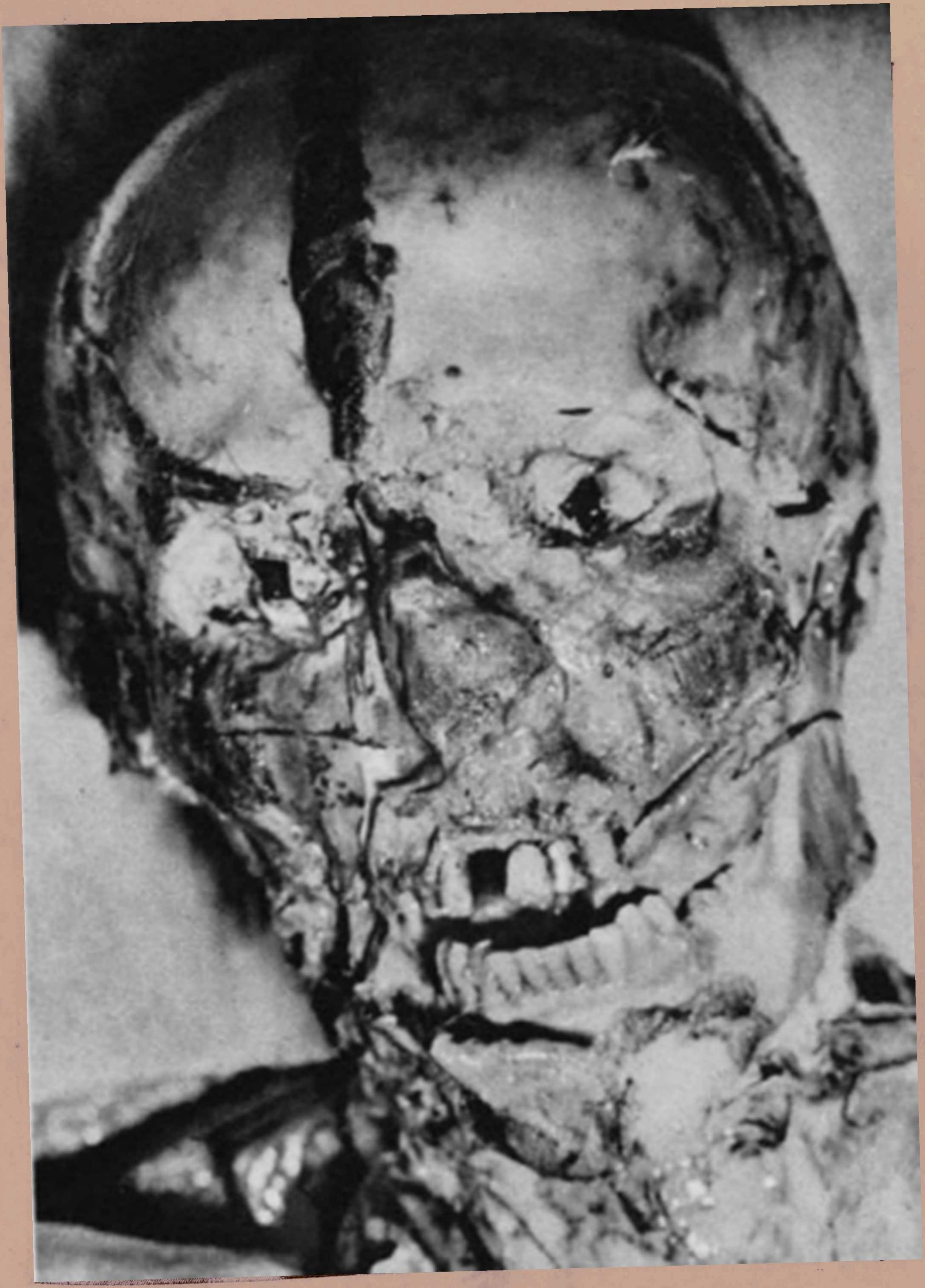


Homem desconhecido de 20 anos. Abertura dos olhos, provavelmente perfurados.

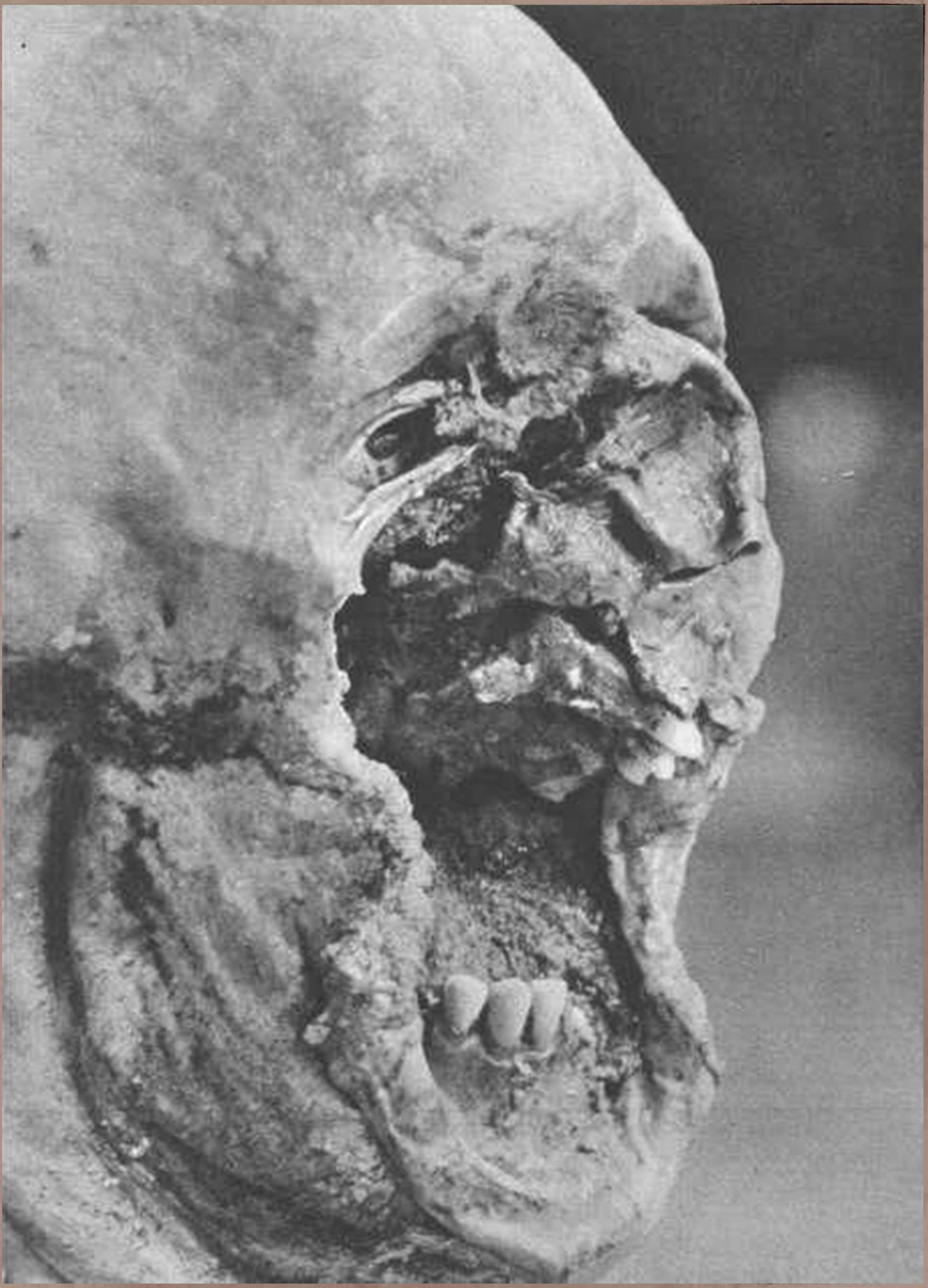
Paul Grieger, 32 anos, assassinado por soldados e ginasianos poloneses, com picaretas.



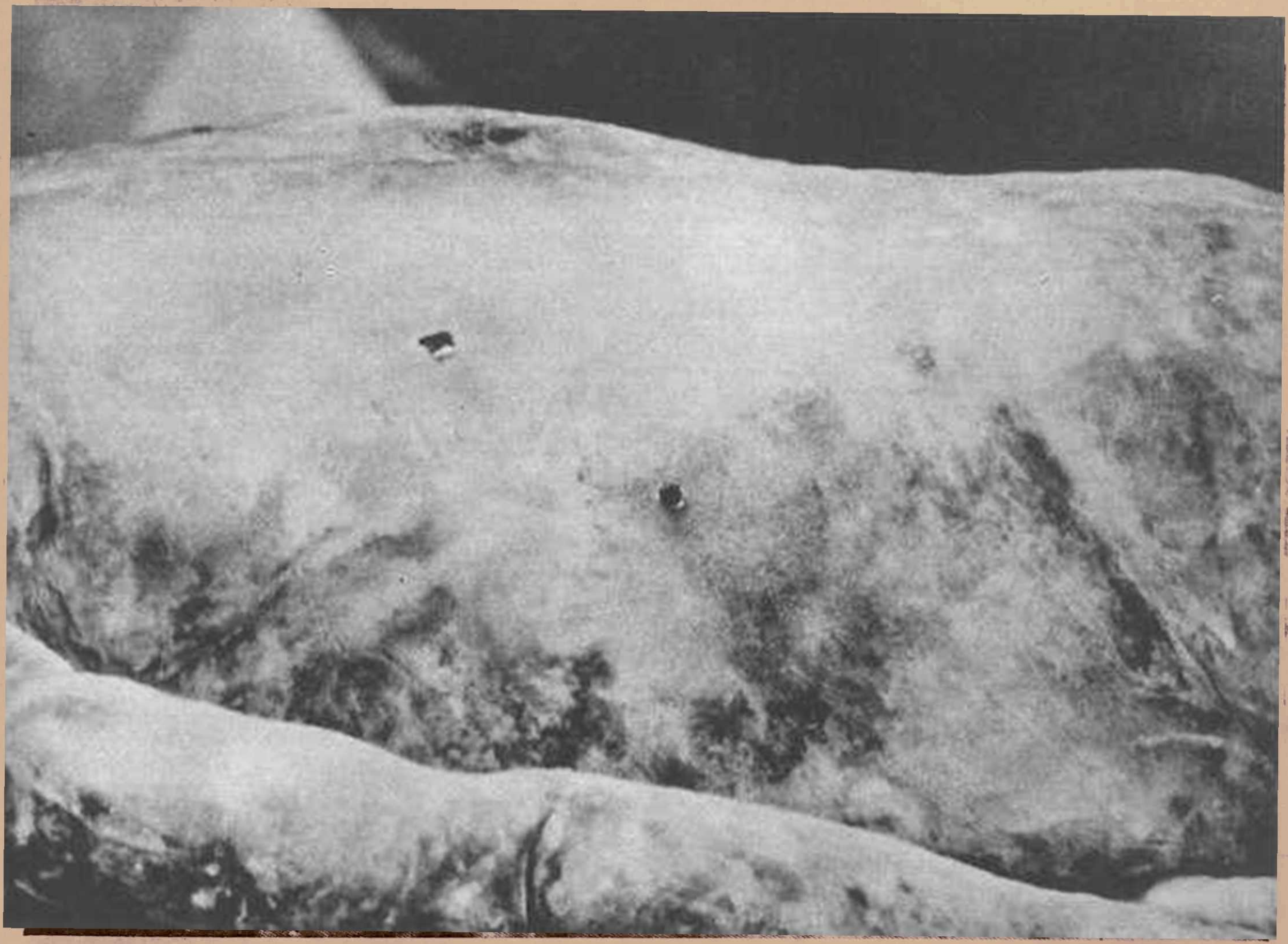
Wiethold Kluck, 34 anos, orifício de saída do tiro na região dos olhos.



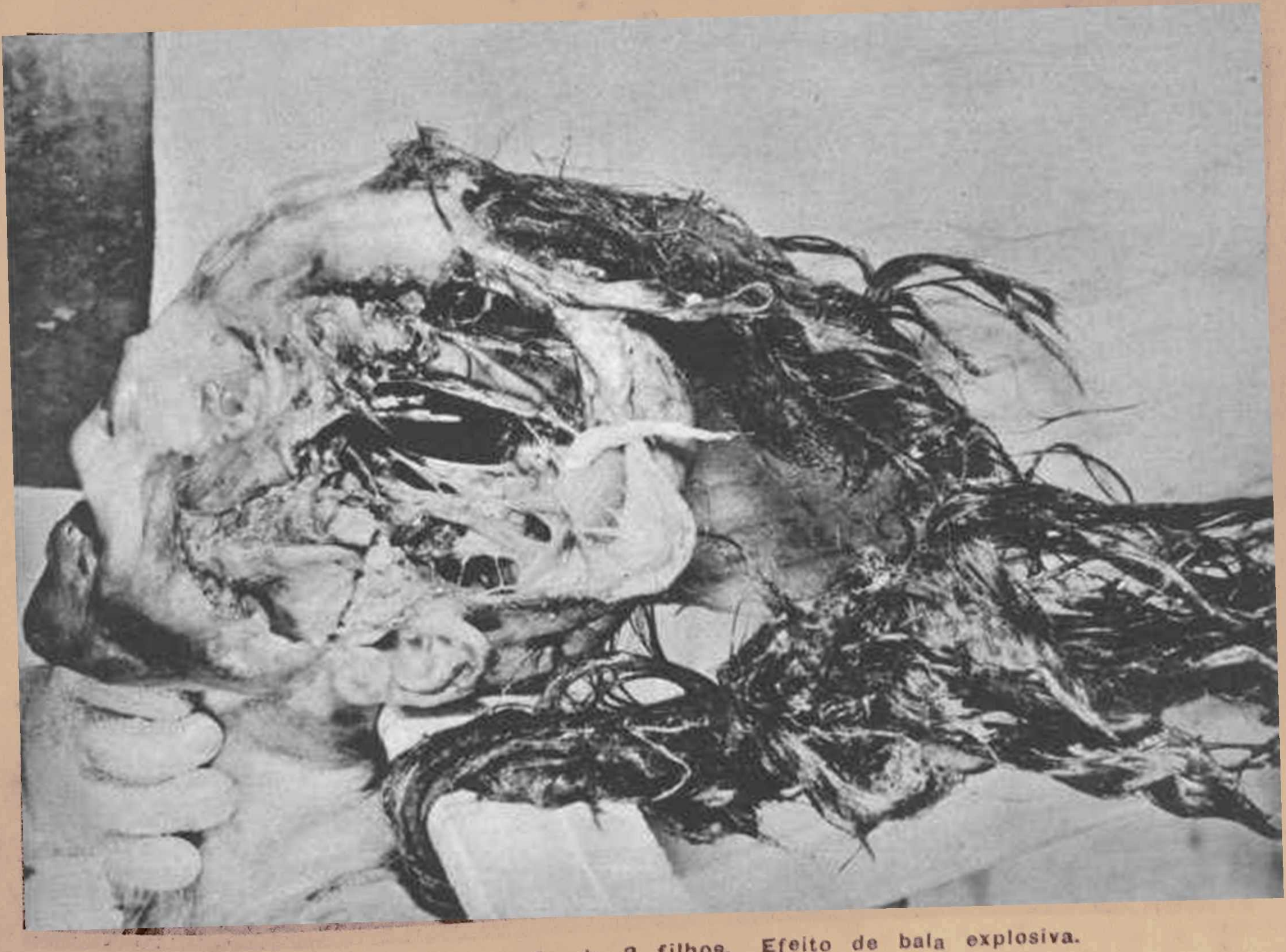
Homem desconhecido, 45 anos.



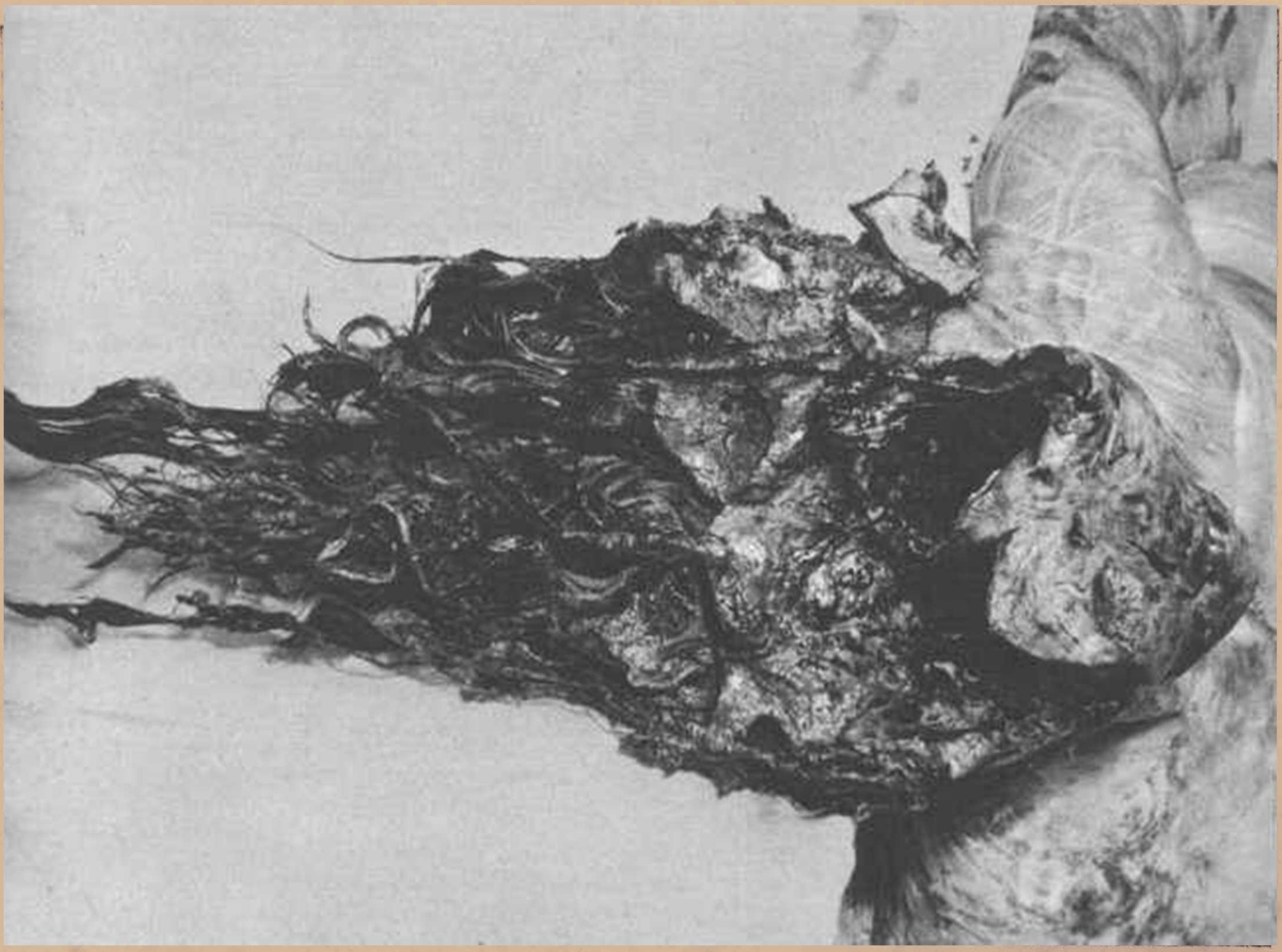
Homem desconhecido, 40 anos, orifício de saída no rosto.



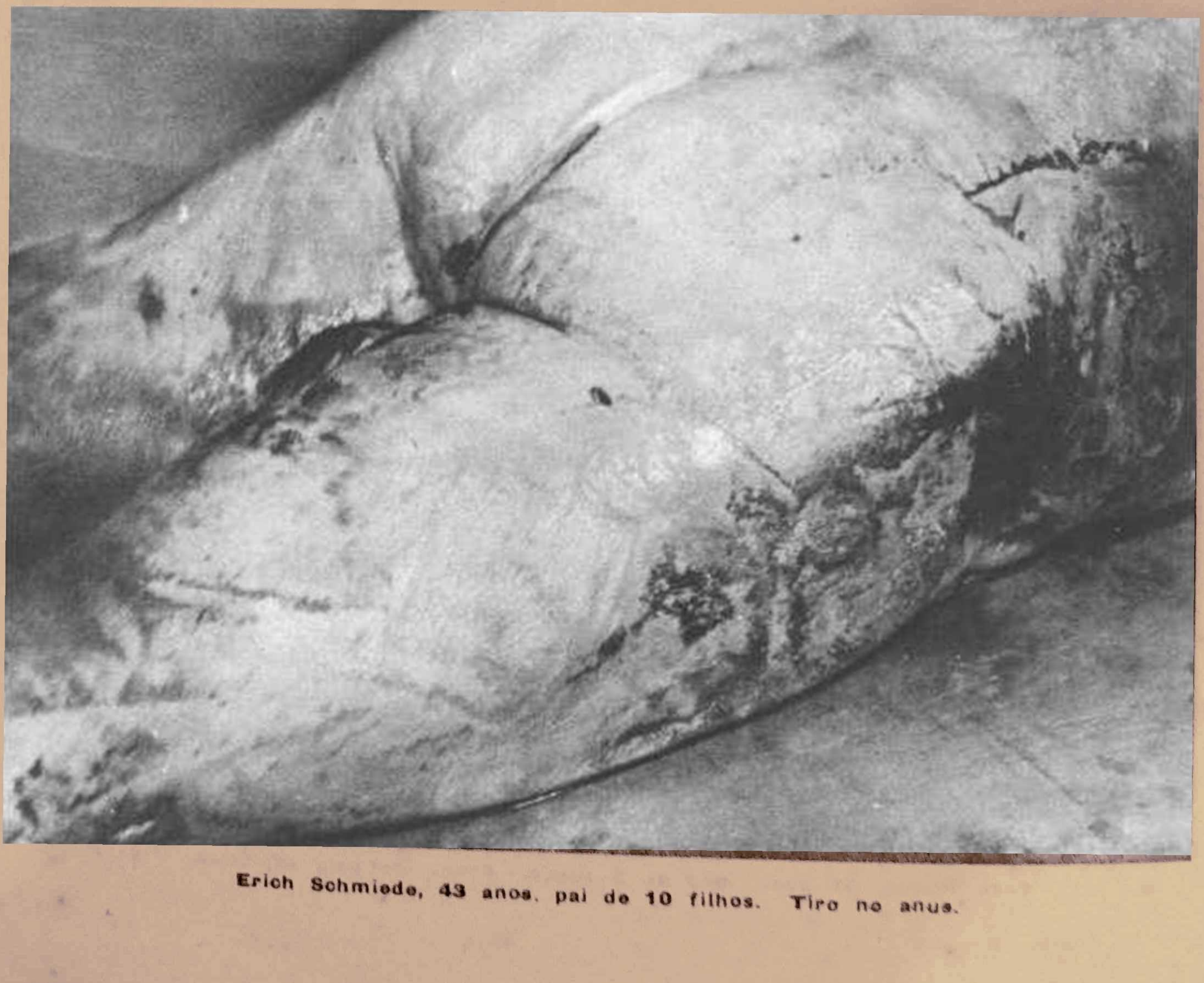
O cura Reder, 63 anos.



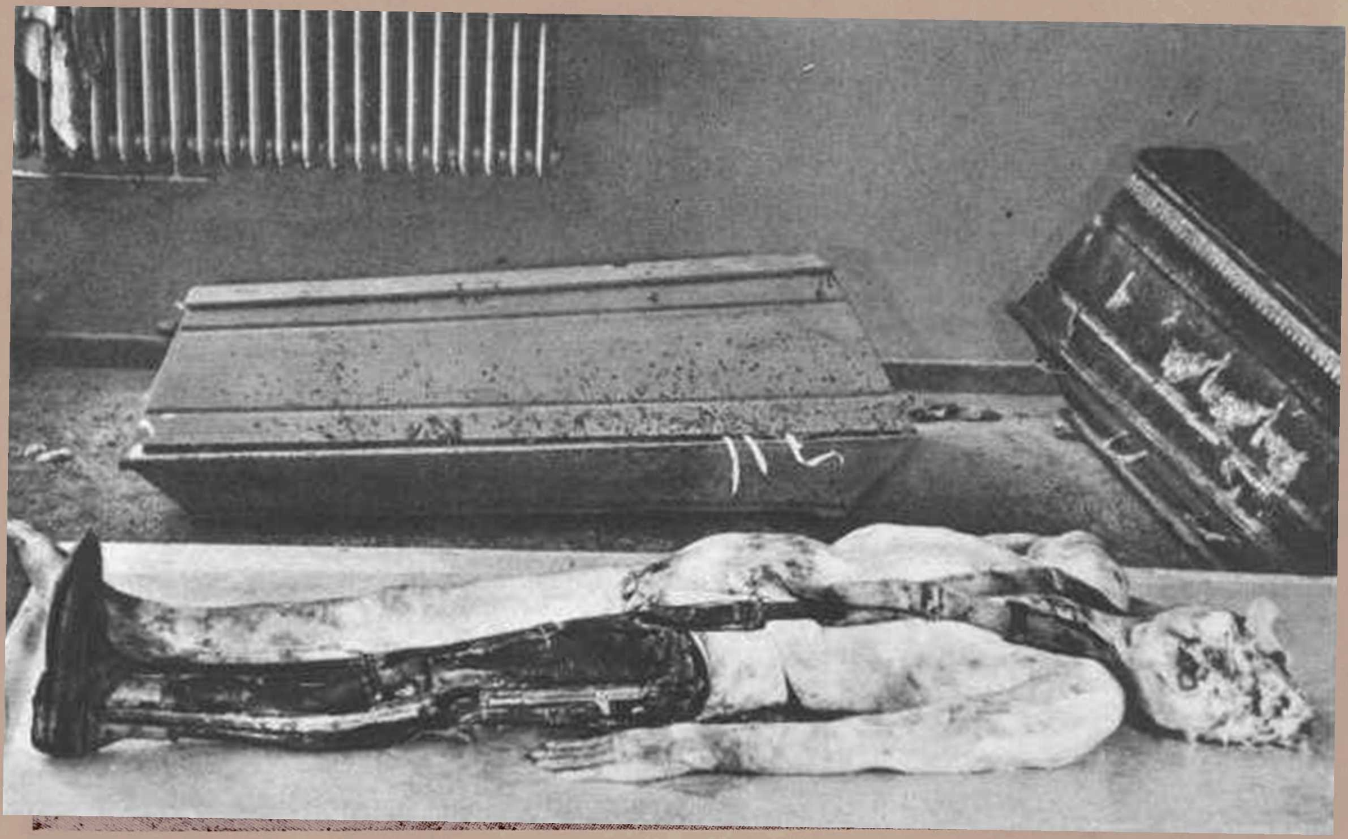
Frau Ristua, 31 anos, mãe de 3 filhos. Efeito de bala explosiva.



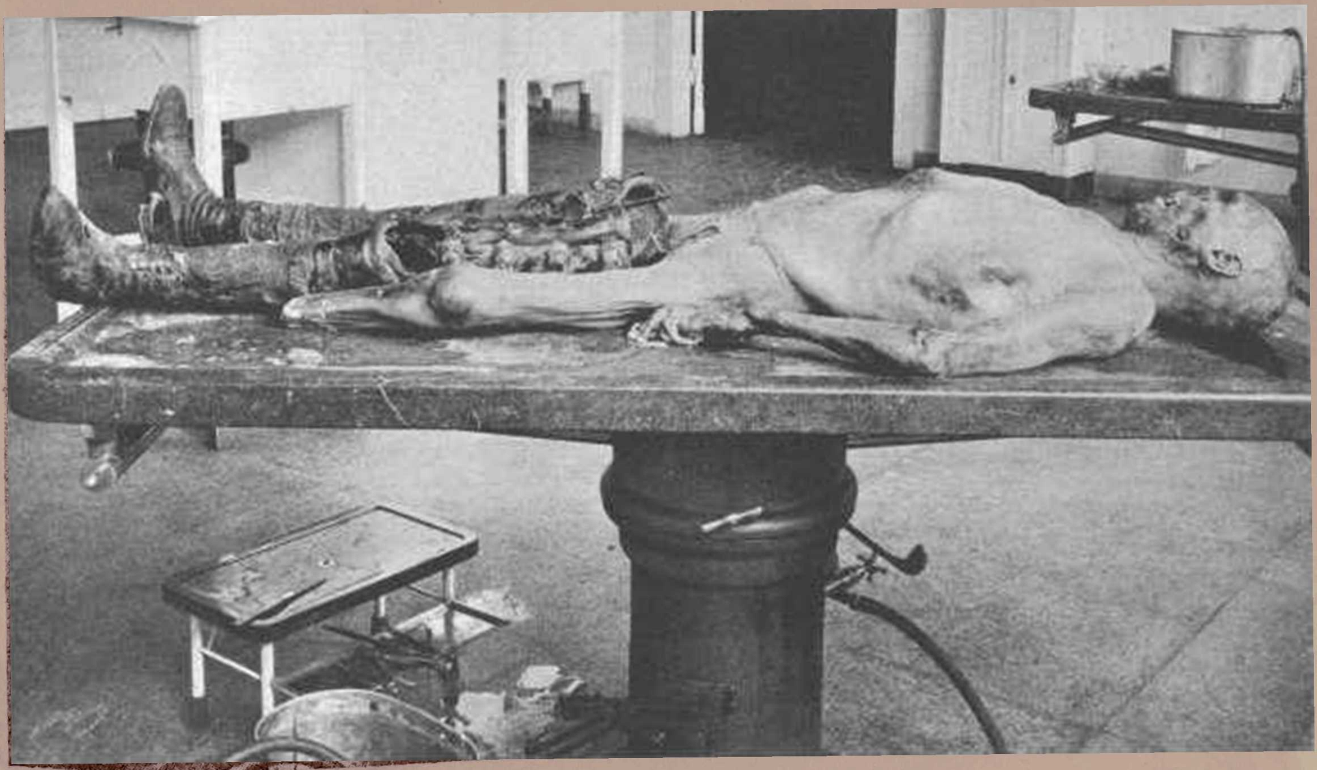
Frau Hedwig Jeschke, 47 anos. Efeito de bala explosiva.



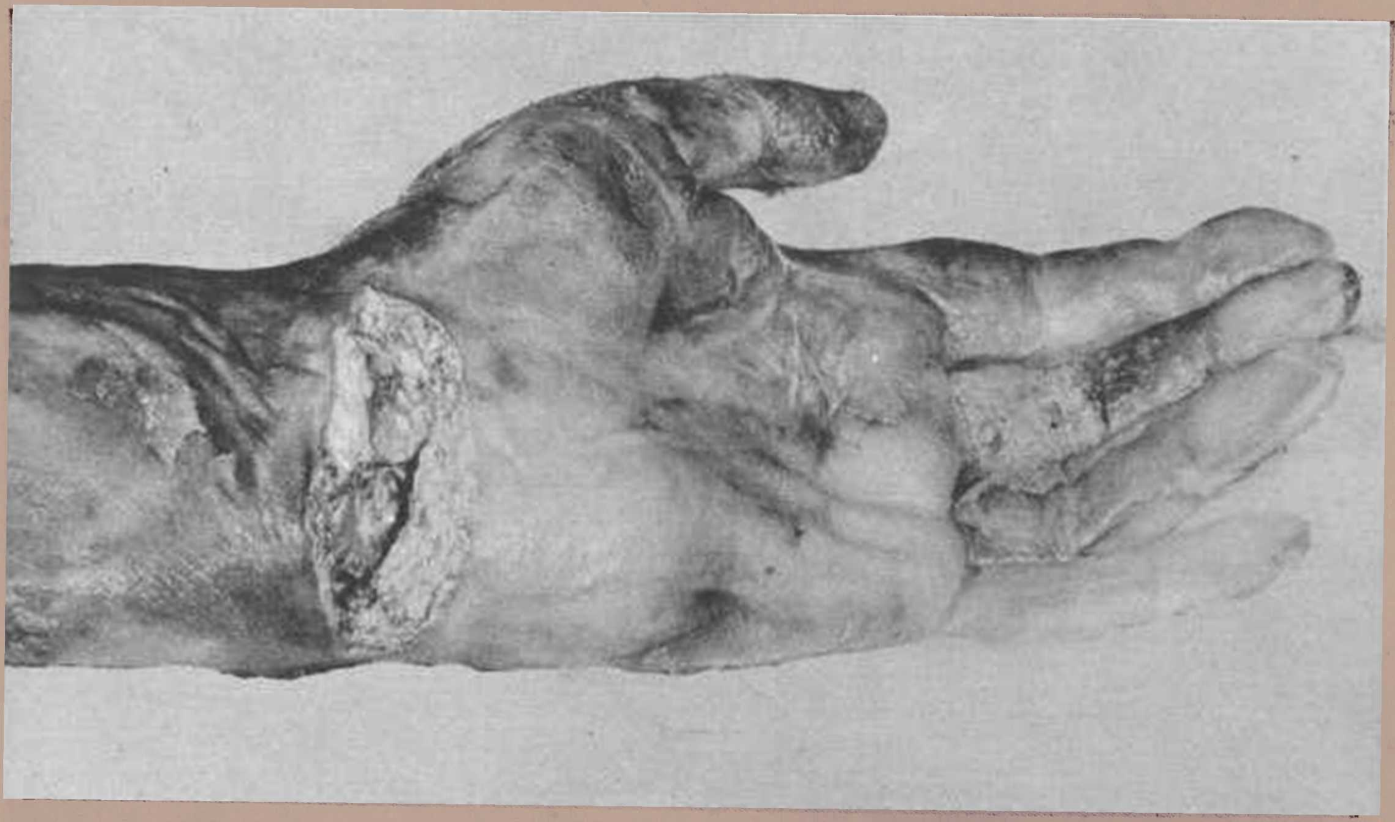
Erich Schmiede, 43 anos, pai de 10 filhos. Tiro no anus.



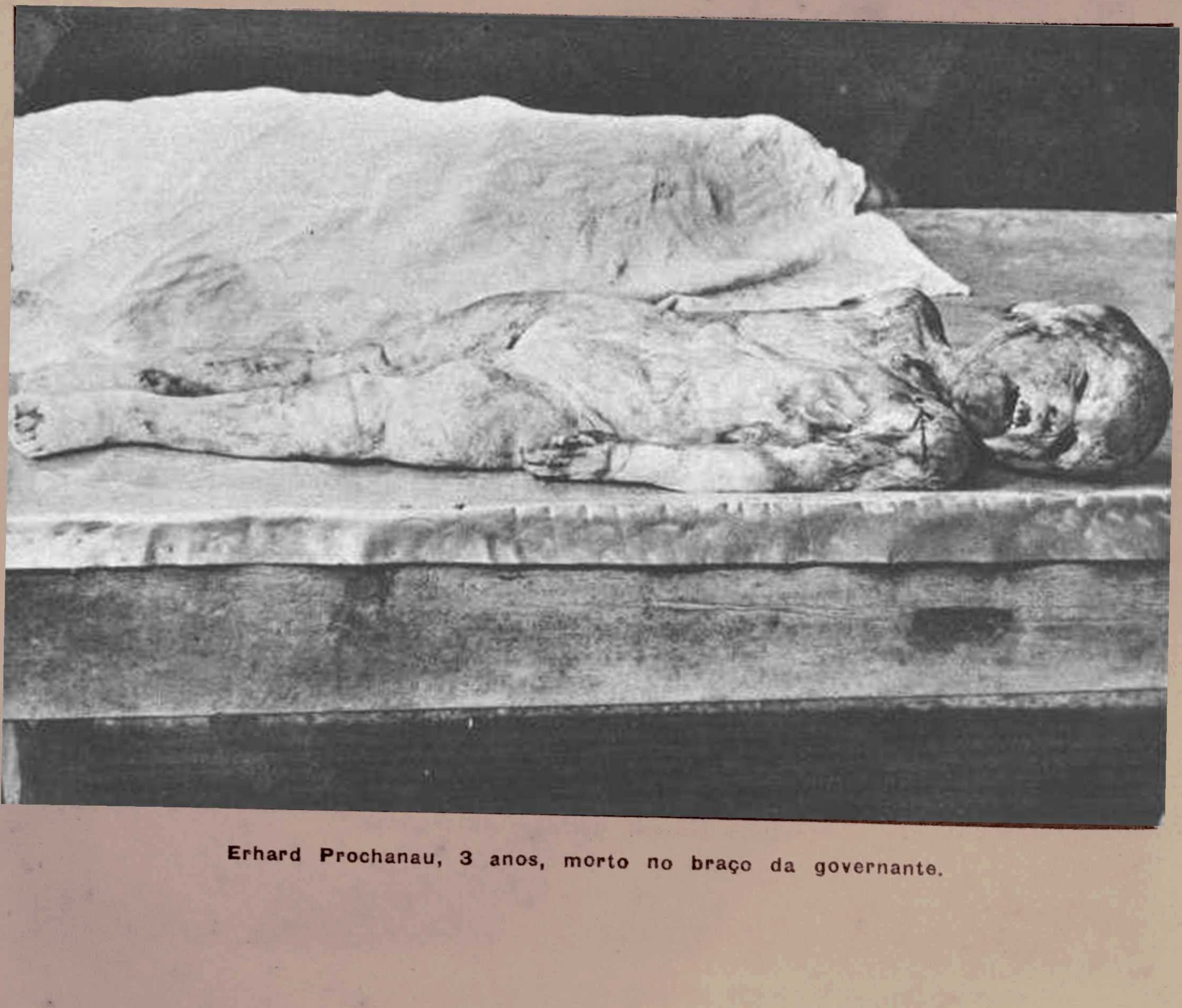
Paul Lepczynski, 50 anos, inválido da Guerra Mundial; crânio esmagado.



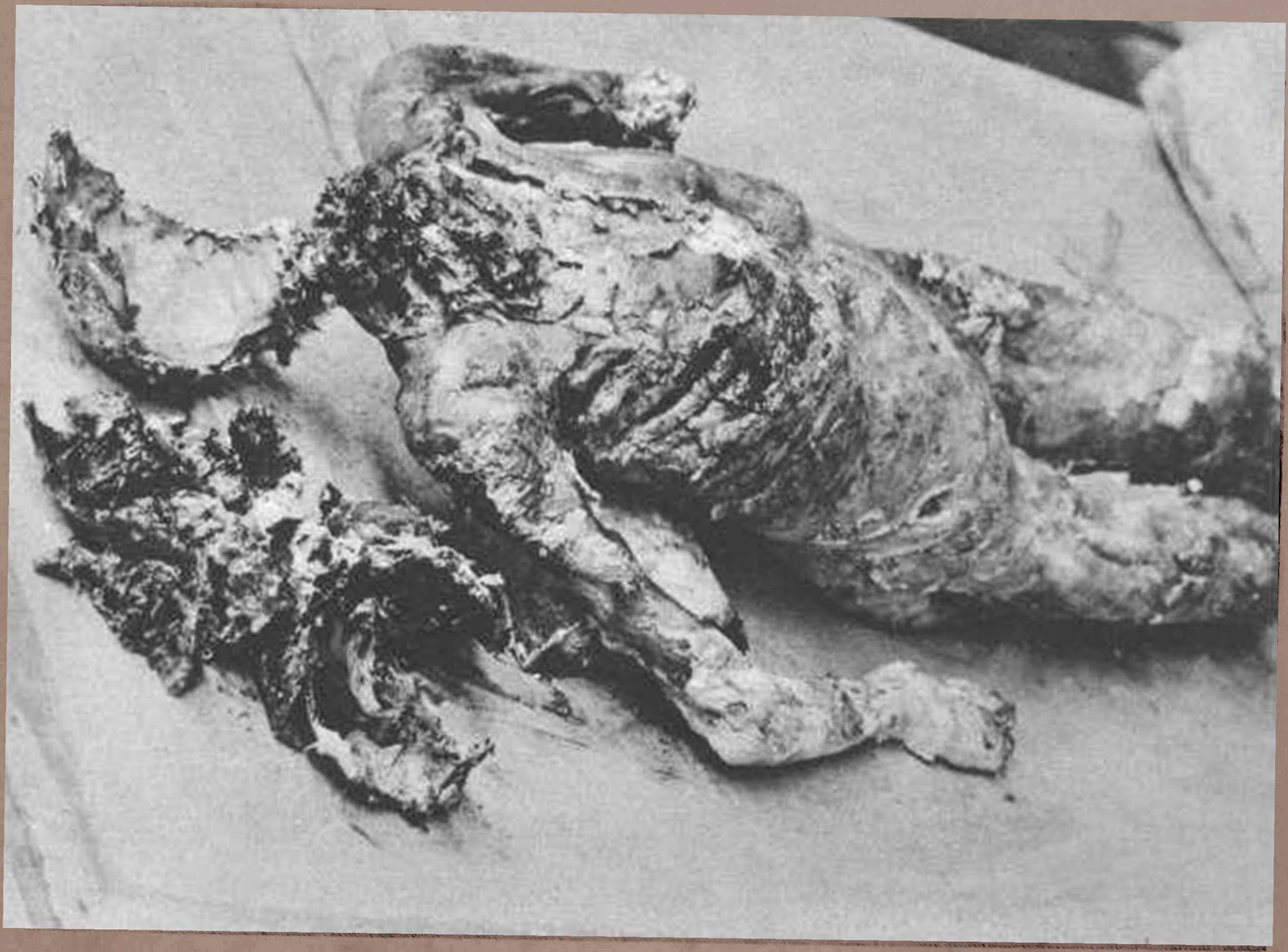
Inválido Jaensch, portador de próteses.



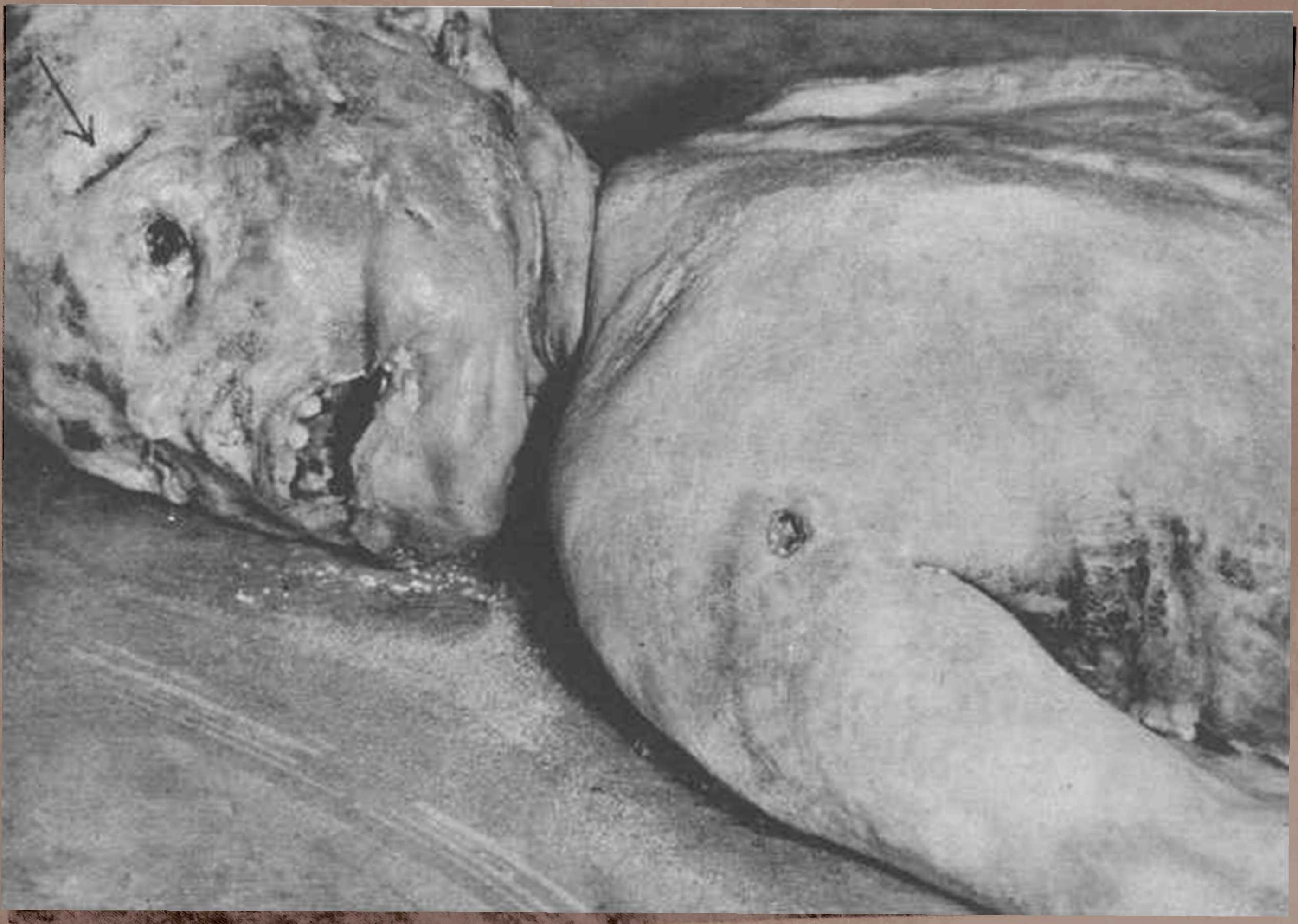
Cabo Widera, assassinado; tentativa de cortar a mão.



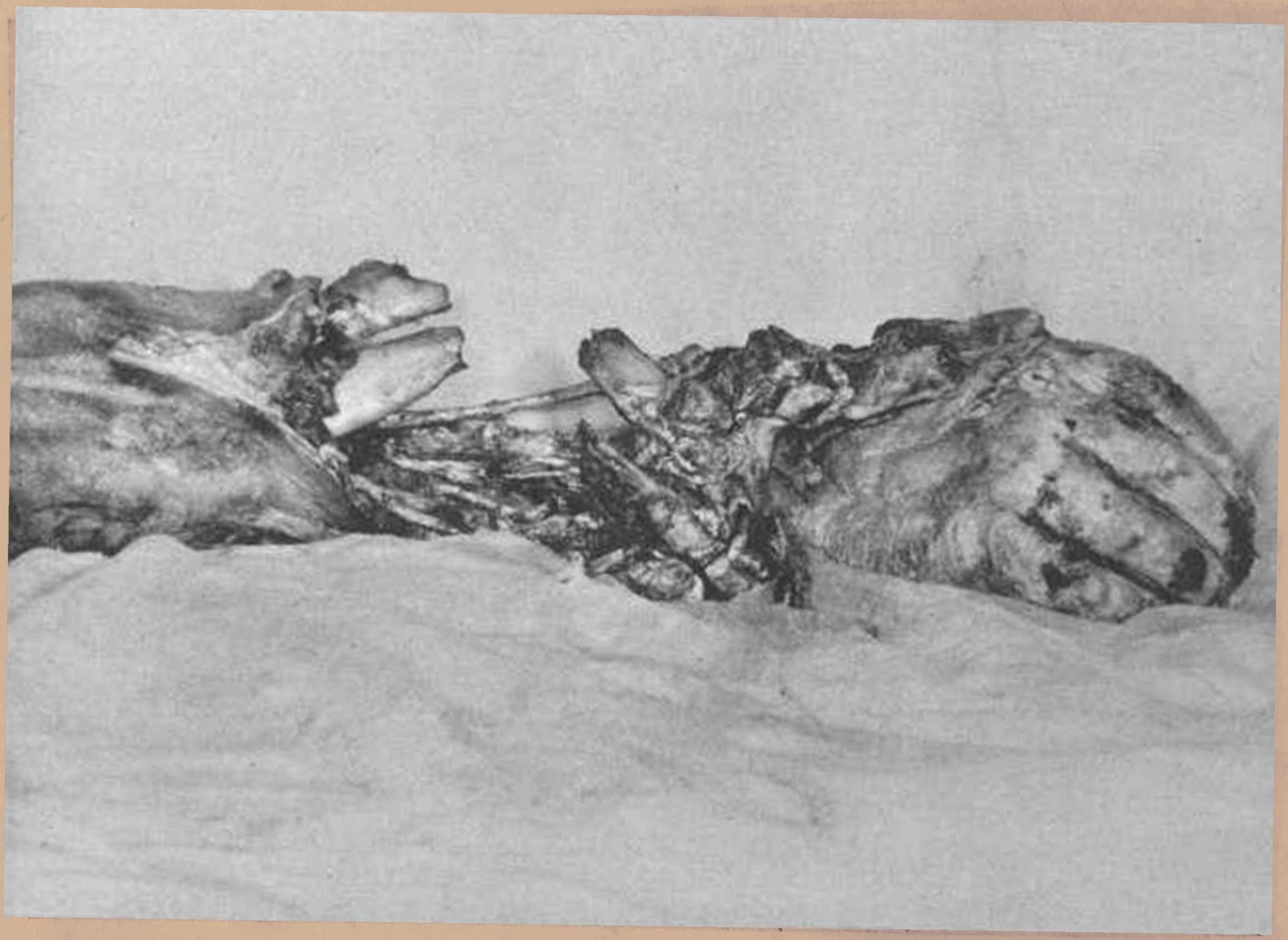
Erhard Prochanau, 3 anos, morto no braço da governante.



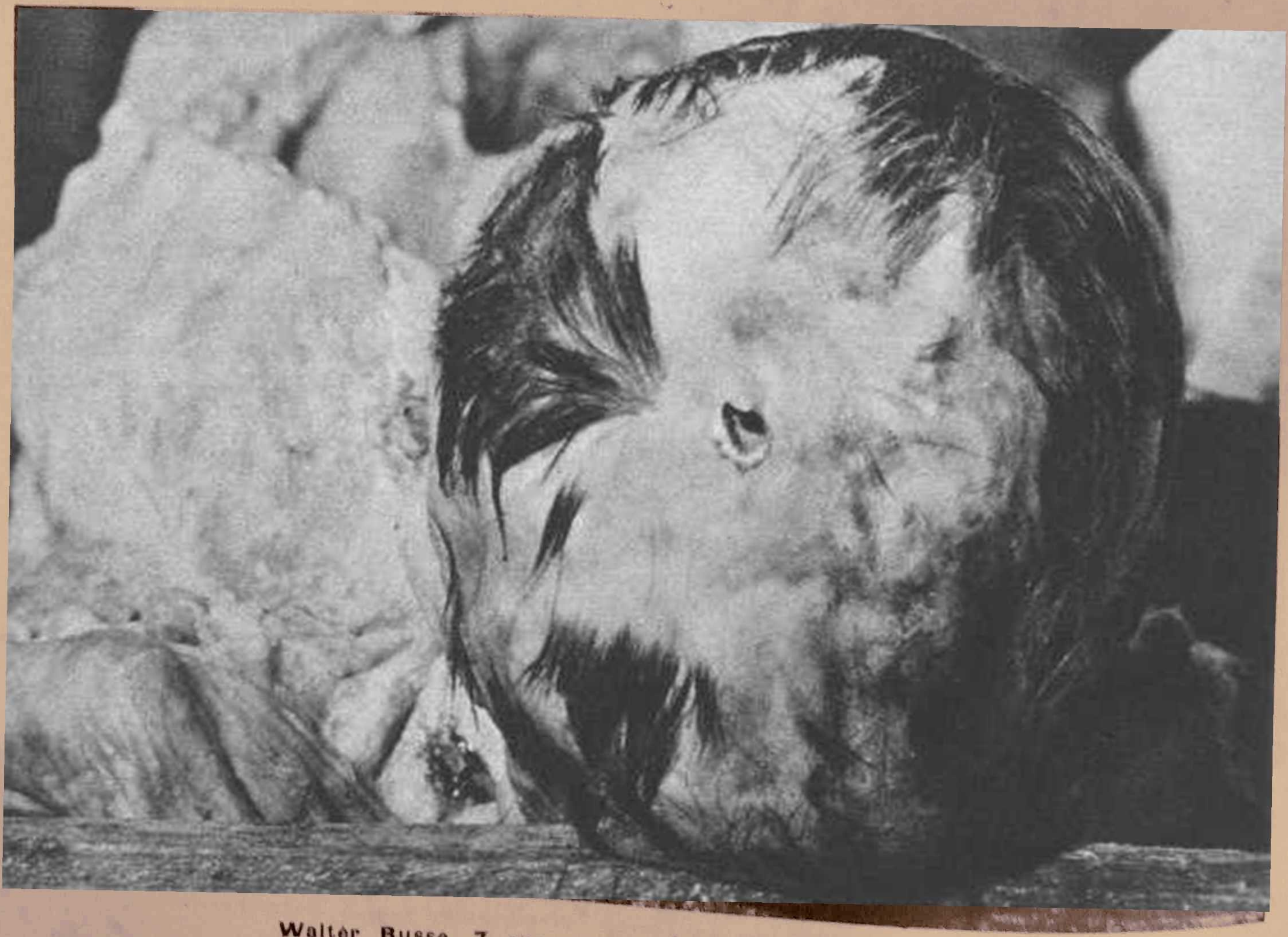
Guenther Renz, 9 anos. Crânio completamente esmagado.



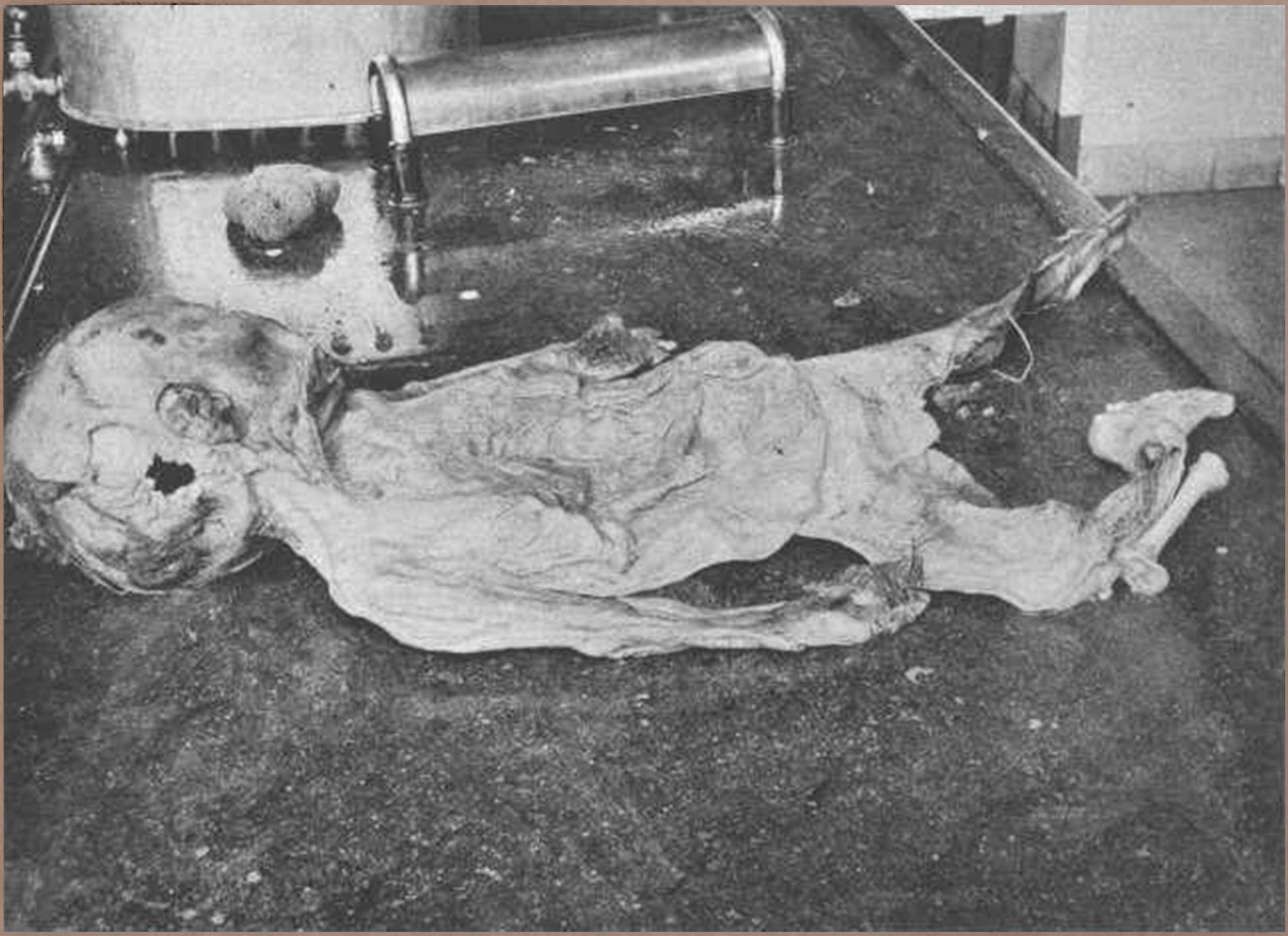
Kurt Beyer, 10 anos; depois de ferido, viveu ainda umas doze horas.



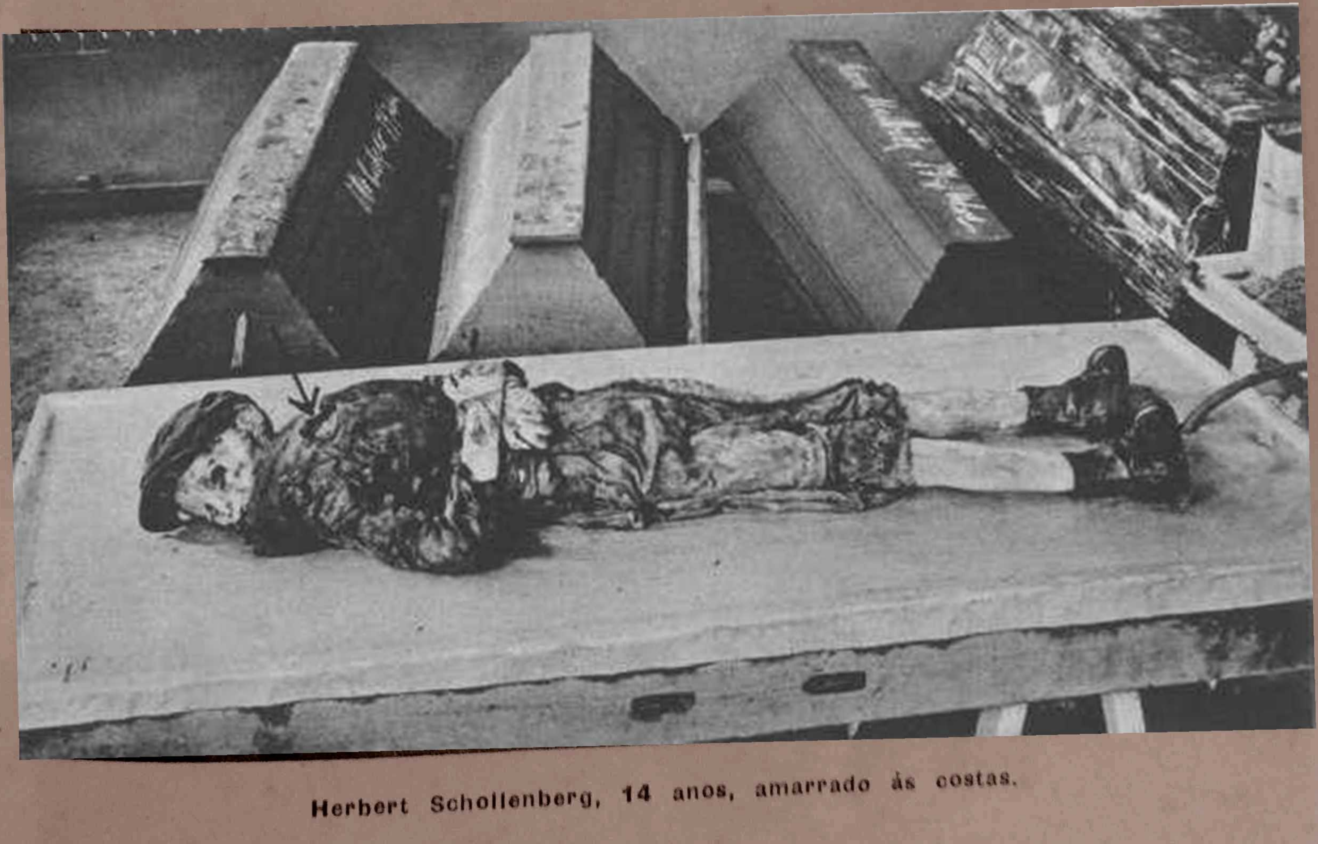
Esmagamento do antebraço direito de Kurt Beyer (pg. 300).



Walter Busse, 7 anos; tiro dado de cima para baixo.

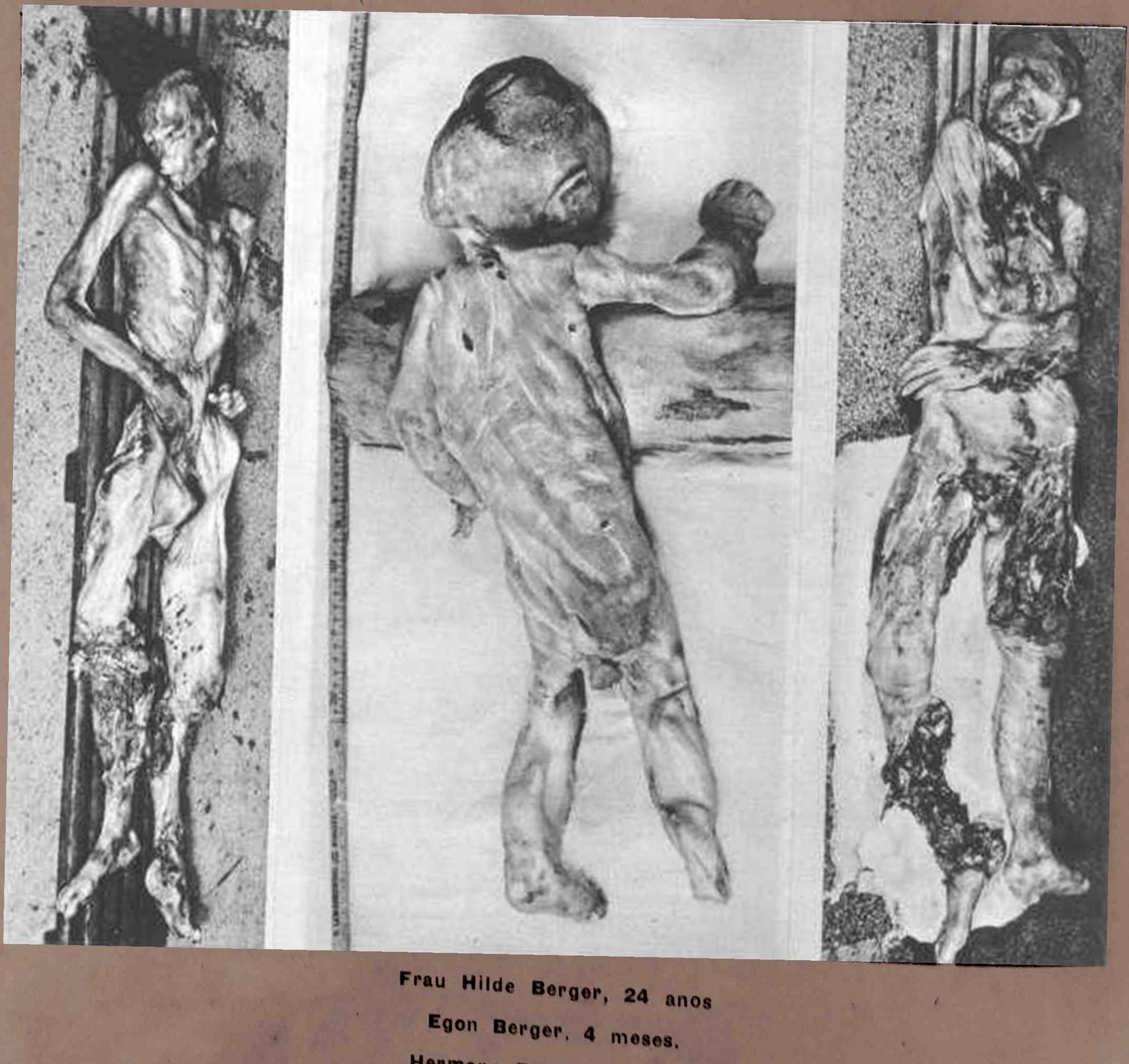


Kurt Schmolke, 1 ano e nove meses.



Herbert Schollenberg, 14 anos, amarrado ás costas.

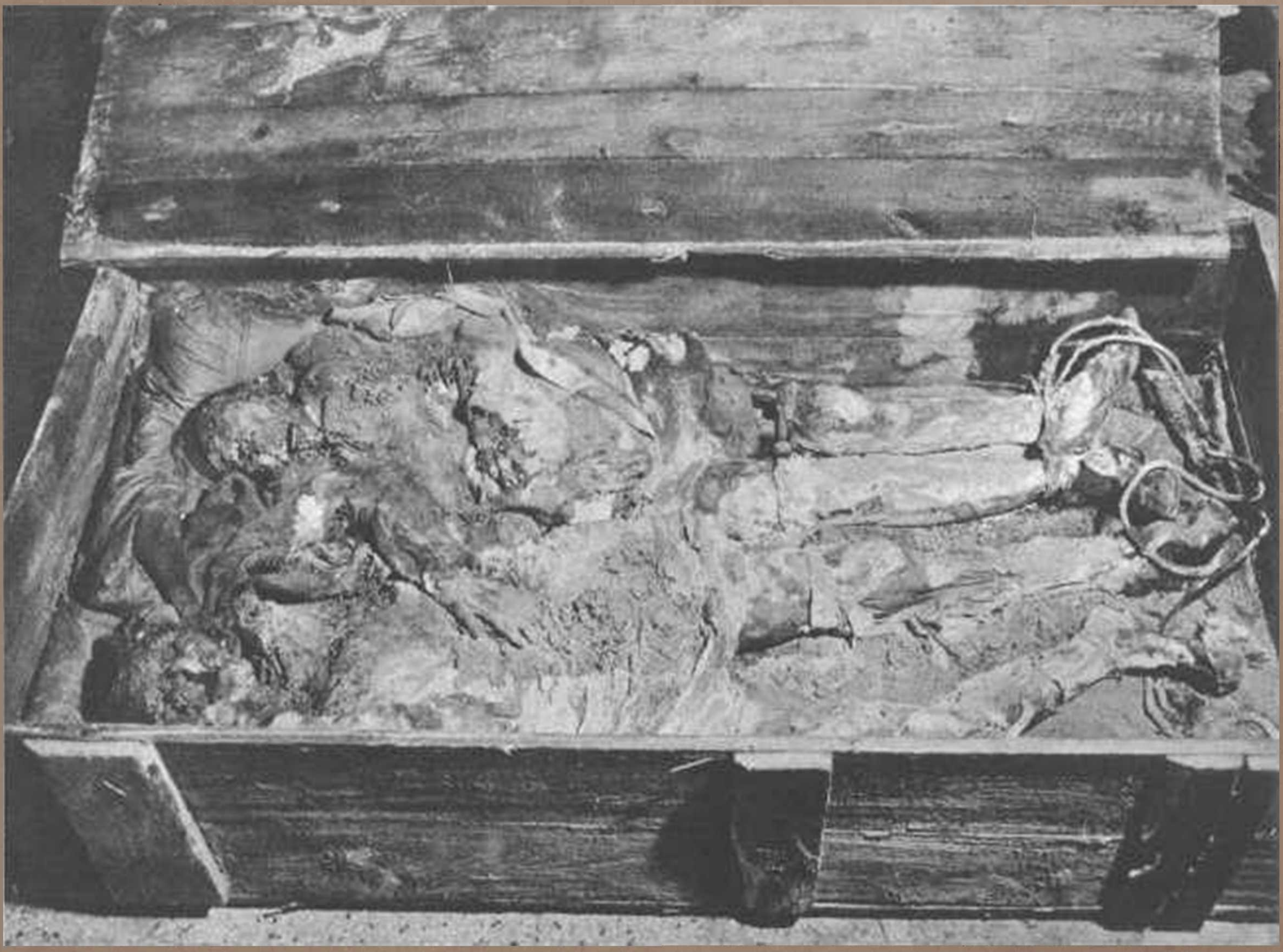
ASSASSINADOS EM WIESENAU POR MEIO DE GRANADAS DE MÃO



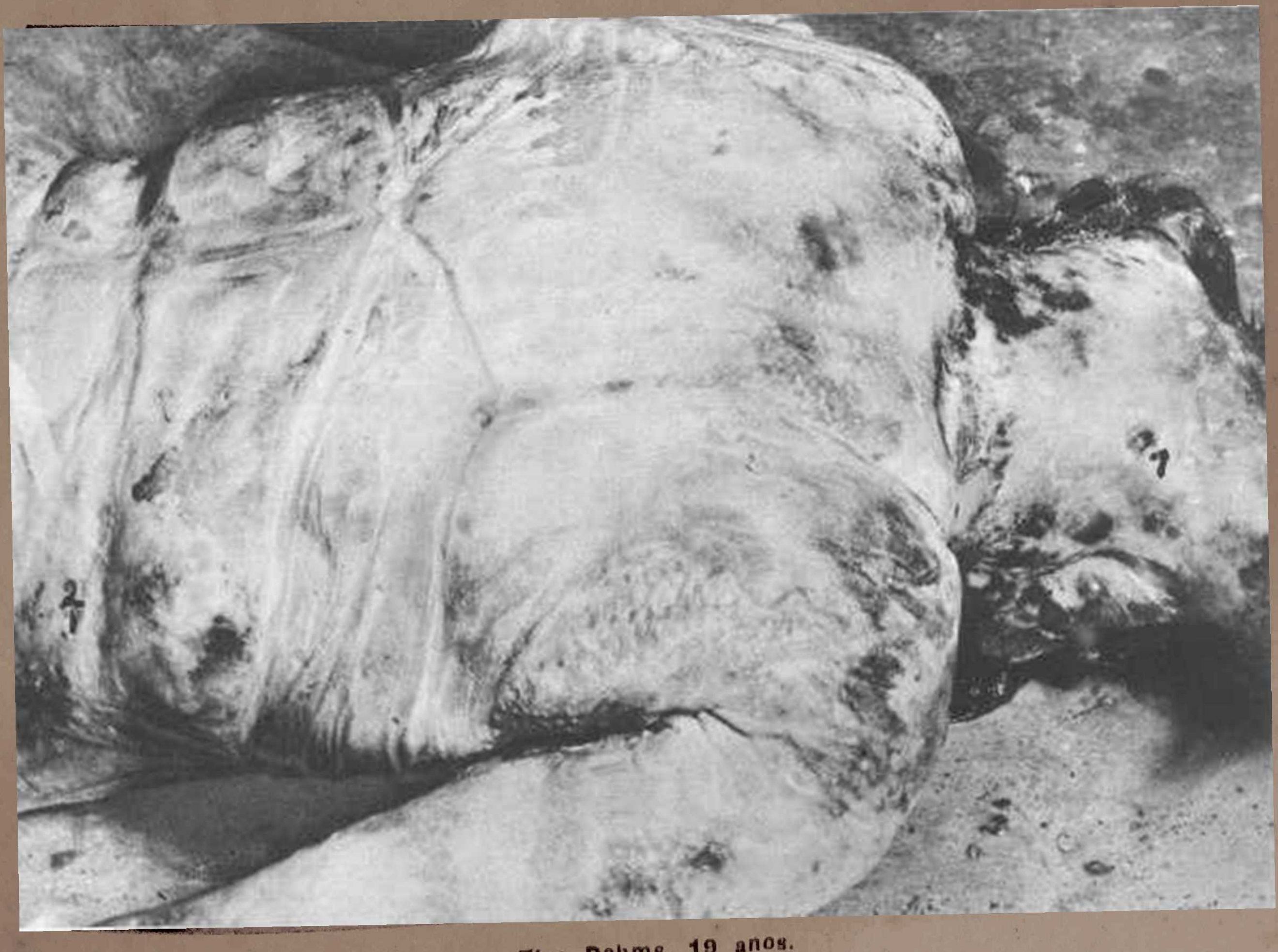
Frau Hilde Berger, 24 anos

Egon Berger, 4 meses.

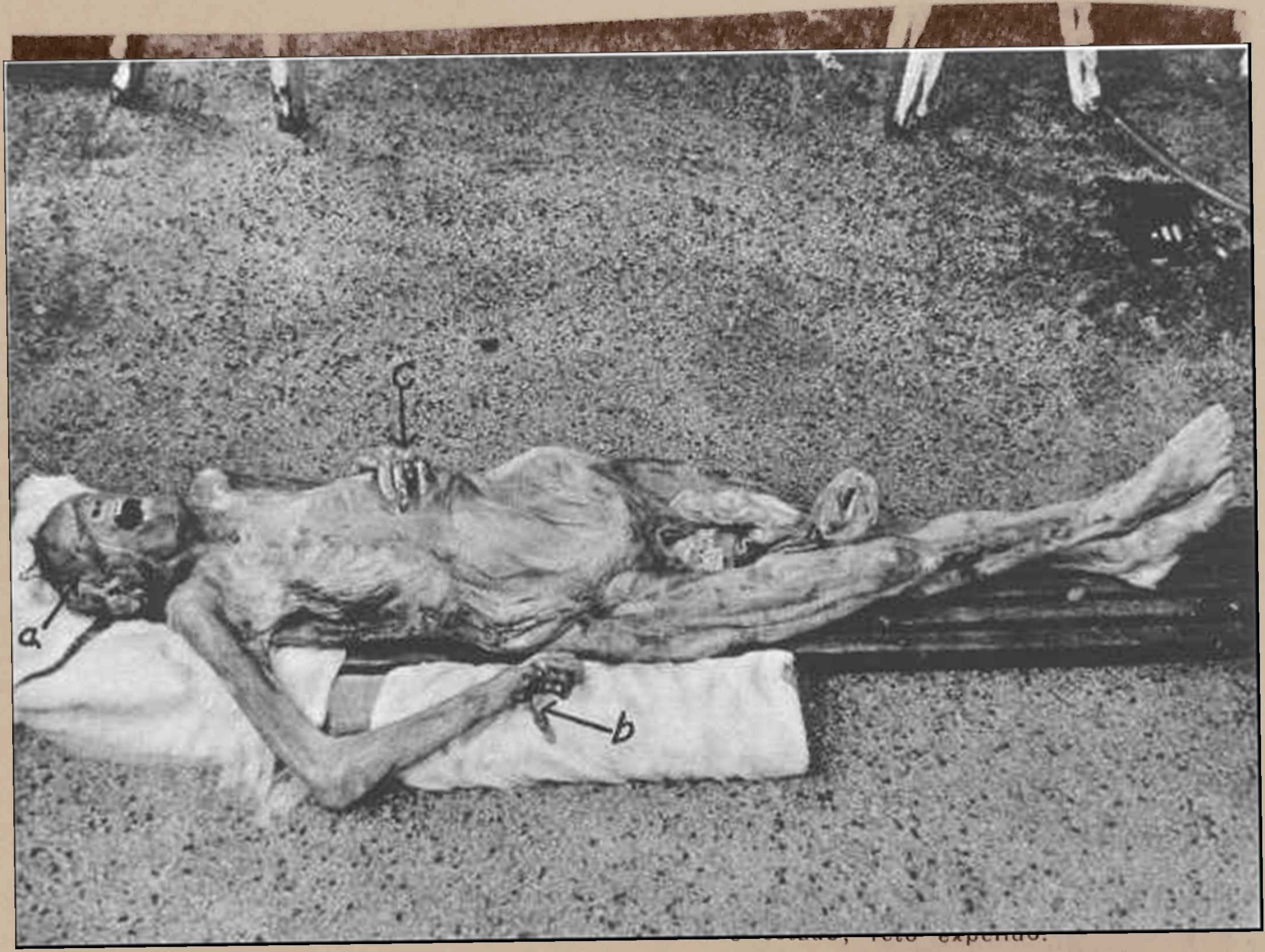
Hermann Berger, 26 anos.

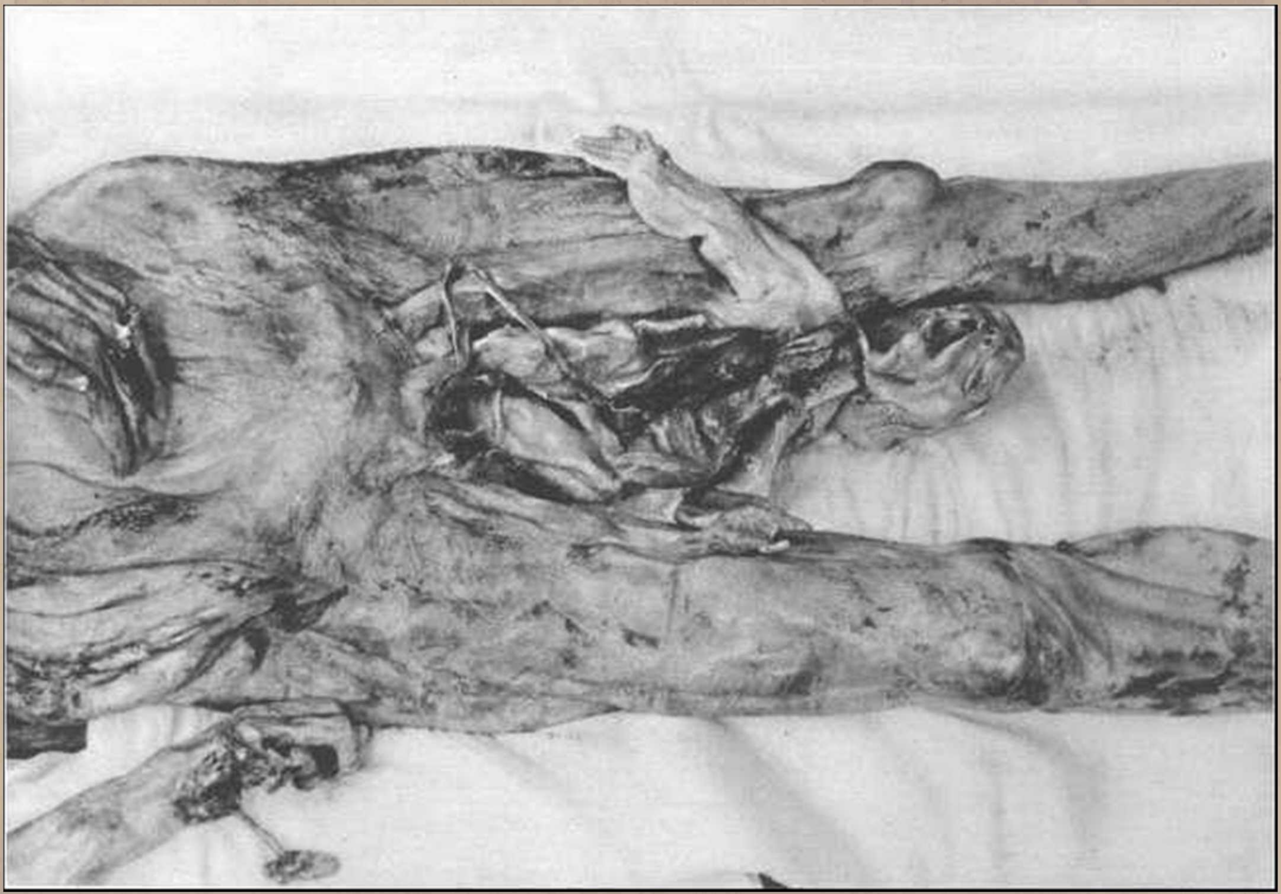


Martha Bunkowski, 20 anos (na frente)
Frau Sonnenberg, grávida, 25 anos (atrás)



Else Dahms, 19 anos.

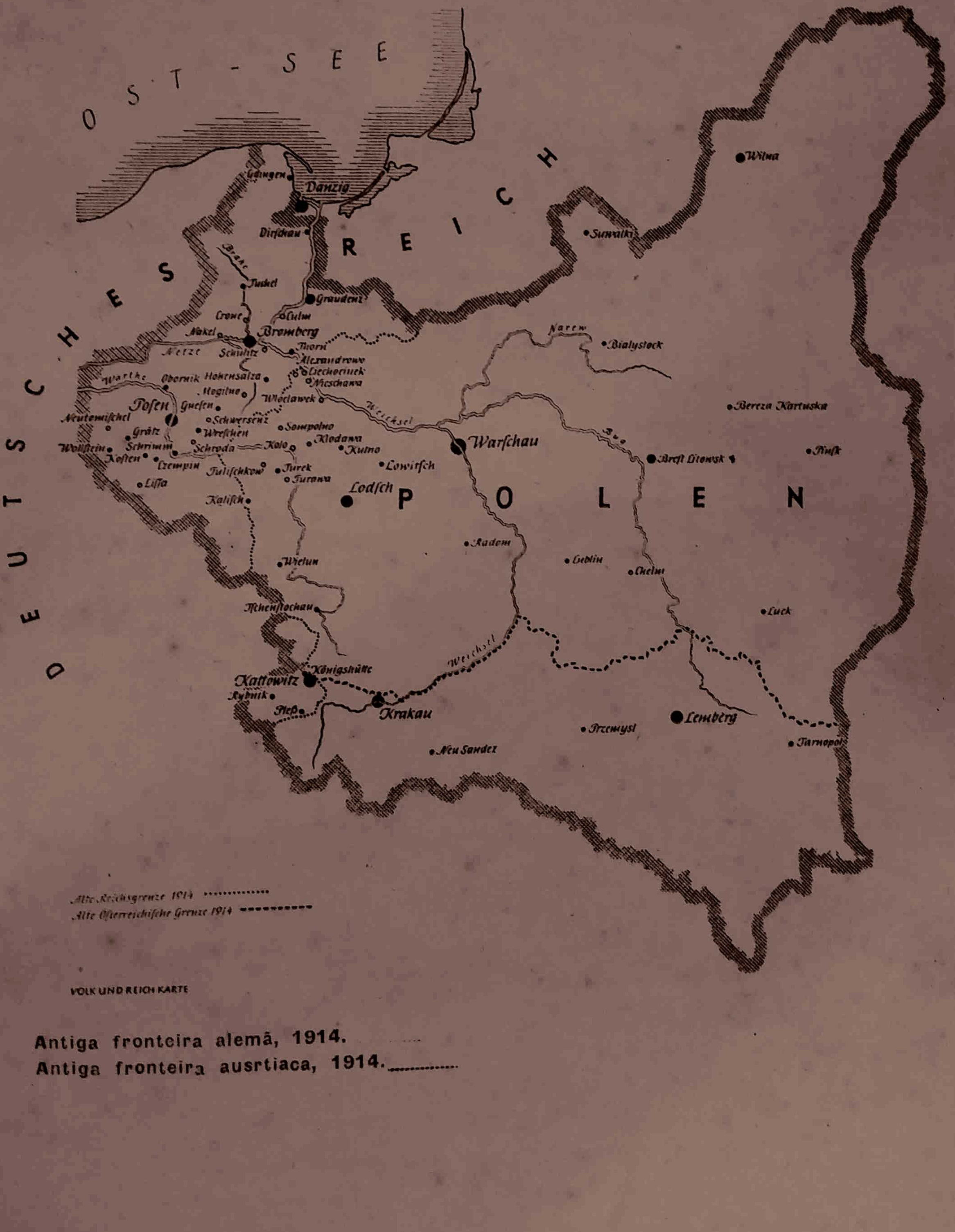




Ampliação mostrando o gráu da expulsão do feto.

Mapa demonstrando os mais importantes locais de crimes

ÜBERSICHTSKARTE ÜBER DIE WICHTIGSTEN TATORTE IM EHEMALIGEN POLEN


OST-SEE
DEUTSCHES REICH
POLEN
Danzig
Dirschau
Graudenz
Culm
Bromberg
Thorn
Nakel
Schulitz
Alexandrowo
Ciechocinek
Nieszawa
Hohensalza
Mogilno
Obornik
Wloclawek
Posen
Gnesen
Neutomischel
Schwersenz
Wreschen
Grätz
Wollstein
Schrimm
Schroda
Kosten
Czempin
Jutroschin
Kolo
Klodawa
Kutno
Sompolno
Turek
Turowa
Lissa
Kalisch
Lowitsch
Lodsch
Warschau
Wielun
Tschenstochau
Radom
Lublin
Chelm
Luck
Suwalki
Wilna
Bialystock
Bereza Kartuska
Brest Litowsk
Pinsk
Königshütte
Kattowitz
Rybnik
Pleß
Krakau
Neu Sandez
Przemysl
Lemberg
Tarnopol
Narew
Weichsel
Warthe
Netze
Brahe
Bug
Alte Reichsgrenze 1914
Alte Österreichische Grenze 1914
VOLK UND REICH KARTE

Antiga fronteira alemã, 1914. ....

Antiga fronteira ausrtiaca, 1914. ....

alba
Oficinas Gráficas
Lavr. 60
Rio

MAIN st.
WORK?
DRINK
Y
REPRODUCE WITH OTHER RACES
EP
MIX RACES
Don't forget the six million
THEY LIVE
BEN GARRISON

BIBLIOTECA NACIONALISTA E REVISIONISTA – REVELANDO O OCULTO

JUNTOS SOMOS MAIS FORTES!!!